

QUEBRANDO

MITOS

Juventude, Participação e Políticas

Perfil, percepções e recomendações dos
participantes da 1ª Conferência Nacional
de Políticas Públicas para a Juventude

Autoras:
Mary Garcia Castro e Miriam Abramovay

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Vice-Presidente da República
José Alencar Gomes da Silva

Secretaria-Geral de Presidência da República
Ministro-Chefe: *Luiz Soares Dulci*
Secretário-Executivo: *Antonio Roberto Lambertucci*
Secretário Nacional de Articulação Social: *Gerson Luiz de Almeida Silva*
Secretário Nacional de Estudos e Pesquisas Político-Institucionais: *Wagner Caetano*

Secretaria Nacional de Juventude
Secretário Nacional de Juventude: *Beto Cury*

Conselho Nacional de Juventude - Conjuve 2007/2008
Mesa Diretora
Presidente: *Danilo Moreira da Silva*
Vice-Presidente: *Maria Virginia de Freitas*
Secretário-Executivo: *José Eduardo de Andrade*

REPRESENTANTES DO PODER PÚBLICO FEDERAL
Secretaria-Geral da Presidência da República
Danilo Moreira da Silva, titular
José Eduardo de Andrade, suplente

Ministério da Educação
Carmem Isabel Gatto, titular
Dimitri Assis Silveira, suplente

Ministério do Trabalho e Emprego
Ezequiel Souza Nascimento, titular
Renato Ludwig de Souza, suplente

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
Aidê Cançado Almeida, titular
Carla Márcia de Lacerda Alves, suplente

Ministério da Saúde
Thereza de Lamare Franco Netto, titular
Ana Sudária Lemos Serra, suplente

Ministério da Ciência e Tecnologia
Joe Carlo Viana Valle, titular
Solisângela Rocha dos Montes, suplente

Ministério da Cultura
Pedro Junqueira Pessoa, titular
Elisário Peires Palermo Júnior, suplente

Ministério da Defesa
Fernando Wandscheer de Moura Alves, titular
Marcos N. Soares, suplente

Ministério do Desenvolvimento Agrário
Fabiano Kempfer, titular
Marcelo Pickersgill, suplente

Ministério do Esporte
Antônio Apolinário Rebelo, titular
Danielle F. dos Santos Gruneich, suplente

Ministério do Meio Ambiente
Marcos Sorrentino, titular
Maria Thereza Teixeira, suplente

Ministério da Justiça
Reinaldo Chaves Gomes, titular
Vinicius Gomes Wu, suplente

Ministério das Relações Exteriores
Nicola Speranza, titular
Rita Bered de Curtis, suplente

Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres
Ane Rosenir Teixeira da Cruz, titular
Elizabeth Saar de Freitas, suplente

Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
Giovanni Harvey, titular
Bárbara Oliveira de Souza, suplente

Secretaria Especial de Direitos Humanos
Márcia Ustra Soares, titular
Karla C. C. Batista, suplente

Gabinete de Segurança Institucional
Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas/SENAD
Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte, titular
Carla Dal Bosco, suplente

REPRESENTANTES DOS PODERES PÚBLICOS ESTADUAL OU DO DISTRITO FEDERAL, MUNICIPAL E LEGISLATIVO FEDERAL

Fórum Nacional de Secretários e Gestores Estaduais de Juventude
Marcos Aurélio Garcia de Lemos, titular
Roberto Rocha Tross, suplente

Frente Nacional de Prefeitos
Rosilene Mendes dos Santos, titular

Confederação Nacional de Municípios
Ricardo Hermany, suplente

Frente Parlamentar de Políticas para a Juventude da Câmara dos Deputados
Paulo Henrique Lustosa, titular

União Nacional de Assembléias Legislativas - UNALE
Rodrigo Soares, suplente

REPRESENTANTES DA SOCIEDADE CIVIL - ENTIDADES QUE ATUAM NA DEFESA E PROMOÇÃO DOS DIREITOS DA JUVENTUDE

Ação Educativa - Assessoria, Pesquisa e Informação
Maria Virgínia Freitas, titular

Associação Cidade Escola Aprendiz
Judith R. Terreiro, suplente

Aliança Bíblica Universitária do Brasil - ABUB
Patrick Timmer, Titular
Sarah Domingues da Rocha Nigri, suplente

Aracati - Agência de Mobilização Social
Luciana Martinelli, Titular

Instituto Companheiros das Américas
Claudia Maria Machado França, Suplente

Articulação Política de Juventudes Negras
Samoury Mugabe Ferreira

Rede Nacional de Organizações de Juventude - RENAJU
Daniel Gutemberg Ribeiro da Silva, suplente

Associação Nacional de Pós-Graduandos - ANPG
Allan Aroni, titular
Augusto Sérgio Vasconcelos de Oliveira, suplente

Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros - ABGLT
Enéias Germano Pereira, titular

Grupo E-Jovem de Adolescentes Gays, Lésbicas e Aliados
Felipe Andréas Guedes, suplente

Confederação Nacional de Jovens Empresários - CONAJE
Leonardo de Bayma Rebouças, titular

Confederação Brasileira de Empresas Juniores - Brasil Júnior
Jones Madruga de Souza Junior, suplente

Centro de Estudos e Memória da Juventude - CEMJ
Fabiana de Souza Costa, titular
Gustavo Lemos Petta, suplente

Centro Universitário de Cultura e Arte - CUCA
Tiago Ferreira Alves, titular
Alexandre de Souza Santini Rodrigues, Suplente

Confederação Brasileira de Desporto Universitário - CBDU
Gabriel Vieira de Souza, titular
Darcy Vieira Gomes, suplente

Confederação das Mulheres do Brasil
Janaina Conceição Deitos, titular

Centro Popular da Mulher - CPM
Ana Carolina Barbosa, suplente

Congresso Nacional Afro-Brasileiro - CNAB
Gilson da Cruz Rodrigues, titular
Ana Paula Mendes Gomes, suplente

Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura - CONTAG
Maria Elenice Anastácio, titular
Eryka Danyelle Silva Galindo, suplente

Centro Popular de Cultura 8 de Março
Valério da Costa Bemfica, titular

Associação Cultural de Preservação do Patrimônio Bantu - ACBANTU
Nadjara Jesus da Silva, suplente

Central Geral dos Trabalhadores do Brasil- CGTB
Waldir Ferreira da Silva, titular
Danilo Ferreira da Silva, suplente

Cipó - Comunicação Interativa
Daniella Rocha Magalhães, titular

Associação Software Livre.org
Fabricao Solagna, Suplente

Escola de Gente Comunicação em Inclusão
Fábio Meirelles Hardman de Castro, titular

Federação Nacional das Apaes - FENAPAES
Waldinéia Olimpia Zoraida Santana Ramos, suplente

Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar - FETRAF
Severine Carmem Macedo, titular
Eliane de Sousa Oliveira, suplente

Força Sindical
Emerson Silva Gomes, titular
Marilene Zachetko Guermani, suplente

Grupo de Institutos e Fundações e Empresas - GIFE
Rui Mesquita Cordeiro, Titular

Centro de Formação Brasil Jovem
Marcelo Viana da Silva, suplente

Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas - IBASE
Maurício Santoro Rocha, titular

Associação dos Pesquisadores de Núcleos de Estudos e Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente - NECA
Heloísa Helena Daniel, suplente

Instituto Ayrton Senna
Simone Maria Al Behy André, titular

Instituto Aliança com o Adolescente
Solange Oliveira Leite, suplente

Instituto de Juventude Contemporânea - IJC
David Barros Araújo, Titular
Luciana Camila dos Santos Brandão, suplente

Jovens com uma Missão - JOCUM
Carlos Eugênio Alves da Silva Rezende, titular
Thiago Rodrigues Gonçalves, suplente

Jovens Feministas de São Paulo:
Ana Regina Gagliardo Adeve, titular

Associação para o Desenvolvimento da Cidadania e Comunicação - ADESC
Camila Silveira Carvalho, suplente

Movimento de Organização Comunitária - MOC
Emanoel José Mendonça Sobrinho, titular

Ágere Cooperação em Advocacy
Iradj Roberto Eghrari, suplente

Nação Hip Hop Brasil
Anderson Clayton Passos, titular
Agnaldo Munhoz de Camargo, suplente

Pangea - Centro de Estudos socioambientais
Giuseppe Maria Voza, titular

Instituto IBI de Desenvolvimento Social
Maria Alice de Toledo Damasceno Saiki, suplente

Pastoral da Juventude
Edney Santos Mendonça, titular
Hildete Emanuele Nogueira de Souza, suplente

Rede de Jovens do Nordeste
Maria Divaneide Basilio, titular
Péricles Chagas Farias, suplente

Rede de Juventude pelo Meio Ambiente e Sustentabilidade - REJUMA
Gabriela Barbosa Batista, titular

Rede Sou de Atitude
Karlos Ricaryo Mourão Pinheiro, suplente

Rede Fale
Alexandre Brasil Carvalho da Fonseca, titular
Leandro Silva Virgínio, suplente

Viva Rio
Clarissa Ribeiro Huguét, titular

Instituto Sou da Paz
Marcos Góes, suplente

União de Negros pela Igualdade - UNEGRO
Ângela Cristina Santos Guimarães, Titular
Jussara Pereira de Lima, Suplente

União Brasileira dos Estudantes Secundaristas - UBES
Thiara Milhomen, titular
Fabricao Lopes da Silva, suplente

União Brasileira de Mulheres - UBM
Daniele Costa Silva, titular
Valéria Melki Busin, suplente

União da Juventude Socialista - UJS
Marcelo Brito da Silva, titular

Juventude do PMDB
Salustriano Lucas Márquez Lemes, suplente

União Nacional dos Estudantes - UNE
Lúcia Kluck Stumpf, titular
Márvia Scárdua, suplente

União dos Escoteiros do Brasil
João Marcelo Lobo Bandeira, titular
Carolina Torres Silva, suplente

União Geral dos Trabalhadores - UGT
João Marcos Pereira Vidal, titular
Fernando Almeida Cortizo, suplente

CONFERÊNCIA NACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE
Coordenação Geral: *Danilo Moreira*

Coordenação executiva: *Edson Pistori*

Comissão Organizadora Nacional: *Alexandro Reis, Alex Nazaré, André Lázaro, Antônio Apolinário, Augusto Vasconcelos, Beto Cury, Carla Márcia Alves, Carlos Odas, Cintia Cruz, Danilo Moreira, Daniel Vaz, Dulcinéia Miranda, Edson Pistori, Elen Linth, Fabiano Kempfer, Fábio Meirelles, João Felipe Terena, José Eduardo de Andrade, Luiz Dulci, Manuela D'ávila, Márcia Ustra, Maria Virginia de Freitas, Nelson Santos, Paulo Lustosa, Reginaldo Lopes, Reinaldo Gomes, Renato Ludwig, Ricardo Ayres, Rodrigo Soares, Stella Taquette e Tereza De Lamare.*

Comitê-executivo: *Alex Nazaré, Carlos Odas, Edson Pistori, Elen Linth, José Eduardo de Andrade, Fábio Meireles e Augusto de Oliveira.*

Equipe técnica: *Ângela Simão, Breno Almeida, Darcy Gomes, Danilo Morais, Eduardo Rombauer, Eric Meireles, Fabiane Oliveira, Fábio Deboni, Ítalo Beethoven, Jonas Valente, José Ricardo Fonseca, Marcos Tanam, Paulo Alexandre Passos, Patrícia Nogueira, Pedro Campos, Plínio Marcos de Oliveira, Rafael Librelotto e Vivian Duarte.*

Equipe de apoio: *Edinaldo Pereira Braga, Gabriela Costa, James Theodoro da Silva, João Bosco, Jose Almir da Silva, Luciana Soares, Michelle Silva e Sinval Pereira Rodrigues.*

Tiragem: 7.000 exemplares

Programação visual: Imprensa Nacional

Revisão: Walkyria Campos

Capa: Cláudio Gonzalez

Diagramação: Fernando Brandão

www.juventude.gov.br

© 2009 RITLA

Castro, Mary Garcia

Quebrando mitos: juventude, participação e políticas. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude / Mary Garcia Castro e Miriam Abramovay. – Brasília: RITLA, 2009.

ISBN: 978-85-61068-05-9

1. Juventude 2. Políticas Públicas 3. Participação Social 5. Participação Juvenil 6. Protagonismo Juvenil 7. Brasil I. Abramovay, Miriam II. Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana III. Brasil. Secretaria-Geral da Presidência da República IV. Brasil. Secretaria Nacional de Juventude V. Brasil. Conselho Nacional de Juventude VI. Instituto Paulo Freire VII. Título.

CDD 306

EQUIPE RESPONSÁVEL

COORDENAÇÃO

Mary Garcia Castro
Miriam Abramovay

SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE/SG-PR

Jose Eduardo de Andrade

COLABORADORES

Shayana Busson (UCSAL-NEPJI)
Ingrid Ribeiro (UCSAL-NPEJI)
Augusto Vasconcelos (UCSAL-NPEJI)
Anna Lúcia Cunha (RITLA)
Priscila Calaf (RITLA)
Bárbara Caldeira (UCSAL-NPEJI)

EQUIPE DE CAMPO

Grupos Focais, Grupos de Discussão e Entrevistas

Anna Lúcia Cunha; Priscila Calaf; Eduardo N. L. Rosas; Carla Coelho de Andrade;
Mary Garcia Castro e Miriam Abramovay

COORDENAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO QUANTITATIVA

Max Maciel Cavalcanti
Roberto Rodrigues Neiva

Aplicação dos Questionários

Ana Paula Rabelo; Diego Silva Vieira; Elis Medrado Viana; Fernanda Pereira de Sousa;
Guilherme Moura Fagundes; Henrique Pontes Maffon; Igor Omar de Araújo Abdel Karim;
Karoline Freitas Mendes; Kílvia Bernardes Cunha; Ludmila Raquel Tavares da Silva; Mariana Cintra Rabelo;
Mariana Cruz de Almeida Lima; Mateus Braga Fernandes; Mirella Santos Malta;
Natália Maria Alves Machado; Osvaldo Assis Rocha Neto; Priscilla Caroline de Sousa Brito;
Rafaella Romero Peixoto de Azevedo Tamm; Raissa Menezes de Oliveira; Rayane Cristine Almeida de Araújo;
Renata Florentino de Faria Santos; Tadeu Bernardes de Souza Toniatti; Thiago de Oliveira Ribeiro;
Luana Marques Figueira e Frederico Viana

PROCESSAMENTO E TABULAÇÃO DE DADOS QUANTITATIVOS

Gustavo Murici Nepomuceno

CODIFICAÇÃO MATERIAL QUALITATIVO

Tais Diniz Garone

ADVERTÊNCIA

Uma das principais preocupações deste trabalho é o uso de linguagem inclusiva. Porém, com o intuito de preservar a fluidez da leitura e evitar sobrecarga gráfica optou-se pelo emprego do masculino genérico. Todas as menções estão representadas tanto no masculino como no feminino.

NOTA SOBRE AS AUTORAS

MARY GARCIA CASTRO é Phd em Sociologia e professora da Universidade Católica de Salvador - Pós Graduação em Família na Sociedade Contemporânea e Mestrado Políticas Sociais e Cidadania; Pesquisadora do CNPq; bolsista Produtividade I da FAPESB; professora aposentada da UFBA; membro da Comissão Nacional de População e Desenvolvimento; coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Juventudes, Identidades, Cultura e Cidadania (NPEJI/UCSAL - Grupo cadastrado no CNPq).

MIRIAM ABRAMOVAY é socióloga, pesquisadora. Formou-se em Sociologia e Ciências da Educação pela Universidade de Paris, França (Paris VIII - Vincennes) e possui mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Foi durante 4 anos professora da Universidade Católica de Brasília e coordenadora do Observatório de Violências nas Escolas - Brasil e coordenou diversas pesquisas da UNESCO. Atualmente é coordenadora do Setor de Pesquisas da RITLA (Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana); e Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Juventudes, Identidades e Cidadania (NPEJI/UCSAL - Grupo cadastrado no CNPq).



Sumário

Prefácio	11
Apresentação	17
Secretaria Nacional de Juventude e RITLA	17
Conjuve.....	18
Metodologia	19
Introdução: A conferência, A pesquisa	21
CAPÍTULO 1	
Juventude e participação: Alguns aportes da literatura contemporânea	29
Anexo de tabelas	40
CAPÍTULO 2	
Perfil sócio-demográfico, político institucional e percepções varias	43
CAPÍTULO 3	
Política e participação – bandeira – bandeiras multicoloridas.....	67
CAPÍTULO 4	
Percepções sobre temas polêmicos	161
4.1. Percepções sobre políticas de cotas	161
4.2. Legalização das drogas.....	171
4.3. Legalização do aborto.....	179
4.4. União civil entre pessoas do mesmo sexo	186
4.5. Diminuição da maioria penal.....	192
4.6. Algumas considerações.....	194
CAPÍTULO 5	
Família, a internet e a mídia nos discursos dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude.....	197
5.1. A família	197
5.2. A mídia.....	205
5.3. A internet.....	209
CAPÍTULO 6	
Construções sobre a juventude hoje	217
CAPÍTULO 7	
Problemas do Brasil, problemas para os jovens.....	235

CAPITULO 8	
Sobre a conferência, sobre o processo.....	251
CAPÍTULO 9	
Percepções sobre o Conselho Nacional de Juventude e a Secretaria Nacional de Juventude...	269
CAPÍTULO 10	
Recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas de Juventude segundo temas	275
ANEXO	
Resoluções da Conferência Nacional de Juventudes.....	281
Lista de tabelas	291
Referências bibliográficas	295

Prefácio

A primeira Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude – realizada em Brasília no mês de abril de 2008 – não ganhou grandes espaços na mídia nacional, mas certamente vai ganhar um lugar de destaque na história dos movimentos sociais e das políticas públicas de juventude em nosso país.

Para a grande mídia, ao que tudo indica, naqueles quatro dias faltaram notícias de violência entre jovens ou de acirradas disputas entre organizações juvenis. Também não surgiram números que pudessem resultar em denúncias sobre grandes gastos de dinheiro público. Faltaram ainda contundentes críticas a ações (ou omissões) do atual governo. Assim como faltaram “fatos” que apontassem para equívocos ou radicalismos dos movimentos juvenis ou das organizações da sociedade civil ali presentes. Ao que parece, faltaram os famosos “ganchos” para justificar uma boa “cobertura”.

Porém, o que vai ficar na história – e também nas biografias de seus quase 2500 participantes – ultrapassa as pautas já cristalizadas em nossos meios de comunicação. De fato, seria preciso um olhar bem inovador para transformar em notícia aquela inédita ocasião que propiciou a convivência de jovens brasileiros/as separados, na vida cotidiana, por distâncias geográficas, sociais, religiosas, identitárias, ideológicas.

Lá estiveram “delegados” e “observadores” de diferentes regiões do país. Como não poderia deixar de ser, tratando-se de juventude, havia representantes dos movimentos estudantil secundarista, universitário e de jovens pós-graduandos/as. Porém, diferentemente do que poderia acontecer há décadas, não foi uma Conferência só de estudantes. Estiveram na Conferência jovens de diferentes segmentos sociais, cujas demandas emanam das inúmeras desigualdades e contradições presentes no mundo do trabalho, nas condições de moradia, nas cidades e no campo.

Dessa forma, participaram da Conferência jovens sindicalistas de diferentes setores produtivos. Entretanto, as demandas geradas no mundo do trabalho, trazidas por diferentes centrais sindicais, somaram-se às outras demandas de direitos e oportunidades mostradas por jovens moradores das periferias brasileiras. Assim, participaram do mesmo evento tanto jovens da CUT (Central Única dos Trabalhadores) da Força Sindical, da CGTB (Central Geral dos Trabalhadores do Brasil) e da UGT (União Geral dos Trabalhadores) quanto jovens vinculados à CUFA (Central Única de Favelas), entidade nascida em berço carioca e hoje com várias sedes em distintas periferias metropolitanas do país.

Entre os que vieram da área rural estavam jovens da Confederação de Trabalhadores Rurais (CONTAG) e da Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura familiar no Brasil (FETRAF). Das comunidades indígenas, questões fundiárias específicas também foram trazidas diretamente por jovens indígenas, quilombolas e de outras comunidades tradicionais.

Isso, porém, não é tudo. Como a diversidade juvenil não se ancora apenas nas áreas da educação, trabalho e local de moradia, a Conferência também refletiu outros recortes relativos a crenças, identidades e adesões ideológicas. Por exemplo, até onde se sabe, no Brasil não havia existido outra possibilidade de convivência, num mesmo evento, entre jovens que aderem a diferentes partidos políticos. Ali se puderam ouvir vozes de jovens do PT ao PSDB, passando pelo PMDB, PDT, PSB, DEM e PC do B. Improvável também que antes tenha havido outra oportunidade para que jovens católicos, evangélicos (históricos e pentecostais), espíritas e das religiões afro-bra-

sileiras pudessem identificar juntos os principais problemas, demandas e sonhos da juventude de hoje e, para além das questões de fé, encontrar pontos de convergência. Quem poderia imaginar ser possível que jovens católicos e evangélicos pudessem reconhecer a necessidade de aprofundar a discussão com jovens do movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Trans-sexos e Trans-gêneros) sobre casamento entre pessoas do mesmo sexo e, também, com jovens feministas que defendem a discriminação do aborto?

De fato, no cenário da Conferência, entrecruzaram-se múltiplas trajetórias juvenis. Naquele espaço também marcaram presença jovens do movimento Hip Hop e do movimento Negro; jovens com deficiência; jovens oriundos das redes ambientalistas; jovens de Comunidades de Terreiro; da juventude Cigana, da Rede Jovens Comunicadores (Projeto / Revista Viração, Associação Imagem Comunitária, Oficina de Imagens, Cipó Comunicação Interativa, Catavento Comunicação Ambiental entre outras). Consta ainda que a ocasião provocou articulações e o nascimento de novos grupos, como, por exemplo, um grupo de “juventude negra cotista”. E, para completar ainda mais tal diversidade, ali estiveram jovens “beneficiários de Projetos Sociais”: parte da juventude excluída da cidadania que ali – via de regra – pôde vivenciar sua primeira experiência de participação no chamado espaço público.

Por último, vale destacar a presença de jovens participantes de Redes e Fóruns de Juventude e de gestores de políticas públicas de juventude (em nível municipal, estadual e nacional). Essas presenças evidenciam um desafiante processo social em curso. No Brasil, o final dos anos 90 – quando surgiram as primeiras experiências de implantação de secretarias e coordenadorias de juventude em algumas prefeituras – marca o início do processo. Foi o ano de 2005 decisivo para definir seu rumo. Naquele ano, o governo federal lançou bases para a construção de uma Política Nacional de Juventude, criando junto à presidência da República, a Secretaria Nacional de Juventude, o Conselho Nacional de Juventude e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem).

A partir daquele momento, estava colocado o desafio de superar a ideia corrente de que programas e ações na área de juventude se justificam porque os/as jovens são “incompletos/as” ou “problemáticos/as” e, por isso mesmo, é preciso proteger e/ou controlar suas vidas. Estava patente a necessidade de encontrarem-se os melhores caminhos para transformar a juventude em específico “sujeito de direitos” (já existentes e a conquistar). Tratava-se, portanto, de conquistar um lugar destacado e permanente para a juventude na agenda das políticas públicas do Estado brasileiro.

Concomitantemente, a nova institucionalidade de juventude no Brasil fez intensificar o debate sobre o papel dos órgãos especializados em juventude. Executar diretamente Programas e Ações? Apenas coordenar, integrar ações, promover a transversalidade no conjunto das políticas públicas? Para onde deveriam evoluir a estrutura, a formação e o papel do Conjuve Intergeracional ou só de jovens? Consultivo ou deliberativo? Mais formulador ou mais avaliador de políticas voltadas para os diferentes segmentos juvenis? As respostas a tais perguntas não são simples e quase quatro anos depois de formuladas, ainda suscitam reflexão. Em virtude disso, a I Conferência deve ser vista como mais um momento importante do processo que continua em curso.

Durante oito meses de preparação, a Conferência atendeu acúmulos de diferentes movimentos sociais e da área de juventude e, simultaneamente, atizou uma nova possibilidade de atuar no espaço público. Pode-se dizer que a Conferência foi um novo experimento de reconhecimento da diversidade brasileira. Naquele espaço, não se falou apenas teoricamente sobre a importância do “reconhecimento e valorização da diversidade”, tema tão em moda em tempos de globalização. A realização da Conferência – desde sua concepção, passando por todas as etapas preparatórias descritas no interior deste livro – só foi possível porque partiu da premissa de que a singularidade da questão juvenil hoje está justamente na exigência de que se reconheça sua diversidade.

Para os promotores da Conferência – a saber, a Secretaria Nacional da Juventude e o Conselho Nacional de Juventude (Conjuve) que congrega representantes do Governo e da sociedade civil – um dos indicadores de sua legitimidade refere-se ao alcance do quantitativo da diversidade de

segmentos juvenis. A tarefa não é fácil, pois além de ser preciso ganhar corações, mentes (e orçamentos) no âmbito governamental, é preciso também lidar com as imagens contraditórias que a sociedade produz sobre “a” juventude de hoje. Ou seja, é necessário desconstruir estereótipos e relativizar preconceitos em relação à juventude, conceitos que habitam o imaginário de jovens e adultos de nossa sociedade. Para tanto, é preciso também modificar a pauta da grande imprensa em que a juventude só se faz presente como notícia nos cadernos de cultura – onde se destacam colunas de estilos, consumo e lazer – ou nas páginas criminais, onde os jovens são apontados como os que “mais matam e mais morrem”.

Por tudo que se disse até aqui, o leitor já pode avaliar a importância deste livro que oferece a oportunidade de conhecer-se a pesquisa – coordenada por Mary Garcia Castro e Miriam Abramovay – realizada durante a I Conferência de Políticas Públicas de Juventude. Com muita experiência de pesquisa na área, as autoras expõem tanto a importância da abrangência juvenil conseguida, quanto os desafios inerentes à heterogeneidade entre os participantes. Empregando-se técnicas quantitativas, analisam-se o perfil e as percepções dos jovens. Por meio de técnicas qualitativas, fazem-se ouvir as vozes de diferenciados grupos juvenis. No conjunto, trata-se de um material surpreendente no qual se desenha um mosaico de múltiplas possibilidades e combinações, seja nas trajetórias de vida, seja nos questionamentos e valores dos participantes. Tal fato, aliás, não facilita em nada a elaboração dos resumos, dos veredictos ou das equações simplificadoras sobre como pensa e age “a juventude brasileira”.

O livro questiona o conceito de generalização que enfatiza a apatia e a falta de participação dos jovens de hoje, vistos em comparação com a idealizada geração 68. Questiona também as conclusões dos estudiosos da questão da atual participação juvenil. Vários estudos recentes, ao reconhecer as novas formas de participação juvenil – mais horizontais, mais voltadas para afirmação de identidades, com as novas temáticas referentes ao meio ambiente, à paz, a outras formas de globalização; e, sobretudo, aos grupos de expressão artística e cultural – decretam a falência das formas clássicas de participação social (movimento estudantil, juventudes partidárias e sindicais).

Por essa perspectiva, é comum que se separem, de forma antagônica, as lutas do “aqui e agora” e as preocupações mais gerais com os rumos da sociedade. Lutas concretas e imediatas remeteriam aos novos parâmetros de participação social, enquanto preocupações mais estruturais com o sistema social seriam próprias de espaços tradicionais da política. No entanto, o que a pesquisa realizada na I Conferência mostra é que muitos jovens combinam frentes de lutas específicas com debates sobre questões estruturais que caracterizam o sistema social. Por outro lado, as questões ambientais e os posicionamentos sobre violência e políticas de segurança pública, de desigualdades de gênero, raça e etnia determinam as pautas do movimento estudantil, dos sindicatos e partidos políticos.

Para somar diferentes causas, os/as jovens de hoje contam também com as novas tecnologias de informação e comunicação. Foi o que disseram os/as participantes da I Conferência, quando se indagou sobre o uso da internet. Ou seja, enquanto na mídia, e mesmo nas vozes de especialistas, veiculam-se notícias alarmistas sobre o distanciamento de jovens internautas dos problemas do “mundo real”, entre os participantes da I Conferência, as novas tecnologias criam possibilidades para inéditas conexões políticas.

Nesse contexto, o espaço público é ressignificado e ampliado pelo uso das novas tecnologias. A despeito de todas as desigualdades de acesso e as diferenças de uso, a existência da internet não pode ser desconsiderada na análise da participação juvenil. As novas tecnologias não só se fazem presentes nos espaços de agregação juvenil, historicamente constituídos (movimento estudantil, grupos associativos, políticos e religiosos) como também contribuem para a formação de grupos de novo tipo. Em “redes virtuais de jovens” participam diferentes grupos étnicos, movimentos sociais e grupos de jovens patrocinados por fundações empresariais. Em tempos de internet, as

“redes juvenis” são novos meios para dinamizar o que já está constituído e, também, têm funcionado como ponto de partida para a construção de novos espaços de comunicação, identificação e ação.

Portanto, é verdade que o movimento estudantil não é mais o único e o mais legítimo porta voz da juventude, tampouco a vida política se resume aos sindicatos e partidos. Mas, atendendo a mudanças históricas, essas instituições – com maior ou menor sucesso – buscam estratégias para estabelecer contato com a juventude e com os dilemas da sociedade de hoje. Por outro lado, ao atentar-se para o que disseram os jovens nos grupos de discussão durante a I Conferência, tanto as passagens de um tipo de grupo para outro quanto as participações simultâneas em diferentes grupos fazem parte de suas trajetórias. Há jovens que atuam em sindicatos e em partidos políticos e, ainda, participam do movimento Hip Hop ou de grupos de jovens mulheres. Em resumo, são várias as combinações em torno de causas mais gerais e ações de curto prazo, visando a resultados palpáveis e tangíveis. Neste livro há muitas evidências nesse sentido.

Trata-se, portanto, de uma constatação importante para o processo de constituição do campo da juventude. Como afirmam as autoras: “a pluralidade de bandeiras de luta é uma das marcas da juventude e da configuração política atual”. Em outras palavras, um “campo específico de políticas de juventude” só se viabilizará se abarcar “várias causas pelas quais lutar, buscando um diálogo entre elas”.

Entretanto, não se podem minimizar as dificuldades existentes para esse diálogo. A diversidade juvenil também aparece atravessada por controvérsias presentes na sociedade. Este livro mostra o quanto os/as jovens de diferentes grupos ou movimentos – e mesmo no interior de um mesmo movimento ou grupo – têm percepções diferentes sobre os temas polêmicos hoje presentes no debate público, quais sejam: a posição sobre a política de cotas por raça para inserção em curso superior; a legalização do aborto; o casamento entre pessoas do mesmo sexo e a descriminalização das drogas. Nessa vertente, o livro aborda as relações entre trajetórias individuais e pertencimentos coletivos, convidando à reflexão sobre as relações entre o público e o privado. Destaca-se, assim, a importância de questões “morais” – antes pensadas apenas como de “foro íntimo” – presentes hoje no espaço público (onde se demanda a presença do Estado no sentido de inibir os preconceitos e as discriminações colocados como obstáculos para o acesso aos direitos da cidadania).

Certamente, sobre esses e outros assuntos, em diferentes momentos deste livro, encontram-se instigantes análises feitas pelas coordenadoras da pesquisa e pela equipe de investigação. Contudo, no livro também se percebem muitos trechos com os depoimentos dos jovens de diferentes grupos que participaram dos grupos focais. Tais depoimentos constituem um registro importante das angústias, incertezas, sonhos e perspectivas de uma parte considerável da juventude brasileira. Em síntese, sobre os atuais mecanismos de exclusão social e as novas possibilidades de fazer política, há muito para explorar e refletir a partir da leitura deste livro.

A rigor, sustentou-se a Conferência por um específico e complexo amálgama entre o reconhecimento da diversidade juvenil (que evidencia fissuras de classe e demais desigualdades e diferenças entre jovens) e a necessidade de fomentar uma identidade política – o “ser jovem” – no contexto das demandas compartilhadas de políticas públicas. Aqui reside o ponto de intercessão entre a dinâmica geral dos movimentos sociais e o estágio atual da construção do “campo da juventude” no Brasil.

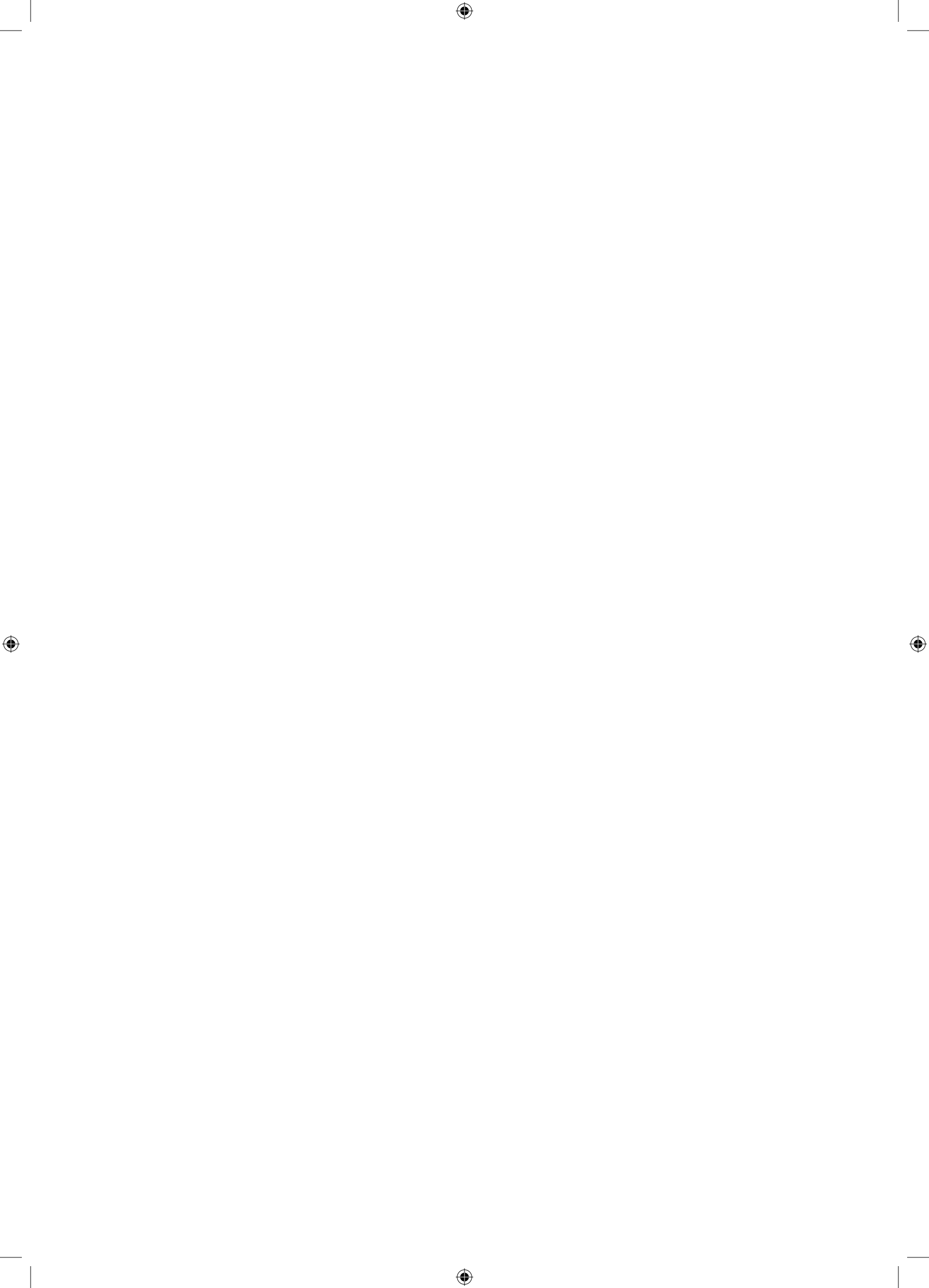
Em outras palavras, a construção do “ator juvenil” do século XXI, assim como o desenho de políticas públicas de juventude (de distribuição, de reconhecimento e de participação), deve ser levada adiante por meio de Programas e Ações plurais (múltiplas, simultâneas, experimentais e diferenciadas). Ou, caso contrário, não terá chances de vingar. No tema “Juventude”, explicita-se, com todo vigor, o desafio atual de combinar os princípios da igualdade e da diversidade. Tal assertiva fica clara em cada página deste livro.

Olhada por esses prismas, tanto pela ótica dos governos quanto pela ótica dos movimentos sociais, a I Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude ofereceu uma oportunidade ímpar de renovação da vida política. Por isso mesmo, organizadores e participantes devem ser cumprimentados pelo esforço, pelo empenho e pela busca de linguagens e metodologias apropriadas.

Sem dúvida, frente às incertezas e inseguranças do século XXI, para quem acredita na importância de encontrar caminhos para assegurar o acesso a mais direitos e mais oportunidades para os/as jovens de hoje, a realização da Conferência e a publicação deste livro são mais um passo à frente.

Após a Conferência, novas contradições se colocam e estão a desafiar teorias e práticas. O processo continua e este livro será uma referência obrigatória para quem quiser compreender seus rumos.

Regina Novaes



Apresentação

Secretaria Nacional de Juventude e RITLA

Um melhor reconhecimento do perfil e das percepções dos jovens ativistas contemporâneos foi o desafio a que se lançou com êxito o projeto de pesquisa, agora convertido em livro “Quebrando Mitos: Juventude, Participação e Políticas”. Jovens e não-jovens, moradores de capitais e de cidades do interior de todas as regiões brasileiras, indígenas, quilombolas, ciganos, participantes de terreiros e tantos outros ativistas tiveram a oportunidade de, nesse trabalho, fornecer instigantes depoimentos. Ao todo, foram entrevistados 1873 participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude, realizada em Brasília entre os dias 27 e 30 de abril de 2008. Também testemunharam, na pesquisa qualitativa, adolescentes e jovens de diferentes grupos de identidade, como estudantes, participantes de partidos políticos, trabalhadores rurais e urbanos, negros e negras e alunos do Projovem, entre outros.

Destaca-se na mídia, e até em pesquisas, que jovens ativistas e orientados para a *res* pública, ou seja, para questões da coletividade, não necessariamente representam uma tendência dominante na juventude contemporânea e que essa seria mais caracterizada pelo individualismo e consumismo. Ora, o livro em foco considera que o extraordinário e o comum (ou o ordinário) se combinam, importando focalizar uma parcela da juventude que quer transformações na política, mas mudar rumos insistindo no fazer política. Preocupam-se não somente com assuntos de jovem, mas com o social rejuvenescendo a nação.

Em geral, ao se analisarem as entrevistas, pode-se verificar uma visão crítica e atenta em relação às questões da juventude e do país e a característica de uma multiparticipação, ou seja, os jovens em geral militam em diferentes grupos concomitantemente. São ambientalistas e, ao mesmo tempo, ativistas de diversos campos – jovens que demonstram preocupação com questões coletivas e atenção às questões específicas de diversos segmentos.

Além de possibilitar dados estatísticos e informações, “Quebrando Mitos: Juventude, Participação e Políticas” dá partida a um processo de investigação sobre os tipos, os mecanismos e estratégias, bem como as características da participação juvenil. A Secretaria Nacional de Juventude, da Secretaria-Geral da Presidência da República, e a RITLA (Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana), à frente deste trabalho, estarão fortemente envolvidas no fomento e no desenvolvimento dessa modalidade de investigação.

Realizada pelo Conselho Nacional de Juventude, pela Secretaria Nacional de Juventude, vinculada à Secretaria-Geral da Presidência da República, e pela RITLA, a pesquisa contou também com o apoio do Instituto Paulo Freire, parceiro na Conferência como um todo, e da Caixa Econômica Federal, instituição apoiadora.

Por fim, cabe agradecimento especial às pesquisadoras Mary Garcia Castro e Miriam Abramovay, assim como a toda a equipe envolvida com a pesquisa, pela intensidade da dedicação e disponibilidade pessoal com a iniciativa. O compromisso com os jovens e as jovens brasileiros é marca da ação de Mary e Miriam.

Beto Cury
Secretário Nacional de Juventude

Jorge Werthein
Diretor Executivo – RITLA

Conselho Nacional de Juventude - Conjuve

A 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude, resultado de um grande esforço do Conselho Nacional de Juventude – Conjuve, foi construída num intenso processo de diálogo que, durante oito meses, mobilizou 400 mil pessoas em municípios e estados brasileiros. Essa mobilização evidencia que os e as jovens brasileiros/as têm interesse em participar da vida nacional e da construção das políticas públicas de juventude. Contudo, a construção desse espaço institucional de participação não se inicia nem finda com a Conferência Nacional.

O primeiro passo para a construção dessa participação institucional é dado pela sociedade civil organizada que reivindica uma Política Nacional de Juventude. Com a criação da Secretaria Nacional de Juventude, e do Conselho Nacional de Juventude (Conjuve), em 2005, o governo federal deu um passo importante na resposta à sociedade.

O Conselho Nacional de Juventude, órgão vinculado à Secretaria-Geral da Presidência da República, é composto por 60 membros, sendo 40 eleitos pela sociedade civil e 20 representantes do poder público, que se renovam a cada dois anos, e têm o mandato de analisar e propor Políticas Públicas de Juventude.

Embora tenha caráter consultivo, na sua trajetória o Conjuve vem ganhando relevância e conformando-se como importante espaço público de debate e definição de diretrizes e recomendações para a efetivação, no Brasil, de políticas que atendam às necessidades e expectativas dos e das jovens, assegurando direitos e criando oportunidades. A heterogeneidade das organizações que o compõem consolida o debate sobre políticas públicas de juventude como campo abrangente, multisetorial, marcado pelo respeito e valorização da diversidade e pelo combate às desigualdades.

Após a Conferência, o Conjuve assume também a responsabilidade de monitoramento das resoluções e prioridades ali aprovadas, por meio de iniciativas como a intensificação da relação com os diversos Ministérios, a criação de Grupos de Trabalho para acompanhar resoluções específicas (p. ex: GT de Juventude Negra) e o Pacto pela Juventude, realizado no segundo semestre de 2008. O Pacto pela Juventude é uma proposição aos governos (federal, estaduais e municipais) para que se comprometam com as Políticas Públicas de Juventude nas suas ações de governo e assumam o desafio de traduzir as demandas identificadas nas conferências em propostas, iniciativas, programas e projetos de âmbito nacional, estadual e municipal.

Nesse processo de proposição, realização e seguimento da Conferência Nacional, colocou-se a possibilidade de se conhecer melhor os jovens ativistas de hoje. O Conjuve associou-se então às pesquisadoras Mary Garcia Castro e Miriam Abramovay, que em sua trajetória estão ligadas ao tema da juventude e ao próprio Conselho Nacional de Juventude, tendo em vista a realização de uma pesquisa que possibilitasse um mapeamento sociopolítico dos participantes da conferência.

Iniciada a discussão para formulação do projeto, definimos que nosso interesse era descrever e caracterizar tipos de participação de movimentos juvenis, gestores públicos estaduais e municipais, ONGs e outras entidades não governamentais presentes na Conferência Nacional. E principalmente em relação aos jovens na faixa de 15 a 29 anos, em ativismo relacionado com políticas de juventude, examinar suas percepções como contribuição para o aprendizado institucional do Conselho Nacional de Juventude e para o desenvolvimento de atividades ou programas para juventude.

Com esse compromisso o Conselho planejou essa ação, cujos produtos agora damos publicidade. Estamos cientes dos enormes desafios que o resultado da pesquisa coloca e da responsabilidade do Conselho em dar seguimento a ela. Confiantes de que a temática da Juventude é hoje parte da agenda nacional, esperamos poder continuar contribuindo para a compreensão e a quebra de mitos e, fundamentalmente, para com os/as jovens brasileiros/as.

Danilo Moreira
Presidente do Conselho Nacional
de Juventude
GESTÃO 2007/2008

Maria Virgínia de Freitas
Vice-presidente do Conselho Nacional
de Juventude
GESTÃO 2007/2008

José Eduardo de Andrade
Secretário-Executivo do Conselho
Nacional de Juventude
GESTÃO 2007/2008

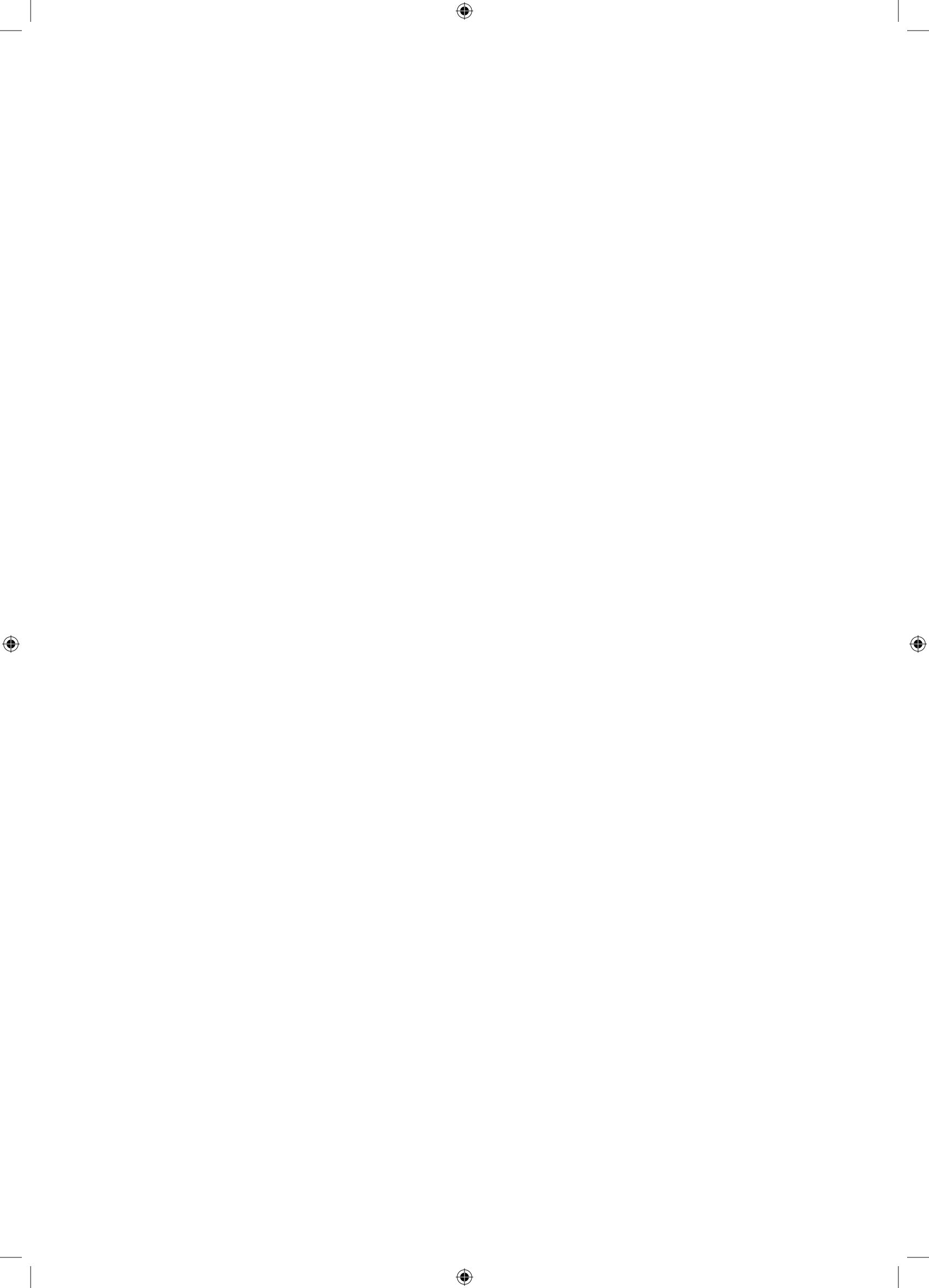
Metodologia

Esta publicação apresenta uma juventude plural, que fala de diversos lugares identitários e organizações e singulares na qualidade de ativista, participante e interessada em políticas de juventude. Decola de discursos e posições de participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude. São jovens pouco referidos pela mídia; jovens que se engajam em prol do bem coletivo e estão na arena do público, desmistificando o rótulo que comumente se cola à juventude na contemporaneidade. Julga-se, gratuitamente se essa uma geração individualista, apenas preocupada com sua carreira. Entretanto, são jovens que se preocupam consigo, como jovens, com outros jovens de outras inscrições e com o Brasil, seus rumos.

O estudo delineou-se pela utilização de pesquisa tanto qualitativa como quantitativa, partindo-se do princípio de que as informações obtidas pela investigação quantitativa conformavam um panorama que pode ser complementado e compreendido à luz do aprofundamento na análise qualitativa e vice-versa.

A depender do grupo pesquisado (parte qualitativa-grupos focais e de discussão), mais se aprofundavam alguns temas, inclusive, os sugeridos no processo de discussão dos atores da experiência de grupo focal/entrevista. Não apenas as ideias expressamente compartilhadas foram observadas, mas eram de grande valor também os contrapontos, os dissensos e as influências sociais mútuas. Eram exploradas, ainda, algumas controvérsias ou pontos originados em discussões com outros grupos, o que possibilitou que se apreendessem tanto a identidade de cada grupo como também a forma de lidar com a alteridade ou referência a outros grupos, examinando-se uma diversidade de tipos de militâncias juvenis e formas de engajamento no campo de políticas de juventude.

A realização do estudo configurou-se, do ponto de vista pessoal, como uma ótima experiência para os pesquisadores e mostrou quão importante é aproveitar os espaços políticos das conferências para se realizar uma “pesquisa rápida” e eficaz.



Introdução

A CONFERÊNCIA

Durante oito meses, compreendidos entre os anos de 2007 e 2008, gestores do poder público, representantes de movimentos sociais por direitos identitários, de sindicatos, de partidos políticos e de outras inscrições político – cultural – organizacionais de todo o país estiveram envolvidos no processo de construção da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude realizada entre 27 e 30 de abril de 2008 em Brasília.

Organizada pelo Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) e pela Secretaria Nacional da Juventude, a Conferência teve como objetivo criar um espaço de diálogo entre Governo e sociedade civil que pudesse servir como base e subsídio para consolidação de uma política nacional para a juventude, bem como sua inclusão como tema permanente na agenda das políticas públicas do Estado brasileiro.

Os esforços de criação de Conselhos e Secretarias de Juventude, políticas públicas específicas para os jovens, bem como a própria organização da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude respondem a anseios por uma maior visibilidade do tema, enfatizando os jovens não somente como sujeitos de direitos, mas como sujeitos com vontade de construir novos direitos, reinventando políticas.

É bem verdade que programas em prol da juventude há muito estão presentes na agenda do Estado brasileiro, porém, de maneira quase sempre fragmentada, mais voltados a cobrir efeitos de vulnerabilizações sistêmicas, ou seja, no sentido de políticas compensatórias ou relacionadas a algumas exclusões, sem participação efetiva de juventudes.

Nesse contexto, a organização da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude, não ao acaso para muitos, enunciada como Conferência Nacional de Juventude, pelo foco em direitos e autonomia por cidadania ativa, representa um passo importante para mudança desse cenário, significando um esforço de identificação e de negociação de temas, agendas e metas prioritárias para o estabelecimento de plano nacional de políticas públicas voltadas para a temática juventude. Evidentemente, devido à própria transversalidade do tema, bem como à multiplicidade constitutiva do público juvenil brasileiro, marcado por diferenças identitárias, sociais, regionais e culturais, muitos ainda são os desafios para o estabelecimento de um plano de ações coordenadas capazes de atender a demandas mais gerais, sem deixar-se de lado a riqueza da diversidade juvenil, seus matizes e especificidades.

Entretanto, se esses seriam os objetivos manifestos, ou seja, institucionalização e legitimação político-cultural da temática juventude com a participação de muitos jovens e suas organizações, configuram-se muitos outros objetivos latentes, impulsionados pela Conferência, tais como, constituição de redes formais e informais, diálogos entre jovens, debates de temas polêmicos, enunciação de princípios e imaginário sobre o outro/a outra. Os novos objetivos também poderão indicar como enfrentar estranhamentos e divergências político-ideológicas; negociar frentes de ação e compreender, mas não absolver o outro/a outra, e sim por reconhecimentos mútuos, demarcando-se fronteiras não por estereótipos, mas por dialógica comunicacional, o que não comporta ingenuidades como uma harmonia abstrata ou pureza que desdenhe a importância de ‘tomar partido’, ou defender princípios.

A presente pesquisa, proposta do CONJUVE e apoiada pela Secretaria Nacional de Juventude/SG-PR e pelo Instituto Paulo Freire, resgata objetivos manifestos e latentes, ou seja, não somente pretende dar uma contribuição para o tema de políticas públicas de juventude, anunciando percepções e recomendações de jovens e, assim, ampliar as articulações com outros/outras atores sociais e agências, mas também fortalecer o ativismo à participação desses jovens no campo de políticas públicas, indicando os ativistas, o que pensam, inclusive, sobre os outros/as outras, enfatizando suas recomendações.

Um aspecto relevante da iniciativa foi a possibilidade de verificar-se a existência de diferenças que têm contribuído para o distanciamento entre os jovens, os movimentos organizados e os representantes de entidades de apoio às Políticas de Juventude. É dentro dessa dinâmica que se encontram alguns dos desafios e das pistas para estímulo à convivência ética entre o pluralismo e a disputa, o diálogo aberto e a defesa dos princípios e, por fim a busca do entendimento quanto a projetos de transformação.

A partir da metodologia de triangulação, combinando-se técnicas quantitativas e qualitativas, dá-se relevo à diversidade de perfis e das perspectivas entre jovens representantes de diferentes grupos e realidades que estiveram na Conferência.

Sobre o Processo de Organização da 1ª Conferência Nacional de Política de Juventude, foram elencados, como subsídios básicos, os documentos do CONJUVE e da Secretaria Nacional de Políticas de Juventude¹.

O processo de realização da 1ª Conferência Nacional da Juventude foi estruturado a partir da compreensão de que, quando se trata de participação, não há respostas prontas, nem modelos acabados. Assim, mediante a experiência de outras conferências, buscou-se construir um processo criativo e inovador com base em uma via territorial e uma via por redes. Dessa forma, buscou-se contemplar tanto as formas de participação pelos municípios e pelo Estado, quanto as novas formas sem limite territorial, mas que consideram integralmente a diversidade. Assim, foram desenvolvidas etapas territoriais, quais sejam, conferências municipais, estaduais, do Distrito Federal e nacional, além de pesquisa de redes com processos de Conferências Livres² e de uma Consulta Nacional aos Povos e Comunidades Tradicionais.

De acordo com as estatísticas oficiais do evento, a construção da 1ª Conferência Nacional da Juventude envolveu mais de 400 mil pessoas, divididas em 841 Conferências Municipais e Regionais, 689 Conferências Livres, Conferências Estaduais nos 26 Estados e no Distrito Federal e Consulta Nacional aos Povos e Comunidades Tradicionais. Os mais de 2600 participantes da etapa nacional da conferência, entre delegados (isto é, pessoas que tiveram direito à voz e a voto) e convidados (que tinham direito à voz e à participação nos Grupos de Trabalho) e se distribuíram da seguinte maneira:

- 452 delegados eleitos nas etapas municipais;
- 1210 delegados eleitos nas etapas estaduais;
- 60 delegados indicados na Consulta Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais (SEPPI/MDS/FUNAI);
- 120 delegados natos – CONJUVE (conselheiros titulares e suplentes);
- 503 convidados pelo CONJUVE, pelas Comissões Organizadoras Estaduais,
- além de 336 participantes como Imprensa, da Mídia Jovem, Pesquisadores, Expositores, Acompanhantes de pessoas com deficiência, Comissão Organizadora e Equipe de apoio.

1 CONJUVE; SNJ. *Caderno de Resoluções da 1ª Conferência Nacional de Juventudes. 2008*. Ver também: <http://www.juventude.gov.br/>, em particular para conhecimento das propostas aprovadas quando da Conferência.

2 Com o objetivo de ampliar e diversificar as formas de participação na Conferência, elas foram organizadas nos mais variados âmbitos da sociedade civil e do poder público. Para organização de uma conferência Livre, as entidades ou entes proponentes tiveram liberdade no formato e na metodologia dessas etapas. Muitas aconteceram dentro das dinâmicas já existentes, como encontros nas escolas, conselhos (saúde, educação, meio ambiente), festivais de cultura, projetos sociais, programas de governo, mobilizações temáticas. Para serem reconhecidas, tiveram que enviar um relatório contendo os produtos da discussão (desafios e soluções).

O princípio metodológico de todo o processo da Conferência teve como objetivos: 1. Propiciar formas de sensibilizar a sociedade para o tema; 2. Disseminar informações sobre os três eixos da Conferência: Juventude: Democracia, Participação e Desenvolvimento Nacional; Parâmetros e Diretrizes da Política Nacional de Juventude; Desafios e Prioridades para as Políticas Públicas de Juventude; 3. Possibilitar a Formulação de boas Propostas de Políticas Públicas.

Para possibilitar a efetivação desse processo, foram elaborados materiais de apoio como cadernos temáticos, documento base, manual da comissão organizadora, modelo de relatórios, além de orientação para a realização das atividades e utilização de uma lógica de priorização de idéias que ajudassem a qualificar as propostas discutidas.

Norteou-se a construção das resoluções em todas as etapas da Conferência, possibilitando um mínimo de padronização, a orientação para utilização de uma metodologia com três momentos: 1) Contextualização: Apresentação do texto-base da Conferência, com as principais questões relativas à temática e à síntese histórica das Políticas Públicas de juventude; 2) Mapeamento das Bandeiras: visava garantir a expressão da diversidade de interesses e demandas presentes na Conferência; 3) Priorização de desafios e soluções: visava definir as propostas prioritárias do processo de discussão. Dentre todas as propostas apresentadas nos grupos de trabalho, os participantes deveriam identificar até vinte e uma (21) soluções (propostas) para serem aprovadas.

Cabe observar que, em todas as etapas, houve exceções, variações e adaptações às realidades locais. Mas a avaliação geral dos participantes foi de que a metodologia ajudou nas discussões e na interação dos participantes³.

Todo esse processo foi coordenado nacionalmente pela Comissão Organizadora Nacional e, nos estados, pelas Comissões Organizadoras Estaduais. Essas comissões foram compostas com a participação da sociedade civil e das representações institucionais do Poder Executivo e Legislativo.

Assim, todos os relatórios das Conferências Livres, Estaduais e Consultas Nacionais aos Povos e Comunidades Tradicionais foram lidos e sistematizados por uma equipe instituída pela Comissão Organizadora da Conferência. Nessa etapa do processo, cada proposta foi remetida a um único dos 16 temas dos “Cadernos Temáticos da Conferência”. No interior de cada tema, as propostas foram organizadas dentro de um único sub-tema, contendo a identificação de onde foram originadas (Conferência Livre, Estadual, Consulta Nacional). Após essa primeira triagem, no interior de cada tema, as propostas foram sendo agrupadas de acordo com suas semelhanças, o que a Comissão Organizadora chamou de “nuvens”, isto é, os sub-temas nos quais as propostas-sínteses e os desafios-sínteses foram organizados. A partir da classificação do material nas chamadas “nuvens”, foram elaboradas propostas de redação para sistematização das propostas originais contidas em cada “nuvem” que deram lugar ao chamado “Caderno de Propostas da Conferência”.

Segundo os dados oficiais do evento, até o fechamento do Caderno de Propostas da Conferência, foram recebidos 260 relatórios referentes a 411 Conferências Livres, 1 relatório de cada Conferência Estadual e 1 Relatório da Consulta Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais (MDS/FUNAI/SEPPPIR), totalizando 4.492 propostas. Dentre essas, 3.868 eram oriundas dos relatórios das Conferências Livres e 624 dos relatórios das Estaduais e da Consulta Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais. Do total de 4.492 propostas, ram-se 548 propostas-sínteses e desafios-sínteses, distribuídos em cada um dos 16 temas do Caderno de Proposta da seguinte maneira.

3 CONJUVE; SNJ. *Revista da 1ª Conferência Nacional de Juventudes*. 2008. http://www.juventude.gov.br/arquivos/conferencia_revista_pac-to_final1.pdf

N.º	Temas	N.º de Propostas e Desafios - Sínteses
01	Educação	133
02	Trabalho	20
03	Cultura	67
04	Sexualidade e Saúde	61
05	Meio Ambiente	22
06	Participação Política	35
07	Diversidade e Políticas Afirmativas	26
08	Tempo livre, Esporte e Lazer	38
09	Segurança e Direitos Humanos	24
10	Drogas	13
11	Mídia, Comunicação e Tecnologia de Informação	17
12	Fortalecimento Institucional da Política de Juventude	31
13	Cidades	21
14	Família	17
15	Campo	11
16	Povos de Comunidades Tradicionais	12
Total		548

Assim, após o resultado das fases preparatórias (Conferências Livres, Estaduais e Consulta Nacional), foi sistematizado o “Caderno de Propostas da Conferência”. Para a etapa nacional foram organizados 22 Grupos de trabalho, dedicados aos seguintes temas:

GT 01	Educação Superior
GT 02	Educação Profissional e Tecnológica
GT 03	Educação Básica 1 - Ensino Médio
GT 04	Educação Básica 2- Elevação de Escolaridade
GT 05	Trabalho
GT 06	Cultura
GT 07	Sexualidade e Saúde
GT 08	Meio Ambiente
GT 09	Política e Participação
GT 10	Tempo Livre e Lazer
GT 11	Esporte
GT 12	Segurança
GT 13	Drogas
GT 14	Comunicação e Inclusão Digital
GT 15	Cidades
GT 16	Família
GT 17	Povos e Comunidades Tradicionais
GT 18	Jovens Negros e Negras
GT 19	Cidadania LGBT
GT 20	Jovens Mulheres
GT 21	Jovens Portadores de Deficiência
GT 22	Fortalecimento Institucional da Política de Juventude

Cabe observar que, por solicitação de jovens ligados à temática rural, um 23º Grupo de Trabalho foi constituído durante a etapa nacional: GT 23 – Jovens do Campo.

Os participantes foram cadastrados nos Grupos de Trabalho por interesse e ordem de chegada, e após os primeiros minutos, delegados não inscritos no GT poderiam participar, desde que houvesse vagas. Ao final dos GTs, cada grupo deveria apresentar 4 propostas sobre o tema do GT e 2 propostas livres, bem como um relatório com a síntese das discussões. Apenas ao GT Povos e Comunidades Tradicionais foi permitida a aprovação de 6 propostas referentes ao tema.

Num segundo momento, as propostas do grupo foram dispostas em painéis e os delegados de cada grupo distribuíram livremente 10 pontos entre as propostas, sendo as três mais votadas de cada tema consideradas resoluções da 1a Conferência Nacional da Juventude. Das 70 propostas totalizadas a partir das votações dos GTs, 22 propostas foram votadas em plenária geral dos participantes/delegados e consideradas propostas prioritárias da 1a Conferência Nacional de Políticas de Juventude.

A PESQUISA - PERCURSO

Como se discute em Metodologia, com mais detalhes, delineou-se o estudo pela utilização de pesquisa tanto qualitativa como quantitativa, partindo-se do princípio de que as informações obtidas pela investigação quantitativa conformavam um panorama que pode ser complementado e compreendido à luz do aprofundamento na análise qualitativa e vice-versa.

Na fase quantitativa, a proposta foi aplicar questionários aos participantes da Conferência Nacional de Juventude, tentando, tanto quanto possível, cobrir o universo de participantes e investigar as diversas concepções sobre participação em políticas de juventude, bem como as percepções sobre as práticas e reivindicações usualmente envolvidas em tais políticas. Na parte qualitativa, foram constituídos grupos focais e entrevistas com segmentos específicos e plurais de participantes a fim de possibilitar expressão mais ampla e densa dos temas abordados. A técnica de pesquisa de grupos focais visa à coleta de dados por meio das interações entre os participantes de determinada discussão, sendo o pesquisador o facilitador do processo de debate, o qual permite a manifestação das diversas opiniões, idéias, crenças, atitudes e valores que tomam parte no grupo e que dificilmente apareceriam com profundidade em questionários de caráter fechado.

Durante o trabalho de campo, verificou-se grande disposição dos participantes da Conferência de Juventude não apenas em preencher o questionário – atingindo-se no total uma quota de 1854 instrumentos respondidos – como também em discutir e problematizar os temas abordados. Para cada grupo focal ou entrevista, procurou-se uma homogeneidade no que se refere ao tipo de representação política na Conferência, conservando-se a diversidade, porém, em termos de origem estadual ou regional, raça/cor e gênero. Foram ouvidas assim, juventudes oriundas de movimentos estudantis, partidários, governamentais, sindicais, sociais, culturais e religiosos, bem como jovens do meio rural, de comunidades tradicionais e beneficiados por programas sociais do governo. Grande parte dos grupos, mediados por profissionais pós-graduados na área de ciências sociais (sociólogos e antropólogos), ocorreu na Sala dos(as) pesquisadores(as), uma sala de apoio reservada para a equipe. Outros ambientes, como as salas de GT e a tenda do auditório, foram também utilizados.

Os pesquisadores procuraram apreender o ponto de vista dos próprios sujeitos pesquisados, formulando questões inteligíveis e que foram abordadas de maneira informal. Foram realizados, desse modo, um total de 30 grupos focais durante os quatro dias da Conferência, quais sejam:

1. Central Única das Favelas – CUFA
2. Central Única dos Trabalhadores – CUT
3. Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – CONTAG
4. Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura familiar no Brasil – FETRAF
5. Força Sindical
6. Gestores estaduais (2 grupos)
7. Gestores municipais
8. LGBT

9. Imprensa Jovem (Grupo Viração)
10. Jovens ambientalistas
11. Jovens com deficiência
12. Jovens de Comunidades de Terreiro
13. Jovens Evangélicos
14. Jovens Feministas
15. Jovens Indígenas
16. Jovens Quilombolas
17. Juventude Cigana
18. Juventude do PMDB
19. Juventude do PSDB
20. Juventude do PT – JPT
21. Juventude Socialista Brasileira – JSB
22. Movimento Hip-Hop
23. Movimento Negro
24. Pastoral da Juventude
25. Projovem
26. Redes
27. União Brasileira dos Estudantes Secundaristas – UBES
28. União da Juventude Socialista – UJS
29. União Nacional dos Estudantes – UNE

A pesquisa qualitativa envolveu cerca de 280 delegados(as) distribuídos nesses grupos focais e entrevistas acima citados, sendo-lhes preservado o anonimato (ao longo do estudo não são citados nomes, fazendo-se referência apenas ao grupo ao qual pertencem). O debate esteve dividido em quatro principais blocos: 1) perspectivas gerais sobre as juventudes (situação dos jovens, conquistas, problemas, representações); 2) juventudes e políticas (percepções sobre participação, formas de organização e mobilização); 3) políticas de juventude (programas do governo, comentários sobre a estruturação governamental voltada para as juventudes e expectativas sobre a Conferência); 4) opinião sobre temas polêmicos (legalização do aborto, do uso de drogas e do casamento de pessoas do mesmo sexo e sobre a política de cotas baseada no critério étnico-racial para inserção em curso superior).

A depender do grupo pesquisado, mais se aprofundavam alguns temas, inclusive os sugeridos no processo de discussão dos atores da experiência de grupo focal/entrevista. Não apenas as idéias expressamente compartilhadas foram observadas, mas eram de grande valor também os contrapontos, os dissensos e as influências sociais mútuas. Eram exploradas, ainda, algumas controvérsias ou pontos originados em discussões com outros grupos, o que possibilitou que se apreendessem tanto a identidade de cada grupo como também a forma de lidar com a alteridade ou referência a outros grupos, examinando-se uma diversidade de tipos de militâncias juvenis e formas de engajamento no campo de políticas de juventude.

As categorias de análise surgiram das informações coletadas seguindo padrões e repetições. A análise buscou extrair as percepções dos diferentes atores envolvidos. O trabalho analítico dos grupos focais garantiu a fidelidade das análises realizadas.

ORGANIZAÇÃO DO LIVRO

A presente publicação está dividida em 12 partes. Nas duas seções introdutórias, apresenta-se algo sobre o processo de organização da Conferência e as características do livro e da Metodologia.

O estado da arte sobre um vetor temático básico desta publicação, participação juvenil, é apresentado no primeiro capítulo, quando se enfatiza o trânsito de militâncias de muitos jovens, questionando referências comuns na literatura como “nova forma de ativismo” para indicar um hipotético abandono dos jovens das formas de partidos e sindicatos por engajamento em ONGs.

O segundo capítulo, mais analítico, traça um perfil dos participantes, identificando, quando for o caso, delegados e não delegados, dando ênfase a características sócio-demográficas, recorrendo-se à pesquisa quantitativa.

O terceiro capítulo, além de dados relativos à participação, inova no resgate de falas de jovens que participaram dos 30 grupos (focais, discussão e entrevistas em grupos), discutindo como o tema participação é apresentado por cada grupo, identificando tópicos mais relevantes em seus discursos, polêmicas, representações do outro/outra, perspectivas sobre projetos de nação e identificações sobre singularidade da participação da geração jovem contemporânea.

O quarto capítulo combina informações das pesquisas quantitativa e qualitativa, também abordando alguns temas polêmicos na sociedade contemporânea quanto a normas e costumes, a saber : cotas por raça/etnicidade nas universidades, legalização do uso de drogas, legalização do aborto, legalização da união de pessoas do mesmo sexo e maioridade penal.

O quinto capítulo refere-se a temas que estimularam discussões, muitas vezes espontâneas nos grupos, como a família, a mídia e a internet.

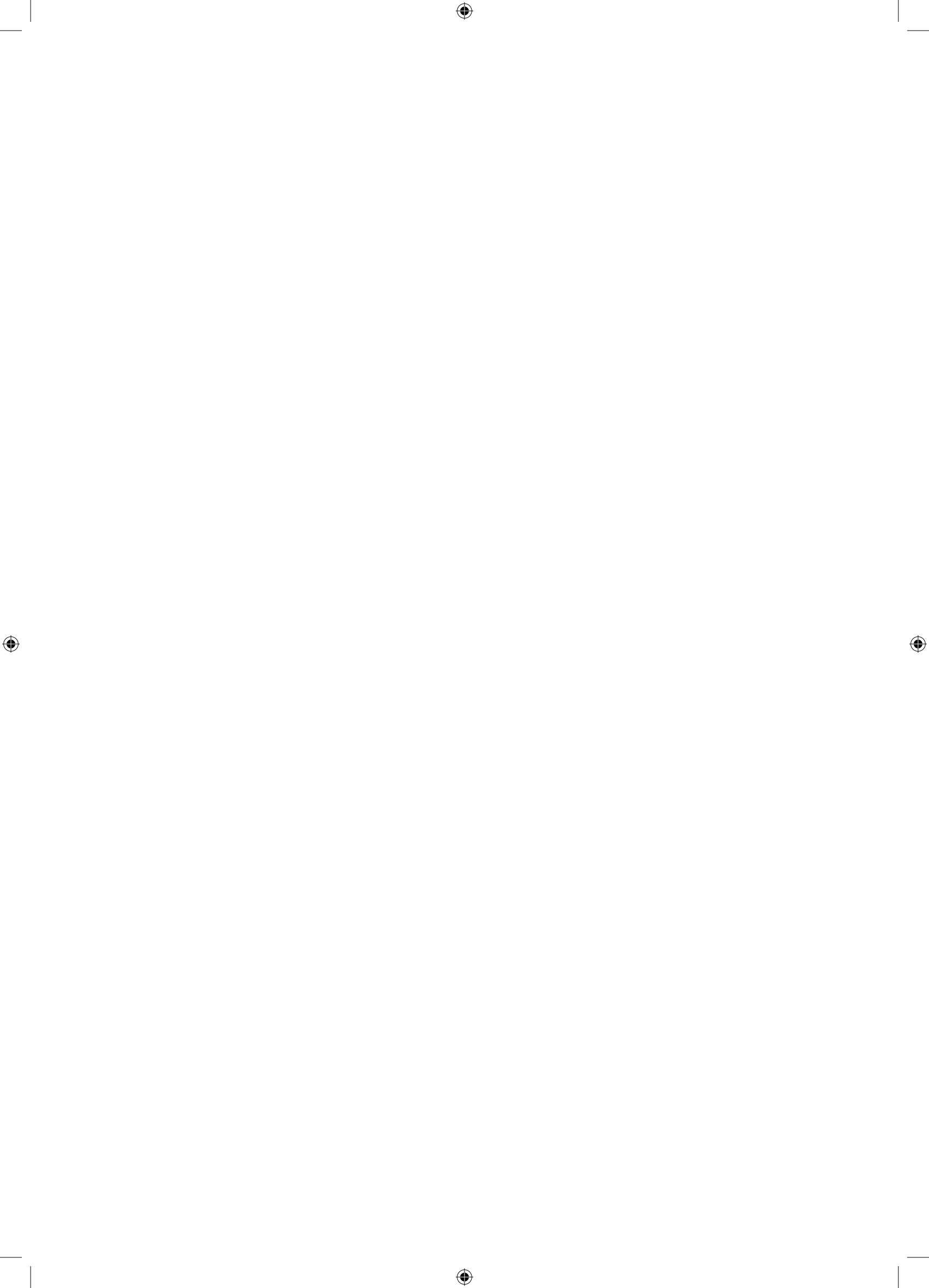
O sexto aborda a construção social sobre a juventude, abarcando percepções dos jovens sobre si, a juventude em geral ,as diversidades, as linguagens e as culturas juvenis como moda, consumismo e música, ou seja, expressões atribuídas por outros ou pelos próprios jovens à juventude.

O sétimo capítulo versa como os/as jovens discutem o que se entende por problemas do Brasil e o nexos que fazem entre esses e o que seriam problemas para juventude.

O oitavo capítulo apresenta reflexões sobre a Conferência, elogios, críticas e sugestões para futuros eventos.

No nono capítulo, abordam-se debates sobre políticas de juventude, programas para jovens, conhecimento sobre o CONJUVE e a Secretaria Nacional de Juventude .

Termina-se o livro, com um apanhado síntese de recomendações apresentadas pelos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas de Juventude, considerando recados deixados nos questionários e por ocasião dos grupos focais e de discussão. Já em anexo, apresentam-se as resoluções da Conferência, apresentadas pelos Grupos de Trabalho e votadas em Assembléia.



1.

Juventude e participação: Alguns aportes da literatura contemporânea

Neste capítulo, a intenção é resgatar algumas contribuições da literatura especializada para o debate sobre participação política de juventudes brasileiras, ao tempo que se apresenta um perfil dos jovens quanto à participação, considerando-se também alguns dados de pesquisa que, por meio de um *survey* nacional, abarcou cerca de 10 000 jovens entre 15 e 29 anos (ABRAMOVAY e CASTRO 2006).⁴

O lugar deste texto em publicação sobre perfil e perspectivas de jovens participantes na 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude legitima-se no plano de contextualização temática, ressaltando como tal Conferência denunciou questões contrárias às correntes que sugerem apoliticismo dos jovens, desencantos em relação à política e adjetivação como “nova forma de fazer política dos jovens” um suposto afastamento dos partidos políticos – alguns sim, mas nem todos – além de orientação individualista que os afastaria de causas coletivas e extrema despreocupação com a coisa pública.

Por outro lado, tal apresentação sobre o estado da arte do tema e dados sobre juventude e participação também colabora para identificar a singularidade da juventude ativista no espaço de políticas públicas de juventude.

O tema participação política, quando referido à juventude, mescla o racional/instrumental com o racional/emocional, questionando fronteiras formais e pedindo perspectiva dialética que decorra de condições, da materialidade de vida e de culturas juvenis, em que pese à simplificação desses termos, já que, em particular, em países estruturados por desigualdades de classes sociais e de múltiplos sistemas modelados por subalternidades, como os de gênero, raça e geração, entre outros, há que mais qualificar a relação entre universos do ser jovem e a produção da juventude pelo mercado, pelos meios de comunicação e pelo Estado.

Desde a década de 80, a juventude tem definidos novos parâmetros no que concerne à sua participação política na sociedade. Emergem, em nosso dia a dia, diversos movimentos jovens que não mais se resumem às organizações partidárias, sindicatos e grêmios estudantis. Também as temáticas suscitadas por esses movimentos não mais se orientam seja para mudanças sociais macroformatadas, seja para questionamento do sistema capitalista como a luta pelo socialismo. Mas, em contrapartida, indo contra a corrente de análises lineares, não necessariamente as que insistem em mudanças sociais e lutas político-partidárias e sindicais desapareceram ou se colocaram de forma dicotômica. Ao contrário, como já sublinhado na apresentação do perfil de grupos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas de Juventude, em abril de 2008, muitos combinavam frentes de lutas identitárias com debates sobre sistemas sociais, o que, adianta-se, não é tão enfatizado na literatura sobre juventude e participação da década de 90, no Brasil.

Há também que ter presente que aqueles foram tempos pautados por individualismos narcísicos, inseguranças, medos e orientações por consumo, levando-se em consideração condicionantes estruturais, condições de vida que diferenciam jovens entre si. De fato, no debate sobre participação e juventude, há que se ter cuidado com os conceitos e a perspectiva do debate. Como certas noções são reapropriadas quando se combinam o público e o privado, ou seja, por tipo de parti-

⁴ ABRAMOVAY, Miriam e CASTRO, Mary Garcia (coord.) *Juventude, Juventudes, o que une e o que separa* Brasília: UNESCO, 2006.

cipação orientada para a coletividade sem sufoco da individualidade e da ênfase às perspectivas de políticas de reconhecimento que suscitam, também, o debate sobre distribuição (Castro 2008)⁵. Julga-se que qualificar “novas formas de participação juvenil” por ela sublinharem a diversidade de lugares de ativismo ou o crescimento de entidades da sociedade civil, o novo seria a combinação de algumas entidades e posições, para melhor articular causas que atinjam a individualidade e se organizem mediante o sofrimento de muitos pedindo ações coletivas.

A partir de pesquisas com grupos jovens variados e mobilizados, conclui Ponte de Sousa (1999, p 201) em livro com o sugestivo título “Reinvenções da Utopia. A militância política de jovens nos anos 90”:

Engajados no movimento social, os jovens se valorizam e se apropriam de sua juventude, em um contexto desfavorável para tal, sob a hegemonia do mundo das mercadorias. A opção pelo coletivo nos leva a indagar os limites de ‘civilização dos negócios’, que marca uma das expressões do globalismo, que comprime o tempo, abreviando a juventude no que tem de sonho e liberdade, prolongando-a no que tem de estilo de vida e de consumo, de falsa liberdade. Mais do que uma despolitização, tal ‘civilização’ politiza para a competição para o egoísmo.

Ao determo-nos sobre os movimentos coletivos hoje, percebemos o quanto os jovens praticam noções básicas de democracia e de ação direta o quanto neles se realiza o possível da ‘liberdade efetiva do pensar’ (Castoriadis). Vivem no contexto de uma racionalidade que está atropelando a todos, que não os instrui para serem livres e não lhes oferece um espaço público com um pensar interrogativo e criador.

Nos difíceis anos 90, procurar o coletivo solidário como fazem esses jovens [ativistas] em um significado de resistência à lógica da fragmentação. Nos conduz a pensar no resgate da noção de sujeito pela teoria que mantém insistente na busca pela liberdade; faz-nos admitir que a história mudou, mas que nela cabem ainda o indivíduo e suas utopias. Para esses jovens, esse mundo não os engana. (PONTE DE SOUSA, Janice Tirelli, 1999, p 201 e 202)⁶.

Ainda que Ponte de Souza (op.cit) esteja se referindo à geração dos anos 90, para este início de século vale e muito sua chamada sobre singularidades da juventude ativista e sua participação, questionando o uso do conceito de individualismo como necessária metáfora para egoísmo ou redução da vida social a trajetórias próprias.

Segundo pesquisa do Latinobarômetro 2004 (In: ABRAMOVAY, CASTRO, LIMA, PINHEIRO E RODRIGUEZ 2004: p 31).⁷ haveria um afastamento da juventude, mas não só dessa, também das frentes clássicas, como sindicatos e partidos políticos ou a disputa político eleitoral principalmente por problemas de gestão ligados à corrupção e à falta de transparência das instituições. Não se trata simplesmente de “apatia juvenil” como se supõe muitas vezes. São essas as abordagens que ressaltam uma preferência dos jovens por campos identitários como gênero, raça, ecologia, direitos sexuais e digitais e o movimento Hip-Hop. Esses, assim como redes virtuais, grupos de estudos, fóruns mundiais e ONGs, para muitos têm representado uma nova configuração da prática política juvenil. Mas, ao um juízo consciente, o tema participação é mais complexo do que políticas de classe x políticas de identidade, tendo outras formas de debater trânsitos entre o público e o privado ou entre temas ligados ao reconhecimento e à estruturação da distribuição de bens e serviços.

5 CASTRO, Mary Garcia *Migrações Internacionais e Direitos Humanos e o Aporte do Reconhecimento*. In: REMU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana - ano XVI, n 31, p 7-36, 2008.

6 PONTE DE SOUSA, Janice Tirelli *Reinvenções da Utopia. A Militância Política de jovens nos anos 90*. São Paulo: FAPESP, Hacker Ed, 1999.

7 ABRAMOVAY, Miriam, CASTRO, Mary Garcia, LIMA, Fabiano, PINHEIRO, Leonardo e RODRIGUEZ, Ernesto. *Políticas públicas de/para/com juventudes*. Brasília: UNESCO, 2004.

De fato, as análises sobre participação e juventudes tendem a considerações ligeiras e pouco embasadas em pesquisas abrangentes que avancem além de opiniões ou percepções de alguns jovens sobre aspectos da política participativa. Omite-se a contextualização desses tempos sem considerar análises político-culturais embasadas no pensamento crítico, sem associar crises de participação aos desafios culturais, como o *ethos* de eterno presente e o ‘desinvestimento’ em projetos de mudanças, a chamada recusa das utopias em prol de políticas de identidade que, se têm o mérito de multiplicar referências, e direitos, como das mulheres, dos negros e dos jovens, podem também resvalar em guetos, na renúncia de questionar estados da nação, do mundo e não fazer nexos entre políticas de redistribuição e de reconhecimento, quando as duas perspectivas são necessárias, e não suficientes em si. Se a meta são mudanças mais estruturais, ou seja, não limitadas apenas a alguns e por algum tempo, mesmo no plano das identidades (sobre políticas de redistribuição e de reconhecimento) ver entre outros: CASTRO, 2008; Taylor in MATTOS, 2000; e FRASER e HONNETH, 2003 sobre o debate entre políticas de redistribuição e de reconhecimento).⁸

Entre as diversas possibilidades de interpretação teórica a respeito da juventude, há uma possibilidade mais recente que descarta parcialmente os marcos etários, dando centralidade à categoria sociológica e autoidentitária do jovem. Nessa ótica, defende-se como referência comum o fato de a juventude tipicamente adquirir gradativa autonomia pessoal conjugada às transformações sociais, o que assim significaria que ela representa uma fase mais propícia à redefinição das bases de socialização geracional. (BRANDÃO, 2006).⁹

Para o exame de participação política, consideram-se duas situações em geral, uma em caráter individual e outra em caráter coletivo. Argumenta-se que em sentido individual, “cada um participa falando, escrevendo, discutindo, denunciando, cobrando responsabilidades, encorajando os tímidos e indecisos e aproveitando todas as oportunidades para acordar as consciências adormecidas”. (DALLARI, 1983, p.44).¹⁰ Já em sentido coletivo a participação política é gerada por meio de grupos com objetivos definidos e disposição para trabalharem em âmbito social.

Nessa sistemática também se verifica que para os indivíduos atingirem os objetivos políticos traçados, a participação política poderá ser eventual ou organizada. Dallari defende a participação organizada, ressaltando que ela assegura a continuidade dos trabalhos e assim maior eficiência, porém não descarta a importância da participação política eventual, ligada a circunstâncias momentâneas, asseverando que dos dois modos há equivalente eficácia “desde que exercidos com consciência e responsabilidade” (idem, p.50).

Por outro lado, também a juventude se tornou um foco privilegiado dos movimentos sociais. Considerando-se as rápidas transformações nas condições de vida dos grupos humanos na fase contemporânea do capitalismo, a adrenalina jovem é canalizada por alguns de forma construtiva e por outros de forma perigosa para a sociedade. Se os jovens, em tantas construções, são a nova classe perigosa, em particular se forem negros e pobres, em outras, continuam idealizados como o futuro, a esperança do amanhã. Para alguns autores, a partir da ideia de que “os jovens representariam o futuro em uma perspectiva de formação de valores e atitudes das novas gerações” (SPOSITO; CARRANO. 2003, p.17)¹¹, os jovens passaram a ter papel de destaque nos debates sobre a participação política do Brasil.

8 CASTRO, Mary Garcia *Migrações Internacionais e Direitos Humanos e o Aporte do Reconhecimento*- In: REMU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana - ano XVI, n 31, p 7-36, 2008.

MATTOS, Patricia. *A Sociologia Política do Reconhecimento: As contribuições de Charles Taylor, Axel Honneth e Nancy Fraser*. São Paulo: Annblume, 2006.

FRASER, Nancy and HONNETH, Axel. *Redistribution or recognition? A Political Philosophical Exchange*. Londres: Verso, 2003.

9 BRANDÃO, Reis Elaine. *Gravidez na Adolescência nas Camadas Médias: um Olhar Alternativo. Culturas jovens: novos mapas do afeto*. In: MENDES DE ALMEIDA, Maria Isabel e EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas Jovens*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

10 DALLARI, Dalmo de Abreu. *O que é Participação Política*. São Paulo: 8ª ed. Ed. Brasiliense, 1983.

11 SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo Cezar Rodrigues. *Juventude e políticas públicas no Brasil*. Governo do Estado de Fortaleza, 2003. Disponível em: http://www.juventude.fortaleza.ce.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=30&Itemid=44. Acessado em: 22 de setembro de 2008.

Nessa perspectiva, o relatório do Banco Mundial de 2007, não por acaso denominado “Relatório de desenvolvimento mundial 2007: o desenvolvimento e a próxima geração”¹² sobre ou para a juventude, convencionou que os jovens devem ser preparados para ser a próxima geração, “basicamente eles devem ocupar papéis na produção e na vida político-civil, ou ainda se tornarem os trabalhadores, empresários, pais, cidadãos e líderes de amanhã” (CASTRO; ABRAMOVAY e LEON, 2007, p.20)¹³. Em face do cenário demográfico – a extensão do corte de jovens na população total- e pelo que consideram “qualidade” dessa geração – mais preparada para as novas tecnologias de informação, por exemplo, o Relatório do Banco Mundial de 2007 insiste na importância estratégica para “combater a pobreza” do investimento em políticas públicas de juventude, mas não necessariamente pela questão de direitos humanos dos jovens (tese de documento do CONJUVE-2006 cit in CASTRO, ABRAMOVAY E LEON 2007).

Note-se que partindo-se de diferentes perspectivas, tanto o documento do Banco Mundial (op cit) como do CONJUVE (op.cit) destacam a importância da dimensão da participação. No caso do CONJUVE, participação é construído de direito e de formatação de autonomia e de empoderamento quanto a decisões sobre o destino da nação, em particular dos jovens, direito possibilitado por políticas públicas, de acordo com suas expectativas e necessidades, sempre enfatizando a importância de portos de decolagem, como políticas de educação e trabalho para que eles possam exercer o direito à participação. No relatório do Banco Mundial, participação se mescla ao direito de ser consumidor, estar no mercado e cobrar serviços de qualidade do Estado e da empresa privada. Tal perspectiva utilitarista vai contra a postura apresentada pelo CONJUVE (op. Cit.) ao defender que políticas de juventude se legitimam como direito dos jovens que são mais que um vir a ser, são sujeitos em construção, sujeitos de direitos e de autonomia. Acrescenta-se que as políticas de juventude podem colaborar, não por si, mas por incentivarem a própria crítica dos jovens na identificação de novos direitos, mais afins à construção juvenil. O debate sobre juventude e participação ainda foi pouco explorado na literatura brasileira, O Banco Mundial (op cit) também enfatiza o tema que integra um léxico comum entre movimentos sociais, ONGs e literatura sobre juventude, o do “protagonismo juvenil”. Esse tema deveria ser mais crítico, pois ele pode sugerir que se deixe ao jovem, por um pseudo livre arbítrio, decidir e articular meios para fazer valer direitos, ou seja, “que se vire” ou ainda, estimular um voluntariado sem bases materiais e de conhecimento, inclusive crítico, para participar também por “antagonismos” e cobranças.

Souza (2008)¹⁴ sugere uma aproximação crítica ao discurso sobre protagonismo juvenil e participação, devido à sua orientação para “fazer coisas” e contentar-se com inclusões parcializadas. Ora, não ao acaso, o conceito de protagonismo é subsidiário da perspectiva da economia neoclássica, que atribui aos sujeitos racionalidade econômica sem se importar com as oportunidades da economia política para realização por todos os jovens de tal racionalidade:

A ameaça de exclusão é evitada pelo *protagonismo* de cada jovem. O jovem de hoje não deve ser minoria e, sim protagonista. O discurso atual é inclusivo e extensivo, pois não admite a existência do ‘fora’ dele. Uma noção de juventude ampliada para segmentos diversos da população e a idéia de que todo jovem pode e deve fazer política, pode e deve ser *protagonista*, contribuem para a instrução de todos no discurso (Souza 2008: 186).

A crítica ao conceito de protagonismo e à banalização do termo participação, não pode levar ao extremo de negar-se a importância dessa dimensão para os jovens e para a nação. Chamados a participar, os jovens desenvolvem habilidades importantes na defesa de direitos, bem como inte-

12 BANCO MUNDIAL, *Relatório de desenvolvimento mundial 2007: o desenvolvimento e a próxima geração*. Washington: Banco Mundial, 2007.

13 CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; LEON, Alessandro de. *Juventude: tempo presente ou tempo futuro?* Dilemas em propostas de políticas de juventudes. São Paulo: GIFE- Grupo de Institutos, fundações e empresas, 2007.

14 SOUZA, Regina de Magalhães. *O Discurso do Protagonismo Juvenil*. São Paulo: Ed Paulus, 2008.

ragem com diversas linguagens e tipos de engajamento, utilizando ferramentas que lhes permitem acessar outras informações à luz de perspectivas transformadoras. Algumas investigações apontam que os jovens envolvidos em projetos sociais, grupos jovens, entidades comunitárias e/ou políticas apresentam noções de mobilidade e interação relevantes para comunicação, enriquecendo interações ou representando mudança de hábito que pode ensejar novas concepções de vida:

[...] os “jovens de projeto” apresentam maior capital simbólico, traduzido pela postura assertiva e uma linguagem mais ampliada sobre os direitos sociais, em comparação aos seus pares do mesmo círculo social sem essa vivência. No que se refere às reações diante das práticas discriminatórias, notam-se ainda posicionamentos mais assertivos e apoiados em concepções de direitos sociais entre os rapazes com experiência institucional. (CECCHETTO; MONTEIRO. 2006, p. 214)¹⁵

Até meados da década de 60, as políticas públicas para juventude eram direcionadas aos jovens de camadas populares, porém “se resumiam a algumas medidas de apoio à inserção no mundo do trabalho, mas mais fortemente medidas de prevenção, punição ou resgate das situações de desvio e marginalidade.” (ABRAMOVAY, CASTRO, LIMA, PINHEIRO E RODRIGUEZ, 2004: p 79).¹⁶

Com a luta pela redemocratização política, o jovem estudante das camadas populares passou a adquirir maior visibilidade social e já na década de 90 foi reconhecido como foco de ações de responsabilidade social. “Pode-se dizer que as financiadoras de programas para juventude, na sua maioria, iniciaram suas ações pelo paradigma descrito por Dina Krauskopf como o do jovem problema e se orientam hoje para o do jovem como ator estratégico de desenvolvimento local” (FREITAS. 2005, p.23).¹⁷ De outra forma, diz-se que, apesar de os jovens inscritos para participarem como beneficiários de programas serem oriundos de estratos sociais baixos, não se deve frisar tais jovens como “grupo de risco”, sob pena de representar um retrocesso, visto que esse tipo de referência não contribui para a construção de cidadania, mas, ao contrário, estigmatiza e exclui.

Descrevendo resumidamente os programas de inserção dos jovens no Brasil, hoje, a exemplo do PROJOVEM, percebe-se a opção por propiciar cidadania ativa, mais do que simplesmente passar informação. Na verdade, o jovem participa da gestão comunitária, protagonizando iniciativas socioculturais na escola e no entorno de sua comunidade. Tais posições assinalam a importância de requalificação do eixo protagonista no sentido de que:

“Mais do que exorcizar as situações de risco, o protagonismo juvenil procura preparar os jovens para a tomada de decisões baseadas em valores não apenas lidos e escutados, mas vividos e incorporados em seu ser. Jovens assim estarão, certamente, mais bem preparados para enfrentar os dilemas da ação coletiva que caracterizam a sociedade, onde a pluralidade e o conflito de pontos de vistas e de interesses entre pessoas, grupos e instituições, longe de ser uma patologia, são parte integrante do tecido social. Somente uma sociedade com tais características é digna de ser chamada de democrática e participativa.” (COSTA, 2000. p.142)¹⁸

15 CECCHETTO, Fátima e MONTEIRO, Simone. *Discriminação, cor e intervenção social entre jovens na cidade do Rio de Janeiro (RJ, Brasil): a perspectiva masculina*. Revista. Estudos. Feministas., jan./abr. 2006, vol.14, n.º.1, p.199-218.

16 ABRAMOVAY, Miriam, CASTRO, Mary Garcia, LIMA, Fabiano, PINHEIRO, Leonardo e RODRIGUEZ, Ernesto. *Políticas públicas de/para/com juventudes*. Brasília: UNESCO, 2004

17 FREITAS, Maria Virginia de (org). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. Caderno Juventude e Adolescência no Brasil. 2005. Disponível em: <http://www.juventudesulamericanas.org.br/index.php/downloads> . Acessado em: 08 de setembro de 2008.

18 COSTA, Antonio Carlos Gomes. *Protagonismo juvenil. Adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

De acordo com Goulart e Francisco (2007)¹⁹, os benefícios da participação política são mais assumidos por jovens que participam de programas sociais de juventude. Para 47% de jovens que não atuam em programas, “a política é um ambiente muito contaminado, por isso o jovem deve buscar outros canais de participação”, já para jovens em programas sociais, 91%, o “jovem pode mudar a política para melhor”²⁰. Esses dados indicam de fato a crescente recusa dos jovens quanto à política convencional ou sua distorção, o que não significa de todo uma recusa ao engajamento político ou um apoliticismo. Mostram também que a participação política formal é recusada justamente por jovens que nunca tiveram experiências em contextos de sociabilidade política. Daí supor que jovens orientados por Programas sociais relacionados à ‘protagonismo,’ ‘empoderamento’ e ações de desenvolvimento comunitários são comuns, não é sensato. Esses termos, como já discutido também pedem mais análise crítica pela implícita sugestão de que indivíduos sem capital social e destituídos de acervo das riquezas nacionais, poderiam de *per se* ultrapassarem barreiras estruturais a suas trajetórias de mobilidade.

Ao tempo em que nem toda juventude é orientada por programas e projetos sociais, vê-se uma manifestação explícita do jovem em se envolver mais em participações políticas com impacto direto em suas comunidades ou em grupos identitários, do que em política institucional. Dentre as atividades que mais despertam interesse são *minorias raciais* (63%), *mulheres* (63%), *melhorias comunitárias* (61%), *atos pela paz* (59%), *defesa do meio ambiente* (58%), *atividades voluntárias* (54%), *direitos de homossexuais* (24%), e por último, *comícios de partidos* (17%)²¹.

Segundo as respostas obtidas pela pesquisa de opinião com jovens, 28,1% afirmam participar de algum tipo de grupo, porém há as diferenciações de classe social, escolaridade e idade que também são relevantes para o entendimento da participação política da juventude brasileira. Em pesquisa feita por IBASE/PÓLIS²², constatou-se que quanto maiores o estrato econômico social e a escolaridade, maiores são as chances de envolvimento em práticas associativas. Contudo, o aumento da idade coincide com a diminuição do potencial de agregação.

TABELA 1. Participação em grupos segundo sexo, faixa etária e classe (em %).

	Total	Sexo		Faixa Etária			Classe			
		Masc.	Fem.	15-17	18-20	21-24	A/B	C	D/E	Ns/No
Sim	28,1	29,6	26,5	32,7	26,6	25,6	33,5	28,2	24,0	23,1
Não	71,8	70,2	73,4	67,2	73,2	74,2	66,4	71,7	75,8	76,3
Ns/No	0,1	0,2	0,1	0,1	0,2	0,2	0,1	0,1	0,2	0,6
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

FONTE: IBASE/POLIS, pesquisa de Opinião Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas, 2005.

No entanto, as atividades mais realizadas entre esses grupos não são necessariamente consideradas como “políticas”. veja-se como têm destaque as atividades religiosas, por exemplo: *atividades religiosas* (42,5%), *esportivas* (32,5%) e *artísticas – música, dança e teatro* – (26,9%). As atividades menos citadas foram: as *estudantis* (11,7%), de *comunicação* (6,3%), as *relacionadas com melhorias no bairro* (5,8%), de *meio ambiente* (4,5%), as *político-partidárias* (4,3%), o *trabalho voluntário* (1,3%) e *outras atividades* (0,8%). Exclusivamente sobre participação política, tem-se que 18.8 % declaram ter envolvimento em ações coletivas orientadas para as melhorias das condições de vida. Cabe destacar que, nos grupos jovens

19 GOULART, Gabriela; FRANCISCO, Severino. *Adolescente e jovens no Brasil- participação social e política*. Brasília: UNICEF, FUNDAÇÃO ITAÚ, INSTITUTO AYRTON SENNA, 2007.

20 Foram entrevistados 3010 jovens em 206 municípios. Estudo Adolescentes e Jovens - UNICEF, FUNDAÇÃO ITAÚ, INSTITUTO AYRTON SENNA (2007). Tab.6. *O que você acha mais provável que aconteça com os jovens que se envolverem com política?*

21 Estudo: *Adolescentes e Jovens no Brasil* - UNICEF, FUNDAÇÃO ITAÚ, INSTITUTO AYRTON SENNA (2007). Tab. 32 *Participação em projetos de transformação social*.

22 IBASE/POLIS *Pesquisa de Opinião: Juventude Brasileira e Democracia, Participação e Esferas de Políticas Públicas*. Rio de Janeiro: IBASE/POLIS, 2005.

em geral, quanto maior a idade menor o grau de associação. Já nos grupos jovens ligados à política e aos movimentos sociais quanto maior a idade, maior o grau de ativismo.

Explicitamente é revelador que os jovens rejeitem o estigma de ingênuos e alienados políticos. Perguntado se demonstram interesse e disponibilidade na política, demonstraram que sim, porém evidenciam desconfiança nos operadores políticos e nas instituições oficiais. Segundo Hannah Arendt (1998)²³, os preconceitos contra política são tão velhos quanto a democracia de partidos, mas não conseguem nunca superar o desejo de liberdade que a política proporciona:

Na História conseguiu-se freqüentemente varrer do mapa o homem enquanto ser atuante, mas não em escala mundial- seja na forma da tirania que hoje nos dá a impressão de estar fora de moda, na qual a vontade de um homem ‘exige pista livre’; seja na forma moderna de dominação total, na qual se deseja liberar os processos e ‘forças históricas’ impessoais supostamente mais elevadas e escravizar os homens para elas. [...] o a-político mostra-se na dinâmica que lhe é característica e que ela desencadeia, na qual cada coisa e tudo antes tido como grande hoje pode cair no esquecimento (ARENDRT, 1998, p.27).

Considerando-se a mudança do contexto social brasileiro, a década de 90 representou “a síntese entre velhos e novos problemas e demandas resultando em uma nova formulação: lutas pela inclusão social” (NOVAES, 2005.p.01)²⁴. A participação política juvenil, desde a década de 90 tem atuado de variadas formas, com referências diversas, mas pelo prisma da inclusão social. O direito à inclusão social como demanda referencial da participação política juvenil atualmente, segundo Novaes (2005), resulta de graus crescentes de vulnerabilidade e ‘medo de sobrar’ que a juventude tem sofrido em diversos campos sociais. Para Carrano (2005, p.2)²⁵

As dificuldades sociais e econômicas enfrentadas pela maioria da população jovem brasileira incidem diretamente no aumento da sensação de insegurança no presente e das incertezas quanto à vida futura. É num quadro de crescente instabilidade e desesperança frente às capacidades do Estado em promover direitos, bem estar social e segurança que se estabelecem os principais entraves para o desenvolvimento da cidadania e da participação juvenil.

Nessa configuração, cinco seriam os indutores (forma e demanda) de participação política juvenil (NOVAES, 2005 – partes em negrito que seguem são dessa autora):

1. As apropriações juvenis do ideário ecológico. – A questão sócio-ambiental tem-se tornado tema obrigatório nos espaços de sociabilização política de jovens.
2. Os novos sentidos do casamento entre “educação e trabalho”- No último relatório feito pelo IBASE e PÓLIS em 2008, a principal demanda política requerida pela juventude sul-americana foi a demanda educacional; houve um consenso pela necessidade de qualificar a educação, de o Estado ter que investir mais recursos públicos; de que a educação formal esteja reproduzindo práticas discriminatórias, e que esteja distante do universo real do segmento juvenil. No entanto, para além da educação formal, da erradicação do analfabetismo, da ampliação da escolaridade, do emprego formal, de condições de trabalho e de melhores salários, a juventude tem participado com freqüência de políticas públicas de juventude, o que lhe permite viabilizar novas formas de inserção no mercado, na escola e na comunidade, tais como economia solidária, produção de eventos comunitários etc.

23 ARENDRT, Hannah. Trad. Reinaldo Guarany. *O que é política? Fragmentos das obras póstumas de Úrsula Ludz*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

24 NOVAES, Regina. *A Juventude de Hoje: (Re) Invenções da Participação Social*. Resumo da Conferência do 75º Aniversário da Fundação W.K.KELLOG. São Paulo: 2005. Disponível em: http://www.wkkf.org/DesktopModules/WKF_Dmaltem/ViewDoc.aspx?LanguageID=2&CID=145&ListID=28&ItemID=1450049&fld=PDFFile . Acessado em setembro de 2008.

25 CARRANO, Paulo. *Juventude e Participação social no Brasil - evidências de um diálogo nacional com jovens de regiões metropolitanas*. São Paulo: IBASE/POLIS, 2005.

3. As novas versões das lutas pelos Direitos Humanos- movimentos juvenis têm-se apropriado do referencial ‘direitos humanos’ e com ele mobilizado diferentes lutas frente à banalização da violência, da morte e das pendências legais.
4. A Arte e a Cultura na construção do espaço público- É significativo o fato de as experiências socialmente públicas da juventude terem sido destacadamente ações em torno da produção de sentidos simbólicos e identidades coletivas, o que se convencionou chamar de cidadania cultural (CRUZ *apud* BRANCO; ABRAMO). Segundo pesquisa nacional²⁶, quase metade dos jovens que participam de algum grupo, disseram que o grupo tem como força mobilizadora as atividades culturais. Os dados dessa pesquisa confirmam que “é preciso favorecer o acesso a espaços, equipamentos, instituições e serviços de cultura e lazer que alarguem as possibilidades culturais de escolha no tempo livre para todos os jovens brasileiros” (BRANCO; ABRAMO, 2005, p.210)²⁷.
5. Os efeitos e as potencialidades das novas tecnologias de informação- Movimentos juvenis têm contribuído significativamente pelas redes virtuais para denunciar, questionar, enfim consolidar contatos, e campanhas.. Em toda literatura sobre o impacto da internet na extensão das possibilidades de participação política, dois vetores se consolidaram após a primeira metade da década de 90: primeiro, insiste-se na recuperação da esfera da discussão pública, e, segundo, destaca-se a capacidade da internet em superar o déficit democrático dos tradicionais meios de comunicação de massa. Nessa linhagem literária, a internet apresenta as seguintes vantagens para o encadeamento das funções de participação política: superação dos limites de tempo e espaço, extensão e qualidade do estoque de informações, comodidade, conforto, conveniência e baixo custo, sem controles e filtros, interatividade e oportunidades para vozes excluídas (GOMES, 2004)²⁸.

É certo que ao analisarem-se as novas tendências metodológicas de participação política pós – advento da internet há que se considerar também as novidades proporcionadas pelos portais governamentais. Afinal, as relações de cidadania participativa promovida pelos Estados nacionais a partir de seus portais na internet foram alteradas sob muitos aspectos, principalmente no que concerne à comunicação dos cidadãos com os governos, proporcionando condições básicas de transparência e interatividade (VAZ, 2003)²⁹. Uma vez que esses portais governamentais estejam atraindo os cidadãos e assim reforçando o sentido da participação política, poder-se-ia assinalar que os governos também estejam agindo como militantes virtuais em busca dos melhores caminhos para conscientizar e oportunizar a participação de todos.

Outra tendência de ampla importância para o cenário de juventude e participação é a disposição ao voluntariado. Historicamente, o princípio do voluntariado ganhou grande destaque e atraiu numerosos jovens como forma de posição frente aos problemas coletivos (BRANCO; ABRAMO, 2005)³⁰. No entanto, a despeito da maior parte dos autores não abordarem esse aspecto, sabe-se que a maioria dos jovens que participam de alguma ação coletiva, o fazem sem receber retorno pecuniário. Ou seja, a dicotomia criada por alguns de que os jovens voluntários (como se costuma chamar aqueles ligados a pequenas ações) teriam um grau maior de alteridade que os demais não se verifica na prática. Dessa forma, não se pode julgar como “virtuosa” a ação daqueles que plantam árvores no fim de semana, em oposição à dos que militam no movimento

26 Pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, Instituto Cidadania e Perseu Abramo, 2005.

27 BRANCO, Pedro Paulo Martoni; ABRAMO, Helena Wendel (orgs). *Retratos da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: 1ª ed. Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2005.

28 GOMES, Wilson. Comunicação e Democracia de Massa: problemas e perspectivas. *Internet e participação política em sociedades democráticas*. São Paulo: Editora Paulus, 2004.

29 VAZ, José Carlos. *Uso da Internet pelos governos e promoção da cidadania*. Revista UNICSUL, dez 2003, v. 8, nº 10, p 54-65.

30 BRANCO, Pedro Paulo Martoni; ABRAMO, Helena Wendel (orgs). *Retratos da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: 1ª ed. Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2005.

ecológico pelas florestas, ou no estudantil ou partidário, visto que, em regra, esses apontam para sentimentos de preocupação coletiva. Todavia, vale fazer o registro de outras posições que mostram os seguintes fatos como justificativa para mudança no “estilo” de participação juvenil:

1. Na metade da década de 80, a desilusão com a via política acompanhou ainda a globalização, ou seja, a quebra de barreiras comerciais e os fluxos de capitais;
2. As revoluções das décadas de 50 a 80 (China, Cuba, Argélia, Vietnã, Nicarágua, Praga e Chile) produziram a crença de que romperiam regimes opressivos e injustos em que as desigualdades seriam eliminadas. Aos poucos, porém, tal crença revelou-se insuficiente;
3. O neoliberalismo eliminou gastos sociais e substituiu serviços públicos fundamentais por subvenções a organizações não-governamentais para que elas prestassem esse serviço.

Por tudo isso surge então o Terceiro Setor como grande absorvedor de mão de obra juvenil, disposto a assumir, como missão, a ajuda aos outros e à solidariedade. As pessoas assim engajadas estão resolvidas a enfrentar o agravamento das condições sociais, provocado pela crise do trabalho, por meio da ação direta. (BRANCO; ABRAMO, 2005, p.32)

A título também de conteúdos de participação, admite-se que com a força dos Fóruns Sociais Mundiais, em que a presença juvenil é marcante, tem-se consolidado a concepção de um mundo melhor, baseado em termos de sustentabilidade ambiental e justiça social, ainda que haja dificuldades em se definir os aspectos estratégicos da luta do povo em escala global. Pesquisa feita com 3.501 jovens de 25 estados do Brasil sobre os valores mais importantes para uma sociedade ideal, constatou o seguinte, do primeiro ao quinto lugar: 55% dos jovens optaram por *solidariedade*, 50% *respeito às diferenças*, 46% *igualdade de oportunidade*, 44% *temor a Deus* e 41% *justiça social*³¹.

Destaca-se a rejeição pela maneira destrutiva com que empresas e governos tratam os recursos naturais e a atmosfera. De certo, a postura ideológica da juventude da atual geração aposta na capacidade de mobilização da sociedade civil para encarar os desafios ambientais, econômicos e sociais, colocados pela globalização neoliberal e pela revolução digital, tanto pela via das micro quanto das macro-narrativas.

A juventude deseja ajudar o mundo a mudar e pensa em fazê-lo menos mediante a militância política do que pela ação direta. Mas a maior parte dela, antes de poder contribuir para a mudança, tem que ser ajudada. [...] os jovens brasileiros vão à luta por um Brasil melhor desde que obtenham as bases materiais mínimas de sobrevivência. (BRANCO; ABRAMO, 2005, p.34)

Para Dayrell e Carrano (2008)³², as novas formas e temáticas de participação da juventude indicam um quadro de crise e mutação na esfera política “no qual a ação coletiva dos jovens, bem como os movimentos sociais, podem estar ocorrendo de formas múltiplas, variáveis e com níveis diversos de intervenção no social, muitas vezes de forma fluida e pouco estruturada”. O Fórum Social Mundial de 2002, em Porto Alegre, realizado com 60 mil jovens de todo mundo evidenciou o tipo de convivência política engendrada pela nova geração, “um outro mundo é possível, significou um verdadeiro ritual, espaço de encontro, de festa, de celebração e revitalização de utopias, um contraponto ao clima de incertezas da globalização neoliberal” (p.18)

31 Pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”. Instituto Cidadania e Perseu Abramo, São Paulo 2005.

32 DAYRELL, Juez; CARRANO, Paulo. *Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo*. Observatório Jovem. Rio de Janeiro. Disponível em: www.uff.br/obsjovem/mambo/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=34. Acesso em: 12 de outubro de 2008.

Em indicativo espacial participativo, POERNER (1979)³³ defende que o espaço universitário é a maior escola de líderes políticos, centro que molda consciências e mentalidades a respeito dos problemas do país, que levam a posições, idiosincrasias, estigmas e pontos de vista que se carregam vida afora. Isso é provocado principalmente pela desilusão do universitário, ao sentir a universidade distante da realidade, pelo alto preço cobrado, pelas horas de estudo intenso e concentrado, após enfrentar as rigorosas eliminatórias do vestibular, estrutura arcaica que permanece estática e alienada. Refere ainda que na história há vários fatos que levam a essa conclusão, como o atraso da implantação do curso superior no Brasil, o controle pelos governos do acordo MEC-USAID e a Lei Suplicy de 1966 que, marcadamente deterioraram a já malfadada universidade brasileira.

É significativo o fato de que as experiências socialmente públicas da juventude têm sido, destacadamente, ações em torno da produção de sentidos simbólicos e identidades coletivas, o que se convencionou chamar de cidadania cultural (CRUZ *apud* BRANCO; ABRAMO e MENDES DE ALMEIDA E EUGENIO 2006)³⁴. Segundo pesquisa nacional³⁵, quase metade dos jovens que participam estão envolvidos em grupos culturais. Os dados dessa pesquisa confirmam que “é preciso favorecer o acesso a espaços, equipamentos, instituições e serviços de cultura e lazer que alarguem as possibilidades culturais de escolha no tempo livre para todos os jovens brasileiros” (BRANCO; ABRAMO, 2005, p.210).

Em pesquisa feita com 47.832.670 jovens, apurou-se que 27,3% dos jovens brasileiros declararam que participam ou já participaram de alguma organização associativa o que representa em termos absolutos aproximadamente 13 milhões de jovens distribuídos por ONGs, movimentos sociais, partidos políticos, grupos religiosos, ecológicos, sindicatos, agremiações esportivas, grupos de dança, de música e congêneres. Verifica-se que sobre os tipos de associação à qual pertencem ou pertenceram, 81,10% indicaram ser de caráter religioso, 23,6% do tipo organizacional (esportiva, ecológica, cultural, artística e assistencial), 18,7% de caráter corporativo (trabalhista e estudantil) e 3,3% de caráter partidário.

TABELA 2. Distribuição dos jovens segundo declaração de participação em associação, Brasil, 2004.

Participação em alguma associação	%	N
Não participa	72,6%	34.721.035
Sim, participa	27,3%	13.044.736
Não opinou	0,1%	66.899
Total	100,00%	47.832.670

FONTE: Pesquisa “Juventude: Juventudes, o que une e o que separa”. UNESCO, 2004. Foi perguntado ao jovem: *E você participa ou já participou de alguma organização social, como uma associação religiosa, ecológica, política, etc?*

Outro dado indicativo dos perfis de participação política, que dão subsídio à análise de Programas Públicos de Juventude, insere-se na preferência da juventude por regimes políticos democráticos, permitindo distinguir um nível de cidadania correspondente a visões de solidariedade, participação e rede. Metade dos jovens entrevistados³⁶ optaram por democracia, apesar de a pesquisa não fazer especificações quanto à qualidade dessas democracias. Porém, sugere-se que a formação de uma política para juventude deve primar pela via da participação de jovens desde o momento da concepção até a execução da política pública.

33 POERNER, Arthur José. *O poder jovem. História da participação política dos estudantes brasileiros*. 2ª edição revisada e ilustrada e ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (Coleção Retratos do Brasil, volume 68).

34 MENDES DE ALMEIDA, Maria Isabel e EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas Jovens*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

35 Pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, Instituto Cidadania e Perseu Abramo, 2005.

36 Pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, Instituto Cidadania e Perseu Abramo, 2005

Tanto quanto há jovens envolvidos em violências, também são consideráveis os contingentes de jovens que estão seguindo suas vidas, sobrevivendo, construindo carreiras, participando utilmente da vida social, assim como são numerosos os envolvidos em experiências de cultura, de empreendedorismo, de atividades comunitárias. São jovens que, mesmo quando vivem em áreas de pobreza e de restrições de oportunidades, reagiram por sua conta ou com a colaboração de instituições várias, vivenciando projetos artísticos, ecológicos ou político-partidários. As políticas públicas, por outro lado, representam importante instrumento para fortalecer esse ativismo, tomando-se cuidado com a autonomia, sem resvalar na cooptação.

É diagnosticado, em diversas pesquisas sobre juventude no Brasil, que o interesse e a participação dos jovens na vida pública não se esvaziou (BRENNER; CARRANO, 2008)³⁷, ainda que os contextos sociais e econômicos estejam cada vez mais cedo encurralando jovens para o precário mercado de trabalho, tomando o tempo livre para agrupamentos. Ainda que a mídia comercial tenda a manipular as muitas formas de resistência num disfarçado teatro de felicidade obtida simplesmente pelo consumo de apetrechos, os jovens vêm-se mostrando bastante adaptáveis e adaptadores dessas condições. Ou seja, novas são as motivações objetivas que inibem o processo de participação juvenil, porém, muitas são as adaptações e mutações, engendradas pelo jovem, que favorecem os processos de participação.

O estado da arte sobre juventudes no Brasil indica que o campo de participação vem sendo retomado com vigor por vários autores, considerando cada vez mais o empírico e a diversidade de frentes em que estão os jovens e, se alguns alertam para desencantos de jovens, e não jovens, com a política convencional, também explicitam a que tipo de política convencional se referem, ou seja, a vícios, muitas vezes generalizados para todas as instituições do campo. Também se alerta que é preciso discutir mais a diversidade de formas de fazer política na contemporaneidade. Aqui se acrescenta, já adiantando achados da pesquisa com ativistas na 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude, que se são muitos os pontos de decolagem para participação, não necessariamente para muitos, há caminhos únicos e cada vez mais se questionam dicotomias como: público x privado, reconhecimento x redistribuição, reforma x revolução de costume, políticas compensatórias x perspectiva estrutural, focalização x universalismo, sem sufocar projetos político-culturais de transformação. De fato, sair da retórica do universalismo para uma prática de transformação do hoje e do amanhã, sem isolar-se em fragmentos, é projeto complexo e pede muito mais reflexão e ação que a aqui anunciada, mas é tarefa urgente e pode contribuir para ampliar horizontes de atuação, como bem sugere Bauman (2000: p 204)³⁸:

Tal universalidade que ultrapassa os confins das comunidades soberanas ou quase soberanas é condição *sine qua non* para a República ultrapassar os confins dos Estados soberanos ou quase soberanos – e essa é a única alternativa da república às forças cegas, elementares, erráticas, descontroladas, divisionistas e polarizantes da globalização. Parafraseando o estudante esperançoso e cheio de vida que se transformaria em Karl Marx, só as mariposas noturnas consideram a lâmpada doméstica um substituto satisfatório para o sol universal. Quanto mais cerradas as persianas mais fácil será perder a alvorada. Além disso, o sol não pode deixar de se pôr mesmo sobre os mais poderosos dos impérios, mas com toda certeza nunca se põe sobre o planeta dos homens [e das mulheres] (BAUMAN, 2000).

37 BRENNER, Ana Karina; CARRANO, Paulo. *Formas e conteúdos da participação de jovens na vida pública*. Observatório Jovem do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2008. Disponível em: http://www.uff.br/obsjovem/mambo/index.php?option=com_content&task=view&id=541&Itemid=23. Acessado em: 12 de outubro de 2008.

38 BAUMAN, Zygmunt *Em Busca da Política*. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 2000.

Anexo de tabelas

TABELA A-1. Principal Bandeira de luta segundo os participantes da Conferência Nacional de Juventude - Brasília, 2008.

Bandeira	%	N
Educação	22,76	422
Políticas Públicas	7,93	147
Igualdade social	7,12	132
Trabalho	6,20	115
Direitos da juventude	5,61	104
Cultura	3,78	70
Participação	3,67	68
Movimento negro	3,13	58
Juventude Rural	3,02	56
Protagonismo / Autonomia	2,27	42
Meio Ambiente	2,05	38
Passê livre	2,00	37
Outros	1,83	34
Socialismo	1,78	33
Conscientização Política	1,29	24
GLBT	1,29	24
Contra uso de drogas	0,97	18
Esporte e lazer	0,97	18
Segurança / Contra a violência	0,92	17
Diversidade	0,86	16
Sexualidade	0,86	16
Direito dos deficientes	0,81	15
Movimento estudantil	0,81	15
Meios de comunicação	0,81	15
Saúde Pública	0,76	14
Mulheres / Gênero	0,76	14
Família	0,70	13
Indígenas	0,65	12
Ciência e tecnologia	0,43	8
Religiosidade	0,43	8
PEC	0,38	7
Cidades	0,38	7
Povos tradicionais	0,32	6
Plano Nacional da Juventude	0,16	3
Em branco / nulo	12,30	228
TOTAL	100,00	1854

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude - Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude (coord. Castro e Abramovay, 2008).

NOTA: Pergunta em aberto: *Qual a sua principal bandeira de luta no campo da juventude.*

TABELA A-2. Percentual de participantes da Conferência Nacional da Juventude com determinado tipo de participação que concordam com as afirmativas abaixo referentes aos jovens de hoje - Brasília, 2008.

Afirmativas	Participantes			
	Delegado	Observador	Outro	Total
Os jovens não se preocupam com a política	17,5%	27,8%	23,1%	19,5%
A família é a principal referência na vida dos jovens	64,7%	61,7%	55,6%	62,7%
O jovem tem pouca oportunidade de participar via poderes constituídos (Executivo, Legislativo, Judiciário)	69,2%	62,3%	67,9%	68,4%
Na política, há lugar para os jovens se manifestarem	39,0%	28,4%	37,5%	37,8%
A vida dos jovens não se conecta com política já que seus interesses estão em espaços individuais e não coletivos.	0,5%	2,5%	0,3%	0,6%
Instituições da sociedade civil mais que partidos políticos dão oportunidade de participação política para jovens	37,0%	32,1%	38,1%	36,8%
Os jovens no Brasil hoje têm mais gratificação no campo cultural que no campo político	31,4%	29,6%	36,6%	32,2%
A geração de jovens hoje em relação à de seus pais é marcada por desencantos em relação ao futuro	33,0%	35,8%	30,3%	32,7%
No campo de juventude é melhor participar de ONG ou de Movimento social que de partido político	27,0%	24,1%	26,4%	26,7%
A geração dos anos 60 e 70 teve uma maior participação política que os jovens da geração atual	36,4%	34,6%	38,4%	36,6%
Os jovens são desmotivados	30,0%	30,2%	27,6%	29,6%
Os jovens de hoje em relação aos seus pais estão melhor em relação à educação	41,8%	29,0%	37,5%	39,9%
Os jovens de hoje em relação aos seus pais estão melhor quanto à sexualidade	45,6%	40,7%	51,7%	46,2%
Os jovens de hoje em relação aos seus pais estão pior quanto ao trabalho	42,0%	35,8%	44,7%	41,9%
Os jovens de hoje em relação aos seus pais estão pior quanto a segurança	59,6%	54,3%	61,3%	59,4%

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude (coord. Castro e Abramovay, 2008).

NOTA: Foi dito aos jovens: *Para cada frase em relação ao jovem, citada, gostaria de saber se você concorda ou discorda.* 1 - CONCORDA; 2 - DISCORDA.

TABELA A-3. Percentual de participantes da Conferência Nacional da Juventude de determinada faixa etária que concordam com as afirmativas abaixo referentes aos jovens de hoje - Brasília, 2008.

Afirmativas sobre os Jovens	Idade					
	Menos de 15	15-18	19-25	26-29	30 ou mais	Total
Os jovens não se preocupam com a política	57,1%	18,2%	18,2%	21,7%	18,6%	19,2%
A família é a principal referência na vida dos jovens	71,4%	68,7%	62,5%	58,8%	63,9%	62,8%
O jovem tem pouca oportunidade de participar via poderes constituídos	57,1%	67,8%	71,7%	67,0%	62,3%	68,2%
Na política, há lugar para os jovens se manifestarem	14,3%	32,2%	34,9%	44,0%	41,1%	37,7%
A vida dos jovens não se conecta com política já que seus interesses estão em espaços individuais e não coletivos.	0,0%	1,4%	0,4%	1,0%	0,5%	0,7%
Instituições da sociedade civil mais que partidos políticos dão oportunidade de participação política para jovens	28,6%	34,1%	36,5%	35,5%	38,5%	36,4%
Os jovens no Brasil têm mais gratificação no campo cultura que no campo político	28,6%	32,7%	30,0%	35,8%	31,3%	31,8%
A geração de jovens hoje em relação à de seus pais é marcada por desencantos em relação ao futuro	42,9%	29,4%	31,3%	35,3%	34,5%	32,6%
No campo de juventude é melhor participar de ONG ou de Movimento social que de partido político	57,1%	35,0%	27,1%	22,0%	24,1%	26,5%
A geração dos anos 60 e 70 teve uma maior participação política que os jovens da geração atual	28,6%	36,9%	33,2%	40,2%	39,0%	36,3%
Os jovens são desmotivados	42,9%	32,7%	30,5%	27,1%	26,3%	29,2%
Os jovens de hoje em relação aos seus pais estão melhor em relação à educação	57,1%	38,8%	39,6%	38,9%	40,1%	39,5%
Os jovens de hoje em relação aos seus pais estão melhor quanto à sexualidade	28,6%	38,3%	45,2%	48,8%	48,5%	45,8%
Os jovens de hoje em relação aos seus pais estão pior quanto a trabalho	57,1%	31,3%	40,0%	46,0%	46,7%	41,7%
Os jovens de hoje em relação aos seus pais estão pior quanto a segurança	42,9%	54,7%	57,5%	59,3%	65,3%	59,1%

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude (Coord. Castro e Abramovay, 2008).

NOTA: Foi dito aos jovens: *Para cada frase em relação ao jovem, citada, gostaria de saber se você concorda ou discorda.* 1 - CONCORDA; 2 - DISCORDA.

2.

Perfil sócio-demográfico e político institucional percepções várias

A partir de questionários aplicados aos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude que teve lugar em Brasília em 2008, traça-se neste capítulo um perfil sócio-demográfico desses e analisam-se algumas percepções sobre temas variados e afins com o debate sobre políticas de juventude, sua institucionalização e temas candentes contemporâneos. Somente em algumas tabelas se identificam os que participaram na qualidade de delegados e de outras categorias (não delegados), considerando que na maioria dos casos não são significativas as diferenças entre esses grupos e que cerca de 70% dos participantes da 1ª Conferência que responderam os questionários eram delegados, tende-se a não detalhar tal distinção.

PERFIL SÓCIO-DEMOGRÁFICO

Considerando o lugar de residência, tem-se que a maioria dos participantes vieram da região Nordeste (29,0%) e do Sudeste (28,3%), mas que todas as regiões estiveram representadas na Conferência (Ver tabela 3 a seguir). O estado mais representado na Conferência foi São Paulo com 13,8%, seguido do Distrito Federal (11,1%). (Ver Tabela 4 a seguir). Note-se que tal quadro se aproxima da distribuição regional dos jovens entre 15-29 anos no Brasil como um todo. Segundo a pesquisa com jovens no Brasil, com a colaboração do IBOPE, publicada no livro “Juventude, Juventudes: o que une e o que separa” (ABRAMOVAY e CASTRO, 2006)³⁹ a maioria dos jovens está concentrada na região Sudeste (41,8% da população jovem, segundo grande região).

TABELA 3. Região de procedência dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude - Brasília, 2008.

Região	%	N
Nordeste	29,0	538
Sudeste	28,3	525
Centro-oeste	16,9	313
Norte	14,9	276
Sul	10,4	193
Em branco	0,5	9
Total	100,0	1854

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado: *Qual a sua região de procedência?*

39 ABRAMOVAY, Miriam e CASTRO, Mary Garcia (coord.) *Juventude, Juventudes, o que une e o que separa* Brasília: UNESCO, 2006.

TABELA 4. Estado de procedência dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude - Brasília, 2008.

Estados	%	N
São Paulo	13,8	255
Distrito Federal	11,1	205
Bahia	7,0	129
Minas Gerais	6,6	123
Rio de Janeiro	5,8	108
Pernambuco	5,2	96
Ceará	4,6	86
Rio Grande do Sul	4,4	81
Tocantins	4,3	80
Pará	3,6	66
Maranhão	3,5	65
Paraná	3,3	61
Goiás	2,8	52
Santa Catarina	2,8	51
Espírito Santo	2,1	39
Piauí	2,0	37
Amazônia	1,9	36
Amapá	1,9	36
Rio Grande do Norte	1,9	36
Alagoas	1,8	34
Mato Grosso	1,6	29
Sergipe	1,5	28
Mato Grosso do Sul	1,5	27
Paraíba	1,5	27
Acre	1,1	21
Rondônia	1,1	21
Roraima	0,9	16
Em Branco	0,5	9
Total	100,0	1854

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado: *Qual o seu Estado de procedência?*

Na Primeira Conferência Nacional de Juventude, dentre aqueles que estiveram presentes, quase 80% eram jovens (15 a 29 anos), em particular entre os delegados, o que evidencia o engajamento de parcela juvenil no campo de políticas de juventude, já que segundo a pesquisa coordenada por Abramovay e Castro, 2006, em 2004, os jovens (entre 15 e 29 anos) representavam 28,2% em relação à população total do Brasil.

A maioria dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude tinham entre 19 e 25 anos (45,9%). Contudo, uma expressiva parcela de participantes (20,6%) foram pessoas com 30 anos ou mais – mais representados entre os não delegados (29,5% que entre os delegados (17,0%) – Ver tabela 5 a seguir.

TABELA 5. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude, segundo a idade / participantes, Brasília, 2008.

Idade	Tipo de Participação		
	Delegado	Não delegado	Total
Menos de 15	0,2%	0,8%	0,4%
15-18	12,9%	8,7%	11,7%
19-25	48,2%	40,3%	45,9%
26-29	21,6%	20,7%	21,4%
30 ou mais	17,0%	29,5%	20,6%
Total	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado: *Idade*.

Separando a análise por sexo, percebe-se uma leve predominância de mulheres entre as idades de menos de 15 anos – 0,7% sexo feminino 0,1% sexo masculino – e de 15 a 18 anos – 13,8% sexo feminino e 10,3% sexo masculino. Já na faixa etária de 19 a 29 anos, a maioria dos participantes é do sexo masculino. Entre 19 e 25 anos, 46,9% são do sexo masculino enquanto 44,5% do sexo feminino. Na faixa de 26 a 29 anos, a diferença é relativamente elevada, 24% são do sexo masculino para 17,3% do sexo feminino. Maiores de 30 anos concentram novamente uma proporção maior de participantes do sexo feminino (23,6%) do que do sexo masculino (18,6%).

TABELA 5.1. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude, segundo a idade / sexo, Brasília, 2008.

Idade	Sexo		
	Feminino	Masculino	Total
Menos de 15	0,7%	0,1%	0,4%
15-18	13,8%	10,3%	11,7%
19-25	44,5%	46,9%	45,9%
26-29	17,3%	24,0%	21,4%
30 ou mais	23,6%	18,6%	20,6%
Total	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Secretaria Nacional de Juventude - Pesquisa sobre A Conferência Nacional de Juventude. Perfil e Recomendação dos Participantes (Abramovay e Castro - coord.- 2008)

Quanto à distribuição por sexo no geral, percebe-se que entre os participantes da Conferência predominam os do sexo masculino (60,5 %), mas, apesar de que é ser expressiva a presença das mulheres quer como delegadas (cerca de 39%) quer como não delegadas (41%), há que mais investir no que as jovens defendem, ou seja, que: *lugar de mulher é na política*. (Ver tabela 6 a seguir).

TABELA 6. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo o sexo - Brasília, 2008.

Sexo	Tipo de Participação		
	Delegado	Não delegado	Total
Feminino	38,7%	41,1%	39,4%
Masculino	61,3%	58,5%	60,5%
Outra forma	0,1%	0,4%	0,2%
Total	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado: sexo e além das alternativas Feminino e Masculino a alternativa "Se preferir se identifique de outra forma."

A pesquisa inova ao apresentar aos participantes, além das comuns alternativas sobre inscrição sexual, masculino ou feminino, a opção por “outra forma de se identificar por sexo”. Nessa categoria estão 0,2% dos participantes. Pergunta-se também sobre a orientação sexual, identificando-se 89,5% dos participantes como heterossexuais, 4,4% como homossexuais e 2,4% como bissexuais. (Ver tabela 7 a seguir).

TABELA 7. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo a orientação sexual - Brasília, 2008.

Orientação Sexual	%	N
Heterossexual	89,5	1659
Homossexual	4,4	81
Bissexual	2,4	44
Outra forma *	0,8	14
Em branco	3,0	56
Total	100,0	1854

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado: *Qual a sua orientação sexual?*
 • Em aberto.

Segundo a orientação sexual, outras formas foram inexpressivas, sendo que 99,3% dos participantes não revelaram optar por nenhuma outra alternativa apresentada. Esses assinalaram a opção em branco. (Ver tabela 7.1 a seguir).

TABELA 7.1. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo a orientação sexual - Outras formas de auto-classificação - Brasília, 2008.

Orientação Sexual	%	N
Em Branco	99,3	1841
Curioso	0,1	1
Gay	0,1	1
Gosto Mesmo de Mulher	0,1	1
Homem	0,1	1
Já Disse Que Sou Homem Porra!	0,1	1
Lésbica	0,1	1
Não Tenho Juízo Sexual	0,1	1
Nenhuma, Atualmente Estou Homo	0,1	1
Pan	0,1	1
Sem Rótulo com Liberdade	0,1	1
Sou Anjo	0,1	1
Transgênero	0,1	1
Transsexual	0,1	1
Total	100,0	1854

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado: *qual a orientação sexual dos participantes, - casos de outras formas de auto classificação.*

Em relação à inscrição étnica-racial, a maioria dos participantes se automearam como brancos e em segundo lugar como negros, 45,5% e 32,3% respectivamente. Por outro lado, 11,3% informou que seriam “pardos/mestiços” (Ver tabela 8 a seguir). Tal resultado se diferencia bastante do obtido para o perfil da juventude (15 a 29 anos) (ABRAMOVAY e CASTRO, 2006),

pois segundo ela, a maioria da população jovem quanto à cor/raça autoatribuída, denomina-se pardo/moreno (53,5%), sendo que aqueles que se autodenominam como negros representam apenas 11,4%).

TABELA 8. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo autoidentificação quanto à “raça” - Brasília, 2008.

Raça	%	N
Branca	45,5	843
Negra	32,3	599
Outra forma de autoidentificação - (Pardo, Mestiço).	11,3	210
Indígena	4,7	87
Outra forma de auto identificação - (Brasileira)	1,0	18
Outra forma de autoidentificação - (Vários)	0,9	16
Outra forma de autoidentificação - (Afro descendente)	0,8	14
Outra forma de autoidentificação (Humano)	0,7	13
Outra forma de autoidentificação - (Amarela)	0,5	9
Outra forma de autoidentificação - (Caboclo)	0,3	6
Oriental	0,2	4
Outra forma de autoidentificação - (Cigano)	0,2	4
Em branco	1,7	31
Total	100,0	1854

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado: raça.

A grande maioria das pessoas que participou da Conferência estuda e trabalha (57,4%, sendo que 58,3% entre delegados e 56,7% entre não delegados). É também expressiva a proporção de pessoas que apenas trabalham (24,3% entre delegados e 27,5% entre não delegados). Já 2,4% se registra como não estuda e não trabalha. (Ver tabela 9 a seguir).

É interessante comparar esses dados com aqueles da última Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD, 2007), empreendida pelo IBGE. O índice de estudo e trabalho concomitante é maior entre os jovens com idade entre 18 e 24 anos (17,5% entre os homens e 14,9% entre as mulheres), sendo ainda assim bem menor do que aquele encontrado entre os participantes da Conferência. A PNAD aponta ainda que um número bastante expressivo de jovens com mais de 18 anos apenas trabalha (na faixa entre 18 e 24 anos, 56,3% dos homens e 36,3% das mulheres só trabalham, números que se elevam, na faixa entre 25 e 29 anos, para 78,6% e 53,7%, respectivamente). As taxas de jovens que não trabalham nem estudam é bem maior na PNAD do que na conferência, variando de 7,4 % entre homens de 15 a 17 anos até 32,8 % entre mulheres de 25 a 29 anos⁴⁰.

⁴⁰ Talvez o número elevado de respostas “não estuda nem trabalha” entre mulheres com 18 anos ou mais esteja ligado à desvalorização do trabalho doméstico como atividade laboral.

TABELA 9. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo situação quanto a trabalho e estudo - Brasília, 2008.

Trabalho / Estudo	%	N
Estuda e trabalha	57,4	1065
Só trabalha	24,3	450
Só estuda	15,2	282
Não estuda e não trabalha	2,4	44
Em branco	0,7	13
Total	100,0	1854

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado aos participantes: *Qual a sua situação quanto a trabalho e estudo?*

Fazendo-se a análise anterior em relação ao sexo, nota-se uma predominância masculina entre os que estudam e trabalham (60,5% do sexo masculino e 53,5% do sexo feminino). Já entre os que só estudam, há predominância de participantes do sexo feminino (2,7%) em relação ao sexo masculino (2,2%). Entre os que só trabalham e os que não estudam e não trabalham, a diferença não é estatisticamente importante.

TABELA 9.1. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo situação quanto a trabalho e estudo / sexo - Brasília, 2008.

Estudo e Trabalho	Sexo		
	Feminino	Masculino	Total
Estuda e trabalha	53,5%	60,5%	57,4%
Só trabalha	25,3%	24,0%	24,3%
Só estuda	18,6%	13,4%	15,2%
Não estuda e não trabalha	2,7%	2,2%	2,4%
Em Branco			0,7
Total	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Secretaria Nacional de Juventude - Pesquisa sobre A Conferência Nacional de Juventude. Perfil e Recomendação dos Participantes (Abramovay e Castro - coord.- 2008)

Os jovens que participaram da Conferência em sua maioria (38,2%) se declaram em termos de nível de escolaridade, com ensino superior incompleto, independente da condição de participação (delegado ou não delegado) sendo também expressiva a proporção que já tem curso superior (sendo que 26,8% entre delegados e 33,8% entre não delegados); enquanto 6,2% afirmaram possuir apenas o ensino fundamental (ver tabela 10). Tal quadro difere do relativo à população jovem brasileira (ABRAMOVAY e CASTRO 2006), já que 35,8% estariam cursando o ensino médio, enquanto apenas 7,2% dos jovens têm como nível de escolaridade atual o ensino superior. Note-se que idade é uma variável que diferencia os tipos de participantes, sendo bem superior a proporção de delegados com nível médio de escolaridade (29,8%) que de não delegados (19,5%).

TABELA 10. Distribuição dos participantes (delegados e não delegados) da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo escolaridade atual - Brasília, 2008.

Escolaridade	Tipo de Participação		
	Delegado	Não delegado	Total
Ensino Fundamental	4,9%	9,4%	6,2%
Ensino Médio	29,8%	19,5%	26,8%
Ensino Superior incompleto	38,5%	37,3%	38,2%
Ensino Superior completo	26,8%	33,8%	28,8%
Total	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado aos participantes: *Se você estuda ou já estudou, qual a sua escolaridade atual?*

A maioria dos participantes da Conferência (43,0%) tem como rendimento estimado individual, entre 1 a 3 salários mínimos, em particular os delegados (46,7%). (Ver tabela 11 a seguir). No que se refere à renda familiar, a maioria dos participantes apontaram também para uma renda de 1 a 3 salários mínimos. Quase 30% dos delegados teriam renda familiar um pouco mais alta, de 4 a 6 salários mínimos. Isso sugere: ainda que seja alta a representação de uma população jovem pobre no campo de políticas de juventude, há uma variedade de juventudes quanto a nível socioeconômico (Ver tabela 12 a seguir).

TABELA 11. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo salário ou rendimento estimado - Brasília, 2008.

Rendimento Estimado	Tipo de Participação		
	Delegado	Não delegado	Total
Menos de 1 SM	21,9%	14,4%	19,7%
De 1 a 3 SM	46,7%	34,2%	43,0%
De 4 a 6 SM	19,7%	24,9%	21,2%
De 7 a 9 SM	6,6%	16,0%	9,4%
10 ou mais SM	5,1%	10,5%	6,7%
Total	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado aos participantes: *Se você trabalha qual o seu salário ou rendimento estimado?*

TABELA 12. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo rendimento familiar - Brasília, 2008.

Rendimento Familiar Estimado	Tipo de Participação		
	Delegado	Não delegado	Total
Menos de 1 SM	8,4%	7,8%	8,2%
De 1 a 3 SM	33,9%	19,7%	29,8%
De 4 a 6 SM	26,3%	23,5%	25,5%
De 7 a 9 SM	15,4%	18,7%	16,4%
10 ou mais SM	13,1%	25,2%	16,6%
Vive só; não sabe	3,0%	5,0%	3,6%
Total	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado aos participantes: *Em quanto estima sua renda familiar?*

A autotransclassificação quanto à classe social guarda coerência com a informação sobre rendimentos: a maioria dos participantes auto- classificaram-se como pertencentes à classe média baixa: 40,3% entre delegados e 37,1% entre não delegados). Já 32,5% consideraram que pertencem à classe média média (30,9% entre delegados e 37,1% entre não delegados), e apenas 3,5% afirmaram pertencer à classe média alta, inflando essa proporção os não delegados (6,0%), já que entre os delegados apenas 2,1% se autotransclassificam como tal. (Ver tabela 13 a seguir).

TABELA 13. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo classe social (autotransclassificação) - Brasília, 2008.

Classe Social	%	N
Classe Média Baixa	38,9	722
Classe Média Média	32,5	603
Pobre	23,4	433
Classe Média Alta	3,5	65
Rico	0,6	11
Em branco	1,1	20
Total	100,0	1854

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado aos participantes *Qual a sua classe social?*

Quanto à religião, tem-se que a maioria dos participantes declara-se católica (45,7%). Porém, muitos se apresentam como não adeptos a nenhuma religião (17,3%). A variedade de inscrições religiosas – ainda que concentrem cada uma menos de 10% dos participantes- e dos que se designam por outra forma que não as apresentadas indicam um rico mosaico da distribuição segundo à religião, não tendo se encontrado diferenças significativas entre delegados e não delegados em relação a esse tema (Ver tabela 14 a seguir).

TABELA 14. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo religião - Brasília, 2008.

Religião	%	N
Católica	45,7	847
Não tem religião	17,3	321
Evangélica	13,2	244
Espírita/ Kardecista	4,5	84
Ateu	4,4	82
Outras	3,3	62
Candomblé	2,2	40
Protestante	1,6	29
Umbanda	1,4	26
Batista/ Metodista/ Presbiteriana	1,0	19
Budista	0,6	12
Outra forma - “Agnóstico”	0,6	12
Outra forma - “Espiritualista”	0,6	12
Outra forma - “Cristão”	0,5	10
Outra forma - “Crença em Deus”	0,5	10
Pentecostal	0,3	5
Judaica	0,2	4
Islâmica	0,2	3
Em branco	1,7	32
Total	100,0	1854

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado aos participantes: *Qual a sua religião?*

Considerando o tipo de família, identifica-se que a maioria dos participantes pertencem a uma família extensa, estando presentes o núcleo de pai e mãe (18,3%) e 15% constituíram família própria, vivendo com marido, esposa ou companheiro (a). (Ver tabela 15 a seguir).

TABELA 15. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo arranjo familiar - Brasília, 2008.

Arranjo Familiar	TIPO DE PARTICIPAÇÃO		
	Delegado	Não delegado	Total
Só com pai ou padrasto	3,0%	2,8%	2,9%
Só com mãe ou madrasta	12,7%	10,8%	12,1%
Só com filho/ filha	2,4%	3,4%	2,7%
Só com marido, esposa ou companheiro(a)	14,2%	16,9%	15,0%
Sozinho	10,1%	11,9%	10,6%
Só com outros parentes (que não mãe e pai)	8,4%	7,8%	8,2%
Só com pessoas que não são da família	4,9%	4,1%	4,7%
Só com empregada doméstica	0,1%	0,2%	0,1%
Família nuclear básica (pai e mãe)	10,9%	11,2%	10,9%
Família nuclear com outras pessoas	18,8%	16,9%	18,3%
Família nuclear e família própria	0,7%	1,9%	1,0%
Outros arranjos	6,6%	6,7%	6,6%
Com a mãe (sem pai) e outras pessoas	6,7%	5,2%	6,3%
Com o pai (sem mãe) e outras pessoas	0,6%	0,2%	0,5%
Total	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado aos participantes: *Com quem mora?*

Nota-se a que 94,2% dos entrevistados responderam que não têm nenhum tipo de deficiência e 1,3% tem deficiência física. (Ver tabela 16 a seguir).

TABELA 16. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo tipo de deficiência - Brasília, 2008.

Deficiência	%	N
Não possui	94,2	1746
Deficiência física	1,3	24
Deficiência sensorial	0,8	14
Deficiência mental	0,2	3
Deficiência múltipla	0,2	3
Em branco	3,5	64
Total	100,0	1854

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado aos participantes: *possui algum tipo de deficiência?*

PERFIL POLÍTICO INSTITUCIONAL NO CAMPO DE POLÍTICAS DE JUVENTUDE

Considerando as categorias sobre estatuto de participação na Conferência se delegados (indicados nas Conferências Estaduais e municipais), observadores, convidados ou por outra forma de participação-, tem-se de acordo com a Tabela 17 a seguir, que a grande maioria dos participantes são delegados (71%) e que a proporção de observadores, em contrapartida, foi reduzida, 8,7%. Já os que optaram por se anunciar, no questionário, em “outras formas de participação” constituíram 18% da população pesquisada.

TABELA 17. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo forma de participação - Brasília, 2008.

Participação	%	N
Delegado	71,0	1317
Outro	18,0	333
Observador	8,7	162
Total	97,7	1812
Em branco	2,3	42
Total	100,0	1854

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado aos participantes *qual a sua forma de participação na Conferência Nacional de Juventude?*

Dentro da categoria “Outras formas de participação na Conferência Nacional da Juventude” muitos participantes não optaram por nenhuma das classificações, tendo assinalado a opção em branco (82,5 %), aqueles que se autodefiniram como convidados representaram um parcela bem menor (10,7%). Outras classificações tiveram percentuais inexpressivos. (Ver tabela 17.1 a seguir).

TABELA 17.1. Outras formas de participação na 1ª Conferência Nacional da Juventude - Brasília, 2008.

Participação	%	N
Em branco	82,5	1530
Convidado	10,7	198
Imprensa	2,0	37
Expositor	1,5	27
Facilitador	0,4	8
Apoio	0,4	7
Pesquisador	0,3	6
Acompanhante	0,2	4
Organização	0,2	4
Cobertura Jovem	0,2	3
Suplente	0,2	3
Relatora	0,1	2
Trabalho (Expositor)	0,1	2
Assistente Senad	0,1	1
Caros Amigos	0,1	1
Comunicado	0,1	1
Conjuve	0,1	1
Conselheira	0,1	1
Expositor	0,1	1
Estande	0,1	1
Facilitados	0,1	1
Fazenda Slow	0,1	1
Funcionário	0,1	1
Grupo Cultural.	0,1	1
Intérprete/ Acompanhante	0,1	1
Monitor	0,1	1
Presidente do Conselho de Direitos da Criança e dos Adolescentes, Presidente da Juventude do PT	0,1	1
Relator	0,1	1
Relatora de Grupo de Trabalho	0,1	1
Repórter	0,1	1
Representando UESA	0,1	1
Representante em "Stand"	0,1	1
Secretário Legislativo	0,1	1
SNI	0,1	1
Trabalhando	0,1	1
Visitante	0,1	1
Total	100,0	1854

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado aos participantes: *de que outras formas você está participando da Conferência?Resposta aberta?*

A maioria dos participantes é militante na instituição pela qual atua no campo da juventude (36,7%), ficando em segundo lugar, com 23,7%, os funcionários públicos. (Ver tabela 18 a seguir). Segundo a pesquisa, 49,3% dos participantes têm cargo de chefia e 48,1% não tem cargo de chefia, uma proporção bem equilibrada quanto a esta classificação. (Ver tabela 19 a seguir).

TABELA 18. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo principal função que desempenha na instituição pela qual atuam no campo da juventude - Brasília, 2008.

Função	%	N
Militante	36,7	680
Funcionário Público	23,7	439
Voluntário	13,8	255
Outra	11,5	214
Beneficiário em projeto	7,2	134
Assalariado ONG	3,3	61
Total	96,2	1783
Em branco	3,8	71
Total	100,0	1854

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado aos participantes: *qual a forma de participação no campo da juventude?*

TABELA 19. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo ter ou não cargo de chefia - Brasília, 2008.

Cargo	%	N
Cargo de chefia	49,3	914
Sem cargo de chefia	48,1	891
Em branco	2,6	49
Total	100,0	1854

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado aos participantes: *qual o cargo ou função que desempenha na Instituição pela qual está na Conferência da juventude?*

Considerando os tipos de organização em que participa, a população que assistiu à Conferência se singulariza, uma vez que 50% declararam que participam de partido político e apenas 7,9% que não participam de nenhuma organização. Também é alta a participação em movimentos sociais (31,1%) e no Movimento Estudantil (30,4%) e em ONGs (26,1%) Note-se que foi comum vários participantes, declararem dupla ou tripla participação ou militância, inscrevendo-se em mais de uma categoria (Ver tabela 20 a seguir). (Essa análise é mais aprofundada em capítulo específico sobre participação, quando se detalha por tipo de participação.)

TABELA 20. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo tipos de organização em que participa - Brasília, 2008.

Organização	Porcentagem sobre total de respondentes (%)	N
Partido Político	50,0	927
Movimentos Sociais	31,1	576
Movimento Estudantil	30,4	564
ONG	26,1	484
Instituição Religiosa	24,5	454
Redes, foros e coletivos	15,5	287
Instituição de estudo ou pesquisa	14,1	262
Sindicato	9,9	184
Outra	9,0	167
Não participa de nenhuma organização	7,9	147
Sou beneficiário de projetos sociais	4,6	86
OSCIP	4,0	74
Total de respondentes	100,0	1854
Total de respostas marcadas		4212

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado aos participantes: *Quais os tipos de organização em que participa?*

As categorias com asteriscos são mais detalhadas em análises posteriores.

OBS: Nessa pergunta o respondente tinha a possibilidade marcar mais de uma opção de resposta.

Quanto à participação em movimento estudantil, tem-se que 39% dos participantes pertencem ao movimento universitário. A tabela seguinte é formada de categorias abertas, ou seja, sem estímulo da apresentação de alternativas (Ver tabela 20.1 a seguir).

TABELA 20.1. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo Movimento Estudantil de que participa - Brasília, 2008.

Movimento Estudantil	Porcentagem sobre total de respostas marcadas (%)	N
Universitário	39,0	220
Secundarista	37,9	214
Partidos Políticos	6,6	37
Outros	11,2	63
Em branco	5,3	30
Total de respostas marcadas		564

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado aos participantes: *De que Movimento Estudantil você participa?*

O detalhamento pelos participantes (ou seja, sem estímulo – pergunta aberta) sobre o partido político de que participa indica que, 38,3% participam do PT, 18,8% do PC do B, sendo que os partidos PSB e PMDB concentraram cerca de 10% dos participantes, cada, Ainda que por mais baixa proporção, a Tabela seguinte sugere que todos os partidos de alguma forma estiveram presente na 1ª Conferência.

De fato a 1ª Conferência quanto ao perfil dos participantes é singular, considerando a alta proporção dos que participam de partidos e de outras organizações. Segundo a pesquisa (ABRAMOVAY e CASTRO, 2006), 0,9% do total de jovens entre 15 e 29 anos participa de alguma associação partidária.

TABELA 20.2. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo Partido Político de que participa - Brasília, 2008.

Partido Político	Porcentagem sobre total de respostas marcadas (%)	N
PT	38,3	355
PC do B	18,8	174
PSB	9,3	86
PMDB	9,1	84
PSDB	5,9	55
PDT	5,1	47
DEM	3,8	35
PV	1,8	17
PP	1,4	13
PTB	1,2	11
PSOL	0,9	8
PPS	0,8	7
PCB	0,1	1
Outros	3,2	30
Em branco	0,4	4
Total de respostas marcadas		927

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado aos participantes: *De que Partido Político você participa?*

Quanto à instituição religiosa, 53,7% participam da Igreja Católica e 17,8% participam da Igreja Evangélica. Já segundo a mesma pesquisa mencionada (ABRAMOVAY e CASTRO 2006), no que se refere à participação de jovens em associação religiosa, 22,1% dos jovens entre 15 e 29 anos participam e 77,9% não participam o que diferencia entre as duas populações de jovens brasileiros em 2004 (pesquisa citada) e de participantes no campo de juventudes, mais sublinha a singularidade do público da 1ª Conferência (Ver tabela 20.3 a seguir a formada por categorias apresentadas pelos próprios participantes).

TABELA 20.3. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo Instituição Religiosa que participa - Brasília, 2008.

Religião	Porcentagem sobre total de respostas marcadas (%)	N
Católica	53,7	244
Evangélica	17,8	81
Batista	4,4	20
Espírita	2,9	13
Candomblé / Umbanda	2,4	11
Presbiteriana	1,8	8
Adventista do 7o dia	1,3	6
Protestante	1,3	6
SUD	0,7	3
Outros	13,4	61
Em branco	0,2	1
Total de respostas marcadas		454

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)
 NOTA: Foi perguntado aos participantes: *De que Instituição Religiosa você participa? Deixando a resposta em aberto.*

Questionou-se (também por pergunta aberta) sobre os tipos de Movimentos Sociais de que participam os assistentes à 1ª Conferência e tem-se 24,7% participam de Grupos relacionados à Temática Juventude (incluindo relacionados a partidos, movimentos estudantis e outros). (Ver tabela 20.4 a seguir).

Já entre os sindicalistas é expressiva a proporção de participantes que indicaram estar filiados a sindicatos dos trabalhadores rurais (35,3%). (Ver tabela 20.5 a seguir).

TABELA 20.4. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo Movimento Sociais de que participa - Brasília, 2008.

Movimentos Sociais	Porcentagem sobre total de respostas marcadas (%)	N
Grupo: Temática Juventude (incluindo relacionados a partidos, estudantis e geral)	24,7	142
Grupo Temático Rural	8,9	51
Entidades do Movimento Negro	8,7	50
Grupos HIP-HOP, Atividades Culturais, Comunicação e Informática	8,2	47
Associação de Moradores / Comunitárias	7,1	41
Feminista e Grupos de Mulheres jovens	6,8	39
Ambientalista	3,0	17
Sindicatos	2,6	15
Conselho de Juventude	2,6	15
Entidades do Movimento LGBT	2,1	12
Grupos Indígenas	1,2	7
Quilombolas	0,5	3
Outros	20,8	120
Em branco	3,0	17
Total de respostas marcadas		576

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)
 NOTA: Foi perguntado aos participantes: *Qual a forma como você participa no campo da juventude?*

TABELA 20.5. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo tipo de Sindicato de que participa - Brasília, 2008.

Sindicato	Porcentagem sobre total de respostas marcadas (%)	N
Trabalhadores rurais	35,3	65
Professores Educadores	13,6	25
Servidor Público	11,4	21
Metalúrgicos	3,8	7
Centrais Sindicais	3,3	6
Bancários	1,6	3
Comerciários / Bares	1,6	3
Petróleo	1,6	3
Jornalistas	1,1	2
Outros	26,6	49
Em branco	0,0	0
Total de respostas marcadas		184

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado aos participantes: *De que tipo de sindicato você participa?*

Note-se que a Conferência atraiu uma população qualificada, ou seja, já com experiência no campo de movimentos relacionados à juventude. Assim, tem-se que 39,4% dos participantes atuam no campo há mais de 6 anos; 22,6% entre 4 a 6 anos e apenas 14,1% estão no campo da juventude há menos de 1 ano, não sendo significativas as diferenças por tipo de participação na 1ª Conferência. (Ver tabela 21 a seguir).

TABELA 21. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo tempo de participação no campo da juventude - Brasília, 2008.

Tempo de Participação no Campo da Juventude	Tipo de Participação		
	Delegado	Não delegado	Total
Menos de 1 ano	13,8%	14,9%	14,1%
De 1 a 3 anos	23,7%	24,0%	23,8%
De 4 a 6 anos	24,4%	18,3%	22,6%
Mais de 6 anos	38,1%	42,8%	39,4%
Total	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado aos participantes: *Há quanto tempo você tem uma participação no campo da juventude?*

No que se refere ao campo da juventude em que participa, a maioria (49,5%), atua na área de Direitos dos jovens em geral; em segundo lugar, ficou o campo da Educação, com 40,1%, seguido do campo de Direito dos estudantes (36,6%) e o cultural (33,1%). Os campos seguintes concentram menos de 20% dos participantes, mas é bem diversificado o leque de lugares de participação. Mais de 10% dos jovens estão respectivamente em áreas de políticas de reconhecimento identitário e

orientações temáticas. Mais uma vez consta a riqueza de combinações de lugares de participação, uma vez que os 1 854 respondentes à pesquisa marcaram cerca de 6003 alternativas, o que indica não só duplo mas triplo ou mais tipos/lugares de militâncias (Ver tabela 22 a seguir).

Na Tabela A-1, anexa, ilustra-se a ampla diversidade de bandeiras de luta dos jovens, o que complementa o que sugere a tabela antes analisada, não só a variedade de pontos de decolagem, mas também a combinação de temas, colorindo bandeiras que não seriam monofônicas. Cerca de 40 bandeiras foram espontaneamente citadas como frentes de luta, sendo que educação se destacou (concentrando 23% das respostas).

Considerando-se os que marcam “outros campos da juventude” como lugar de participação, tem-se que a maioria atua no campo do Trabalho (17,8%), em segundo lugar ficou o campo do Esporte com 16,3%. (Ver tabela 22.1 a seguir). Quanto à forma de participação no campo da juventude, 42,1% estão na condição de militantes sem remuneração. (Ver tabela 22.2 a seguir).

TABELA 22. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo Campo(s) da Juventude em que participa - Brasília, 2008.

Campo da Juventude	Porcentagem sobre total de respondentes (%)	Frequência
Direito dos jovens em geral	49,5	917
Educação	40,1	743
Direito dos estudantes	36,6	678
Cultural	33,1	613
Trabalho comunitário	18,2	337
Ambientalista	17,3	321
Religioso	16,7	309
Direito do povo negro	14,9	276
Comunicação	14,6	271
Feminista	10,1	188
Segurança (violência)	9,7	180
Empreendedorismo	9,6	178
Diretos dos trabalhadores rurais	8,4	155
LGBT	6,7	125
Direito dos deficientes	5,9	110
Direito dos povos indígenas	5,7	106
Direito das comunidades tradicionais	5,7	105
Direito dos sem terra	5,1	94
Movimento dos sem universidade	4,2	78
Direito dos sem teto	3,1	57
Outros *	8,7	162
Total de respondentes	100,0	1854
Total de respostas marcadas		6003

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado aos participantes: *Em que campo da Juventude você participa?*

OBS: Nessa pergunta o respondente tinha a possibilidade de marcar mais de uma opção de resposta.

TABELA 22.1. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo Outros Campo(s) da Juventude em que participa - Brasília, 2008.

Participação	Porcentagem sobre total de respostas marcadas (%)	Frequência
Trabalho	17,8	23
Esporte	16,3	21
Campo Político	14,7	19
Políticas Públicas	6,2	8
Drogas	6,2	8
Saúde	4,7	6
Sexualidade	4,7	6
Direitos Humanos	4,7	6
Inclusão Digital, tecnologia	3,1	4
Adolescente em situação de risco	0,8	1
Defesa e exploração sexual	0,8	1
Outros	20,2	26
Total de respostas marcadas		129

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008).

NOTA: Foi perguntado aos participantes: *Em que outro(s) campo (s) da Juventude você participa?*

TABELA 22.2. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo Forma de participação no Campo da Juventude - Brasília, 2008.

Forma de participação	Porcentagem sobre total de respondentes (%)	Frequência
Militante sem remuneração	42,1	780
Voluntário	33,3	618
Profissional	28,8	534
Não participa	2,5	47
Total de respondentes	100,0	1854
Total de respostas		1979

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008).

NOTA: Foi perguntado aos participantes: *Qual a forma de participação no Campo da Juventude?*

OBS: Nessa pergunta, o respondente tinha a possibilidade marcar mais de uma opção de resposta.

Nota-se, segundo a Tabela 23, que a maioria dos participantes da 1ª Conferência, ainda que envolvidos em políticas de juventude, não necessariamente seriam beneficiários de projetos do governo nessa área. Apenas cerca de 15% dos que fizeram parte do evento o são.

TABELA 23. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo beneficiário de algum programa do governo para jovens - Brasília, 2008.

Beneficiário de algum programa do governo para jovens	%	N
Não beneficiário	79,9	1481
Beneficiário	14,6	271
Total	94,5	1752
Em branco	5,5	102
Total	100,0	1854

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado aos participantes: *Você já foi beneficiário de algum programa do governo para jovens?*

Ainda que os participantes da Conferência constituam uma amostra singular da juventude e, em princípio, sejam pessoas ativistas ou vinculadas à vida pública, suas respostas sobre instituições que confiam e que não confiam se alinham ao comum, segundo outras pesquisas. Ainda que grande parte dos participantes, como já analisado, seja filiada a partidos políticos, predomina um questionamento sobre a legitimidade dos partidos políticos. A Instituição em que os participantes da Conferência Nacional de Juventude mais confiam é a família (68,3%), sendo a mais baixa a proporção encontrada em relação à confiança (1,5%) no Congresso: na Câmara dos Deputados e no Senado. (Ver tabela 24 a seguir), paradoxalmente aos parceiros básicos se o tema é “políticas”.

As Instituições e as entidades em que os participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude menos confiam são os partidos políticos (37,5%). (Ver tabela 25 a seguir).

Tal perfil sobre confiança em instituições, em que se ressalta a confiança na família e a desconfiança em instituições públicas, como partidos, congresso, a polícia, meios de comunicação e justiça, entre outro, está de acordo com o registrado em outras pesquisas relativas à juventude brasileira. Em 2004, considerando-se o estado da juventude brasileira, (ABRAMOVAY e CASTRO 2006), sinaliza-se a falta de confiança que a população jovem tem para com os partidos políticos. Nessa pesquisa, mesmo entre os jovens que participam de algum partido, 33% afirmam confiar na associação partidária e 67% dizem não confiar; quanto às associações religiosas, a situação não é muito diferente daqueles que participam de alguma associação religiosa, ou seja 2,2% confiam e 86,9 não confiam (in ABRAMOVAY e CASTRO, op. cit).

Destaca-se que somente cerca de 1/3 dos participantes destacam a escola/universidade como a instituição em que mais confiam, o que sinaliza para as políticas públicas a falta de legitimidade de um aparato básico, da escola, de dimensões caras aos jovens como a formação, a preparação para o exercício da autonomia e da crítica (ver Tabela 24). Também é preocupante quanto ao estado da nação na construção de uma população orientada para políticas e direitos humanos dos jovens que 1/3 aponte a justiça como uma das instituições em que menos se confia, ficando a questão sobre a importância de atrelar o tema políticas públicas e direitos aos dos canais institucionais para encaminhamento de recomendações e expectativas nesse campo (ver Tabela 25).

TABELA 24. Instituições e entidades em que os participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude mais confiam - Brasília, 2008.

Instituições e entidades que a juventude mais confia	Porcentagem sobre total de respondentes (%)	N
Família	68,3	1266
Movimentos Sociais	50,6	939
Escola / Universidade	34,4	638
Partidos Políticos	20,2	375
ONG/ OSCIP	20,0	371
Igreja Católica	15,3	284
Justiça	13,6	252
Igreja evangélica	11,3	209
Governo	10,5	194
Militares	6,4	119
Meios de Comunicação	5,0	92
Candomblé	4,0	75
Polícia	1,7	32
Assembleias legislativas e câmaras de vereadores	1,6	29
Congresso: Câmara dos Deputados e Senado	1,5	28
Total de respondentes	100,0	1854
Total de respostas marcadas		4903

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi dito aos participantes: *Destaque da lista a seguir as três instituições / entidades em que mais confia (assinale com 1) e as três em que menos confia (assinale com 2).*

OBS: Nessa pergunta, o respondente marcava 3 opções de resposta.

TABELA 25. Instituições e entidades em que os participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude menos confiam - Brasília, 2008.

Instituições e entidades que a juventude menos confia	Porcentagem sobre total de respondentes (%)	N
Partidos Políticos	37,5	695
Congresso: Câmara dos Deputados e Senado	37,3	692
Polícia	35,0	648
Meios de Comunicação	31,0	575
Justiça	28,6	531
Militares	24,7	458
Governo	23,5	436
Assembleias legislativas e câmaras de vereadores	21,6	400
Igreja evangélica	14,8	274
Igreja Católica	12,6	233
Candomblé	10,2	189
ONG/ OSCIP	6,2	115
Escola / Universidade	1,5	27
Movimentos Sociais	1,2	23
Família	0,9	16
Total de respondentes	100,0	1854
Total de respostas marcadas		5312

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi dito aos participantes: *Destaque da lista a seguir as três instituições / entidades em que mais confia (assinale com 1) e as três em que menos confia (assinale com 2).*

OBS: Nesta pergunta, o respondente marcava 3 opções de resposta.

Registra-se que os dados das tabelas 24 e 25, antes apresentadas, questionam a comum assertiva de que os jovens tendem a serem individualistas e não se interessarem pela arena da “polis”. Individualista no sentido de considerar que o pessoal é também político, pode ser, já que como se discutirá em capítulos seguintes, faz-se o trânsito entre questões vividas individualmente e a luta por mudanças em relação a tais questões, no plano do coletivo, como em relação ao racismo, ao sexismo, à homofobia, à falta de emprego decente e à educação de qualidade, entre outras bandeiras. Note-se que além da família, a maioria destaca entre as instituições mais confiáveis, os movimentos sociais (50,6%).

TENDÊNCIAS QUANTO A PERCEPÇÕES SOBRE TEMAS DIVERSOS

Apresentou-se aos participantes uma série de colocações sobre temas variados a fim de desenhar seu quadro de valores, tendências e singularidades. E em que medida os jovens, segundo à inscrição etária e ao estatuto de participação na Conferência, se posicionam.

Conclui-se que independentemente de idade e do tipo de participação na Conferência (Ver em anexo Tabelas A2 e A3), os participantes em sua maioria (mais de 40% dos entrevistados) (ver Tabela 26) defendem que:

- O jovem tem pouca oportunidade de participar via poderes constituídos (Executivo, Legislativo, Judiciário);
- Que a família é a principal referência na vida dos jovens;
- Que os jovens de hoje em relação aos seus pais estão pior quanto à segurança;⁴¹
- Que os jovens de hoje em relação aos seus pais estão melhor quanto à sexualidade;⁴²
- Que os jovens de hoje, em relação aos seus pais, estão pior quanto ao trabalho;⁴³
- Que os jovens de hoje, em relação aos seus pais, estão melhor quanto à educação. Como nas demais proposições sobre comparações intergerações, também em relação a esse item, os participantes se alinham ao imaginário dos jovens brasileiros, mas não são tão otimistas em relação à educação. Em 2004 cerca de 80% dos jovens brasileiros indicavam que estariam melhores ,em relação a estudos, que seus pais (Abramovay e Castro 2006), já entre os participantes da 1ª Conferência cerca de 40% concordam com tal declaração.

41 Em pesquisa sobre a juventude brasileira em 2004 (ABRAMOVAY e CASTRO, 2006) constatou-se que para 71% dos jovens as condições de segurança nos dias de hoje estão pior comparadas à geração dos seus pais e para 25,1% estão melhor.

42 Para 72% da população jovem brasileira entrevistada em 2004 (ABRAMOVAY e CASTRO, 2006), a liberdade sexual dos jovens de hoje está melhor comparada à geração dos pais e pra 24,1% está pior.

43 De acordo com pesquisa coordenada por Abramovay e Castro, 2006, quando os jovens brasileiros em 2004 foram questionados sobre a possibilidade de trabalhar dos jovens de hoje , segundo 40,7% dos jovens a sua geração está melhor comparada à geração dos seus pais e para 55,2% está pior.

TABELA 26. Percepção dos participantes da Conferência Nacional de Juventude sobre os jovens - Brasília, 2008.

Percepção dos participantes	Porcentagem sobre total de respondentes (%)	N
O jovem tem pouca oportunidade de participar via poderes constituídos.	68,1	1262
A família é a principal referência na vida dos jovens.	62,8	1165
Os jovens de hoje, em relação aos seus pais, estão pior quanto à segurança.	59,1	1096
Os jovens de hoje, em relação aos seus pais, estão melhor quanto à sexualidade.	45,8	849
Os jovens de hoje, em relação aos seus pais, estão pior quanto a trabalho,	41,6	771
Os jovens de hoje, em relação aos seus pais, estão melhor em relação à educação.	39,8	738
Na política, há lugar para os jovens se manifestarem.	37,6	698
Instituições da sociedade civil, mais que partidos políticos, dão oportunidade de participação política para jovens.	36,4	675
A geração dos anos 60 e 70 teve uma maior participação política que os jovens da geração atual.	36,2	672
A geração de jovens hoje, em relação à de seus pais, é marcada por desencantos em relação ao futuro.	32,5	602
Os jovens no Brasil têm mais gratificação no campo cultural que no campo político.	31,9	592
Os jovens são desmotivados.	29,5	547
No campo de juventude é melhor participar de ONG ou de Movimento social que de partido político.	26,3	488
Os jovens não se preocupam com a política.	19,4	359
A vida dos jovens não se conecta com política já que seus interesses estão em espaços individuais e não coletivos.	0,6	12
Total de respondentes.	100,0	1854
Total de respostas marcadas.		10526

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi dito aos jovens: *Para cada frase citada em relação ao jovem, gostaria de saber se você concorda ou discorda. 1 - CONCORDA; 2 - DISCORDA.*

OBS: Os respondentes marcavam as frases com as quais concordasse.

A tabela anterior é reacesada em outros capítulos, em particular quanto ao debate sobre política e participação, quando também se recorre à riqueza de depoimentos de diversos agrupamentos o que mais qualifica e indica a diversificação do imaginário sobre o tema.

As Percepções dos Participantes da Conferência Nacional de Juventude sobre os jovens de acordo com o sexo representam algumas mudanças interessantes. Os jovens masculinos percebem com maior frequência a pouca oportunidade de participar via poderes instituídos (70,2% sexo

masculino e 65% sexo feminino), porém acreditam que há lugar para se manifestarem na esfera política (41,1% sexo masculino e 32,3% sexo feminino).

Para os jovens do sexo masculino, existe uma percepção maior de que as gerações de 60 e 70 tinham uma maior participação política (38,2% sexo masculino e 33,4% sexo feminino). Acreditam, em maior número também, que os jovens estão desmotivados (31,3% sexo masculino e 26,6% sexo feminino) e que não se preocupam com a política (14,8% sexo masculino e 21,7% sexo feminino). Uma diferença importante é que as jovens se sentem menos seguras que a geração de seus pais (61,9% sexo feminino e 57,4% sexo masculino), enquanto os jovens do sexo masculino acreditam ter menos oportunidades profissionais (43,2% sexo masculino e 39,3% sexo feminino). As outras categorias não apresentaram diferenças significativas.

TABELA 26.1. Percepção dos participantes da Conferência Nacional de Juventude sobre os jovens, segundo o sexo - Brasília, 2008.

Percepção dos participantes	SEXO		
	Feminino	Masculino	Total
O jovem tem pouca oportunidade de participar via poderes constituídos (Executivo, Legislativo, Judiciário).	65,0%	70,2%	68,1%
A família é a principal referência na vida dos jovens.	61,4%	63,5%	62,8%
Os jovens de hoje, em relação aos seus pais, estão pior quanto à segurança.	61,9%	57,4%	59,1%
Os jovens de hoje, em relação aos seus pais, estão melhor quanto à sexualidade	46,5%	45,3%	45,8%
Os jovens de hoje, em relação aos seus pais, estão pior quanto ao trabalho.	39,3%	43,2%	41,6%
Os jovens de hoje, em relação aos seus pais, estão melhor em relação à educação.	38,4%	40,6%	39,8%
Na política, há lugar para os jovens se manifestarem.	32,3%	41,1%	37,6%
Instituições da sociedade civil mais que partidos políticos dão oportunidade de participação política para jovens.	34,7%	37,5%	36,4%
A geração dos anos 60 e 70 teve uma maior participação política que os jovens da geração atual.	33,4%	38,2%	36,2%
A geração de jovens hoje, em relação a de seus pais, é marcada por desencantos em relação ao futuro.	30,9%	33,6%	32,5%
Os jovens no Brasil hoje têm mais gratificação no campo cultural que no campo político.	26,5%	35,2%	31,9%
Os jovens são desmotivados.	26,6%	31,3%	29,5%
No campo de juventude é melhor participar de ONG ou de Movimento social que de partido político.	26,2%	26,4%	26,3%
Os jovens não se preocupam com a política.	14,8%	21,7%	19,4%
A vida dos jovens não se conecta com política já que seus interesses estão em espaços individuais e não coletivos.	1,0%	0,5%	0,6%

FONTE: Secretaria Nacional de Juventude - Pesquisa sobre A Conferência Nacional de Juventude. Perfil e Recomendação dos Participantes (Abramovay e Castro - coord.- 2008)

NOTA: Foi Perguntado: Com apenas um estímulo e possibilidade de mais de uma resposta. A soma dos percentuais por tipo de Participação pode superar os 100%.



3.

Política e participação - bandeira - bandeiras multicoloridas

INTRODUÇÃO

Participação é um dos temas da pesquisa que mais entusiasmou, estimulando longas discussões nos grupos e entrevistas, sugerindo construto de vocabulário de sentidos, razão de ser de muitas organizações, principalmente das relacionadas a partidos políticos, organizações sindicais e movimento estudantil, assim como de organizações voltadas para políticas identitárias e causas temáticas.

Tal interesse está de acordo com o estatuto dos participantes. Note-se que de acordo com a Tabela 27, os que se declaram como militantes (38,1%) são significativos quer entre delegados (40,7%) quer entre não delegados (31,4%).

TABELA 27. Distribuição dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude de acordo com o tipo de participação, segundo função, Brasília, 2008.

FUNÇÃO	Tipo de Participação		
	Delegado	Não delegado	Total
Funcionário Público	25,5%	22,3%	24,6%
Beneficiário em projeto	6,3%	10,7%	7,5%
Militante	40,7%	31,4%	38,1%
Voluntário	14,5%	13,9%	14,3%
Assalariado ONG	3,8%	2,4%	3,4%
Outra	9,2%	19,3%	12,0%
Total	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude - Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil e Recomendação dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude (coord. Castro e Abramovay - 2008).
NOTA: Foi perguntado: *Principal função que desempenha na Instituição pela qual atua no campo da Juventude?*

De fato a 1ª Conferência Nacional de Juventude se destaca por ter congregado pessoas com engajamento em organizações na vida pública, uma vez que cerca de 50% dos presentes na Conferência fazem parte de algum partido político; em torno de 31% de movimentos sociais; 30,4% do movimento estudantil; 26% de ONGs; 24,5% de instituições religiosas; 15,5% de redes e 9,9% de algum sindicato, sendo que cerca de 8% declarou não participar de nenhuma organização (respostas múltiplas Tabela 28). Ou seja, a Conferência se pautou pela atração de ativistas no campo da juventude.

TABELA 28. Distribuição dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas de Juventude de acordo com o tipo de participação e segundo o tipo de organização de que participa, Brasília, 2008.

Tipo de Organização que Participa	Tipo de Participação		
	Delegado	Não delegado	Total
Movimento Estudantil	31,2%	28,5%	30,4%
Partido Político	49,4%	51,6%	50,0%
Instituição Religiosa	25,5%	22,0%	24,5%
ONG	26,1%	26,1%	26,1%
Movimentos Sociais	32,8%	26,8%	31,1%
OSCIP	3,8%	4,5%	4,0%
Sindicato	9,3%	11,5%	9,9%
Redes, foros e coletivos	15,6%	15,3%	15,5%
Sou beneficiário de projetos sociais	4,2%	5,8%	4,6%
Instituição de estudo ou pesquisa	14,0%	14,3%	14,1%
Outra	8,7%	9,7%	9,0%
Não participa de nenhuma organização	7,6%	8,8%	7,9%

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude - Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil e Recomendação dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude (coord. Castro e Abramovay - 2008).

NOTA: Pergunta com apenas um estímulo e possibilidade de mais de uma resposta. A soma dos percentuais por tipo de Participação pode superar os 100%.

Em tal composição – uma Conferência que tende a congrega ativistas, não necessariamente indica consenso sobre os temas política e participação, o que se explicita, quando se recorre às falas dos entrevistados, ao longo deste capítulo. Por outro lado, a pesquisa quantitativa também sugere a percepção de temas, como política e participação, como frentes de difícil penetração entre a juventude em geral. Assim, tem-se de acordo com a Tabela 26, apresentada no capítulo anterior, que 2 em 10 participantes consideram que os jovens em geral não se preocupam com política e cerca de 7 em 10, que a família, ou seja, o privado, seria a principal referência na vida dos jovens. Não há, porém, como deduzir de tal assertiva que se consideram os jovens necessariamente como individualistas. Note-se que menos de 1% dos participantes concordaram com a colocação de que “A vida dos jovens não se conecta com política já que seus interesses estão em espaços individuais e não coletivos”.

A Tabela 26 também sugere certa associação em considerar que muitos jovens não se interessam por política pela impotência quanto a ter lugar como jovem nos espaços institucionalizados. Cerca de 68,% dos participantes concordam com que *o jovem tem pouca oportunidade de participar via poderes constituídos (Executivo, Legislativo e Judiciário)*. Ainda que tanto entre os delegados (39%) como entre os não delegados (34,3%) é alta a proporção dos que indicam que na política *há lugar para os jovens se manifestarem*, prevalece a controvérsia sobre a relação entre juventude e participação em política. Assim por exemplo se desmistifica a ideia de que cultura seria mais interessante que política para os jovens, já que 1/3 concorda que *os jovens no Brasil têm mais gratificação no campo cultural que no campo político* e 36,4% selecionaram a alternativa de que *as instituições da sociedade civil mais do que os partidos políticos dão oportunidade de participação para os jovens*, Outros 26% marcaram a alternativa *melhor participar de ONG ou de Movimento Social do que de Partidos Políticos*, ou seja, uma alta proporção não se sentiu atraída por tais assertivas críticas a formas de participação, ou a partidos políticos.

A não atratividade da política para muitos jovens poderia também ser parte de um estado de desencanto e sentido de impotência. Note-se que cerca de 32,6% dos participantes concordam que *a geração de jovens hoje em relação à de seus pais é marcada por desencantos em relação ao futuro* e 29,2% com a colocação de que *os jovens são desmotivados*.

Como discutido em capítulo anterior sobre a literatura relativa à juventude e participação política, é comum considerar que os partidos estariam perdendo atratividade em relação aos jovens, mais seduzidos por instituições da sociedade civil. Mas não há unanimidade em relação a esse tema. Quanto aos ativistas no campo de políticas de juventude não chegam a 30% os participantes que concordaram com a ideia de que *no campo de juventude é melhor participar de ONG ou de Movimento social que de partido político*. Muitos depoimentos foram colhidos durante as entrevistas, como se transcreve a seguir, que bem indicam que a juventude ativista apresenta reflexões de diferentes tendências sobre tal polêmica.

Se quase 40% dos participantes da Conferência concordam que *as gerações dos anos 60 e 70 tiveram uma maior participação política que os jovens da geração atual*, aliás concordância que mais concentra os mais velhos (cerca de 40% entre os de 26 anos ou mais) (Ver Tabela A-3 em anexo do capítulo anterior), já nos grupos entrevistados a tendência é considerar que é problemática tal comparação já que os condicionamentos sociais são diferentes em cada geração.

Usou-se na pesquisa, tipologia própria para organizar os 30 grupos que foram entrevistados. Os grupos que arbitrariamente foram classificados como grupos identitários – movimento negro, ciganos, indígenas, jovens feministas, LGBT, Povos de Terreiro- tendem a sugerir formatações singulares, com temas próprios, sublinhando que a identificação passa também por minimizar outras identidades já historicamente solidificadas, como as organizações políticas, tão convencionais quanto os grupos com relações com partidos. Enquanto isso os grupos classificados como temáticos, a exemplo dos ambientalistas tendem a se orientar por discursos mais centrados no seu foco de atuação, também, mas não delinham com tanto rigor separações entre formas organizacionais. As tendências, porém, não dão conta da riqueza e da pluralidade de discursos e como no próprio grupo a diversidade de experiências de imaginário e de idealizações se configuram.

Assumindo-se que a linguagem, ou a forma de falar não é gratuita, e que uma mesma mensagem pode ser expressa por diferentes construtos, o que a torna diferente, selecionaram-se *corpus* extensos que mais expressavam visões das militâncias. para documentar a riqueza de reflexões colhidas..

Em que pese às fronteiras sobre campos legítimos ou escolhas sobre onde ou em que participar entre os chamados grupos alocados na área de políticas identitárias, preferencialmente, e aqueles jovens que optaram por estar em instituições com maior proximidade com partidos políticos, com movimentos estudantis e com organizações sindicais- os quais, aliás, muitas vezes, recusam a dicotomia organização tradicional x novos movimentos sociais e tendem a se auto apresentar também como movimentos sociais – surpreende o comum trânsito, com combinações entre lugares de militâncias, reunindo várias bandeiras.

É voz corrente admitir-se que na mesma organização combinam-se frentes de lutas e que vários militantes se orientam por diversas inscrições, combinando estar em partidos, movimentos clássicos, como estudantis e de formatação sindical e grupos político-culturais, como Hip-Hop, entidades do Movimento Negro, de Mulheres, LGBT, em frente ambientalista ou outros. Ora, tal orientação questiona, insiste-se, uma comum dicotomia em análises sobre participação, ou seja, formas tradicionais de fazer política x novas formas (estar em ONGs ou movimentos sociais), o que por outro lado não dissolve lealdades.

Tal tendência amplia o conceito de participação, para muitos, mas não sintetiza todos os tipos de lugares de luta política como idênticos.

Se no roteiro de questões estava a comum comparação entre participação nos anos 60/70 e atualmente, identificou-se que tal paradigma é mais corrente e difuso. Muitos entrevistados, sem estímulo dos pesquisadores, levantaram essa modelagem discursiva, recusando codificações sobre juventudes, reconhecendo a grande contribuição da geração 64/68, não somente à História do Brasil mas às formas atuais de organização, dos movimentos de resistência e reconstrução da democracia dos anos de chumbo. Mas afirmam que os tempos são outros, e que a juventude vem surpreendendo com sua criatividade e diversidade de bandeiras.

Independentemente da orientação político-ideológica, da sua causa prioritária, os entrevistados sugerem implicitamente, ou assim foi lido, que o debate sobre ethos holista X ethos individualista é curto para se entender a realidade. Tendem a exaltar as possibilidades do jovem, para a construção, para a interação, para a participação política, para o querer mudar para melhorar o mundo. Adverte um dos jovens entrevistados que participação não traz em si uma qualificação, e *a manipulação também é uma forma de participar, como também o não participar*. No entanto, de qualquer forma se projeta uma idealização de si, do jovem como voltado para a coletividade, o que, como hipotetizado, vai além das dicotomias ethos holista X ethos individualista.

Assim como Euclides da Cunha dizia que ‘o sertanejo é antes de tudo um forte’, jovens ativistas propõem que o jovem é antes de tudo um possível ativista. Caso não parta para as arenas constituídas, institucionalizadas, em grande medida é por limitações outras, a luta pela sobrevivência, o ter que lidar com injustiças, as desigualdades em sua vida pessoal ou por desencantos com o aparato político institucional, o que muitas vezes é retificado pela crítica à política.

A seguir, alguns *corpus* discursivos de militâncias, considerando que a auto apresentação se entrelaça com a compreensão sobre participação, o *leit motif* das organizações, com relações aos partidos políticos e outros temas, muitos não estimulados pelos pesquisadores. Destacam-se aqui alguns trechos, que a bom juízo, singularizariam cada grupo. Porém, obviamente como toda leitura, essa é mais uma arbitrariedade e outras leituras podem ser feitas desse rico material, considerando que pela primeira vez se tem tal acervo de discursos de uma representativa militância juvenil sobre participação.

MOVIMENTOS SOCIAIS RELACIONADOS A PARTIDOS POLÍTICOS

A JUVENTUDE DO PT - Partido dos Trabalhadores

A Juventude do PT destaca a diversidade de militâncias, o estar em várias frentes, ressaltando que essa seria uma característica contemporânea da participação dos jovens assim como o PT está orientado para questões da juventude. O partido tem como referência o campo de classes: *o central pra nós é a classe, recorte de classe, porque é o Partido dos Trabalhadores*.

O grupo focal com a juventude do PT era amplo com dinâmica animada por debates entre os participantes, mobilizando-se mais por temas tais como identidade e classe, comparação entre gerações e formas de organização. Mudança de tipo de sociedade é também agenda que identifica a militância jovem do PT. Um militante frisou que tal militância tem que se concentrar para mudar orientações de valores na formação identitária, ou seja, valores não capitalistas, enquanto outro critica a ênfase em valores e enfatiza o lugar da organização, a perspectiva de classe e o momento político, em processo de democratização como tema de debate entre militantes.

O outro, um partido ou uma organização da qual se diverge, é parte do discurso implícito de vários grupos entrevistados. No caso do PT, chega-se a explicitar críticas a ONGs e ao movimento estudantil, mas também se ressalta o estilo democrático das polêmicas internas sobre vários temas. A seguir soam vozes dos militantes da juventude do PT, organizadas em tópicos que mais se destacaram em suas falas.

O SOCIALISMO

Eu acho que esse governo tem essa abertura, discutir com a sociedade civil, ter espaço para várias frentes e enfatizar o lugar da sociedade política, pública. Vamos nos apropriar mesmo dessas políticas; vamos enraizar nelas com solidez e protagonizar nesse sentido mesmo, de se apropriar da política pública, do que é público. E às vezes as políticas deixam até de ser de Estado e passam a ser até políticas públicas, de fato. Que a própria sociedade consiga dar conta, ser protagonista por meio de vias institucionais, redes, ONGs, mas de uma certa forma, em geral, é a democratização de tudo isso, e porque a gente conseguiu trazer para a sociedade bandeiras democráticas no sentido de igualdade de gênero, igualdade racial e todas as outras bandeiras do PT. (Grupo Focal, Juventude do PT).

(...) No partido, a juventude entra como um segmento que também tem recorte de classe. (Grupo Focal, Juventude PT).

Tem divergência nesse sentido porque o Partido dos Trabalhadores apesar de surgir de um programa que visa à construção do socialismo petista, acabando com a sociedade de classes, ele surge num momento em que ele não se fixa nesse programa. Esse programa vem para gente dialogar com ele na atual conjuntura; hoje a gente vive uma conjuntura de compreender, principalmente em se tratando de Brasil, que é de onde nós falamos, onde nós nos organizamos e disputamos os estados e as políticas de que, o central não é a classe. Como 48% da população deste país não tem acesso às políticas públicas, não é pobre simplesmente por conta de uma questão de classe, (pois) ela foi escolhida pra ser pobre por conta da epiderme, então a gente precisa apostar em muitas frentes. (Grupo Focal, Juventude PT).

Na minha opinião, o PT (ele) quer superar a sociedade capitalista, superação da sociedade capitalista para superar a exploração de classe e as opressões elitistas. (Grupo Focal, Juventude PT).

Comparação entre gerações, diferenças de militância-diversidade

Nesses últimos trinta anos o que significa ser jovem muito mudou. Meu pai com 22 anos já tinha família. Meu pai começou a militar no final da década de 70, foi militante fundador do PT. A militância deles era a seguinte: era salário, era a fábrica, era militância de adulto, não era, por exemplo, a militância que nós temos hoje específica; e o que tinha de militância de jovens se resumia a movimento estudantil.

Então, nós temos hoje uma coisa nova, na minha opinião, que é a partir dessa alteração do que é ser jovem, a partir de outros problemas que são colocados hoje, se passa a ter outros tipos de organização de juventude. Não se resume mais ao espaço, por exemplo, da escola ou da universidade, ou seja, movimento estudantil, passa a se organizar por cultura, por questões de identidade, enfim. Então, eu acho que tem esse elemento novo, e aí eu acho que tinha que desmistificar uma coisa que é uma visão de que existe – a imprensa, a mídia gosta de colocar isso: – Ah, que essa geração é uma geração que não participa e tal. Eu acho que, se a gente pegar em termos proporcionais, a gente tem uma geração, jovens, com nível de participação muito maior (proporcionalmente), na minha opinião, e diversificada, uma atuação mais diversificada do que tinha na geração, por exemplo, de 68. (Grupo Focal, Juventude PT).

Tal caracterização da juventude de 1968 é contestada por outro militante, que enfatiza o imaginário político ideológico, as mudanças, observando maior ênfase no debate sobre classes sociais no movimento estudantil e como se classificava tal população em 1968 e outras inscrições identitárias:

A mesma juventude que existia em 68 – e eu quero discordar do – existe agora. A questão é que essa mesma juventude em 68, (ela) era considerada como classe e somente no diálogo de classe, a juventude estaria classificada no movimento estudantil – a classe dos estudantes. Hoje nós não temos a juventude caracterizada em classe e sim como setor, assim como outros segmentos. Hoje a sociedade é trabalhada em setores: as mulheres são um setor; os povos tradicionais são um setor; o povo negro outro setor; e a juventude também se encaixa nesse sentido, na minha concepção hoje, como setor; assim como todos os setores são importantes, temos identidades. (Grupo Focal, Juventude PT).

Esse negócio de tudo comparar está virando uma especialidade nossa, da juventude do PT. Essa é a primeira geração da juventude do PT. Não havia PT como juventude. Juventude é um conceito historicamente, socialmente construído. A geração anterior do PT não fazia tal debate.

E aí, essa Conferência nos serve: – Qual o grau de mobilização que havia na geração de 68, e a mobilização que há hoje? Não é verdade que a geração anterior era muito mais mobilizada do que essa, até porque comparar períodos históricos é muito difícil (...)

Mas tem uma coisa unificada que marcou muito essa geração de 68 no Brasil, que é o processo de redemocratização. E aí, a reflexão que a nossa geração se propõe a fazer é o seguinte: – Quais são os limites desse processo de redemocratização promovido pela outra geração? A redemocratização atendeu a que classe social brasileira? Na periferia – a polícia é a mesma, é o mesmo autoritarismo, é o mesmo genocídio, é o mesmo rito sumário? O Estado não chegou, não há escolas, não há universidade e não há emprego. (Grupo Focal, Juventude PT).

[Discordo]. Concordo que dependendo do contexto histórico, a juventude é entendida de uma forma ou de outra, e o contexto (em) que a juventude acabou sendo reconhecida em 68, é importante não isolar 1968, apesar de ter sido o ápice de um movimento em nível mundial – é importante a gente colocar não só a situação brasileira, mas a juventude naquela época estava pautando a sociedade, seja contestando a guerra do Vietnã, seja indo nos movimentos culturais e Woodstock em 1969, revolução sexual, os bitiniques, Rock in Roll; tropicália, no Brasil. Então não se pode omitir que foi uma riqueza muito grande de movimentos juvenis, que eram pautados pela contestação e que, no Brasil acabou pautando principalmente um regime que ia ofensivamente contrário à democracia; um dos principais fatores que acabou levando a juventude brasileira a se movimentar não foi a questão estrutural do desemprego, como é hoje e que a gente está debatendo aqui na Conferência, não foi especificamente a violência, apesar de a violência também naquela época não ser muito diferente da de hoje, apesar de parecer que hoje a violência realmente está mais intensa, está mais grave nas periferias. Hoje parece que é menos velado, parece que ver a polícia andando de AR15 na Rua do Rio de Janeiro, por exemplo, já é uma coisa do cotidiano, mais banal.

Mas a juventude que marcou 1968, o movimento político e cultural, é importante deixar claro, ganhou tanta força porque foi cultural e não só político, e estava se pautando inicialmente por questões subjetivas; era a censura; era falta de liberdade de reunião – e era uma sociedade do pleno emprego. Então as questões objetivas com relação à condição de vida, não foi o que marcou necessariamente os grandes movimentos contestatórios da juventude daquela época, não só no Brasil como no mundo. Por exemplo, se for parar pra ver, quem estava em Woodstock não era necessariamente a classe popular; não necessariamente os jovens populares que estavam sofrendo mais agudamente as mazelas da sociedade. Então, o primeiro recorte que a gente percebe com a geração de 68, na juventude, no sentido mais de vanguarda, que era o movimento estudantil, era quem estava nas universidades; a Une que pautou a morte de Edson Luis, os grupos revolucionários que entraram na clandestinidade. Tudo isso é diferente do movimento atualmente, inclusive a composição dos jovens organizados. Lá na Conferência de Juventude da Bahia tinha um recorte popular, se você for ver aqui [Conferência Nacional] é a mesma coisa. Mas se você for parar para pensar na vanguarda, no movimento estudantil, era a classe média. E grande parte da adesão do movimento contra a ditadura militar foi porque conseguiu trazer a classe média, apesar também da juventude estar presente naquela grande marcha lá, pela família, pela ordem. (Grupo Focal, Juventude PT).

Partidos, Movimentos Sociais, ONGs e Juventude

Existe uma dicotomia que a gente vai ter que superar que é uma reflexão que a juventude do PT está fazendo e vai precisar fazer nesse primeiro congresso e daí pra frente –, não é à toa que se é crítico do Congresso Nacional – uma das instituições com os menores índices de confiança. E como é que a organização partidária vai chegar para dialogar se no imaginário juvenil tem isso é muito forte também, a crítica aos partidos políticos por conta de uma ação midiática, e aí entra a conjuntura que a gente está vivendo, que é um discurso ideológico e umas ideologias dominantes que colocam esse tipo de percepção. Como ficou o imaginário sobre organização político-partidária na geração jovem? ou seja, a gente ainda está na sombra da geração de 68. Então, fica muito um saudosismo com relação a isso. Bom, hoje a gente percebe que uma das grandes marcas e o que mais faz a juventude se organizar são questões mais objetivas, e como é que a gente vai conseguir unificar isso com a questão das liberdades democráticas? O objetivo é a fome, é a barriga vazia; objetivo é salário baixo. (Grupo Focal, Juventude PT).

Então a reflexão sobre a democracia e sobre a principal marca da geração anterior, que foi o processo de redemocratização do Brasil, o que nós queremos fazer é avançar nesse sentido. Eu acho que é uma falsa dicotomia que tem se tentado estabelecer a questão de militar nos movimentos sociais, ONGs ou partidos. Eu acho que é uma tentativa de isolamento dos partidos políticos enquanto alternativas de organização da juventude. (Grupo Focal Juventude do PT).

Uma lógica de um movimento individualista. A juventude negra só milita aqui, mulher só aqui, e meio ambiente só aqui; você estanca e não mostra que tem uma inter-relação entre esses processos. (Grupo Focal, Juventude PT).

Jovens do PT que também, como outros jovens militantes de partidos, sublinham a riqueza de diversas militâncias entrelaçadas, ressaltam que tal estratégia não deixa de ter impasses na prática, a questão das lealdades, como ilustra a reflexão seguinte:

A formação dessa falsa dicotomia é uma influência do tal pensamento único, da necessidade de departamentalizar a compressão de mundo, inclusive de fragmentar a luta social. Aqui você pôde ver que, todos aqui são militantes e têm outras militâncias que não são antagônicas, são complementares. E o PT se articulou muito bem com os movimentos sociais, mas eu não sei quem foi que desconstruiu um pouco a sua identidade e começou a misturar, porque às vezes o movimento acha que é o partido; e o partido, às vezes acha que é o movimento. Então aí você acaba entrando numa crise ideológica, que muitas vezes você chega num lugar e você vai ouvir o cara dizer: não, mas você tem que votar lá naquela pessoa porque ela é do PT. Sim, é do PT, mas está tendo contraponto a mim dentro do movimento, e aí? (Grupo Focal, Juventude PT).

Debata sobre ONGs e Redes

As ONGs partem do princípio de que, existem alguns espaços na sociedade em que elas precisam se inserir e elas se inserem. Agora, o posicionamento ideológico dos membros das ONGs é outra questão. Se elas têm uma consciência, se compreendem o papel do estado na sociedade, não sei. Porque existem ONGs que acham que são mais um estado. Estamos de boa, nós vamos revolucionar com as redes. As ONGs, em geral, dependem de financiamento. Esse debate elas não fazem, elas querem fazer o debate de que não precisam do Estado. Eles querem fazer uma sociedade horizontal em rede. Só pra concluir isso, eu acho que essa galera que está militando em ONGs, organizações, redes etc. Esses espaços existem... é terceira via. (Grupo Focal, Juventude PT).

(...) eu quero trazer uma experiência de fora do Brasil. – Eu fui para Suécia, estudei ciências sociais. E percebi que as ONGs lá, eles não dependem do estado, muito pelo contrário, as ONGs criam fundações ou estão associadas a fundações internacionais ligadas à iniciativa privada que as financiam. No Brasil, a maioria das ONGs é o tempo todo sugando o sangue do Estado. Então, no Brasil, já começou errado essa questão de ONG, mesmo que as ONGs tenham sido instrumento do neoliberalismo mesmo, para dizer que ia chegar onde o Estado não chega. Esse é o discurso que iniciou com as ONGs. No Brasil, as ONGs falam mal do Estado, elas dizem que o Estado não presta, mas elas estão o tempo todo batendo na porta dos Ministérios.

Já o partido busca fortalecer o Estado, a política pública, porém, o partido se afasta dessa juventude que está se organizando nas ONGs, por quê? Pela organização do movimento estudantil – não é que o movimento estudantil esteja falido, ele não está falido, mas para a conjuntura juvenil de hoje, ele está superado na sua forma de tática e estratégia de organização. (Grupo Focal, Juventude PT).

Criticas ao Movimento Estudantil

Por que o movimento estudantil está superado nessa tática e estratégia de organização? Porque o movimento estudantil (ele) não consegue mais fazer um debate onde esteja inserida de fato a questão de classe, porque é um movimento policlassista; enquanto no movimento estudantil o debate de classes vem sendo substituído somente pelas questões específicas da universidade e deixa de fazer, um debate também de concepção de Estado. As ONGs começam a calcar com essa juventude lá do bairro, da periferia de que o Estado não presta e, por isso, que a gente tem que ser contra o Estado e, por isso, tem que ser contra os partidos, porque os partidos querem manter essa relação de estado que tem aí e, é isso que faz com que essa juventude perca a referência no partido. (Grupo Focal, Juventude PT).

Então, ficam com gargalo muito grande, as ONGs se colocam como alternativa, é que pra nós como partido político, o central da nossa crítica é o seguinte: ONGs não disputam poder e não acumulam força para um projeto de transformação da sociedade como num partido, e a gente tem clareza de que, pra transformar a sociedade precisa disputar poder. E aí o PT tem um diferencial muito grande, o PT permeia os movimentos sociais, ele não é um bloco monolítico que vai dizer o que os movimentos vão fazer, no sentido dirigente e pulso firme da coisa, mas tem a responsabilidade de sim, interferir não no sentido burocrático, diálogo claro, fraterno e produtivo. (Grupo Focal, Juventude PT).

Diversidades Identitárias e Organização

Hoje a gente se organiza enquanto setor de juventude. Tem jovem hoje que acha que ele tem que se organizar no movimento LGBT, por conta da identidade de gênero dele e isso não tira a condição dele de jovem. A jovem se organizar no setor de mulheres, no segmento de mulheres porque ela é jovem, feminista e quer militar na Marcha Mundial de Mulheres.

Eu sou jovem, negro e acho que no campo de juventude do PT, eu tenho que me organizar como juventude negra, que somos jovens negros petistas e assim vai; eu acho que o que mudou foi isso, a mesma juventude, porém, com a referência diferente de organização, mas continua a mesma juventude, porque a juventude de 68 (...) era a mesma juventude que hoje também continua tendo o maior índice de mortalidade nesse país, continua sendo a mesma juventude que está na vanguarda das lutas sociais, continua sendo a mesma juventude que é vista como problema, por conta das conseqüências (das quais sofre), o tempo todo vista como causa desses problemas, e está sendo essa mesma juventude que naquela época já dizia isso e que hoje também diz: Juventude não é causa, ela é conseqüência; e ela é uma conseqüência referente ao modelo de Estado ou de política vigente pelos estados ou pelos governos que existem nesses estados. (Grupo Focal Juventude PT).

Então ser jovem é uma questão de identidade também, mesmo que isso seja carregado de valores capitalistas, é identidade. Mas eu já queria provocar agora – eu acho que a juventude militante é a que pensa que as nossas relações de identidades têm que perpassar por outro sentido; cabe a nós derrotar o modelo de identidade construída pelo capitalismo.

Hoje o modelo de identidade construída pelo capitalismo, a gente tem como exemplo, o grêmio estudantil da ‘Malhação’; ele acha que tem que organizar uma rádio, que tem que fazer uma festa, mas tudo no princípio do quanto é? Quanto custa? Quanto nós vamos arrecadar? (Grupo Focal, Juventude PT).

Tal orientação, mudança de modelagem de identidades que se aproximaria de uma perspectiva Hegeliana, mudanças nos planos das idéias, é criticada por outro jovem, que mais enfatiza mudanças em funções sociais, voltadas para a organização.

Eu penso diferente. Eu penso que nós da juventude do PT – porque o partido tem um programa, tem história, e estamos aqui militantes hoje, cabe a nós dizer: – o grêmio estudantil não tem que se reunir porque tem que juntar dinheiro e construir uma rádio, porque é legal tocar musiquinha bonitinha, que está na moda da rádio. Não é isso. Tem que tratar da construção da rádio pelo grêmio estudantil. A rádio do grêmio estudantil tem que estar ali, voltada para formação social, para uma perspectiva de um mundo mais humanizado, onde as relações interpessoais não se deem por aquilo que a pessoa tem, mas por aquilo que a pessoa é, por aquilo que ela representa. (Grupo Focal, Juventude PT).

UJS - UNIÃO DA JUVENTUDE SOCIALISTA

Nota-se, em falas de jovens da UJS, a ênfase na diversidade de lugares de participação, o que se conjuga com o implícito reconhecimento de que “o político” se distingue como associado à *bandeira do socialismo*. Existe ênfase em se apresentar como em processo, por aprendizagens com a dinâmica da vida social, o que não necessariamente é percebido pelo registro de outras organizações, principalmente as críticas ao engajamento em partidos. São falas que revisitam temas correntes e clássicos nas organizações de esquerda, como a interação entre uma causa de longo prazo e o estar na política de cunho eleitoral e de ações afirmativas ou imediatas – como o debate entre perspectiva por reforma e metas por revolução.

De fato, é a orientação holística de uma organização que ressalta a *bandeira do socialismo*, marcada por ênfase na organização político coletiva, mas que, por outro lado, orienta-se por necessidades de constituintes individualizadas, pede estratégias de ágil adaptação e sujeitas a mudanças. A identidade da organização, voltada e acionada por jovens e o nexos com orientação que transcende tal identificação por outras referências – o partido, a meta do socialismo, modela a estratégia da UJS. A seguir eles e elas, militantes, apresentam a organização, sem desconsiderar a complexidade de trânsito ou combinações identitárias:

Os jovens têm atuado em todos os movimentos: movimento estudantil que tem grande atuação ; movimento Hip-Hop que está tendo esse encantamento político, politizando mesmo a juventude. (do Hip-Hop). A UJS atua em treze frentes. No movimento negro, tem gente da UJS; no movimento LGBT tem gente da UJS; no movimento ambientalista e no de mulheres. Nós estamos com a proposta de ampliar para quinze ou dezessete frentes. (Grupo Focal, Juventude UJS).

De noventa e sete para cá, o UJS cresceu muito. Eram dez mil jovens filiados agora vai para cem mil. A UJS, ao longo dos seus vinte e quatro anos, foi-se modificando. Claro que ela é uma organização que precisa olhar constantemente para a juventude, a juventude lá da época do Aldo Rebelo. Quando ele fundou a UJS em oitenta e quatro, a juventude daquela época era diferente da juventude de hoje. Ocorreram transformações profundas na sociedade, por exemplo, com o surgimento do computador. A gente deixou de ser uma organização voltada exclusivamente para o movimento estudantil, apesar de a gente achar que o movimento estudantil cumpre um papel fundamental, Mas a UJS conseguiu perceber que existiam outros movimentos, que a UJS teria que estar com vários movimentos por entender que a juventude se organiza de diversas formas. Então eu acho que são duas visões que a gente tem que combater: uma visão que significa o movimento é tudo, política é nada; e outra, é no movimento que se vai construir. A gente combate essa visão, por que ela divide o movimento. (Grupo Focal, Juventude UJS).

Mas também a gente tenta combater uma visão que a gente tem que ir para esses movimentos pra dar consciência e tal, a gente não faz isso, certo? A gente não pega alguém e fala assim: agora você vai atuar no movimento Hip-Hop; agora você vai morar no bairro tal. O pessoal do Hip-Hop são pessoas que são do movimento Hip-Hop que fazem parte do dia a dia do movimento Hip-Hop, e que estão ali tentando levantar a bandeira do socialismo. Essa compreensão que a gente foi desenvolvendo,

não foi uma compreensão que a gente sempre teve. Foi uma compreensão de quem olha e vê a transformação da juventude, essa compreensão que a gente foi desenvolvendo durante vinte e quatro anos, eu acho que fez com que a UJS tivesse êxito. Então a gente nos últimos anos tem crescido muito, por conta de entender todas essas variedades de juventudes e entender que a gente precisaria atuar nisso de uma forma a não menosprezar esses movimentos, mas sim ajudar os movimentos a crescer. (Grupo Focal, Juventude UJS).

No Hip-Hop, a gente tem autonomia de levar o marxismo para a quebrada, para a periferia, da nossa maneira, do jeito que a gente vê a periferia, então não é um chá de idéias que você vai dar para alguém tomar e falar, não, é desse jeito que você leva o socialismo lá, é o socialismo no formato de juventude. Com a nossa cara, justamente, assim como dentro da UJS acontece isso, frenesi de culturas, identidades diferentes, cada um tem a sua, seu próprio modo de fazer o socialismo acontecer, e é o que muitas vezes não acontece em outros partidos, que são fechados, que a idéia do velho vence o novo, e aí a gente tem uma contrapartida que o velho tem idéias boas, mas o jovem também tem, então vamos colocar na balança e fazer essa luta legal. (Grupo Focal, Juventude UJS).

A Bandeira - o socialismo

No nosso caso, [o que nos diferencia dos jovens não militantes] acho que é uma perspectiva de transformação socialista. (Grupo Focal, Juventude UJS).

Mostrar que existe a possibilidade de uma outra sociedade, a possibilidade de se mudar o mundo. Todo mundo se organiza hoje. Organizam-se no grêmio, na universidade, num bairro, enfim, se organizam. O problema é que, muitas vezes não se tem uma visão que se organizar para um direito ou um serviço, não pode ser inseparável com objetivos de longo prazo. O jovem militante socialista já decidiu que vai mudar o mundo, independentemente do tempo que vai levar, mas nós vamos mudar. (Grupo Focal, Juventude UJS).

Tem uma frase do Mário Benedetti sobre defender a vida como trincheira, como direito. E é isso que a gente quer: defender os direitos das pessoas serem felizes, e a gente acredita que isso é possível. (Grupo Focal Juventude, UJS).

Considerando que para algumas organizações que se consideram de esquerda, as políticas se orientariam para medidas reformistas, desviando a juventude de uma preparação ou engajamento em um roteiro revolucionário, propôs-se tal questão aos jovens da UJS:

A gente faz um movimento muito dinâmico, então a gente pensa estar num espaço onde tudo acontece muito depressa, as mudanças, o cenário, o movimento estudantil e tudo, e às vezes para muita gente parece ficar longe esse nosso socialismo, a transformação. Por exemplo, para o PCdoB estamos no período de acúmulo de forças. Muitas vezes, a opressão é dificultada, pela dinâmica da juventude, mas eu acho que... a gente compreende bem essa questão de acúmulo de forças, de espaços institucionais para as transformações que temos que ativar. (Grupo Focal, Juventude UJS).

Réplica à visão do outro

Foram entrevistados vários outros grupos de jovens e principalmente os chamados grupos de identidade, como entidades do Movimento Negro, que expressaram críticas contra a UJS, considerando-a uma organização relacionada a partidos políticos. A seguir como militantes da UJS refletem sobre tal perfiliação, defendendo o nexu ou a formação partidária, mas sublinhando autonomia:

Eu acho que existe uma certa aversão da sociedade, às organizações políticas de um modo geral, que atinge a UJS. O sentimento de que política é corrupção, que política é bandalheira, de que político não serve pra nada, que quem se organiza em política é oportunista. A UJS, queiramos ou não, ela é das entidades que tem mais tempo, e que tem mais influência na juventude organizada do país. Está algum tempo já dirigindo a UNE, dirigindo a UBES. (...). (Grupo Focal, Juventude UJS).

Nós somos herdeiros de uma tradição que vem da sociedade, ou seja, a organização relacionada a partidos políticos. No Brasil sempre existiu, e os partidos políticos foram os setores importantes da sociedade, garantindo o processo de democratização do país. Nós não inventamos os partidos políticos, não inventamos as organizações. Que os jovens que criticam os partidos se aproximem e participem, ou seja, eu acho que não se pode justificar a crítica à UJS pelas críticas à participação político-partidária. A gente não deve absorver essas críticas que são feitas por esses movimentos, ou seja, o terceiro setor surgiu, hoje agrega bastante. Mas nós somos um movimento que tem um objetivo político, ou seja, tem uma participação política forte na sociedade, representamos uma parcela da sociedade, como os partidos também representam uma parcela, mas nós queremos mais, ou seja, nós atuamos é com opinião já traçada, nós temos vinte e quatro anos de opinião, ou seja, uma opinião que nós todo dia renovamos. (Grupo Focal, Juventude UJS).

Eu acho que a UJS não é um partido. A UJS é uma corrente de opiniões juvenil e que defende o socialismo. Tem várias correntes de opiniões que defendem o socialismo, mas aí a gente precisa identificar que tipo de socialismo. O socialismo que a gente defende é o socialismo marxista, a questão da luta de classe. (Grupo Focal, Juventude UJS).

A UJS é uma organização política, ela não é um partido, tem autonomia, vários dos seus militantes, inclusive eu, somos filiados ao PCdoB. O PCdoB não toma as decisões pela UJS, então há o grau de autonomia da UJS. As suas decisões são tomadas no pleno da UJS, como já houve diversos momentos em que decisões da UJS contrariaram posições do PCdoB. De maneira democrática nos seus fóruns, o grau da autonomia é conferido pelos fóruns próprios da UJS. Então quem vai eleger a direção da UJS não é o comitê central do PCdoB, quem vai eleger é o congresso da UJS, composto por militantes da UJS, que são filiados ao PCdoB, outros não. Eu acredito que cerca de cinquenta por cento da militância da UJS não seja do PCdoB, ou até mais. (Grupo Focal, Juventude UJS).

A UJS tem contribuído para que o partido tenha mais sensibilidade e dê mais importância a temas da juventude. (Grupo Focal, Juventude UJS).

Divisões entre sociedade política e sociedade civil

Foi proposto aos militantes da UJS outro tema polêmico, contemporâneo, o debate sobre a sociedade civil e a sociedade política.

Na verdade, eu acho que essa divisão de sociedade política e de sociedade civil precisa ser entendida como parte de um processo de construção de uma nova força que favoreça o crescimento das idéias transformadoras. E então, no nosso entendimento, esse processo que é contraditório, que precisa de lutas pontuais, aliadas com as lutas gerais. Nós não entendemos de forma paradoxal as questões específicas e as questões gerais. Nós somos parte de uma tradição, de um pensamento. Propõe-se enxergar as coisas em movimento permanente em contradição permanente, gerando tradições novas. Nós somos parte de uma trajetória política, de uma trajetória teórica, de uma trajetória histórica do movimento operário mundial. A UJS tem um trabalho na juventude por essa idéia de transformar a sociedade, para que os trabalhadores, para que a juventude, para que todo mundo possa ter condições de exercer sua individualidade sem deixar de lado o princípio do coletivo. A UJS tem sintonia com a juventude para idéias coletivas, então eu acho que essa contradição entre sociedade civil e sociedade política não existe. (Grupo Focal, Juventude UJS).

JSB - JUVENTUDE SOCIALISTA BRASILEIRA

Os jovens da JSB, que fizeram parte de um grupo focal, eram todos do Estado do Amazonas. Em seu discurso muito enfatizaram a propriedade da singularidade regional, de se ter um programa mais afim da realidade das juventudes da região, decolando de questões imediatas, mas não necessariamente restrita aos jovens. Como os jovens da UJS, também enfatizam que o *tchan para a militância* é um sentido de estar construindo o socialismo, que mais equacionam com um *sentimento de mudança*, que toma várias formas, como o de se posicionar criticamente em relação à mídia para apresentar outro perfil de juventude. De fato, há uma centralidade no jovem, no debate da JSB sobre o tema de participação, quando apresentam sua estratégia, a partir de questões concretas e imediatas, construindo juntos -militantes e não militantes. Note-se que a questão de comparação entre gerações de jovens (1964/68-80 e atual), que é tema proposto pelas pesquisadoras, no caso da JSB foi também levantado espontaneamente, considerando que com tal estratégia se estaria resgatando formas de fazer política então acionadas, potencializando ampliação da participação por motivações imediatas, acionando indignações. Como os jovens da UJS ressaltaram que seria uma característica dos jovens hoje a crítica aos partidos políticos, postura que criticam.

Contrário à comum crítica de aparelhamento das organizações juvenis por partidos, militantes da JSB ilustram como estariam construindo legitimidade junto ao partido em face das ações como passeatas e mobilização contra a corrupção.

O Socialismo na JSB

Esse tipo de crítica [que estariam os jovens socialistas perdendo a radicalidade por se envolverem em frentes reformistas] ela existe, mas jamais deixamos de discutir o socialismo na sua essência. Esses dias estávamos discutindo exatamente isso, ou seja, hoje, a sociedade mundial já está vendo que o socialismo não é mais uma utopia como no passado. A maior máquina mundial chama Estados Unidos, a maior economia mãe está abalada. O capitalismo está abalado, o FMI uma mola que serve para aniquilar os países de terceiro mundo, teve que intervir agora lá, então, ou seja, o capitalismo está abalado e mais do que nunca isso é fato inédito a forma como está acontecendo.

Então voltando a dizer, as juventudes socialistas estão hoje voltadas para as PPJs e estão esquecendo esse real caminho que nos move que é esse sentimento de mudança, creio que não. (...)

O “tchan” para militância é o primeiro passo por um sentimento de mudança. É o inconformismo, é você se indignar, aí eu invoco as palavras do comandante Che Guevara que diz que se você é capaz de tremer de indignação diante das injustiças do mundo então somos companheiros e parte por aí essa diferença. O militante está cansado dessa realidade que nós temos por aí. (Grupo Focal, Jovens JSB).

Sobre a mídia não generalizando, claro, porque a mídia (ela) tem a boa imprensa, mas assim, o exemplo claro é a rede Globo, que coloca em sua novela *Duas Caras*, o movimento estudantil como baderneiro, coloca o jovem como uma pessoa desorganizada, uma pessoa que não tem o menor conhecimento. A rede Globo de comunicações está passando para a população o seu ponto de vista e ela vai de forma opressora, ela vai de forma direta às casas, direto aos lares e vai fazendo com que aquele jovem alienado até aquele momento aceite aquela condição e fale: realmente eu sou isso, o movimento estudantil é desorganizado. É aquela tal coisa, o primeiro passo para diferenciar o jovem alienado de jovem militante é a indignação. É aquilo que falamos nas salas de aula do Brasil todo, não basta você ficar vendo a injustiça ser cometida no mundo e ficar de braços cruzados, você tem que descruzar os braços e fazer a sua parte. Você tem que ser igual àquele beija flor, sair com o seu pouquinho e tentar apagar o fogo. Eu vejo na Tv que eles falam que os jovens não são sérios, o jovem no Brasil nunca é levado a sério. (Grupo Focal, Jovens JSB).

[Como estratégia de participação], eu acho que o melhor é a gente tentar buscar primeiro motivar os jovens. Vamos fazer ações pequenas para tentar motivar os jovens para (...) serem protagonistas. Nós falávamos e hoje foi uma semana muito especial para nós jovens do Amazonas porque a sociedade lá está calada, apática frente à corrupção no governo do Estado e nós com mobilização pequena de 500 jovens de um montante de mais de 600 mil, nós conseguimos mostrar que não somos quietos e a partir daí a sociedade inteira começou a se movimentar e se manifestar. (Então) eu acho que nós devemos partir de ações pequenas que mostrem o papel e a importância do jovem na sociedade. A partir daí a gente comece a envolver todo mundo e a trazer de volta aquela história da década de 60 e 70 que o jovem ia pras ruas mesmo e hoje a gente não vê mais isso. Então a gente trabalha ações pequenas envolvendo todo mundo até todos se sentirem protagonistas de todos os processos.

Nós tivemos papel fundamental na ‘revolta do buzú’ [pela meia passagem de ônibus], na construção desse ato e nós falávamos muito para os estudantes, se na década de 80, na década de 60 não tivesse ninguém que fosse para as ruas lutar pelas diretas e lutar pelo fim da ditadura primeiro, nós não teríamos o direito de votar, nós não teríamos direitos de eleger diretamente nossos governantes. E assim, essas são as conquistas primordiais que mostra o poder do jovem na sociedade. (Grupo Focal, Jovens JSB).

Pontos da plataforma da juventude socialista brasileira

A nossa linha de atuação é o movimento estudantil e Política Pública de Juventude (PPJ). Estamos aos poucos começando a trabalhar a questão do movimento negro, cultura, assim a partir do momento que os militantes vão chegando e vão agregando. Porque não adianta nada eu que sou do movimento estudantil passar a discutir movimento negro se eu não tenho conhecimentos

e não tenho base para isso. Aí volta aquela questão de o movimento estudantil não estar discutindo todas as questões. De certo modo eu acredito que seja um grande equívoco, porque o movimento estudantil é bastante plural, porque se não fosse dessa forma a UNE não estava defendendo as cotas sociais, cotas raciais. (...)A gente não defenderia a bandeira do casamento homossexual, a gente não levantaria a bandeira da inclusão da mulher na política ou em qualquer outro espaço. (Grupo Focal, Jovens JSB).

Divisões entre sociedade política e sociedade civil

Um fator muito importante é a questão do jovem hoje, que não gosta de política e não gosta de partidos políticos. Nós que somos militantes de uma juventude partidária, militantes da juventude socialista brasileira ligada ao PSB, a juventude do PSB, nós defendemos veementemente e dentro das salas de aula e por onde passamos pelo Brasil todo que o jovem não pode se esconder atrás dessa fantasia. Porque você vê o seguinte: escândalos e mais escândalos e descrença total da classe política. Mas é primordial que a juventude esteja ligada à política porque toda a sociedade é regida pela política. Essas organizações [ONGs e movimentos sociais], todas têm um fundo político porque todos os processos de escolhas de nomes, todos os processos, são regidos pela política. Nós somos governados por políticos. E se nós deixarmos essa política nas mãos de uma minoria é claro que vai haver manipulação e se não houver uma participação maior, uma fiscalização, a política vai ser deturpada, porque a política não nasceu do jeito que é hoje, ela só se transformou no que é hoje, porque as pessoas ficam afastadas da política. (Grupo Focal, Jovens JSB).

Relação JSB e Partido

A nossa relação com o partido é assim, uma relação que tem crescido bastante nos últimos tempos, nós estamos sendo protagonistas de ações que estão nos dando esse devido respaldo, esse devido respeito com relação ao partido. Nós saímos de congressos estudantis e conferências de juventude com números bons. Hoje nós temos cinco diretores da UNE que são militantes ativos do PSB, da JSB, seis militantes ativos que são diretores da UBES, e nós estamos crescendo principalmente nessa questão de PPJ que era um leque que a gente não tinha atuação. Porque a gente tinha se dedicado exclusivamente para a questão do movimento estudantil. Mas a partir do momento que eu entrei na parte de PPJ, a gente passou a discutir isso no Amazonas, mas principalmente em São Paulo. (...) Então nós temos essas duas atividades principais e que tem envolvido o partido diretamente e que nós temos conseguido ganhar o nosso espaço dentro dele, e que possa ser respeitado pela direção como um todo. (Grupo Focal, Jovens JSB).

Em Manaus, nós fomos às ruas, tomamos aquele momento dos escândalos de corrupção e fomos às ruas de Manaus, e naquele momento sem o próprio partido saber, o partido ficou sabendo pelas páginas de jornais que a sua juventude ali, vestindo a camisa e incorporando aquela luta. Então, foi manchete em todos os jornais, editorial em três jornais da cidade. Algo novo que como dizia um editorial da cidade, há muito tempo não se via na cidade de Manaus, o movimento jovem lutando contra a corrupção. Então, com isso a gente vai ganhando espaço no partido e o partido vai ter que nos ouvir. (Grupo Focal, Jovens JSB).

JUVENTUDE DO PMDB

Jovens do PMDB ponderam que esta seria “uma geração fracassada porque o jovem não tem participação política, não se preocupa com o país onde ele vive” Ressalta-se a ética do individualismo e do consumismo, considerando que são poucos os jovens que estariam fazendo política, fato relacionado com casos de corrupção e sua banalização. Tendem a comparar gerações, criticando “a falta de ideais” hoje. Ressaltam que a juventude do PMDB opta por um tipo de participação que tende a ações, ocupações de cargos, criticando as que se voltam mais para mobilização de rua. Defendem assim a representação direta dos jovens na elaboração e na decisão sobre políticas públicas, tema que mais os galvaniza, como se destacou nos grupos antes mencionados, o debate sobre narrativas de longo prazo.

Uma contribuição da juventude do PMDB para o debate sobre juventude e política é a ênfase que os jovens trazem na formação do jovem via processo de acompanhar políticas públicas, o que os leva a alertar sobre o risco de eventos como uma Conferência Nacional de Juventude se não é acompanhada por políticas de MÉDIO prazo. Também destacam a educação para o voto, o acompanhamento das políticas, via consulta direta e o debate nas instâncias partidárias, sublinhando o papel da juventude para mudanças na sistemática partidária, em particular os nexos entre comunidades, contato com o povo e o debate no partido.

Comparando Juventudes, entre Gerações

Em outras épocas, a juventude teve um papel decisivo na história deste país. Muita gente foi para a rua e lutou contra o militarismo. Hoje está faltando aquela vontade, aquele sonho, falta aquela meta de tentar mudar alguma coisa. Para a nossa juventude está faltando vontade. Isso tem que ser mudado. Trazer bandeiras para os jovens, trazer de novo perspectivas, sonhos. (Grupo Focal, jovens PMDB).

A juventude hoje (ela) não tem causas, objetivos. Hoje cada jovem acaba sendo egoísta, cada um quer buscar o seu dinheiro, cada um quer buscar o seu emprego, cada um quer buscar sua salvação e não se preocupa com o coletivo, não se preocupa com o próximo, não se preocupa como grupo. Nós que estamos aí trabalhando para a política, a gente sabe que é muito difícil (a gente) conseguir incluir estes jovens hoje porque eles vão para dentro do jornal, eles pegam o jornal, eles lêem que o político roubou e que ele está desviando dinheiro e eles estão pasmos com isso, na verdade, eles nem tem mais reação com aquilo. Para eles aquilo ali é normal, o jovem hoje considera aquilo normal. – Não, mas o cara está roubando! É mais um! E se nós formos lá e entrar naquele grupo, às vezes eles olham para a gente e vão pensar: – *Eles estão querendo tirar vantagem em cima da gente também!* Então eu acho que na verdade, o jovem está assim, ele está cético, ele não acredita mais em nada. (Grupo Focal, jovens PMDB).

Em 64, existiam metas definidas, uma destas metas era a liberdade. Liberdade para alcançar o quê? Um desenvolvimento não só social, mas um desenvolvimento econômico e sobretudo a participação no poder, a juventude queria o poder, não queria só ouvir, ela queria mandar. Hoje a juventude, muitas vezes ela participa do poder, mas é um poder que não existe, é um poder que você não decide. Hoje existe a Secretaria Estadual de Juventude, a Coordenadoria Estadual de Juventude, Municipais, etc e tal. Hoje estes jovens, deputados, vereadores, prefeitos, mas não existe uma concretização para o papel desta juventude no poder. É só um papel meramente para compor. (Grupo Focal, jovens PMDB).

Eu não discordo, mas há dois pontos que devem ser levados em consideração para a gente não banalizar e generalizar. Primeiro aqueles jovens dos anos 60 que foram as ruas, eram jovens que sabiam o que queriam, eram jovens na universidade, eram jovens que sabiam o que queriam. Eram pessoas que estudavam para isso. Hoje em dia a gente não tem isso. Os jovens terminam e dão graças a Deus quando terminam o básico e vão trabalhar. O número que alcança o ensino superior, ou seja, que tem um nível intelectual até para entender o que está acontecendo e o que lutar. E daí já é um número pequeno de jovens que tem acesso à educação para ter este nível e daí já diminui mais ainda, porque realmente o jovem é egoísta. Mas o jovem é egoísta porque isto foi imposto a ele. (Grupo Focal, jovens PMDB).

O que se entende por participação

Participação no passado era você simplesmente ocupar os espaços com números. Hoje a participação nossa é a efetivação da ação. O partido é feito por todos, a juventude não dá mais só para ser a parcela, que vai lá para encher, para levantar a bandeira. A juventude tem que estar na executiva do partido, a juventude quer ser vereadora, a juventude quer estar no poder, a juventude quer estar no governo, a juventude quer uma secretaria para participar. Porque não dá mais para a gente transferir as responsabilidades de construir políticas públicas para uma pessoa de 60 anos, mesmo que ele conheça e saiba quais são as políticas públicas. Porque ele foi jovem, não está mais jovem. Nós somos e nós queremos fazer porque o que a gente pensa é o retrato do país, então esta é a diferença, participar fazendo, participar construindo, participar também do processo. Esta é a mentalidade da juventude do PMDB, não dá mais para acompanhar o processo tem que estar no processo. (Grupo Focal, jovens PMDB).

O Brasil viveu um processo histórico de participação que é conturbado. O Brasil durante vinte anos lutou para votar, pra votar para presidente, para votar para deputado, para votar para prefeito e depois que alcançou o voto, aí ele não soube lutar pela participação efetiva. Efetivação de políticas. O povo brasileiro ele gosta muito de eleição, ele participa da eleição nos três meses da campanha eleitoral porque parece que o povo brasileiro gosta do show de mídia da campanha eleitoral, mas na hora da participação, da efetivação é uma lacuna muito grande que a juventude aos poucos vem começando a ocupar e acho que vem começando a ocupar mais que os outros segmentos da sociedade inclusive porque nós acompanhamos, nós vivemos o dia a dia da política de maneira que outros segmentos não vivem, é uma preocupação diária. Há companheiros que fazem isso 24 horas por dia, para fazer com que o processo da juventude não seja só um processo eleitoral, seja um processo de construção das políticas, de execução, de estar na vida partidária, na vida social, na vida governamental, executando as coisas e fazendo com que comecem a sair do papel. Não adianta fazer conferências e encontros, fóruns e definir bandeiras porque não executam nada que mudem completamente. Se nós fizermos esta Conferência, gastar o dinheiro público que estamos gastando e não efetivarmos nada ali na frente, não valeu de nada ter feito a Conferência. (Grupo Focal, jovens PMDB).

Política partidária e política identitária

O debate proposto pela pesquisa sobre participação em partidos políticos e participação em movimentos sociais e ONGs mais voltados a identidades, como os direitos do povo negro, das mulheres e da livre opção por formas de sexualidade, foi apreendido pelos militantes do PMDB para se discutir porque se considera que os partidos estariam perdendo terreno para as ONGs,

ressaltando-se vícios como a propagação da corrupção naqueles, como também a influência da mídia, contra os políticos. Expressa-se a postura crítica às ONGs, pela limitação do serviço prestado, a substituição do Estado, ressaltando-se a propriedade dos partidos políticos. Note-se a crítica à estruturação do sistema político partidário em particular quanto aos custos do processo eleitoral que inviabilizaria a participação dos jovens.

ONGs

Um exemplo o PMDB hoje, tem um quadro de juventude muito maior que se tinha há cinco anos atrás. Tem muito mais jovem formado no Estado e no município, do que se tinha há 10 anos atrás. Isso é o foco que o partido está dando, está tentando não retomar o passado, porque quem só fica olhando pro retrovisor vai bater o carro, mas olhar no retrovisor para perceber onde foi que errou, para retomar não de onde parou, mas retornar o marco inicial. Qual é o nosso marco? É chegar no poder de que forma? De forma consolidada, de forma séria. E estas bandeiras que foram levantadas, elas ao longo do período elas foram perdendo a sua referência e foram migrando para outro segmento. Hoje são as ONGs que se apossaram de bandeiras históricas de partidos políticos, mas que se pregou e se prega até hoje, que os partidos políticos estão padecendo. E o que hoje, estas ONGs pregam? Elas pregam que elas podem realizar as políticas públicas, elas podem ocupar não só o espaço dos partidos políticos, mas ocupar o lugar também do governo.

Então para o governo é muito mais fácil terceirizar, e passar o recurso para uma ONG para realizar as políticas do que ele mesmo. Assim, estas ONGs passaram a reunir a juventude em torno do projeto. Mas qual é o maior projeto das ONGs hoje? Formar os jovens, dar um curso de formação tecnológica, ajudar o jovem no processo hoje de empreendedorismo, que o mercado de trabalho sucateou, mais nada. O cara fica dois, três anos lá, cumpriu o tempo probatório. Não dá mais! Expirou a idade! Tem que dar espaço para outro! E o cidadão volta novamente para a sociedade dele e ele encara tudo novamente. Aí acabou o sonho, acabou a utopia, acabou aquele processo todo. Então, o partido político está enfrentando a interferência das ONGs porque elas constroem, mas têm início, meio e fim. Nós [partido] sabemos o que queremos, nós sabemos para onde nós vamos e como nós vamos chegar lá. (Grupo Focal, jovens PMDB).

Representação sobre o outro, a Crítica ao Movimento Estudantil

A maioria das bandeiras que o movimento estudantil levanta é velha, ultrapassada. Toda reunião que eu vou do movimento estudantil é a Lei de Meia Entrada, é a Lei do Meio Passe. O jovem não está nem preocupado com isso, a discussão é a mesma há 30 anos. (Grupo Focal, jovens PMDB).

Que Partido a Juventude do PMDB quer e constrói

Uma nova forma de participação seria não se limitar ao Congresso Nacional, mas também ouvir a sociedade. Você coloca um projeto de lei e se aprova este projeto há que também convencer as pessoas que aquela idéia é boa e lá na frente é que entram os partidos políticos, de maneira a consolidar as Conferências Nacionais de Juventude tudo isso e transformar em um artigo para ser implementado no Congresso Nacional, para que estes projetos sejam aprovados. Este é o papel do partido político, nós sabemos que a consolidação da democracia se dá através dos partidos políticos. Com partidos políticos fortes, temos uma democracia forte. E o que se percebeu no Brasil é esta fragilidade do compra-compra, do cara do outro partido, do cara que vai noutro partido, do cara que no meio de uma eleição vende o partido por 50 mil reais para um cara lá, para ter um minuto de tempo de televisão, um horário gratuito para passar. (...) (Grupo Focal, jovens PMDB).

(...). Existe o espaço da juventude, existe o espaço da mulher, existe o espaço das políticas macro do partido, (...) as políticas para os diversos segmentos e sobretudo para a juventude está se abrindo uma nova meta para fazer política. Ou o PMDB continuava nesse processo, ou PMDB criava um novo modelo de fazer política que era trazendo a base para o partido, isso iniciou em 2006 nas prévias para presidente (...) (Grupo Focal, jovens PMDB).

Eu acho que o PMDB é o único partido que mescla os movimentos sociais, porque tem partido que tem identificação só com a juventude de movimento estudantil, tem partido que tem identificação só com a juventude dos movimentos sociais e o PMDB consegue mesclar isso. A gente vê jovens que são presidente de DCE, que são diretor da UNE que estão na UE do Estado, que estão nos grêmios estudantis e ao mesmo tempo os jovens que militam na juventude rural, que militam nas associações de moradores, na sociedade civil organizada do estado e acabam levando a agenda que a população discutir como um todo e acaba não só o jovem, mas aqueles problemas que afligem a população acabam sendo discutidos dentro do partido. Isso faz com que as bandeiras que o partido levante sejam as bandeiras da população e este é até um dos motivos pelos quais, acredito, que das seis eleições democráticas no Rio Grande do Sul, o PMDB elegeu três governadores. (Grupo Focal, jovens PMDB).

Além disso, o PMDB, além de buscar este espaço que busca dentro destes órgãos, dentro da sociedade, movimento estudantil, religioso... A gente também está com um trabalho muito grande em procurar os municípios para criar os órgãos de juventude e é a juventude do PMDB que está fazendo, a maioria dos municípios independentemente de partido que está governando (...), Também tem um curso de formação política do jovem que vem sendo ministrado desde o ano passado. Então o jovem tem condições de aprender e ouvir de grandes políticos a maneira correta tanto na parte realmente da política e também de como montar uma campanha eleitoral. Então a gente procura realmente fazer com que o jovem além de participar, entenda do que ele está participando. (Grupo Focal, jovens PMDB).

Sem contar que o PMDB foi o único partido nacional que lançou o programa de ensino a distância através da fundação Ulysses Guimarães que não só discute a questão política, os quadros partidários, mas que também a sociedade (...). O partido se reinventou, ele não mudou de nome, mas ele reinventou a sua maneira de fazer política, colocou uma fundação para pensar política, mas para pensar, sobretudo o que as pessoas querem.. (...) (Grupo Focal, jovens PMDB).

Para complementar essa informação a respeito do ensino a distância, dos nossos cursos, uma reivindicação da juventude é que nas 33 coordenadorias regionais que nós temos no estado um dos três mediadores da região, teria que ser jovem, então a juventude é protagonista junto com o partido. (...) A nossa juventude não é aquela juventude só que trepa no poste para colocar cartaz, ou que está na frente da parada de ônibus entregando santinho. A juventude do PMDB é aquela que está indo para a luta, que está colocando o nome à disposição para ser candidato, que está participando dos quadros dos partidos nas direções, enfim nas executivas, esta é a juventude do PMDB. (Grupo Focal, jovens PMDB).

A JUVENTUDE DO PSDB

Alguns jovens do PSDB consideram que os jovens seriam hoje mais participativos, inclusive via sistema eleitoral, mais críticos e já em transições próprias do mundo adulto, como constituindo família ou no mercado, o que teria, segundo alguns, estimulado o governo a mais ouvi-los, organizar uma Conferência. Porém, a maioria destaca desencantos, individualismos e desilusão em relação à política partidária, ressaltando os casos de corrupção. Um dos temas em que mais se estenderam foi a comparação entre gerações, quando muitos ressaltaram um ideal, a democratização do país. De fato, muitos ressaltam a contribuição da geração de 64/68 para a vida democrática e criticam as faltas de oportunidades no mercado do trabalho e políticas para os jovens como um dos estímulos ao desencanto à participação hoje. Mas consideram a diversidade de lugares de fazer política, em particular os Conselhos e o nível local.

É mais pelo fato de ter mudado as estruturas da juventude, porque antigamente as pessoas só tinham que estudar e eram vistas só assim pela escola ou pela faculdade (...). Hoje o jovem tem que trabalhar, tem muitos jovens que já são chefes de família, mãe de família. E eu acho que daí a preocupação do governo e talvez por isso, que teve a preocupação de fazer a Primeira Conferência Nacional de Políticas de Juventude e de começar a ouvir um pouco mais os jovens sobre o que está acontecendo, porque são futuros eleitores e precisa ter um foco para isso. Querendo ou não, somos mais participativos, mesmo que não estejamos todos direcionados a um partido político (...) Enfim, acho que é por isso que o governo está focando mais e ouvindo um pouco mais os jovens. Fora isso, talvez estaria na mesmice. (Grupo Focal, Jovens PSDB).

Participação, eleições e falta de políticas para os jovens

Eu queria dizer o seguinte, que hoje nós estamos diante de um impasse, de uma realidade, em que os governos de um modo geral – municipal, estadual e federal, não têm políticas efetivas para o jovem. Aquele que tem quatorze, dezesseis anos, dezoito anos e no município tenha algum tipo de atividade, seja cultural, seja social, estuda, entra para faculdade e tal, mas como é que ele vai ingressar no mercado de trabalho? Qual é a sua experiência?

O que precisa é haver uma rede talvez, uma corrente entre as esferas de governo municipal e estadual para que todos possam ter uma política pública unificada que dê o valor necessário ao jovem. Os nossos governantes de hoje, sem questão política ou partidária, precisam entender que o jovem é o futuro do amanhã sim! Mas como vai ser esse futuro de amanhã? Como é que eu vou evitar que o jovem vá se digladiar por aí, vá fazer as suas pichações?

Eu fico muito triste quando eu vejo, por exemplo, um jovem nos seus dezoito, dezenove anos e que fala que não tem vontade de votar, não quer votar, tanto faz, tanto fez. Ué, mas onde é que está o exercício da cidadania, onde é que está o exercício democrático? O governo precisa dar a devida atenção ao jovem; entender que ele é uma pessoa com um potencial, uma capacidade imensa, que só precisa de uma coisa mínima: atenção. Desde a atenção familiar, a atenção na universidade, a atenção no ensino médio, até atenção dos políticos.

Hoje nós estamos avançando, mas precisamos resgatar aquele jovem militante que no passado militou para que nós pudéssemos ter um processo democrático no Brasil. Precisamos desenvolver essa consciência, resgatar essa consciência de mesma cidadania. Mas como trazer isso para a nossa realidade? Nós estamos diante de um impasse. A realidade brasileira é essa: hoje nós temos inúmeros jovens que saem das universidades e sem saber o que fazer, pra onde ir. Então, quer dizer, precisa haver conscientização por parte do empresariado, por parte não só das autoridades de governo, das instituições, mas também de que o jovem precisa de uma oportunidade já que ele tem capacidade, é importante explorar essa capacidade, esse conhecimento.

Hoje eu vejo que no Brasil estamos diante de um impasse, desde as áreas fundamentais: educação, cultura e saúde – o jovem está nesse vácuo, está perdido. Eu fico muito feliz quando eu vejo, por exemplo, no parlamento de São Paulo, que é o maior parlamento estadual do país, três a quatro deputados jovens, que estão aí pensando, que estão independentemente do partido político, fazendo as políticas públicas para a juventude; fico feliz quando eu vou ao Congresso Nacional e encontro aí, uns trinta a quarenta deputados federais jovens, isso é muito importante. Jovem não é um problema na administração pública. Nós temos que saber usar, explorar o potencial do jovem. (Grupo Focal, jovens PSDB).

Comparação entre gerações

Hoje (...) cobra-se demais uma maturidade que o jovem não tem e que ele hoje vem sendo forçado a desenvolver. O jovem tem que pensar para o jovem. Força-se hoje que o jovem pense como pensam seus pais, como pensam seus avós, e quando se pede a sua manifestação, espera-se que ele vá falar sobre as necessidades macroeconômicas do país, esse tipo de coisa. E quando ele fala: *olha, a gente está com um problema na quadra da esquina de casa, que não tem iluminação*. Desconsidera-se o que o jovem diz. (...) Um jovem ser engajado na política, não quer dizer que tem que pensar no que eles pensam. Tem que pensar numa política para o jovem, que seja voltada para ele e não cobrar que ele tenha uma maturidade, que a gente vai alcançar com cinquenta, sessenta anos, e aí realmente, começa a se pensar em outras esferas. (Grupo Focal, Jovens PSDB).

E eu sempre comento hoje com os amigos e com os grêmios organizados, que é difícil, por exemplo, no meu caso, passar pela universidade sem ter havido mobilização, essa participação efetiva. Existe uma indiferença hoje. Talvez, não sei como seria se nós vivêssemos o mesmo quadro do AI-5, por exemplo, hoje na conjuntura atual, se nós teríamos a mesma reação de sermos capazes de morrer, por exemplo, em nome de uma bandeira. Talvez, não sei se teríamos jovens com essa pré-disposição hoje. E para efeito de comparação, é nesse sentido que a juventude de hoje, eu acredito que careça de um engajamento maior, mais efetivo. Precisa estar mais presente, precisa estar mais nas ruas, precisa estar mais em confronto, precisa estar mais questionando, quer seja o governo, quer sejam os movimentos contrários à política de juventude. É preciso haver um engajamento maior da juventude em nosso país. (Grupo Focal, Jovens PSDB).

Esse problema que foi citado [falta de participação hoje em relação à geração de 68], eu acho que tem raiz na democracia representativa. A gente com essa história de poder votar, de poder participar, a gente ao que parece, não é só o jovem não, pessoas com mais idade se acomodaram com isso também, de entregar realmente na mão de alguém

a sua atuação: olha, eu votei em você, então faça por mim. Segundo, que aqueles que estão hoje atuando, estão sem embasamento. Os que administram o país eram pessoas que estudaram com afinco, moraram fora, tinham muita experiência, ideia acumulada. E hoje, o que a gente vê é gente, principalmente, na faculdade, que leu o resumo do Capital e acha que é marxista; lê aquelas tirinhas sobre Bakunin e já se acham anarquistas. A gente não vê embasamento, a gente não vê pessoas que sentam e conversam, que discutem a política, que pensam a política. Com relação às formas de atuação é muito engraçado, porque é exatamente isso que acontece. Nesse caso da crise da UNB Brasília com o reitor. A gente viu muito pai apoiando o filho porque participou, mas ele não parou para pensar que em momento algum aconteceu uma reunião do centro acadêmico, do diretório acadêmico da UnB com o reitor antes. Isso não acontece. Isso não acontece em muitas faculdades, por exemplo, na nossa também não acontece, não se junta um grupo de discussão pra chegar até o diretor, ou para chegar até o reitor, ou pró-reitor, ou quem for para primeiro debater: olha, nós precisamos de tal coisa. Como a coisa simplesmente não aconteceu, a gente pára a faculdade e ocupa tudo. Não existe diálogo. A gente pega os exemplos, principalmente de 68, ainda acha que está em 68, e fala assim: não está dando certo, então vamos bater o pé na porta e é assim que a gente vai resolver. Não é mais assim. (Grupo Focal, Jovens PSDB).

Importância da Política

A juventude de hoje não pode nem ouvir a palavra política, porque tem um preconceito imenso, é super mal visto até entre os próprios colegas. Se você fala que faz parte de um partido, as pessoas sentem repulsa. Sabe, como assim você faz parte de um partido? Que esperanças você tem? Isso é uma coisa que me assusta muito, porque não vê mais esperança em nada, vai ver esperança no quê, na iniciativa privada, no trabalho? (...). Para você mudar alguma coisa, você tem que estar no processo político. Por mais que a política esteja por todos os ambientes, você talvez tenha que estar em algum partido para que as coisas funcionem, (...) Acho muito curioso os pais que queriam tanto a política no passado, e hoje os filhos não refletem o mínimo sobre isso. (Grupo Focal, Jovens PSDB).

O grande problema que a gente tem hoje é a desilusão; a desilusão que os jovens têm hoje com a política, com os nossos políticos principalmente, por toda essa corrupção exacerbada, por todos os motivos ruins que todos estão carecas de saber. E o que falta hoje mesmo é, na verdade, a união; aquela união que existia antigamente, que os estudantes brigavam juntos, eles se uniam em prol de grandes motivos. Um grande exemplo é dos caras pintadas (...). Antes, a gente via sempre os movimentos, todo mundo lutava por tudo, qualquer que fosse o motivo (...), mas hoje em dia, quando a gente chega pra brigar, não junta um grupo e a gente sente muita dificuldade em conquistar novas pessoas pra querer lutar pelos direitos. (Grupo Focal, Jovens PSDB).

Novas formas de participação

Hoje em uma sociedade democrática e organizada, há diversas formas, Conselhos municipais. Eu estou no âmbito do município porque as pessoas vivem no município. Eu faço parte de uma ONG, uma associação cultural afro-brasileira em que eu milito. Fui trabalhar nas questões raciais. Daí uma coisa liga outra, eu fui militar na questão social, em prol dessas pessoas que têm dificuldades, pessoas afros ou não; fui trabalhar

na questão dos direitos humanos, então, quer dizer, existem várias formas de o jovem participar, inser-se na sociedade. Existem vários meios de você participar e contribuir para uma sociedade melhor para o jovem, para o adulto, para o idoso ou para pessoa com algum tipo de deficiência. Então quer dizer, você não precisa necessariamente ser ligado a um partido político, claro, se você se identificar com algum partido político, tiver alguma bandeira que você acha que é a sua cara, vamos em frente! Que nós precisamos sair um pouco dessa realidade em que hoje, como foi falado aqui, essa questão dos diretórios acadêmicos que acabam sendo polarizados pelos partidos políticos. É importante a participação, mas não é tudo, não é o que resolve o problema de uma sociedade. O fundamental é a soma de um conjunto com que nós vamos chegar a um denominador comum. (Grupo Focal, Jovens PSDB).

Relação entre políticas partidárias e políticas de identidade

A gente só corre o risco de segmentar demais a sociedade e isso é complicado. As pessoas precisam mesmo se identificar com uma causa, mas nunca segmentando e acreditando que ao lutar por aquela, ela precisa necessariamente lutar contra as outras. Existe isso, esse movimento é muito forte e a gente acaba tendo problemas; eu acompanhei muito isso na faculdade. Se você luta por cotas para negros na sociedade, você necessariamente está brigando contra outro tipo de cota e isso não pode acontecer. É nesse momento que a gente tem que definir uma política que seja específica para o jovem, uma política que seja muito mais específica para o negro, pois se essa deficiência do negro também for deficiência do jovem, essa segmentação tem que acabar, então vamos unir as forças. A gente sabe que para quem é bom, há segmentação aqui embaixo, para quem está lá em cima assistindo de camarote, como o povo costuma dizer: as elites. Se a elite está vendo a gente brigar aqui embaixo, entre a gente, para eles está tranquilo lá em cima; só vai começar a modificar a sociedade na hora em que a gente se unir aqui embaixo para que as políticas sejam comuns para alguns, diferenciando realmente aquilo que for complicado para segmentação. O que for para o negro, negro; o que for para o homossexual, é para o homossexual; o que for para a mulher, para o deficiente, para quem for. O que for comum a todos e isso é preciso identificar, pois é muito difícil fazer essa identificação. (Grupo Focal, Jovens PSDB).

Critica à Conferência - a questão da diversidade

Eu perdi o raciocínio... as demandas nacionais, dos diversos problemas, seja gay, branco, amarelo, sei lá de que cor e de todas as diversidades que o país tem. Que bom ter essas diversidades, mas ninguém parou para conversar sobre a diversidade regional. Que política que talvez serviria para São Paulo que é diferente do Rio Grande do Sul. O que efetivamente podemos fazer para que mude essa política nacional? Isso não foi discutido; foram aprovadas coisas assim, (...) que não é a realidade nacional, então para mim perdeu o enfoque da Conferência. (Grupo Focal, Jovens PSDB).

3.2 GRUPOS RELACIONADOS A ENTIDADES ESTUDANTIS

UNE - UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES

O tema participação é refletido com preocupação por jovens da UNE, considerando gerações anteriores, como as de 64 e 68 e em tons críticos sobre a juventude atual, sobre o desinteresse com a política. Nota-se que os condicionantes tenham sido o processo histórico, as dificuldades

passadas pelos jovens em termos de sobrevivência mais imediata, assim como o descaso do Estado, as perdas de utopias e desencanto com a universidade e a escola.

Sugere-se, entretanto, que estaria havendo um “retorno” à arena de participação, via estímulo do atual governo para debates sobre políticas e programas voltados para os jovens. Para alguns jovens, há hoje uma participação qualificada pela diversidade cultural, que seria aproveitada para fins mercadológicos, fragmentando a juventude. Jovens da UNE rebatem críticas à organização, argumentando que são herdeiros de uma tradição que sempre se destacou na defesa da democracia e que hoje o movimento estudantil estaria em várias frentes, considerando a pluralidade dos jovens e seus interesses, Eles resistem a ‘guetizações’, a separações. Para eles que haveria que combinar frentes por reconhecimentos identitários com empenho por “uma transformação maior na sociedade”. A seguir em suas próprias palavras a formatação desse ideário:

Comparação entre gerações de jovens entre períodos históricos diferentes

Eu vejo que período falado aqui da ditadura militar, perdeu-se um ícone de luta. Ouve um interesse das classes dominantes de descaracterizar e desconstruir as imagens que foram formadas naquela luta na juventude. O sintoma disso são diversas frentes que vivem diversas formas de organização, perdeu-se aquela idéia da juventude se encontrar como segmento importante e protagonista de missão na sociedade brasileira. Um dos maiores desafios para gente hoje que tem essa consciência, que faz parte de um movimento social, é que 30% da população não se organiza em nada, nem partido político, nem religião. Então é uma minoria que está politizada. Então isso dá o quê? Espaço para ideias antipartidárias, apolíticas, as ideias do consumo mesmo sem saber. (Grupo Focal, UNE).

A participação político-cultural é uma percepção dos anos 90 pra cá, a gente agora faz vinte anos de Constituição [este ano]. E dos anos 90 pra cá, teve uma coisa chamada diversificação de tribos, esse monte de conceitos culturais que, na verdade, são conceitos mercadológicos para vender certo tipo de produto para certo segmento. (...) Ah, eu estou vendendo um produto específico para skatista, eu sou skatista. O que acontece: a gente distancia os jovens dos movimentos nacionais que fazem acordos, que fazem debates, que fazem uma busca de melhorias. Porque simplesmente traz o cara para um intervalo na vida da pessoa. Um intervalo de bem-estar e acha que aquilo é o resultado de tudo de bom na vida dele. Então essa estratégia tem dado certo, mas a gente tem que lutar contra, começar a unificar mais essa juventude.

O DCE defende o direito do cara, mas quantos alunos participam de eleições do seu CA? E então pergunte ao cara que tem dezoito, dezesseis anos até trinta e cinco anos em quem votou para vereador e deputado, ele não sabe porque não tem consciência do que ele está fazendo, ele vai lá porque tem que votar, porque tem uma obrigação, ele não tem um prazer. E a gente infelizmente precisa de heróis, nós buscamos esses heróis, nós estamos inertes esperando que alguém faça por nós, acomodados esperando. (Grupo Focal, UNE).

Sobre a década de 70 sinto um certo consenso entre nós; que era um momento em que a juventude participava de fato por ter uma presença maior no Estado, na educação. As pessoas se sentiam construtoras da escola, construtoras da universidade. A universidade e a escola tinham um perfil de ser a segunda casa do estudante. Hoje o jovem se sente angustiado na universidade. Havia um interesse maior de mudanças no Estado. E tem hoje uma perseguição, um combate a todo e qualquer tipo de organização da juventude.

Hoje tem o movimento negro, o movimento de gays, mas nos anos 70 o que mais se citava era o estudantil. Grande parte dos jovens estava nas escolas e nas universidades, então era aquele setor que mais atuava. Na década de 80, essa juventude estava sendo reconstituída porque ela foi bastante reprimida. O Estado, a ditadura entenderam isso, para seguir aquele projeto era interessante reprimir quem mais se contrapunha. E quem mais se contrapunha era a juventude. Não é à toa que em determinados momentos da história, as principais organizações de luta e enfrentamento à ditadura militar e atuais governos eram as entidades estudantis, não eram os sindicatos, não eram os trabalhadores, aí que a UNE comparecia. Quando a gente passa à década de 90, a juventude passa a não pensar mais coletivamente, a buscar saídas individuais, *'eu vou cuidar da minha vida, senão o tempo passa e eu perco a minha situação'*. *'Eu tenho que estudar, tenho que trabalhar, tenho que me formar'*. Mas eu percebo que aquela perspectiva vai sendo retomada a partir do governo Lula. Não que seja o governo ideal, mas que minimamente deu abertura para uma discussão, para uma participação da juventude. Então hoje eu vejo como o retorno da juventude às preocupações com o Estado é uma resposta que a juventude dá. É um impacto de 20 anos de opressão. Hoje você tem a falta de emprego, você tem a violência, você tem uma série de outros fatores. (Grupo Focal, UNE).

Respondendo críticas ao Movimento Estudantil

As críticas que jovens e outros setores, como muitos entrevistados em outros grupos, fazem ao movimento estudantil hoje se orientariam por considerar-se que as formas de atuação seriam “anacrônicas”, “hierárquicas”, “burocratizadas”, também se qualificando como negativa a relação com tendências político-partidárias. Jovens da UNE relacionam tal perspectiva a uma ethos modernizante, para alguns próprios do neoliberalismo e de correntes “pós-modernistas” que contraporiam como forma de organização, partidos *versus* movimentos sociais, ou a uma influência da mídia, posição antiestado ou que codifica toda a política com casos de corrupção, por exemplo. Alguns jovens enfatizam que muitos setores que criticam a UNE estariam criticando uma modelagem de nação que se pauta pelo público, em particular quanto à educação. A seguir réplicas de jovens da UNE:

O movimento estudantil, muitas vezes, não é enxergado com bons olhos, porque vai na contramão de algumas vertentes! Trazemos, por exemplo, debates como na última convenção, sobre a questão do aborto, a questão da violência, questões culturais. E nós vamos sempre debater contra interesses que não sejam interesse dos estudantes. O interesse de ter um apoio à educação, de ter uma educação gratuita para todos. (Grupo Focal, UNE).

(...). A novidade é diversificação, possibilidade que se ampliou com o governo Lula. Possibilidade que a juventude pense, pense como melhorar o meio ambiente, a cultura. Na participação política, surgem diversas frentes de atuação. Mas não podemos, também, é passar do limite e achar que não é necessária mais uma forma de organização que pense na realidade como um todo. Eu acho que aí que há o grande limite, que é aí que o movimento estudantil se propõe a ser um movimento propositivo de construção, mas, ao mesmo tempo, um movimento de resistência a esse ideário.

Eu acho que é aí que se cria uma falsa dicotomia e a juventude, ela não está alheia, de forma alguma, a esses vícios. E isso, inclusive entre nós, considerar que o movimento tal é ruim; o movimento tal é bom. Mas eu acho que cada movimento em específico cumpre

o seu papel, mas não pode perder de vista a transformação geral que o movimento estudantil se propõe a fazer. No interior do movimento estudantil também existem aqueles que dizem que a nossa forma de organização é atrasada, que não serve mais (...) Então temos que combater algumas visões que permeiam a juventude, inclusive, essas visões, às vezes, são de extremo conservadorismo, porque se dizer que é contra partido político é fazer coro com a ditadura militar, que destruiu os partidos políticos. (Grupo Focal, UNE).

Relação movimento estudantil e partidos políticos

O nosso futuro é o resultado do nosso passado. Na ditadura, como os partidos foram reprimidos e extintos, os partidos se refugiaram no movimento estudantil. O movimento estudantil abraçou esses partidos, o movimento estudantil trouxe para cada partido o seu espaço, e é difícil você tirar isso hoje. É importante. Porque eu que sou da tese mutirão. Quem é da UJS tem outro pensamento e aquilo dali, há uma somatória do seu todo, lá no final. Então, essas diferenças, se elas não existirem, dentro do processo de democracia, é complicado. Se nós deixarmos essas pessoas que estão aí sugando o Estado, continuarem tomando conta, porque não discutimos ética, perdemos essa busca do acúmulo, esse respeito. Temos diferenças [em relação a partidos], mas sabemos nos respeitar, a causa é a mesma. Sabemos entender as dificuldades um do outro, somos companheiros. (Grupo Focal, UNE).

Eu acho que é um direito, um direito democrático, você pertencer a um partido político, inclusive, muita gente morreu para defender esse direito de hoje a gente pertencer a um partido, um partido de esquerda. É um preconceito, quase um fascismo, você negar isso. (...) Então, eu acho que assim como tem várias lutas, os jovens pertencerem a partidos políticos é uma delas, é um espaço que pode ajudar a proporcionar essas mudanças. (Grupo Focal, UNE).

Eu acho que a minha parte não vai convergir para o restante. Vou começar pelas organizações partidárias, essas críticas. Toda a forma de organização é legítima, partidária ou não. Discordo quando você fala que aqueles que questionam a organização partidária fazem coro com a ditadura. Porque a ditadura militar não perseguiu só partidos políticos. A ALN não era um partido político, PPR não era um partido político, ela perseguiu toda e qualquer forma de organização, inclusive os partidos políticos. Então por nós termos filiações partidárias nós saímos de uma ânsia angustiante da defesa que acredita que toda a forma de organização é legítima, sendo ela partidária ou não.

O que a gente não pode cair aqui é no seguinte: que o que mais vale é quem tem filiação partidária. E do lado de lá você diz o seguinte: o que mais vale é quem não tem filiação partidária, porque é legítimo. Quer dizer que o movimento vai seguir pelo lado de lá, vai-se restringir a quem tem filiação partidária, então quem não tem, não tem nenhuma contribuição a dar. O movimento social sempre se caracterizou de várias formas, muitas vezes com viés partidário, que é legítimo, muitas vezes sem viés partidário, que é legítimo. Acho que passei uns seis anos da minha militância no movimento estudantil, discutindo exatamente isso, eu acho que cansei, cheguei nesse ponto: para!

Não faz sentido essa guerra fratricida entre partidários e não partidários. Os partidários e os não partidários são salvadores da pátria? Não! Então eu posso criar uma série de

situações falaciosas em que eu coloco o seguinte: os que prestam aqui são os que tem filiação partidária. Todo mundo se organiza da forma que bem entende, e vai disputar seus espaços, nos espaços das universidades, das escolas, a forma de organização civil que acha que melhor contenta o movimento. E quando eu discuto, isso faz parte, isso é saudável. Discutir é o que dá oxigênio pra o movimento estudantil. Sempre deu.

No que diz respeito a considerar o movimento estudantil anacrônico, também tem que parar com isso, porque a UNE tem que estar em todos os lugares, e todas as ações do movimento estudantil, tem que ser feito pela União Nacional dos Estudantes. Não é esse o papel da UNE. A manifestação espontânea sempre aconteceu e sempre vai acontecer. Integração, esse é o papel de entidade representativa. Não é estar em todos os momentos, em todos os lugares. As coisas mudam, os papéis das entidades mudam. Então, na boa, essa crítica de uma UNE anacrônica, acho que muito pelo contrário, a UNE tem esse processo de tentar compreender essa movimentação. (Grupo Focal, UNE).

Combinando frentes de participação no movimento estudantil, “sem guetolizar”

A gente está falando cada vez mais com um público maior. Tentaram desarticular muitas vezes o movimento estudantil na época da ditadura, destruindo a sede da UNE e da UBES, quebrando tudo, achando que destruindo tijolo, casa de estudante, matando, sumindo com estudante, eles iam matar esse desejo, essa vontade de mudança. E até hoje os estudantes continuam protagonizando grandes lutas, sejam passeatas nas ruas ou dentro do Congresso Nacional, fazendo abaixo-assinados. Concordo com que há que criticar essa questão da pós-modernidade, do cada um por si. *‘Eu tenbo a minha luta, eu sou negra, eu vou lutar pelas mulheres negras; eu sou homossexual, eu vou lutar pelos homossexuais’*. Isso é falta de perspectiva, e de que a gente precisa uma transformação maior na sociedade.

O movimento estudantil tem sabido lidar bem com essas coisas, prova disso é que a UNE vem querendo cada vez mais atuar em frentes diferentes, nos movimentos de jovens mulheres, esportes, trabalhadores, no movimento LGBT e tal. A universidade tem todos esses movimentos e trata- de valorizar o espaço de atuação, valorizar o espaço da universidade como estágio de atuação da juventude e o movimento estudantil está em todos esses movimentos. Todos esses movimentos são movimentos da juventude. Então trata da gente tentar juntar isso e não ‘guetolizar’: O que é movimento estudantil? Quem faz cultura? Vamos separar? Não! Acho que todo mundo que está ali na universidade tem uma dívida social. Está ali na universidade construindo esse país. Está ali na universidade, está fazendo as pesquisas, está formando os pensadores, professores, técnicos, especialistas que vão desenvolver nosso país. Eu acho que o movimento estudantil tem sabido diversificar a sua atuação. E um dado também é que o número de estudantes universitários cresceu assim, principalmente na última década e principalmente nas universidades particulares. E a UNE está tentando estar no meio de todos esses estudantes, então assim, é um universo de quase cinco milhões de estudantes. É claro que não chega em todos os lugares, mas em todos os lugares tem movimento estudantil, força e participação dos partidos políticos. Eu acho que é um direito também, direito de democracia, você ter dentro do movimento estudantil pessoas que pertençam a partidos políticos. Eu acho que isso é muito presente, até porque quem está em partido político é porque tem uma opção de classe, uma opção de vida mesmo. (Grupo Focal, UNE).

Identidade da UNE, hoje

Hoje em dia, a UNE pauta de modo mais propositivo as formas de consolidar políticas no âmbito do Estado do que no passado quando nós nos posicionávamos geralmente contra as propostas que vinham de cima. Então agora a gente consegue de certo modo construir alguma coisa. Pautar algo que seja propositivo e que influencie de fato, objetivamente, na realidade. Eu acho que hoje a gente atualizou em muito a nossa forma de fazer uma atuação política. Consegue identificar mais problemas reais e atuar em cima dessa realidade concretamente. Hoje a gente defende determinados projetos vindos do governo, porque eles vão interferir na realidade de determinados problemas e, a gente pauta algo além disso. A conjuntura de fato permite que a gente consiga pautar a construção. Isso não é ser pautado. (Grupo Focal, UNE).

(...) Hoje tem uma bandeira na sociedade de que todo jovem tem que ter educação, tem que ter acesso à educação. Então o movimento estudantil, ele tem essa importância na sociedade para defender o interesse do jovem que precisa ter acesso à educação. (Grupo Focal, UNE).

O movimento estudantil consegue falar para essa diversidade que é a juventude hoje. Porque o movimento estudantil defende a bandeira, principalmente da educação, apesar de defender todas as bandeiras que existem no nosso país hoje. Todo jovem deve passar pela escola, todo jovem tem que passar pela universidade. E isso garante que o movimento estudantil seja protagonista de fato dessas lutas. (Grupo Focal, UNE. Uma jovem).

A UNE levantou no ano passado, principalmente a bandeira da reforma política, ou seja, mudar a política para mudar o Brasil. Já a mídia identificava a corrupção apenas na política, os políticos eram considerados apenas como ladrões e a política era um espaço, não existia como mudança para a sociedade, era apenas um espaço que deveria ser negado pela juventude. E foi então que levantou essa bandeira; não! Não! A juventude não vai negar a política, porque se a juventude negar a política aí sim a gente vai concretizar, cristalizar aquilo que já existe. Acho que a UNE tentou trazer essa nova perspectiva para sociedade: que é necessário sim, lutar pela política, de outra forma. As grandes reformas que devem ser construídas hoje para mudar o país, como ele se encontra hoje, necessariamente passam pela política, e passa necessariamente pelos partidos políticos. Afinal de contas, as leis vão ser aprovadas, dentro do Congresso Nacional, por figuras que fazem parte de partidos políticos. (Grupo Focal, UNE).

3.3 UBES - UNIÃO BRASILEIRA DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS

Jovens da UBES tendem a apresentar alguns argumentos similares aos expostos por jovens da UNE, como a destacar uma negatividade da mídia que representaria o jovem como contrário à participação política, sem registrar a multiplicidade de formas de participação e que reduziria a complexidade das relações em políticas a casos de corrupção, generalizando:

O jovem vê e acha que política é só corrupção, só roubalheira, só notas fiscais fraudadas; não tem essa outra visão, não acha que ele pode ser um agente transformador da política. Esse é o problema desse descrédito na política. É uma mídia que só mostra um lado, e como a gente sabe, hoje na casa da maioria da população brasileira sempre vai ter uma televisão. (Grupo Focal com jovens da UBES).

Alguns políticos também contribuem muito para que a própria juventude possa vir a perder a credibilidade. Nós que somos jovens, que estamos dentro dos partidos políticos, que estamos na militância juvenil, a gente tenta passar, que se a gente não mudar essa realidade, vai continuar essas mesmas pessoas que estão aí e a corrupção vai continuar no nosso país. (Grupo Focal, UBES.)

Como os jovens da UNE, os da UBES indicam que o jogo político partidário foi um ganho, pelo qual muitos jovens de gerações passadas lutaram. Priorizam hoje o diálogo, quando possível, a relação com os partidos que se identificam com bandeiras da juventude, mas enfatizam que de fato haveria um tipo de fazer política que não teria a ‘cara’ da juventude, *esse negócio conservador, que não é a cara dele, que ele não tem voz e tal..* reconhecendo que *há maneiras diferentes [de fazer política] da que faziam os nossos pais.*

Comparação entre gerações de jovens

Nossos pais apanharam na época da ditadura, a gente lutou para ter esse espaço democrático, para ter vereadores, deputados que nos representassem. Eu falo nossos pais assim, porque o meu pai nunca se meteu nessas coisas; eu falo nossos pais pela simbologia que tem a geração dos anos 70, que lutou pela democracia no país. Eles já fizeram o papel deles e a gente tem que fazer o nosso, que é de interagir dessa forma que a gente está fazendo. (Grupo Focal, UBES).

Mas o que é participação do/da jovem?

Participação é tudo o que a gente está fazendo; a gente está participando e contribuindo pra esse momento da Conferência da Juventude, por exemplo. Aqui tem gente de todos os estados brasileiros, que vêm com um objetivo de discutir, de contribuir para o debate. (Grupo Focal, UBES).

Há diversas formas de participações e, claro, que todo mundo que começa a participar, por exemplo, de um movimento cultural, seja ele não político, é uma política, pode não ser partidária, mas ele é uma política, pois ele quer introduzir o jovem no esporte, na cultura, na dança, nas tradições brasileiras promovendo a cultura brasileira – tem todo um ativismo que não necessariamente é político-partidário. E tudo isso é válido. E a participação da juventude é participação, porque contribui de uma forma positiva para a sociedade. Eu acho que é nesses pontos que a juventude contribui com a participação. (Grupo Focal, UBES).

A classe política interfere muito na questão da formação. Por exemplo, por que o partido político, a imagem do partido político se degenerou? Porque a classe política ficou desacreditada. E a principal ligação de um político é o seu partido, O que fez com que os partidos políticos caíssem no descrédito foi a atitude de alguns políticos. Isso atingiu os partidos políticos. (Grupo Focal UBES).

Políticas identitárias e a UBES

Política não se resume só nessas questões parlamentares. O sofrimento do povo tem sido tão grande com a desigualdade social, que ele se apega com aquilo que é mais próximo dele. Então, o negro, o que ele sofre de pior? O racismo. Eu acho que a nossa tarefa a partir do racismo ou a partir do desemprego, que é o que pega o pai de família que precisa sustentar uma família e, a partir disso, ele compreender que a luta dele não

deve ser por coisas – porque ele luta por coisas no capitalismo – deve ser por ideais. Essa é a nossa tarefa, eu acho. Então, no capitalismo as pessoas lutam por coisas; O cara sofre mais o racismo? Então ele se apega e faz o movimento negro. Agora, existem pessoas que se utilizam disso, eu acho, pra tentar fragmentar essa transformação – então, não vale mais a pena lutar por algo como o socialismo; vale a pena lutar pela questão do negro, pela questão do homossexual – então, tudo isso tem uma causa.

Eu considero legítima e política a luta por identidades. Tudo que a gente faz, no sentido de elevar a consciência ou melhorar a condição de vida do povo ajuda na transformação. Então, a participação é importante; não é porque o capitalismo procura fragmentar a luta, que nós vamos dizer que isso aqui não presta, presta, já que de alguma forma o cara está discutindo. Então, quando estamos aqui no movimento estudantil, eu acho que é porque a maioria não tem essa compreensão. Todo mundo acha que não tem ligação, mas em alguns momentos as pessoas acham que não é assim, acham que é pra salvar a baleia e só, mas pra salvar a baleia tem outras coisas, mas salvar a baleia é também importante. Agora, a partir desse debate, a baleia está morrendo não é porque as pessoas não estão salvando a baleia, é por que esse sistema é predatório. (Grupo Focal, UBES).

Mesmo sendo militante estudantil, dentro da causa estudantil, luto pelas mulheres, eu luto pelo ambiente. Porque a gente tem consciência, tem visão do que está errado. Por isso, acho que a gente conhecendo política, e participando a gente consegue saber quais são os bons e o que está faltando em cada ponto. (Grupo Focal, UBES.)

Réplicas às críticas ao Movimento estudantil

Estamos cansados de escutar que a UBES foi eleita governista, mas isso é a visão daquele pessoal que não tem um projeto de construção de um movimento estudantil e de um movimento social. O que a gente está fazendo é ir todos os dias às escolas, todo dia participar de fóruns, de discussões do movimento estudantil, não só de lutas, bandeiras grandes – como é a da revolução. Mas a gente está lutando também pela falta de bebedouro na escola, mais investimento na educação para não faltar de giz na sala de aula. Então, como a gente tem essas bandeiras, ou seja, parte de bandeiras pequenas, para ir para bandeiras grandes, existe uma galera que vê que o movimento estudantil está aparelhado mesmo. (Grupo Focal, UBES).

A galera apanhou na época da ditadura militar, apanhou no ‘fora Collor’, foi para que nós evoluíssemos e tivéssemos uma oportunidade de debater com os políticos as políticas. O papel do movimento estudantil é dar opinião, é levar a mensagem do estudante para a classe política. Nós lutamos para que eles estivessem lá, nós lutamos por esse espaço; nós não podemos agora tacar o pau num espaço que nós lutamos pra construir. Eu acho que a maneira mais prática, a maneira correta da UBES hoje é interagir com a classe política e com o poder público é participar, é discutir. Eu acho que não é aparelhamento. Fizemos a revolução pelo fim da ditadura, fizemos a revolução pelo ‘fora Collor’, agora eles querem fazer a revolução por outras coisas. Então, eu acho que eles não evoluíram. O movimento estudantil, de qualquer forma evoluiu; hoje a UBES tem uma contribuição muito grande. A grande maioria dos projetos do governo Lula, no tocante a projetos para a educação, teve participação ativa da UBES e da UNE. A UBES e a UNE não se mantêm caladas perante as ações do governo. (Grupo Focal, UBES).

Tenho alguma discordância, acho que tem esse lance de ser crítico porque quer estar apenas no que consideram que é fazer a revolução, mas há aqueles que não querem nada também entre os que lutam pelo fragmento. Agora entre os que fazem essa crítica há também os bem intencionados. Não podemos ter esse preconceito, achar que eles não evoluíram. (Grupo Focal com jovens. Um jovem).

Eu acho que o movimento estudantil hoje avança. Hoje, a nossa arma não é mais o fuzil ou os garfos e a faca do calabouço do Rio de Janeiro; hoje, a nossa maior arma é o argumento, é poder chegar dentro de um fórum político e divergir, debater, colocar várias opiniões dentro do movimento estudantil e respeitar cada opinião. Eu estava assistindo a uma filmagem de uma reunião da UNE: a galera dava porrada, era quebradeira, cadeira voando na época da ditadura; e hoje, a gente consegue construir esse movimento, mas consequente até debater, conseguir sentar no mesmo canto e discutir. Aqueles que criticam têm que participar e construir, não fragmentar o movimento estudantil – a UBES e a UNE conseguiram se manter durante todo período da ditadura militar, e hoje continuam se mantendo. Eu acho que se eu quero mudar, antes tenho que participar! (Grupo Focal, UBES).

A UBES hoje não tem só um partido político dominante dentro da entidade, existem diversas forças dentro da UBES, quer sejam eles de direita, quer de esquerda. A entidade congrega diversas opiniões partidárias, isso é bom pra entidade porque nem todo mundo pensa igual, então a gente diverge em determinados assuntos e, isso faz com que a gente avance na maioria das questões dentro da entidade. Muitas pessoas falam que a UBES é uma entidade de gabinete e tal.

Existe hoje em muitos estados, a questão das entidades terem já uma abertura junto aos poderes públicos, junto às assembleias legislativas, à câmara de vereadores, assim como, também há muitos estados que não se tem, em muito município que não se tem essa abertura. Exemplo disso foi a conferência de educação – a UBES estava na organização geral da Conferência e aí discutindo fatores importantes: como a questão das eleições diretas para diretor de escola e outros temas. Agora a gente está aqui, nesse espaço, que é a Conferência de juventude. Agora se nós não tivermos espaços, aí sim, aí é hora de se fazer uma revolução. (Grupo Focal, UBES).

3.4 JUVENTUDES RELACIONADAS AO SINDICALISMO

JUVENTUDE DA CONTAG - CONFEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES DA AGRICULTURA

Jovens da CONTAG indicam que a juventude rural vem-se organizando de forma mais ativa desde 1998 em sindicatos, federações, e confederação, da CONTAG – “começamos a nos enxergar como juventude do campo”. Ressaltam que *a juventude do campo hoje, está muito aberta, é mobilizada no sentido da organização e da busca por essas políticas de infra-estrutura e de condições pra viver no campo*. De fato, o debate sobre participação pelos jovens e as jovens da CONTAG foi direcionado para políticas públicas, cobranças sociais de necessidades vividas pelos jovens no campo, considerando que este é um diferencial de mobilizações recentes. O jovem do campo, tradicionalmente era visto como um adulto, sem singularidades e sem necessidades além das relacionadas à sustentabilidade econômica. A estratégia de mobilização dos jovens segundo

os/as entrevistados/as foi também básica para o interesse dos/das jovens em participar por políticas públicas. A CONTAG conta com um dispositivo que estimula a participação de jovens, inclusive, em postos de tomadas de decisão, qual seja cotas de 20% para jovens em todas as instâncias partidárias. Enfatiza-se que a tônica sobre participação é a preocupação da juventude rural com políticas públicas, *propostas concretas*.

(...) A partir da posição da juventude, a gente viu a importância de lutar por políticas públicas. É preciso que se entenda que gente necessita de esporte, educação, saúde, lazer e que o campo não seja visto somente como lugar do trabalho, de ir para roça e plantar e só produzir e não como um espaço de lazer. (Grupo Focal, CONTAG).

Hoje a gente tem a cota de 20%, na direção da CONTAG para jovens. Em algumas federações, a gente já tem a participação de 20% dos jovens e as mulheres têm 30% de participação. E já se tem uma situação totalmente diferente em eventos, onde não veem só pessoas de mais idade, e sim a juventude e mulheres o que dá uma qualidade muito grande na discussão. Então, nós temos a nossa pauta específica, inclusive, nós fizemos audiências até com Ministérios. Nós conseguimos colocar a pauta da juventude e tivemos o Festival Nacional da Juventude, foi um marco importante para nós. (Grupo Focal, CONTAG).

(...) A partir do oitavo Congresso foi aprovada uma coordenação nacional de jovens. Nos estados, temos as coordenações estaduais. E com essas coordenações estaduais, nós conseguimos fazer um debate com a juventude lá na ponta. Então esse foi um dos marcos importantes para a juventude do movimento sindical. Nós estamos conseguindo fazer um trabalho com a juventude, em parceria com outros movimentos também. (Grupo Focal, CONTAG).

A juventude rural hoje é a juventude mais organizada do país, por quê? Porque nas conferências, a juventude do campo tinha propostas mais concretas e propostas que não só envolvem o meio rural. E nós entendemos que para ter uma cidade digna, é preciso ter um meio rural digno também. Nós precisamos ter políticas no meio rural para nós não transformarmos o meio urbano em um local de violência, com carência de alimentos. Então essa é a responsabilidade que nós temos. (Grupo Focal, CONTAG).

Participação como horizonte de vida—mas em quê? Como?

O debate sugerido sobre o futuro, como os jovens se viam daqui a cinco anos, revela a orientação dos jovens da CONTAG para a militância, por um compromisso com a comunidade e por mudanças sociais, inclusive intervindo em formas de fazer política nos partidos, mas apostando, muitos, na participação em entidades civis. Note-se que tal perspectiva faz parte de uma agenda política e não somente uma opção de trajetória pessoal, qual seja a formação de lideranças para ocupar espaços e ampliar a representação do campo na esfera político decisória do país. Assim se afirma crítica aos políticos, mas também o reconhecimento de que a política é um campo estratégico para mudanças.

Penso inclusive em estar dentro dos partidos políticos, nas Câmaras de Vereadores e dentro dos espaços. Eu particularmente, não me vejo só a mim, mas como eu, vejo com a juventude que a gente trabalha atuando dentro desses espaços. A gente trabalha para isso. Daqui a cinco anos, o que eu eu penso? O quê eu sonho? É que a nossa juventude esteja mais presente dentro de nossos conselhos, dentro dos espaços de decisão, inclusive dentro do partido porque a gente precisa estar lá dentro. (Grupo Focal, CONTAG).

Eu me vejo participando, envolvida ainda em espaços em que estou hoje. Eu sou uma jovem que acredita em grupos e, eu confio na sociedade civil. A sociedade civil segura os partidos. E não os partidos a sociedade civil. Então eu me vejo mais envolvida daqui a cinco anos nos partidos. Para mudar a sociedade não precisa ser um candidato a um cargo eleitoral. A gente transforma, participando da sociedade, no partido, em um grupo, em um movimento social, em um sindicato. A gente transforma isso. Então eu me vejo futuramente dessa forma, mas não só eu, eu vejo mais jovens daqui a cinco anos envolvidos nesse processo de organização social. O que mais me orgulha, é ver que isso fomos nós quem ajudamos a construir e a mudar essa sociedade e que o campo seja visto de forma diferente.(Grupo Focal, CONTAG).

A gente não acredita muito nos partidos políticos, isso não quer dizer que a gente não venha a participar da política, que não se esteja vendo os candidatos e as candidatas. Estamos mais votando em pessoas pela descrença nos partidos políticos. A juventude está procurando votar naqueles candidatos que acredita que possam transformar essa realidade. Então a gente está participando e daqui a uns dez anos essa juventude estará participando dos cargos eletivos, concorrendo sim, por acreditar que a política ainda é o único meio de a gente poder transformar este país. (Grupo Focal com jovens da CONTAG).

O que se entende por participação: especificidade dos/das jovens

O lugar movimento social é considerado mais apropriado para o jovem do campo participar, no sentido de construir, exercer mais autonomia do que em nos partidos políticos. Entretanto, há jovens na CONTAG que consideram que qualquer forma de participação, em qualquer espaço é importante. Portanto, não é unânime a crítica generalizada à forma partido, mas sim reflexão quanto a maior propriedade dos movimentos sociais para a juventude rural. Justificam também por ser mais sensível, mais próximo de uma agenda de reivindicações mais específicas e direcionadas. Considera-se também que não há propriamente movimento estudantil, quer do ensino médio quer do ensino universitário, na maioria dos estados, na área rural. Reproduzem a mesma crítica já expressa por vários outros grupos, de que o movimento estudantil seria partidarizado.

É quando a própria juventude constrói, ela não participa de algo que fizeram para ela, quando ela própria constrói a sua participação e também recebe. Ela é receptiva e também é construtora da política. Eu me sinto construindo a política de juventude, a política do Brasil, a política de nós, trabalhadores e trabalhadoras rurais; sinto-me construtora, ator de nossas políticas e de nossos direitos. (Grupo Focal, CONTAG).

Quando eu me lembro de participação, me vem na cabeça o seguinte: protagonismo, estar junto, opinar, ajudar a decidir. A minha participação se deu assim: eu estava dentro do espaço de discussão, às vezes de celebração da comunidade, e aí que a gente foi discutindo junto à realidade que não era legal e começando a ter uma análise de quais os espaços em que a gente teria condições de intervir para dizer: “*Daquele jeito não é o jeito viável de se viver.*” A gente começou nas reuniões de jovens, dentro dos sindicatos, dentro dos conselhos municipais. E foi daí que a gente foi descobrindo os outros espaços maiores. (Grupo Focal, CONTAG).

[Sobre a diferença entre participação de adultos e de jovens] em parte eu vejo diferença porque a juventude é mais ousada nas propostas. Talvez as pessoas que já estão há mais tempo já perderam um pouco essa energia que a juventude tem. (Grupo Focal, CONTAG).

Comparação entre a geração de 60 e 70 e a geração atual

Se alguns grupos de jovens destacam o desencanto dos jovens como um fator que inibe participação, essa não é perspectiva entre os jovens da CONTAG, que enfatizam que a juventude rural estaria ampliando sua participação e multiplicando-se em bandeiras, reivindicações de políticas, construindo plataformas. Também, como outros grupos, critica a mídia por difundir uma imagem do jovem como apolítico.

Depende da análise que se faz. Porque se for analisar também a conjuntura que o Brasil vivia nos 70 era diferente da que o Brasil vive hoje. A conjuntura que o Brasil vive hoje talvez não permita certas atitudes que se tinha nos anos 70. Hoje a gente está vivendo em outro patamar na história brasileira, com questões bastante parecidas, porém, em outro patamar político. No entanto, eu vejo que a juventude participa sim, eu acho que a juventude participa tanto que hoje a gente tem uma Conferência de Políticas Públicas, porque justamente é uma demanda da juventude. (Grupo Focal, CONTAG).

A mídia, às vezes, coloca algo que, muitas vezes, não é verdadeiro [como que a juventude não participa]. Existem juventudes que lutam pelo coletivo, e aí um exemplo são as conferências que tivemos nos Estados. Os anos 60 eram diferente, havia uma ditadura militar. Então, a juventude daquela época queria o poder de se expressar, hoje nós podemos nos expressar. Hoje são ditaduras diferentes. A ditadura hoje está na corrupção que vejo em determinados partidos, claro não generalizando. E a juventude hoje não é individualista, não concordo com a mídia. E hoje devido àquela luta dos anos 60, hoje nós temos conferências de juventude. Hoje nós temos transformações nos partidos. Hoje nós temos pessoas de partido no poder que estão transformando isso num evento. Pessoas que também sofreram na ditadura, então era diferente, a luta era outra. Hoje nós vamos lutar por outras coisas para poder nos estruturarmos enquanto pessoa, enquanto cidadão. (Grupo Focal, CONTAG).

Sobre o movimento estudantil

Eu estou vendo o movimento estudantil muito partidarizado no meu estado. A juventude estudantil se destaca como um partido. Desconsidera que entre os jovens tem diversidade, tem a rural, tem a GLBT. A gente avalia que no campo não existe movimento estudantil. (Grupo Focal, CONTAG).

No meu entendimento o movimento estudantil é só uma disputa de força entre os grupos e essa é uma forma violenta também de eles atuarem. Isso a gente percebeu claramente lá na Conferência. É uma disputa e também está partidarizada. Então tem o partido político que está falando mais forte do que o próprio movimento estudantil. (Grupo Focal com jovens da CONTAG).

Sobre voluntariado

Eu trabalhei voluntário por mais de quatro anos. O Estado deixa de cumprir as suas responsabilidades porque os movimentos sociais assumem a responsabilidade do Estado

(...). No entanto, eu acho que a sociedade brasileira precisa muito rever o trabalho voluntário hoje porque muitas pessoas passam pelo processo de trabalho escravo voluntário enquanto o Estado tem a responsabilidade e o dever de cumprir com a sua responsabilidade. Um dos exemplos é a pastoral da criança, que faz hoje no Brasil e fora do Brasil o que o Estado não dá conta de cumprir nem um terço do que a pastoral faz pelo país. E isso com voluntários. (Grupo Focal, CONTAG).

Políticas identitárias

Não há consenso entre os jovens da CONTAG entrevistados quanto à diversificação de frentes de engajamento partidário, por grupos específicos. Há quem considere que a modelagem do Fórum Social Mundial teria sido um avanço, por reunir grupos em diferentes entidades e em diversas frentes, considerando que seria uma forma de ainda estar pelo *social*, enquanto outros são críticos à multiplicação de ONG e outras lideranças que avaliam como marca de contemporaneidade à multiplicação de frentes por políticas identitárias. A decolagem de sua forma de atuação a partir de uma realidade, de necessidades específicas dos jovens nas áreas rurais, como frisado, caracteriza os discursos dos jovens da CONTAG. Ocorre, porém, que, embora nem todos sejam críticos aos partidos políticos e vários sejam membros de partido, tendem a considerar que *é nas organizações da sociedade civil que a juventude tem mais espaço para se organizar* o que subliminarmente sugere o descaso dos partidos políticos com as reivindicações dos jovens da área rural.

Sim hoje existem novas formas de fazer política, pelo surgimento de bandeiras específicas. Nos anos 60, anos 70 a juventude teve essa marca da luta pelo socialismo. Eram bandeiras mais gerais, mais abrangentes. Essa juventude que se organizou foi descobrindo com o passar do tempo as suas especificidades. Eu acho que a juventude se organiza atualmente com o mesmo gás. No entanto, de forma mais individualizada, de forma mais específica de acordo com a necessidade de determinados grupos como a juventude rural, a juventude negra e a juventude indígena. Surgiram novas bandeiras e a juventude foi- se apegando a elas, a determinados grupos, a determinadas bandeiras de acordo com a sua história, a sua necessidade. (Grupo Focal, CONTAG).

Eu não discordo que há grupos específicos cujo número esteja aumentando. Mas um exemplo que ainda nós lutamos pelo social é o Fórum Social Mundial. Eu vejo um exemplo de junção de tudo isso, da sociedade no campo por um bem comum da sociedade. E aí envolve partidos, envolve movimentos. Todos estão no Fórum Social Mundial. Então é lindo de se ver isso, porque antes não havia. Então o Brasil se destaca nessa junção, nessa mistura. (Grupo Focal, CONTAG).

A pulverização dos movimentos sociais, de certa forma é muito prejudicial. É uma forma de anular a força que se tem. No momento em que se dividem esses movimentos sociais, não se tem uma força única. E hoje para se conseguir um entendimento entre esses movimentos, é muito difícil. Como por exemplo, dentro da própria Conferência Estadual, nós criamos um grupo para a juventude do campo. Por quê? Porque nós tínhamos certeza que nós não conseguiríamos passar as nossas políticas, as nossas propostas dentro dos outros grupos. No meu entendimento, eu considero isso muito prejudicial, essa pulverização dos movimentos sociais. Cada vez se incentiva mais a criação de ONGs, OSCIPs, federações paralelas. E isso está prejudicando muito os movimentos que já são organizados há muitos anos. Com essa forma de pulverizar, nós estamos perdendo a força de barganha frente ao Governo. (Grupo Focal, CONTAG).

Eu entendo que é nas organizações da sociedade civil, que a juventude tem mais espaço para se organizar. Os partidos políticos utilizam também a juventude como massa de manobra. Nós percebemos isso muito forte na Conferência Estadual lá no Estado do Rio Grande do Sul onde havia dois mil quatrocentos e oitenta e seis delegados. Discutiram-se somente no primeiro dia as propostas durante umas duas horas e meia talvez, e não se conseguiu chegar a propostas boas. A discussão foi muito pouca porque a juventude que estava lá era representativa de partidos políticos e não sabiam o quê estavam fazendo lá. Na nossa avaliação, os partidos utilizaram a juventude lá com essa massa de manobra. (Grupo Focal, CONTAG).

Eu vejo que em qualquer espaço pode-se fazer a política e aí ela é diversificada. Ela pode ser partidária, ela pode ser de grupo social, mas a política é mais sólida quando feita em movimentos sociais. Eu confio mais em movimentos sociais. Nos partidos hoje há muita mistura. (Grupo Focal, CONTAG).

Nós aqui, a maioria, somos filiados a partidos. Ainda temos divergências sobre qual o melhor espaço. Prefiro no movimento social. Eu acho mais complicado dentro dos partidos. (Grupo Focal, CONTAG).

Talvez a gente tenha essa visão de que nos movimentos sociais é o melhor justamente porque hoje, a juventude rural tem mais espaço nos movimentos sociais, onde a gente está mais inserido. Por exemplo, eu participava de partido político e também participo de juventude negra. Participo de tudo porque eu acho que é interessante saber o que todos discutem para também se estar inserido no processo. (Grupo Focal, CONTAG).

JUVENTUDE DA FETRAF - FEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES E TRABALHADORAS NA AGRICULTURA FAMILIAR NO BRASIL

A juventude na FETRAF, como de outras centrais sindicais, sugerem que há um denominador comum, visões de mundo que dão liga, independentemente da filiação partidária, que os faz ficar juntos e construir algo. no coletivo. Então se diferencia política de partido, de política de governo e de inclusão social. Explicita-se que na direção há pessoas de vários partidos, *mas a base é aberta, o sindicato é dos agricultores, agora, as lideranças têm as suas opções partidárias*. O debate sobre lugar de militância é tranqüilo e há quem defenda que o mais importante seja o dialogo entre partidos e movimentos sociais e certa complementaridade de papéis, cabendo aos partidos *análises de pano de fundo*. Ressalta-se o debate sobre o modelo de desenvolvimento como básico, inclusive, para discussão de políticas de juventude, na área urbana ou rural.

A FETRAF é um movimento sindical que trabalha dentro da CUT. Não estamos articulados na CUT só porque tem que ter uma central sindical, mas também por defendermos a união dos trabalhadores. A FETRAF vem defendendo a construção do novo projeto de desenvolvimento, um novo modelo de desenvolvimento tecnológico no espaço rural e na cidade que garanta a inclusão e a sustentabilidade social e econômica ambiental. É um dos passos para uma sociedade de fato mais justa, com garantia de condições para toda classe trabalhadora e para quem nunca teve espaço e sempre teve só política compensatória. Daí a importância de ter esse pano de fundo, senão a gente vai estar sempre correndo *atrás do prejuízo*. Não fazer reforma agrária é uma opção por

um modelo de desenvolvimento concentrador da monocultura e que não vai garantir a inclusão de todos: é máquina no campo e povo na cidade; aí produzir para exportação e não produzir alimentos para garantir a soberania alimentar, por exemplo. Então não basta só discutirmos acesso à terra para juventude se a reforma agrária não acontece. (Grupo Focal, FETRAF).

Identidade - Partido x movimentos sociais

Eu sou filiado ao Partido dos Trabalhadores, mas devemos fazer política de governo ou política de inclusão social, e não política de partido. No momento estamos em conjunto na Conferência da Juventude. São diversos partidos; estamos todos juntos para discutir o bem comum da juventude brasileira. Acho que não importa a questão partidária, o que importa é a visão social e econômica para o nosso povo. (Grupo Focal FETRAF).

[Concordo] que é uma falsa dicotomia, que se pode estar presente em vários espaços para construção da política nacional. Quem de fato representa os anseios da juventude? É uma falsa idéia a de que os partidos levam tudo só do ponto de vista sectário do seu partido ou para defender o governo ou ainda contra o governo; também não concordo com a visão que se tem que ser totalmente autônomo e não ter vinculação a partido. É uma falsa dicotomia: ambos os espaços são fundamentais. Defendo que tem que ter um movimento forte, não basta só ter governo, tem que ter sociedade organizada, onde o partido também tem o seu papel, não só de elaboração, mas de maneira de se chegar aos espaços institucionais; não só de ajudar a organizar a população, mas de elaborar uma política. Cada tipo de organização tem diferentes papéis, mas não dá para dizer que um representa mais que o outro. (Grupo Focal, FETRAF).

O problema muitas vezes é o método – os partidos têm alguns vícios. Assim, na forma de construir, às vezes, não consegue dialogar com todo mundo, ampliar a discussão, então vem com uma pauta meio pronta; isso cria alguma resistência com alguns movimentos e grupos. Por outro lado, acho que muitos grupos que só discutem a sua pauta, a tendência dos movimentos é de que cada um olhe para o seu específico. A gente não percebe que existem questões que são panos de fundo. Então não ter políticas públicas para a juventude hoje é consequência de uma aposta que foi sendo feita no decorrer dos anos, de não priorizar esse setor e de utilizar a população para aquilo que se queria e não buscar autonomia. Há um pano de fundo que é a questão do modelo de desenvolvimento, um projeto que está em andamento no país, que não é um projeto sustentável. Então não dá para fechar os olhos e dizer que importa só a pauta da juventude rural, ou o que importa é só a pauta do movimento GLBT, e que o partido não importa para garantir a minha pauta. Importa, queremos mudar como um todo a sociedade, além de garantir a pauta da juventude, e aí para mim o partido é importante por isso. É importante para garantir essa especificidade, essa diversidade, mas garantir o pano de fundo. Essa integração é importante, só que, às vezes, falta priorizar e construir espaço de diálogo, por exemplo, entre os partidos e os movimentos. (Grupo Focal, FETRAF).

Diferenças entre gerações

Nós lutamos pela democracia, até temos alguns objetivos em comum[em relação às gerações de 64/68], mas de uma outra maneira. Naquela época o regime era ditadura e hoje é um sistema presidencialismo e até mesmo mais democrático, porque o governo que nós temos hoje é um governo que debate com a sociedade, é um governo que

está debatendo, buscando discussões. Hoje nós estamos aqui porque esse governo é aberto para que essa sociedade chegue à discussão. A juventude é combativa, a juventude tem a sua forma de lutar, de estar sempre na frente. Há muita gente que ainda acha que: – Ah, a juventude só quer baderna, só quer coisas profanas. Mas não, a juventude ainda é corajosa. Estamos dialogando com o governo e com a sociedade. (Grupo Focal, FETRAF).

Diversidade e unidade nas lutas: buscando convergências

Eu acho que fortalece [trabalhar cada um pela sua bandeira] são diferentes organizações, cada um com seus idealismos, defendendo seus direitos, suas propostas, e, eu acho que isso fortalece, porque no momento de buscar o interesse comum todas essas organizações se juntam, todos esses pensamentos se juntam e buscam o interesse para a sociedade brasileira, para a juventude brasileira. (Grupo Focal, FETRAF).

Essa diversidade que a gente tem hoje é riquíssima, fortalece, mas o desafio está em conseguir encontrar as convergências. Mas como é que se faz isso? Tem vários fóruns, várias redes de jovens que trocam ideias, mas no ponto de vista de conseguir intervir institucionalmente é mais complicado. Cada movimento negocia as suas pautas, a FETRAF vai negociar a pauta da agricultura familiar; o movimento GLBT vai negociar as suas pautas; os jovens organizados no movimento estudantil, idem; e aí tem os jovens que não estão organizados em lugar nenhum, que as suas pautas nem sempre são garantidas. Esse desafio, não está claro como se resolve. Essas redes, esses fóruns, esses espaços de articulação vão fortalecendo uma integração para conseguir chegar a alguns consensos ou deixar mais claro qual é o ponto específico de cada movimento, que mais nos unifica, Precisa-se estar aberto para isso, e eu falo pelo nosso próprio movimento – é tão intensa a nossa ação do dia a dia, tanta coisa para fazer e as pautas são tão pesadas que não tem jeito, a gente se enfia no movimento e vai pra estrada. Na CUT se consegue fazer um pouco mais de intercâmbio com jovens de outros setores, trabalhadores. Trocar mais experiência e conseguir dialogar com outros setores é uma pauta que já levantamos dentro do movimento, mas que efetivamente não fizemos nada para resolver, olhando só para o nosso específico. (Grupo Focal, FETRAF).

COLETIVO DA JUVENTUDE DA CUT - CENTRAL ÚNICA DE TRABALHADORES

O Coletivo da Juventude da CUT foi formado em 1997, *só que a gente passou por um período de construção, mas assim, na nossa avaliação, em 2000 a gente formou um projeto com a parceria de uma central sindical Alemã*. Considera-se que a juventude passou a ter mais voz na CUT a partir desse projeto, sendo que muitos dos participantes pela CUT na Conferência Nacional de Políticas de Juventude se conheceram quando daquele projeto que entre outros objetivos, tinha o de *levar jovens para as direções sindicais e para dentro da CUT* nos estados e discutir os temas de juventude no campo e nas cidades. Em 2000 havia três coletivos da juventude da CUT, hoje são doze coletivos nos Estados e mais oito ramos de atividades. O projeto ficou vigente de 2000 a 2005, *e agora começa uma outra etapa que a gente está construindo*. Houve outros projetos para institucionalizar representações da juventude no sindicalismo CUT com centrais sindicais e outras organizações, principalmente da Alemanha. Sobre a participação dos jovens na central sindical informam:

A CONTAG é bem mais nova. Os trabalhadores rurais têm as comissões de jovens dentro dos sindicatos rurais, dentro das federações e da Confederação. O município se

organiza dentro do sindicato, há uma comissão de jovens que tira um representante para compor a comissão estadual dentro da federação e da federação para a confederação que é um representante de cada Estado para a juventude. (Grupo Focal, CUT).

Comparação geração 64/68 e a atual

A geração de 60 e 70 era mais revolucionária. A gente sabia quem era o inimigo, hoje é muito mais complicado. Para a gente da CUT, por exemplo, era muito fácil quando era o FHC, aí a gente tinha a clareza sobre o projeto neoliberal sendo implementado, o FHC era figura central e pau no FHC. Quando o Lula entra, com muitas bandeiras, com muitos incrementos iguais ou até piores em alguns pontos, o que a gente faz? Então esse processo é muito difícil. Mas agora eu tenho clareza de que não é como coloca a mídia, ou o senso comum, de que os jovens de 60 e 70 eram cidadãos politizados que estavam na rua e que o jovem de hoje não quer nada com nada, isso é mentira, tanto que está acontecendo a Conferência Nacional de Juventude. E muitos jovens não puderam vir porque não tinha espaço, eram 400 mil. Então isso refuta toda aquela história que a juventude de hoje não é politizada. Se for comparar a militância da juventude de hoje com a de antes vai ver que é a mesma, não no mesmo contexto. (Grupo Focal, CUT).

Percepção sobre o outro: Defesas e Críticas ao movimento estudantil

O movimento estudantil é muito tachado, criticam que não tem responsabilidade, tem um preconceito muito forte. Veja como se apresenta o movimento estudantil na novela da Globo, quando você coloca um cara, lá no movimento estudantil, ele é contra tudo e contra todos e esta é a visão da sociedade: de que é um movimento de negação. Agora, uma outra coisa o movimento estudantil tem de fato um problema: é o excesso de partidarização, então hoje o movimento estudantil está claramente dividido: partido A, partido B, partido C. Não é ruim tomar lado enquanto partido, mas é ruim quando você deixa de fazer a discussão e passa a ser pautado pelo partido. (Grupo Focal, CUT).

De uma forma geral, ele é um movimento politizado, porque não adianta, quem consegue fazer movimento estudantil é quem tem estrutura por trás para conseguir fazer, que consegue ficar liberado para passar na universidade e militar. Muitos de nós temos que trabalhar. Se você não tem uma estrutura, você não faz e, por conta disso, você acaba tendo uma visão de que movimento estudantil é elitizado. (Grupo Focal, CUT).

Participação dos jovens trabalhadores: limites e concepções

Uma coisa é o jovem ser militante, outra coisa é ele ter consciência do seu papel na sociedade. A juventude está representada aqui, a juventude militante, nas suas várias orientações, que não significa que o total seja despolitizado. (Grupo Focal, CUT).

Por trás dessa abertura toda [ênfase contemporânea em participação], há um fechamento apresentado como um processo muito democrático, um leque muito grande, na hora de se inserir lá dentro do processo aí a porta se fecha. Acho que participação é isso, resumindo, é o que o Ceará fez: fechou o apoio, vamos meter o pé na porta e vamos entrar. (Grupo Focal, CUT).

Nos próprios sindicatos é assim. Você participa e pedem para você ir com calma porque você é jovem: *Você é jovem, tem muito tempo ainda; tem que ir com calma*. Então, às vezes não tem aquela oportunidade para jovens. (Grupo Focal, CUT).

[Nos sindicatos] acham que a gente é bucha de canhão. Coloca a juventude na frente, é o cara que vai panfletar, vai gritar, e muitas vezes exclui a gente da promoção política. Então, participar não é só ser infantaria, participação é construir (Grupo Focal, CUT). (...). Dentro da minha federação e dentro da CUT, eu sempre participava das atividades e eu sempre escutava essa questão de dar oportunidade à juventude, os cursos de formação e *pralálá*. Só que na hora em que eu cheguei, eu fui barrada. Fui barrada no baile, ou seja, *você está indo longe de-mais, calma aí*. Quando consegui pegar o microfone, fui lá e disse: Olha, vamos aproximar, o discurso na prática, eu fui vítima disso. *Vocês dizem que está tudo aberto, tudo aberto? Quando eu chego vocês barram?* (Grupo Focal, CUT).

(...) Participação para mim é paixão, vir atrás para participar; construção, mas não construir as respostas, construir as perguntas; e a terceira coisa é o compromisso: a gente só ajuda no processo de participação naquilo que a gente ajudou, que apaixonou a gente, que a gente ajudou a pensar o porquê, para que e onde, e aí eu acho que o compromisso traz o processo de participação – para mim, participação é isso. (Grupo Focal, CUT).

Gênero e juventude nos sindicatos

Para provocar o debate sobre gênero—tema que originalmente não faz parte da agenda de questões da pesquisa-, menciona-se ser costume dizer que, ‘nos sindicatos os homens são capa e as mulheres são massa’. Os jovens e as jovens dos coletivos sindicais da CUT concordaram com tal assertiva, mas, principalmente os jovens da CUT relativizaram-na como generalização, nos termos do debate que segue acirrado, mas comunicativo, indicando que há temas que dividem as companheiras, como questões de gênero, que são silenciadas nas apresentações genéricas. Nesse caso aflorou, por provocação nossa:

Lá no Rio as mulheres têm muita dificuldade de ser direção da CUT, ser direção de sindicato. Porque muitas das vezes a mulher é muito mais militante, mas no final, quem é liberado é o homem e não é a mulher do sindicato que vai ser liberada para militar, isso acontece muito. O movimento sindical, de uma maneira geral, ele é machista demais. (Grupo Focal, CUT).

Depende muito do ramo, mas nessa questão estadual, no nosso Estado, a presidente da nossa federação é uma mulher e a presidente da nossa confederação é uma mulher. Então assim, depende muito do nosso poder de luta também. (Grupo Focal, CUT).

Dupla, tripla, quádrupla [jornada de trabalho]. Porque se a gente for levar ao pé da letra essa jornada aí, tu não “sai” do canto, tu não “vai” para lugar nenhum – eu que sou dona de casa, tenho filha, já fui casada, deixei o marido por conta disso, sabe? E se eu for pensar nisso, eu não saio do canto não. Eu estou onde estou porque eu quis. (Grupo Focal, CUT).

De fato tem esse problema no sindicalismo [homem ser capa e mulher, massa] isso é uma afirmação que não vem do nada, tem um preconceito porque o governo sindical é um reflexo da sociedade; por mais que tente romper, tem os vícios, tem uns vícios piores. Mas, de fato, o que eu acho que aconteceu também e aí eu peço a compreensão das minhas companheiras, é que essa necessidade do debate de gênero, eu não tenho discordância nisso, tem que avançar. Agora, aconteceu também principalmente a

formação de um gueto; formou um gueto no movimento sindical e no movimento social, de certa forma, em relação às mulheres. Por exemplo, a gente tem uma discussão lá na CNQ – Confederação do Ramo Químico, aí vamos fazer uma discussão, é uma discussão, é política. Trava o debate. É importante que as mulheres se insiram e também que tenham espaço, mas aí, às vezes, a gente mata um debate político e fala assim: no congresso da CUT há cinco vagas? Então nós vamos dar duas para as mulheres. E muitas vezes não são as companheiras que estão mais preparadas para o debate político; o mesmo acontece na formação de chapa para vereadores. (Grupo Focal, CUT).

[Discordo] Essa questão da formação política se dá lá na base, cara, quando ela não consegue porque não deixam, porque para gente subir alguém tem que descer, e aí, geralmente os homens não querem descer. É por isso que tem essas vagas de cotas, que as mulheres têm direitos. Quando ela tem, porque ela só entra lá porque ela tem cota, porque ela tem direito àquelas duas vagas. Quando elas conseguem atingir cotas, quando elas conseguem atingir esse patamar elas nunca vão preparadas, é óbvio, porque ela não foi, não pôde se preparar. (Grupo Focal, CUT).

[Discordo] Eu acho que não se deve condicionar a questão da vaga, da cota com a questão da preparação. Independentemente de ter ou não essa cota, ou ter oportunidade ou não, eu tenho que estar construindo, eu tenho que estar boa todo dia. Eu tenho que estudar todo dia, eu tenho que ser autodidata, independente, eu vou estudar aquilo ali, dependendo da oportunidade que eu possa ter. De forma nenhuma, eu não concordo, eu sou mulher, sou jovem, inclusive a minha prefeita, recentemente, semana passada, foi lá na rádio porque eu dei uma entrevista criticando-a. Ela: *Aquela mocinha, ela está muito nervosa*. Aí, na sexta-feira passada, eu fui para a Câmara, eu me inscrevi e eles me deram dez minutinhos, e eu exigi respeito, que as nossas relações são institucionais, então por que eu sou uma jovem, sou mulher, ela tem que ir na rádio e me tratar dessa forma? (...). (Grupo Focal, CUT).

Já eu faço uma meia-culpa, por quê? Construção civil, que é onde eu estou, há uma busca muito grande por mulheres que participem do sindicato, que tenham interesse e a gente sente um preconceito embutido na própria mulher, que se recusa a participar. Então eu acho que existe um preconceito que é difícil, só que eu acho que a mulher tem que buscar o seu espaço. Na categoria da qual eu participo, eu vejo que há uma dificuldade muito grande; estou falando do Estado de São Paulo. Já no Nordeste, no Espírito Santo, você encontra mais mulheres no sindicato da construção civil, mas em São Paulo é muito difícil. Eu sinto o preconceito das próprias mulheres. No dia em que for fazer eleição do sindicato e formar a chapa, a gente vai, conversa, fala, pede, quando consegue fazer a inscrição, elas não permanecem no sindicato mais do que dez meses. Acham que não é o lugar delas. Elas falam que são coisas de homem, greve, falar na frente, subir em cima de caminhão de som para falar. E tem o marido que não gosta que ela participe. Eu acho isso hilário por parte das mulheres; eu acho que a gente tem que ir atrás buscar o nosso espaço, colocar a nossa competência porque fazendo isso, bem ou mal a gente vai conquistar, pode não ser o que a gente mereça, mas já é alguma coisa. (Grupo Focal, CUT).

Participação partidária e em movimentos identitários

Esses movimentos organizados, partidários, o partidarismo surge do movimento organizado, social e sindicato. Falando por mim, eu sou filiada a partido, sou pré-candidata a vereadora no meu município, e o que me incentivou na verdade a ir por esse caminho do partidarismo, foi o movimento sindical; eu acho que essa é a porta de entrada dos movimentos organizados. (Grupo Focal, CUT).

Em toda estrutura de poder rola, rola muito isso [contradição entre os jovens que são de partido e os jovens que são dos movimentos sociais] não tem jeito. Agora, muitas vezes se faz um debate falseado, porque tomar lado exige discussão política séria, comprometida. E o que rola muito, é que tem um movimento muito forte dizendo para o jovem: *olha jovem, o movimento político partidário é errado, tudo é corrupção. Olha o que está acontecendo.* Tenta-se desestimular o jovem a participar, ter posição. Pode até não ser filiado a partido político nenhum, mas quando você fala, quando você vai para uma ONG ou para uma atividade, você carrega aquilo que acredita ser um ser político. (Grupo Focal, CUT).

Eu não acho que haja contradição entre tipos de militâncias [estar em um partido ou em uma ONG]. Há muito medo de rotulação, porque se eu sou de uma entidade tal e se todo mundo daquela entidade tal é filiada a um partido e as pessoas as veem não como entidade, mas como partido você perde o foco, entendeu? Então eu não acho que haja contradição, porque aqui todo mundo é filiado a partido. A CUT é um movimento social. E o papel justamente do movimento social é pautar política para o partido, para ele poder implementar quando chegar ao executivo.

Mas lá fora, o povo que não está dentro dos movimentos sindicais, consideram que há realmente essa contradição. Algumas pessoas já chegaram para mim e já conversaram que acreditam muito em mim, mas eu enquanto sindicato... Porque existe toda uma construção muito forte de que os partidos, de que a militância partidária é ruim, mesmo sendo pautada pelo jovem como se ele fosse se organizar para chegar ao poder e roubar. (Grupo Focal, CUT).

Os próprios partidos também abriram os olhos pra essa questão de juventude agora, eles não faziam essa discussão. E os jovens não vão ser atraídos por um partido onde ele não ajuda a construir as propostas e vive aquilo; agora os partidos estão tendo essa visão que tem que chamar mais a juventude para participar. (Grupo Focal, CUT).

Só pelo sindicato você não consegue fazer a transformação da sociedade, e quem elege os nossos representantes e os gestores dos recursos públicos são os partidos; sindicato não elege vereador, não elege prefeito, não elege deputado, não elege presidente nem governador, quem elege são os partidos. Então, os projetos de sociedade que tenham um movimento sindical e sua visão, procura os partidos e é importante inclusive que os militantes sindicais participem dos partidos políticos. Há um projeto de sociedade que comunga com ele também de sociedade do sindicato, senão, a gente não consegue transformação e não consegue reduzir a desigualdade social que é imensa no país. Agora, é um trabalho desenvolver um espaço de organização do movimento sindical dentro dos partidos. (Grupo Focal com jovens da CUT).

JUVENTUDE DA FORÇA SINDICAL

Refletem alguns jovens que o movimento sindical teria o papel de estimular o jovem trabalhador a participar. Isso não seria fácil em face do espraiamento do individualismo na sociedade, mas que seria próprio do ativista, a utopia, “o sonho de um mundo melhor”. Consideram que o jovem de outras gerações seriam mais participantes e ‘solidários’. Alguns sugerem que os jovens trabalhadores hoje teriam recebido “de mãos beijadas” várias conquistas no campo do trabalho – expressão que gerou discórdia entre os participantes, questionando-se sim a atenção que o movimento sindical estaria dando às linguagens e à agenda dos jovens. Note-se que no debate sobre grupos identitários, jovens da Força Sindical incluíram no mesmo plano movimentos sociais e partidos políticos, considerando tal inscrição limitante, já que no movimento sindical a visão seria holista, “toda a sociedade”. Mas, encontraram-se jovens nessa organização que militam também em outras entidades, como do movimento negro.

Eu vivo de sonhos, pois se eu parar de sonhar eu deixo de ser sindicalista porque daí eu deixo de acreditar que eu sou capaz de mudar alguma coisa. Eu quando me tornei sindicalista, minha família quase que me trucidou pois “isso’ não é coisa de mulher”. Eu me tornei dirigente sindical num momento em que outros jovens estariam se preocupando com alguma coisa e eu sempre digo sempre para a minha filha que está saindo do período da adolescência e entrando agora, quase acessando a juventude e as pessoas falam assim: Você está muito preocupada? Eu disse não. (...) Você hoje vê jovens no jornal: jovem matou; é porque jovem roubou; é porque jovem usa droga. Eu vejo pessoas fazendo todo esforço para fazer a redução da maioria penal, para enfiar as crianças na cadeia, mas eu não vejo pessoas fazendo um esforço para melhorar a educação, para enfiar as crianças e esse jovens para conhecer a sua cultura. Nós somos um país culturalmente rico e nós desconhecemos nossa cultura porque as crianças não estudam cultura, não tem acesso à cultura, a cultura é extremamente cara e a isso a gente não tem acesso. Eu sonho com uma juventude protagonista. Eu gostaria muito de ver os jovens serem protagonistas no seu momento de juventude e para isso a gente precisa tratar os jovens como um agora. Eu tenho uma função dentro da minha central hoje de fazer os dirigentes sindicais pararem de tratar os jovens como futuro, porque no futuro não existem jovens, já existem adultos, velhos; jovem é agora, eu quero ser tratada como jovem, então assim, eu tenho que pensar políticas que consigam acompanhar o jovem no seu período de juventude (...). (Grupo Focal, Força Sindical).

Comparação entre gerações de jovens

O jovem antigamente era mais solidário. O jovem trabalhador hoje é mais individualista, eu acho que seja porque a sociedade hoje é mais individualista.

E aí o jovem trabalhador tem menos preocupação com a organização no seu local de trabalho, com a valorização de conquistas que o movimento sindical teve nesse período. Então, eu tenho uma certa frustração com o jovem trabalhador hoje. Talvez seja por isso que eu tenho tanta dedicação ao movimento sindical. Eu acho que é muito importante o movimento sindical inserir o jovem, organizar o jovem para gente ter uma sociedade de jovens trabalhadores melhor daqui pra frente. (Grupo Focal, Força Sindical).

Ela falou com muita propriedade, é a realidade que a gente vive hoje. O jovem é individualista, realmente é, só que a gente perdeu aquela unidade que existia na década

de 80, quando a juventude saía, mostrava a cara, realmente ia em busca de seus ideais; hoje em dia não, o jovem está acomodado, não só o jovem como a sociedade em geral está muito acomodada, é aquela coisa. (Grupo Focal, Força Sindical).

Eu acho que a juventude não recebeu nada de mãos beijadas. Eu também tenho minhas críticas ao movimento sindical, eu sou representante de uma central que se preocupa com a organização da juventude, mas eu acho que nós tivemos conquistas e o movimento sindical deixou, por um período, de investir na juventude, o movimento sindical envelheceu, ele envelheceu e ele parou por um período de fazer, de ter políticas para a juventude trabalhadora. Então havia jovens sendo inseridos no mercado de trabalho, uma organização diferenciada, uma organização assim: jovens que têm acesso à internet, jovens que têm acesso à televisão. . Então eu acho que nós não recebemos coisas de mãos beijadas, teve uma luta e o movimento sindical teve um papel importante na construção de coisas Mas essa juventude também teve conquistas específicas no movimento sindical, porque o movimento sindical não olhava, não tinha olhar para a juventude antigamente, jovens não começavam a trabalhar tão cedo (...) (Grupo Focal, Força Sindical).

Mudanças nas formas de participação

Dizer que a juventude de hoje não participa tanto ou quanto aquela juventude de nossos pais é visão equivocada. Eu acho que a forma de se manifestar hoje da juventude é diferenciada, a juventude não só se manifesta quando vai às ruas, ela se manifesta quando ela começa a mandar um e-mail para as centrais legislativas, para o governo, quando ela manda uma carta para suas relações na internet criticando alguma coisa, dentro de seu próprio grupo de vivência, na sua escola, na sua comunidade, eu acho que o jovem tem toda essa manifestação. (Grupo Focal, Força Sindical).

Nós perdemos parte [da militância jovem] porque nós conseguimos ter uma juventude lutadora, alguns se tornaram mitos outros se tornaram lideranças e são os que estão hoje à frente da vida política do país, mas pecamos por não formar novos líderes para dar continuidade no trabalho na forma como estava sendo feito. Hoje acho que a gente acorda para isso, pois o jovem começa a participar muito mais. (...) a Força Sindical foi a primeira se não me engano, a pioneira entidade a criar uma Secretaria Nacional de Juventude dentro da estrutura. Provocou que os sindicatos comessem a ter um olhar diferenciado para o jovem e que o jovem fosse também protagonista dentro do movimento sindical e a prova está aqui. Estamos trazendo gente nova, cada dia aproximando, criando novos líderes para poderem tomar o nosso lugar e assim a gente conseguir construir um movimento juvenil dos trabalhadores, muito mais unitário, muito mais forte que traga cada vez mais as bandeiras de luta para a sociedade como um todo. (Grupo Focal, Força Sindical).

O mais interessante de tudo isso é hoje, se você analisar o movimento sindical, a juventude não se foca só em temas de interesse regional, somente com o Estado de S. Paulo. Temos uma visão global, tanto que a preocupação com a juventude é tanta, que a Organização Internacional do Trabalho tem assuntos próprios para a juventude, tem presença sindical, o próprio MERCOSUL tem a Coordenadora de Centrais Sindicais com um conselho próprio da juventude que discute todos os problemas que a gente enfrenta. Enquanto movimento sindical nós somos espelhos não só para o Brasil, mas também para o MERCOSUL. (Grupo Focal, Força Sindical).

Identificações identitárias: problemas

O movimento de trabalhadores representa todos esses movimentos, todos esses segmentos, porque quando você fala de juventude trabalhadora, você está falando de negros, brancos, mulheres, homens, homens héteros, enfim, você está falando de um universo de pessoas (...) Um movimento que olha somente para a política, e não é só para a política, está olhando para o seu partido. Então assim, eu estou vendo um monte de gente vestindo a camisa de X partido aqui, X partido ali e na hora que se colocam esses jovens em um lugar, vira uma disputa política. Não está se formando jovem, está unificando: tem que considerar que os jovens têm uma busca única, querem respeito, querem igualdade, querem oportunidade. A mesma coisa quer o negro, quer a mulher, quer o homem, mas que fica focado, então eu tenho um pouco de restrição a esse tipo de organização, por categoria, por estereótipo, por raça. O Brasil tem uma necessidade muito grande de ter um movimento negro, porque nós vivemos em um país que é racista e que não assume isso, então cabe à juventude negra fazer essa tipo de organização, mas sem exclusão. [eu acho que] a gente não pode excluir o branco de discutir o negro, porque quando você exclui o branco de discutir o negro, você está excluindo exatamente parte do problema, pois quem pratica o racismo contra o negro, entende-se que seja o branco e a gente não fala também dos negros que expõem os brancos e a gente precisa ter isso um pouco mais claro, porque há pessoas negras que são racistas, que não gostam de brancos e há o branco que não assume que é branco e há negro que não assume que é negro. Então esses movimentos específicos eles me assustam um pouco. Eu acho que organizar a juventude de uma maneira como está sendo organizada aqui, onde você tem todos os povos, todas as tribos é uma oportunidade que se tem de vivenciar isso. Nós ainda precisamos trabalhar um pouco como é que você forma o jovem. Não se pode formar o jovem para um segmento. (Grupo Focal, Força Sindical).

Só uma defesa. A minha entidade é a União de Negros pela Igualdade, então a gente tem todo mundo. É assim que funciona e é por isso que a gente leva um pau, porque se você é do movimento negro porque a vai estar com vocês fazendo políticas? Aí, é onde a gente leva pau nessa parte. (Grupo Focal, Força Sindical).

3.5. JUVENTUDES RELACIONADAS A AGRUPAMENTOS RELIGIOSOS

PASTORAL DA JUVENTUDE

Jovens da Pastoral da Juventude criticam os tipos de nexos que se estabelecem entre políticos e a juventude, considerando que esta *nunca é convidada pra sentar junto e expor suas ideias. E quando não é, quando é chamada, nem sempre isso atinge a todos*, tendo como referência o que acontece em alguns estados.

A juventude acaba não sendo contemplada em várias coisas porque justamente há ausência desse contato, de chamar a juventude para sentar e para se envolver naquilo que compete a ela. Como se o jovem fosse um mero ator ali e ainda tem a questão do protagonismo juvenil. O jovem deve participar conscientemente, é claro que muitos ainda têm uma certa imaturidade, mas é questão de evolução. Se dermos a oportunidade a cada jovem acho que sempre a gente vai ter a possibilidade de crescimento de evolução.” (Grupo Focal, Pastoral da Juventude).

(...). Nós temos o Conselho Estadual de Juventude, que é uma lei, votada por unanimidade na assembleia, de acordo com muita luta nossa, da Pastoral da Juventude, inclusive de lá. Esse processo que nós estamos vivendo aqui da Conferência que é um grande momento de trazer a juventude para se conhecer, debater, trocar ideias. Isso no estado, nós já fizemos há muito tempo, em 2003. Em Rio Branco, no Acre esse encontro a gente já fez, então a gente já avançou muito. Nós temos também no nosso município a Coordenadora municipal de juventude ligada também ao gabinete do Prefeito; nós temos o Conselho Municipal de Juventude e temos ainda o Conselho Deliberativo, que é o conselho que vai lá ajudar o próprio Conselho municipal a gestar as políticas públicas de juventude. Então assim, avanços, temos muitos, aos pacotes. Só falta o quê? Falta ser divulgado. (Grupo Focal, Pastoral da Juventude).

Compromisso da Igreja Católica com a Juventude e o “outro”: a Igreja Evangélica

No, final de 2006, a Igreja Católica fez documentos especialmente voltados para juventude, mas por jovens. Não só na questão religiosa, mas toda questão social que engloba os grandes desafios que a juventude brasileira enfrenta, não só a juventude que está dentro da Igreja, mas todo o contexto social, econômico, político em que a juventude brasileira se encontra. Às vezes, falam que jovem não quer nada com nada, mas quais os espaços que são propostos para o jovem? É, muitas vezes quando a gente é chamado em alguns espaços para falar de juventude, as coisas normalmente vêm de cima pra baixo. Não são construídas pela juventude, junto com a juventude. (Grupo Focal, Pastoral da Juventude).

Pesquisadores provocaram o tema do crescimento da juventude evangélica. Tal ação gerou posturas de jovens da Pastoral da Juventude quanto às diferenças entre eles/elas e os da Juventude evangélica, que para os/as entrevistados/as apelariam mais para a cultura que para o debate político:

A Pastoral da Juventude e outros movimentos sociais dentro da Igreja são frutos dessas lutas que surgiram, de pessoas vinculadas à Igreja. A gente vê que naquela época, os grandes grupos que faziam a manifestação, tinham uma visão crítica contra as estruturas opressoras, era gente de dentro da Igreja Católica, vinculada a partidos políticos e movimentos da época e tal. E assim, se for ver o que aconteceu dentro da Igreja Católica, surgiu a RCC bem naquela época, pra quê? Como uma prática de coibir essa manifestação, essa participação política. E o pessoal ia, muitos padres, muitos jovens, muitos estudantes foram mortos, viraram mártires por conta disso. Em contrapartida, o Governo conversando com as lideranças da Igreja católica, alguns bispos, o que fizeram? Fizeram uma manobra para intervir e nisso surgiu a RCC, foi dado apoio, porque quando o povo está rezando não incomoda ninguém.

Eu vejo hoje um grande crescimento, um dos grandes pontos de crescimento das manifestações evangélicas é justamente isso, porque muitos desses nossos irmãos evangélicos acabam não tendo essa participação não porque não querem, porque têm aquele estigma “Ah, participa de partido político, logo a religião acaba ficando de lado”. Então a Pastoral da Juventude sofre muito com isso. “é tudo petista, tudo comunista, tudo isso e aquilo”, então acontece o seguinte: as manifestações evangélicas por uma questão cultural e política, acabam recebendo um grande enfoque e uma grande estrutura

para que acabe envolvendo as pessoas, para que o debate não aconteça, para que o senso crítico não acabe atingindo as grandes estruturas. Então eu vejo que o grande desafio hoje da Igreja Católica dentro das questões sociais justamente é isso, é reforçar aquilo que é nossas convicções, (...) (Grupo Focal, Pastoral da Juventude).

A Pastoral da Juventude aqui em Brasília, a gente tem uma questão muito interessante que é muito pregado por nós: o ecumenismo. Então dentro da nossa organização a gente tem irmãos evangélicos e irmãos metodistas também. O movimento evangélico cresceu dentro de Brasília, mas não foi por participação e decisões políticas não, foi na questão cultural. Porque nós enquanto Pastoral da Juventude não que nos preocupamos com a questão cultural. A preocupação existe sim, só que além de cultura, nós precisamos de formação política, de formação social, entre outras coisas. E o movimento evangélico, quando chamamos para trabalhar em parceria só entra com a questão cultural e hoje o jovem tem sede disso. Cultural, é, nós temos o grande exemplo da Igreja Sara Nossa Terra, vamos colocar um exemplo, eles estão trazendo dentro da Igreja o quê? O funk, o forró, o samba, o pagode, isso tudo está sendo tocado nos altares das igrejas, então são atrativos para a juventude. Falam que forró é do mundo, que essas coisas são do mundo e tal, então eles trazem para dentro da Igreja e transformam essa realidade. Só que, cresce em massa, mas em conteúdo continua vazio. Então a Pastoral da Juventude, é da seguinte ordem, nós podemos ser poucos, mas somos poucos de qualidade divulgada. (Grupo Focal, Pastoral da Juventude).

Eu vejo o grande crescimento da Igreja evangélica porque eles pegam a questão fundamental que é o ponto emoção. A pessoa vai visitar a igreja lá, eles pegam a pessoa pelo emocional porque a pessoa perdeu o marido, perdeu o filho, porque perdeu o emprego, porque perdeu o carro, enfim, perdeu alguma coisa. Ela vai lá pra chorar, eles dão o ombro você chora no ombro dele. É claro que a Igreja Católica também trabalha muito o emocional, mas trabalha o emocional para transformar, para fazer com que esse cara pare de chorar, para que essa pessoa pare de chorar o leite derramado e vá lutar por aquilo novamente. (Grupo Focal Pastoral da Juventude).

Representação sobre Partidos Políticos

Mesmo entre membros de partidos políticos, entre os da Pastoral da Juventude, não se encontrou uma defesa veemente dessa forma de organização para eles. As citações a seguir ilustram alguns desencantos com o sistema eleitoral, sem, contudo declarar alternativas de forma clara

Eu não sou filiado a partido e aqui na Conferência muitos são. Não acredito que tantos jovens estejam descrentes de partidos, mas há uma parte da juventude que não acredita mais, que acha que a transformação do país não se dá por esse processo. E eu sou uma dessas pessoas, então acho o seguinte: a grande maioria acredita nos partidos, mas existe uma parte que não. (Grupo Focal, Pastoral da Juventude).

A transformação do país, eu acredito, pode estar partindo de outras linhas, mas a partir dos partidos políticos, a partir da eleição, do voto; eu não acredito nessa linha. Eu posso dizer que eu acredito em várias outras linhas. Então por isso que eu não me filiei a nenhum partido, porque tenho as minhas ideias, entendeu? E elas não combinam com as ideias de nenhum partido. (Grupo Focal com Jovens da Pastoral da Juventude).

Eu sou militante dos Partidos dos Trabalhadores, sou filiado a um partido político e vejo que hoje a juventude tem uma grande aversão aos partidos políticos, não por conta da ideologia, e sim por conta dos políticos que lá estão. Se a gente tiver uma juventude consciente, politizada, com formação política, vai entrar no partido político, vai fazer acontecer e aí não vai ser simplesmente um votante que vai chegar lá e vai fazer o seu papel. A gente vai ser aquela pessoa que vai sim cobrar, que vai votar consciente que vai mudar tudo, que vai transformar este Brasil. Então eu concordo quando se fala que o sistema de votação é falho. A transformação do Brasil não está no sistema de votação, mas sim no partido político, porque é para lá que você pode levar a sua ideia e juntar com outros jovens que têm a mesma idéia que você e mudar alguma coisa, é daí que se parte para alguma coisa. (Grupo Focal, Pastoral da Juventude).

JOVENS EVANGÉLICOS

O Grupo Focal com jovens evangélicos foi composto por membros da organização ABU, Movimento Luterano e Igrejas Cristãs. O tema participação é anunciado no discurso dos evangélicos – todos da ABU, Movimento Luterano, Igrejas Cristãs espontaneamente, para discutir a situação da juventude hoje quando posições diferenciadas são anunciadas. Alguns consideram que um dos destaques nesse ponto seria a falta de participação, já outros atribuem esse imaginário a formas de representação dos jovens, comparações com a juventude do período da ditadura, o que não corresponderia segundo eles/elas a uma realidade:

A gente está falando de juventude em geral, não da evangélica, Ok. Uma das grandes perdas das nossas gerações é a mobilização social. Há vários grupos segmentados atuando em várias frentes, mas essa mobilização não chega na massa de uma forma efetiva. A grande maioria da juventude hoje não está mobilizada, apesar de esporadicamente participar de algum movimento, inclusive nas igrejas evangélicas. (Grupo Focal, Jovens Evangélicos).

Um dos grandes problemas com relação aos jovens em nosso país hoje é aquela questão do passado, de uma inverdade: *Ah, porque na década da ditadura, aqueles jovens se articulavam, eles se mobilizavam*. Um dos grandes problemas no país em relação aos jovens é um pouco do descrédito dessa geração de hoje. Não é uma verdade, nós estamos nos organizando diante de tantas dificuldades que existem no Brasil, são várias juventudes, vários objetivos e interesses. (Grupo Focal, Jovens Evangélicos).

Já em relação ao jovem da Igreja evangélica, há consenso de que esses estariam mobilizados por ações em prol da justiça social, mas se observa que, em relação a outros grupos de jovens relacionados a inscrições religiosos, como os da Pastoral da Juventude, faltaria mais agressividade quanto à visibilidade dos jovens evangélicos, principalmente em políticas públicas para juventude:

O jovem brasileiro missionário está bem presente, bem atuante, inclusive dentro da minha organização. Somos uma organização mundial, estamos presentes em mais de 200 países, tem mais de 15 mil obreiros em tempo integral trabalhando. O Brasil

está em 2º lugar em mobilização internacional desses missionários, agentes sociais, empreendedores sociais, dependendo de como você queira chamar. Os Estados Unidos é o país que mais mobiliza esses agentes, em 2º lugar vem Brasil, em 3º lugar vem Coréia. Os brasileiros têm muito mais coragem, o jovem brasileiro tem muito mais motivação; a gente é vista como celeiro em nível internacional nesse setor, que envia muito agente. Focando esse ponto, o jovem brasileiro está bem atuante, engajado. (Grupo Focal, Jovens Evangélicos).

Nesta conferência, temos participação expressiva, estamos 70 a 80 jovens evangélicos. A grande diferença nossa da Pastoral da Juventude, por exemplo, é que embora nós consigamos mobilizar mais jovens, nós não conseguimos nos organizar da mesma maneira, com a mesma estruturação e pensamento político. Então, por exemplo, quem mobiliza hoje 10, 20, 30 mil jovens em um evento? Poucos movimentos conseguem fazer isso. Os evangélicos conseguem. Eles têm grupos de 200, 300 jovens. Às vezes tem 4, 5 mil pessoas das quais dois terços são jovens. A grande diferença nossa é que a gente não tem- se organizado da mesma maneira, com o mesmo nível de mobilização de outras organizações, mobilizamos muita gente, muitos jovens, mas a nossa participação não tem sido formatada tanto para o debate de políticas de juventude. (Grupo Focal com Jovens Evangélicos).

Igreja como local de mobilização

Os espaços que a juventude tem nas igrejas e o fato de que em qualquer igreja que você vai tem um ministério de juventude, O espaço é muito grande para o jovem se colocar, criar, lançar-se como alguém, então, desde que seja para tocar um violão lá na frente, mas aos pouco a chance de ter um espaço, então eu acho que a minha expectativa em relação às políticas públicas federais de juventude é que dentro das igrejas elas cumpram uma função de mobilização de conscientização, de politização, do jovem, ser sujeito de direito, de ser protagonista, então eu acho que a gente teria que pensar por ai como que esse processo todo pode gerar um efeito em longo prazo, mas no sentido de uma mobilização maior a partir das igrejas e dos espaços que a juventude tem nesse ambiente. (Grupo Focal, Jovens Evangélicos).

Hoje o nosso jovem tem vontade de fazer alguma coisa, tanto que qualquer evento, lota de gente. Só que nós como cristão, como evangélico, nós temos que mostrar o nosso lado também. Só que para eles, às vezes eles pensam que nós somos uma vitrine, somos uma pessoa que eles nunca vão poder ser, só que nós temos que mostrar para eles que Deus está no nosso coração e que a gente consegue passar para eles também. Eu com o meu grupo fizemos integração entre igrejas, a gente teria um evento GOSPEL que hoje em dia o que mais atrai o jovem é música e como a gente vai chegar e dizer para o jovem, não, você vai ter que ser cristão, porque é bom, então a gente faz esse evento, juntando todas as igrejas, como seus diferentes métodos; fizemos na rua, nos parques.o. Ali a gente querendo ou não querendo colocamos alguma coisa na cabeça dessas pessoas que escutaram, depois nós podemos trabalhar e mostrar para eles o valor do cristianismo, o valor em Deus, sabe?. (Grupo Focal, Jovens Evangélicos).

Sobre o “Outro”: A Igreja Católica

Segundo jovens evangélicos, o Estado só valoriza a Igreja Católica, tendo historicamente marginalizado o trabalho de mobilização dos protestantes.

Cerca de 85 % dos recursos destinados às instituições religiosas na cidade de São Paulo é um dado aproximado – vai para a igreja católica, para financiar pastorais e entra até mesmo para financiar construções e reformas de templos. Então, ou seja, é natural que haja um estranhamento entre o poder público e as igrejas evangélicas. (Grupo Focal, Jovens Evangélicos).

Eu moro numa cidade, por exemplo, que fez uma enorme reforma de todos os templos católicos; claro que tem toda uma questão de resgate cultural, história, mas assim, eu acho que você gastar 1 milhão de reais na reforma de um templo católico; eu acho que supera a cidadania de quem não é católico. Enquanto a igreja for assim apática isso vai continuar acontecendo. Uma conferência tão grande, eu acho que a gente poderia fazer mais esforços. Esse processo é uma via de mão dupla, tanto que há omissão por parte das igrejas que a gente está vendo aqui. Somos em 15, poderíamos ser em 50, 100, 200, muitos mais. (Grupo Focal, Jovens Evangélicos).

Só um resgate histórico do que a gente estava falando do tempo histórico, do tempo da ditadura. Diversos jovens evangélicos, líderes de juventude evangélica foram perseguidos em momentos históricos da juventude evangélica como mobilizador, como agente social foi interrompido. Nós tivemos inclusive em 63 uma Conferência no Nordeste, se não me engano, reuniu diversos grupos, abriu caminho para um movimento nacional que estava seguindo de vento em popa para que a juventude evangélica fizesse a diferença na sociedade e isso foi interrompido durante a ditadura, porque esses movimentos foram perseguidos, as igrejas fechadas. Havia uma instituição – Seminário Metodista, o seminário em Campinas, em que existia uma organização que organizou a conferência do Nordeste, fugiu-me o nome agora. A Conferência Evangélica Brasileira foi fechada, então houve uma trajetória histórica da igreja evangélica interrompida pelo Estado. Creio o seguinte: sem saudosismo, sem questão de “ah, mas temos que ter uma compensação nesse sentido”, é pelo tempo de hoje que o Estado tem uma obrigação de caminhar junto com as igrejas, não pela dívida que tem, mas porque as igrejas tem uma capacidade já comprovada na história de mobilização e que hoje seria muito maior se não tivesse sido interrompida. (Grupo Focal, Jovens Evangélicos).

Importância de ver/ouvir o outro

O tema da alteridade, sua importância na mobilização política, é também trazido espontaneamente por jovens evangélicos, ou seja, sem estímulo-pergunta pelas pesquisadoras.

A juventude de fato é plural. O grande problema com a juventude hoje pelo fato de ela ser plural, é se viver dentro de nossas tribos, tribos religiosas e que não conseguem dialogar na sociedade. As outras tribos também têm dificuldade de se relacionar e entender as demandas das outras juventudes que existem no Brasil. O grande problema não é apenas a questão da desmobilização, mas também daqueles que têm uma bandeira, mas que são tão focados em sua bandeira que não são capazes de perceber a existência das outras bandeiras e que estão aí e que se interligam. Não conseguir fazer essa ponte que é fundamental. (Grupo Focal, Jovens Evangélicos).

POVOS DE TERREIRO

Comparando gerações de jovens

A referência à juventude dos anos 60 e 70 aparece sem estímulos das pesquisadoras nos discursos dos jovens de terreiros. Predomina um otimismo em relação à conquista que os jovens da geração passada legaram aos atuais, mas constata-se um pessimismo pela falta de mobilização mais agressiva dos jovens hoje. Tendo a Conferência como parâmetro, reflete-se que hoje haveria mais espaço de participação, possibilidade de expressão, o que não seria reconhecido ou aproveitado plenamente por todos os jovens, por influência de um ethos de consumismo e indiferença em relação ao outro, o jovem da periferia:

Hoje em dia, os jovens conseguiram muito, como a liberdade de expressão. Hoje a gente pode vir à Conferência, expressando-se. Mas os jovens não estudam muito, ele não procura saber muito da história, é tudo muito livre, o consumismo, o jovem impregnado de outras coisas que apreciam e não dá para se pensar em democracia, não dá para se pensar em educação, não dá para pensar na sua situação se estiver no *shopping* passeando, mesmo que não tenha grana, ele só está passeando ali e para ele está muito legal, muito fácil. Mas eles não conseguem pensar que tem outro pessoal lá na periferia que não consegue nem chegar a esse *shopping*, para andar nesse ar condicionado. Penso que o jovem de hoje perto do jovem de ontem, quem dera que o nosso jovem fosse para a rua fazer panelaço e tem hora que eu penso como uma anarquista e digo gente: *vamos, vamos invadir o Planalto, a gente tem que dar um jeito, a gente tem que mudar essa situação porque está concentrada a grana na mão dos políticos enquanto a gente precisa só é de uma cesta básica.* (Grupo Focal, povos de Terreiros.)

Ampliando a participação em nível local

A comunidade seria porto de decolagem para a mobilização dos jovens que se identificam como povos de terreiro. E o trabalho de comunidade pede preocupação com as necessidades de muitos, como os mais velhos, além de lidar com a diversidade. Aí distribuem cesta básica, formam organizações de jovens, seminários, fóruns. Em espaço próprio e em muitos lugares vem aumentando a participação dos jovens de terreiro que têm se unido com grupos afins, como entidades do movimento negro e quilombolas:

A participação dos jovens está aumentando. Lá em Belém eu penso também que a gente já teve muitos ganhos como afro-religiosos e nós conseguimos nos organizar. Esse ano nós conseguimos colocar como Lei, a data do 18 de Março. Está fazendo 100 anos o caso de uma mãe de santo que teve depredado o terreiro e tudo e a gente colocou uma data que mostra a resistência ao culto à nossa ancestralidade. A gente se organiza e consegue acessar os espaços mesmo governamentais, consegue com órgãos gestores que se promova saúde nos terreiros, está conseguindo agregar, colocar os jovens em espaços, em grupos formados: LGBT, porque no terreiro tem, no terreiro a gente não tem preconceito e a gente agrega todo mundo. Tem o grupo LGBT. Nós conseguimos fazer fórum de juventude de terreiro em Belém, nós conseguimos reunir a melhor idade. O trabalho lá em Belém está caminhando. A gente consegue reunir nossos velhos, nossas Ias, nossas Babas mais velhos, inserindo-os nos espaços políticos porque tem um diferencial, porque essas pessoas não conseguem chegar a esses espaços e a gente busca dessa forma. O jovem está colocando -os em evidência, conseguindo algumas leis que amparem as nossas Babas e Ias. (Grupo Focal, povos de Terreiros).

Participamos também em Fórum de Identidade Negra lá de Salvador. Participação é estar nos espaços, é trocar as ideias, é saber o que o outro pensa e de que forma pode contribuir. Isso é participar, estar todo mundo junto, dando sua opinião, pelo menos para mim. (Grupo Focal, povos de Terreiros).

Relação com partidos políticos

A partir de situações diferenciadas vividas nas relações com partidos em diferentes comunidades, forma-se uma ideia sobre tais agremiações, não se formando, portanto uma crítica generalizada:

Os partidos políticos só aparecem em terreiros quando eles querem votos ou quando eles querem ganhar alguma eleição. Vão, fazem, prometem, dizem que vão fazer, e pode até arrumar alguma coisinha por causa do voto. Ajudar o terreiro não é uma coisa que eles queiram fazer, não, é justamente, exclusivamente por causa do voto. Depois da eleição se você vai procurar, eles não recebem e fingem que não conhece. (Grupo Focal, povos de Terreiros).

Os candidatos sabem muito bem como a comunidade e os terreiros são na periferia. Então no ano de eleição tem muitas pessoas que se rendem mesmo a essa forma, a essa troca. Mas também a gente pode ver, por exemplo, na minha cidade, tem terreiro que já está organizado e tem partido que a gente consegue fazer uma relação, não de troca de favores, mas para eles saberem que a gente é politizado e que vamos manter desde agora, não só no ano de eleição, ajudando a nossa comunidade, não só o terreiro, como o entorno também, como os bairros que por serem de periferia tem muita gente que necessita. (Grupo Focal, povos de Terreiros).

JUVENTUDES RELACIONADAS ÀS ORIENTAÇÕES IDENTITÁRIAS

JOVENS FEMINISTAS

Questionadas sobre a identidade dessa juventude em relação á das décadas de 60/70, jovens feministas afirmam um discurso que não se restringe ao identitário; algumas se referem ao debate atual pelo socialismo, à diversificação de lugares e o sentido único por contribuição à melhor qualidade de vida, à preocupação com os jovens e recusam saudosismo, ressaltando a necessidade de compreensão histórica, singularidade de juventudes no tempo, na história e como outros grupos de jovens também recusam estereótipos negativos difundidos pela mídia. A diversificação de grupos juvenis, por frentes identitárias, ao tempo em que é apreciada como formas de mobilização é por algumas refletida como contribuintes da falta de unidade entre jovens.

Políticas de Juventude

Para uma jovem feminista, a juventude de hoje é combativa e lutadora, embora ela não seja responsável pelas mazelas que existem na sociedade, é vítima do tempo presente.

Eu acho que nós somos jovens do nosso tempo, com os problemas do nosso tempo e com engajamento político permitido que a gente consegue ter no nosso tempo. Então, acho que qualquer comparação com o período em que a juventude teve uma luta mais presente, tem que pensar primeiro no contexto histórico daquela época. Eu acho a juventude hoje combativa e lutadora. Eu acho, por exemplo, a pessoa quando procura se organizar no grêmio, quando procura se organizar nos espaços de hip-hop, essa coisa cultural, teatro, ela está procurando aquilo que a gente procura na essência

que é de querer um mundo melhor. É, enquanto militante eu também comecei no movimento estudantil e eu me tornei feminista e nesse processo todo uma coisa que eu acho que eu sempre procurei combater é uma história que, às vezes, é colocado de que juventude é problema, é um discurso muito colocado dizer que as responsabilidades são nossas por todas as mazelas. São os jovens que estão nas drogas, oh, as drogas. São os jovens que estão morrendo vítima de aborto, oh, aborto. E ninguém pensa qual que é a característica central desses problemas sociais. Em contrapartida, ao mesmo tempo que a gente é problema, as responsabilidades de ser futuro, aquele discurso de aposta na juventude, de que a juventude melhora o país, vamos investir na juventude, vamos investir na educação. Então eu acho que uma Conferência como essa traz de novo o diálogo com um tema que é presente, o dos papéis e das visões de juventude.. Os problemas são diversos e a nossa política precisa dar conta disso. É isso que tem de diferente pra mim no governo Lula. Ele está fazendo a política olhando a juventude por outro foco que não seja o do próprio protagonismo . Eu acredito que não dá para comparar politicamente jovens de tempos diferentes, eu tenho que valorizar também o protagonismo do tempo presente, entendeu? As pessoas são jovens do tempo presente. (Grupo Focal, Jovens Feministas).

Comparação juventude dos anos 60 e 70 e a de hoje

Nós somos jovens do nosso tempo, com os problemas do nosso tempo e com engajamento político permitido e que a gente consegue ter no nosso tempo. Qualquer comparação com o período em que a juventude teve uma luta mais presente, tem que pensar primeiro no contexto histórico daquela época. A juventude hoje é combativa e lutadora. É, enquanto militante eu também comecei no movimento estudantil e eu me tornei feminista e nesse processo todo uma coisa que eu acho que eu sempre procurei combater é uma história que é colocada para gente de que juventude é problema. São os jovens que estão nas drogas. São os jovens que estão morrendo vítima de aborto. E ninguém pensa na educação. (Grupo Focal, jovens feministas).

Naquela época existia uma ditadura e ou se era contra a ditadura ou era a favor. Hoje em dia existe uma mídia, existe um disfarce do capitalismo e a gente não identifica muitas coisas dessa questão do pós- modernismo mesmo, que faz com que os grupos hoje cada vez se fragmentem, percam forças, porque hoje em dia existem as mulheres, feminismos, aí, ONGs para tratar de problemas de mulheres negras e mulheres negras deficientes, de mulheres negras lésbicas, aí vai-se dividindo e o movimento vai- se enfraquecendo e aí o que se diz é a liberdade, se joga pela liberdade e isso enfraquece o nosso movimento, e mesmo assim a gente continua na rua. Hoje em dia, a juventude se rebela, você bota dez mil estudantes nas ruas para criar o *impeachment* do Brasil; é uma coisa fenomenal você botar um presidente que ganhou na rua. Na minha universidade, pegar um abaixo- assinado de seis mil estudantes e chegar ao ministro da educação e dizer, olha, nós queremos um restaurante público na Universidade Federal de Pernambuco e ele liberar um mês depois um milhão de reais pra você pautar isso. Isso é uma conquista nossa muito grande. Mas a mídia não mostra. Aí você faz com que essa juventude não cresça. Quantas conquistas a juventude tem feito hoje em dia e não tem mídia. Essa é uma juventude muito aguerrida sim, muito vencedora. Mas eles fazem uma propaganda de que é uma juventude que só quer saber de roupa, de imagem, de *pen drive*. Não é só essa juventude não.

O Hip-Hop não é só uma dança não, é uma cultura de vida. Tem debate de classe social no meio. É outra construção. A juventude hoje não é contra a ditadura, não é contra um governo, é a favor de um socialismo. A gente debate a questão marxista, a gente debate teoria. Então é uma coisa muito avançada. Ninguém pode negar isso. Agora não dá para gente ficar se pautando pelos meios de comunicações, pela MTV que fica fazendo programas ridículos em que parece que o jovem é completamente *desantestado* que só quer saber de farra. Farra é massa, também faz parte da juventude; esporte é massa, também faz parte da juventude; dançar, faz parte da juventude; ir à luta também faz parte da juventude. Mudar a sociedade faz parte da juventude. (Grupo Focal, jovens feministas).

Estar em partidos ou em movimentos sociais identitários

Jovens feministas entrevistadas, ao contrário do debate corrente no feminismo dos anos 70, não recusam a dupla ou polimilitância nem se apresentam de forma crítica aos partidos políticos.

No Rio de Janeiro, eu ainda sinto bastante forte as pessoas se filiarem a partidos, eu não milito em movimento estudantil, já até tentei participar, mas sempre fui vetada, não por companheiros e companheiras, mas pela direção da escola. (Grupo Focal, jovens feministas).

A minha escolha de militância somou continuidades. A *galera* aposta no movimento estudantil e acaba saindo do movimento estudantil e se firmando num partido, mas há pessoas que conciliam as duas coisas. Pessoas que são do movimento de mulheres, que são feministas e que estão dentro dos partidos, Parte de ideologia, de interesse e que depende de outras coisas. A gente busca melhorias para gente, não só pra juventude, mas para o país inteiro. Às vezes uma questão de *status*, não sei. Não é por não gostar que eu não me identifico com partido, e não com o movimento estudantil. Mas, dentro do movimento de mulheres eu apoio as causas estudantis e questões políticas que são abraçadas por partidos. (Grupo Focal, jovens feministas).

Eu sou de partido. Como ela falou, questão de identificação pessoal. Porque pensar em um partido político é pensar que tem um consenso naquele partido, uma defesa de idéias que é comum ao partido. Querendo ou não, há um regimento interno, uma bandeira que o partido levanta também. (Grupo Focal, jovens feministas).

Eu tenho dois pontos de vista acerca disso, um como dirigente partidária e uma como gestora pública. Enquanto dirigente partidária, dentro do movimento estudantil, tinha uma certa dificuldade, um certo medo de chamar as pessoas para se filiarem ao partido. Fui comprovando com o tempo que os jovens ,que militavam com a gente que estava ali nas atividades, queriam ser provocados. O preconceito estava na nossa própria cabeça enquanto dirigente, de separar a direção do partido e as atividades além de quem é militante da entidade estudantil e quem é militante partidário. Enquanto gestora de juventude, quando a gente começou a lidar com as organizações, com os movimentos, a gente viu, chegou a constatar que não é que eles não tenham identificações partidárias, não é que as pessoas não queiram ter participação partidária, mas é que muitas vezes as ONGs, os movimentos de que elas participam pregam uma aversão aos partidos políticos com medo de tendência, de posições governamentais e essas coisas, mas os jovens que chegam à secretaria de juventude, se a gente fala alguma coisa sobre a atividade partidária, eles não se mostram avessos. Mas dentro das próprias organizações em que eles participam expressam essas aversões. (Grupo Focal, jovens feministas).

Classe social x identidades

Eu não faço o recorte teórico de que classe é categoria tradicional e que atual são as identidades. Na questão da mulher, eu vou ter uma análise incompleta se eu pegar só do ponto de vista da identidade e de raça. Ou se eu pegar só do ponto de vista da identidade de classe. Quando se quer ter uma análise mais global, precisa-se criar intersecções entre essas questões todas pra tratar do ser humano completo, e aí eu acho que muitas vezes a insatisfação que expressa pelos jovens com relação a partidos é muito mais uma reação contra o sistema. Levamos um tempão para entender que partido é uma forma democrática. É, também democrático as pessoas se organizarem para aquela luta mais concreta. Eu me organizo no movimento feminista, por exemplo, porque sinto na pele o fato de ser mulher. Há discriminação com relação a mim e com relação a meu gênero. Há coisas que eu enfrento com uma discriminação diferenciada, uma vulnerabilidade que tem a ver com o fato de eu ser mulher. que o homem, por exemplo, não enfrenta. Isso se comunica com a questão de classe, está entrelaçado, são opressões entrelaçadas. O socialismo pode até vir, mas não vai acabar com o machismo tão fácil. Essa questão de classe pra mim é muito presente, tem muito a ver com a minha identidade, eu sou do Partido Comunista do Brasil, porque tem muita discussão que eu aprendi a fazer nesse canal de expressão da sociedade. Agora também tem a ver com uma análise real e teórica que se faz da realidade. Eu não consigo ver a sociedade compartimentada. Então por essa visão da totalidade que a identidade se comunica com a questão de classe, recorte de gênero. Existe uma juventude que renega partidos, mas há também uma juventude que milita em partido e aí não dá conta da complexidade da juventude como um todo. (Grupo Focal, jovens feministas).

JOVENS DO MOVIMENTO LGBT

Avanços quanto ao reconhecimento dos direitos humanos das pessoas LGBT e quanto a serviços, cuidados com a AIDS, e o respeito nas escolas, por exemplo, são creditados à mobilização. Há ainda notícias sobre violências contra homossexuais moradores de periferias. Destaca-se a importância dada à educação, à escola, no combate a discriminações, mas se ressalta que ainda algumas categorias entre o grupo LGBT, como travestis e transsexuais seriam ainda pouco aceitos em escolas.

Questionados sobre as relações com outros movimentos sociais e partidos, jovens do movimento LGBT atribuem conflitos à normativa social, em prol da heterossexualidade e à influência das igrejas, católica e evangélica, que disseminariam preconceitos contra homossexuais. Mas há uma diversidade de opiniões, e alguns consideram que as jovens e os jovens viriam desestabilizando resistências em movimentos e partidos e que tal influência prenuncia mudanças, partidos mais abertos à causa dos homossexuais, travestis, lésbicas e transgêneros e a construção de alianças entre movimentos.

O movimento LGBT contribuiu muito com relação primeiro ao olhar que se tinha com relação à epidemia HIV, AIDS e as DSTS entre os homossexuais. Desde a década de oitenta até meados da década de noventa, o movimento LGBT praticamente trabalhou por tirar esse estigma de cima da classe LGBT e aí, foram agregando as prostitutas, os usuários de drogas injetáveis, enfim. Hoje a gente conseguiu um avanço das pessoas

entenderem que a AIDS não está comigo porque eu sou gay. A partir da década de noventa pra cá, o movimento LGBT teve um outro posicionamento, deixou um pouco a luta pela prevenção de lado e ai se posicionou com relação à luta por políticas públicas para a classe LGBT, políticas públicas para educação, a discussão de segurança pública, enfim. na comunidade. (Grupo Focal LGBT.)

A juventude LGBT vem avançando. Eu tenho vinte e cinco anos e vou tirar um pouco da minha experiência. Se a gente olhar nas escolas de 2000 pra cá, o jovem LGBT teve um avanço, ele conseguiu, querendo ou não, começar a transitar. Conseguiram-se algo nas escolas, em relação a gays e lésbicas. Não se veem ainda travestis e transsexuais, transitando nas escolas públicas ou privadas. (Grupo Focal, LGBT).

Na verdade, o que acontece é um processo histórico que o movimento LGBT tem feito. É preciso falar na parte da educação para a gente entender primeiro um pouco o que aconteceu antes. O movimento na verdade contribuiu muito com relação primeiro ao olhar que se tinha para a epidemia HIV, AIDS e as DSTS com os homossexuais. Então desde a década de oitenta at meados da década de noventa, o que se fez?

O que o movimento LGBT fez praticamente foi tirar esse estigma de cima da classe LGBT e ai, foram agregando as prostitutas, agregando, que eu digo ao movimento e à luta, as prostitutas, os usuários de drogas ejetáveis, enfim. grupos como o grupo Conexão G do Rio de Janeiro que fala sobre a discussão dos jovens que são gays e que são moradores de comunidades e antes ninguém sabia falar, porque o que aparecia no jornal, .Então essa invisibilidade foi desaparecendo com esse posicionamento do movimento, com relação à família, à discussão que se faz com relação à família é um processo grande que são divididos basicamente em duas culinárias que é se discutir o modelo de família que existe na cabeça das pessoas hoje, que família, na verdade, não existe mais praticamente, que o modelo de família que se diz que é o pai, a mãe, o filho e o cachorrinho isso não existe, você vai em determinadas favelas, por exemplo, o que você vê é a mãe solteira, a mãe solteira não é família? O pai que não assumiu o filho da menina adolescente, ele não faz parte dessa família? Então na verdade isso não é nem uma discussão só LGBT é uma discussão da sociedade e o outro processo é o processo de construção da cabeça das pessoas da família com relação à livre orientação sexual das pessoas. (Grupo Focal, LGBT).

Outra questão é que a gente tem que desconstruir estigmas. Também gostei muito do que ele falou. Um dos principais parceiros dentro do Movimento GLBT de Belo Horizonte é o Movimento Negro, mas é assim... nós outro dia tivemos experiências com companheiros que não estão aqui de serem militantes negros e serem questionados quando à isso dentro do Movimento Negro; claro isso não é tão presente, mas esta questão perpassa por todos os campos da sociedade; não é apenas o Movimento Negro, não é apenas o Movimento Feminista, não é apenas a família. A questão de você considerar o homossexual, ou travesti, a transexual num patamar abaixo, ela está muito presente; a gente tem que trabalhar sempre ai com a questão de desconstrução realmente desses estigmas e que foram construídos historicamente e que não vão ser desconstruídos assim da noite para o dia. Isso com certeza. (Grupo Focal, GLBT).

Relação entre movimentos sociais com partidos

Tem uma norma oficial que você tem que ser heterossexual. com isso, os negros, as pessoas que se organizam nos movimentos negros, as pessoas que organizam em partidos, as pessoas que se organizam em instituições elas são frutos dessa família homofóbica, são frutos dessa escola homofóbica. Tem o peso da religião, de que é pecado, de que você vai para o inferno, de que você é uma aberração e que tem cura, isso influencia. A escola e a família, eu acredito que essas duas instituições devam ser mais discutidas. O movimento negro, ele é homofóbico, porque é da essência dele, porque infelizmente ele é resultado, ele é produto dessa escola e dessa família também. Às vezes, a gente fala muito em ser aceito, , em ser respeitado e o que a gente só quer é amar diferente. É importante participar, a gente se colocar e dizer que a gente existe! Só que infelizmente as igrejas, principalmente hoje as igrejas evangélicas vêm ai colocando e construindo essa consciência nas pessoas que nós vamos para o inferno, que é pecado, que você não pode ser feliz se amando. (Grupo Focal, LGBT).

Eu queria trazer um pouco a experiência de Belo Horizonte onde se questionou os partidos políticos. A instituição em que a gente está é uma instituição suprapartidária, nós não temos como inimigos os partidos políticos, quem quiser pertencer, pode perfeitamente pertencer. Há uma discussão dentro da juventude hoje sobre o esgotamento da representatividade dos partidos políticos e quando fomos para o 1º Congresso que foi a 1ª Conferência Metropolitana em Nova Lima, tivemos uma forte rejeição por parte dos partidos políticos que não aceitavam jamais que o movimento LGBT tivesse 3 vagas para a conferência estadual. Hoje nós chegamos aqui com 5 e foi um processo de muita briga, de muita luta, de correr atrás de visibilidade, de discussão mesmo, foi um *babado* como a gente costuma dizer em nossa gíria. Então tem muito disso, os partidos políticos se dizem representativos. Que representatividade é essa? Determinados partidos têm um núcleo LGBT, mas será que é interessante? Será que me representam? Não me sinto representado em um governo tal e se eu não estou num partido político, ele me representa? Não, eu acho que não! Um dos principais parceiros do Movimento LGBT de Belo Horizonte é o Movimento Negro. (Grupo Focal, LGBT).

Da base de Belo Horizonte, onde eu estou, uma coisa que a gente pontua bastante é que todas as vezes que o Movimento Feminista vai para a rua para fazer algum ato, alguma manifestação ou que tenha um seminário organizado pelas mulheres da Rede Feministas, as mulheres lésbicas apoiam, participam, ajudam no máximo possível.

Mas quando as lésbicas organizam, tipo, a caminhada de lésbicas, bissexuais e transexuais femininas, ou seminários ou qualquer outro ato ou manifestação específico para lésbicas, as feministas não vão; então isso mostra claramente que não apoiam, tem uma, duas, três que a gente olha e fala: aquelas são assim, são de luta, são parceiras, são aliadas; agora, a maioria mantém distância. A maioria das feministas são mulheres brancas, com um poder aquisitivo bem mais alto e que na maioria das vezes tem uma negra limpando o chão, cuidando de seus filhos. Então eu fico pensando nisso, que existe essa questão tanto das mulheres lésbicas, quanto das negras também. Nós vamos ter agora o 2º Seminário Internacional de Mulheres e Política que vai acontecer em Belo Horizonte. (...) Não é uma rixa, mas é uma questão de as feministas se colocarem: *Ah, se eu estiver muito junto vão falar que eu sou!* E qual o

problema de ser? Mas elas não gostam de ser apontadas como possíveis lésbicas. Tem sido muito positivo agora que é o movimento das jovens mulheres feministas, que elas vêm exatamente para romper com esse feminismo um tanto quanto lesbofóbico. Nós tivemos agora um congresso nacional de jovens feministas para organizar e a pauta do início ao fim, passou pela questão da lesbofobia, das questões das lésbicas. Nós tivemos até uma indicação que foi conseguida na conferência Nacional das Mulheres,, uma conversa com a Ministra Nilcéia Freire para falar assim: *Olha, todas as mulheres, todos os movimentos estão representados no Conselho Nacional de Mulheres, as jovens não estão. Então nós queremos uma cadeira.* Nesse último encontro, das indicadas duas eram lésbicas; são jovens mulheres feministas que pontuam, que discutem e que estão sendo reconhecidas. (Grupo Focal, LGBT).

Os partidos, principalmente, a juventude dos partidos, estão procurando mais informação sobre o tema LGBT e isso vai colaborar para que os partidos e os movimentos tenham menos discriminação, mas ainda hoje existe muita gente dentro dos partidos, mesmos os partidos que já trabalham com a causa há algum tempo, que ainda tem aquele ranço, aquele preconceito, dizendo que a luta contra a homofobia, a luta contra o machismo é uma luta menor e que o ideal é lutar pela luta maior, de esquerda. A juventude de partido está começando a ter de realmente lutar contra a homofobia e contra qualquer forma de preconceito e isso vai mudar mais para a frente. (Grupo Focal, LGBT).

JOVENS DO MOVIMENTO NEGRO

O grupo de discussão com jovens do movimento negro foi um dos com o mais alto número de participantes, pertencendo a diferentes entidades e com uma diversidade grande de posições sobre temas, tais como relações com partidos e outros movimentos. Destaca-se o consenso na crítica ao racismo, às discriminações e no debate de um tema que surgiu somente nesse grupo, a crítica ao conhecimento partido da academia e a importância de impor outros saberes como os alicerçados na cultura do povo negro.

Alguns criticam os partidos políticos, consideram que a juventude está descrente de partidos que os direitos do povo negro *não é uma pauta da juventude do partido, é da juventude negra do partido e se ela não está lá para se representar a pauta dela não é garantida.* Alguns insistem que há novas formas de participação, enquanto outros se declaram militantes de partidos à esquerda. No discurso de uma jovem militante de entidade do movimento negro, a ênfase foi no fato de que há que se distinguir a historicidade das causas – da geração atual e de há 30 anos. Cuidar também de distinguir quais forças de fato estariam dividindo e fragilizando a unidade dos agrupamentos juvenis. Outros grupos criticam a imagem passada pela mídia de que os jovens não participam.

Participação - partidos

Eu gostaria de colocar a questão da divulgação dos meios de comunicação, de que a juventude no Brasil, não é atuante e participante na sociedade. Embora a juventude hoje seja descrente dos partidos políticos, cada vez mais ela procura organizações sociais, para poder participar e de alguma maneira fazer com que sua comunidade se desenvolva. O pessoal não quer fazer uma opção, mas há um trabalho político, mesmo que não seja partidário. (Grupo de Discussão, Movimento Negro).

Eu tenho alguma divergência com o que ele diz, porque tem grande nível de participação política da juventude. Não tem diminuído a participação dos jovens em partidos políticos; tem um grande percentual da juventude nos partidos de esquerda, inclusive é o segmento que mais cresce. Agora tem outras questões de fundo: será que é o mesmo tipo de participação da década de 60/70, que é pelas grandes causas? . Não necessariamente. A polêmica está em ser ou não ser partidário, até porque muitos jovens hoje se interessam; os partidos políticos têm investido em quadros jovens atuando em diversos movimentos, Hoje é outra dinâmica, são outras demandas da vida, outras formas de organização. Fatalmente a juventude também responde às demandas postas hoje, pois não dá para se organizar hoje da forma de 30 anos atrás. (Grupo de Discussão, Movimento Negro).

[Discordo] porque um grande debate é entre a vida e a morte, e aí nisso a dialética marxista com todo respeito é errada; a dialética que poderia dar visão e discutir isso melhor é a Hegeliana, por que a dialética nada mais é para Hegel do que vida e morte. É a pulsão de vida X a pulsão de morte. Queira ou não queira, significa estar no Estado, não ser consumidor e trabalhador. Quem não tem renda é um miserável, depende dos outros, então, vai morrer de fome e está subjugado ao outro. Esse é o debate que nós temos aqui posto que gera essa crise de juventudes e a descrença nos partidos políticos. Não vou dar exemplos, mas há um partido de esquerda que atua muito bem no campo estudantil Ele tinha representação na presidência da UNE, na presidência da UBES e queria a presidência dos Representantes Estudantes de Cuba. Quem forma o partido são parentes, irmão, primo, tio, irmã. E aí como fica isso? Virou um processo monarquista. Na verdade, são as famílias que têm um *status quo*, têm a posição do conhecimento dentro dos partidos políticos. Há um status quo, com os filhos dos representantes tendo maior força. Vou dar um exemplo: eu sou filho de um militante que dentro do partido tem uma posição que o partido descredencia. Por causa disso, eu também sofro perseguição e é uma perseguição hereditária, chega a ser engraçado esse grande problema que está posto no Brasil. Vamos pegar os nossos deputados, quem é que não é filho de alguém? Aí a gente fala que há uma descrença. O que há é uma imprensa que descredencia a política, favorecendo a manutenção da ordem e a manutenção dessas famílias no poder. (Grupo de Discussão, Movimento Negro).

Houve uma traição dos próprios partidos de esquerda, em relação ao povo negro. Até para os próprios partidos de esquerda de que muitos jovens negros fazem parte, não é importante que ele tenha ascensão. Se você pega hoje os filhos de brancos que fundaram os partidos de esquerda, eles não estão em movimentos sociais e nasceram dentro do partido; eles precisam de alguém para legitimá-los para estarem lá no morro, na favela trazendo votos pra eles. Como eles nunca fizeram trabalho social e nunca vão fazer, eles precisam de quem? No caso da juventude negra, que trabalha com o Hip-Hop, que trabalha junto das mulheres negras, então, eles não vão querer uma ascensão nossa na Universidade. Por quê? Em Santa Catarina não tem um deputado negro. Mas, eu sou tratado como queridinho, porque sobe na favela. Vários garotos lá do partido, da juventude, não deram respaldo a mim nem para vir como um delegado aqui; eles se fecharam dentro da panela mesmo eu sendo do partido, se fecharam na panela branca e não me convidaram para festa deles. Porque eles não me querem acima deles, eles me querem um pouco abaixo; eles dão respaldo para a liderança que eu tenho, claro, eu preciso ter a liderança para subir no morro e trazer uns votos pra

eles. Só que a gente dá juventude negra, a gente entendeu que isso acabou. Já deu de carregar piano. A gente vai continuar fazendo parte do partido de esquerda, mas, do nosso modo. também temos o maior respeito pelos movimentos estudantis, mas, a maioria que sai dos movimentos estudantis depois não milita em movimentos sociais. E às vezes, depois mesmo de se formar não vai às favelas e nem aos morros, prestar serviço comunitário para os nossos jovens que estão lá se matando, se viciando. Então, a gente entende que não adianta eles dizerem que são a favor das cotas, mas, só no discurso. Até porque se a gente fala de movimento estudantil universitário, a maioria é filho de burguês;, pode ser de escola particular, pode ser de universidade pública, é filho de burguês e não vai mudar muita coisa em relação à bandeira deles por meio das cotas. (Grupo de Discussão, Movimento Negro).

A juventude negra diferente de outras juventudes que estão no partido, em uma perspectiva de fazer carreira ou da pauta da década de 70 de mudar o mundo,(ainda se encontram jovens que têm essa perspectiva em alguns partidos), está muito numa situação de cooptação; ela é cooptada e está muito numa situação de se beneficiar de algum espaço sem de fato ter visibilidade, sem que as demandas dela sejam pautadas, ou que ela seja porta-voz. Começa a mudar alguma coisa; a juventude negra começa a incomodar. Mas, a situação dela ainda hoje dentro dos partidos é na condição de ser utilizada pela lógica de levantar crachá. Foi assim nas Conferências, em São Paulo, em vários lugares foi assim, a juventude negra estava lá com alguns partidos, levantando crachá e garantindo voto dos partidos; mas, esses partidos são os mesmos que num debate não priorizam a questão racial, então, não é uma pauta da juventude do partido, é da juventude negra do partido e se ela não está lá para se representar a pauta dela não é garantida. (Grupo de Discussão, Movimento Negro).

Aprender de outros movimentos

Nós temos uma política de cabresto no Nordeste., estamos em um trabalho de reconhecer a democracia, são 33 anos de 64 prá cá, nós ainda estamos nos apoderando desse conhecimento, dos espaços democráticos, aprendendo a fazer o controle social e é difícil principalmente para nós negros e negras, que fomos cerceados desse direito e ainda somos. Quando criticamos, *ah a UJS não sei o que...* é porque a gente precisa aprender também a fazer os acordos, porque se não eles pautam, temos que falar. Vamos botar a questão do racismo aí, vamos nos reunir, vamos sentar e vocês vão ter que me ouvir. Ir pra esses diálogos, ir pra esses acordos, que isso para a gente é novo, como é que a gente vai fazer política? Porque nós também estamos em um processo que é novo para nós. Ao mesmo tempo que a gente está aprendendo temos que repassar esse conhecimento. Temos que começar a formar quadros para poder disputar sim os espaços políticos; se o poder é bom, eu também quero esse poder. Então, se a companheira está aí, por exemplo, tem que sair como vereadora, se a companheira está aí, tem que disputar o espaço no Conselho, se o companheiro é bom, tem que disputar esses espaços, coisa que muitas vezes é difícil. É nos colocado como impossível, mas não é impossível não, porque a gente já tem grandes exemplos. Lá em Pernambuco tem a prefeita de Olinda que foi acusada de aborteira, de maconheira, de tudo que não presta e está aí no segundo mandato e se depender da gente, lá, do movimento negro, vai ser deputada federal, entendeu? A Luciana Santos não tinha nem 3% todo mundo ria dela, era aborteira, era maconheira e está aí. (Grupo de Discussão, Movimento Negro).

Novas formas de fazer política

Deixou de ser pela via do movimento estudantil, porque não é mais juventude é juventudes. Tem juventude negra, tem juventude LGBT, tem a indígena, quilombola e de terreiro se organizando, reivindicando e atuando na questão do controle social. No PC do B, tem lá o movimento das mulheres, tem o da juventude; se você for no PDT, no PT, hoje a direita também vem- se organizando como tal e querendo ou não, tem lá a sua juventude também. Então, eu acho que a grande discussão hoje é que nós saímos do movimento estudantil e tivemos coragem de assumir as nossas especificidades, não que ele seja rival, não. Nós o temos como parceiro ou estamos dentro desse movimento também pautando a nossa luta, não é à toa que a UNE hoje tem uma Secretaria de Combate ao Racismo e faz o encontro dos negros cotistas; não é à toa que o UJS também tem uma secretaria de combate ao racismo, como por exemplo, o PT. E grande parte dessas organizações está atuando na questão política e isso também é importante ressaltar. Nós somos atores políticos, então, nós estamos pautando a política, estamos nas organizações de base, nos Conselhos, nas Conferências, não só essa, mas na Conferência de Educação. Isso é importante, a gente está saindo de um único segmento para moldar várias bandeiras de luta. (Grupo de Discussão, Movimento Negro).

Percepção do outro: o movimento estudantil

Para uma jovem do Movimento Negro, os jovens negros e negras, diferentemente da classe média, não organizaram sua militância no movimento estudantil, mas a partir da materialidade de suas vidas, do racismo e violências sofridas. Consideram o hip-hop que tem como uma de suas principais bandeiras a luta contra a violência policial e o enfrentamento do racismo, o que os diferencia das outras juventudes, não impedindo, porém, envolvimento com questões universais. Destaca-se também a crítica aos partidos políticos que, segundo ela, não priorizam os problemas vividos pela juventude negra.

Tudo perpassa também por uma diferente forma de se perceber jovem, porque para juventude negra, ela se organiza a partir da luta do combate ao racismo, da mesma forma que as jovens mulheres se organizam a partir da discussão e do debate, do enfrentamento à opressão de gênero. A grande massa da juventude que se organiza em movimento estudantil que acabou de alguma forma influenciando as outras juventudes na sua organização, tem bandeiras muito universalistas que não dialogam com as perspectivas da juventude negra, das jovens mulheres. A juventude negra tem outro diferencial muito grande. A juventude negra não se formou no espaço da militância estudantil; a formação da juventude negra vem em sua grande maioria do movimento hip-hop, que é um movimento que nasce, que vem com essa bandeira do enfrentamento à violência policial, mas, já com viés da percepção do enfrentamento ao racismo que é motivado e praticado pelas forças de segurança contra a juventude negra, numa perspectiva de genocídio. Então, isso se reflete na nossa organização, isso se reflete na forma como a gente se incide politicamente e nos diferencia de outras juventudes. Porque a gente traz um acúmulo que é do movimento negro, assim como, as mulheres trazem um acúmulo do movimento de mulheres. Isso nos qualifica de uma forma diferente para levar o debate. Porque, a gente consegue dialogar com as políticas universais, mas, sem fugir, sem deixar de priorizar aquilo que se sente que nos vulnerabiliza mais frente outras juventudes. Porque, a gente compartilha uma identidade juvenil, uma fase de vida transitória, mas, com uma especificidade, que é a nossa condição racial e que a gente traz desde a nossa infância do nosso nascimento. Na nossa juventude, ela vai-se

intensificando e diferente dessa juventude estudantil, que se torna o futuro... Quando a gente se torna jovem, a gente se torna uma ameaça para a sociedade, então, a nossa forma de organização, ela é diferenciada, por conta disso tudo.

Quando eu olho para o partido, eu percebo que a juventude negra diferente de outras juventudes que estão no partido, fazendo uma perspectiva de fazer carreira ou dessa pauta da década de 70 de mudar o mundo, ainda se encontram jovens que têm essa perspectiva em alguns partidos. Mas, a juventude negra está muito numa situação de cooptação; ela é cooptada e ela está muito numa situação de se beneficiar de algum espaço sem de fato ter visibilidade, sem que as demandas dela, ou que ela seja porta-voz. Há uma mudança... começa a mudar alguma coisa, eu acho que a juventude negra começa a incomodar, ela começa a confrontar algumas coisas, mas, a situação dela ainda hoje dentro dos partidos é uma situação, uma condição de ser utilizada pela lógica de levantar crachá e foi assim nas Conferências, em São Paulo, em vários lugares foi assim, a juventude negra estava lá com alguns partidos, levantando crachá e garantindo voto dos partidos; mas, esses partidos são os mesmos que quando você vai para um debate não prioriza a questão racial, então, não é uma pauta da juventude do partido, é da juventude negra do partido e se ela não está lá para se representar a pauta dela não é garantida. (Grupo de Discussão, Movimento Negro).

Participação - formação de lideranças - empoderamento

Nós estamos conseguindo romper barreiras, porque nós estamos conseguindo ter nossas lideranças. Hoje aqui você vê, por exemplo, a gente tem aqui uma (...) liderança negra que o partido hoje reconhece porque nós estamos aprendendo a nos qualificar para assumir debates sobre políticas públicas. E os que não querem ter partido, são lideranças de seus movimentos, como nós temos aqui a liderança de movimentos de juventude, como nós temos o do Hip-Hop, dos afoxés, dos maracatus. Somos nós, agora, protagonistas, escritores e sabedores desse conhecimento, desse saber; estamos cobrando e estamos aprendendo a fazer a cobrança e ter a resposta na ponta. Estamos conseguindo produzir aqui e colher lá embaixo e muito bem, diga-se de passagem! Estamos conseguindo avançar em conhecimentos. Nós temos aqui grandes palestrantes!. (Grupo de Discussão, Movimento Negro).

Política de identidade e academia

Um jovem do movimento negro, ao refletir sobre suas experiências, entende que a simples presença de negros e negras na universidade, um espaço de hegemonia branca, implica enfrentamento de dificuldades, mas contribui para evidenciar a gravidade do problema do racismo, inclusive na construção do conhecimento.

Só de ter a presença de um preto dentro de uma universidade já muda a maneira como essa universidade respira. Vou dar um exemplo, eu quando entrei no Makenzie, por eu conhecer vários amigos, por isso e aquilo, eu percebia quando eu era seguido, tinha os à paisana e os próprios seguranças. A primeira vez que eu entrei no banheiro e não sei por que voltei, estava um cara entrando e ele tomou um susto. Então assim, nós somos cerceados por conta de um racismo histórico que há no Brasil. O que significa estar na academia? Significa primeiro, questionar a posição do cerceador; segundo, significa uma maneira de ver, identificar e pensar o mundo diferente. Vou dar um exemplo do mundo

para a maioria dos jovens. Os jovens brancos quando vinham me convidar para festa, explicavam todo o trajeto via carro: você vem pela Marginal, corta não sei o que, não sei o que lá. Não tinha a preocupação que eu tinha que pegar ônibus ou que eu tinha que sair um pouco mais cedo da festa, porque eu tinha que chegar mais cedo, por que eu tinha isso ou aquilo outro. Por ter essa preocupação, é o diferencial da percepção de mundo e que entra em choque.

Quando eu tirava mais notas do que muitos jovens da minha sala, eu percebia que tinha um mal-estar; enquanto eu questionava, eu percebia que tinha um mal-estar. Um dia um professor meu me chamou e virou pra mim e falou: – “eu não gostaria de fazer isso que eu estou fazendo, mas sou obrigado. Os seus amigos pediram para que você pegasse mais leve com eles dentro da sala de aula, com questão da crítica que você faz em relação a eles e à posição deles na sociedade”. E o que é mais grave, cercear a perspectiva do debate, aí você vê para que serve a academia; na verdade é para reforçar a identidade branca deles, para reforçar a posição de poder, de comando e de mando na sociedade, e isso é histórico. Quando nós estamos lá, esse local, esse pensar, esse mando, esse poder e essa relação já estão em xeque. Tanto é que eu dou o exemplo dos partidos de esquerda que muito brilhantemente se aperceberam disso. Por isso hoje a gente faz um debate, uma opção; hoje a gente faz um debate pela negritude, mas antes o debate era discutir a questão marxista (?). Hoje não, rompeu, sabe por quê? Porque nos traíram, nos traíram em que perspectiva? Quem foi? O projeto de cotas é do PFL, é de um deputado do PFL, mas quem mais votou contra e mudou o projeto original de maneira absurda foram os partidos de esquerda. (...) (Grupo de Discussão, Movimento Negro).

Para jovens do movimento negro, a juventude está desacreditada da política e na formatação do Estado. Consideram também que a produção acadêmica desempenha um papel importante na manutenção desse quadro de desigualdades, mas que os jovens e, em especial a juventude do movimento negro, está ciente desses problemas e tem procurado atuar e ocupar espaços para reversão do quadro, inclusive dentro das universidades. Ressaltaram ainda o problema do embranquecimento da cultura negra e de sua mercantilização por parte da indústria cultural.

A academia sempre vem atrás dos movimentos sociais; bebe dos movimentos sociais e bebe do que a população apresenta, mas, na verdade de uma maneira falseada. A Academia não vivencia o que produz, a academia não vivencia as transformações da sociedade como um todo e não vivencia a maneira de construir. O que eles fazem é somente sistematizar e ganhar nome e ganhar títulos. (Grupo de Discussão, Movimento Negro).

Nós da juventude negra temos um problema; hoje, nós estamos vindo para o mercado de trabalho dizendo que queremos ações afirmativas no momento em que o mercado de trabalho não responde mais aos anseios da população em perspectiva de salário, de ganho e de qualidade de vida. Mas, ao mesmo tempo, nós temos o enfrentamento dos demais grupos por conta disso. Na academia não vivenciam o que a gente vive, então, é uma teoria sem prática e fica difícil falar-se de uma teoria revolucionária sem uma prática revolucionária. (Grupo de Discussão, Movimento Negro).

É uma particularidade histórica do movimento negro, da juventude negra, porque é um problema de classe, só que no Brasil a classe proletária, trabalhadora que sofre é negra, esse é o problema da parte proletária no Brasil. Então, muitas vezes a gente pega as juventudes; juventude do Hip-Hop, juventude do funk e do axé e são os mesmos problemas. A gente assimila muito fácil isso, achando que são problemas de grupos étnicos, de grupos de expressões culturais, artísticas e esquecendo um outro fator muito importante que é a classe. E a gente cai numa coisa que o Marx ponderava que é a miséria da filosofia, uma produção acadêmica que na verdade não está dizendo o real; está dizendo o que é conveniente para eles, ganham o *status* e há uma assimilação muito forte disso. Então, a academia contribui para um tipo de participação, de produção intelectual que é burguesa, não é uma produção intelectual que é do proletariado, que surge do proletariado com e para o proletariado, é uma produção independente. Não é qualquer um que entra lá, é carta marcada. Então, a gente tem que tomar cuidado com essa produção intelectual da direita ou acadêmica. (Grupo de Discussão, Movimento Negro).

A gente tem que entender que na Universidade a gente tem um conhecimento que é eurocêntrico, que vem de uma visão da Europa. O nosso saber é um saber militante. Porque, o que a gente passa todos dias dentro da Universidade é o quê? Não, o seu trabalho não é um trabalho acadêmico é um discurso apaixonado. Para nós, não é um discurso acadêmico, é uma fala apaixonada porque se está muito ressentido pelo o que se sofre, isso não é trabalho acadêmico. Então, eu acho que usar essa expressão de um saber militante ou um conhecimento militante é trazer uma outra visão que tenha a ver com o nosso dia a dia, com a nossa realidade, com as nossas experiências, com o que passa o nosso povo. (Grupo de Discussão, Movimento Negro).

Os sociólogos, antropólogos iam para os nossos terreiros e ainda vão, alguns ainda vão, eles vão para dentro de nossas entidades, de nossos espaços, nos escutam, nos observam, nos filma, nos fotografa e publicam na maior cara de pau, no maior descaramento. Publicam, participam, vêem nossos conhecimentos, reutilizam da forma como bem querem e bem entendem. Quando nós começamos a tomar ciência de que as coisas estavam sendo distorcidas e que era necessário nós estarmos lá para contar a verdadeira história, aí o bicho começou a pegar, porque aí vai-se discutir com quem realmente está na prática, não vai ser mais só o antropólogo que vai falar sobre religiosidade do provo preto, vai ser a babalorixá. Não vai ser mais o professor de música que vai falar sobre o afoxé, maracatu, vai ser a menina do bombo, vai ser ogan do terreiro, vai ser o menino do Hip-Hop. Assim se formam os núcleos dos estudantes negros, a juventude começa a se organizar, começamos a ter nossos doutores, os nossos pensadores, começamos a aprovar tudo aquilo que dizia ser coisa de movimento negro, começamos a responder ao governo. *Mas vocês não têm dados estatísticos?* Agora nós temos, agora nós temos, com base naquilo que a gente fala e se pode pode provar. Nós não vamos mais para um programa ou uma entrevista, dizer que isso é coisa de movimento negro. Nós agora estamos produzindo, estamos escrevendo, estamos palestrando, estamos nos capacitando. (Grupo de Discussão, Movimento Negro).

JUVENTUDE QUILOMBOLA

Jovens quilombolas destacaram que a participação se dá em um processo cumulativo, e que, há alguns anos, não havia jovens em lideranças no nível de comunidade fato que hoje é realidade que estimula mais jovens a participarem, ou seja, a própria oportunidade de atividades gregárias, em particular no plano cultural e em atividades esportivas. Alguns jovens quilombolas são membros de partidos políticos, mas consideram que “organização” para eles tem marcas de cultura, de território e implica algo maior, a identidade, o que informa as ações de políticas públicas. Alguns criticaram a ação de entidades político-partidárias quando das Conferências estaduais.

Hoje o jovem está mais presente na comunidade. Antes raramente isso acontecia porque o pessoal não nos incentivava a estar nesses espaços, hoje, a maioria dos jovens já faz parte de associação. Quando há eventos, a exemplo de Conferências, encontros, seminários, palestras, a juventude já está lá presente inclusive dando palestras, realizando encontros, organizando encontros dentro dos próprios territórios. Como exemplo disso a gente tem algumas associações cujos presidentes são jovens, a exemplo lá da comunidade onde eu moro. Eu sou o coordenador geral da associação de lá, foi com o respaldo das pessoas mais velhas também que acreditaram que eu e os outros jovens de lá temos um potencial e uma força pra poder liderar nas comunidades. Antes você não ouvia falar das lideranças jovens nas comunidades e hoje as próprias lideranças mais velhas já nos chamam de liderança, e para gente isso é algo muito importante. (Grupo Focal, Quilombolas).

O que mais motiva o jovem a participar é a abertura pra que ele tenha um espaço de mostrar o que sabe, o que realmente é. Antes se ia para uma comemoração religiosa como platéia, hoje a gente vai e participa, faz produções, é um agente dentro da comunidade. Isso gratifica os jovens, levanta autoestima e faz com que ele busque outras coisas, procure vários espaços, procure a política. Todos querem ser protagonistas da história das comunidades. (Grupo Focal, Quilombolas).

O Quilombo é Conceição das Crioulas. Tem a vila, mas o território é bem extenso e tem vários sítios dentro desse quilombo ainda. São 17.000 hectares de território, tem comunidades vizinhas que também fazem parte do quilombo. São bem distantes uma casa da outra. Não existe um padrão de comunidade quilombola. Cada comunidade tem sua especificidade desde a sua organização espacial até questão cultural, social também. A juventude começa a participar das atividades culturais de danças, de toques lá na comunidade e também através do esporte, porque foi o que fez com que a gente começasse a participar; querer fazer cultura fazer esporte na comunidade. Então isso é um atrativo para a juventude na comunidade para que comece a ingressar nas discussões políticas. Existem também como estratégia das lideranças nas comunidades para poder envolver as pessoas. (Grupo Focal, Jovem Quilombolas).

Comparação com a geração 60 e 70 - juventudes e a Conferência - ganhos hoje

Jovens Quilombolas consideraram que houve avanços democráticos, consubstanciados na maior participação institucional dos jovens e ilustram a Conferência Nacional da Juventude como um tipo de participação de jovens sem influência dos ‘mais velhos’. Chamam atenção para mudanças históricas no engajamento da juventude rural e consideram que, em particular na área rural, as lideranças mais velhas estão aprendendo a valorizar os jovens ativistas. Mas ponderaram que de fato muitos jovens estariam mais circunscritos no plano do privado e ‘manipulados’ para o consumismo, em particular pela influência da TV.

Essa questão de comparar a juventude de hoje com a juventude da década de 50, 60,70 é comum. O pessoal fala que a juventude de hoje não tem mais aquele mesmo espírito que tinha antes, mas isso se dá muito em virtude de a juventude de hoje, de certa forma, tem algo que antes naquela época não tinha e hoje se utilizou dos artifícios para poder tentar conseguir algo. Nem sempre os jovens estão nas ruas fazendo manifesto e isso tudo é em virtude de um sistema muito perverso. Muitos jovens se entregam na maioria das vezes e pelos meios de comunicação a essa idéia de consumismo. Muitos ficam só na frente de uma televisão que termina também manipulando a juventude. Mas não manipulam todos os jovens. Já existe um avanço na juventude, a que está participando desses momentos políticos, já está propondo. Um exemplo, é essa Conferência que teve várias propostas boas, teve algumas ainda que precisam ser melhoradas. Mas foi um momento em que não tinha lideranças, mas velhas propondo. Tinha jovem mesmo construindo. Percebo a diferença maior ainda da juventude rural que antes pouco estava num espaço como esse. Assim, antes, se a um jovem do campo se falasse de política, de organização, ele ficava olhando pra baixo; hoje não, hoje a juventude do campo já encara qualquer pessoa, qualquer ação que for combater ou construir. (Grupo Focal, Quilombolas).

As próprias lideranças mais velhas raramente acreditavam no potencial da juventude. O pessoal achava só que a juventude estava aí para se divertir e não investia nela; hoje já se tem um quadro diferente e isso se empregava principalmente na zona rural. Hoje são os jovens que estão na frente das atividades e nossa liderança mais velha nos vê de uma forma diferente em muitos casos. Às vezes até dão credibilidade pra gente falar até por eles Lógico que tem toda uma discussão nas bases ,mas isso é o fator também que foi muito importante para a mudança de ideia das pessoas mais velhas com relação à juventude. (Grupo Focal, Quilombolas).

O que se entende por participação?

Participar? Acho que participar é construir. Você participa quando constrói algo. Quando você está fazendo um ato que pode ser benéfico ou até maléfico, você está construindo algo. Quando você constrói, você cresce e acho que participar é construir e crescer tanto pessoalmente tanto por reconhecimento dos outros e em todos os aspectos. (Grupo Focal, Quilombolas).

Organização e partidos

Há a questão da organização política. Com certeza, a gente hoje tem uma forma de organização na comunidade acima das questões partidárias que é a questão da identidade. Quando a gente se organiza em prol da nossa identidade, existe um espaço para a gente concordar ou discordar das ações partidárias que acontecem onde a gente mora, seja no município, no estado ou no país. Isso faz com que a gente não venha a se prender a algo muito pequeno porque quando se tem algo muito pequeno termina deixando de fora outras coisas. Quando a gente vê a questão da identidade étnica, passa-se a discutir por meios dessa perspectiva, a educação, a saúde, a religião e aí existe uma coisa que é fundamental que é a organização do nosso próprio território que, por exemplo, se a gente ganha um espaço,mas não tiver um território fica difícil ter uma educação de qualidade, uma saúde de qualidade. A organização para gente é fundamental e perpassa esse campo do partido. (Grupo Focal, Quilombolas).

Eu sou filiado ao PT, mas eu vejo algumas ações que eu discordo completamente, a exemplo dessa Conferência. Se você está numa Conferência em que tem que defender a cultura, vai propor algo para cultura, vai propor algo para educação, para comunicação. Já o partido tem suas bandeiras. Sabe-se que se precisa de um partido, mas acho que esse normalmente está tentando me induzir porque eu chamo isso de indução tentar induzir outras pessoas a dizer que esse partido aqui é bom e esse partido aqui ruim. Você tem que ter um momento político, um momento específico para tratar de política partidária e que pode ser no seu próprio grupo cultural na sua comunidade, mas não trazer as discussões para outros ambientes, como na organização da Conferência. Foi o que houve lá em Recife, gerando pancadaria, uma discussão destrutiva. (Grupo Focal, Quilombolas).

JUVENTUDE INDÍGENA

Os jovens indígenas entrevistados foram críticos da ação da política partidária nas aldeias, mas analisaram que lhes vem chegando mais um tipo de política “corrupta” principalmente porque lideranças são corrompidas. Disseram que só pela educação se poderá contar com outras lideranças. Querem que os povos indígenas contem com voz e ação própria, destacando-se que os jovens podem vir a mudar tal estado de coisas. Mas há os que consideraram que as próprias lideranças jovens possam se corromper pelo poder do processo político partidário.

Para um indígena Guarani-Kaiuí, da aldeia de Amambai, Mato Grosso do Sul, partidos e políticos menosprezam e não respeitam as populações indígenas do seu Estado.

Há um documento, não sei que nome dar a esse documento, que está tramitando no governo. É uma parceria do Ministério da Justiça com a FUNAI, de ampliação de terras nas aldeias de Mato Grosso do Sul. E, estava em tramitação, estava tudo certo. E esses dias levantou um deputado estadual do nosso estado e falou assim: *O que a gente vai dar pro índio, se o índio nunca foi dono de nada?* Ou seja, ele está menosprezando as populações indígenas do estado, E... aí ele falou assim, que o povo de Mato Grosso do Sul nunca teve um governo humano, que agora eles têm, só por causa que o governo deu não sei quantos mil de projetos pra este ano. Mas o governo não está fazendo isso porque ele é humano, é obrigação dele mesmo, como governador. Então, em questão dessas políticas, eles não respeitam as vontades das comunidades indígenas. (Grupo Focal, Indígenas).

Representação sobre política e partidos

A política partidária infelizmente afetam nossas aldeias. Nós, principalmente os antigos, não temos aquela consciência de que a gente precisa ter ciência de ter uma política pública para nossa comunidade. Infelizmente, os não-indígenas, eles sempre estão com o barco na frente, mas nunca dão o barco para gente, para os indígenas pilotarem. Então, a gente tem que ter educação, a gente sendo conhecedor de causa, a gente vai discutir uma política pública para as nossas aldeias. (Grupo Focal, Indígenas).

O problema é que a gente não está tendo uma organização melhor em termos de canalizar o nosso movimento para políticas públicas. Assim, fica tudo na mão da política partidária. Então, há várias aldeias que são dominadas por essas políticas partidárias. Infelizmente vivem à mercê disso. A comunidade perde um grande avanço lá na frente. (Grupo Focal, Indígenas).

Veja agora o caso da Raposa Serra do Sol. A política está fazendo com que a comunidade indígena se divida. Alguns povos que não são povos, algumas facções estão influenciadas por essa política corrupta, partidária, (eu acho que política partidária é muito importante para qualquer tipo de civilização). Mas, infelizmente, a gente sabe que existe uma política hipócrita, corrupta que corrompe algumas lideranças indígenas e faz com que esses problemas caiam dentro das comunidades. E isso é um problema muito grande. Os indígenas, eles se comprometem com os políticos com propostas mirabolantes. Eles aproveitam da ingenuidade política dos povos e entram mesmo na aldeia. (Grupo Focal com Jovens Indígenas. Um jovem).

Então eu acho que o maior problema hoje somos nós, os jovens, que não estamos ainda fortalecidos. Porque quando nós estivermos, aí sim, ninguém vai entrar não. A política quem vai fazer somos nós, porque a comunidade nos pertence. E é o que a gente quer. Enquanto eles entrarem com esse poder eles vão continuar corrompendo, e vai ser uma desgraça dentro das aldeias, que é o que acontece. (Grupo Focal, Indígenas).

Existe uma aldeia em Mato Grosso do Sul, a aldeia Jaguapirú e Bororó. Ela contém 11 mil, quase 12 mil índios. Cerca de 4 mil são eleitores. A aldeia não faz um vereador com uns 500 votos, por causa dessa política partidária ou o não-índio, ele vai lá compra por uma coisa mínima nossos povos indígenas. Se a gente tivesse consciência iríamos nós, jovens, conscientizar os nossos parentes antigos. (Grupo Focal, Indígenas).

Eu tenho uma certa aversão à política partidária, mas eu acho que é o caminho. Então eu acho que a gente tem sim que lançar propostas de jovens, vereadores, jovens um dia prefeitos, sei lá, senadores. Eu acho que o jovem está se encaminhando pra isso. Mas o movimento jovem é muito prematuro. Nós temos que procurar, pelo menos nas bases nos fortalecer com o grupo jovem, para depois pensar nessa coisa partidária. Porque o medo que eu tenho é de que essa política partidária seja um câncer, porque a gente sabe que quando começa a rolar dinheiro, quando começa a rolar ambição, acaba corrompendo. E isso pra mim, ao meu ver, é um grande problema hoje no cenário político-juvenil. (Grupo Focal, Indígenas).

Em questão de política partidária, os jovens têm sim que se envolver. Só que é uma tendência que está começando agora. Então, só agora o jovem está começando a entender que deve se integrar em algum partido político para tentar trazer melhorias para sua comunidade independentemente se ele vai ser candidato ou não. O simples fato de você ser filado a algum partido, se você puder fazer alguma coisa pra comunidade, eu acho que já está de bom tamanho assim. (Grupo Focal, Indígenas).

Sobre o movimento estudantil

Eu tenho muito respeito pelo movimento estudantil, porém, eu acho que muitas vezes o diálogo funciona mais do que grito. Eu não sou passional [risos]. A causa deles é muito bacana, muito justa. Agora os métodos são um pouco complicados. Eu só não sou muito a favor da causa da maconha. Porque eu sei o impacto que isso tem dentro das comunidades indígenas. (Grupo Focal, Jovens Indígenas).

JOVENS CIGANOS

Discriminação e visibilidade de acordo com a autoapresentação, da cultura e de condições de vida são fatores que mais mobilizam os ciganos a buscarem estar em espaços públicos que possibilitem diálogo ampliado, como o da Conferência, para colaborar na divulgação de direitos entre o povo cigano. Consideram que os jovens hoje têm mais informações, mas enquanto em 1964 havia uma “manipulação de poderes” hoje haveria “uma manipulação das massas” pela mídia.

Participação - mobilização

Queremos buscar um pouco mais de espaço na sociedade, queremos buscar uma participação para que todo mundo nos conheça, que nos tratem igualmente, igual a todos sem aquele preconceito sobre a gente. (Grupo Focal, Ciganos).

Participação é em espaços como este, estar nessas Conferências e sempre ter ciganos e mais ciganos. Estamos poucos no máximo oito ciganos. E só no Brasil, somos mais ou menos um milhão de ciganos. Nem meio por cento dos ciganos estão sabendo dessa Conferência, e dos direitos deles, muitos são muito analfabetos, não têm experiência de nada. Muitos moram em barraca, sem acesso a nada. (Grupo Focal, Ciganos).

Comparação entre gerações de jovens

Se hoje está um caos é por causa do passado, o que a outra geração legou. Mas naquela época existia a manipulação de poderes, pelo meu ponto de vista existe manipulação de massa. A grande imprensa, da grande mídia molda entre aspas a mentalidade das pessoas. Mas o jovem de hoje tem muito mais informação de que os dos anos sessenta; então tem melhorias. (Grupo Focal, Ciganos).

JOVENS COM DEFICIÊNCIAS

Os jovens com deficiências enfatizaram que a mobilização política é básica para fazer valer direitos. Vários são membros de partidos políticos, mesmo criticando a insensibilidade de alguns à causa dos portadores de deficiência, mas há os que consideram a ONG um lugar mais efetivo para participar em prol dos deficientes.

Sou do PC do B. Eu estou nesta luta que é a nossa, dos deficientes, a luta pela associação. Entrei faz pouco no partido e agora eu vou fazer muito mais, vou lutar para que melhore cada vez mais. (Grupo Focal, Jovens com Deficiências).

Eu sou do PSDB. Mas eles não estão colocando a questão da exclusão da pessoa com deficiência, mas insisto. (Grupo Focal, Jovens com Deficiências).

Eu estou em uma ONG. Atualmente, eu sou vice-presidente da Federação Brasileira de Esportes entre Surdos. Foi fundada em 2007. Nossa preocupação é que as crianças deficientes, surdas, no futuro tenham profissionalização no esporte. Nas paraolimpíadas, vocês viram algum surdo ali? Precisa desenvolver esse trabalho. (Grupo Focal, Jovens com Deficiências).

GRUPOS DE JOVENS COM ORIENTAÇÕES TEMÁTICAS

JOVENS AMBIENTALISTAS

A maioria dos jovens entrevistados se apresentou como educadores ambientais, destacando um trabalho de ‘educação crítica e emancipatória’. Trabalharam sobre vários temas e observaram a importância de participar em mídia alternativa, ‘com uma visão crítica da área de comunicação, formatando o debate sobre participação’. Relacionaram-na ao seu trabalho, que é voltado para ‘uma outra cultura’ o que abrange a discussão da Agenda 21 e as ações relacionadas à ecologia em vários níveis global, nacional e local. Participação seria investir em tornar presente ‘utopias’, como a de uma sociedade sustentável, observando-se que as bandeiras do meio ambiente são amplas e não restritas às temáticas específicas, como as de ecologia. Investem alguns na multiplicação de organizações da sociedade civil, ampliando assim a participação dos jovens por uma causa; consideram que estar em espaços da sociedade política seja importante e que há que mais investir em nexos entre sociedade civil e sociedade política, tendo os jovens como ‘protagonistas’. Reconhecem que em alguns estados os jovens são muito críticos a partidos políticos, mas estariam interessados em debater política. Contudo, não necessariamente todos se orientam por participar somente em organizações não governamentais, reconhecendo a importância dos partidos.

A bandeira que a gente traz aqui é a bandeira da cultura da paz, e aí eu venho com esse discurso que parece utópico, mas é a realidade que a gente vive hoje. É nisso que eu acredito. São as escolhas e opções que eu fiz dentro do movimento de que eu participo. Eu vejo como uma possibilidade de mudança de um futuro melhor, da construção de uma sociedade sustentável. Estamos empenhados na construção do Sistema Nacional do Meio Ambiente e que a gente como juventude também construa um Sistema Nacional de Juventude que possibilite ter uma estrutura de financiamento de autonomia do poder público, que deverá estar de certa forma aliado e direcionar recurso para um fundo nacional do meio ambiente, um fundo estadual e um fundo municipal de meio ambiente. A Agenda 21 é um plano diretor, é um documento amplo com 40 capítulos que trata de uma diversidade enorme de necessidade, não só da questão específica do meio ambiente, mas desde o sistema de educação até a questão da economia solidária, da agricultura familiar, de processos de produção de mineradoras, da sugestão na área de turismo como um processo também de manutenção de desenvolvimento sustentável. Isso faz com que você, por exemplo, valorize as pequenas empresas, as micro e pequenas empresas. Os 23 temas dessa conferência estão na Agenda 21, desde cultura de povos negros e indígenas até diversidade. (Grupo Focal, Ambientalistas).

Eu coordeno um projeto chamado “Circulando” que é de formação. O objetivo principal do Circulando é fazer com que, ao final do curso, a contrapartida dos jovens seja a criação de organizações do terceiro setor. Eles recebem informação na área de protagonismo juvenil, políticas públicas de juventude, associativismo juvenil, organização do terceiro setor, gestão de organização do terceiro setor, elaboração de projetos, capacitação de recursos, avaliação, prestação de contas. Nosso objetivo também é fazer com que essa juventude pare de ver o governo como uma grande galinha que passa a asa e cobre todo mundo, o governo não é paternalista por toda a vida. (Grupo Focal, Ambientalistas).

Comparação com a juventude dos anos 60 e 70

Na percepção dos jovens ambientalistas, a juventude de hoje está mobilizada e se interessa mais por processos institucionais e é mais estratégica e que, por isso, ela tem conquistado muitos espaços. Também ressaltaram a existência de problemas como violência, desemprego e

subemprego. Destacam o processo das Conferências nos municípios, nos estados e da Nacional como apontando para uma socialização dos jovens com a participação no jogo democrático institucional o que também seria relacionado à abertura de oportunidades, da criação de lugares pelo Estado como a Secretaria Nacional de Juventude e do Conselho Nacional de Juventude. Estar nesses espaços, segundo um jovem ambientalista, é colaborar para mudanças de comportamento, de mentalidade, em prol de uma perspectiva de desenvolvimento sustentável.

Eu vejo hoje um processo de movimento de juventude que é um pouco divergente de tempos atrás quando se tinha um processo mais de manifestação. Hoje a gente tem um processo mais silencioso, não é tão marcado por manifestações, por barulho, por mobilização assim de maneira ampla, mas ele é mais organizado, mais institucional. Então eu penso que hoje o jovem seja mais, talvez, estratégico; ele sabe chegar, ele consegue influenciar uma política pública. Por exemplo, no meu caso, no município na coordenação, os conselhos jovens que vão lá estão interessados em propor; vão à reunião com algo pra discutir, fazem leitura de assunto, pesquisam pra falar sobre os assuntos e contribuem muito mais que se tivessem fazendo manifestações na rua de maneira pontual, isolada.

Eu vejo com os processos das conferências que eu participei municipal, as pré-conferências no meu município, a estadual e agora que eu estou vendo a conferência nacional eu percebo isso, um nível mais intelectual, na maneira de atuar. Eu acho que é de mais qualidade, de mais respeito e mais efetivo, eu acredito que a conquista dessa conferência retrata isso, a gente aqui podendo ser ouvido, o poder público também com a postura de ter criado uma Secretaria Nacional, de ter permitido a criação do Conselho Nacional. Eu sei que todo processo tem suas dificuldades, mas eu sou uma pessoa bastante otimista, acredito que mesmo com todas as dificuldades que a gente enfrenta no Conselho, na Secretaria, tem-se um processo de criação de um sistema nacional já em andamento. Lá no meu município eu tenho um apoio, talvez não como eu gostaria que fosse, mas eu acredito que isso também seja um processo de conquista com mais trabalho para continuar atuando em movimentos e quem sabe poder mudar, transformar essa relação. Consequentemente, possamos transformar o comportamento, num desenvolvimento com novos modelos de produção e consumo, pensando na sustentabilidade desse processo, no consumo mais consciente e num país melhor, num Brasil melhor para as próximas gerações. Eu penso muito no meu filho, nos filhos dos meus filhos. (Grupo Focal, Ambientalistas).

É, na ditadura houve um grande movimento, uma grande força porque era uma coisa muito forte que estavam vivendo naquele momento,. Como eles tinham que fazer alguma coisa, foi feito um movimento contra a ditadura. Hoje, nós temos o problema muito grave da violência, nós temos outro problema muito grave que é o desemprego, ou melhor, não o desemprego, o subemprego que eu vejo que é muito pior. O que aflige a juventude hoje não é a falta de emprego é o subemprego, a juventude não tem emprego de qualidade. São então esses dois grandes problemas que eu vejo. Então o que a juventude está fazendo? Está se organizando e fazendo o seu movimento para tentar acabar com isso. Agora é claro que a gente não vai pegar um movimento, botar a cara pra rua e dizer: nós queremos mais emprego, queremos que acabe a violência. A gente trabalha de uma outra forma; eu vejo que a juventude está trabalhando de outra forma, está discutindo, eu acho que isso é interessante. Mas é claro, se tiver um momento em

que a gente tem que pintar a cara e ir pra rua vai ser bacana, a gente vai fazer isso, eu inclusive pinto minha cara e vou pra rua sem nenhum problema,. Porém. o momento inicial é esse, é discutir e aí parabenizo o governo por também ter dado esse espaço, principalmente a juventude por ter vindo a esse espaço, ter discutido e ter se apoderado definitivamente disso. (Grupo Focal, Ambientalistas).

Relação com partidos - priorizar o bem comum

Estamos construindo realmente um processo de meio ambiente. Alguns no meu município escolheram o caminho da legislatura e integrando partidos. Mas não estamos como muitos acreditam, em cima do muro. O movimento de meio ambiente foi um movimento contra a ditadura, ele tem esse caráter forte de unir pessoas pelo bem comum e é nisso que a gente vê a possibilidade do entendimento, do consenso dessas lideranças jovens, do consenso desses movimentos sociais, ambientais, das diversidades para se discutir uma questão comum que é o meio ambiente, a degradação socioambiental. Nesse processo de construção, de conferência, de encontros, de trabalho em rede há troca de experiências sobre municípios diferentes, estados diferentes. E conseguimos uma união de lideranças de partido de esquerda e de direita-- que se uniram na época da ditadura e que podem voltar a se unir de novo-- agora com essa discussão do meio ambiente. Somos muito otimistas sobre a possibilidade de consenso, do entendimento. A diversidade é parte de um processo de construção e faz com que o processo se torne mais longo, mas não é ruim, não impede que esses processos sejam construídos. Por exemplo, nosso GT1 de meio ambiente, no começo estava bastante tenso o trabalho, discutiram-se vários temas, mas saímos dali com um consenso, com satisfação. O pessoal saiu dali se abraçando, agradecendo, então eu vejo isso, vejo essa possibilidade também, de a gente pensar nesse formato de união dessas lideranças dessas ideologias que se completam pelo bem comum. (Grupo Focal, Ambientalistas).

ONGs e Partidos

Eu sou presidente de uma associação. Sou vice-presidente do diretório do PDT municipal, sou secretário de movimento estudantil da juventude socialista do PDT de Santa Catarina e sou secretário municipal da juventude socialista do PDT em Imbituba. Se as pessoas que estivessem na política fizessem um bom trabalho em todos os termos, não precisava de ONGs, não precisava de associações. Se tivesse uma divisão das riquezas produzidas não seriam necessárias ONGs porque já existiria um governo que estaria preocupado efetivamente a fazer essa justiça social. (Grupo Focal, Ambientalistas).

O que está faltando para o jovem hoje é formação política. O jovem diz assim: hoje sou contra o PT, sou contra o PMDB, que ele é antipartidarista. Mas ele tem que entender que tudo que ele faz na vida é política. Eu sou do PT, mas no meu estado é grande a aversão da juventude em relação a partidos políticos e não à política. (Grupo Focal, Ambientalistas).

É eu não tenho partido político, não acho que para fazer política tem que ter partido político. A partir do momento em que a sociedade civil começou a se organizar, ela começou a assumir o que o governo e o setor privado nunca vão dar conta de fazer. Ela está vivendo o problema. Só em Minas Gerais tem mais quatro mil e quinhentas organizações sem fins lucrativos. Isso é um ganho. (Grupo Focal, Ambientalistas).

No movimento ambientalista, 54% são mulheres. Há jovens em movimento ambientalista e em movimentos de gênero; outros estão em contacto com outros movimentos. A gente acredita no meio ambiente como um processo de inclusão. (Grupo Focal, Ambientalistas).

Eu percebo que essa juventude que vem de ONGs e do movimento ambientalista tem que aprender muita coisa com o movimento partidário que é muito mais forte e muito mais articulado. Eles trazem suas bandeiras e se articulam em relação aos votos. A juventude ambientalista que vem de associações ou de ONGs também tem que começar a trazer suas bandeiras, trazer seus gritos de guerra, saber se articular como os partidos políticos com toda experiência. (Grupo Focal, Ambientalistas).

Há ideais partidários que não estão de acordo com a qualidade de vida dos jovens, com as pautas juvenis e que têm incorporado uma qualidade de vida insustentável a partir do capitalismo. (Grupo Focal, Ambientalistas).

Seria uma grande conquista para a juventude ter também [como as mulheres] 30% na chapa a candidatos a vereadores, ter cota para o jovem dentro da chapa dos candidatos. (Grupo Focal, Ambientalistas).

JOVENS DO MOVIMENTO HIP-HOP

Também os jovens no movimento Hip-Hop priorizaram a unidade em torno da temática em que se engajam, no caso o Hip-Hop: “somos de vários partidos. Mas a nossa unidade é o movimento Hip-Hop”. Ressaltaram que o Hip-Hop une o artístico e o político e que *hoje na periferia o jovem mais politizado é o jovem do Hip-Hop. Sublinham sua autonomia, sua força na relação com os partidos políticos e o fato de que muitas entidades estão relacionadas a esses, mas defendem a identidade Hip-Hop em tal relação.* Vários dos jovens entrevistados são candidatos a vereadores, situação que há alguns anos, segundo eles, seria impensável, atribuindo o ganho em legitimidade à defesa de um projeto de mudanças sociais acoplado a uma cotidianidade de vida nas periferias, linguagem artística próxima da população das favelas e periferias.

Os jovens do movimento Hip-Hop falaram com entusiasmo do processo de consolidação do movimento e da importância que vêm conseguindo:

A Nação Hip-Hop Brasil está organizada nos vinte e cinco Estados da Federação e é mais um elo dessa grande corrente, porque além da Nação Hip-Hop Brasil existe a CUFA, que é parceira da Nação Hip-Hop Brasil; existe o MOB que é também parceiro, o MH2O, também aliado estratégico e existe a ZULU que cumpre um papel importantíssimo dentro do nosso país, que é influenciar o maior número de jovens possível e fomentar a cultura Hip-Hop com suas raízes e seus fundamentos. Mas, a que de fato a Nação Hip-Hop Brasil se propõe? A ser a principal entidade nacional para organizar o movimento Hip-Hop, ser a representante nacional do movimento Hip-Hop, por ter hoje no país a política mais avançada para organizar o movimento Hip-Hop na questão política, e isso, nós não abrimos mão desse mérito, que não é de ninguém, é um mérito da nossa busca individual e hoje coletiva pra ter uma entidade que consiga dialogar não só com

a periferia que é de onde a gente vem, mas, possa fazer a interlocução com as esferas públicas e as instituições governamentais ou da iniciativa privada. É a isso que se propõe a Nação Hip-Hop Brasil. (Grupo Focal, Movimento Hip-Hop).

Hoje na periferia, o jovem mais politizado é o jovem do Hip-Hop. Ninguém precisou ter faculdade, ter linguagem acadêmica para ser politizado. Só falta ter uma unidade maior. É saber que se a gente se organizar, o partido nos dá esse espaço. Mas também não é qualquer partido, porque os partidos de direita foram os que massacraram nosso povo. Eu nunca vou aceitar dialogar com um mano que é do Hip-Hop e se diz de um partido de direita. (Grupo Focal, Movimento Hip-Hop).

Quero deixar registrado isso aqui. A CIA e o FBI estão tentando destruir nossa cultura no âmago onde a cultura surgiu e se popularizou. Eles não querem ver o movimento Hip-Hop que nós somos porque influenciámos muitos jovens. Num show de Rap nosso, a gente põe de 1000 a 5000 jovens na nossa frente e a gente não está ali só para o entretenimento, a gente está ali para dizer àquele jovem que ele tem que estar unido na luta. A gente está dizendo que a gente vive em um país que tem luta de classe desde a sua essência de formação. Assim, o FBI está tentando destruir o nosso movimento, porque sabe que o nosso movimento é inimigo nº 1 desses pensamentos reacionários e elitizados, não só do Brasil, mas do mundo. (Grupo Focal, Movimento Hip-Hop).

Nós somos um veículo de comunicação, a música é um veículo de comunicação, entendeu? Se hoje o mano Ox lá de Porto Alegre fizer uma música para derrubar o Lula, se o Bill fizer uma música para derrubar o Lula e o Brow fizer uma música e outros grupos de rap espalhados neste país, nós derrubamos o Lula. Por que nós botamos o Lula lá também; foi o movimento Hip-Hop, o mano Brow, Racionais Mc's que lotaram São Paulo, trinta mil pessoas nas campanhas do Lula. (Grupo Focal, Movimento Hip-Hop).

Um jovem do hip-hop declarou que o hip-hop é um dos únicos meios de expressão e de politização para as pessoas pobres, refletindo sobre as condições de vida de sua própria família. Descreveu a favela nos termos da violência e opressão que lá existem, entendendo o hip-hop como poesia que descreve a dura realidade da favela e como uma forma de denúncia, mas principalmente linguagem intelectual da periferia feita pela periferia que inclusive estaria substituindo o saber que a intelectualidade convencional, pelo saber vivência, o que lembra a expressão “sentir pensante” usada por Eduardo Galeano para descrever a produção de conhecimento da militância popular latino-americana.

O país nunca teve tanta reserva de grana como tem agora. Nós conseguimos acabar com a dívida com FMI, estamos com reserva, o país está com os cofres cheios. Até quando, até quando? Eu não faço hip-hop por opção, eu não tive opção ou eu fazia hip-hop ou eu então... entendeu? O hip-hop foi a única coisa que tinha pra mim naquele momento, que me politizou, que me aproximou dos conhecimentos gerais. Se eu tivesse nascido numa família com condições estruturais, mas eu nasci numa família de onze irmãos, uma mãe empregada doméstica e um pai pedreiro, que tipo de condição uma família que tem menos de seiscentos reais por mês tem pra manter uma família de onze? Eu tenho uma irmã que é prostituta, irmão que é traficante, entendeu? Eu tive uma passagem também negativa na vida, dentro do mundão. A favela não tem espaço para lazer, não tem espaço

para o esporte; eu considero a favela um grande campo de concentração e ali que a gente convive com os psicopatas, é ali que a gente convive com os matadores, o cara que matou dez, quinze pessoas e está preso, quando ele sair da cadeia pra onde é que ele vai? Ele vai pra classe média ou ele vem pra dentro da periferia? A gente tem que conviver com essa gente lá dentro, pessoas que eram para estar isoladas do convívio social e muitas dessas pessoas foram crianças também que cresceram dentro dessa grande opressão, entendeu? A maioria não aguenta, a maioria mata mesmo, a maioria rouba mesmo e a maioria destrói mesmo. Então, o nível de psicopatia que tem dentro da periferia é muito grande, muito grande. O que acontece? Acontece que não tem, não tem pra onde correr. Eu não tenho condição de sair da periferia e morar nos centros urbanos e ter um apartamento lá de mil e quinhentos reais por mês, de três quartos, pra ter uma vida digna com qualidade de vida. Isso é ter qualidade de vida, não é ser burguês, é só ter qualidade de vida. Por que [que] uns têm e outros não têm? Por que que a maioria não tem? Esse é o nosso maior questionamento. Se eu tivesse nascido numa família com condição, eu queria fazer música clássica, eu adoro música clássica. Eu queria ter tido condições de fazer música clássica, ser maestro, dirigir cem, duzentas pessoas, eu gostaria de ter tido isso, mas no hip-hop não precisa ser músico para ser do hip-hop, não precisa ser um escritor para ser do hip-hop; o hip-hop chega para o jovem da periferia com uma coisa assim, oh... é o que tem mano! Ou tu te encarna ou então... eu não sou sambista, eu não sou porra nenhuma, eu não sei tocar nada, mas sei produzir música, entendeu? Autodidaticamente eu sei produzir música e sei fazer poesia, rima, poesia. Então, eu me considero poeta, eu me considero um escritor, só que a sociedade não reconhece. Hoje, o mundo dos intelectuais não consegue falar da periferia e nós conseguimos, nós retratamos a periferia numa letra de rap. Quando eu falo: – “Quando garoto eu sonhava em ser polícia, mas, foi só até eu crescer e me ligar na notícia, hoje a polícia mata, rouba, trafica e estupra. Nossa justiça é cega e o sistema filho da...” entende? A gente está não só denunciando, como estamos registrando no campo literário uma coisa que só nós, os intelectuais da periferia podemos fazer, entendeu? Então, isso tem que ser reconhecido, tem que ser valorizado. (Grupo Focal, Movimento Hip-Hop).

Relação entre Movimentos

Um jovem do hip-hop falou da situação do movimento no estado do Paraná, do diálogo que estão travando com comunidades quilombolas, destacando o problema do imperialismo cultural e do assédio das Igrejas Evangélicas. Destacou o uso da política pela diversidade por pessoas que não são das comunidades originárias e da falta de recursos públicos para eventos promovidos pelo pessoal do hip-hop em lugares em que se promove a cultura convencional e de elite.

Lá no Paraná, foram descobertas sessenta comunidades remanescentes quilombola, sessenta num estado que é considerado extremamente europeu. Nós temos esse intercâmbio também, Por que são negros, nós vamos lá porque nós queremos descobrir a nossa origem. Eu sou neto de escravo e de escrava, então, muito da cultura dos remanescentes quilombolas eu lembro da minha infância, era a mesma coisa, os mesmos costumes dos meus avós, então lá nessa comunidade já tem TV também, tem TV e tem rádio. A partir do momento que tem TV e tem rádio, não é uma questão de você falar: – o hip-hop... tem um monte de coisa, um monte de lixo da TV, um monte de lixo da TV a própria novela, tentando padronizar um comportamento, os caras tentando ditar o estilo como os jovens devem se vestir, devem se comportar mesmo. Então aí, você percebe que você vai nas comunidades quilombola, tem uns camaradas que gostam de

rap. Muito dos remanescentes quilombolas na questão cultural, eles perderam muito pela própria pressão mesmo. Você vê um monte de igreja evangélica lá dentro, dando um suporte às vezes não financeiro, mas um suporte sei lá... psicológico, emocional, que o estado não dá.. Teve uma grande movimentação no estado do Paraná, em que sentido? Porque o Ministério, o Governo Federal, criou a Secretaria Nacional para tratar das questões das comunidades tradicionais e a exemplo dos remanescentes quilombolas, financiando muita grana. aí você vê todo mundo querendo abraçar índio, querendo abraçar negro. O representante dos negros no Paraná é um branco, que é o diretor do GT Clóvis Moura, que é ali junto com a Secretaria de Cultura; o representante dos indígenas lá também é um outro branco, universitário. O processo de embraquecimento cria dificuldade para as verdadeiras lideranças. Eu como do movimento hip-hop lá faço um evento uma vez por mês que reúne oitocentas mil pessoas no coração da cidade e você sabe com quanto que eu faço? Com zero de verba. Mas também, eu consigo a estrutura toda do som, o material nós mesmos nos viramos, só que eu estou cansado disso; estou cansado disso porque no teatro Guaíra, que é o maior teatro da América Latina, tem apresentação de circo não sei de onde, de Moscou, tem música clássica da Alemanha. Então, é isso que incomoda. Não se consegue financiamento do Ministério da Cultura. (Grupo Focal, Movimento Hip-Hop).

Já as relações entre movimentos de temática, como o estudantil, diferenciadas ou com partidos políticos, é discutida com muita tranquilidade, ser mais que uma posição de movimento. Quando há arranhões, esses ocorrem entre entidades e não por orientação geral do Hip-Hop. É comum a ênfase em parcerias para fins comuns, o que sugere a contribuição de grupos que relacionam a cultura e a política.

Uma coisa que está dando certo em várias cidades, por exemplo, é essa união da galera do Hip-Hop com a galera do movimento estudantil. Eu, por exemplo, sou diretor da “nação Hip-Hop” de Santo André e sou presidente da UBES minha cidade; em Cotia o presidente da UBES também é da nação Hip-Hop. Tem que ter a percepção dos segmentos que dá para se juntar, mas com uma ideia superior. A minha é o socialismo. Quando a galera estiver linkada nisso aí, aí sim a gente pode trazer e jogar tudo no mesmo bolo e vamos, vamos para o que estourar. (Grupo Focal, Movimento Hip-Hop).

Sobre a relação entre política e movimentos sociais, eu entendo assim. Eu comecei no movimento Hip-Hop e depois quando se discutiu a questão racial, eu fui para o Movimento Negro Unificado. Quando se discutiu política, eu procurei um partido dentro da esquerda que me desse espaço para debater que foi o PT, só que assim, a parada não vem de cima pra baixo, vem de baixo para cima. Eu sou movimento Hip-Hop, defendo o movimento Hip-Hop dentro do movimento negro e defendo os dois dentro do partido do qual eu faço parte, entendeu? E se um dia criar um partido político dentro do Hip-Hop e do movimento negro, eu sou movimento negro e sou movimento Hip-Hop, mano. Partido nenhum vai dar a linha para nós. Pode ser qualquer partido de esquerda, mas eu não vou lá na favela mais puxar votinho para nego velho que não me representa, só porque é do partido do qual eu faço parte. Se alguém dentro do meu partido tiver quem nos represente eu subo no palanque, mas, se não tiver eu não subo mais. Todos nós aqui entendemos isso. Só que é como ... disse, a gente precisa de um partido para fazer o diálogo e se candidatar. O Hip-Hop é um movimento revolucionário.

Se tem algum problema dentro de qualquer partido de esquerda, sabe o que a gente faz? A gente pega os companheiros, pega os camaradas e traz para o partido. E faz a nossa política dentro do partido, não tomar de assalto, mas, que eles nos respeitem lá dentro. (Grupo Focal, Movimento Hip-Hop).

Identidades Diversificadas do Hip-Hop na América Latina

Eu gostaria até de falar um pouco do cenário do hip-hop na América Latina, que é muito importante pelo seguinte. Hoje no hip-hop, a gente amadureceu, a gente passou da questão de ser um movimento cultural para ser hoje um movimento social e hoje na América Latina, (houve o último caso do Fernando Lugo no Paraguai); até tem um movimento em que a nação hip-hop Brasil/São Paulo fez um ato pró Lugo, na feira da América Latina, em São Paulo, que é uma feira normal de peixe, mas, feita por várias pessoas da América Latina, até na sua maioria pessoas que fugiram aqui pro Brasil. A América Latina tem essa visão de que o Brasil é os Estados Unidos da América Latina. Mas a gente pode pegar na questão da Venezuela, na tentativa da mudança na Constituição; o Chávez queria reformular a Constituição e os jovens universitários saíram para protestar nas ruas. O mundo inteiro quis passar a sua mensagem de que ali estava sendo feito um movimento estudantil de verdade, mas, era um movimento que estava contestando a mudança da Constituição, pois o Chávez quer mudar o rumo para o socialismo; e quem contrapôs-se aos discursos reacionários e capitalistas desses jovens universitários e debateu no mesmo nível foi a juventude do hip-hop. O Chávez se orgulha muito de falar que a juventude militante dele é a juventude do hip-hop. Então, hoje o hip-hop tem esse papel fundamental na questão da luta anti-imperialista e na luta contra o capitalismo e ajudando as forças progressistas do seu país se manter e poder desenvolver trabalhos interessantes e que caiam pra nós da periferia. (Grupo Focal, Movimento Hip-Hop).

Relação com os partidos de esquerda

A Nação Hip-Hop Brasil não é uma entidade de partido nenhum. Para concorrer e disputar os espaços de poder, nós precisamos estar organizados em alguns partidos e participarmos de partidos com os quais temos identificação e que mais abrem o processo de apoderamento, sendo nossos parceiros, aliados estratégicos do movimento Hip-Hop. Mas a nossa unidade é o movimento Hip-Hop, é lutar pelo povo da periferia. (Grupo Focal, Movimento Hip-Hop).

Eu era o cara mais radical, achava que o Hip-Hop não tem que se envolver com a sujeira da política. Porque isso foi repassado para mim. Eu percebi que não estava sendo representado, mas tudo é resolvido na política. É necessário que cada segmento se fortaleça para tirar os nossos representantes de dentro daquilo que é a nossa identidade, daquilo pelo qual desde o princípio nós lutamos e no qual acreditamos. Existem quatro ou cinco frentes do movimento Hip-Hop, não digo nacionais, mas, conhecidas. Você tem que ter um projeto e esse projeto tem que ser político, aí nós percebemos que a política é o maior exercício da democracia, mas nós precisamos de bom senso dentro da política. Nós percebemos que ali estão brigas de família que sempre dominaram o Brasil, pessoas que não nos representam, porque nós queremos criar uma unidade com os movimentos sociais. Temos nossa autonomia. Nós somos aliados da esquerda, é importante e eu quero que você registre isso, mas, nós também queremos ter a nossa representação. (Grupo Focal, Movimento Hip-Hop).

Até certo tempo, a gente se prendeu mesmo na questão cultural, ficar só nas oficinas, a gente desenvolve isso até hoje. O Hip-Hop trouxe essa questão do cara até se profissionalizar. Hoje a gente desenvolve tanto projeto na área educacional, estudantil, segurança pública, étnico-racial. A gente também aglutinou várias pessoas ao redor do movimento, expandiu. Hoje a Nação tem essa possibilidade de fazer vários candidatos a vereador. Só para registrar: nessa roda aqui tem 3 candidatos a vereador. É um barato que dá até vontade de chorar. Até dez anos atrás era inimaginável. (Grupo Focal, Movimento Hip-Hop).

JOVENS DA CUFA - CENTRAL ÚNICA DAS FAVELAS

Jovens da CUFA emprestaram sentido amplo ao conceito de participação, se intitulam como movimento social que imprime participação nos seus trabalhos com jovens, no sentido de construir referências e buscar oportunidades. São críticos da política partidária pelos vícios de alguns políticos e pelos menos espaços dados aos jovens formatarem seus próprios projetos, e sublinham que, em movimentos sociais se tem mais autonomia. Criticaram a comum tendência de se comparar a geração atual com gerações dos anos de chumbo, frisando que os tempos mudaram e que haveria sim que mais comparar tipos de juventudes no hoje, por marcas de desigualdades sociais.

Comparando Gerações de Jovens

O importante que se conquistou na geração passada foi a liberdade de expressão, agora, além da liberdade de expressão a gente precisa de oportunidades para que as pessoas carentes cheguem num patamar de conquistar seus ideais de dar um futuro melhor para seus filhos. (Grupo Focal, CUFA).

Em momentos cabe a comparação [entre a geração de 60/70 e a atual] e em outros momentos não. O ideal na época era muito mais difícil pelo menos nas condições em que se vivia na época, o ideal a liberdade de expressão, o direito A juventude não está acomodada como dizem. O que acontece é falta de capacitação, de atenção ou de vontade do próprio jovem de saber lidar com tudo isso e saber absorver todas essas informações. A maioria dos jovens hoje são guerreiros, são pessoas que buscam um ideal. Os problemas foram aumentando, hoje a fome é um grande problema, a falta de moradia, a falta de estrutura, a falta de saneamento básico, então são vários os tópicos que os jovens têm para labutar. Há várias causas. (Grupo Focal, CUFA).

Essa comparação sempre me intriga, eu sempre sinto um aperto, mas será que é isso? Hoje o jovem é bombardeado por diversas informações, não interpreta ele só assimila; antigamente parece que todos tinham um tempo para pensar, para refletir. A juventude da década de 60, da época da ditadura, tinha essa rebeldia boa, essa rebeldia de quebrar barreiras, só que depois que essas barreiras foram quebradas surgiram os problemas porque a sociedade cresceu, as cidades cresceram, os problemas cresceram, há falta de estrutura permanente, falta de educação, a fome, as desigualdades sociais cresceram. Então o jovem hoje não devia ser comparado, a luta é diária, não é nas ruas, é no trabalho em que se trabalha, você tem que estudar à noite, final de semana. Hoje é gigantesco o número de adolescentes grávidas, isso é um problema seriíssimo então a rebeldia hoje não é aquela de manifestação, ir às ruas levantar bandeira, atirar fogo. É você acordar

cedo, ir trabalhar, e estudar, chega em casa, ter uma casa que é um segundo trabalho para cuidar e no outro dia a mesma coisa. É uma juventude batalhadora sim, só que os obstáculos são outros. (Grupo Focal, CUFA).

Será que em 64, em 68 todo mundo ia jogar pedra na polícia? Será que todo mundo gritava abaixo a repressão? São imagens que a gente tem de algumas pessoas que faziam isso, uns que foram exilados. Será que esses jovens de hoje por exemplo que estão no tráfico não estão em uma guerra? Que nos morros, estão lutando contra a polícia, não estão lutando contra a repressão? Será que não existe ditadura até hoje? De outras formas. As pessoas de favela, por exemplo, são subjugadas tanto pela polícia como pelo comando local. O jovem negro hoje de favela não tem direito a uma série de coisas, não tem direito nem a voz, polícia vai e extermina, e o que se tem é trinta segundos de notícias. No outro dia, 15 pessoas foram mortas no Complexo do Alemão. E vira assim, notas. Até a questão de tratar a juventude hoje é diferente, a juventude se pobre, se trata de um jeito. Até a violência que a gente sofre é diferente. Uma criança que é morta na invasão da polícia na favela vira um número, onze, doze, treze que morreram. Uma criança que é jogada de um prédio, da classe média ganhou uma outra notícia. Fica-se sabendo que a menina era bonitinha, mas será que a criança negra não era tão bonitinha? Tem que comparar é como se trata diferentes juventudes hoje. Precisa se rever essa comparação entre juventudes. (Grupo Focal, CUFA).

Que é participação?

O objetivo é fazer com que o jovem participe, construindo sua sociedade, construindo sua qualidade de vida. Constatar que se precisa dar um pouquinho de oportunidade para ele, para que possa realmente participar da vida sem ser levado na correnteza do mundão, pela miséria, pelo desemprego, pela violência. Assim, poderá levantar-se e dizer : *Eu sou dono de mim*.

Formas de se fazer política: partidos e políticas em torno de identidades, ONGs, entidades religiosas

O ato de fazer política vem desde o berço. Desde pequeno você tem que saber negocia. Diferentes formas de fazer política são normais, é o processo de democracia, mas não sou a favor da política partidária como é pregada no Brasil hoje. (Grupo Focal, CUFA).

A política em partidos é muita hipocrisia. A democracia tem que ter um limite; é muita briga, desunião, acaba criando inimizades mortais. Eu não concordo com a política partidária. (Grupo Focal, CUFA).

Quando eu tinha quinze anos, eu não aceitava política partidária, então uma amiga me disse mas *política são relações...* aí eu comecei a pensar na política como num jogo de basquete onde o time tem que se relacionar bem senão não ganha. O jovem hoje não acredita na política partidária, por causa da corrupção, por causa de diversos problemas, mas esse não é um problema do partido em si. O partido não existe, ele é composto por pessoas. Sem as pessoas ele é nada, isso é um problema do ser humano. Aqui mesmo no grupo de trabalho ontem eu saí decepcionadíssima; estava no GT de educação, e eu lutando pela valorização do professor, mas, no final, quando era para decidir por quatro propostas e havia cinco, um jovem levantou e fez um discurso, quase poético em relação à proposta dele e isso emocionou as pessoas que estavam lá, jovens. Não tiveram discernimento de entender que aquilo era mais uma balela,

uma mentira e eles esqueceram uma coisa tão importante que era o professor e eu saí triste. Era um inserido em partido não é nem um problema também só dele. Já os movimentos sociais são muito importantes porque é o próprio jovem que constrói, mas para isso ele tem que ser educado a pensar, ele tem que pensar, tem que ser crítico. Infelizmente, um dos vícios hoje é não pensar, não ser crítico, não separar as coisas e participar desses partidos pela bagunça ou pelas viagens, pelos namorados, pelas namoradas. (Grupo Focal, CUFA).

A gente não é partido político, a gente não é nada, a gente era um bando de gente desorganizada, que continua em alguns pontos desorganizada, mas que decidiu fazer, decidiu propor, decidiu construir, entendeu...hoje tenho certeza que você, sua família ou algum amigo já ouviu falar da CUFA. Então o que é isso? É deixar um pouco esse hábito de se falar de política e fazer política. O que a CUFA faz? A gente faz política com jovens da comunidade, com as associações, faz cultura. A gente faz sedução com os governantes, pois para eles é interessante estar do lado da CUFA, faz sedução com empresas particulares e, para eles é legal ter a marca da CUFA, então fazemos política e não conversamos sobre política. Acho que a juventude visiona, vislumbra muito ser revolucionário com as palavras, mas esquece que as palavras são apenas consequências de suas ações, posturas, acho que essa é a principal relação política da juventude. (Grupo Focal, CUFA).

JOVENS NO PROJOVEM

Três jovens fizeram parte de uma entrevista em grupo, todos demonstraram desinteresse em vir a se filiar em partidos políticos, ainda que dois tenham sido convidados. Um chega a afirmar: *Eu como jovem não tenho interesse em me filiar a partido algum*. Como vários jovens de outros grupos temáticos consideraram que haveria conflitos entre ter voz de jovem e estar filiado a uma organização político-partidária. São jovens que moram em periferias, dois são alunos e um é instrutor, e todos se declararam bastante favoráveis ao PROJOVEM, inclusive pelo sentido de Pátria, de *união*, de *solidariedade entre os participantes* o que consideraram se encontrado também no movimento de Rap e por isso podem mais contribuir para suas comunidades; já organizações políticas, segundo um deles *têm essa questão de politicagem*, sugerindo que os jovens—em geral, não somente eles—teriam outra conduta, não estariam “de acordo”. Têm projetos de seguir universidade e consideram que tal perspectiva foi estimulada pela relação com o Projeto. Discutem sobre política, inclusive em entidades culturais de que participam, como em um grupo de Rap, por compromisso e interesse em *participar para fazer alguma coisa pela periferia*. No debate sobre perspectivas em relação ao movimento estudantil, um fez comparação com gerações passadas, avaliando criticamente o movimento hoje.

Sobre partidos políticos

Já fui muito convidado para me filiar a um partido por eu ser formador de opinião, mas eu não aceitei porque eu tenho muito medo de perder a minha voz. Eu acho que o partido político tira a sua voz e eu não quero perder essa autonomia, essa precisão de usar a minha voz para questionar. Eu vou fazer filosofia e o filósofo já questiona por natureza. Então quando alguém me vetar a possibilidade de questionar algo, eu estarei me corrompendo e eu não quero isso para mim. (Grupo Focal, PROJOVEM).

Eu também faço parte de um grupo de Rap e a gente fala muito sobre os políticos, sempre falamos de política, da periferia, das comunidades... e eu vou deixar de ser a pessoa que eu era, que eu sou, se eu entrar em algum partido e eu me filiar a algum partido... assim, eu fico de fora só ouvindo, já fui convidado várias vezes para vários partidos também. (Grupo Focal, PROJOVEM).

A gente pode contribuir com ideia e tal... agora não com essa questão de se envolver diretamente com a política com partidos, porque nós como jovens, não estamos de acordo com essa questão da politicagem. (Grupo Focal, PROJOVEM).

No movimento de Rap x no partido político

É eu consigo mais no Rap que em um partido político. É questão de autonomia; isso para nós jovens, é muito importante. A gente quer que ninguém dê nada pra gente. A gente quer batalhar para conseguir o nosso objetivo. (Grupo Focal, PROJOVEM).

Eu sou capaz de montar uma cadeira e aí me dão oportunidade. Eu não quero botar minha cara lá dentro [em partidos] para depois ficar ouvindo. Nem quero entrar nos partidos para poder mudar, porque se eu entrar não vai mudar, só depende da palavra maior. (Grupo Focal, PROJOVEM).

Eu nunca quis que ninguém me desse nada, por isso eu luto sempre pelos meus objetivos, sempre vou lutar, sempre vou correr atrás de muita coisa, vou batalhar até eu conseguir, com o Rap, com o estudo e tudo. (Grupo Focal PROJOVEM).

Perspectivas sobre o outro: O Movimento estudantil

O movimento estudantil é bom, mas tem que trazer resposta, tem que trazer solução. Não adianta fazer o movimento estudantil para melhorar o lanche da escola, não tem lógica uma coisa dessa. (Grupo Focal PROJOVEM).

Eu não gosto do movimento estudantil. Eu não gosto do movimento estudantil porque além dessa questão política que eles envolvem, eles são preconceituosos. Se você não é de partido político, eles não lhe aceitam lá dentro e assim o que eu conheço de movimento estudantil é aquele movimento que derrubou um Presidente da República no passado, é um movimento que pintou o rosto, um movimento que foi para rua, entendeu, brigou na ditadura. Então assim, entra um movimento estudantil que eu conheço, não é esse movimento que vai para rua e coloca uma música animada, dança, pula, levanta a bandeira e distribui folheto, papéis e mais papéis e aí não toma medidas que realmente efetivem leis pra beneficiar o jovem. (Grupo Focal, PROJOVEM).

Diferença entre a geração de jovens de 60/70 e a geração de hoje

Tem. a geração de 60/70 abraçava a causa de uma maneira tão grande que eles viravam irmãos. Hoje, nas manifestações de universitários, a gente tem risco de entrar. Quando os jovens vão fazer protesto tem que ter bebida, fica todo mundo chapado, aí esquece a causa e rola festa, daqui a pouco vira briga, tem acidente. Então assim, o jovem hoje ele está muito mais preocupado com a diversão do que abraçar uma causa ou lutar por ela. brigando. O jovem deixa de ser militante para ser folião. E assim, é essa a visão que eu tenho do jovem. (Grupo Focal PROJOVEM).

Naquela época eles foram presos, foram exilados, correram atrás. Acho assim, porque um tempo atrás estava até passando em um canal da televisão uma minissérie falando sobre esses jovens. Eu estava vendo a visão que eles tinham, a meta era até política, o negócio deles era mudar o país mesmo. (Grupo Focal, PROJOVEM).

O que entende por participação

Eu gosto muito de trabalhar em grupo de jovens a questão de consciência, do engajamento da juventude. Hoje os jovens estão um pouco indiferentes, uma parcela da juventude está ficando um pouco indiferente. Não sabem o que acontece em nível estadual, em nível nacional. Muitos jovens por aí na rua você pode perguntar, provavelmente não estão nem sabendo que está havendo a Conferência, vários debates, então, a gente, como mídia jovem, eu como voluntário e em outros trabalhos, é interessante conviver com o jovem para o jovem também passar essa idéia da importância da cidadania. (Grupo Focal, PROJOVEM).

GRUPO DE JOVENS NA IMPRENSA

Entrevistou-se um grupo de jovens da área de comunicações que fazia a cobertura da Conferência Nacional de Políticas de Juventude, jovens da Viração. São relacionados a ONGs, críticos da forma de organização partidária: *Os partidos mudam de nome, mas a diferença entre eles é geralmente estética, Tentam manipular as pessoas* e consideram que a juventude prefere se reunir em ONGs porque busca alternativas que não são oferecidas pelo Estado. Frisaram que *uma forma de participação é questionar a imprensa oficial, investir em uma mídia alternativa que mostre como os jovens não são passivos, estão se mobilizando*.

Os jovens da Viração enfatizaram a existência de diferentes contextos que emolduram a realidade dos jovens. Consideram que os jovens estão mobilizados e conscientes de seu papel, mas que falta acesso à informação.

A juventude brasileira em geral é vista com muitos estereótipos, com muitas classificações, muitos rótulos, mas eu acho que nunca a juventude brasileira, em momento algum, um grupo especial ou outro deixou de sonhar. A pesquisa que o UNICEF divulgou, “Vozes Adolescentes – Jovens e Adolescentes no Brasil”, fala que 33% dos jovens brasileiros se preocupam com a política, o que parecia uma contradição, porque as pessoas sempre achavam que o adolescente e o jovem só eram preocupados com a sexualidade e com um monte de outras coisas, que era uma idéia super fechada na cabeça das pessoas, mas isso foi totalmente desbancado. O jovem brasileiro nunca deixou de sonhar. (Grupo Focal, Imprensa, Viração).

O que me chama muito a atenção e eu gosto muito de trabalhar com a questão de grupo de jovens, questão de consciência, é essa questão do engajamento do jovem, da juventude. O que é muito importante, muito marcante nesse período é a questão do engajamento, da revolta, do questionamento e tudo mais e que às vezes a vivência social vai controlando, vai amarrando. Assim, de certa forma, os jovens acabam ignorando, ficando um pouco indiferentes. Uma parcela da juventude realmente fica um pouco indiferente. O que acontece? Não sabem o que acontece em nível estadual, em nível nacional. A muitos jovens por aí na rua, pode-se perguntar, provavelmente não estão nem

sabendo que está havendo a Conferência, que está havendo vários debates, então, é uma coisa assim que principalmente a gente, como mídia jovem, eu como sei lá voluntário e em outros trabalhos assim, é interessante conviver com o jovem para também passando a importância da cidadania. (Grupo Focal, Imprensa, Viração).

Eu acho que o problema do jovem na maioria das vezes não é ele não se importar ou estar indiferente em relação à política brasileira. Eu acho que o jovem é pouco informado e pouco politizado, por isso esse descaso que ele tem. Porque ele não tem consciência do que é uma Conferência, entendeu? Então por que que eu vou me importar com uma Conferência que está acontecendo, se eu nem conheço nem sei o que é isso? Tinha que haver mais informação para jovens, para eles poderem se preocupar mais, para eles se politizarem mais e para que os jovens possam elaborar formas da gente viver num país melhor. (Grupo Focal, Imprensa, Viração).

Critica à política, aos partidos x movimentos sociais

Concordo que os ‘políticos têm forma pré-histórica, e que os jovens cada vez mais estão desencantados com política tradicional e estão indo pra ONGs, movimentos sociais. Por isso esse setor cresce tanto, porque o que o Estado está deixando de fazer, o terceiro setor está tentando fazer. Só que eu questiono muito. A partir do momento que se resolvam os problemas não vai mais existir o terceiro setor, e as pessoas vão perder os empregos, então será que elas estão interessadas de fato em resolver os problemas? Eu acho que assim, a juventude está se reunindo no terceiro setor em busca de soluções pontuais, imediatas. (Grupo Focal, Imprensa, Viração).

Há muitos contrastes no país inteiro quando se trata de movimentos juvenis, o Brasil é muito grande. O próprio movimento estudantil é nacional, mas tem variedades de atuação por estado. O problema é a relação com partidos. Eu participei de grêmios estudantis durante quatro anos; se você não se alia a um partido, se você não se alia a um movimento estudantil forte, você vai ter o diretor batendo a porta na tua cara, pode apostar! Educam a gente para ser passivo, mas a juventude brasileira não é passiva. (Grupo Focal, Imprensa, Viração).

JOVENS EM REDES

Alguns jovens no grupo focal de ‘jovens em redes’ romperam a dicotomia do debate sobre ‘partido ou movimentos sociais’ e ampliaram para pautar o trânsito das juventudes entre temas, preocupando-se em discutir como jovens uma ampla variedade de temas. Na verdade já conquistaram institucionalidades em organizações de trabalhadores, por exemplo, e diversificaram as formas de participação. Mas há os que consideram que a baixa participação da juventude em movimentos sociais ou em debates sobre política deve-se ao fato de não diferenciarem entre partidos e movimentos sociais, sendo críticos àqueles. Frisaram que, se os dados indicam baixa participação, há que se ter como positiva a diversidade de lugares de participação dos jovens. Relativizaram que as estatísticas sobre baixa participação juvenil se relacionam à falta de vontade, bem lembrando as dificuldades que os jovens enfrentam para garantir sobrevivência e carreira ou, ainda, equacionar tempo de qualificação e tempo de participação. Advertiram sobre o peso

da materialidade das condições de vida, como conta uma jovem militante de Salvador: *A gente precisa, a gente tem nossas necessidades e por mais que diga que quer mudar o mundo, quer transformar, quer fazer uma sociedade mais justa, como que pode fazer isso se não tem condições de se manter como militante?* Jovens que estão em redes ligadas a grupos com inscrição religiosa costumam ressaltar exemplos de familiares que estavam ou estão em movimentos sociais, mas a maioria concorda que participação é vontade, “é recorrer à palavra” como se expressa um jovem do Maranhão, é construir um projeto crítico próprio. Quando comparam gerações consideram que a história de cada uma delas é singular e que mesmo em 68 não eram muitos os que estavam nas ruas e que, diferentemente de hoje, a participação era constituída basicamente de estudantes.

Sobre participação

Os dados sobre a participação hoje realmente são muito baixos, mas tem um outro lado: tem uma diversidade de interesse pela participação. Se você tinha algo que era muito centralizado ou no movimento estudantil ou no movimento de igreja, o que continua forte ainda nos movimentos de juventude rural, setor mais ligado à pastoral, hoje você tem um leque muito maior de interesses. Na discussão sobre meio ambiente, a juventude não está discutindo apenas os temas ligados à identidade juvenil. A Rede de Juventude pelo Meio Ambiente pensa na identidade dos jovens, mas pensa identidade ligada a outros temas. Hoje tem isso, tem uma busca da afirmação dessa identidade juvenil, mas discutindo muitos temas. A participação é diferenciada porque há uma discussão em torno das políticas públicas e isso diferencia também e há uma articulação em torno dessa identidade. Então não é mais apenas ou o partido político ou movimento estudantil que dá o tom da discussão, mas é muito mais amplo do que isso. Então você tem uma diversidade maior, juventude em função da negritude. É uma coisa diferente além do que os espaços de juventude nas centrais sindicais por exemplo, antes, no próprio partido você tinha o quê? Uma secretaria nacional de assuntos estudantis, hoje você tem a Secretaria Nacional de Juventude, na CUT também, então passou a ser discutido pela juventude. (Grupo Focal, Jovens em Redes).

[Concordo] mas há que considerar que interfere na participação juvenil a busca da sobrevivência, da construção de projeto de vida. Eu venho do movimento pastoral e tem muita liderança consolidada tendo que sair do movimento para poder procurar trabalho, procurar sustento essas coisas e isso é uma realidade muito forte na juventude. Acompanhar um grupo de jovem que a gente monta, seja na Pastoral da Juventude ou seja grupos na comunidades, e a dificuldade de aglutinar a rapaziada é devido às demandas relacionadas a questões de emprego, da qualificação que a galera vai fazer, de uma rapaziada que estuda de manhã, à tarde faz um curso e à noite vai a outro curso. A questão da participação é algo que a galera sente vontade de fazer, quer fazer muitas vezes e aí o meio ambiente é uma área que o pessoa se interessa muito, a questão do trabalho voluntário mais focado à questão da filantropia, mas essa questão da conjuntura mesmo dificulta essa participação juvenil. (Grupo Focal, Jovens em Redes).

Partidos x movimentos sociais

Lá na comunidade onde eu moro, eu comecei a participar da associação de moradores há pouco tempo. Eu perguntei para o presidente e outros como é que era a participação da juventude na associação. Eles disseram: *não tem participação da juventude, porque a juventude não quer nada, a juventude não quer participar; o espaço está aberto aqui se quiserem construir qualquer coisa.* Na comunidade onde eu moro, a participação do jovem é bem reduzida; eu tenho

vários amigos que não fazem parte do movimento e quando eu sento para conversar uma coisa tipo a questão do voto, eles rejeitam: *“Poxa, não vamos discutir esse assunto agora não, política comigo, tô fora, hoje não”*. E é sempre isso, o jovem não quer participar, porque assim, ele vê a questão da participação política como fosse uma questão de partido político, eles não conseguem diferenciar que movimento social é uma coisa e partido político é outra. (Grupo Focal, Jovens em Redes).

Eu sou de partido, o que eles não querem discutir é política. Na universidade falam: *“Lá vem, já vai começar com essa história de novo, não quero saber disso não”*. Mas respondo: Gente, quem fala que não gosta de política é governado pelos que gostam. Então aceitem aquilo ali. (Grupo Focal, Jovens em Redes).

A questão do aumento da passagem lá em Salvador foi uma repercussão muito grande; a galera foi para rua, apoiou a manifestação. Tinha uma grande quantidade de jovem na rua mesmo, mobilizado e tal e tinha uma pequena parte dessa juventude que não estava e quando a gente ia perguntar o que eles achavam disso, eles diziam que isso era uma perda de tempo que estávamos tumultuando o trânsito que não ia resolver nada. Consideravam que era baderna. E não apoia mesmo. (Grupo Focal, Jovens em Redes).

É tanta crítica que se recebe dos próprios jovens que desestimula, mas a gente que já tem aquela consciência, persiste e eu tenho essa questão de participação no movimento porque já é da minha família; a minha mãe é do movimento social e aí essa discussão interna dentro da minha família contribui para criar uma perspectiva de participação efetiva da cidadania. Mas acho que as pessoas que participam, acreditam naquilo, que podem fazer mudança, não é da família, mas de si próprio. Acho que essa interpretação da situação da participação juvenil tem muito essa ligação do senso crítico que cada um constrói da gente estar doando isso de forma mais externa. (Grupo Focal, Jovens em Redes).

Minha mãe mesmo diz: *menina de onde você herdou tudo isso?* e eu que trabalho com a situação ambiental, tento plantar lá em casa: mãe, vamos reciclar e tal, aí ela me diz: *você vai ficar é doida querendo mudar o mundo*. Aí eu já murcho, mas vou em frente. (Grupo Focal, Jovens em Redes).

Minha mãe e minha tia falam do mesmo jeito: *Ai, olha o seu partido na TV, fez o quê aí? Não fez nada! Até agora a gente não viu fazer nada. Você vai viajar para quê? Tá ganhando o quê? Tá ganhando algum dinheiro? Você vai não sei para quê, tá perdendo seu tempo*. (Grupo Focal, Jovens em Redes).

Eu comecei a militância a partir do próprio exemplo de casa, da minha mãe e da minha tia que eram ativistas, da comunidade eclesial e tal, então sempre teve essa dinâmica. A partir daí, de certa forma que se desenvolveu esse costume que depois virou prazer, depois virou militância, depois virou projeto de vida. Que é o que estamos organizando a partir das nossas demandas é reconhecer as suas dificuldades, reconhecer as suas questões e a partir dali se organizar e isso depende de um trabalho de base que outras pessoas fizeram e ainda fazem e a partir daí é que a gente vem conquistando mais mentes, mais corações para essas histórias. A gente percebe que há aí uma nova geração

que vem tendo como valores a questão da solidariedade, a questão ligada a um espírito comunitário, a questão de uma cooperação maior, de uma relação de interdependência que para nós é muito significativo ter esses valores, porque são valores que vão de encontro aos valores que estão impostos na nossa sociedade de hoje, que vem a questão do consumismo, do individualismo. (Grupo Focal, Jovens em Redes).

De certa forma estamos colocando um erro que é nosso. Porque antes de tudo, nós somos ativistas do movimento social. O que é um ativista? É o que fala a palavra. É quem ativa o movimento social, quer dizer, nós ativistas não estamos conseguindo chegar a essas pessoas, não estamos conseguindo ampliar. Não estamos falando da gente para a gente mesmo? Falando para dentro. (Grupo Focal, Jovens em Redes).

Comparando jovens de diferentes gerações

Passa-se uma idéia de que a maioria dos jovens antigamente tivesse se mobilizado politicamente. Eu não vivi 68 e não vivi a década de 70, mas a imagem que se tem sobre essa época é das massas, num momento áureo onde se disputava politicamente e se tinha um inimigo muito explícito que era a ditadura, mas quem estava fazendo a luta no cotidiano eu não sei se era a maioria dos jovens daquela época; então ao mesmo tempo, então quer dizer, inclusive era um nível muito mais de participação de uma esfera universitária, acadêmica, dos jovens que estavam inseridos em universidade; então eu não sei de fato se a gente pode massificar e dizer que todos os nossos pais viveram 68 na luta. (Grupo Focal, Jovens em Redes).

O que acontece é que dentro do movimento social organizado, naquela época havia grandes bandeiras que reuniam toda uma juventude, mas que, como já foi colocado aqui pelo companheiro, não eram todos os jovens que faziam parte dessas bandeiras de luta, pelo menos meu pai me dizia: *“Eu também na minha juventude.”* Mas você nunca foi para rua brigar por isso não. *Agora o senhor faz a sua parte hoje, porque o senhor me financia, então a sua parte você está fazendo agora.* Assim como o mundo se ampliou os sonhos da juventude também se ampliaram. Acho que por isso que muitas vezes os jovens que fazem o movimento estudantil, ele também está envolvido com movimento ambientalista; a vontade de mudança do jovem eu acho que hoje é bem maior do que antes. Isso se prova com várias pesquisas, porque o jovem tem vontade de mudar e ele participa sim de movimento social mais do que antes, porque ele tem abertura, mas em movimentos diferentes é a ONG que antes a gente não tinha essa ideia; é o próprio grupo de dança, o grupo de teatro que de qualquer maneira acaba politizando também a juventude dentro da escola, dentro da universidade e em qualquer lugar que seja, isso é diferenciado. (Grupo Focal, Jovens em Redes).

GRUPO DE JOVENS GESTORES ESTADUAIS

A luta de classe para alguns jovens gestores estaduais é categoria mencionada como própria de movimentos ‘tradicionais’, partidos e sindicatos. Para alguns, movimentos sociais por identidade em nível internacional estariam sendo difundidos como alternativas àqueles por causas mais pontuais e mais ‘fáceis de articular’. Para outros, a tendência seria misturar formas de fazer política, predominando cada vez mais jovens que estariam nos chamados movimentos ‘tradicionais’ e em movimentos sociais por identidade ou se combinando alianças, apoios institucionais. Entretanto,

todos concordam que a juventude tende mais à crítica a formas institucionalizadas que tendem à burocracia. Não se distinguem fronteiras entre mobilização por políticas públicas para os jovens e grandes mobilizações, se houver ‘um inimigo comum’, nos discursos de jovens gestores, que são otimistas em relação a esta geração de jovens, ainda que reconheçam que se herdaram tendências a se organizar por institucionalidades de gerações de jovens das décadas de 60/70.

Misturando formas de fazer política

A juventude hoje tem buscado se agrupar por outros valores que não os valores burocráticos institucionais. Talvez por isso, alguns movimentos tenham um atrativo maior. Eu percebo fuga dos jovens das instituições tradicionais que priorizam esses aspectos da organicidade, da institucionalidade, uma vontade de criar movimentos mais flexíveis, mais dinâmicos, mais fluidos do que aqueles mais tradicionais. E também tem o problema de disputa entre campos políticos que tentam afirmar ou negar as lutas de classe por questões contemporâneas. Aqueles que buscam afirmar a luta de classe tendem a priorizar e apontar como prioritários os movimentos mais institucionalizados, mais tradicionais e alguns outros que acham que as lutas de classe hoje podem ser diluídas em outras lutas, em outras batalhas mais pontuais, mais específicas. Constroem esses espaços mais de redes, por afinidade, por identidade e aí conseguem atrair muitos jovens que não se preocupam em mudar o mundo, mas estão preocupados em dar uma contribuição para alguma coisa, em ser parte de alguma coisa. (Grupo Focal, Gestores Estaduais).

Então um movimento [identitário] é muito mais fácil de entrar, porque você nunca entra com o sentimento de que a luta já está perdida, como hoje é vendido pra juventude que a luta de classe é uma luta do passado, não existe mais, é anacrônica. Enfim, ultrapassada. (Grupo Focal, Gestores Estaduais).

Internacionalmente vem-se colocando muito a questão dos direitos difusos. Então é mais que natural que a juventude venha consumir esse bolo também, a parcela mais ativa da população. Agora eu tenho um pé atrás em relação a essas bandeiras identitárias, porque os movimentos tradicionais, os movimentos partidários, enfim, eles não têm esse pudor de achar que são dependentes. Ora, tem pouquíssimos movimentos independentes. Não adianta nada você levantar a bandeira, mas quando chega a hora da ação você reproduz a ação dos tradicionais. O movimento do Hip-Hop tem um braço de partidos. Os modelos [por identidades] é uma forma nova de se fazer política, é, mas a gente não deixou para trás os tipos tradicionais. No início tem uma linha divisória, mas aos poucos vão se misturando. Não sei onde é que vai dar, nem de onde é que veio. Ainda estamos iniciando esse processo. (Grupo Focal, Gestores Estaduais).

Comparando jovens de diferentes gerações

Os jovens dos anos 70 tinham um inimigo, uma bandeira única, que era bombardeada, destruída pela ditadura. E hoje existem vários problemas e cada um se mobiliza numa direção. A juventude está ativa, tentando modificar a sua realidade, transformar a sua realidade, mas não existe mais um inimigo único. Agora querendo ou não a construção da idéia do que é um protesto, de como se organizar, a gente herdou, o processo da ditadura ainda está muito presente. Daí a força do movimento estudantil, um maior reconhecimento do institucional. (Grupo Focal, Gestores Estaduais).

Eu não sou daqueles que acha que esta geração seja uma geração menos reativa. Discordo, esta geração é diferente, e até podia ser menos participativa, menos reativa às desgraças e às desigualdades sociais que nós temos. A elite busca domar, domesticar, se apropriar da esperança dessa geração de jovens para a qual foi vendida uma ideia de que nós temos que ser os melhores, nós temos que ser individualistas, que nós temos que ser egoístas e temos que cuidar dos nossos problemas. Mas isso não foi capaz de domar a juventude. Ainda está valendo o germe da mudança nos jovens. Não só a Conferência Nacional, mas o processo de Conferências nos últimos sete meses no país bem indicou que há uma ampla juventude, orgânica, organizada, ainda que muito diversa, muito dispersa, muito plural, muito fragmentada, um valor que essa geração consegue imprimir na luta social. (Grupo Focal, Gestores Estaduais).

E eu tenho certeza de que quando for necessário, quando tiver um novo grande inimigo, a juventude toda vai estar unida para combatê-lo. Se houver necessidade de todo mundo ir para rua para um movimento nacional, isso vai existir rapidamente. Porque hoje é mais ágil a comunicação, os jovens estão interagindo, esses últimos meses bem mostraram. (Grupo Focal, gestores estaduais).

GRUPO DE JOVENS GESTORES MUNICIPAIS 1

Foram formados dois grupos focais com os gestores municipais. No que se segue, contribuiu-se singularmente para o debate sobre participação na perspectiva de jovens, ao refletir-se que se participação envolve interação social, não participar também seria uma forma de participar. A discussão ficou mais sobre o conceito de participação, sendo consensual que é importante a participação em nível local.

Sobre o que é participação

Um tipo de participação fundamental está ligada ao voto. Mas tem outros tipos de participação também, que não estão relacionados com o voto. A consciência, não digo uma consciência crítica, todos nós temos – Paulo Freire já dizia isso – todos nós temos consciência – há umas pessoas que têm uma consciência ingênua, outros têm crítica. Mas, trabalhar essa consciência que está bem na juventude, uns têm consciência mais crítica, outros menos, outros têm consciência ingênua, mas todos nós temos consciência; então deixar as pessoas manifestarem isso. (Grupo Focal com Jovens Gestores Municipais).

A participação política é a emancipação do ser. Eu acho que quando você tem participação política; você tem emancipação, você tem consciência, você tem formação, porque isso vai te dando subsídios. (Grupo Focal com Jovens Gestores Municipais).

A participação política começa dentro da casa da gente. A partir do momento que você se preocupa com o problema da sua comunidade, do local em que você vive e procura participar da sua associação de bairro, das conferências da cidade, porque não tem só Conferência de Juventude – tem conferência de saúde, tem Conferência do Conselho da Criança. Então, a partir do momento em que você se interessa em participar de alguma coisa, mesmo que seja o mínimo, na associação de bairro, você já está começando a ter participação política; também tem a participação política pelo voto, é exercer a cidadania. (Grupo Focal com Jovens Gestores Municipais).

Para discutir participação política, há um termo sociológico *interação social*, que é básico; toda sociedade tem interação social, mesmo quando você se isola da sociedade, você está interagindo à medida que você está rejeitando a sociedade. Eu associo interação social com participação política, pra mim é a mesma coisa. Aí poderia desembocar no quê? Existe uma participação política negativa e uma positiva; vamos tentar colocar na cabeça dos jovens uma participação política mais ativa. Eu acho que o conceito que tem que ficar para todo jovem é que qualquer ação dele, mesmo quando ele está sendo passivo e não fazendo nada ele está participando, é a participação política. Não valorar moralmente, participar. É participar de um grêmio, é ser líder ou não participar é também participar politicamente. (Grupo Focal com Jovens Gestores Municipais).

Agora, a contribuição que tu fazes para a transformação social é outra coisa. (Grupo Focal com Jovens Gestores Municipais).

Quando você se permite ser massa de manobra, você está participando, só que com alguém o manipulando, mas está participando. É meio socrático você colocar isso na cabeça do jovem: você não fazendo nada, você está participando politicamente. (Grupo Focal com Jovens Gestores Municipais).

GRUPO DE JOVENS GESTORES 2

O questionamento sobre a história de via de iniciação no campo de gestão de políticas de juventude indica que boa parte dos entrevistados vêm de movimentos amplos, como a Pastoral e o movimento estudantil. Relatam-se singularidades do estar na gestão de políticas públicas em relação a essa experiência prévia. Posicionaram-se os entrevistados favoráveis à posição por cotas para mulheres no nível da gestão municipal de políticas públicas, mas a maioria questiona o que consideram uma perspectiva pró-fragmentação de movimentos sociais que não seriam permeáveis, participação do outro que não os constituintes identitários. Consideram que tal modelo tem vieses quando se está no plano de gestão pública e que, por exemplo, os gestores de políticas de juventude teriam que estar a par de outros temas e ter mais diálogo com gestores mais velhos de outras áreas, em particular em postos de decisão. Como vários outros grupos focalizados, também criticaram as comparações entre gerações de jovens, considerando conjunturas históricas específicas e sublinhando a importância de identificar linguagens diversas de participação e agenda dos jovens: *O movimento estudantil não é mais, como já foi, o único instrumento de mobilização, de participação, ele tem a sua importância. Eu acho que o mais importante é a gente descobrir, é a gente deixar de ser alienado, talvez o jovem esteja muito mais na nossa frente em termos de mobilização, o que cabe a gente descobrir.*

Juventude - Participação política x envolvimento cultural

Na percepção de dois jovens gestores municipais, a juventude está à margem das políticas públicas, sendo poucos os jovens que estão engajados na busca por direitos e na luta por cidadania, pois muitos são *alienados e influenciados pelos meios de comunicação de massa.*

Tirando pela minha cidade, a juventude vem de um longo processo de estar à margem das políticas públicas, dos movimentos sociais. Eu não sinto hoje um engajamento da juventude em buscar os seus direitos, de tentar discutir políticas para que possa melhorar essa situação. Na nossa cidade, por exemplo, o índice de jovens de 16 a 18 anos, com título de eleitor é mínimo, a participação política é mínima. E por outro lado,

a gente nesse centro que eu dirijo, a gente enxerga uma grande busca dessa juventude de se expressar pela cultura do movimento hip-hop, enfim, dos quatro elementos do movimento hip-hop. A gente tem um movimento muito forte também de bandas, banda de rock principalmente, com todos os estilos, e a gente consegue reunir na cidade um número expressivo, nessa faixa aí de 16 a 21 anos dos jovens; a forma como eles têm se manifestado hoje é pela cultura. (Grupo Focal, com Jovens Gestores Municipais).

Há uma decadência – pelo menos eu falo do meu Estado – na educação. A escola não se torna um atrativo, de certa forma, ela para essa geração que hoje aí está, ela está com ensino ainda tradicional que tem que ser revisto e, diante disso, não se forma o pensar da juventude, seja lá, começando na infância e na adolescência, dando continuidade no ensino médio. Ela não se importa com o pensar, é muito aquela questão da nota, simplesmente. E tem outro papel importante, outro fator que é a questão da mídia. Jovens de hoje estão diretamente ligados à internet – quem tem acesso; ou à televisão – os programas e novelas globais e, isso faz com que eles tomem, de certa forma, como verdade algumas coisas sem questionar se aquilo é o melhor, se não é para aquele momento, para determinadas situações e que acaba a juventude de massa – como a gente diz, não tendo a sua personalidade diante desse papel que a mídia também passa. Então há aí, em função de ser, que nós não temos uma juventude única. Tem gente hoje trabalhando com conceitos de juventudes e isso é muito complicado. Sabemos que tem um avanço aí que começou, realmente, com os estudos de juventude a partir da Secretaria Nacional de Juventude e depois por consequência do Conselho Nacional de Juventude, que os outros municípios foram buscando isso, ter o órgão específico de juventude, não trabalhar mais de forma fragmentada as políticas, mas estar articulando isso, trabalhar com as interfaces. Pelo menos, deveria ser dentro da temática de juventude. Então há esse processo, mas ao mesmo tempo eu vejo uma certa alienação da juventude sim, influenciada pela mídia, sem o pensar a grande maioria. Só que ao mesmo tempo é uma coisa muito contraditória que é característica da juventude, porque ao mesmo tempo eles se manifestam da forma cultural, como o companheiro aqui estava dizendo, na música, mas se for para uma outra coisa, pra um debate, por exemplo, que sai da esfera cultural, da sua expressão cultural, o jovem não consegue se posicionar, não consegue e essa é a maior dificuldade também em sala de aula pra quem é professor. Eu também sou professora, há essa dificuldade. No momento em que nós estamos dentro de uma sociedade em que, ao longo dos anos, a situação do capitalismo foi entrando, a situação, a concorrência; o jovem ficou de fora, assim como, os mais velhos, idosos. Não entra no mercado de trabalho porque não tem experiência. Então eu vejo como um fator importante os programas do Governo Federal na questão do incentivo do primeiro emprego; eu acho muito importante para a juventude, porque se não houver programas assim, a juventude não vai ter mesmo mercado de trabalho, e aí fica às margens como o companheiro estava dizendo; então é muito complicado mesmo. (Grupo Focal com Jovens Gestores Municipais).

Iniciação na participação no campo da juventude - gestão em políticas

Eu comecei, há nove anos, no movimento estudantil, a militar nos grêmios estudantis. Comecei a militar na juventude partidária também; fomos eleitos lá na cidade, conhecemos experiências de políticas públicas, de coordenadorias de juventude de outras cidades, colocamos no plano de governo. E em 2005 foi quando a gente montou a coordenadoria lá na cidade de Sumaré. A diferença que eu vejo é que o poder público é muito engessado,

Hoje a burocracia atrapalha um pouco a execução dessas políticas públicas. A gente encontra muita dificuldade dentro do município por causa da burocracia mesmo, É difícil colocar os projetos em prática; no primeiro ano a gente apanha um pouco, mas depois vai pegando o jeito do poder público, mas é difícil, a burocracia atrapalha muito a efetivação da política e a gente encontra muita dificuldade na participação da juventude. (Grupo Focal com Jovens Gestores Municipais).

Eu entrei como a maioria, pelo movimento estudantil e relacionado à questão partidária. Eu tive uma formação religiosa e eu entrei nessa luta mais pela questão da pastoral; ganhei a luta da pastoral da criança e depois você vai indo. Mas eu não me considero tanto pela linha partidária, eu acho o seguinte: que o grande desafio da entrada na gestão de juventude é porque antes tinha juventude partidária que era boa para encher comício, então pegava a juventude e tal tal tal tal; passava, tomava posse, a juventude ficava meio perdida na gestão e aí, tinha um movimento social organizado juvenil, que é muito mais capacitado e está muito mais fazendo parte do debate da política pública e que começou a enxergar e cobrar as políticas públicas para juventude, Então, as juventudes partidárias mais do que depressa pegaram essa bandeira e viram que era a oportunidade de estar ocupando espaço, isso assim em alguns casos. Então assim, eu enxerguei dessa maneira, a sociedade civil pressionou, pediu políticas públicas e a juventude partidária viu ali a oportunidade de a juventude ter uma marca na gestão e veio correndo atrás pra se informar, para estar dentro. (Grupo Focal com Jovens Gestores Municipais).

Geralmente esses órgãos são ocupados por aquele cara que se destacou na campanha eleitoral, mas aí vem depois a grande angústia que é a de estar lidando com a questão burocrática, lidando com os conflitos de movimento social e de gestão. Não existe ainda uma forma de gestão de juventude perfeita; eu acho que ela vai se aprimorar com o tempo; vai desde a crise na cabeça do cara, se ele anda de terno, igual a todos os secretários ou se ele anda de *t shirt*. Então fica na cabeça do sujeito aquela crise toda. Eu acho que isso só com o tempo que vai ser resolvido Quando você dá oportunidade e acha a linguagem correta, o jovem corresponde,, Eu acho que meu desafio maior é saber como chegar até o jovem, não trazê-lo. Sair é também um problema muito grande pra nós gestores, porque tem muita gente que quer eternizar-se nos cargos e é muito difícil, você quer uma referência de juventude e ter que sair do tema de juventude, aí parece que você ficou velho. Nós vamos viver um momento rico de mudança de gestão. Foi a gestão em que mais cresceram políticas por juventude no país foi essa gestão agora; então vai haver uma grande mudança. Acho que é a grande questão que eu estou deixando aí, é que isso continue. Mas que é um momento bacana, que a gente vai viver muita mudança é; é esse momento agora que nós vamos viver, vamos ver se ficou consolidado ou não. (Grupo Focal com Jovens Gestores Municipais).

Eu comecei o meu movimento com juventude, também na pastoral da juventude, movimento religioso; comecei aos treze anos frequentando o grupo de jovens, era o grupo JUP, que é a Juventude Unida do Planalto e fui desenvolvendo um trabalho dentro do município, ali na paróquia como também na diocese; a gente participando de missão jovem, de alguns movimentos de juventude, foi onde eu iniciei o meu trabalho com juventudes. Estou aí há pouco mais de dez anos já e, em 2007, foi criado no município a Coordenadoria de Juventude. Eu também era na época de um partido, fui convidado a

fazer parte da coordenação para ser coordenador, é quando alguns conceitos mudam; que a gente tem um conceito como sociedade civil, movimentando; a gente briga por alguma coisa, quer uma coisa e, quando a gente chega do outro lado, a gente vê que nem tudo pode e quando pode é demorado, você tem que ter paciência. Então a gente muda muito os nossos conceitos, mas enfim, o que vale é estar lutando e indo atrás dos nossos objetivos. (Grupo Focal com Jovens Gestores Municipais).

Minha trajetória é diferente um pouco dos meus demais companheiros gestores, porque alguns vieram ou do movimento social, de uma militância muito profunda, e outros vieram do movimento estudantil passando para a política de juventude. Eu não fiz movimento estudantil e, a minha militância ou a minha questão com a juventude se deu muito pelos meus estágios na época da faculdade. Eu sou psicóloga e comecei trabalhando com jovens em conflito com a lei. Na verdade, voltada pra questão da adolescência, o que me trouxe de bagagem trabalhar com o público jovem das comunidades carentes do Rio de Janeiro. Tive a oportunidade de trabalhar num centro de pesquisa, como estagiária e que me deu oportunidade de trabalhar, fazer uma pesquisa dentro da Rocinha, durante três meses, com sete adolescentes como pesquisadores comunitários; a gente fazia uma pesquisa pro UNICEF na ocasião. Então isso me deu até uma abertura pra poder dialogar com a juventude, entender a juventude não com os parâmetros da Academia. Discutimos no fórum dos gestores municipais como que os gestores vão ser qualificados e capacitados nessa questão da juventude, que ela é muito ampla, e é um problema escutar e conhecer os jovens no seu cotidiano, como conheci nas favelas. (Grupo Focal com Jovens Gestores Municipais).

Identidade na Gestão Municipal e gênero

Eu queria fazer uma ressalva: a maior parte dos gestores municipais ou estaduais da área da política de juventude, é homem. Eu quero fazer uma reivindicação para termos mais espaço, cotas para as mulheres. (Grupo Focal com Jovens Gestores Municipais).

Eu concordo com a reivindicação dela. Mas nos movimentos sociais, há um problema de fragmentação. Alguns movimentos fragmentados que caem naquela velha história: grupo de mulheres que debatem só sobre mulher; vamos discutir o movimento negro, só tem negro. E a gente caiu nisso um pouco lá no começo quando a gente começou a discutir a política de juventude; pensava-se que política de juventude só podia ser discutida por jovem e, não é, não dá. Você tem que estar com o conjunto da sociedade. Para discutir políticas de mulheres, tem que ter homem junto; para discutir a política de negros, tem que ter branco junto, tem que ter amarelo. Eu concordo com a fragmentação, porque eu acho que tem as particularidades e, essas particularidades têm que ser levadas em consideração. Porque quem conhece a mulher é ela; quem conhece o movimento negro, são os negros, mas eu também quero discutir, quero conhecer um pouco mais até para contribuir. Outra coisa, a gente está acordando agora com relação à juventude para essa história, porque não dá para você discutir e ter só o Conselho de Juventude, você tem que ter jovem no Conselho de saúde, você tem que ter jovem no Conselho de Educação. Tem que discutir as particularidades. Também não pode cair nesse problema que teve no começo quando se começou a discutir política de juventude; que se achava que era só jovem que devia discutir políticas de juventude e não é, porque você precisa discutir com o jovem, mas você precisa ir lá brigar com o secretário de saúde, brigar com o secretário de cultura, brigar com o diretor não sei de que lá da prefeitura; esse que é

o problema e, eles não são jovens. Você tem que mostrar para eles e colocar na cabeça deles essa nova concepção de juventude, que é diferente trabalhar com o jovem, que a juventude hoje é diferente. (Grupo Focal com Jovens Gestores Municipais).

Juventude atual e dos anos 70

Quando os caras falam assim: *esse movimento estudantil não é mais como antigamente*, é porque a minha causa não é mais a do meu pai. Eu não estou nem aí, eu não tenho que ir para rua pra tirar o Lula, porque eu acho que tem outro problema. (Grupo Focal com Jovens Gestores Municipais).

O movimento estudantil não é mais, como já foi, o único instrumento de mobilização, de participação, ele tem a sua importância. Eu acho que o mais importante é a gente descobrir, é a gente deixar de ser alienado, talvez o jovem esteja muito mais na nossa frente em termos de mobilização, o que cabe a gente descobrir. (Grupo Focal com Jovens Gestores Municipais).

Participação em movimentos com inscrição religiosa

Os movimentos religiosos criam para os jovens identificação, também, trabalham uma questão de grupo de forma mais intensa; são os grandes movimentos, todo mundo sempre em comunhão como o cristianismo fala enfim, mas eu acho que tem isso mesmo, a identificação, quer dizer, você se sente identificado, de uma certa forma acolhido. (Grupo Focal com Jovens Gestores Municipais).

É acolhido com uma boa palavra, isso é muito importante para o jovem, porque nos movimentos religiosos tem aquela questão do acolhimento, de segurança. Quando se é jovem ,começam a surgir várias 'neuras' e às vezes a Igreja com suas posições dá uma certa segurança para o jovem e orientação. Como o jovem pede o tempo todo disciplina, orientação e caminho, cabe à família, à escola, à sociedade, ao poder público cuidar; a Igreja eu acho que trabalha isso com mais competência. (Grupo Focal com Jovens Gestores Municipais).



4.

Percepções sobre temas polêmicos

Apresentou-se para discussão uma série de temas que vêm galvanizando polêmicas na sociedade para os jovens, a saber: a posição sobre a política de cotas por raça para inserção em curso superior; a legalização do aborto; o casamento entre pessoas do mesmo sexo e a descriminalização das drogas. De todos os blocos da pesquisa, este que denominado *temas polêmicos* foi o que estimulou mais controvérsias intragrupos, indicando serem temas que dividem os participantes e que, geralmente, mais do que bandeiras coletivas, tendem a ser considerados tópicos de fórum íntimo. De fato, apenas alguns grupos – como será detalhado – declararam existir posição da organização ou partido sobre algum deles. A seguir, os tópicos serão apresentados por tipo de tema e segundo o leque de posições observadas.

4.1. PERCEPÇÕES SOBRE POLÍTICAS DE COTAS

Considerando a percepção dos participantes sobre a Política de cotas por raça (para estudantes negros e indígenas) nas universidades, tem-se que 61,4% são a favor ou completamente a favor, e 26,6% são contra ou completamente contra (ver tabela 29 abaixo). Os dados indicam, ainda, que 9,2% são indiferentes a tal questão.

TABELA 29. Percepção dos participantes da Conferência Nacional de Juventude sobre a Política de cotas por raça (para estudantes negros e indígenas) nas universidades - Brasília, 2008.

Política de Cotas por raça	%	N
Completamente a favor	37,3	691
A favor	24,1	447
Totalmente Contra	16,5	305
Contra	10,1	188
Indiferente	9,2	171
Em branco	2,8	52
Total	100,0	1854

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008).

NOTA: Foi perguntado: *Para a frase 'A política de cotas por raça (para estudantes negros e indígenas nas universidades)' indique se é a favor ou contra*

Os argumentos pró e contra cotas se alinham aos debates que vêm-se registrando em vários ambientes do conhecimento e da formação de opinião pública, como por exemplo, nos casos do posicionamento favorável, a reparação, combate a racismos, medida compensatória por falta de condições dos jovens negros de competirem com os jovens brancos, igualdade entre brancos e negros, entre outros. E, no caso do posicionamento contrário à política, se utilizam

dos argumentos de que a raça segrega; que a questão é de classe social; é inconstitucional; melhor seriam cotas sociais; investimento em escola de qualidade, além de se considerar que o mérito vai além da cor da pele e outros. (Ver, sobre prós e contra cotas, entre outros: PINHO e SANSONE, 2008⁴⁴). Detalha-se a seguir como tais argumentos são articulados em percepções de jovens de grupos diferentes, considerando que a linguagem não é neutra e traz singularidades.

A discussão sobre os chamados temas polêmicos não estimulou amplos debates entre jovens em organizações político-partidárias, ao contrário do tema participação. Muitos entrevistados, mesmo nos casos em que suas organizações possuíam uma política pró-cotas, indicaram ressalvas, ponderando fatores de tal política a algumas condicionalidades, como as noções de que ela venha a ser uma política temporária, acoplada, principalmente, a investimentos na educação pública de qualidade.

O PT e a UJS já possuem decisão coletiva tomada a favor das cotas. Neste sentido, alguns entrevistados da UJS afirmaram um posicionamento favorável às cotas, mas não como uma política permanente e frisaram a importância de se complementar a medida com ações sociais, como a ajuda estudantil: *Nós defendemos as vagas para jovens por etnicidade e originários de escola pública, mas também nós defendemos a questão da ajuda estudantil, para poder garantir a permanência na escola.*

Militantes do PMDB afirmaram que o partido não adotou ainda uma posição formada sobre o tema, de modo que os entrevistados expressaram diferentes opiniões. Alguns foram a favor de cotas para jovens com deficiência, outros das cotas sociais e contra as cotas raciais, já que, segundo os mesmos, elas dividem pela própria cor da pele acentuando ainda mais o preconceito existente no Brasil:

(...) não é a cor da pele que define a capacidade a inteligência, apesar de a gente saber que a gente vive num país racista, por mais que a gente tente esconder isso, mas de certa forma já tem a exclusão, isso não tem como a gente negar. Mas se nós criarmos um sistema de cotas é uma forma maior ainda de exclusão. (Grupo Focal, PMDB).

Outros, ainda, teceram críticas ao governo, afirmando que as cotas foram criadas como um sistema paliativo, para se eximir de um problema essencial relacionado ao aumento de vagas nas universidades públicas e que os jovens com condições econômicas deveriam pagar a universidade privada. Consideraram que o grande problema não é somente entrar na universidade, mas conseguir manter-se durante o curso. Foi comum a crítica às cotas raciais considerando que mais justo ou efetivo seriam as cotas sociais para alunos originários de escolas públicas, devendo-se investir na qualidade do ensino público:

A cota mais justa seria a cota para a escola pública porque na escola pública você tem, de fato, quem não pode pagar, mas você tem um branco, você tem um índio, você tem um negro, você tem um mulato, você tem todas as cores lá. E quem está na escola pública não tem condições de pagar uma universidade. Essa seria a cota mais equilibrada do ponto de vista social. Os cursos de escola pública deveriam ter 50% de vagas reservadas nas universidades públicas e aí se disputarem os 50% de vagas que não são reservadas para as outras [escolas]. (Grupo Focal, PMDB).

Jovens relacionados à juventude do PSDB sublinharam, assim como jovens do PMDB, críticas ao governo, considerando as cotas um sistema “paliativo”:

44 PINHO, Osmundo; SANSONE, Lívio Raça, novas perspectivas antropológicas. Salvador: ABA ; EDUFBA, 2008.

A questão do acesso à educação no país, eu acho que ela não é étnica ou religiosa, nada disso. Eu acho que ela é puramente econômica e, a partir do momento que você dá condições para que o jovem possa se desenvolver intelectualmente, não faz diferença se ele é branco, se ele é amarelo.

Se a gente não tem uma educação de base decente, é óbvio que a gente vai começar a discutir depois quem não está conseguindo chegar ao final da cadeia (...). Mas é só um paliativo, como foi a CPMF, então vamos instituir cotas. Mas “peraí”: se boa parte da população pobre é negra, a gente tem que lembrar que não são todos os pobres que são negros, a gente tem uma boa parte que é branca.

Conclusão: você coloca o negro na universidade, privilegia ele, você privilegia essa camada e esquece de todos aqueles que são brancos, mas que também continuam não tendo acesso à universidade. Então, fica muito claro para mim, pelo menos para mim, é muito claro que a questão é econômica e não étnica ou qualquer coisa do tipo. (Grupo Focal, PSDB).

Jovens do PSDB argumentaram contra cotas referindo-se também à possibilidade de mobilidade social do indivíduo por mérito, sublinhando que pessoas com capacidade como o ministro Joaquim Barbosa, primeiro Ministro negro do Supremo Tribunal Federal brasileiro, Nelson Mandela, Condolezza Rice, e Marina Silva não necessitaram de cotas para “vencer”. Já outros relativizaram o alcance das cotas, pois, segundo afirmaram, ainda que represente *uma dívida moral que se tem em relação aos negros* de nada adiantam as cotas nas universidades se o próprio mercado de trabalho funciona de maneira racista:

Ah, tudo bem, a gente vai criar cotas para negros. Se você tem um presidente racista, o que ele vai fazer? Ele cria 10% de cotas para faxineiro. Ele vai botar essa moçada na faxina. Ah, agora vamos criar cotas para negros na diretoria executiva da empresa. Isso vai acabar onde? Eu acho que é tudo mesmo uma questão de conscientização (...). (Grupo Focal, PSDB).

A entrevista com a JSB foi realizada somente com um grupo focal com jovens do Amazonas, que declararam ter sobre o tema posição diferente da representação nacional. Para os entrevistados, a discussão é muito polêmica, já que na região todos são contra as cotas raciais:

A partir do momento em que se estabelece um sistema de cotas dentro de uma universidade, a gente mostra que somos uma sociedade racista e preconceituosa porque a gente está falando que o negro ou o índio não têm a mesma capacidade de outras pessoas para estarem dentro da universidade e a gente desrespeita a Constituição que fala que todos somos iguais perante a lei. Então, a partir disso, a gente acha que é importante estabelecer políticas que dêem bases iguais. (Grupo Focal, JSB).

Os grupos do Movimento Estudantil, porém, se expressaram como enfaticamente favoráveis às cotas, afirmando que o debate se deu primeiramente no movimento, principalmente na UBES, já que sua principal reivindicação era ampliar o acesso à universidade. Pensou-se, em um primeiro momento, nos estudantes de escolas públicas e, com o amadurecimento do debate, chegou-se à proposta de cotas para afro-descendentes:

É uma medida muito avançada na democratização da universidade brasileira, (...) a médio prazo, nós teremos profissionais, governantes, cada vez mais oriundos de diferentes segmentos sociais, que nós sabemos que aqueles passam pela universidade pública, de qualidade, são aqueles que na maioria das vezes conseguem ocupar esses postos nos nosso país. Então com muita tranquilidade a UNE defende a reserva de vagas, inclusive, como uma proposta muito avançada. (Grupo Focal, UNE).

Nos movimentos de trabalhadores como a FETRAF, praticamente todos os entrevistados também se mostraram a favor das cotas raciais, mas ponderaram que a política deveria englobar outros excluídos da sociedade, citando o caso de jovens da agricultura familiar que não têm acesso ao ensino superior: *Para isso o movimento negro teria que ter um discurso mais aberto para que outros grupos entendam a realidade rural.* Ressaltaram, porém, que somente as cotas sem uma “política diferenciada” não resolveriam o problema da exclusão social e que a educação como um todo deveria ser de melhor qualidade: (...) *peças menos favorecidas, elas estudam a vida toda em escola pública e, quando chega na hora da faculdade, elas têm que ir para uma particular. E quem estuda a vida toda na escola particular, vai para faculdade federal.*

Os entrevistados da Força Sindical não apresentaram uma posição unânime sobre as cotas. Alguns chamaram a política de *racista*, a qual deveria ser substituída quando se alcançasse uma situação mais igualitária entre os originários de escolas públicas e privadas:

Uma política para os que não tiveram subsídio adequado para entrar numa universidade para concorrer com alguém de escola particular. Enquanto a gente não consegue chegar a esse patamar tem que existir as cotas, mas elas são erradas. A gente tem que sonhar por essa igualdade. (Grupo Focal, Força Sindical)

A referência à diversidade de situações e ao paradigma da igualdade não foi parte do repertório apenas dos que criticam a política de cotas, sendo argumento também dos que defendem essa política. Rebatendo a posição de alguns companheiros de organização, uma jovem da Força Sindical defendeu as cotas considerando o caso das mulheres, ressaltando que elas foram incluídas nas disputas por cargos por causa das cotas, o que viria lhes propiciando várias conquistas. Aqueles que são a favor das cotas tendem a falar sobre a escravidão, o processo de libertação e a dívida histórica que a sociedade possui em relação aos negros. Estes, segundo um dos entrevistados da Força Sindical, correspondem ao contingente populacional mais pobre do país; são os que possuem maior nível de desemprego e os que têm menor salário, além de serem as crianças negras as que mais sofrem com o trabalho escravo e a exploração sexual:

Então, cota é uma forma de reparação, não é uma política para a vida toda, mas uma forma de reparar o erro que o Estado teve e que o Estado ainda tem. (...) tentar reparar uma coisa. Isso não quer dizer que você está discriminando o outro, e pode ser uma forma de igualar as relações, é de igualar a oportunidade. (Grupo Focal, Força Sindical).

Uma jovem negra da Força Sindical ressalta como positividade do debate sobre cotas o reconhecimento do ser negro, a mudança de uma situação na qual alguns se sentiam envergonhados de reconhecer sua descendência negra:

Aconteceu uma coisa positiva que a maioria das pessoas viu como negativa: cresceu o número de pessoas se reconhecendo como negras. As pessoas não aceitam quando eu digo que sou negra, não aceitam e isso é um ato de racismo e eu não aceito esse tipo de comentário. Eu tenho raça e a minha raça é negra e eu não olho para as pessoas na condição de cor. Não gosto quando me chamam de parda, não existe a raça morena, eu não suporto isso. E aí, quando aconteceu a coisa das cotas, as pessoas ficaram soltando aquelas piadinhas de que tem branco se passando por negro. Não tem, o que teve é que antes as pessoas tinham vergonha de reconhecer que tinham uma descendência negra, que tinha sim uma raça definida que não é branca, porque é muito difícil ser de uma raça branca e ter o reconhecimento da suas origens lá para trás, então assim: as pessoas tinham vergonha de se reconhecer como negros.

Agora todo mundo quer ser negro porque tem uma cota, talvez não, porque agora eu tenha a oportunidade de dizer assim: 'olha eu quero uma cota aqui, eu estou nessa cota aqui e eu sou negra também'. Sou a favor, mas só acho que junto com essa cota deveria ter vindo uma política de inserção do negro no ensino superior porque essa cota veio sozinha', então ela ainda é falha. (Grupo Focal, Força Sindical).

Jovens da CUT consideraram a cota uma política de reparação, como um paliativo, levando em conta o processo de discriminação que os negros cotistas sofrem: *Tem que se dar condições para que se estabeleça um prazo para que, quando acabar esse prazo, não precise que esse jovem negro ou pobre precise dessa cota pra entrar numa universidade.*

No caso da Pastoral, todos os entrevistados indicaram ser contra as cotas raciais, referindo-se à dificuldade em se distinguir quem é ou não negro, já que: *a sociedade brasileira ela é negra, é indígena. As cotas para eles e elas não resolveriam os problemas de exclusão, pois seriam discriminatórias e colocariam os negros como incapazes.* Assim como outros grupos, insistiram em que precisam existir mais investimentos em educação básica e acrescentaram que cotas *apenas para negros* seriam inadequadas, haja vista a necessidade de cotas para outros setores da população jovem. Contudo, ressaltaram igualmente o receio de que as cotas contribuam para fragmentar juventudes:

Por que essa diferenciação com os negros? Isto se torna um processo de exclusão, de dizer que o negro é incapaz: como é que fica o nosso outro lado? Porque a gente tem uma dívida com os índios também. E muito maior e tem alguma cota pra índio? Não tem. Fez alguma discussão? Não fez, não fez. Então, assim: é o mesmo quando você colocou a questão de estar fragmentando a juventude. Para que fragmento maior do que esse? Daí onde começam disputas, daí onde começa um ser melhor do que o outro, é que os movimentos vão-se revoltando. (Grupo Focal, Pastoral da Juventude).

Os entrevistados afirmaram que a Pastoral no Acre é contra as cotas raciais e que um documento recente da Igreja também expressa a mesma opinião: *O documento recente que foi aprovado pelo bispo fala de juventude, ele é contra, porque toda pessoa tem igualdade de condições como todos os outros. Então, respeitada a individualidade... mas no coletivo são todos tratados da mesma forma. Amém.*

Os jovens de Comunidades de Terreiros consideraram que as cotas são importantes à medida que a universidade *é de cor branca*; no entanto, ponderaram que para ter direito a cotas deveria ser pedido um exame de DNA *já que alguns negros parecem brancos.*

O grupo de meio ambiente retoma a questão de que as cotas raciais são discriminatórias e que é importante melhorar o sistema educacional. Rebatem o argumento pró-cota por conta de reparação com dívida histórica, indicando que então os negros deveriam também “reparar” erros históricos, como a escravidão realizada por egípcios: (...) *a gente vai pagar pelos erros de antigamente então os negros teriam que pagar para os povos egípcios o que eles fizeram antigamente, querendo ou não, eles escravizaram os egípcios e então eles teriam que pagar.*

Para jovens da CUFA, a cota não é uma solução, mas é uma medida de inserção social possível, *o ideal seria os negros terem as maiores oportunidades de educação.* Assim somam com outros grupos que têm as cotas não como solução, mas um tipo de política compensatória. Relatam que há uma cota na CUFA para brancos (10%) nas lideranças:

A CUFA organizou a Conferência municipal de promoção da igualdade racial e a gente levantou alguns dados do estado e comparou com o país. Mais de 60 % da população é negra, e desses 60%, 80% mora na periferia. Então assim você vê o porquê de o negro não estar na faculdade [...] é falta de oportunidade mesmo, às vezes até tem a faculdade gratuita lá, mas não tem as condições físicas de chegar lá, (...). As cotas vêm para suprir [carências], para tampar o sol com a peneira neste instante.

Então não é o ideal, mas é uma forma de se defender, até a gente como ser humano tem capacidade moral e ética suficiente, para não precisar mais dessas ações. O que você vê nas escolas é uma realidade, nas faculdades não tem pretos, até as faculdades públicas, o que dirá particular, não tem pretos, não tem diversidade, minoria não porque o negro é a maioria, digo minoria nesses espaços, entendeu, então, é uma forma, mas não é a solução, é um xarope ruim que você toma mas que vai curar tua pneumonia. (Grupo Focal CUFA).

Os entrevistados do Pró Jovem consideraram a política de cota positiva já que não conseguem concorrer com alunos procedentes de escolas particulares, mas ao mesmo tempo têm temor de que se dê lugar a discriminações: *É boa, mas é uma coisa meio chata por que um branco olha pra você e fala dele... eu pago essa faculdade e você tem bolsa.*

Os entrevistados que pertencem a Redes aprovaram a política de cotas, mas com a garantia de que essa política seja focalizada, afirmativa, o que indicaria igualdade para todos, respeitando-se as diferenças:

(...) é uma política afirmativa que deve ser pensada temporalmente. Então legislar em favor das cotas, ah, porque vai excluir também outras populações, mas de novo entra a mesma coisa da discussão emergencial, da história que o pessoal gosta muito, que é a dívida histórica com as populações. Falta essa compreensão mais ampla de que é uma política afirmativa que não é estruturante. (Grupo Focal, Redes).

Muitos dos entrevistados de Redes discutiram a equação oportunidade *versus* capacidade também insistindo, como já registrado, no caso de outros jovens de outros grupos, pois que a política de cotas pode gerar discriminações: *agora vão dar oportunidade para os negros porque eles não tiveram capacidade de fazer vestibular normal.* Como a maioria dos jovens entrevistados em diversos grupos, independentemente de ser a favor ou contra políticas de cotas, também ressaltaram

que medidas de ações afirmativas, como cotas, não seriam a solução contra exclusões, apenas amenizariam o problema e que a questão mais importante é uma educação de qualidade na escola pública, onde se encontram os negros e os mais pobres: *questão que deveria ter mais ênfase nas reivindicações do movimento negro.* (Grupo Focal, Redes).

Independentemente da inscrição racial, os jovens do grupo de Imprensa Jovem se manifestaram contra a política de cotas. Para alguns cotas desagregam, estereotipam, *mostram o diferente sob o pretexto da diversidade.* Uma jovem negra agrega que ela não quer ser considerada “incapaz”, acrescentando: *Negro é tão inferior, tão inferior que não tem capacidade de passar na mesma vaga que um branco, então a gente tem que separar uma vaga para o negro.*

Já os jovens da Nação Hip-Hop Brasil foram todos a favor da cota e alguns entrevistados falaram de uma cota mais ampla e não somente considerando a questão racial. Referiram-se à dificuldade do vestibular e à falta de preparo dos estudantes do ensino público *há muitas décadas atrás o negro não poderia estudar, eles não deixavam o negro estudar, então, isso é um método de os negros estarem entrando numa universidade e para isso foram preciso as cotas, até que os brancos aceitem, depois as cotas são eliminadas.*

Citam os Racionais e o Mano Brown:

Então assim, os Racionais falam o seguinte, o Mano Brown, ele fala no DVD como a gente vai fazer a diferença. A gente fala, faz duas vezes melhor porque você, você é preto! Faz melhor porque você é pobre! Fico até arrepiado, porque o Mano Brown, ele traz isso, ele fala – fazer duas vezes melhor. Eu for como? Se a gente está pelo menos cem vezes atrasado, pelo processo da escravidão, pela questão social mesmo. Então, não tem como reparar. (Grupo Focal, Hip-Hop).

Várias entrevistadas do Grupo de jovens feministas consideraram o sistema de classificação das pessoas para obter as cotas como falho e citaram que o principal é a questão da pobreza, a desigualdade social, mas reconheceram que nas escolas a maior parte dos alunos pobres são negros:

O país não está dividido entre brancos e negros, deficientes e não deficientes, hoje o nosso grande tabu, o nosso grande preconceito que precisa se quebrar é entre ricos e miseráveis, porque hoje eu não vejo que existe no Brasil meio pobre e meio classe média; eu acho que existe gente muito rica ou gente muito miserável. (Grupo Focal, Feministas).

Algumas entrevistadas são contra as cotas, citando casos individualizados, como por exemplo, o caso de um familiar indígena que entrou por cota e não está interessado em estudar. Uma jovem propõe bolsas para estudantes que trabalhem em projetos:

Eu acho muito melhor valorizar jovens que estão em projetos e a pessoa ter acesso à faculdade e trabalhar. Melhor do que a pessoa chegar lá e falar: ah, eu sou negra, eu sou isso e aí não é por merecimento. As cotas vão tirar uma questão do merecimento e criar uma questão de etnia e de raça. E eu acho que a questão da educação não é bem por aí, é uma questão de quem tem interesse ou não, independentemente da origem que essa pessoa tem. (Grupo Focal, Feministas).

Os jovens ciganos entrevistados reivindicaram cotas e a maioria é a favor, levando em conta situações de exclusão, mas fizeram ressalva de que a política de cotas pode derivar preconceitos. E reivindicaram que se amplie o número dos beneficiados, além dos afros descendentes, enfatizando tema que lhes é caro, a discriminação contra os ciganos:

Por que só para os índios, ou só para os negros? Ciganos não têm e deveria ser pra todo mundo, ou então para ninguém. O cigano é mais discriminado que o negro, do que o índio. Em geral, o cigano é bem discriminado. Dizem que não tem fé em Deus, não tem nada; dizem que é macumbeiro, então é isso aí, Faz magia. Diz que faz muita coisa errada, diz que é ladrão, que rouba criança, diz que não toma banho, diz que é isso que, é porco. É bastante discriminado mesmo; para a sociedade o cigano é como se fosse um animal. Um subumano. (Grupo Focal, Ciganos).

Entre os jovens indígenas entrevistados muitos são favoráveis às cotas, mas fazem algumas ponderações. Alguns dizem ser a cota *um remédio amargo* para se entrar na universidade já que o ensino é de péssima qualidade, não respeita as especificidades dos povos. Consideram que há que investir, também, em uma educação diferenciada e sentem-se discriminados, muitas vezes abandonando os cursos. Julgam que as políticas de cotas têm que ser acopladas a políticas de apoio à permanência nas Universidades, com ajuda de aluguel para moradia, alimentação etc. No entanto, no Grupo havia outros jovens indígenas, contra as cotas, argumentando que seria uma discriminação, mas, ao mesmo tempo, admitiram que seriam necessárias, pela falta de investimentos em uma educação apropriada, e de qualidade:

Eu acho discriminatório demais... você ir por cotas. Por que que eu preciso de cotas? Eu não sou um ser humano menor. Por que eu sou índio? Eu sou um ser humano menos capacitado por ser índio? Eu quero uma educação de qualidade. É isso que eu preciso. Eu não preciso de cota, não. Eu preciso chegar para um branco e dizer assim olha, eu vou concorrer com você, porque eu sou índio e eu estudei, eu tenho uma educação boa e eu vou entrar numa universidade... com tanto mérito quanto se você entrasse. Eu não quero depender de cotas. Cota tem sido avanço? Tem. Mas, infelizmente, é como ele falou, é um remédio muito amargo que a gente tem que tomar muito amargo mesmo. Eu queria muito que a gente não precisasse. (Grupo Focal, Indígenas).

Os jovens quilombolas referem-se às dificuldades pessoais, estruturais e físicas de algumas populações estudarem o que lhes condiciona ser favoráveis a cotas raciais:

Eu ia para a escola descalço, eu ia para escola com a roupa rasgada, às vezes os meninos tirava até onda com a minha cara, e imagina quem vai para escola e sofre tudo isso toda essa pressão psicológica e aí a questão da qualidade pedagógica, da estrutura da escola. Tem alguns que ainda conseguem sobressair, mas é a minoria e se a gente não tivesse as cotas ficava mais complicado ainda, pelo menos para os quilombolas. (Grupo Focal, Quilombolas).

Os jovens quilombolas não fazem referência às cotas como uma questão geral, ou que se refere ao outro, pois trata-se de um tema que lhes diz respeito diretamente, falam de suas experiências e projetam vontade de mudança comunitária, refletindo sobre as cotas não somente por benefícios para mobilidade social pessoal:

As universidades precisam ficar negras, precisam ficar pretas, precisam ficar misturadas com pessoas da área de agricultura, porque a gente já sofreu muito, a gente não tinha acesso à educação de qualidade, a gente precisa ter acesso à educação, para poder transformar a realidade das nossas comunidades. (Grupo Focal, Quilombolas).

O grupo de jovens do Movimento Negro não se aprofundou no debate sobre cotas, sendo matéria consensual, a favor. Mas alguns expressaram críticas aos que se opõem às políticas de cotas, relacionando-as a outro tema que, em muito estimulou reflexões nesse Grupo, qual seja o debate sobre a importância do acesso à universidade para também vir a formatar outro conhecimento mais afim com as necessidades do povo negro e que se reconhecesse a contribuição desse povo, da experiência do negro e da negra, para modelar o saber acadêmico e o saber político militante, inclusive, para trazer crítica ao conhecimento convencional:

Esses críticos aí, que não são a favor das cotas ou são muito ignorantes, ou são muito ingênuos. Porque eles não conseguem enxergar que as cotas são um ponto de partida, não são a finalidade. Porque por exemplo, quando o Clóvis Moura foi levar a obra dele “Sociologia do negro no Brasil”, o Caio Prado Júnior, fazendo parte do partido que ele fez que não precisa dizer qual é. O Caio Prado Júnior falou que não, que aquela obra não dava para ser discutida naquele momento e que teria que ser pra um outro momento. O Caio Prado morreu, e o trabalho de Clovis Moura não foi discutido dentro do partido. Quem já leu a obra do Clóvis Moura, sabe que é muito boa, o primeiro capítulo já começa arrasante “Negação de identidade étnica”.

Então esses críticos aí são um pouco ignorantes ou ingênuos, porque eles não entendem que as cotas e as ações afirmativas são um ponto de partida e não a finalidade, e porque eles querem atingir a juventude. Quem já estudou “Os panteras pretas” os Estados Unidos acabaram com os panteras pretas, atingindo no seu ponto mais forte, a juventude dos panteras pretas. Jogou as drogas para dentro da juventude, a juventude ficou fragilizada, eles atacaram e acabaram com todos os panteras pretas. Então, eles sabem que se a juventude preta chegar à Academia, vai atingir a juventude dentro da Academia, e eles sabem que a juventude preta influencia dentro da Academia; o que eles querem fazer? Aniquilar. Querem nos deixar aqui, com o nosso conhecimento verdadeiro, universal e esse conhecimento aí não serve; se a gente entrar lá, a gente põe o conhecimento científico deles em xeque, sabemos que não é um conhecimento científico realmente. Então, eles têm medo realmente e não vão deixar e chega até ser ingênuo, mas não é, eles estão sabendo o que estão fazendo. (Grupo Focal, Movimento Negro).

(...) o que a gente percebe assim é que nós descendemos de um povo que sempre produziu conhecimento, de um povo que produziu este país, de um povo que produziu conhecimento para a América, para a Europa, de um povo que foi explorado, porque era um povo que sempre produziu conhecimento. Só que nós não priorizamos o espaço da universidade, foram as elites dominantes brancas que priorizaram aquele espaço como produção de conhecimento, mas conhecimentos nós sempre produzimos e esses conhecimentos sempre foram bases de sustentação para que os brancos, os europeus posteriormente construíssem os seus saberes. Mas as nossas produções, os nossos saberes sempre tiveram uma outra metodologia de serem construídos e

os espaços dessa construção não foram os espaços da academia, mas foram outros espaços, foram outras formas de construção, nos nossos terreiros, que é um espaço importante de produção de conhecimento. (Grupo Focal, Movimento Negro).

Jovens do movimento negro indiretamente rejeitaram que ser cotista possa derivar em preconceito, e um participante considerou que muitos jovens estariam assumindo tal condição:

A gente percebe a questão da universidade e a luta do movimento negro histórica e que esta geração assume, Eu acho muito bacana quando a gente vê a juventude negra se assumir cotista, porque assim como tem a juventude negra do hip-hop, tem a juventude negra cotista que assume isso com identidade, de uma forma afirmativa. (Grupo Focal, Movimento Negro).

Os jovens do movimento negro indicaram que políticas de cotas são importantes tanto na área de educação quanto na de trabalho, dois lugares de exclusão para a juventude negra. Contudo, que tal acessibilidade serviria não somente por mobilidade pessoal ou para ocupar espaço, como também para mudar espaços, para o projeto emancipatório do povo negro, em termos de reconhecimento social de saberes, produção de conhecimento que vêm de outros espaços e para afirmação de direitos. Frisaram que as políticas de cotas são uma conquista conseguida com lutas. E também, como os quilombolas se projetam como coletividade, por um saber acadêmico elaborado não para, mas pelo povo negro, reeducando uma nação ignorante de agências de conhecimentos que decolam da etnicidade. Sai-se assim do discurso pro cotas limitado ao acesso à igualdade, à diversidade, à justiça social e ao reconhecimento do mérito pessoal, para chegar à inclusão por outra retórica que questiona saberes e acena com transformação:

Trabalho e educação têm historicamente um viés de exclusão da juventude negra e da população negra no acesso aos bens da produção de consumo, foi e é! Então quando a gente percebeu, reivindicamos cada vez mais estar nesse espaço. A gente se utiliza do conhecimento que é produzido dentro desse espaço [universidade] para acessarmos as estruturas de consumo, outras formas de produção, de inclusão e inserção no mercado de trabalho, mas sem desconsiderar os espaços de onde viemos e os espaços onde nós estamos construindo outras formas de saberes que eu acho que é justamente isso que nos diferencia dessas outras juventudes que estão aí. É importante a gente estar na universidade, porque quando a gente percebe a Lei 10.639, a gente percebe que a população negra teve que ir para a universidade, nós não fomos para a universidade por uma escolha, nós fomos para a universidade em busca de direitos, diferente de outras juventudes que foram porque era um processo natural, escola, ensino primário, fundamental, médio. Para a gente é fruto de uma conquista, de uma luta estar lá dentro, porque a gente percebe que é necessário que estejamos dentro para que consigamos mudar. Porque a gente ficou muito tempo do lado de fora, dizendo que estava errado, então, a gente teve que entrar dentro da estrutura para conseguir modificar, para conseguir mudar de alguma forma. E a gente ainda não conseguiu mudar quase nada diante de tudo que a gente quer mudar, mas, a gente tem conseguido introduzir mudanças e avançar na perspectiva de que, a gente quer que, como a (...) colocou: para que as próximas gerações, já que a nossa não vai poder ter esse benefício, tenham um orientador negro nas universidades; que as próximas gerações, quando elas forem fazer sua monografia, sua tese de doutorado, de mestrado,

elas tenham referências que sejam nós mesmos, que essas referências tenham sido produzidas por nós, pelos nossos espaços, pelas nossas formas de construção e, que as crianças negras, a juventude negra que está acessando o livro didático, se vejam, se percebam, percebam as contribuições do seu povo naquele livro, de uma forma não deturpada por uma linguagem e um pensamento branco que desvaloriza essa outra forma de produção e de conhecimento. (Grupo Focal, Movimento Negro).

4.2. LEGALIZAÇÃO DAS DROGAS

Drogas foi tema que oscilou entre construções que tendem ao fantasmagórico ou ao existencial, o vivido e para muitos o sofrido, sendo de complexa relação no campo de políticas públicas, que estão despreparadas para lidar com subjetividades, desejos, angústias, buscas existenciais, ou seja, o reconhecimento de necessidades simbólicas, transferências e materizações do mundo psicossocial segundo Hopenhayn⁴⁵:

Um problema claro que atravessa a política pública e o discurso público a respeito do tema – drogas – é o acúmulo de preconceitos, distorções, ideologizações e exageros que o rondam. A quantidade de limites invisíveis à conversa cidadã em torno do tema mostra correlativamente, os fantasmas da política e da sociedade a respeito da subjetividade das pessoas (p. 1).

Enquanto cerca de 26% dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude são a favor (15,6%) ou completamente a favor (10,0%), mais que o dobro dessa proporção indica que são totalmente contra (43,2%) ou contra (17,3%) (Ver Tabela 30, a seguir). Tal quadro se alinha à mesma tendência encontrada entre os jovens entre 15 a 29 (Abramovay e Castro 2006) sendo que entre esses, o nível de recusa à legalização é muito maior: Nessa pesquisa constatou-se que 7,1% da população jovem é a favor da legalização do uso de drogas e 92,1% é contra. Portanto, a juventude ativista, nesse caso, ainda que não represente a orientação dos jovens brasileiros, em geral, sobre legalização da droga, tende a ser um grupo com uma maior diversidade quanto a posições sobre o debate de legalização das drogas, mesmo que as tendências entre aquela população e a subpopulação dessa pesquisa sejam idênticas.

TABELA 30. Percepção dos participantes da Conferência Nacional de Juventude sobre a Legalização do uso de drogas - Brasília, 2008

Legalização do uso de drogas	%	N
Totalmente Contra	43,2	801
Contra	17,3	321
A favor	15,6	290
Completamente a favor	10,6	196
Indiferente	10,0	185
Em branco	3,3	61
Total	100,0	1854

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008).

NOTA: Foi perguntado: *Para a frase: 'Legalização do uso de drogas', gostaria de saber se você é a favor ou é contra?*

⁴⁵ HOPENHAYN, Martín. *El estigma de las drogas ilícitas: una lectura desde la cultura*. Montevideo: Universidad de la República - Fundación Rockefeller, 1999.

A Legalização das Drogas é um tema polêmico na sociedade atual e para entendê-la é necessário discutir estruturas envolvidas, a quem interessa a legalização e a não legalização, quais os pontos positivos e negativos e como está configurada a aprovação ou não da medida no cenário brasileiro, o que foge do escopo das discussões desenvolvidas com os participantes.

A maioria das organizações com orientação político-partidária, que foram entrevistadas durante a Conferência Nacional, não têm uma posição oficial sobre legalização do uso de drogas, mas os entrevistados sublinham a importância do debate e manifestam suas posições pessoais sendo alguns a favor e a maioria dos entrevistados contra.

Os jovens do PT também ressaltam que não há uma posição oficial quanto ao tema, mas suas falas sugerem que há demanda reprimida, ou seja, que os jovens militantes gostariam que houvesse mais discussão sobre o tema, inclusive em sua organização:

(..) Eu acho que tem um consenso na juventude do PT de que é um problema de saúde pública a questão da drogadição, mas, além disso, a gente não conseguiu avançar porque tem um debate que está colocado por trás e que, a gente precisa também fazer: a drogadição, ela é consequência do narcotráfico e o narcotráfico subentende-se genocídio da juventude, porque se hoje, de cada dez jovens neste país, sete são negros, e esses sete negros são mortos por conta de se inserir no tráfico de drogas, de começar como aviãozinho, e virar gerente. (Grupo Focal, PT).

Alguns jovens lembraram-se do problema da violência associada às drogas, da possibilidade do consumo sustentável, da necessidade de descriminalização dos usuários e da questão do tráfico de armas associado às drogas:

(...) A questão do uso das drogas existe, é real, ela vai continuar existindo e a gente tem que questionar a melhor forma de enfrentar. Esse problema da repressão com criminalização do usuário, é daí que ocorre o fortalecimento do tráfico. O que mata mais não são as drogas, são as armas, porque o tráfico de drogas anda casado com o tráfico de armas, e é toda essa questão do genocídio, principalmente da juventude negra que foi colocada. Então eu concordo com a questão da legalização. Então é isso, vamos tratar como uma outra política, uma política de atendimento ao usuário, de redução de danos e de tentar ao mesmo tempo inserir o estado regulamentando isso e tributando essa produção que movimenta bilhões e bilhões (...) (Grupo Focal, PT).

Alguns trataram ainda da questão de quão recente é a proibição do uso de drogas, que o consumo de drogas faz parte da história da humanidade e que há ainda o consumo das drogas “originárias”. Outro jovem lembra do problema do uso ritual e tradicional dos povos nativos:

(...) A primeira pergunta que a gente tem que fazer quando debater sobre legalização das drogas é: a quem interessa a ilegalidade? A gente pega o histórico de quando e como se tornou ilegal, e a ilegalidade das drogas é uma coisa recente na história da humanidade; a história da humanidade é marcada pelo consumo de drogas. Arma de fogo e o cigarro são duas mercadorias, por que uma é ilegal e por que a outra é legal, a quem interessa a ilegalidade? Ao comércio, ao mercado, à concepção liberal. Como é questão de mercado, tem que deixar claro o seguinte, não adianta legalizar só no Brasil ou só num país, se há uma questão de mercado é capitalista e a ilegalidade é o que garante os lucros, tem que ser uma política internacional. (Grupo Focal, PT).

Os jovens do PSDB entrevistados se declararam contra a legalização das drogas, além de considerar que já existem muitas drogas, como remédios, legalizadas no Brasil.

Um jovem do PSDB considera que, no caso da Holanda, a legalização das drogas não representou grandes problemas ou impactos, mas que no Brasil não temos maturidade para tanto, que as drogas são fontes de inúmeros problemas, portanto, é radicalmente contra a legalização.

Da mesma forma a pessoa vai roubar, vai matar, vai ter tráfico do mesmo jeito, porque se o Estado liberar como é feito na Holanda, você tem que pagar taxas, tem que ser uma droga certificada de pureza, porque aí entra até o direito do consumidor. O tráfico vai continuar, porque não vai pagar imposto, vai continuar com aquela cocaína batizada de qualquer jeito, pessoas morrendo, então não vai mudar nada, a gente só vai transferir uma responsabilidade. Tem tráfico de bebida falsificada, tem tráfico de cigarro falsificado, não vai ter de drogas a partir do momento que for liberado? Já pensou a pessoa entrando com uma ação contra o Estado porque ele certificou uma maconha que não era pura? Não tem o menor fundamento isso. (Grupo Focal, PSDB).

Segundo um jovem da UNE, há resoluções congressuais da UNE a favor da descriminalização do uso, e não da venda. Na sua perspectiva, culpar o usuário não resolve o problema, a Igreja não deveria ser chamada a opinar e o Estado deveria garantir a liberdade de escolha do sujeito.

Existem resoluções congressuais da UNE a favor da descriminalização das drogas. É muito fácil dizer que a violência é financiada pelo tráfico de drogas. Quem financia a violência é a desigualdade, é uma idéia de consumo. E aí o estado, nesse sentido, não pode ter apelos religiosos, os apelos religiosos ficam por conta da igreja, e aí na igreja se discute se vai aceitar o uso de drogas ou não. O estado tem que garantir esse tipo de liberdade e oferecer o serviço de saúde pública para as pessoas, então passa a ser uma escolha individual, o cara pode usar ou não, e esse debate acaba caindo numa certa hipocrisia, porque todo mundo sabe por aí, em câmara de vereadores, tem gente que articula o tráfico. Culpar o usuário é o mesmo que tapar o sol com a peneira, pelo menos acho que é dentro dessa perspectiva. (Grupo Focal, UNE).

A discussão que a gente trata é de um nível muito diferente, é muito no sentido da saúde pública, do papel do estado nesse sentido. A gente não vai ficar dentro da UNE discutindo religiões, opiniões individuais, nem ficar fazendo apologia ao aborto, às drogas, que são questões de saúde pública, de saúde da sociedade. O estado como bem foi dito, é um estado laico. (Grupo Focal, UNE).

A jovem da CONTAG se declarou favorável à legalização das drogas, tendo em vista o grande número de usuários, mas chama a atenção para a necessidade de esclarecimentos à população de suas consequências. Mas a maioria dos jovens do grupo focal da CONTAG se declararam pessoalmente contra a legalização.

Uma jovem da CONTAG que se declarou a favor, fez uma ressalva lembrando da necessidade de limites, apesar de considerar que as pessoas usam drogas independentemente dessas serem legais ou não, e que a legalização pode ser acompanhada de uma maior conscientização.

Eu acho que se for legalizada, vai ser diferente porque vai poder ter um jogo mais aberto também de conscientização a respeito do que a droga causa. Eu acho que não é que tem que liberar para as crianças todas usarem, aí eles vão depois me pegar ali fora, mas não é dessa maneira. Eu acho que a droga tem que ser legalizada, mas tem que ter certos limites também, ter certas campanhas. (Grupo Focal, CONTAG).

O problema do álcool e do tabagismo também foi relatado por alguns jovens, além de considerarem que o tema não é muito debatido no meio rural, apesar dos graves problemas que enfrentam com o alcoolismo, Note-se que, como sublinhando por outros grupos, critica-se a falta mais ampla de debate nas instituições que são referências para os jovens, como a escola e mesmo a entidade de participação política, principalmente na área rural ainda que se reconheça que o uso de drogas lícitas e ilícitas seja uma realidade entre jovens tanto nas áreas urbanas como rurais:

Esse tema não está muito debatido nem nas escolas, muito menos na área rural. A gente tem muito problema na área rural de alcoolismo, muito problema de tabagismo e isso não é discutido com os jovens, os pais também não discutem. Também existe hipocrisia muito forte (...) Esses temas vinculados ao aborto, a questão das drogas, a própria questão das DSTs, que é uma questão de saúde, ainda é um tabu em muitas regiões – então é difícil esse debate, na juventude, há uma influência muito forte da igreja, seja católica ou outras igrejas no espaço rural e isso define muito as posições. Eu acho que alguns segmentos precisariam se abrir mais e debater com toda sociedade. (Grupo Focal, CONTAG).

Um jovem da Força Sindical que foi contrário à legalização das drogas, considerou que as drogas mais danosas, como o álcool e tabaco, já são liberadas. Duas jovens da Força Sindical, que são contrárias à legalização, entenderam que o Estado deveria tomar providências contra o problema das drogas e suas consequências. Outra jovem lembra do problema da violência policial e da necessidade de tratar o usuário como um dependente químico e não como bandido.

O que é droga? Isso aí eu posso falar porque eu faço farmácia. Droga é tudo que você ingere que causa alguma alteração no seu organismo, que não é normal. Tem drogas lícitas liberadas: o álcool, uma das piores drogas que tem é o álcool e o tabaco, então já é liberado. Agora, liberar qual? As outras drogas? Para mim as ilícitas já deveriam começar a ser legalizadas. (Grupo Focal, Força Sindical).

(...) Se você libera e coloca aí à disposição, eu tenho um medo muito grande de como é que ia ser isso. É que hoje não tem mais lugar que eu chegue que não tenha droga, ela está em todos os lugares. (...) Eu não posso aceitar uma coisa que põe a vida de uma pessoa em risco e que põe também a minha integridade em risco. Eu sou completamente contra porque eu sei e vivenciei o que é conviver com usuário de drogas. Eu creio que deveria ter mais campanhas para orientar, ter mais policiamento nas escolas, porque droga é uma coisa que destrói a família. (Grupo Focal, Força Sindical).

Eu tenho uma restrição com a coisa da política. Eu acho que usuário de droga não deve ser tratado como bandido, isso para mim é muito claro. Usuário é uma pessoa doente, tem uma necessidade fisiológica de fazer uso disso, porque eu acredito que ninguém usa droga porque é muito legal, a pessoa usa e tem a necessidade depois. Droga para mim é um problema de saúde pública. (Grupo Focal, Força Sindical).

Segundo um jovem da Pastoral, nessa entidade ainda não houve debates coletivos sobre o assunto, mas ele se posicionou pessoalmente a favor, por entender que o problema não é a legalidade e sim o uso e que as pessoas deveriam ser livres para decidir. Para outro jovem da Pastoral, a questão das drogas é um problema de saúde pública, portanto, a legalização deveria implicar a criação de uma estrutura. Ratificando esta opinião outro entrevistado afirma que este é um debate que deveria ser travado no campo da educação e da conscientização.

(...) Eu sou a favor da legalização das drogas, porque se você não legalizar, o tráfico vai acontecer do mesmo jeito, se a droga não for legalizada, vai acontecer o consumo do mesmo jeito e de forma até pior, e a gente já sofre tanto, a juventude já sofre tanto com a violência por conta do álcool e por conta do cigarro. Então eu vejo que legalizar a maconha é tranquilo, agora a gente tem que trabalhar é na questão do uso (...) a gente sabe que é prejudicial para a saúde, a gente sabe de todas as consequências. Mas eu, se um dia a droga for legalizada, eu nunca vou fumar, nunca vou ter contato com as drogas. (Grupo Focal, Pastoral).

A legalização das drogas não é simplesmente uma discussão enquanto drogas, mas principalmente enquanto saúde pública, porque para legalizar as drogas, a estrutura da saúde pública tem que ser outra. Na Holanda, onde o uso de drogas é legalizado, tem local específico para uso, naquele espaço você pode usar, fora desse espaço você não pode usar tanto. Agora a pergunta é, será que a nossa o nosso povo vai conseguir assimilar outras culturas? Será que o povo vai saber onde pode e onde não pode? É muito complicada essa situação. (Grupo Focal, Pastoral).

Eu acho que a questão da legalização ou de ela continuar como está depende muito de um fator: a educação (...) Eu às vezes penso, ah sou a favor da legalização, mas tem algo que passa pela questão de saúde, porque a gente sabe que o uso de drogas, ele traz uma série de consequências e a gente sabe que o nosso Estado ele não tem condições nem de tratar aqueles que têm as situações mais emergenciais quanto mais de tratar a liberalização do uso de drogas, a gente sabe que em decorrência disso vai ter uma série de consequências sociais e de saúde pública também, assim como acontece com o álcool. Então eu vejo assim, que a questão é principalmente de educação, se for o caso de repreensão (...) Legalizar ou não é uma outra conversa, a gente ainda não está nesse nível para debater. (Grupo Focal, Pastoral).

Durante a Conferência da categoria, segundo alguns Jovens de Povos de Terreiro, os prós e contras da legalização das drogas foram debatidos coletivamente e ficou decidido que a comunidade é contra a legalização das drogas. Uma jovem de Terreiro chamou a atenção para as inúmeras vítimas e demais consequências do uso abusivo do álcool, por entender que o álcool é apenas um exemplo da íntima e problemática relação entre violência e uso de entorpecente:

Seria a destruição do jovem no mundo. A droga tem uma consequência social muito grave. A cerveja, o álcool que é liberado causa muitos acidentes, se a gente libera os outros entorpecentes, pronto, todo mundo morre. A cocaína destrói o sistema imunológico, a maconha vai diminuindo os teus reflexos, ia aumentar assaltos, morte, ia aumentar a violência. A nossa cultura não permite, não tem como, cultura e educação são muito complicados para que seja liberado. (Grupo Focal, Povos de Terreiro).

Uma jovem Feminista se mostrou a favor da legalização, afirmando que passaria a ser uma escolha individual da pessoa e que isso ajudaria no acesso a informações sobre os malefícios do uso de drogas. Outra jovem também do grupo de Feministas destaca o problema da repressão policial e da necessidade de uma política de educação preventiva e de controle:

(...)Criminalizando o uso de drogas não significa que as pessoas vão deixar de usar, porque se você vai ali na esquina, você pode comprar, o acesso é muito fácil. Eu acho que legalizar é um modo de garantir que as pessoas se tratem, das pessoas terem mais acesso, mais informação e pensarem “eu não vou fazer isso porque vai prejudicar a minha saúde, o meu desempenho em vários aspectos”, vai ser uma decisão das pessoas, e não uma coisa imposta. Mas não seria em qualquer lugar que teria, teria locais específicos. Em Amsterdã, é legalizado, mas em determinadas quantidades e em locais específicos, você não vai utilizar droga no meio da rua, na frente de criança. (Grupo Focal, Feministas).

Não adianta, as pessoas usam, as pessoas conseguem e até a polícia está envolvida nisso, pra repassar esse tipo de coisa. Eu não sou usuária, porque eu optei em não ser usuária, mas de novo eu volto a essa questão de investir na educação (...) Então o que eu sugeriria é que se você quer usar drogas, compra na farmácia, você tem uma quantidade estipulada, e outra coisa, a partir do momento que você vai lá e compra sua droga você estará assinando e se caso alguma coisa acontecer a responsabilidade é sua, então eu acho que tem que regulamentar pra gente ter um controle e até uma prevenção. (Grupo Focal, Feministas).

Os jovens Quilombolas se declararam contrários à legalização das drogas, alguns destacando que a legalização poderá aumentar o consumo e os problemas decorrentes do uso de drogas, outros lembrando dos problemas das drogas lícitas como álcool e tabaco.

Eu particularmente sou totalmente contra, porque se você legalizar as drogas eu penso que, numa determinada comunidade, todo mundo ia consumir. O álcool é uma droga que é liberada e muitas pessoas quando o consomem matam, roubam, fazem muitas coisas. Acho que a droga não faz bem pra saúde, não faz bem pra mente, por mim ela nem existiria porque ela só destrói o país, ela não constrói nada. (Grupo Focal, Quilombolas).

Algumas pessoas utilizam o argumento de que se a droga for legalizada ela perderá o valor e então, automaticamente, as pessoas já não vão ter mais aquela afinidade, talvez a violência vá diminuir, mas a gente percebe que hoje as drogas que mais matam são as drogas lícitas, como o álcool e o cigarro. Então se for legalizado o uso das drogas, muitas pessoas vão se viciar (...) Eu acho que o governo tem que gerar renda para a população, pra que as pessoas deixem de plantar (maconha), deixem de ter necessidade de vender, porque isso com certeza já passa a diminuir o uso de drogas. (Grupo Focal, Quilombolas).

Os Jovens Ciganos também se declararam contrários à legalização das drogas, destacando ainda os efeitos nocivos do uso delas para o organismo.

Eu sou radicalmente contra. O início é a maconha, que leva pra outra, pra outra, na verdade se droga fosse bom, não se chamaria droga, se chamaria “legal”, é evidente. Eu, há uns quatro anos atrás, defendi na OAB, uma tese sobre a legalização das drogas, baseada no seguinte: que houvesse então a legalização de todas as drogas, mas que o monopólio da venda seria governamental, que somente poderia ser vendida em postos de saúde, que não poderiam ser consumidas em locais públicos, e que se alguém fosse pego, sob o efeito de algum entorpecente na rua, seria necessariamente punido, seria multado com uma multa muito alta; então dessa verba oriunda da venda de todos esses entorpecentes que o estado venderia em caráter de monopólio. Então, e que cem por cento dessa verba arrecadada pela venda, fosse necessariamente voltada para o combate da mesma, setenta por cento na construção e manutenção de clínicas, pra que curassem aqueles drogados, e trinta por cento investido mensalmente em campanhas publicitárias, em todas as mídias e que, é por se tratar de um bem social, que o direito público deve ser maior do que o direito privado. Então esse seria um meio a longo prazo, pra conseguir esticar, não estirpar, mas pelo menos minimizar essas questões. Acho que no Brasil essa questão da legalização das drogas não vai perseverar, como acontece em algum outro país da Europa, por exemplo, nos Estados Unidos, por isso que eu sou radicalmente contra. (Grupo Focal, Ciganos).

A maior parte dos jovens Ambientalistas se declarou favorável à legalização das drogas, destacando o alto número de óbitos que estariam ligados à ilegalidade do consumo de drogas e à necessidade de criação de uma estrutura para a mudança na lei:

Eu sou a favor, mas para legalizar tem que haver uma estrutura muito boa pra essa questão do tráfico. A pessoa é seduzida pelo tráfico, porque ela consegue ter uma renda maior, trabalhando vários dias da semana ela ganha o que ela ganharia trabalhando 30 dias no período normal sem estar no tráfico. Mas eu acho que se legalizar realmente, fizer tudo direitinho, tendo uma maior estruturação das polícias, dos locais e espaços onde seriam as vendas, eu sou a favor. (Grupo Focal, Ambientalistas).

Concordo que faz mal para a saúde sim, mas todos os animais ditos irracionais também fazem uso de substâncias, também é um comportamento do animal, nós somos animais racionais e por sermos racionais tem toda essa discussão de legalizar ou não legalizar. Então eu acho que isso vai muito de encontro com essa questão de discussão contemporânea, de um novo modelo de sociedade, de um novo ordenamento jurídico, concordo que a questão do tráfico com a legalização pode ajudar a resolver como pode permanecer pela própria situação do poder econômico que é extremamente atrativo, extremamente sedutor. Mas também acho que isso pode diminuir a criminalidade. Então eu sou a favor, mas eu também acredito que isso deve ser feito de uma maneira planejada, organizada. (Grupo Focal, Ambientalistas).

Para um Jovem do movimento Hip-Hop, a legalização das drogas é um tema que deve ser debatido em relação à realidade dos excluídos. Na percepção de outro integrante da Nação Hip-Hop, não se trata de uma questão de legalização, mas de descriminalização e educação:

(...) Hoje a gente que vive na favela, sabe como é que a droga afeta a realidade local. A legalização é uma coisa que vai favorecer somente a elite, os filhos da elite, aquele lá que anda com cinco trouxinhas no bolso e se for pego é filho de juiz, é filho de fulano, mas, um moleque que estiver apertando um baseado vai ser sempre um marginal, por que

você não precisa estar usando drogas na favela pra você ser marginal. Quando a gente pensa em determinados temas, temos que trazer para a realidade dos excluídos, então, eu sou contra a legalização das drogas. O que nós temos que discutir são as medidas educacionais e levar práticas para que os jovens tenham uma visão mais ampla do que é a sociedade, e aí com certeza, com oportunidade, a criminalidade seja reduzida, e a gente terá menos problemas. (Grupo Focal, Hip-Hop).

Não sou a favor da legalização, sou a favor da descriminalização. Porque é o seguinte, hoje a maconha, ela já é patenteada esperando a legalização. A Sousa Cruz já patenteou a maconha, o maço vai se chamar Bob Marley, é todo colorido, é bonito, entendeu? É verdade. Então, a questão da descriminalização a gente vê outros caminhos (...) A questão das drogas é isso aí, nós da periferia não temos um avião que atravessa a droga, nós não temos acesso às grandes refinarias, não temos esse conhecimento. Está certo que a gente sabe que dentro da periferia rola isso aí, mas a gente não tem terra, a gente luta pela reforma agrária; a gente não tem terra pra plantar coca, pra plantar maconha, então, a gente tem que analisar quem está financiando essa droga. Pra quem é interessante não ser legalizada e pra quem é interessante ser legalizada? Na minha opinião não deixa de ser o mesmo povo, são as pessoas que ganham dinheiro do mesmo lado, tanto criminalizada quanto não criminalizada. (Grupo Focal, Hip-Hop).

Para os jovens da CUFA, essa é uma questão muito polêmica, tendo em vista que, mesmo existindo proibição, as pessoas usam drogas, além da existência de drogas lícitas como o álcool e o tabaco que são as que geram mais problemas. Nesse contexto, não legalizar é visto como uma atitude hipócrita. Um jovem também destaca o problema da violência associado ao tráfico de drogas:

Legalização das drogas depende, acho que é uma grande contradição você falar em proibir o uso de maconha, por exemplo, e ter o álcool legalizado... O álcool é uma droga, as pessoas que matam, a maioria estão por efeitos de álcool (...). Quantas pessoas morrem de câncer por causa do cigarro? Assim, é preciso rediscutir, se você quer acabar com o uso da maconha, você também tem que acabar com outras drogas, senão sempre vai existir alguém falando que fuma maconha porque o álcool faz mal. Eu acho impossível, tornar o álcool ilegal porque já existe toda uma máquina, assim como o cigarro e esse é um grande impedimento, você legalizar a maconha com essas drogas legalizadas eu acho muito complicado, muito sem saída... Essas empresas deveriam pagar no mínimo a devastação que eles causam na sociedade. Eu não legalizaria nenhuma delas, nem cocaína, nem maconha, nem nada, mas também iria rever a situação das pessoas que consomem álcool, drogas. (Grupo Focal, CUFA).

É muito complexo falar sobre a liberação da maconha porque o tráfico acaba que sendo um comércio, hoje nas favelas, é claro que a gente queria o fortalecimento para as famílias daquelas comunidades. Se precisar de um botijão de gás o traficante vai lá e fortalece e aí ele acaba que usando isso pra fazer com que as pessoas virem seus funcionários. Para erradicar o consumo, tem que ter a questão da oportunidade. Então você é a favor do tráfico? Claro que não, você é a favor da legalização? Também não. Também tem aquela questão de que o que é proibido acaba sendo curioso e acaba instigando a pessoa a fazer e alguns se tornam viciados, outros não. Mas sou contra a legalização, acho que a discussão que tem que haver não é nem a legalização, é o término. Devem ser promovidas capacitações, cursos, universidade na favela. (Grupo Focal, CUFA).

Os jovens do grupo Redes declararam que ainda é preciso debater mais o assunto para uma tomada consciente de posição. Alguns dos entrevistados se declararam contrários, tendo em vista a quantidade de jovens que já são usuários de drogas e os problemas decorrentes de seu uso, bem como os problemas decorrentes do uso de drogas lícitas como o álcool e tabaco:

Eu acho que é muito mais bacana a gente discutir a redução de danos, eu acho que tem uma coisa forte no envolvimento de repensar a redução de danos, do que eu particularmente ter uma opinião mais definida sobre a legalização das drogas. (Grupo Focal, Redes).

Eu tenho minhas ressalvas quanto a legalização das drogas porque lá em Fortaleza a gente tem um problema sério com a questão do craque. O craque devasta a vida de uma pessoa, então há drogas químicas que são altamente prejudiciais à rapaziada. Legalizar ou não, é algo que precisa de um debate muito aprofundado, como por exemplo, a construção de espaços em que se possa tratar dessas questões. Em Fortaleza o que eu percebo é que os filhos das famílias ricas que entram no vício têm oportunidade de se tratar nas clínicas particulares ou nas clínicas religiosas, para a juventude da periferia ou é a prisão ou é a morte, então o poder público precisa ter esses espaços para dar oportunidade de tratamento (...) (Grupo Focal, Redes).

As drogas que a gente vê que já são legalizadas, no caso o álcool e o cigarro, são drogas que de certa forma estão sendo reprimidas, como é a questão do cigarro, pois é uma promotora de desgastes físicos que causa à pessoa e há repressão de todas as formas. Então a partir do momento que o governo reprime um tipo de droga, a gente vai pedir a legalização de outros tipos de drogas que são mais prejudiciais ainda, não só à pessoa, mas a toda a sociedade (...) (Grupo Focal, Redes).

4.3. LEGALIZAÇÃO DO ABORTO

Considerando o levantamento quantitativo realizado na 1ª Conferência Nacional de Juventude no que tange à questão da legalização do aborto, verificou-se que 32,6% dos participantes manifestaram um posicionamento totalmente contra, ao passo que 22,2% manifestaram um posicionamento completamente a favor. Notou-se, ainda, que 10,2% dos entrevistados declararam ser indiferentes quanto ao assunto – ver Tabela 31 a seguir.

TABELA 31. Percepção dos participantes da Conferência Nacional de Juventude sobre a Legalização do aborto - Brasília, 2008.

Legalização do aborto	%	N
Totalmente Contra	32,6	605
Completamente a favor	22,2	411
A favor	18,2	337
Contra	13,5	251
Indiferente	10,2	189
Em branco	3,3	61
Total	100,0	1854

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008).

NOTA: Foi perguntado: *Para a frase: 'A legalização do aborto' gostaria de saber se você é a favor ou é contra?*

Segundo estimativas do Ministério da Saúde⁴⁶, cerca de 200 mil brasileiras realizam abortos todos os anos, em clínicas clandestinas e em situações precárias, correndo grande risco de morte. Muitas delas perdem suas vidas em decorrência de complicações na interrupção da gravidez, já que, com grande frequência, o procedimento é realizado por meio de técnicas perniciosas, ambientes e materiais em condições sanitárias duvidosas ou por pessoal não habilitado. De acordo com o Ministro da Saúde, José Gomes Temporão, a questão pode ser considerada um problema de saúde pública. Neste sentido, o aborto no Brasil é uma realidade e os legisladores precisam considerá-la.

Entre os jovens entrevistados na etapa de pesquisa qualitativa durante a 1ª Conferência, muitos se manifestaram a favor da legalização do aborto. Jovens do PSDB frisaram que não haveria sobre o tema posições do partido e que as que declinavam teria o caráter pessoal. Um deles se declarou favorável à legalização em casos específicos como, por exemplo, no caso de estupro.

Sou a favor, nas devidas proporções e nos casos específicos a serem analisados, porque eu não acho justo que uma mãe gere um filho e depois vá dar conta desse filho de uma forma indesejada. Em caso de estupro, em caso de violência sexual, tem que haver o aborto sim, até porque a nossa população mundial está crescendo absurdamente. (Grupo Focal, PSDB).

Para os jovens da UNE, o debate sobre a legalização do aborto não pode ser pautado por dogmas religiosos, mas pelos prós e contras apresentados pelos especialistas, à medida que se trata de um problema de saúde pública, e que a UNE muitas vezes é criticada por colocar em pauta a discussão de temas polêmicos. Tanto a UNE como a UBES têm posição organizacional favorável à legalização da interrupção voluntária da gravidez.

A UNE é muito democrática nesse aspecto. Então como funciona para poder chegar num consenso desses: vários debates, onde cada um defende a sua posição, coloca que é contra, outro coloca que é a favor. Aí é votado. Então é para colocar assim. Existem pessoas que são contra, que estão dentro da UNE e que são contra. Então existem pessoas que são contra e nós respeitamos isso. É a individualidade de cada um, de cada grupo. [A questão do aborto] foi votada congressionalmente. Então assim: a UNE polemizou algumas coisas que a sociedade talvez não estivesse preparada, nós recebemos algumas críticas quanto a isso, porque nós estamos até um pouco adiantados na sociedade. Cheguei a ler um artigo no jornal que dizia: “a UNE agora mata crianças”.

A discussão que a gente trata é de um nível muito diferente. A discussão que a gente trata é no sentido da saúde pública, do papel do Estado, de qual é o papel do Estado. A gente não vai ficar dentro da UNE discutindo religiões, opiniões, sei lá, de que religião. Nem fica fazendo apologia ao aborto, às drogas, que são questões de saúde pública, de saúde da sociedade. O Estado, como bem foi dito, é um Estado laico. (Grupo Focal, UNE).

Um jovem cigano disse que apoiaria a legalização, desde que sua realização fosse condicionada à autorização tanto do pai quanto da mãe: *Eu apoiaria o aborto desde que houvesse consentimento das duas partes: pai e mãe*. Em geral, os jovens ciganos advogam que campanhas de planejamento familiar minimizariam o problema do aborto, sendo alguns favoráveis apenas para os casos de estupro:

46 www.saude.gov.br

O problema do Brasil em relação ao aborto é a ausência de informação e a dificuldade de acesso à saúde, sobretudo das meninas, o que faz com que elas engravidem mais cedo e não haja nenhum tipo de planejamento familiar. Em razão de a saúde pública ser inadequada, as mulheres vão se utilizar do aborto como método contraceptivo, e não como última instância. (Grupo Focal, Ciganos).

Como o jovem cigano referido acima, integrantes da CONTAG declararam que somente são favoráveis ao aborto em caso de estupro ou deficiência do feto:

Eu sou totalmente contra porque, na verdade, é resolver um problema e não tentar resolver a causa do problema. (...) Deve-se tomar a precaução antes e não tentar matar o que está vivo dentro de uma mulher. Caso diferente é o do estupro ou quando a criança está com alguma deficiência, é outra situação. (...) O acesso ao anticoncepcional e o acesso à camisinha são situações que devem ser apreciadas para depois resolver a questão do aborto. (Grupo Focal, CONTAG).

Na legislação penal brasileira existem duas formas de aborto que não são reprimidas. Uma delas é o chamado aborto terapêutico, quando a intervenção é imprescindível para salvar a gestante de morte certa, contemplado no artigo 128, inciso I do Código Penal. Nesse caso, existe a possibilidade de o médico provocar o aborto se verificar ser esse o único meio de salvar a vida da gestante. No caso, não é necessário que o perigo seja atual, bastando a certeza de que o desenvolvimento da gravidez poderá provocar a morte da gestante. O risco de vida pode decorrer de anemias profundas, diabetes, cardiopatias, tuberculose, câncer uterino etc. Tais riscos, porém, por vezes podem ser atualmente atenuados, tendo em vista a evolução da medicina e dos procedimentos cirúrgicos. O inciso II, do artigo 128, torna isento de pena o aborto praticado por médico quando a gravidez resulta de estupro, com o prévio consentimento da gestante ou, quando incapaz, de seu representante legal. Note-se que os jovens entrevistados tenderam a se referir mais à aceitação do aborto no caso de estupro, sendo raras as referências a outras formas permitidas por lei.

Durante a Conferência, um jovem do PSDB comparou a polêmica em torno da legalização do aborto à legalização das drogas, considerando que o país ainda não possui maturidade e estrutura para adoção de tais avanços. Quanto à legalização do aborto, é favorável, mas afirma que seria necessária uma infra-estrutura efetivamente adequada:

Com relação às legalizações, seja das drogas, seja do aborto, eu acredito que a gente atropela as coisas aqui no Brasil, sabe? (...) Nós temos países hoje onde as drogas são legalizadas, onde o aborto é legalizado e tudo mais, mas são países que já desenvolveram um sistema de saúde, que já desenvolveram um sistema de educação, em que o povo está preparado para isso. (...) Então: “até quando vai ser permitido se fazer o aborto?”, “em que condições esse limite pode ser excedido?”, “em caso de violência sexual?”. Então, com relação à legalização do aborto, sou a favor, mediante todo o embasamento da questão, seja no âmbito da educação, seja no âmbito da saúde. (Grupo Focal, PSDB).

Já outro jovem, também do PSDB declarou ser favorável à legalização do aborto, mas com restrições, destacando ainda o problema das DSTs e a necessidade de se travar uma discussão que não seja polarizada pela religião:

Eu também sou a favor da legalização do aborto, mas com sérias restrições, uma vez que você não pode chegar e liberar de vez o aborto. Porque liberando o aborto de uma vez por todas, a tendência é que as pessoas também parem de pensar em se cuidar em relação às doenças sexualmente transmissíveis, deixem de usar camisinha porque se engravidar pode abortar e aí podem contrair doenças. (...) O Estado é laico, então eu acho que não cabe ficar discutindo se a vida começou antes ou se a vida começou depois. A partir do momento em que Estado é Estado e não Igreja, o aborto deve ser liberado. (Grupo Focal, PSDB).

Alguns jovens de Comunidades de Terreiro se declararam contrários à legalização do aborto, considerando que o problema da gravidez indesejada poderia ser contornado com campanhas de educação e conscientização:

Existe o acesso à camisinha, a tudo, e por que não trabalhar nisso ao invés de legalizar o aborto? Vamos fazer uma campanha nacional de peso para colocar as garotas para buscar recursos de prevenções, nos espaços, nas escolas, falar melhor sobre isso, sobre sexualidade, para as adolescentes se prevenirem. Porque hoje em dia está muito liberada a sexualidade, então vamos lá trabalhar pela prevenção, ao invés de a gente estar brigando pelo aborto que vai meter as religiões... e aí é uma discussão que vai durar muitos anos e ninguém vai concordar. (Grupo Focal, Jovens de Comunidades de Terreiro).

Os jovens ambientalistas polemizaram a questão, alguns se posicionando favoravelmente, outros contrariamente; destacaram, ainda, o perigo da banalização que poderia transformar o aborto em método contraceptivo:

Eu sou a favor por uma única questão: a maioria das mulheres com as quais eu converso hoje em dia sobre esse tema são a favor por causa da quantidade de meninas carentes que morrem tentando fazer um aborto. Mas antes de legalizar o aborto, eu também sou a favor de um processo de capacitação, orientação, instrução e divulgação, para que não haja gravidez precoce. Mas hoje prevalece a realidade da gravidez precoce e da não legalização do aborto. Então, essas meninas acabam fazendo processos da maneira como elas pensam ou porque algum vizinho indicou de maneira clandestina e acabam morrendo. Então, quando eu falo da legalização não é porque eu sou a favor de que se mate uma vida, mas que se dê um suporte ou pelo menos organize isso. (Grupo Focal, Ambientalistas).

Um outro jovem ambientalista declarou ser contrário à legalização do aborto, por entender que as pessoas devem ser responsáveis pelos seus atos e por de certa forma compartilhar de uma perspectiva de sacralização da vida:

Se a pessoa é capaz de fazer sexo, ela tem que ser capaz também de gerar uma vida, tem que ser capaz de ter uma família, tem que ser responsável porque – querendo ou não – ela tem uma vida na barriga dela. Até quando a pessoa é estuprada e ela tem um filho na barriga, esse filho é uma vida: não interessa a maneira como ele foi gerado, mas é uma vida. (Grupo Focal, Ambientalistas).

Integrantes da CUFA chamaram a atenção sobre os abortos que são realizados em condições precárias e a necessidade de conscientização e campanhas de prevenção.

Acho também que se legalizar o aborto haverá outros problemas: as pessoas vão fazer sexo sem preservativo com mais pessoas, sabendo que no dia seguinte ou no mês seguinte é só abortar; vai aumentar o nível de doenças sexualmente transmissíveis, a AIDS, desestruturação da família, você não vai ter vínculo com as pessoas com quem faz sexo (...) (Grupo Focal, CUFA).

Os jovens da UJS consideraram que a questão não é de ser a favor ou contra o aborto, mas de discutir os problemas sociais relacionados à questão como a realidade das mulheres que se submetem a abortos, como escolaridade, condição quanto a rendimento e o fato de que as mulheres que fazem aborto na sua maioria são de determinado grupo étnico-racial, são mulheres negras, e que o aborto deve, portanto, ser discutido como uma questão social:

De fato, milhares de mulheres fazem aborto. Mas as que sofrem consequências geralmente são mulheres pobres, negras, porque elas não têm dinheiro pra pagar quatro mil reais pra fazer em uma clínica clandestina. Então, é uma questão também social. (Grupo Focal, UJS).

Alguns jovens da FETRAF e da CUT também ressaltaram a posição antes esboçada, ou seja, de que o aborto é uma realidade, uma questão social que deve ser discutida considerando quem o faz, porque o faz e as consequências que advêm pela ilegalidade e quando não se tem um sistema de saúde de qualidade que dê cobertura para esses casos:

Esses temas vinculados ao aborto, à questão das drogas, à própria questão das DST's – que é uma questão de saúde – ainda é um tabu em muitas regiões. Então, é difícil esse debate, é difícil fazer com que a juventude, que tem uma influência muito forte da Igreja, seja católica ou de outras igrejas, no espaço rural – e isso define muito as posições – debata sobre o tema. (...) Fica muito restrito a alguns grupos esse debate, muito restrito ao espaço da mulher a discussão do aborto. E aí a gente às vezes formula a opinião sem conhecer (...) Eu acho que nós precisamos nos abrir para entender o posicionamento de outros grupos. A gente tem um caminho longo, na minha avaliação, na agricultura familiar, no espaço rural, para que esses temas que são tabus hoje sejam discutidos e as pessoas possam ter uma opinião contrária ou a favor (...) (Grupo Focal, FETRAF).

Segundo os jovens da CUT, há uma resolução da CUT favorável à legalização do aborto, mas que são necessários mais debates, conscientização e um amplo programa de educação tratando de um tema tão polêmico e delicado. Destacaram ainda problemas sociais que perpassam a questão do aborto como alto índice de mortes, clandestinidade, dentre outros.

Somos todas clandestinas, somos na verdade, no fundo, no fundo, todas clandestinas porque o aborto, ele existe e ele mata! (...) É lógico que tem que ter uma política uma política de conscientização, mas a questão do aborto é: dar o direito a todas de escolherem se querem ou não fazer; não só as ricas poderiam optar, mas as menos favorecidas também. (Grupo Focal, CUT).

No campo, por exemplo, tem muitas mulheres que são vítimas inclusive dos próprios maridos, que querem o sexo na hora que eles querem, do jeito que eles querem e às vezes batem na mulher, então a mulher acaba não querendo mais um filho, porque vai

ser mais um pra sofrer. Então elas acabam tomando chá de ervas, chá de cabacinha, mas eu particularmente tenho muito cuidado em fazer esse debate, as próprias mulheres não têm consenso entre elas nesse tema. (Grupo Focal, CUT).

Na percepção de uma jovem da CONTAG, o tema ainda é tabu, e as discussões restritas a determinados grupos e espaços, e que é preciso abrir o debate, sobretudo no meio rural.

Para algumas jovens mulheres da CONTAG, o aborto não deveria ser “legalizado”, mas sim “descriminalizado”.

Eu sou a favor da descriminalização que é diferente da legalização. Legalização eu acho que seria um passo muito complicado de se dar porque a gente vai lidar com vidas, com vidas atuais e com vidas futuras. Então eu sou a favor da descriminalização porque quando uma pessoa, quando uma mulher se dispõe a fazer um aborto, ela deve ter mil e um motivos pra fazer isso. Não se engravida para abortar. (Grupo Focal, CONTAG).

Alguns jovens do Hip-Hop se posicionaram favoravelmente outros contrariamente. Destacaram a necessidade não só de tratamento médico, mas também de acompanhamento psicológico para as mulheres que abortam.

Eu acredito que o índice de violência contra a mulher não é tão alto a ponto de justificar o aborto. Então, a gente quando fala de aborto está falando de vida e concepção. Eu sou contra a legalização do aborto com todas as palavras, porque eu sou a favor da vida. (Grupo Focal, Hip-Hop).

A questão do aborto, a gente é a favor. Eu já passei por duas experiências de aborto, uma até com uma ex-namorada, outra com uma amiga; uma foi na clínica, a outra foi com a tal da buchinha do norte. Tanto a da clínica, quanto com a da buchinha do norte, mexem com o psicológico. A mulher tem o corpo preparado pra ter filho, a partir do momento em que é interrompido esse ciclo, o corpo sente e a questão psicológica é muito afetada. Então, eu não sei como está sendo tratada essa questão mais a fundo, da questão do acompanhamento psicológico. Tem também a questão do planejamento familiar, que dá pra ser debatida, o aborto é uma questão mais gritante. (Grupo Focal, Hip-Hop).

Alguns jovens do grupo de Redes destacaram a influência do machismo no tratamento da questão.

Eu acho que às vezes o debate do aborto é travestido de muito machismo; lá no Ceará a gente fez um debate uma vez e quem se posicionou contra a questão do aborto foram todos homens, argumentando que o aborto é um assassinato, que a mulher podia dar esse filho para alguém e podia passar para o pai, como se isso fosse uma realidade, mas o que acontece é que é muito mais fácil para o homem vivenciar uma gravidez do que para a própria mulher. Eu em particular sou a favor da descriminalização do aborto, eu acho que as mulheres têm o direito de decidir (...) (Grupo Focal, Redes).

Uma jovem da força sindical posicionou-se a favor porque acredita que a opção de fazer ou não o aborto seja da mulher

Eu sou a favor porque cabe somente à mulher a responsabilidade de educar, é a mulher que carrega o filho. Aí a sociedade fica condenando a mulher porque ela interrompeu a vida de uma criança... Mas se desse ao homem a possibilidade de ficar grávido, com certeza isso seria visto de maneira muito diferente. Eu respeito a opinião de todos e isso me deixa muito confortável para dizer que eu sou a favor, e se eu estivesse com 15 anos de idade, grávida, miserável, pobre, sem apoio social ou familiar, eu teria um filho para contribuir mais ainda com tudo o que acontece com o país? (...) Eu fiquei grávida aos 23 anos de idade e eu não queria ter ficado grávida. Mas eu fiquei e assumi minha filha, porque eu optei por isso, mas se eu na hora tivesse optado por fazer um aborto e alguém dissesse para mim que eu era uma criminosa por fazer um aborto eu teria uma banana para dar para a pessoa. Porque aí ficam as mesmas pessoas que são contra o aborto, na sua grande maioria, ficam falando: por que ela não educou o filho? Por que a mãe não deu comida para esse menino?... Eu quero ter o direito de optar. (Grupo Focal, Força Sindical).

Alguns jovens da Pastoral se declararam radicalmente contra a legalização do aborto, mas que, ao contrário do que muitos pensam daqueles que são religiosos, são favoráveis à intensificação do debate, até porque é um tema importante, que versa sobre o direito à vida, e que tem levado à morte milhares de mulheres que realizam abortos em condições precárias.

A gente é contra, é uma questão de princípios da vida. Acho que independente de eu ser cristão ou ser budista, todo mundo preza pela vida. Existe aquela conversa de que a mulher tem o direito de decidir (...) Muitas mulheres morrem, por consequência de acabarem conduzindo uma gravidez de risco até o final, por não quererem abortar, mas só que, em contrapartida, o número de mulheres que morrem por consequências de abortos, é muito superior. (Grupo Focal, Pastoral).

Um jovem da CUFA se posicionou contrário à legalização do aborto por entender que ele é um atentado contra a vida, apresentando ainda motivações religiosas.

Eu sou totalmente contrário, acho que Deus deu o dom da vida e quem somos nós para retirar, mesmo que a criança não tenha vindo ao mundo ainda? Existem vários mecanismos, vários meios, vários programas para você evitar um filho, acho que o governo investiu bastante nisso desde preservativos, campanhas, na mídia, TV, internet, mas mesmo assim esse jovem não se conscientizou então, o mínimo que ele deve fazer é dar o amor e condições de vida pro seu filho. (Grupo Focal, CUFA).

As jovens Feministas sublinharam sua posição a favor da legalização do aborto, tema que segundo elas foi consenso no GT que desenvolveram na Conferência, enfatizando também direitos humanos das mulheres, questão de saúde, direitos sexuais e reprodutivos.

Sobre o aborto eu tenho três pontos muito básicos. Um: ninguém é a favor do aborto, certo, porque ninguém é a favor da morte, de matar e essas coisas, enfim, ninguém é a favor do aborto.

Agora, segundo: o aborto é hoje uma questão de saúde pública no país, certo, e saúde pública é responsabilidade do Estado. O que isso quer dizer é que a gente não pode, que

a sociedade brasileira não pode fechar os olhos, que os gestores públicos não podem fechar os olhos e tampouco o orçamento do Estado pode se negar a não tratar isso como uma problemática, uma grande problemática para o Estado brasileiro. (...) Hoje, um dos déficits do SUS é a questão do aborto, porque a gente vê os médicos, os funcionários de saúde, eles esquecem tudo o que eles aprenderam, todos aqueles juramentos e se tornam seres irreconhecíveis e desumanos. Na grande maioria das vezes é assim... os postos de saúde, os hospitais de emergência hoje no país, é hoje uma constatação: tratam as mulheres que sofrem abortos – provocados ou não – como bichos. Eles não respeitam, eles não têm a mínima consideração, é altamente desumano isso. (...) E a última questão é o planejamento familiar, porque o que leva hoje à gravidez indesejada é a ausência de um planejamento familiar. Das jovens mulheres não conhecerem seu corpo, seus direitos de se prevenirem, de se organizarem, de terem uma relação – estável ou não – com seu parceiro e saberem as consequências disso, entendeu? Então: é a questão do planejamento familiar, que é uma responsabilidade deles e eles não podem ser omissos. É a questão da saúde pública que essas mulheres estão morrendo mesmo e a gente não pode fechar os olhos. (Grupo Focal, Jovens Feministas).

4.4. UNIÃO CIVIL ENTRE PESSOAS DO MESMO SEXO

Durante a 1ª Conferência Nacional de Juventude, os participantes foram perguntados sobre a legalização do casamento de pessoas do mesmo sexo. Assim, 33,9% indicaram que são completamente a favor e 16,2% como completamente contra, e contra (7,6%), sendo que 18,2% dos entrevistados foram indiferentes quanto ao tema.

TABELA 32. Percepção dos participantes da Conferência Nacional de Juventude sobre a Legalização do casamento de pessoas do mesmo sexo - Brasília, 2008

Legalização do Casamento	%	N
Completamente a favor	33,9	628
A favor	21,2	393
Indiferente	18,2	337
Totalmente Contra	16,2	301
Contra	7,6	141
Em branco	2,9	54
Total	100,0	1854

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008).

NOTA: Foi perguntado: Para a frase: 'A legalização do casamento de pessoas do mesmo sexo' gostaria de saber se você é a favor ou é contra?

A união civil entre pessoas do mesmo sexo foi tema que gerou debates entre os participantes dos grupos entrevistados. A maior parte das discussões girou em torno da necessidade da garantia do estado de direito, da laicização do Estado e da política, questão patrimonial e afetiva, família, aspectos morais e religiosos e livre escolha.

Alguns jovens do PMDB debateram a questão, dando destaque sobre um modelo ideal de família: a gente banaliza a família e a gente acha que tudo é normal, não nem tudo é normal.

Houve polêmica, alguns se declararam ser contra, alegando: a família tradicional não pode ser banalizada... Outros rebateram, dizendo que não existem modelos acabados de família:

Sou contra porque acho que você agride a maior instituição do mundo que é a família. Como é que você vai legalizar um casamento de um homossexual. Você vai criar um menino como? Como é que essa criança vai crescer nesse lar? Do ponto de vista psicológico você agride a família, você está dizendo que a família está errada, que não tem que existir pai e mãe (...) (Grupo Focal, PMDB).

Eu acredito numa família, mas não nessa família imposta, com pai e irmão dentro de casa... Existem crianças que são criadas pelos pais, pelos avós e isso é a família delas, não é por que elas não têm pais e mães e vão ter dois pais que não é uma família (...) (Grupo Focal, PMDB).

No direito brasileiro a convivência entre pessoas do mesmo sexo ainda não é regulamentada. Contudo, já existe desde 1995 um projeto que visa disciplinar essa união. Trata-se do projeto de lei número 1.115, de autoria da deputada federal Marta Suplicy (PT/SP). Tal projeto possui 18 artigos que objetivam, acima de tudo, proteger os direitos à propriedade e à sucessão das pessoas do mesmo sexo que tiverem reconhecida a sua união civil, o que tem disseminado muita polêmica e até mesmo o repúdio declarado da Igreja e de alguns setores da sociedade. O referido projeto, entretanto, jamais foi aprovado na Câmara dos Deputados.

Em março de 2004, o estado do Rio Grande do Sul foi o primeiro no país a legalizar a união civil entre pessoas do mesmo sexo graças a uma decisão judicial. Em julho de 2008, o Piauí também legalizou a união civil entre pessoas do mesmo sexo. Apesar de não ferir a legislação nacional sobre casamento em vigência, a união garante alguns direitos que não eram garantidos aos casais, tais como a custódia de filho e a herança.

Alguns jovens da UNE afirmaram que é papel do Estado garantir os direitos das pessoas e da UNE debater congressionalmente essas questões. Segundo um dos depoentes, existem pessoas dentro da UNE que são contra a união civil homoafetiva, outras que são a favor, mas que na plenária ficou decidido que a UNE é a favor:

Uma coisa é o seguinte: a gente não está reivindicando que o cara possa casar na igreja, que isso lá é a igreja que vai dizer se vai poder ou não, agora você tem que garantir a união civil. O cara teve uma vida estável com a pessoa, porque que essa pessoa não vai ter os mesmos direitos que um casal hétero tem? Não faz o menor sentido. Então, é congressional isso. No último congresso foi aprovado isso. Somos a favor. (Grupo Focal, UNE).

Um jovem do PSDB também pensa de forma semelhante. *Uma coisa é a união civil, outra coisa é a união religiosa. A união religiosa a Igreja é que deve cuidar, agora, o Estado não pode ficar impedindo que duas pessoas que se amam, fiquem juntas, sejam felizes e tenham os mesmos direitos,*

A seguir depoimentos de diversos grupos de jovens a favor da legalização da união de pessoas do mesmo sexo: Os do Grupo de Redes lembraram que união civil não é assunto religioso, mas relacionado à questão dos direitos. Para outro jovem da Pastoral, que também se mostrou

favorável, o livre arbítrio deve prevalecer. Alguns jovens de Povos de Terreiro lembraram ainda da questão patrimonial:

O que eles estão discutindo é o casamento no civil e não na Igreja Católica, porque quando se vê falando sobre a união, o pessoal está colocando na mídia que eles querem casar na igreja e na realidade não é isso, o grupo do GLBT quer casar no civil, a proposta deles só é essa. (Grupo Focal, Redes).

(...) Enquanto não liberam a lei do casamento de pessoas do mesmo sexo, você constrói uma vida toda com uma companheira e chega lá no final ela vai ficar desamparada, ela não vai ter direito a entrar no apartamento que vocês compraram, não vai usufruir do que vocês construíram, isso é complicado, isso é egoísmo puro e é um preconceito que até passou dos tempos. (Grupo Focal, Povos de Terreiro).

É uma discussão complicada, a respeito dessa união. Eu particularmente sou a favor, eu sou contra os princípios da própria Igreja, eu sou a favor, porque eu acho que as pessoas têm o livre arbítrio para escolher o que é bom pra si. Se ela imagina que aquilo é bom para ela eu não vejo problema nenhum em ela escolher a pessoa com quem ela quer estar ao lado. Eu vejo que se é bom para ambas as partes, eu não vejo problema nenhum. (Grupo Focal, Pastoral).

O Projeto de Lei 1.151/95, da Deputada Marta Suplicy (PT/SP), visa disciplinar a união civil entre pessoas do mesmo sexo e tem o seguinte “slogan”: UM LEGÍTIMO DIREITO DE CIDADANIA. O texto do Projeto de Lei 1.151/95 é composto por 18 artigos e tem como base o direito à herança, sucessão, benefícios previdenciários, seguro saúde conjunto, declaração conjunta do imposto de renda e o direito à nacionalidade no caso de estrangeiros. É importante frisar que em momento algum o projeto se refere à palavra casamento, mas sim à união civil.

Há entraves jurídicos ao conceito de casamento para nomear a união civil entre pessoas do mesmo sexo. O Código Civil brasileiro, em sua parte especial, livro I, art. 180 e seguintes, trata de inúmeros casos, dos quais pode-se concluir que a diversidade de sexo é uma condição essencial para a existência do casamento. Além disso, em diversos momentos, o Código, mais especificamente no capítulo sobre casamento, remete aos direitos e deveres do marido e da mulher. A própria Constituição Federal de 1988, reconhece expressamente, para efeito de proteção do Estado, a “união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento” (art. 226, parágrafo terceiro).

O projeto de União Civil entre pessoas do mesmo sexo, na prática, não é muito diferente do casamento, pois os contratantes irão viver juntos, deverão declarar imposto de renda conjuntamente, terão benefícios previdenciários e seguro saúde, exatamente como ocorre em um matrimônio. Todavia, sob o aspecto jurídico, as diferenças existentes entre o casamento e o projeto de união civil são notórias.

Tais disposições e entraves jurídicos não são discutidos pelos jovens entrevistados que enfatizaram a questão de direitos humanos à diversidade de relações sexuais e à flexibilidade que deveria comportar o conceito de família. Segundo um jovem da CONTAG:

Dentro do campo, também tem essa transformação, essa mudança dos tipos de família. Eu posso ter só mais um irmão e considerar família minha. Não estou colocando isso como uma coisa ruim, mas nós vamos ter grandes mudanças quanto a isso. Coisa nova gera medo. E como enfrentar essa realidade que está surgindo? (Grupo Focal, CONTAG).

Outro jovem da Pastoral declarou que não vê grandes problemas entre as pessoas de mesmo sexo se unirem, que é a favor da união civil, mas contra a possibilidade de união sacramental. Além disso, declara que sua maior preocupação é em relação à filiação, pois não considera saudável, filhos criados em família de pares homoafetivos, portanto, que é contra a adoção de filhos por casais de mesmo sexo:

(...) O casamento é o sacramento, é um sinal do amor de Deus. Então é a questão sacramental, a questão teológica, os dogmas da fé e isso não se discute. Agora tem a questão do antropológico, do sociológico e qual que é o sentido da família? É a questão de ter filhos, mas se a pessoa não quer isso, eu acho que ela tem o direito de escolha. Só que existe um porém, se dois homens ou duas mulheres se gostam e querem viver juntos, tudo bem, mas a minha preocupação é a consequência disso, porque muitos têm adotado filhos, e como fica a educação que estão passando para os filhos? (...) Que tipo de família a gente vai ter daqui a quinze, vinte anos? Porque o homem e a mulher, por mais que tenham as divergências, são seres complementares, um foi feito para o outro (...) (Grupo Focal, Pastoral).

A maior parte dos jovens da FETRAF declarou ser favorável, mesmo considerando o assunto polêmico. Apenas um jovem foi contra, devido a sua formação católica.

Eu sou contra devido a minha religião, a minha formação católica. Eu sou católico e eu acho que a Bíblia fala muito sobre a questão da sexualidade, então acho que a gente deve cumprir o nosso dever de homem; eu acho que a mulher é mulher, e o homem é homem. Deve existir esse aprofundamento na questão, que cada um decide pelo seu jeito de ser, mas eu sou contra o casamento de homem com homem, e mulher com mulher. (Grupo Focal, FETRAF).

No entendimento de um jovem da Pastoral, os meios de comunicação apresentam uma posição simplesmente favorável, sem promover o debate:

Eu sou contra, eu não consigo imaginar como que uma pessoa pode manter uma convivência sexual com outra pessoa do mesmo sexo e pensar numa constituição familiar. Agora, infelizmente, os meios de comunicação trazem não mais uma discussão, mas uma aceitação de fato, de que a convivência do mesmo sexo é uma coisa já passiva e aceitável. Infelizmente eu não consigo ter essa concepção. (Grupo Focal, Pastoral).

Uma jovem disse que era totalmente contra até conviver com um amigo e uma amiga que são homossexuais, mas que hoje entende melhor a questão. Mesmo hoje sendo um pouco mais favorável, é radicalmente contra a possibilidade de união sacramental, uma vez que para Igreja tal tipo de união não poderia ser chamada de família.

Bom, eu tinha um posicionamento totalmente contra até um tempo atrás, mas atualmente eu moro com um homossexual, moramos eu, uma amiga e um amigo homossexual (...) e esse rapaz, em particular que mora comigo não está assim porque ele quis, foi porque a vida apresentou isso pra ele (...). Então, eu não vou dizer que eu sou cem por cento a favor, mas desde que não mexa na questão dos dogmas da Igreja e que não venha querendo casar na Igreja Católica. A gente está discutindo aqui a união estável, não o casamento. Então se é uma união estável, a gente respeitando esse direito que eles querem, eles devem respeitar o nosso também de preservar os nossos dogmas, as nossas crenças. (Grupo Focal, Pastoral).

Segundo um jovem da pastoral, a Igreja Católica não discrimina o homossexual, apenas não aceita o *pecado*, além de declarar que a união civil homo-afetiva tem que ser debatida para que não haja inversão dos valores de família.

Vocês podem perceber que a Igreja Católica está bem aberta para essas discussões e até mesmo não discrimina o homossexual. Isso eu acho muito legal da Igreja Católica, mas o que ela não aceita na verdade é o pecado, entende? Agora, realmente, é uma questão que tem que ser muito bem discutida porque senão pode haver muitas inversões de valores e isso pode também trazer um colapso para a família brasileira no caso. (Grupo Focal, Pastoral).

A Pastoral da Juventude tenta defender a sociedade, porque Jesus veio para libertar os excluídos, ele veio para os excluídos. Os homossexuais são excluídos da sociedade, mas senta para conversar com essa Igreja, a Igreja fecha as portas. (Grupo Focal, Pastoral).

Um jovem Evangélico entende que debater sexualidade entre evangélicos ainda é um grande tabu, o que pode gerar preconceitos. Mas acredita que a Igreja precisa ser mais bem informada para acabar com a homofobia que, ao seu ver, não é uma atitude cristã:

Como eu realizo um trabalho com adolescentes e jovens e sempre a gente trata dessa questão de sexualidade sendo evangélicos, isso é um grande tabu que a gente tem por causa dos nossos princípios, daquilo que a gente crê, daquilo que a gente vive, isso gera preconceitos se não for trabalhado. Eu estou muito animada com isso tudo que está acontecendo, ultimamente a gente pode trazer mais conhecimento e acabar com esse lance da desinformação dentro da igreja, dos jovens da igreja, para não gerar homofobia, porque isso não é bíblico, isso não tem nada a ver com o que a gente crê, não tem nada a ver com o que a gente quer praticar, mas às vezes é uma questão de desinformação. Eu vejo espaço aqui. (Grupo Focal, Evangélico).

Segundo os jovens Ciganos, não há homossexualismo entre eles [Ciganos], já que a tradição prescreve os casamentos desde muito cedo. Todavia, alguns se declararam a favor e outros contra:

Entre os ciganos, existem dois grupos, ciganos Aronas e Kalons, não existe nenhum cigano, de maneira geral, que seja gay. Não existe porque a cultura e as tradições são muito presentes, são diárias, os Kalons, tem seus costumes, os Aronas os seus, mas em relação a esses aspectos, não existe ou pelo menos que eu saiba. (Grupo Focal, Ciganos).

E nossa tradição é sempre casar logo cedo, já é prometido um jovem para outra jovem, com a jovem já criança. E eu acho que o casamento entre homossexuais não é certo. Entre nós não tem, mas existe entre outros povos e raças, mesmo assim eu acho isso totalmente errado. (Grupo Focal, Ciganos).

Na verdade eu sou a favor dessa união civil dos gays. Eles vivem juntos, constituem um patrimônio, mas quando um morre, a família que rejeitou o cara vai lá e fica com os bens e o ex-companheiro fica a ver navios. No Brasil você só pode atestar cinquenta por cento do seu patrimônio, então por uma questão legal, no meu ponto de vista, isso tem que existir. (Grupo Focal, Ciganos).

Os jovens Ambientalistas foram indagados e polemizaram a questão. Alguns se declararam favoráveis, outros contra por motivação religiosa.

No caso do casamento eu sou a favor e contra, porque poderá prejudicar várias entidades religiosas que não incorporam esses ideais, não é um pensamento homofóbico, mas pela prática mesmo da doutrina religiosa, então eu sou contra a partir desses parâmetros, desses princípios. (Grupo Focal, Ambientalistas).

Sou a favor porque é uma realidade, a sociedade tem que acompanhar os comportamentos. Criam-se leis depois se geram comportamentos. Hoje a gente tem uma realidade diferente, o comportamento está acontecendo e às vezes a gente não está acompanhando, até mesmo a ideologia religiosa (...). Eu acho que é uma quebra de paradigma social, um processo de mudança enfrenta um certo desagrado, uma certa ansiedade, você fica assustado com certas situações, mas também permite que esses comportamentos sejam aceitos. Eu acho que uma democracia que se discute, que seja representativa e que passe a ser participativa tem que permitir as diversas manifestações da realidade do comportamento social. (Grupo Focal, Ambientalistas).

Os jovens do Hip-Hop se declararam favoráveis à união civil homoafetiva, debatendo o problema do moralismo e das pessoas da periferia que no passado tinham que esconder sua opção sexual por causa do preconceito.

Nós vivemos numa sociedade cheia de moral, cheia disso e daquilo e onde a imoralidade daqueles que defendem a moral é muito pior, então, eu acredito no sentimento, eu acredito no amor entre pessoas, isso responde tudo. (Grupo Focal, Hip-Hop).

Se rolou o sentimento, pode ser do cara com a árvore, vai na fé, entendeu? Se é aquilo que te agrada, se é aquilo que te faz feliz, vai na fé. Na periferia, isso daí era um sentimento muito velado. Há pouco tempo atrás é que está vindo, está sendo mais aflorado esse sentimento da menina gostar de outra menina, do cara gostar de outro. Dentro do Hip-Hop, é muito complicado na nação Hip-Hop Brasil, hoje a gente está tratando. (Grupo Focal, Hip-Hop).

Sobre a união eu sou a favor totalmente, que seja livre pra que não seja mais escondido, porque isso aí já vem de muitos anos atrás. Muitos casais casavam por aparência e quem sofria era a família (...) (Grupo Focal, Hip-Hop).

Os jovens da CUFA foram indagados e debateram a questão, posicionando-se favoravelmente. Segundo um dos jovens, não faz sentido ir contra algo que é uma realidade.

Não vai ter como impedir essa tendência mundial não. Vou só usar uma comparação, com relação à maconha, é proibido, mas todo mundo usa. É assim o casamento entre homossexuais, mesmo proibindo casamentos homossexuais você ainda vai saber que existem milhares de casais homossexuais... Não dá pra a gente passar o pano numa coisa e fingir que não existe. Acho que se as pessoas querem viver em matrimônio e já têm essa relação, não é possível impedir isso, não tem como barrar esse tipo de coisa. (Grupo Focal, CUFA).

Outra jovem da CUFA entende que o posicionamento contrário da Igreja é hipocrisia, pois muitos religiosos praticam sexo considerado ilícito pela Igreja e pela sociedade. Ponderou também sobre a necessidade de descriminalização do homossexualismo.

Durante séculos a Igreja Católica proibiu o sexo e até hoje entre os padres, eles não podem casar, mas durante séculos eles praticaram a pedofilia, durante séculos eles iam pra debaixo das igrejas e faziam algazarra ali homem, mulher, freira, e etc., então é muita hipocrisia, é dizer não, e fazer. Uma verdade para ser verdade, ela tem que ser sentida, feita, tem que se tornar uma ação senão ela não é uma verdade é uma palavra, ela não foi nem pensada e nem feita (...). Sobre os homossexuais qual é o problema de aceitar que a diferença existe? A gente tem que entender que algumas pessoas têm outras necessidades diferentes pra poder crescer, viver, pra evoluir, etc. (...). É tudo muito conflitante, uma pessoa não é má porque ela é gay, mas também não quer dizer que todos os gays são bons (...) (Grupo Focal, CUFA).

No entendimento de um integrante da CUFA, o importante é a pessoa ser feliz e agir de maneira respeitosa em ambientes públicos. No entanto, a exemplo dos negros, não acredita que a legalização vai acabar com o preconceito.

(...) É claro que o embate vai haver sempre, mesmo se legalizar, vai haver o preconceito, assim como há contra o negro após quinhentos anos de Brasil e acho que 100 anos de libertação dos escravos, então preconceito sempre vai existir. A gente tem que partir do princípio que se nosso objetivo é ser feliz então porque eu posso ser feliz com a minha esposa e você não pode ser feliz com o seu parceiro? Então eu sou a favor da legalização sim. Inclusive apoio algumas ações do grupo GLBT lá no Mato Grosso, pessoal está se organizando, tão criando suas organizações para busca de direitos e também cumprir seus deveres, pois essas pessoas têm que ser coerentes na sua postura, a pessoa por ser gay também não pode fazer o que quiser na rua, então tem que haver um respeito, pra ser respeitado precisa respeitar, acho que tem que haver a balança geral disso tudo aí, mas da maneira certa eu sou a favor sim. (Grupo Focal, CUFA).

4.5. DIMINUIÇÃO DA MAIORIDADE PENAL

A opinião pública costuma ser mobilizada pela mídia sobre a diminuição da maioridade penal quando ocorre algum crime hediondo envolvendo adolescentes e jovens menores de 18 anos. Os que são a favor da diminuição da maioridade penal costumam argumentar que existe uma falsa noção de que a fixação da maioridade penal aos 18 anos seria um direito humano, o que geraria

um grande desrespeito à vida de possíveis vítimas. O Brasil vai em direção contrária da maioria dos países: os direitos humanos não devem ser respeitados em caso de homicídios, considerando que alguns atores de violências seriam irrecuperáveis.

Se os que são a favor da diminuição da idade penal geralmente se alinham a uma perspectiva de punibilidade e desconsideração da singularidade de ser adolescente ou jovem, e suas vulnerabilizações impostas pelos sistemas de vida e falhas no sistema penal, em particular no cumprimento de medidas sócio educativas, os que são contra mais focalizam os jovens atores de violência, quem são e o que podem vir a ser. Note-se, portanto que é difícil o diálogo sobre o tema, já que cada lado parte de premissas divergentes.

Você hoje vê jovens no jornal só porque jovem matou, ou porque jovem roubou, ou porque jovem usa droga. Eu vejo pessoas fazendo todo um esforço para fazer a redução da maioridade penal, para enfiar as crianças na cadeia, mas eu não vejo pessoas fazendo um esforço para melhorar a educação, para enfiar as crianças e esse jovens para conhecer a sua cultura; nós somos um país culturalmente rico e nós desconhecemos nossa cultura porque as crianças não estudam cultura, não têm acesso à cultura, a cultura é extremamente cara e a isso a gente não tem acesso. (Grupo Focal, Força Sindical).

Com essa questão da diminuição da maioridade penal, o que nós teremos? Quem serão os jovens, os menores que estarão presos? Da periferia. São as populações excluídas, serão os jovens excluídos. Então, não vejo o porquê dessa discussão. O que nós temos que discutir é o seguinte, são as medidas educacionais que devem sim ser melhores, que devem sim ser praticadas, como a LDB está lá na Legislação, a Leis de Diretrizes e Bases, se a gente olhar, vai ver como aquilo dali seria interessante. Agora, o que a gente precisa sim é levar práticas para que o jovem, a criança e o adolescente tenham uma visão mais ampla do horizonte do que é a sociedade e aí com certeza, com oportunidade, um índice bem menor se dará para a criminalidade, enfim, e a gente terá menos problemas. (Grupo Focal, Hip-Hop).

Na 1ª Conferência Nacional da Juventude, o tema diminuição da idade penal para 16 anos não mobilizou debates. A maioria dos participantes foram taxativos: um pouco mais da metade se declarou totalmente contra (54,6%), mas é também considerável a proporção dos que foram completamente a favor ou a favor (18,0% e 11,7% respectivamente), ou seja, quase um terço. Não há diferenças significativas pelo tipo de participação: delegados e não delegados seguem a mesma tendência e o mesmo nível de respostas. Ver Tabela 33.

TABELA 33. Percepção dos participantes da Conferência Nacional de Juventude em relação à diminuição da idade penal para 16 anos - Brasília, 2008.

Diminuição da Idade Penal	Tipo de Participação		
	Delegado	Não delegado	Total
Totalmente Contra	54,4%	55,1%	54,6%
Contra	11,2%	9,4%	10,7%
Indiferente	4,5%	6,3%	5,0%
A favor	12,0%	11,1%	11,7%
Completamente a favor	18,0%	18,2%	18,0%
Total	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008).

NOTA: Foi perguntado: *Para a frase 'A diminuição da idade penal para 16 anos' gostaria de saber se você é a favor ou é contra?*

Já quando se identifica a idade dos respondentes – Tabela seguinte -surpreende que aqueles que podem vir a ser beneficiados pela recusa de tal projeto mais se destacam entre o que são completamente a favor: cerca de 43% entre os menos de 15 anos. Na faixa etária de 15 a 18 anos, entretanto, as opiniões já são bem diferentes: 61,5% dos entrevistados são totalmente contra a diminuição da idade penal para 16 anos e 15,9% são completamente a favor.

TABELA 34. Percepção dos participantes da Conferência Nacional de Juventude em relação à diminuição da idade penal para 16 anos, por idade - Brasília, 2008

Diminuição da Idade Penal para 16 anos	Idade					
	Menos de 15	15-18	19-25	26-29	30 ou mais	Total
Totalmente Contra	57,1%	61,5%	53,5%	52,8%	56,3%	54,9%
Contra	0%	9,6%	9,8%	12,1%	11,5%	10,6%
Indiferente	0%	3,8%	5,1%	6,3%	4,1%	5,0%
A favor	0%	9,1%	12,2%	11,5%	12,1%	11,6%
Completamente a favor	42,9%	15,9%	19,3%	17,3%	15,9%	17,9%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008).

NOTA: Foi perguntado: Para a frase 'A diminuição da idade penal para 16 anos' gostaria de saber se você é a favor ou é contra.

Segundo o sistema jurídico vigente, a maioridade penal se dá aos 18 anos de idade. Essa norma encontra-se inscrita em três Diplomas Legais: 1) artigo 27 do Código Penal; 2) artigo 104 *caput* do Estatuto da Criança e do Adolescente; e 3) artigo 228 da Constituição Federal.

O Legislador manteve-se fiel ao princípio de que a pessoa menor de 18 anos não possui desenvolvimento psicossocial completo para compreender o caráter ilícito de seus atos, ou de determinar-se de acordo com esse entendimento, erigindo, inclusive, o dogma constitucional (CF, art. 228). Adotou-se o sistema *biológico*, em que é considerada tão-somente a idade do agente, independentemente da sua capacidade psíquica.

4.6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Alguns temas contemporâneos que vêm mobilizando debates na sociedade foram tratados neste capítulo, como cotas por raça/etnicidade nas universidades, legalização das drogas, do aborto, lei sobre casamento entre pessoas do mesmo sexo e redução da maioridade penal. Trouxeram várias discussões e fica claro que são temas que dividem, inclusive não por fronteiras organizacionais, já que pessoas filiadas à mesma agência de mobilização não apresentavam as mesmas posições, o que indica que costumes e normas culturais são pautados por opções individualizadas seguindo valores.

Um dos temas mais polêmicos foi a questão da cota e não necessariamente as posições favoráveis ou contrárias se guiam por julgamentos homogêneos, apresentando-se um rico leque de argumentações a favor e contra. Também vale notar que ser contra cotas raciais não significa uma posição racista. Formatam-se críticas a cotas por raça/etnicidade, apelando-se a conceitos de nação, unidade e o que seria o social, hierarquia de necessidades, ou seja, por outros construtos também polêmicos e complexos.

Ao tratar da legalização das drogas, tem-se que cerca de 2/3 dos entrevistados se manifestaram contra ou totalmente contra, enquanto quase 1/3 a favor. Já nos grupos focais, de discussão e entrevistas, se a tendência se mantém, fica a proposição de que as organizações em que estão os jovens não vêm assumindo discussão mais aprofundada sobre o tema de drogas, principalmente o uso das drogas lícitas, como o álcool, ainda que se reconheça que tanto o consumo dessas como das ilícitas seja uma realidade que atinge parte significativa dos jovens em áreas urbanas e rurais de distintas inscrições socioeconômicas.

Os que se declararam mais veementemente contra a legalização das drogas, baseiam-se principalmente nos seguintes fundamentos: a legalização do uso de drogas está intimamente associada ao tráfico de armas e ao aumento da violência; o Brasil não possui alicerces para administrar a legalização, diferentemente do que ocorre em países como a Holanda; a legalização poderá aumentar o consumo das drogas e conseqüentemente os problemas decorrentes desse uso tanto para os usuários diretos quanto para toda a sociedade.

Os que foram a favor insistiram na separação entre tráfico e uso de drogas, e o reconhecimento de que há vários níveis de uso e que nem sempre isso significa dependência. Esgrima-se a tese do livre arbítrio e das escolhas individuais mesmo que essas causem danos, e que o problema maior seria a falta de informações sobre o assunto. Levanta-se também a questão dos interesses econômicos com a não legalização das drogas e que se pode estar incentivando o tráfico e a violência precisamente pelo seu caráter de ilegalidade.

De fato, os argumentos prós e contra não diferem dos apresentados por outras coortes geracionais, mas insiste-se, surpreende a falta de discussão mais sistemática sobre a questão das drogas e juventude, e da legalização do uso de drogas no plano das agências que congregam jovens.

Nos anos 80, a discussão do aborto estava mais centrada nos direitos das mulheres, frisando tanto saúde reprodutiva quanto direitos sexuais, pontos em que jovens do Movimento Feminista entrevistadas para esta pesquisa insistem. A partir da Conferência de População, do Cairo (1994) e a Mundial sobre a Mulher (1995) o aborto inseguro passa a ser qualificado como grave problema de saúde pública, o que também se registra em falas de jovens a favor, como da UNE, as Feministas e outros.

Mas a OMS adverte que a América do Sul é uma das regiões em que até hoje ocorre o maior número de abortos clandestinos do mundo, e o Brasil tem lamentável *status* em tal tema (CASTRO, ABRAMOVAY E SILVA, 2004⁴⁷). Jovens da CONTAG, da UBES, e outros se posicionam a favor da legalização, enfatizando o custo social para as mulheres pobres, em particular as negras e o fato de o Brasil ser um Estado Laico.

Os direitos das mulheres, a questão de saúde pública e as desigualdades sociais, que levam várias mulheres a riscos de vida, são argumentos dos que são a favor. Note-se que a maioria dos jovens entrevistados é contra a legalização do aborto. A influência de um *ethos* religioso fica implícito em muitos depoimentos, ainda que não seja esse o único condicionamento para tal postura. Também se argumenta que: o país ainda não tem maturidade e estrutura para adoção de tal medida; que a prática do aborto é arriscada, principalmente quando realizada de forma clandestina,

47 CASTRO, Mary; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena. *Juventudes e Sexualidade*. Brasília: UNESCO, 2004.

devendo haver investimento na prevenção e conscientização da mulher em evitar uma gravidez indesejada e não na possibilidade de realizar um aborto em condições seguras. Para alguns, com a legalização haveria o perigo da banalização do aborto, que poderia vir a ser encarado como método contraceptivo. Alguns jovens declararam que as pessoas devem ser responsáveis pelos seus atos, a prática do aborto seria uma fuga da responsabilidade. Já outros entrevistados definiram o aborto como um atentado contra a vida, apresentando ainda motivações religiosas. Os argumentos contrários à legalização do aborto tendem a decolar de orientações de valores. Note-se que no plano do debate sobre legalização do aborto, jovens ativistas se alinham ao encontrado quanto a percepções de jovens em geral em outra pesquisa e opiniões da população em geral (CASTRO, ABRAMOVAY e SILVA, 2004)

Se o aborto é um dos temas de fato polêmico e que divide opiniões não necessariamente em termos de filiação, já que na mesma entidade encontram-se pessoas com posições diferenciadas, um consenso se encontra: a maioria dos jovens entrevistados concordam que o aborto, a questão da descriminalização, direitos relacionados a gênero deveriam ser mais discutidos nas organizações que congregam jovens, considerando inclusive que essa é uma prática a que recorrem muitas jovens mulheres, sendo muitas vitimizadas pela clandestinidade e pelo estigma moral e religioso que rege o tema.

Ao tratar da União Civil entre Pessoas, mais de 50% dos jovens entrevistados se declararam a favor ou completamente a favor, revelando que a metade dos participantes da 1ª Conferência encaram a união civil entre pessoas do mesmo sexo como uma realidade atual e que assim como no casamento tradicional, os homossexuais têm direito a constituir uma relação sólida e juridicamente protegida. Mas há polêmicas sobre o uso de conceito família para as uniões homoafetivas, enquanto para alguns, a família vem-se diversificando e haveria diversos tipos de relações familiares, para outros, o tema tem forte conotação religiosa, o que condiciona que se entenda por família somente quando houver relações entre gêneros e entre gerações. Note-se que alguns chegam inclusive a ser contra a adoção de filhos por casais homossexuais.

No que se refere à diminuição da maioridade penal, a maioria dos jovens mostraram-se contra, no entanto, chama a atenção que quase um terço dos entrevistados afirmaram ser a favor, o que pede mais discussão sobre tema tão importante e sensível aos direitos humanos dos jovens.

5.

Família, a internet e a mídia nos discursos dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude

5.1. A FAMÍLIA

A família é considerada a principal referência na vida dos jovens para a maioria dos participantes (63%), principalmente entre os de menos de 18 anos (cerca de 70%). Ao serem perguntados sobre “a instituição em que mais confiam”, também a família se destaca no elenco apresentado, (ver Tabela 24, capítulo 2). De fato, a tese de que a família é a instituição social mais importante é parte de um léxico de valores da cultura mediterrânea e ocidental, reproduzida em particular quando a referência são crianças, adolescentes e jovens. Note-se que ao se perguntar *sobre a instituição em que menos confia*, a família aparece com menos de 1% de indicações (ver Tabela 25, capítulo 2).

Mas como toda generalização é questionável quando as práticas de relações sociais são investigadas, há várias referências e críticas em Grupos focais com relação à família, inclusive registrando violências por força de alinhamento a normas culturais restritivas, como as discriminatórias contra Grupos que não seguem o *script* heterossexual, além de indicações sobre violências sexuais.

A família é o primeiro local de socialização das crianças, onde se constrói a referência psicológica, afetiva, material e social. Porém, a família é uma das instituições mais afetadas pelo ritmo da modernidade, pelas transformações do mundo do trabalho, da cultura, das relações sociais e de afirmação de identidade/ individualidade, bem como pelas mazelas da economia política – em particular no caso das classes média e populares – o que afeta os processos de parentalidade, já elevado por ambiguidades nas definições de papéis: ser adulto, ter autoridade, ser pai, ser mãe.(SARTI 1996)⁴⁸

É também lugar comum na sociedade a ideia de que os “problemas” dos jovens estariam relacionados à perda de visibilidade social, de exercício de controle, de educação para valores pela família. No entanto, encontra-se entre os jovens e na literatura sobre essa população, a discussão de que família seria um empecilho à autonomia dos jovens, principalmente no plano da sexualidade ainda que se reconheça seu lugar de amparo quanto à afetividade e várias necessidades. No caso abaixo transcrito, não somente a jovem ressalta a dificuldade de diálogo na família, como sua impossibilidade, por tal falta, de poder apelar para o sistema legal, apesar de conhecê-lo e saber como fazer:

E o meu receio é sempre esse, então tipo, falar sobre a liberdade, direitos sexuais reprodutivos, orientação sexual, mas dentro da minha casa eu não tenho um diálogo aberto com a minha mãe e o meu pai; sou sempre reprimida e eu falo não, mas a gente tem direito, legalização

48 SARTI, Cynthia. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Ed. Autores Associados, 1996.

do aborto e tal. E minha mãe fala, é bonito lá, mas aqui dentro eu não quero, então esse é meu medo, o meu receio, até mesmo a realidade que não acompanha, falo não, eu tenho Maria da Penha, tenho isso, tenho aquilo, mas eu já fui agredida pelo meu namorado e não fiz nada e aí, bem complicado. (Grupo Focal, Feministas).

A ausência dos membros que compõem os espaços de socialização, como os familiares e os atores escolares no cotidiano e desenvolvimento das relações dos jovens aparecem como complicador que termina deixando a responsabilidade de formação para outros elementos, como a mídia – subentendida aqui como a televisão e a imprensa. Além disso, aparece uma preocupação sobre os sujeitos responsáveis pela educação e sua substituição por outros agentes cuidadores que, segundo a fala de um jovem da CUFA, não deveriam ocupar funções que as figuras materna e paterna deveriam desempenhar:

São muitos os desafios. A juventude há uns 20 ou 30 anos, ela ainda tinha referência ainda que mínima da família. Mesmo que não tivesse oportunidade de terminar o segundo grau, de fazer uma faculdade, ela tinha essa moral, essa educação em casa. Hoje não tem, hoje os pais devido ao trabalho intenso, todos os dias da semana, as mães têm que trabalhar as crianças acabam sendo educadas por outras pessoas que às vezes não tiveram condição nenhuma de estudo, de instrução, no caso secretárias, babás. E o jovem carente além de ele não ter a família, ele não tem escola e não tendo a escola e a única referência dele e nós sabemos que a formadora de público é a mídia, a imprensa... o que é passado na imprensa...é sexo toda hora, é drogas. Aqui mesmo na conferência eu ouvi falar na legalização do aborto, agora nós estamos cansados de ouvir aquele caso da menina Isabela que os pais provavelmente mataram a filha, o aborto é a mesma coisa, está sendo ensinado ao jovem praticar a violência pacífica. (Grupo Focal, CUFA).

Os jovens da Pastoral destacaram a importância da família: *Primeiro a família é a base de tudo. Eu vejo dessa maneira. A minha família, para mim, é o meu espelho, eu me espelho na minha família. Então eu penso que esse é o ponto x, nós temos que nos espelhar na nossa família.*

À medida que a família é o “local” onde os filhos iniciam a sua socialização, ela aparece também como a principal causa dos problemas, dos comportamentos negativos. No entanto, outras instituições como a igreja e a escola são também apontadas como importantes na formação da juventude:

A questão da família, nós temos sempre que perceber onde é a raiz. Então a personalidade de qualquer cidadão, ela é formada a partir da sua infância, isso é passado na família. Então eu acredito que a família é onde se forma a personalidade, então ela é de total importância na formação. Porém ela não é a única, a gente pode perceber que ele vai sendo formado a partir de vários blocos: família, sociedade, Igreja, escola. Então na verdade o que acaba é que o jovem, o cidadão, ele acaba sendo um mosaico de várias coisas. (...). (Grupo Focal, Pastoral).

Muitos jovens da Pastoral, entrevistados, afirmaram que a família é a solução, mas pode ser causa dos problemas dos jovens, reproduzindo um discurso corrente de que a família é a grande culpada pela situação em que vivem, seja de violência, exclusões, problemas nas escolas entre outros: *A família realmente é a base de tudo, é onde forma a personalidade. Mas também um dos grandes*

problemas que a gente passa hoje, essa juventude está do jeito que está hoje, também veio da família; A juventude que a gente tem hoje vamos colocar, infratora, vamos colocar assim, está assim por quê? Por que o Governo criou? Não, foi por causa de uma estrutura familiar? (...) infelizmente a família está desvirtuada (...)

SINGLY (2007)⁴⁹, um autor clássico nos debates sobre família, questiona a comum associação entre ruptura familiar e delinquência juvenil, ao discutir pesquisas que “demonstrariam” tal associação e que, segundo ele, padeceriam de rigor metodológico e viés ideológico. SINGLY (op cit) defende que o mais importante são as relações sociais que os membros de uma família desenvolvem com os filhos. Esse autor sugere que há que se discutirem ambiências familiares e circulação de jovens por vários agrupamentos sociais, assim como “conflitos parentais”, sublinhando, portanto, a análise de relações interpessoais, em particular as de caráter afetivo:

Um jovem da Pastoral destacou o problema da desestruturação e diluição dos valores familiares e éticos na modernidade. Retomando a questão da autoridade familiar, vê-se que sua diminuição ou ausência pode proporcionar desdobramentos ligados à *falta de estrutura da família*, o enfraquecimento das relações de troca e interdição próprios dos Grupos familiares, confusões acerca dos papéis e funções “não-inversíveis” (pai, mãe, filho) e principalmente a perda gradativa da possibilidade de transmitir objetos e valores simbólicos, de aspecto cultural e econômico, bem como códigos relacionados à história das famílias e às funções de paternidade e maternidade, por exemplo:

(...) a gente sabe que as famílias mais antigas eram mais tradicionais, havia mais vínculos entre as pessoas e tal. Havia uma fraternidade maior, hoje tem toda uma questão da relação, as famílias estão com menos filhos, tem toda uma questão, às vezes tem um filho só, se o cara já vem de uma família, ele não teve irmãos, a relação social dele já vai ser um pouco diferenciada do que o que se criou lá com 2, 3 irmãos, isso todo mundo é convicto. E as famílias mais tradicionais, elas vinham de uma história, que assim, era tudo construído em fraternidade, era junto, era tudo uma igualdade, uma partilha.

Hoje o que acontece? Dentro da minha própria família eu acabo sendo desvirtuado para competição, é muito “eu”, a gente é muito centrado na individualidade e isso a gente acaba levando às vezes para fora. Não é culpa da família, a família ainda é a base de tudo, mas quais são as condições que as nossas famílias propiciam hoje para a juventude?

Então tem que começar. Educação, família, rever esses valores e fazer uma reconstrução, não fazer nova. Mas como foi dito aqui, acho que é, estar dando sustentação para os valores que a gente tem dentro da família, porque infelizmente, aquilo que ele falou da mídia, a gente vê na televisão, famílias em que um está enganando o outro. A mãe ‘ficando’(...), o não sei quem traindo o não sei quem. Infelizmente a família está desvirtuada nesse aspecto. (Grupo Focal, Pastoral).

Interessante notar o depoimento de uma jovem da Pastoral, mostrando as dificuldades e vivências de sua situação familiar, relatando os problemas que enfrentou na infância e adolescência e dos quais saiu vitoriosa, indica que há outras esperanças e possibilidades por mais que a família tenha um papel fundamental. No caso a sua saída se deu no encontro com a política, mostrando a influência que pode ter essa opção na vida dos jovens:

49 SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro, FGV, 2007.

Eu venho de uma família não muito estruturada, não conheço meu pai. Fui criada, minha mãe criou eu e mais 6 irmãos, só lavando roupa e tudo. Então assim, a gente teve uma criação, uma infância muito sofrida, muito triste, entendeu? Ainda hoje a realidade lá de casa é muito complicada? Mas eu consegui, sabe? Eu consegui vingar, de tudo o que foi ruim. Porque quem passa pela história que eu tenho, fala que não era para eu estar onde eu estou hoje. Era para eu estar em qualquer outro lugar, usando drogas, me prostituindo, em qualquer lugar, mas não onde eu estou hoje. Hoje eu sou uma assessora de juventude, hoje eu acredito nos partidos políticos, porque eu estou dentro e eu levo isso aonde eu vou. (Grupo Focal, Pastoral).

Existe um consenso geral sobre a importância do papel de cooperação entre a família e a escola. Contudo, como se dá a articulação entre essas duas instâncias socializadoras e interdependentes? Em primeiro lugar, não é difícil constatar que o diálogo é complicado e não raras vezes sem retorno. No entanto, a família é vista pelas dificuldades de tal diálogo e pela falta de participação no ambiente da escola:

Eu acho que hoje a educação é falha do jeito que é porque a gente reclama, mas reclamamos quando estamos dentro da escola, o nosso pai, a nossa mãe não reclama, não vai lá. Pai e mãe só vão na escola quando acontece o quê? Quando ou é chamado pelo professor ou quando alguém bateu no seu filho, brigar com o pai, brigar com a criança porque bateu no seu filho? (Grupo Focal, Pastoral).

É comum o alerta de que hoje são tempos em que os adultos abdicam das responsabilidades de exercício da autoridade em relação aos mais jovens, ou porque não compreendem as transformações da juventude e se veem acuados, sem chão para o exercício de autoridade, ou porque interpretam relações simétricas e democráticas com falta de limites. No entanto, no caso das relações escola e família, a tendência é o discurso por transferência de responsabilidades, ou expectativas de que tal fato aconteça, como mostra o depoimento abaixo:

É... seria redundante dizer que a família é a base de tudo porque todo mundo já falou e eu concordo com isso. Eu acho que a família teria de ir realmente dentro da escola junto com a criança (...) Esse negócio de mandar o aluno, mandar a criança para a escola para lá ele receber formação, para lá ele receber formação acadêmica, e receber formação crítica, receber formação psicológica, receber formação, receber, receber e voltar pra casa, só com a tarefa de casa e depois o pai ajuda a fazer a tarefa de casa e depois volta, isso não é participação da família. Isso é ausência da família. Isso é a família jogando a responsabilidade de si, para a escola. (Grupo Focal, Pastoral).

Apesar de a família ser uma instituição em que os jovens, em geral confiam, foram alguns jovens com deficiência e os LGBT que mais criticaram a instituição como violenta, mostrando que existe uma certa idealização das relações intrafamiliares. O fato é que são escondidos, por vergonha, o desconhecimento da situação, a falta de informação para saber conviver normalmente com os jovens com deficiência:

Bom, a sociedade conhece muito pouco a deficiência, a família então, ela não conhece nada da parte da deficiência. Às vezes eles escondem os deficientes em casa, que não é bom. O surdo então tem muita dificuldade, porque eles não escutam nada do que está

acontecendo. Então a questão de sociedade e cultura, não tem conhecimento. A mãe e os pais, eles não ajudam. Praticamente as pessoas têm que estar sozinhos na busca, na procura, por meio da visão, do que é uma cultura, do que está acontecendo naquele local. Sorte quando é possível encontrar um intérprete para fazer a mediação. (Grupo Focal, Jovens com Deficiência).

Foram os jovens ligados ao movimento LGBT que analisaram as vivências e dificuldades de viverem em uma sociedade profundamente preconceituosa e homofóbica como a brasileira. A sexualidade é discutida por uma série de valores, crenças, e vivências, muitas vezes baseados na consideração de que alguns Grupos são superiores e outros inferiores, principalmente de um ponto de vista religioso e moral.⁵⁰ As/os jovens que pertencem ao movimento LGBT referem-se aos vários tipos de violências homofóbicas, tanto a violência doméstica como as que sofreram na escola e na sociedade em geral, até abusos sexuais:

Essa juventude hoje sofre, principalmente a juventude LGBT, os gays, as lésbicas, os travestis, os bi, os transgêneros sofrem a partir do momento dentro de casa na família, quando começam a ter sua orientação sexual definida, quando um homem ou um gay começa a se travestir de mulher então a mãe, os pais ficam sempre numa preocupação por influência da sociedade. (...), isso é uma coisa nova para alguns pais. Não pode às vezes culpar os pais, geralmente o jovem é posto fora de casa. Muitas vezes é violentado às vezes por um tio, por um primo, perde a sua particularidade enquanto a sua identificação de ser homossexual (...) (Grupo Focal, LGBT).

Apesar de a família ser considerada a principal referência para os jovens, os Grupos de LGBT relataram muitas experiências negativas, conflitos e problemas com as suas famílias, como uma jovem lésbica que refletiu sobre sua experiência de ter sido expulsa de casa aos 14 anos, quando assumiu sua sexualidade:

(...) eu particularmente assumi a minha orientação sexual com quatorze anos; fui expulsa de casa pela própria família. Geralmente todo mundo fala não, mas a família é o melhor lugar, a família é onde se constrói, mas eu costumo dizer que a família às vezes não é o melhor lugar, principalmente quando a jovem se assume lésbica, gay, travesti feminino e travesti masculino, então ela sofre muito mais preconceito, geralmente as mulheres nas escolas, nas ruas e em qualquer outro lugar quando se assumem lésbicas, sofrem motivos de chacotas, que tipo de chacotas? Aquela piadinha do heterossexual machista, falando que você é lésbica porque nunca provou um homem que saiba fazer direito e isso é a sociedade em que vivemos. (Grupo Focal, LGBT).

Já outro jovem refletiu sobre experiência familiar positiva com a mãe que faleceu quando ele tinha 13 anos, e das dificuldades que teve que assumir a sua sexualidade com o pai, quando a mãe faleceu:

⁵⁰ A sexualidade é tão natural como o ar que respiramos, as identidades sexuais e as práticas das sexualidades não são naturais. Construídas através das relações sociais e políticas de um tempo histórico, são caracterizadas como processos históricos que não estão sob a égide da lógica da naturalidade, mas sim da política e da moral. PRADO, Marco Aurélio; MACHADO, Frederico. *Preconceito contra homossexualidades*. Coleção preconceitos. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

Minha mãe dizia: ‘Eu não estou criando meu filho para ser nada eu estou cumprindo o meu papel que é educar, agora as escolhas que ele vai fazer isso quem vai fazer é ele, o que eu tenho que fazer é dar suporte para que ele tenha segurança nessas escolhas’. Então isso foi o meu passe livre para falar assim que eu sou gay, mas só que infelizmente com treze anos minha mãe morreu e aí eu fui morar com o meu pai e passei o inverso que ele falava o tempo inteiro na minha cara que se descobrisse que eu era veado, ele ia me expulsar de casa; então eu comecei a participar do movimento LGBT às escondidas e comecei a me entender um pouco mais com relação a isso, porque eu não dependia do meu pai para poder viver minha experiência e na verdade eu não precisava do meu pai para poder reafirmar a minha orientação sexual, eu tinha que fazer isso comigo; então as minhas vivências, eu comecei a ter, sem essa preocupação do meu pai descobrir ou não. (Grupo Focal, LGBT).

Há que se considerar que movimentos organizados, a exemplo do LGBT passaram a exercer o papel de orientação sexual que, na maioria dos casos, para jovens homossexuais é o único espaço de apoio e de segurança no que diz respeito à identidade de gênero. Além disso, identifica-se que há diferenças entre as atitudes e comportamentos para as figuras do pai e da mãe em relação à sexualidade dos jovens, em que pese não haver uma generalização por figura, como mostra o jovem do LGBT masculino que diferencia as posturas de sua mãe – demonstrando preocupação com orientação, educação e trabalho, com a preparação do filho para a vida pública e não mais somente a privada:

Essa juventude hoje sofre, principalmente a juventude LGBT que é os gays, as lésbicas, os travestis, os bi, os transgêneros sofrem a partir do momento de dentro de casa na família quando começa a ter sua orientação sexual definida, quando um homem ou um gay começa a se travestir de mulher então a mãe, os pais ficam sempre numa preocupação por influência da sociedade, do sistema capitalista que a gente tinha que impuseram aos pais . Isso é uma coisa nova para alguns pais. Não pode às vezes culpar os pais, geralmente o jovem é posto fora de casa, é violentado às vezes por um tio, por um primo perde a sua particularidade enquanto a sua identificação de ser homossexual ainda mais quando é atido pela família, chega na escola, sofre, a gente não vê jovens travestis na escola, as jovens lésbicas que têm traços femininos às vezes não se vê dentro das escolas, então a gente já começa a perder, a questão familiar, a questão da educação. (Grupo Focal, LGBT).

A questão também da minha experiência familiar. Com o tempo, com o passar do tempo, depois que eu comecei a construir todas as outras coisas, assim, o encontro pessoal mesmo, tendo minha identidade, minha família começou a apoiar, mas um não, até que eu tive que brigar e falar assim: não eu não pago minha escolta com o seu dinheiro, pelo contrário, eu trabalho para te sustentar, a força que você tem, ninguém quer ter, porque eu enquanto gay, como você diz. Oh, o “veadão” que ele teve que mandar esconder, a minha família esconder, ou eu ou ele e aí um dos meus primos falou assim: a gente o prefere e apesar de tudo ele é seu primo e você tem que respeitar. Então assim, a família tem que ser trabalhada com isso. Apesar de que demorou um monte de anos para minha mãe, minha família me aceitar e entre outras coisas assim, eu acho que essa cultura é muito grande dentro da família e dentro da escola.

Dentro da convivência com minha família, desde cedo eles sabiam, pois a família sabe quando... principalmente a mãe que coloca o filho, ela sabe muito bem .

Desde criança eu sempre fui levado, sempre brinquei com boneca , com sete anos de idade eu já aprontava, com sete anos eu fazia a questão de ter a coleção da Barbie, porque naquela época era a Barbie, se eu não tivesse a coleção da Barbie, eu arrasava em casa. Isso a minha família já sabia... eu tenho um pai conservador, uma mãe conservadora, porque assim, meus avôs eram coronéis na época, da polícia militar, (...) eu sempre tive a minha liberdade de expressão dentro da minha casa, às vezes era podado, às vezes meu pai me batia às vezes quando eu aprontava, mas quando eu comecei, a partir dos 11 anos, aquela formação de juventude, adolescente, essa coisa toda, aí eu comecei a enfrentar esse problema.

O povo sabia que eu era homossexual, que várias vezes meu pai e minha mãe me pegaram, em situações, mesmo dentro de casa. Eu sempre ia para cima, eles falavam, me batiam, tirava as coisas, mas eu comecei a dizer: se eu, como meus pais, eu sendo filho não começar também a colocar, e dizer assim, oh, eu sou e vocês têm que aceitar aí foi um trabalho muito grande.

(...) eu não brincava muito com meus primos porque as tias não deixavam pensando que, por eu ser gay, ia pegar os primos, mas isso na família, para mim tentar construir, eu me lembro como hoje, aí minha família começou a me respeitar e quando um tio meu veio para me bater e me tirou sangue e que eu peguei, me lembro como hoje, o cabo de vassoura e dei nele que abriu isso aqui e saí e fui para a delegacia; a Delegada não queria deixar dar queixa porque eu era de menor aí eu peguei a vizinha, a vizinha viu e me levou lá e eu quis prestar queixa.

(...) sempre fui um gay desaforado, nunca levei, não só dentro de casa e na escola também. (...) Assim, hoje, para você ver a convivência, hoje minha família ela me respeita e o pior, que de 2004 para cá, a minha família passou por uma fase tão pior, que hoje minha família é evangélica, meu pai, minha mãe, minha irmã, minha avó, os meus dois tios que na época me bateram. Aí o povo fala: meu Deus, como você convive, porque hoje eu moro com meus pais, não tenho interesse nenhum de sair de dentro de casa. Ganho bem e tenho um salário bastante que dá para mim, mas eu não saio de dentro de minha casa. Meus pais hoje em dia são evangélicos, mas eles não me dizem nada. Falam uma coisa: Oh, filho, não é porque você é gay que você tem que andar fechando, fazendo baixaria, que tem que andar fazendo isso e aquilo. Então, mostra que você é gay, mas mostra que você é gay que tem pelo menos uma postura na sociedade, porque a sociedade e eles hoje são evangélicos e de vez em quando eles falam assim da bíblia: Oi Deus. (Grupo Focal, LGBT).

Na percepção de uma jovem, na classe média, os homens é que têm maior dificuldade de aceitação, devido à desinformação, e que nas classes mais pobres muitas vezes o LGBT acaba sendo explorado sexualmente pelos familiares.

Bom, uma coisa que eu gostaria só de pontuar e que é sobre a família. A discriminação, no meu caso, as poucas pessoas que convivem comigo, que conviveram, sofreram discriminação familiar e em outros casos a família aceita. Mas a família de classe média, homem, praticamente, não aceita. Porque tem medo dessa informação, tem menos conhecimento e há toda aquela trajetória de doença, por causa dos anos passados. Na

questão de família pobre, há a questão também da exploração sexual, quando um jovem assume que é gay ele é explorado, estupram-no porque ele é gay ou porque ela é lésbica. Há violência também, quando ele não é violentado, ele é espancado, ele é expulso de casa. A aceitação dentro da família é muito complicada, na família da classe pobre. Dentro das escolas, para mim, às vezes eu penso que modificou, cresceu alguma coisa, mas ao mesmo tempo, com o meu cotidiano. (Grupo Focal, LGBT).

Quando a fala vem de uma jovem lésbica, a religião, mesclada com a homofobia e a violência são elementos contundentes na exclusão das mulheres lésbicas:

Em relação à família, família realmente não é o melhor lugar para qualquer pessoa. Eu venho de uma família, primeiro, Minas, tradição, uma questão religiosa muito grande. Minha família... Eu sou de uma cidade de 7 mil habitantes apenas, tive uma educação religiosa desde o nascimento até pouco tempo atrás. Fui para um convento e fiquei 3 anos, então eu saí de um convento e no convento eu descobri que era lésbica e minha mãe quando eu virei para ela e falei mãe, sou lésbica, primeira coisa que ela falou foi: como? O que eu fiz de errado? Então assim, minha mãe não compreendia porque que de todos os filhos que fomos 5 em casa, uma tinha que sair errada, porque na concepção dela, era isso, ser homossexual é uma coisa errada, porque a igreja católica condena, não ao homossexual ou à homossexual, mas à prática, ou seja, a concepção dela é essa de que eu posso sim ser, apesar dela ficar todos os dias falando que eu tenho que rezar para me curar disso, mas eu não posso praticar, ou seja, eu não posso ter minha companheira, eu não posso ir para a cama com uma mulher, eu não posso beijar, eu tenho que me abster disso que é o que a Igreja Católica prega.

Então eu acho que é muito complicado. Aí tem outro lado que é a questão do pai que vem assim, um estupro intra-familiar, uma questão do próprio pai falar assim: “Olha, se nenhum homem te comeu direito eu faço” .

Por isso que eu volto a repetir, que a exclusão das mulheres é histórica e é muito maior do que a dos homens. As travestis transexuais, as lésbicas sofrem muito mais do que os gays, porque os gays, porque os próprios homens olham para nós lésbicas como está faltando alguma coisa. São as más amadas, as mal comidas, então tem essa questão que na mulher pega mais do que nos homens. (Grupo Focal, LGBT).

Nos depoimentos sobre família pode ser notada a existência de duas vertentes. A primeira se alinha em uma idealização da família, sem levar em conta suas reais condições e as mudanças sofridas nos últimos tempos. Não há modelo único de família, uma única forma de agir e pensar, no entanto, existe por parte dos entrevistados, principalmente da Pastoral, uma exigência que a família ocupe determinados espaços na vida das crianças e dos jovens, que muitas vezes não condiz com as possibilidades das mesmas. Família raiz, família base, família solução, família que não consegue o controle de seus filhos, família ausente na relação com a escola, é a percepção que aparece nos vários depoimentos.

Os discursos analisados falam que os meios de comunicação estão ocupando o lugar dos pais na educação de jovens e crianças, fazendo com que se percam as figuras exemplares na formação e fazendo com que a ausência da família seja vista como causa direta dos problemas juvenis.

São as jovens feministas, os Grupos de jovens com deficiência e os LGBT que mais ressaltam os diversos tipos de violências vividas e sentidas por parte das famílias, desconstruindo a concepção citada anteriormente. As violências simbólicas “assujeitam” o outro, sem ser necessariamente explícito, mas nos depoimentos o que mais chama a atenção é violência física, desde bater para mudar a orientação sexual até casos de violências sexuais.

5.2. A MÍDIA

A disseminação da televisão e sua influência na sociedade brasileira é um debate que há muito vem sendo engendrado por especialistas de comunicação, cientistas sociais, filósofos, entre outros. Fora do âmbito acadêmico, os movimentos sociais juvenis têm também travado longos debates sobre a função da mídia no cotidiano do jovem. Na Conferência este foi um tema espontâneo no discurso dos entrevistados e todos os Grupos se referiram à mídia de maneira crítica e pouco confortável tanto com a forma de tratamento que dão aos jovens, em geral, como a visão que mostram sobre a política e os políticos, em geral.

Segundo jovens da UJS, Pastoral da Juventude, Jovens Feministas, Jovens Quilombolas, Viração e jovens da CONTAG, presentes na Conferência Nacional da Juventude 2008, a mídia televisiva tem disseminado valores negativos como o individualismo, o consumismo, padrões estéticos, daí a necessidade maior de se organizarem em movimentos que conscientizem e tragam à tona reflexões críticas dessa conjuntura midiática.

Acho que a mídia deixa transparecer muito para o jovem que ele deva ser individualista, deva ser consumista, para nós a idéia da conferência é justamente a gente mostrar que é diferente, mostrar pros jovens que eles precisam participar mais do que nunca da situação política do país. (Grupo Focal, UJS).

Essa é uma juventude muito aguerrida sim, muito vencedora, mas a tv faz uma propaganda de que é uma juventude que só quer saber de roupa, de imagem, de pen drive. Não é só essa juventude não. (Grupo Focal, Jovens Feministas).

Nos depoimentos da UJS e das Jovens feministas, as informações geradas pela TV geralmente tentam desacreditar os jovens, colocando-os como desorganizados, festeiros, alienados, e sem conhecimentos. Por ora os movimentos jovens também são colocados em descrédito, em situações de desorganização, chacotas e malandragens.

A MTV fica fazendo programas ridículos em que parece que o jovem é completamente desantestado que só quer saber de farra. Farra é massa, também faz parte da juventude, esporte é massa, também faz parte da juventude, mas ir à luta também faz parte da juventude. Mudar a sociedade faz parte da juventude. (Grupo Focal, Jovens Feministas).

Para os/as Jovens Feministas da Viração e da Juventude do PT, a apropriação que a mídia capitalista faz da identidade dos movimentos, acaba confundindo o jovem telespectador, por exemplo, é o caso do Diretório Central dos Estudantes, encenado na Rede Globo pela novela Malhação. Lá se mostraram estudantes lutando para implantar uma rádio, porém, quando a rádio é conquistada, só

se ouvem músicas correntes e levam artistas famosos. Na realidade, uma rádio deveria significar um meio voltado para a formação da consciência social e de um mundo mais humanizado:

Hoje o modelo de identidade política do jovem construída pelo capitalismo é o grêmio estudantil da 'Malhação'; ele acha que tem que organizar uma rádio, que tem que fazer uma festa, mas tudo no princípio do quanto é? Do quanto custa? Quanto nós vamos arrecadar? Eu penso diferente, o grêmio estudantil não tem que se reunir porque tem que juntar dinheiro e construir uma rádio, porque é legal tocar musiquinha bonitinha, que está na moda da rádio. Não é isso. A rádio tem que estar voltada para formação social, pra condição social, pra uma perspectiva de um mundo mais humanizado, onde as relações interpessoais não se deem por aquilo que a pessoa tem, mas por aquilo que a pessoa é, por aquilo que ela representa. (Grupo Focal, Juventude do PT).

A desconstrução que a mídia televisiva faz do movimento estudantil foi assunto bem destacado nos Grupos focais realizados na Conferência Nacional da Juventude. Daí porque se fala que uma das maiores dificuldades hoje em dia para os movimentos é enfrentar a mídia, porém, não a internet que é mais democrática, e sim a televisão e os jornais impressos de grande circulação. Veja-se o que diz um jovem da UNE:

(...) E quando existe espaço na mídia, é só crítica pro movimento estudantil, só apresenta uma perspectiva negativa daquilo que foi feito.

(...) O que a gente conseguiu construir em 15 anos de movimento estudantil a mídia destrói em cinco minutos, 15 minutos, de falatório ali, no meio da televisão.

(...) Então o movimento estudantil tem uma batalha muito grande que é de enfrentar a mídia no seu cotidiano. (Grupo Focal, UNE).

Além de desconstruir a imagem do movimento estudantil, para os jovens da Pastoral da Juventude, a mídia também tem desvirtuado os valores familiares na sua programação: *Infelizmente, aquilo que a gente vê na televisão, famílias sem valores, um enganando o outro, a mãe ficando com o amigo do pai, o não sei o que traindo o não sei quem. Assim a televisão está desvirtuando os valores da família brasileira.* Para as Jovens Feministas a mídia constrói uma péssima imagem do jovem e tem difamado bastante o papel da mulher politizada: *you nunca vê numa novela um jovem com uma bandeira, você sempre vê o garoto problema e a menina problema.* Já para os/as entrevistados/as da LGBT a imagem que tentam passar do jovem é que ele é uma fonte de problemas e criminalidades, ele é posto como: *algo que tem que ser resolvido, e não como protagonista, como um cidadão de direito*

Para os membros da juventude do PMDB, a desconfiança e a banalização que os jovens do Brasil têm dado às questões políticas devem-se à forma com que a mídia divulga os temas políticos. Por exemplo, quando a mídia andou divulgando que a gasolina dos deputados era paga pelo Estado, muitos enraiveceram-se e desacreditaram ainda mais nos parlamentares, ou seja, segundo os jovens do PMDB, a mídia desmotiva o jovem, sem dar espaço para opiniões contrárias: *ela trata a política como uma coisa extraterrestre, como se os parlamentares e militantes políticos não pudessem andar de carro, comer, não podem dormir, enfim, agora tudo que um político faz é imoral.*

Comungando relativamente das ideias da juventude do PMDB, os jovens da UBES acreditam que a mídia cria estereótipos em cima dos partidos e descredencia a política, desmobilizando as possíveis ações juvenis:

Hoje se você liga a televisão tem uma enxurrada de notícias que falam da corrupção. O jovem vê e acha que política é só corrupção, só roubalheira, só notas fiscais fraudadas; não tem dessa outra visão, não acha que ele pode ser um agente transformador da política. Esse que é o problema de descrédito na política. (Grupo Focal, UBES).

Nessa mesma linha, para os jovens do Movimento Negro, a televisão privilegia assuntos sensacionalistas ligados à corrupção, sem sequer debater formas de melhorar a política no nosso país: *Essa é a visão que a juventude tem da política, que a gente vê na mídia, a galera só discute o cartão corporativo, quem vai vir depois de Lula e não fazem nada pra melhorar, pra ser melhor do que a gestão que está.*

A falta de uma mídia democrática no Brasil é ressalva na maioria dos movimentos juvenis, no entanto, lideranças da UNE acreditam que os jovens contemporâneos, mesmo diante dessa falta de democracia, têm conseguido questionar mais os conteúdos televisivos, do que os jovens de 5 anos atrás. Diante desse contexto antidemocrático da televisão, o papel do movimento estudantil, teria que se voltar mais a enfrentar a influência da mídia: *A falta de democratização da mídia a gente ainda sofre muito isso, mas mesmo assim o jovem de hoje tem conseguido questionar mais do que o jovem, por exemplo, de 5 anos atrás.*

Para jovens da UBES, a televisão é uma das grandes responsáveis pelo mito de que os jovens não se interessam por política, o que não é verdadeiro, pois os jovens se organizam politicamente, porém em formas não tradicionais. (...). *Tem uma mítica hoje por parte da mídia de que o jovem não gosta de participar politicamente. Eu acho pelo contrário, que tem participação, mas de maneiras diferentes, ele não se identifica com a política tradicional.*

Nesse mesmo sentido, jovens da CUT acreditam que a mídia coloca a geração atual de jovens como desinteressados em política, elevando a importância de jovens da década de 60 e 70 como verdadeiros e únicos politizados: (...) *Porque a mídia tem um senso comum que coloca muito claro que os jovens de 60 e 70 eram cidadãos politizados que estavam na rua e que o jovem de hoje não quer nada com nada, e isso é mentira, tanto que está acontecendo a Conferência de Juventude.*

Alguns jovens da UBES e da CONTAG refletem sobre a manipulação de notícias por parte dos jornalistas televisivos. Para esses jovens da Conferência, a falta de neutralidade dos jornalistas acaba fazendo circular notícias falsas e editadas de acordo com o interesse dos jornais:

A gente sabe da posição da mídia, ela não mostra de fato uma notícia, mas uma opinião, mostra uma idéia, formulada apenas por ela. (Grupo Focal, UBES).

A mídia, às vezes, ela coloca algo que, muitas vezes, não é verdadeiro. (Grupo Focal, CONTAG).

No entendimento das Jovens Feministas, apesar de hoje não vivermos mais numa ditadura, os valores capitalistas e do neoliberalismo estão sendo veiculados de forma ditatorial, porém dissimulada pela mídia, o que gera a fragmentação das bandeiras de luta e assim dividem as pessoas e enfraquece os movimentos.

Hoje em dia existe uma mídia que disfarça o capitalismo e a gente não enxerga, a gente não identifica muitas coisas dessa questão do pós- modernismo, que faz com que os Grupos cada vez se fragmentem, percam forças, porque hoje em dia existem as mulheres feministas, as ONGS para tratar de problemas de mulheres negras, e depois as mulheres negras deficientes, mulheres negras lésbicas, aí vai se dividindo e o movimento vai se enfraquecendo. (Grupo Focal, Jovens Feministas).

Para a juventude do Movimento Negro, a mídia televisiva reforça situações racistas quando ao colocar os/as negros nas novelas, só os colocam em papéis inferiores e pejorativos: *“aí vem a rede globo lá, com altas pretas bonitas na novela, mas tudo em papel pejorativo e tudo com brancos”*. Até entre os heróis de desenhos e quadrinhos, a ausência da pele negra é explícita: *Existe uma falta de identificação dos negros com os programas veiculados na TV que só mostram pessoas brancas que levam uma vida de classe média; Aí vem aquela história, na TV, da carochinha, que diz: come filho, come, porque se tu não comer o Papai Noel não vai trazer presente. A criança perguntando, nunca vai vir aqui então porque também eu não como direito*. Outro depoimento refere-se aos conteúdos midiáticos, que além de racistas e elitistas são vulgares: *Pernambuco você pode ligar uma rádio, é de cabo a rabo só tem brega, é creu, é rapariga, é cabaré, é muita cachaça, é muita mulher, só tem isso, tome, tome, tome, creu*.

Os Jovens do PROJovem entendem ainda que a TV pode até estar dando espaço para os jovens negros e pobres, mas esse espaço é mascarado, visto que na prática a sociedade vira as costas.

Sobre a utilização da TV como meio de informação útil das políticas públicas realizadas pelo governo, os jovens da CUFA salientam que existe pouca vontade, por parte do governo Lula, em disseminar via forma mais simples, que é pela tv, seus projetos sociais:

Por exemplo, quer falar que a dengue está matando pessoas, você fala isso de uma forma simples na TV, por que não fazer da mesma forma com um programa do governo? Se tem lá o Fome Zero, ou a Bolsa Atleta ou não sei o que for, porque isso não é democratizado? Lógico isso vai gerar uma necessidade grande, mas essa é a intenção, ué. (Grupo Focal, CUFA).

Os jovens do PROJovem, contrariamente aos jovens da CUFA, acreditam que o governo Lula divulga muitos projetos sociais por meio da televisão. Aliás, eles ainda reforçam a idéia de que no Brasil os acontecimentos só se realizam de verdade se a mídia der atenção a eles: *Se a mídia tá em cima acontece. Tudo no Brasil se a mídia estiver em cima acontece*.

Segundo jovens da Viração, há que se diferenciar os tipos de mídia, pois existem mídias mais empresariais e as mídias mais alternativas, mais interessadas na informação e na notícia.

Tem a mídia mais empresarial, aquela que se pauta pelo lucro, pelos ganhos e pelos interesses da politicagem; e tem aquela mídia mais verdadeira no sentido de que é a mídia pela paixão, pela comunicação, por essa vontade do ser humano de estar construindo junto com as outras pessoas as ideias. É o caso da famosa mídia independente, são os mais alternativos. (Grupo Focal, Viração).

Num sentido mais positivo, lideranças da UJS, Jovens Feministas e UNE afirmaram que seus protestos quando são divulgados na mídia impressa, dão muito impacto para sociedade e para o próprio movimento. Desse modo, é satisfatório para esses Grupos o apoio da mídia impressa e televisiva, o que ainda ocorre muito pouco:

A gente dá um pau danado pra construir uma passeata, pra conseguir mostrar pra sociedade o protagonismo do movimento estudantil, mas no final do dia, quando a gente chega em casa para tentar assistir aquilo que a gente fez, pra ver se de fato ele vai chegar nos lugares onde o povo está não consegue ver, não existe. (Grupo Focal, UNE).

De acordo com os Jovens Ambientalistas, a causa ambiental precisa contar com apoio da mídia, mas ela não tem contribuído para esse processo. Assim, os mesmos estão recorrendo a novos espaços de ação via mídia alternativa: *O SBT não mostra, a TV Bandeirantes não mostra e aí eu citaria uma série de outras emissoras que não mostram a causa ambiental, daí já foi uma iniciativa com intuito de pensar nos meios alternativos de veiculação como o You Tube.*

Em busca de novos meios de se comunicar, os jovens da Viração também buscam alternativas para que possam divulgar suas ações:

A gente está fazendo o jornal mural, que é uma coisa simples, que é barata, que pode ser feito nos colégios, fixa nos muros mesmos; tem a mídia de web, enfim, várias frentes. E aí eu acho que uma estratégia interessante pra quem está fazendo mídia alternativa é se unir a quem já faz e tentar se fortalecer. (Grupo Focal, Viração).

A mídia, no imaginário dos entrevistados, é entendida sob pontos de vista bastante críticos, fazendo com que a imagem sobre a juventude seja negativa. Nenhum Grupo fez menção positiva à mídia televisiva brasileira, demonstrando grande insatisfação relativa a : falta de democracia na televisão, conteúdos falsos e distorcidos, divulgação de opiniões elitistas e racistas, disseminação de valores negativos como consumismo, individualismo, e padrões estéticos, publicação de imagens de jovens alienados e não politizados, além de notícias que corrompem a noção de política, enfim.

É notório que mesmo entre juventudes de perfis políticos diferenciados, não há contradições quanto ao papel maléfico que a mídia tem desempenhado na sociedade brasileira, ao contrário, há somente convergências.

5.3. A INTERNET

A internet permite, cada vez mais, a conexão entre pessoas, ao mesmo tempo e em vários lugares do mundo, de forma simples e rápida, através de computadores pessoais, frequentando-se *lan houses*, nas escolas, nas universidades, locais de trabalho etc., o que representa a possibilidade de aquisição de novas formas de capital social, como demonstram os jovens ao discutir o tema. Na Conferência Nacional de Juventude, foi verificado um alto índice de acesso à internet. Como consta na tabela 35, abaixo, 93,5% dos jovens entrevistados acessam a internet.

TABELA 35. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo a utilização ou não da internet - Brasília, 2008

Utilização da Internet	%	N
Usa internet	93,5	1734
Não usa internet	2,4	45
Em branco	4,0	75
Total	100,0	1854

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008).

NOTA: Foi perguntado: *Você usa a internet?*

A tabela 36, abaixo, analisa o uso da internet pelos jovens presentes na Conferência. Nela aparece primeiramente a opção de *fazer trabalhos e pesquisas* (82,3%) seguida por *manter contato com pessoas* (68%), e a metade dos respondentes (51,3%) afirma utilizar a internet para *manter contatos profissionais*. Chama atenção que 46,4 % utilize a internet como instrumento de participação. No entanto, 20,6% estão conectados para participar em fóruns, o que pode indicar outras formas de participação.

TABELA 36. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo finalidade de uso da internet - Brasília, 2008

Finalidade do uso da internet	Porcentagem sobre total de respondentes (%)	N
Fazer pesquisa estudo/ trabalho	82,3	1526
Manter contato com pessoas	68,0	1261
Manter contato profissionalmente	51,3	952
Participar de movimentos políticos/ sociais/ ambientas	46,4	861
Conhecer pessoas	23,0	426
Baixar música e/ou vídeos	20,7	383
Participar de fóruns	20,6	381
Outros	3,1	58
Buscar material porno-erótico	2,9	53
Total de respondentes	100,0	1854
Total de respostas marcadas		5901

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008).

NOTA: Foi perguntado: *Se você usa internet, quais dos usos você faz dela?*

OBS: Nesta pergunta,,o respondente tinha a possibilidade de marcar mais de uma opção de resposta

É interessante notar que 2,9% de participantes da Conferência acessam a internet em busca de materiais porno-eróticos. Esse dado é significativo na medida em que traduz um contraponto entre internautas comuns e internautas militantes, pois no relatório feito pelo Google em 2006⁵¹ dos temas mais buscados na *web*, revelou-se que *como fazer promiscuidade* ficou na décima posição.

51 Relatório Google, disponível em: <http://www.google.com/intl/en/press/zeitgeist2006.html>

Na tabela 37, abaixo, pode-se verificar que o e-mail (91,6%) é o principal meio utilizado pelos jovens, seguido por pesquisas em sites de busca (72,6%) e orkut (61,8%). Mais da metade deles (584%) tem acesso ao MSN e chama atenção que mais de um terço (37,6%) busca textos em bibliotecas *online*.

TABELA 37. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo meios de uso da internet - Brasília, 2008.

Meios de uso da internet	Porcentagem sobre total de respondentes (%)	N
E-mail	91,6	1698
Pesquisar em sites de busca	72,6	1346
Orkut ou outros sites de relacionamento	61,8	1146
MSN ou outras programas de conversa	58,4	1082
Biblioteca online (CAPES, SCIELO, etc.)	37,6	697
You tube ou outros portais de vídeo	27,7	513
Outros	0,0	0
Total de respostas marcadas		6852

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008).

NOTA: Foi perguntado: *se você usa a internet, quais os meios em que você acessa?*

OBS: Nesta pergunta, o respondente tinha a possibilidade marcar mais de uma opção de resposta.

É difícil concluir o tema da relação jovem, política e Internet, pois a rede é muito dinâmica e os jovens também. Porém foi possível intuir, nesse primeiro momento, que o poder da participação política não está restrito às relações presenciais pessoais. Sem dúvida, reflete-se que o apoio que a web tem dado a vários movimentos políticos tem interferido no modo pelo qual a política tem-se transformado, catalisando um tipo de participação política movida por iniciativas ligadas às estruturas da rede como criação de vídeos, de sites, blogs, Grupos de e-mails etc.

As condições de adaptação do mundo virtual ao mundo presencial e vice-versa, que muitos jovens estão experimentando, acabam por apontar, ainda que a passos lentos, um novo universo de comunicação e ação coletiva e individual, passando naturalmente pela revisão de parâmetros e princípios pontuais do comportamento “polítizado”. A internet é, hoje, importante arena de interação, debate e participação, encerrando em si representações e valores, como aponta Castells (2005)⁵².

“Ao ser uma tecnologia de comunicação interativa com forte capacidade de retroação, os usos da internet se plasmam em seu desenvolvimento como rede e nos tipos de aplicações tecnológicas que vão surgindo. Os valores libertários dos que criaram e desenvolveram a internet, a saber, os pesquisadores acadêmicos informáticos, os hackers, as redes comunitárias contraculturais e os empreendedores da nova economia, determinaram uma arquitetura aberta e de difícil controle. Ao mesmo tempo, quando a sociedade se deu conta da extraordinária capacidade que representa a internet, os valores encarnados na rede se difundiram no conjunto da vida social, particularmente entre as novas gerações. Internet e liberdade se fizeram, para muita gente, sinônimos em todo o mundo” (CASTELLS, 2005, p.5, livre tradução).

52 CASTELLS, Manuel. *Internet, libertad y sociedad: una perspectiva analítica*. En: Revista Tareas Nro. 121: La sociedad de la información. CELA, Centro de Estudios Latinoamericanos “Justo Arosemena”, Panamá. Septiembre-Diciembre 2005. pp. 5-34.

A internet vem- se tornando um espaço recente de participação política, e uma das possibilidades que atraem jovens e adultos para a internet é a de se comunicarem instantaneamente com várias pessoas e de vários lugares diferentes. Não só a comunicação é exercitada, mas também impulsiona o desenvolvimento de liderança juvenil, socialização, informação e aprendizado em uma escala internacional.

É unanimidade, entre as lideranças juvenis da UNE e da CUFA, que a internet consolida e reforça os sentidos da democracia, posto que ela oferece liberdade de criação suficiente para a expressão dos diversos segmentos, como explicita o depoimento a seguir:

A TV perdeu a influência com o jovem, hoje ele cria facilmente a sua cultura e seu gueto e seu estilo, acho que isso também é positivo. Graças à internet, tem existido a consolidação da democracia.(...) eu defendo esse copo, então eu posso fazer uma comunidade no orkut, eu posso encontrar gente no Brasil inteiro que também defende esse copo. (Grupo Focal, Gestor Municipal).

Para a juventude participante da Imprensa Jovem Viração e do PMDB, a internet funciona como um meio de comunicação poderoso na articulação dos movimentos sociais e políticos. A formação de redes virtuais traduzem uma verdadeira *brecha no sistema*, onde muitos materiais são trocados, muitas propostas deliberadas, contatos são feitos , políticas públicas são difundidas. É o local agindo globalmente por meio da internet (CASTELLS, 2007)⁵³:

“Então, há uma grande diversidade política e cultural ao redor do mundo. Ao mesmo tempo, como as relações de poder são estruturadas, atualmente, em uma rede global, sendo desempenhadas no âmbito da comunicação socializada, movimentos sociais também agem na estrutura da rede global e adentram a batalha pelas mentes intervindo no processo global de comunicação. Eles pensam localmente, enraizados em sua sociedade, e agem globalmente, confrontando o poder onde os detentores do poder estão, nas redes globais de poder e na esfera de comunicação” (CASTELLS, 2007. p.250, livre tradução).

Especificamente o site de relacionamento Orkut é uma ferramenta bastante utilizada pelos Grupos juvenis, visto que é de fácil acessibilidade e promove visibilidade de causas e campanhas pretendidas. A Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais acredita que a internet seja um instrumento não só de divulgação dos movimentos sociais, mas também de percepção da violência contra os indivíduos, e paralelamente, pode servir para o combate a essa violência. Por exemplo, a comunidade virtual do LGBT recebe várias denúncias de maus tratos contra homossexuais e, por meio da internet, tenta se mobilizar, seja para um grande protesto nas ruas, seja para um protesto virtual mesmo, com campanhas contra determinadas comunidades e/ou indivíduos homofóbicos:

(...) às vezes quando surge um caso homofóbico mais forte, uma agressão, alguém que foi assassinado e tal, o próprio Grupo se organiza por essa lista virtual para fazer alguma coisa em conjunto, ou seja, entrar numa ação, entrar num protesto maior, por exemplo, quando o Papa veio ao Brasil.[...] então assim... é uma questão... a internet

53 CASTELLS, Manuel. *Communication, Power and Counter-Power in the Network Society*. In *International Journal of Communication* 1 (2007), 238-266.

ajuda também na percepção da violência contra homossexuais e no combate á essa violência. (Grupo Focal, LGBT).

No entanto, a internet também possibilita que muitas pessoas lancem mensagens ou criem comunidades virtuais contra os direitos humanos. Para o Grupo LGBT, denúncias virtuais contra comunidades homofóbicas na internet, especialmente no orkut, são muitas vezes repetitivas, pois quando ocorrem, o Google tira do ar e logo depois outra comunidade nesse mesmo perfil, criada, pelos mesmos indivíduos ou não entram em cena:

Eu por exemplo, que sofri muito isso, com as próprias pessoas do meio que têm uma comunidade lá que eu não gosto nem de falar o nome, que é horrorosa, está lá e isso é um absurdo. Não tem como combater o Orkut. Tem site que a gente pode denunciar, mas denuncia e eles vão lá e fazem outro. (Grupo Focal, LGBT).

A *cyber* violência caracteriza-se pela publicação de material danoso por uma pessoa ou Grupo contra uma terceira, via internet, celular ou outras novas tecnologias. Podem ser atos repetitivos e muitas vezes o agressor não chega a ser identificado – devido ao anonimato propiciado por meios como a internet e à dificuldade de controle – entre outros motivos. As “*agressões on line*” são um tipo de *cyber* violência. (ORTEGA, MORA – MERCHÁN E JÄGER 2007)⁵⁴

Entre os Grupos UJS, UBES e Pastoral da Juventude, é genérica a idéia de que a internet estaria proporcionando maior diversidade de informação para a juventude. Por mais que os espaços para a aquisição de informações de qualidade sejam restritos, ou que as mensagens vinculadas na mídia sejam ligadas apenas a modismos e consumismos, essa geração jovem, graças à heterogeneidade de informações publicadas na internet, tem conseguido ser mais plural em suas vivências, manifestando-se de diferentes formas no modo de se vestir, de falar, e de se organizar, *realizar análises de conjunturas*.

Por essa diversidade, os conteúdos da *web* chegam a impulsionar verdadeiros choques culturais que induzem a questionamentos sobre o porquê de certas realidades serem tão diferentes de outras. Paralelamente, análises de conjunturas são mais possíveis de serem entendidas, devido à imensa diversidade de opiniões jogadas na rede.

Até porque a própria formação do jovem, não só na Pastoral da Juventude, pode ser feita pelas páginas da internet, [...]ele consegue fazer uma análise de conjuntura, não só da realidade dele, mas a partir de um contraponto de outras realidades. (Grupo Focal, Pastoral da Juventude).

Os benefícios da diversidade de conteúdos da *web* também se inscrevem na falta de tempo para a militância, ou seja, muitas vezes o jovem com pouco tempo para atuar presencialmente, recorre à internet a fim de galgar uma consciência social e estar a par do movimento com o qual se identifica, fato quase impossível de se realizar por outros meios de comunicação: *Tudo que a gente faz é discutido na internet, porque todo mundo trabalha, tem funcionário público, tem estudante, tem universitário, tem tudo, então, às vezes fica difícil da gente se encontrar, então a gente toma as decisões via internet*.

54 ORTEGA, Rosário, MORA-MERCHÁN, Joaquin, JÄGER, Thomas (Eds). *Actuando contra El Bullying y La Violência Escolar: El Papel de los medios de comunicación, las autoridades locales y de internet*. Verlag Empirische Padagogik: Landau, 2007. Disponível em http://www.bullying-in-school.info/uploads/media/E-Book_Spanish_01.pdf . Acessado em: setembro de 2008.

Jovens entrevistados de Povos de Terreiro utilizam a internet para divulgação de seus eventos tanto religiosos quanto políticos, como a construção de um GT religioso.

A juventude do PMDB chega a apontar a internet hoje como o melhor meio de fazer política, e colocam o exemplo dos EUA, afirmando que 30% da política nesse país é feita pela internet. Os jovens da CUFA indicam que realizam ações por que: *sabem se relacionar e se relacionam bem com a internet sendo ela a grande mola propulsora do mundo*.

Em opinião contrária, jovens da UBES, por mais que deem valor à militância virtual, acreditam que ela deve funcionar como complementação e não substituição da forma presencial de fazer política:

Mas eu acho que a gente usa os meios de internet sim! MSN, blogs, email, outras coisas – mas a gente não pode esquecer e nunca deixar margem, pra que digam que a gente não está trabalhando na nossa base, das escolas, é lá que a gente tem que estar todos os dias, todos os instantes dentro da nossa escola, falando com a nossa base que são os estudantes. [...] Nada melhor do que você fazer uma boa fala numa sala de aula, e ver o estudante fechar o caderno e ir pra rua. (Grupo Focal, UBES).

Segundo BUSSON (2008) a cyber-militância atua de três maneiras:

1. Pode fortalecer ações no plano virtual que resultem na prática em encontros ao vivo. Desse modo, a Internet funciona como qualquer outro meio de comunicação, porém com características interativas;
2. Pode desempenhar ações no plano unicamente virtual, quando se esperam resultados *off-line*, mas agindo *online*, por exemplo, em um manifesto virtual.
3. Construções de locais onde se pode coletar informações e idéias politizadas.

A concepção de que a internet gera facilidade e dinamismo para os Grupos juvenis é uniforme entre os participantes da Conferência. Alguns movimentos ganharam até maior frequência e circulação de idéias após o advento da internet; o estreitamento de distâncias e a maior facilidade de divulgação de opiniões permitiu que Grupos jovens ligados a federações de nível nacional e internacional, agilisassem melhor seus trabalhos.

(...) a internet veio pra suprir algumas necessidades, ela nos ajuda demais, ela diminui as distâncias. Muitas vezes aí a gente poderia ter debates que as pessoas precisariam estar presentes, para debater, e ao invés disso, mandam textos, se correlacionam através de outras ferramentas, ou seja, você faz um acúmulo sem ter a necessidade de estar presente (...). Até porque nós somos ligados a federações internacionais e isso a internet encurta espaços e agiliza. (Grupo Focal, UNE).

As formas de relacionamento político têm mudado devido à aderência de centenas de jovens à internet, segundo gestores municipais, representantes da CUFA, UBES e UJS. Ainda que haja muitos integrantes de movimentos juvenis que não usam a internet, é inegável o surgimento expressivo da cyber-militância, que pode ser realizada de dentro de casa, da *lan houses*, bibliotecas e nas escolas; por meio de aplicações como orkut, blog, *e-mail*, msn, *home pages* e *sites*:

(...), por exemplo, eu num barraco se tiver internet, consigo mandar um *e-mail* pro governo federal, antigamente eu não conseguiria chegar na porta da Assembléia, da Câmara. Muda a forma de fazer política, muda até a forma de atingir as pessoas. (Grupo Focal, CUFA).

Se, de um lado, o avanço da tecnologia é um dado real e concreto, de outro traz em si novas formas de desigualdades e disparidades sociais, pois *“há uma parte da população, e nesse caso, de jovens excluídos da sociedade de conhecimento, caracterizada pela distância entre os que dominam as novas tecnologias e aqueles que mal as compreendem ou até as desconhecem”*⁵⁵ Tal idéia é corroborada por depoimentos da FETRAF, Quilombolas e Ciganos. A FETRAF salienta, de acordo com as experiências políticas com a juventude do meio rural, que o acesso à *web* nas cidades pequenas do Brasil, ainda é muito precário:

Em cidades muito pequenas, geralmente não tem *cyber*, geralmente tem nas cidades médias, nas cidades um pouco maiores. Nas cidadezinhas muito pequenas não tem um lugar para você acessar a internet. Então a escola não é um espaço que tem computador aberto pra juventude, onde a gente vive não é. (Grupo Focal, FETRAF).

Os computadores das escolas, que seriam possíveis meios de acesso, funcionam, na maior parte das vezes, como de uso exclusivo dos funcionários da escola, e, quando são liberados, o acesso é limitado a pesquisas escolares. Em outras ocasiões, não é permitido o acesso porque membros da diretoria temem possíveis danos, ou, quando o uso é liberado, não há capacitadores.

Tendo em vista essa ausência da internet, a juventude FETRAF muito tem proposto sobre a ampliação da inclusão digital no campo, pois acreditam que a internet irá facilitar sua organização. Assim, os principais meios de divulgação e de manifestação dos trabalhos da juventude rural politicamente organizada são ainda o rádio, a igreja, jornaizinhos e visitas às casas: *Esse tema no espaço rural, tipo assim, a internet não é um instrumento de organização da juventude rural; é o rádio, é ir na igreja dar o recado, é ir visitar a família, é ir na casa das pessoas, é o jornalzinho, mas a internet não.*

O acesso à internet tem diferentes realidades dentro do mesmo movimento que é nacional, segundo depoimento de jovens ligados à Pastoral. Essa diferença de acesso também se mostra entre os Quilombolas: (...) *de cem comunidades quilombolas você tira três ou quatro que têm acesso à internet.*

O baixo índice de acesso é perceptível, também, na reflexão dos Grupos de ciganos, ao observarem que, em uma comunidade de quatrocentas e poucas pessoas, apenas três têm acesso à Internet, sabem mexer o computador, e enfatizam que muitos não sabem nem ligar o computador. Segundo os jovens entrevistados, os homens ciganos não permitem à mulher acessar a internet por acreditarem que a mesma só serve para namorar: *“as mulheres ciganas não tem formação sobre o que é Internet, não deixa ela, não deixa ela usar a Internet, ter acesso a Internet, por que pensa que a Internet já é pra namorar, que é pra (...) para vê é coisas que não devem.*

Portanto, os depoimentos mostram que, apesar da grande maioria dos presentes na Conferência possuírem acesso aos meios de comunicação, esses dependem da territorialidade, local de moradia, já que quando se encontram mais distantes das capitais têm uma maior dificuldade de

55 WERTHEIN, Jorge. *Educação e inclusão na sociedade do conhecimento*. In CEBELA - Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, Disponível em: <http://www.cebela.org.br/CbartigosDet.asp?artigo=88> . Acessado em Novembro de 2008.

se conectarem com a rede. Por exemplo, a CUFA, como é preponderante nos grandes centros urbanos do país, mantém certa uniformidade na questão de acesso às estruturas da internet: “(...) então cada CUFA tem seu blog, seu site, seu fotolog, seu Orkut e seu próprio MSN”. A utilização de recursos para compra de computadores mostra como esse é reconhecido como uma ferramenta:

(...) não consigo nem imaginar como seriam as formas de articulação da Pastoral no Estado do Pará sem a internet. São conferências *on-line*, pesquisas para o processo dos encontros. (...) nós temos fundos e recursos justamente pra comprar computadores, justamente para ter maior acesso a essa comunicação, porque está nos ajudando bastante na questão de articulação e evangelização. (...) (Grupo Focal, Pastoral da Juventude).

A Pastoral da Juventude e a CUFA apontam que as juventudes dos movimentos têm mesmo é que conectar-se à rede virtual para que possam, de certa forma, educar os outros, já que se identifica que muitos jovens fazem ainda mal uso da internet.

Um aspecto negativo registrado pelas jovens Feministas estaria no fato de que as novas tecnologias de informação, e aí os aparatos ligados à internet, estão construindo identidades que fomentam preconceitos. “*Por exemplo, é o caso de você sofrer discriminação porque não tem um pen drive, ou porque não possui um mp3*”. Os próprios movimentos sociais urbanos estariam contribuindo para isso, pois, ao fazer parte deles, (as) o/a jovem tem que se adaptar a essas formatações do mundo virtual.

(...) em determinados espaços você chega e as pessoas já te olham, e se você não tem um pen drive, se você não tem um mp3, então você não é da minha classe, não é do meu Grupo social, então pra mim o consumo de novas tecnologias é uma das principais questões que estão produzindo a identidade. (Grupo Focal, Feministas).

Existe uma contradição entre entrevistadas do movimento feminista sobre o uso das novas tecnologias: ao mesmo tempo que algumas depoentes assinalam, como foi visto anteriormente, que o consumo das Tecnologias da Informação e Comunicação é movido pelo consumismo, e daí estaria promovendo campos de preconceitos, outras acreditam que o consumo das TIC's é uma questão de necessidade de mostrar o que elas fazem, não o que elas têm.

O debate sobre inclusão digital aparece como pauta de reivindicação em todos os movimentos jovens. Muitos visualizam na escola uma possibilidade de acesso, mas salientam que na maioria das vezes os impedimentos dos diretores acabam difundindo ainda mais a exclusão digital. Ressalta-se que o acesso à internet não envolve apenas a compra de computadores, mas também recursos para capacitação de agentes que difundam o conhecimento para o seu uso, além de ambientes propícios a um tempo de acesso mais regular.

6.

Construções sobre a juventude hoje

A questão proposta, *o que melhor define o jovem dos dias de hoje?* Encerra em si uma reflexão sobre o próprio conceito de juventude. Isso significa dizer que, ao buscar como se caracterizam, a pesquisa traz à tona aspectos relacionados às identidades coletivas. De um lado, pode-se adotar uma perspectiva na qual a idéia de juventude represente apenas um contingente populacional com características comuns e, de outro, concebe-se juventude como um grupo dotado de identidade própria, dentro de uma perspectiva social, histórica e cultural – como mostram os resultados mencionados a seguir.

Nota-se que os respondentes pulverizaram suas respostas, expressando uma considerável pluralidade de idéias; contudo, vale destacar que tendem a ressaltar as alternativas que representam os valores da juventude. Neste sentido, os itens relativos à linguagem e à música (37,7%), seguido do jeito de vestir e aparência (34,7%) e de ser questionador/transgressor/ousado (30,5%) corresponderiam às três principais características dos jovens, sendo mencionados com menor frequência, os itens relativos a ser criativo e empreendedor (27,1%), à consciência e responsabilidade (25,4%), a buscar adrenalina e correr riscos (23,7%), à insegurança pessoal e social (22,3%) e à falta de perspectiva (20,4%). Verifica-se, ao contrário de muitas análises possivelmente simplistas sobre os jovens, que tais características tendem a ser consideradas por eles positivas (Ver Tabela 38, abaixo). As alternativas *ser instável emocionalmente* (8,3%) e *ser egoísta* (6,0%) são as menos selecionadas do elenco apresentado sobre as características dos jovens – um achado que parece questionar estereótipos adultocêntricos sobre a juventude, tão comuns na sociedade hoje, que ressaltam aspectos negativos ou depreciativos sobre esse corte populacional.

TABELA 38. Percepção dos participantes da Conferência Nacional de Juventude sobre as características dos jovens - Brasília, 2008.

Definição dos Jovens de Hoje	Porcentagem sobre total de respondentes (%)	Número absoluto de respondentes (N)
A linguagem, a música	37,7	699
O jeito de se vestir e a aparência	34,7	643
Ser questionador/ transgressor/ ousado	30,5	566
Ser criativo/ empreendedor	27,1	502
A consciência, a responsabilidade e o compromisso	25,4	471
Buscar adrenalina, correr riscos	23,7	440
A insegurança pessoal e social	22,3	414
A falta de perspectivas	20,4	378
A força e a agilidade	18,6	344
Ser instável emocionalmente	8,3	153
Ser egoísta	6,0	111
Outros	2,9	53
Total de respondentes	100,0	1854
Total de respostas marcadas		6628

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude- Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude (coord. Castro e Abramovay 2008).

NOTA: Foi perguntado: *Pensando nas características de uma determinada faixa etária, o que melhor define o jovem nos dias de hoje* (Respostas múltiplas)

OBS: Nesta pergunta, o respondente marcava 3 opções de resposta.

As Percepções dos participantes da Conferência Nacional de Juventude variam consideravelmente em algumas categorias de acordo com o sexo. Percebeu-se que os jovens do sexo masculino (38,6%) mais do que as jovens (28,6%) acreditam que o jeito de se vestir e a aparência definem os jovens. Enquanto as jovens (35,6%), mais do que os jovens do sexo masculino (27,3%), acreditam que ser questionador/ transgressor / ousado os define. *Buscar adrenalina e correr riscos* (25,4% sexo masculino e 21,4% sexo feminino) e a falta de perspectivas (22,1% sexo masculino e 17,8% sexo feminino) foram citadas mais por jovens do sexo masculino do que pelas jovens. Outra categoria que apresentou diferença de percepção, mesmo não sendo muito importante no geral, foi a de ser egoísta – 7,1% do sexo masculino e 4,2% do sexo feminino.

TABELA 38.1. Percepção dos participantes da Conferência Nacional de Juventude sobre as características dos jovens - Brasília, 2008.

Definição dos Jovens de Hoje	Sexo		
	Feminino	Masculino	Total
A linguagem, a música	37,2%	38,1%	37,7%
O jeito de se vestir e a aparência	28,6%	38,6%	34,7%
Ser questionador/ transgressor/ ousado	35,6%	27,3%	30,5%
Ser criativo/ empreendedor	30,7%	24,8%	27,1%
A consciência, a responsabilidade e o compromisso	27,5%	24,0%	25,4%
Buscar adrenalina, correr riscos	21,4%	25,4%	23,7%
A insegurança pessoal e social	23,6%	21,6%	22,3%
A falta de perspectivas	17,8%	22,1%	20,4%
A força e a agilidade	17,8%	18,9%	18,6%
Ser instável emocionalmente	8,0%	8,2%	8,3%
Ser egoísta	4,2%	7,1%	6,0%
Outros	3,2%	2,6%	2,9%

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude- Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude (coord. Castro e Abramovay 2008).

NOTA: Foi perguntado: *Pensando nas características de uma determinada faixa etária, o que melhor define o jovem nos dias de hoje* (Respostas múltiplas)

OBS: Nesta pergunta, o respondente marcava 3 opções de resposta.

A questão da insegurança social e pessoal congrega 22,4% das respostas assinaladas como um condicionante das trajetórias juvenis, assim como é válido enfatizar que a falta de perspectivas também agrega uma alta proporção, 20,4%, como uma das cinco principais características da juventude.

MÚSICA COMO LINGUAGEM DE JUVENTUDES

Dentre as características que melhor definem os jovens atualmente aparecem, em primeiro lugar (com 37,7% das respostas), a linguagem e a música. A música aparece como demarcador de identidades e expressões juvenis também nas falas dos participantes dos grupos focais, sendo linguagem de participação juvenil. Neste sentido, é importante perceber como a música e os movimentos culturais permitem uma negociação com a estrutura social dominante. Na percepção de alguns dos gestores municipais entrevistados, a música e a cultura são fortes meios de expressão juvenil, vindo substituir, em parte, a participação política partidária ortodoxa:

(...) tirando pela minha cidade, a juventude vem de um longo processo de estar à margem das políticas públicas, dos movimentos sociais. Eu não sinto hoje um engajamento da juventude em estar buscando os seus direitos, de estar tentando discutir políticas pra que possa melhorar essa situação. Na nossa cidade, por exemplo, o índice de jovens de 16 a 18 anos, com título de eleitor é mínimo, a participação política é mínima. E por outro lado, a gente nesse centro que eu dirijo, a gente enxerga uma grande busca dessa juventude de estar se expressando através da cultura, do movimento hip-hop, enfim, dos quatro elementos do movimento hip-hop⁵⁶. A gente tem um movimento muito forte também de bandas, banda de rock principalmente, com todos os estilos, e a gente consegue reunir na cidade um número expressivo, nessa faixa aí de 16 a 21 anos dos jovens. A forma que eles têm se manifestado hoje é através da cultura. (Grupo Focal, Gestores Municipais).

No Recife também uma das maiores expressões da juventude é a cultura. Hoje, especificamente, o movimento hip-hop vem trazendo uma perspectiva muito forte na questão da cultura. Eu acho que a juventude vive uns momentos muito interessantes, históricos, porque a gente começou com essa política trazida pelo Governo Federal que dissemina nos municípios e governos estaduais essa questão da institucionalização de política pública de juventude. (Grupo Focal, Gestores Municipais).

A identificação com a musicalidade é uma das formas de se alcançar a emancipação social, já que pela identificação inicial com culturas externas, os jovens conseguem, a partir de processos criativos, criar nuances próprias, reelaborando-as e adaptando-as de acordo com a história de cada território, de cada localidade, o que transforma características particulares em mudanças contínuas.

Vê-se que as culturas juvenis encontram modos de superação e constroem espaços que signifiquem algum tipo de representação, podendo-se traçar um paralelo com as ideias de Santos (2006)⁵⁷ quando trabalha com o argumento de que atualmente a representação dos cidadãos (pelos partidos políticos, por exemplo) caminha na contramão da participação democrática, ponto que nega a legitimidade da democracia como regime político reconhecido em âmbito internacional, ou em outras palavras, há empobrecimento porque há ausência de representação – fator que recai no conceito de “sociologia das ausências”.

Tal fato reforça o contraste entre a democracia real e o ideal democrático, haja vista o despreparo do projeto moderno em lidar com desafios trazidos pelo contexto no qual a democracia atual está inserida: inexistência de instrumentos e perspectivas que considerem a diversidade em sua mais ampla dimensão: gênero, raça, colonialismo, ou sua herança deixada aos países colonizados, todos ligados pela ação discriminatória e de desigualdade entre os grupos envolvidos em que se destacam os jovens e suas respectivas identidades e culturas.

É interessante perceber a importância do movimento hip-hop como canalizador de reivindicações juvenis, o que aparece não apenas nas falas dos integrantes do próprio movimento, mas também nas visões de gestores públicos, juventudes partidárias e integrantes do movimento

56 Os quatro elementos do Hip Hop seriam o MC, o DJ (responsáveis pelo rap, a música), o Break (a dança) e o Grafite (as pinturas). Algumas vertentes do Movimento apontam o Conhecimento como quinto elemento.

57 SANTOS, Boaventura Souza, *O futuro da Democracia*. Lisboa: Ed. Visão, 2006.

estudantil. Por meio da música, da dança e da arte, o hip-hop busca a conscientização acerca da cidadania e dos posicionamentos possíveis frente a problemas sociais. O movimento hip-hop se constrói como essencialmente cultural, com forte cunho político especialmente no que concerne às temáticas abordadas pela produção (reflexões intensas sobre *o sistema*, a exclusão etc). É também importante atentar para a inserção de alguns integrantes nas arenas de debate político (especialmente naquelas sobre juventude) no país.

Neste sentido, vale destacar a não rara participação, por parte de artistas e produtores do hip-hop, em partidos políticos, no movimento estudantil (UNE e UBES por exemplo) e em movimentos tais como os pela reforma urbana e pela popularização da cultura. No grupo focal realizado com representantes do Movimento Hip-Hop, por exemplo, estavam presentes quatro candidatos a vereadores. Percebe-se aqui, mais do que uma polarização dicotômica entre partidos políticos e movimentos culturais, um profícuo diálogo entre maneiras “antigas” e “novas” de se fazer política: o ritmo e a poesia dos comícios, sindicatos, câmaras de vereadores e tantos outros espaços tradicionalmente refratários a manifestações juvenis, especialmente às populares.

Chegou a hora de o movimento hip-hop ocupar os espaços de decisão, entendeu? A gente fala tanto em poder para o povo negro, poder para o povo da periferia, e esse poder ele passa pela institucionalização, passa pelo movimento hip-hop começar a desejar ocupar as cadeiras de vereadores nas suas cidades, a ocupar as cadeiras de deputados nos seus estados, a ocupar o senado, entendeu? E por que não daqui a vinte ou trinta anos ocupar a cadeira de Presidente da República. (...) porque a gente acredita que se o movimento hip-hop é um movimento que salva, conscientiza e que se propõe a ser um movimento transformador, individualmente e coletivamente, nós temos que estar disputando os espaços de poder e de decisão do nosso país. (Grupo Focal, Hip-Hop).

O debate sobre a questão racial é eixo principal do movimento hip-hop, dialogando intensamente com os movimentos negros. Empoderar os jovens negros e negras é uma das propostas do movimento hip-hop, o que é perpassado por questões como a violência policial e a contínua exclusão social.

Eu sou da zona sul de São Paulo, Capão Redondo, e lá é muito forte a questão do movimento hip-hop (..) a partir dessa resistência que o movimento hip-hop apresentou foi que a violência policial, essa questão do cara ter vergonha de morar no Capão Redondo, ter vergonha de ter o cabelo crespo e algumas outras coisas, ela foi diminuindo (...) muitas vezes, no começo da década de 90, a única forma que a juventude negra tinha de se expressar era através das músicas, porque, mesmo que nem todos os jovens de periferia fossem *rappers*, na maioria das vezes o mano Brown, o próprio Thaíde e tantos outros eram caras que a gente encontrava toda hora nos becos e vielas. (Grupo Focal, Movimento Negro).

A música como linguagem é forte fator de participação social juvenil. O rap é exemplo desse meio de representação política, interpelando dialogicamente a sociedade, o “sistema”, desde uma posição plural. Vale recobrar a fala de um integrante indígena para ilustrar o caráter multicultural e representativo do movimento, que aparece como possibilidade de voz do excluído (e da juventude enquanto tal), de canal de comunicação.

Vim mostrar aqui que tenho o saber hip-hop de uma forma diferenciada, pratico hip-hop dentro da aldeia cantando rap, fazendo grafite, fazendo desenho, cantando rap na língua indígena. Então eu vim aqui pra mostrar que o hip-hop é infinito e a gente faz da cultura hip-hop um instrumento pra mostrar também a cultura indígena pro resto do mundo. De repente, há quem venha me perguntar – você mora lá na Amazônia, no meio dos índios lá, os índios que têm a cultura, a língua tradicional, mas de que forma vocês vão se encaixar no Hip-Hop, uma cultura que nasceu nos guetos norte-americanos, uma expressão americanizada, mas de que forma? Vocês estão perdendo a cultura. Veja só, de que maneira a gente se identifica, o hip-hop é a única cultura que nós índios descobrimos e que a gente se identificou, que nos auto-representa, por que representa o negro, representa o pobre, os excluídos, os caras lá de baixo que realmente sofrem o preconceito, os ex-presidiários, índios, caboclos. (Grupo Focal, Hip-Hop).

A importância da música como linguagem característica de jovens vai além do movimento hip-hop. A música não é só o rap, é também o samba, o rock, o sertanejo. O próprio engajamento se dá por meio de uma pluralidade de estilos musicais e linguagens. Seguindo autores como Canclini⁵⁸ (1996) e Herschmann⁵⁹ (1997), é possível considerar que as novas tecnologias de comunicação e os bens simbólicos relacionados ao mercado de consumo desempenham atualmente um papel fundamental no processo de construção de identidades juvenis.

Mais plurais no gosto da música, no modo de vestir, na forma de falar (...) mais acesso a outras formas de se viver (...) a televisão tem esse papel, a internet, hoje o jovem é muita informação, muitas possibilidades. Então, o que a gente podia ouvir antigamente na música, no cassete, que virava uma fita, hoje a gente bota o mp3, você ouve lá quinhentas músicas, então, hoje é mais acesso às coisas. (Grupo Focal, UJS).

Parte desse mercado de consumo é a incorporação, por parte da indústria fonográfica, de manifestações culturais e musicais. Como apontam alguns integrantes do Movimento Negro, o samba e o próprio hip-hop vêm enfrentando o problema da cooptação, do “branqueamento” e da distorção de suas lutas e bandeiras por parte da indústria cultural. Neste sentido, é interessante observar que a possibilidade de “se vender”, traíndo os ideais do movimento, é algo comparável ao espectro da corrupção dentro dos partidos políticos.

Com o passar do tempo o pessoal da direita, o pessoal branco, eles foram percebendo que o movimento Hip-Hop estava adquirindo uma força muito grande; e partir do momento que esse movimento começou a se tornar muito grande (...) algumas lideranças foram cooptadas para o mercado fonográfico. (...) Essa questão de mercado cultural é uma coisa que eu acho que ameaça muito essa questão da identidade negra, porque os donos das empresas também são pessoas brancas, dessa hegemonia, e aí você consegue colocar o monopólio tanto nessa questão da Academia quanto na questão cultural. A questão cultural me amedronta ainda mais, porque as grandes transformações que aconteceram na humanidade sempre antes elas eram propostas pelos artistas e, hoje em dia, a gente vai vendo cada vez mais que a tendência social é não se preocupar em fazer uma arte que contemple o povo, é fazer uma arte que contemple o próprio bolso. (Grupo Focal, Movimento Negro).

58 CANCLINI, Nestor. (org.). *Culturas en globalización: América Latina – Europa – Estados Unidos: libre comercio e integración*. Caracas (Venezuela): Editorial Nueva Sociedad, Seminario de Estudios de la Cultura (CNCA), Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 1996.

59 HERSCHMANN, Micael. (org.). *Abalando os anos 90- Funk e Hip Hop. Globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

A coisa está se descaracterizando, esse estupro, esse assalto que a gente está sofrendo na questão cultural mesmo, da questão de hoje o negro não poder mais fazer o samba, porque ele vai ser diferente. Hoje o negro está fazendo o samba ali, ele está ali de uma forma extraordinária, porque quem está fazendo o samba hoje são os brancos. (Grupo Focal, Hip-Hop).

Percebe-se como música e consumo, ambos apontados pelos pesquisados como características da juventude, são temas que se interpenetram, seja nas discussões sobre as marcas dos aparelhos tocadores de mp3 ou naquelas sobre a imanência da indústria fonográfica e sua relação com a música como espaço de reivindicações, criação e afirmação de identidades.

MODA, APARÊNCIA E CONSUMISMO

A expressividade na indicação do item relativo à moda e à aparência como uma das principais características que definem a condição juvenil fez com que se buscasse melhor compreender o contexto dessas percepções e seus desdobramentos pelas respostas obtidas no âmbito da pesquisa qualitativa. Assim sendo, observou-se que a temática de moda e aparência, nas entrevistas e grupos focais realizados com participantes da Conferência, esteve balizada por diversas questões como consumismo, discriminação, imposição da mídia, composição de um estilo, de uma forma de ser etc.

A percepção sobre tais aspectos pode estar relacionada com a identidade, como afirma um jovem do PT, sendo possível adquirir, mesmo na sociedade capitalista, novos sentidos a partir de novos valores. É evidente que nossa sociedade é alimentada pela mercadoria e pela necessidade de comprar, portanto, quanto mais se compra mais o dinheiro circula e mais velhas mercadorias são substituídas. O seguinte depoimento expressa o consumo igualmente como motivado por uma procura de identidade juvenil:

(...) mesmo que isso seja carregado de valores capitalistas, é [também] identidade. (...) a juventude que pensa que as nossas relações de identidade têm que perpassar por outro sentido, cabe a nós derrotar o modelo de identidade construída pelo capitalismo. (Grupo Focal, PT).

Um militante da UNE, por sua vez, compara a década de 1980 com a atual, afirmando que naquela época *“o Estado era menos agressivo no que diz respeito ao consumo”*, que os jovens hoje são *“reféns do consumo. (...) existe uma absurda corrida para consumir”* e que a sociedade atual faz com que *“você seja determinado pelo que você tem”*. O mercado e suas marcas são também ressaltados:

Se eu estou com uma camisa da Nike, aquilo não é só um bagulho econômico, tem um bagulho social metido naquilo que vai determinar o que você é a partir daquela camisa. Por que será que todo mundo olha diferente pra uma pessoa que está vestindo Hugo Boss? (Grupo Focal, UNE).

Em realidade, os jovens são sujeitos de uma sociedade de consumo ostensivo e cujo traço principal é suscitar uma série de aspirações que, para a maior parte desse grupo populacional, não podem se tornar realizáveis e terminam em frustrações – o que faz da desigualdade social

um elemento acentuadamente notável e vivenciado no dia-a-dia de inúmeros jovens. Retomando o discurso citado, percebe-se que nele está implícita a referência a um modelo de vida que força necessidades de comprar e jogar fora, de maneira infinita.

Para um integrante da UBES, a principal característica do capitalismo é distinguir as pessoas pelo consumo, pela aparência e pela instrução, citando o exemplo de um programa de televisão que exibira um episódio em que um jovem bem vestido pôde conseguir emprego com maior facilidade e estudar mais para ficar rico. As carreiras universitárias tornam-se as únicas reconhecidas e valorizadas:

(...) Desde pequeno você tem que estudar muito, batalhar muito para poder entrar numa universidade e poder ganhar dinheiro. Você não pode ser pedreiro, você tem que ser engenheiro, porque se você for pedreiro você ganha mil, se você for engenheiro você ganha dez mil. (Grupo Focal, UBES).

De acordo com outro jovem da UNE, *“o consumo é o reflexo de uma política ofensiva, individualista, é um reflexo cultural, inclusive, um reflexo do neoliberalismo”*. A escola cumpriria igualmente um papel importante nesse âmbito ao iniciar um processo de competição desde os primeiros contatos da criança, quando de sua entrada nesse modelo de instituição, até a universidade. E o processo de globalização incentivaria a mesma lógica de disputa:

É aí como são moldadas as nossas instituições educacionais... e se estimula o menino desde cedo para a competição, um modelo de prova (...) Olha só: o aluno tirou 9, o aluno tirou 8 (...), sempre competindo, você perde aquele ideal um pouco maior de coletividade, produção em conjunto. Casando com isso você tem essa lógica inserida com uma perspectiva globalizante, de você estar aberto para todo mundo. Então eu já passo também a determinar aquilo que vem de fora e o que não vem, o acesso que eu tenho ou não aos meios de comunicação. Então a todo o momento você está no consumo disputando e as instituições reproduzindo essa lógica da disputa. (Grupo Focal, UNE).

É esse o drama que está colocado na juventude como um todo, você tem uma dificuldade de identificação, mil formas de organização, você é estimulado a todo o momento à competição e ao consumo, e isso é muito visto na universidade. A todo o momento na universidade um cara quer sair da aula, quer voltar para casa porque ele tem que estudar, porque tem que passar em um concurso, tem que passar a perna no fulano. (Grupo Focal, UNE).

Dando continuidade às noções sobre capitalismo acima trazidas, outro integrante da UNE pondera que a sociedade define o que as pessoas são pelo consumo: *“você é o que você consome”* e que, portanto, é preciso criar alternativas para os jovens socialmente desprivilegiados, tendo em vista os problemas que o consumismo acarreta e que, dessa forma, a sociedade *“marginaliza e pode entrar em pane”*. A falta de organização política agrava esse tipo de situação, fazendo com que os jovens se identifiquem com um consumismo desenfreado por acreditarem que se trata de uma questão de direito de todos ao consumo:

(...) 30% da população não se organiza em nada, nem em partido político, nem em religião. Então, é uma minoria que está politizada. Isso daí dá em quê? Espaço para idéias anti-partidárias, apolíticas. Porque o jovem não se identifica com o consumismo, que são valores que estão diluídos em uma idéia em que todo mundo tem direito, o que é uma mentira. O consumo é um pilar nesse sentido, porque ele é a força em todas as classes. O jovem ele quer ser consumidor não só na classe alta, na classe baixa, ele quer consumir como todo mundo, todo mundo tem que ter. Então para ele ter, ele faz o quê? Ele vai entrar no tráfico de drogas (...). (Grupo Focal, UNE).

Os jovens são, desse modo, considerados consumistas e, em algumas falas, até mesmo inconscientes por naturalizarem o consumo: “(...) é comum um jovem ter cinco pares de sapatos, mas quem não tem quer ter. Várias camisas, vários blusões, ter dois carros. Então, você sempre quer ter, por mais que você não tenha uma necessidade imediata daquilo” (Grupo Focal, UNE). O consumismo encerraria uma grande contradição, à medida que o jovem precisa consumir para se inserir na sociedade e, ao mesmo tempo, à medida que há um forte discurso sobre a necessidade da juventude de defender outros valores, fazer um contraponto. A juventude, segundo alguns depoimentos, teria dificuldade em assumir que é consumista, ao passo que a moda configurar-se-ia, em contrapartida, como uma grande forma de inserção social, estando bastante associada ao fato de que o “estar na moda” pode envolver um sentimento de pertencimento ou legitimidade e a possibilidade de ser admirado(a) e respeitado(a):

E eu acho que isso é identificado como uma contradição, mas por quê? O jovem consome muito, porque ele quer se enquadrar naquela meio social, ele quer fazer parte da sociedade, ele não quer assumir que ele é um consumista, que defende valores, que não são valores da unidade, que não são valores da solidariedade. Então é pra essa juventude aí que a gente precisa fazer um contraponto, mostrar o outro lado da moeda que a mídia não mostra. (Grupo Focal, UNE).

A mídia, de acordo com uma militante da UBES, impõe um padrão de aparência para que os jovens se destaquem, sendo possível observar certa falta de consciência sobre o que é representado: “(...) eles têm que ter acima de tudo consciência daquilo que eles estão fazendo e das coisas as quais eles estão representando... eu acho que isso falta um pouco no nosso país”. O grupo de jovens ambientalistas polemizou a questão da moda e da aparência em relação ao consumismo e, da mesma forma, à imposição midiática de caráter abusivo, uma vez que a mídia ressalta em sua publicidade aspectos relacionados com a juventude – tais como a beleza, a liberdade, o prazer – e constrói na cabeça das pessoas um imaginário idealizado sobre os jovens. Este aspecto talvez pudesse ser contornado a partir da conscientização ecológica pautada nos valores de sustentabilidade:

Em relação ao consumo, a juventude tem sido muito atingida mesmo pelos meios de comunicação, a mídia. Ao usar roupa de marca, a gente está na moda, a gente está na moda e tudo mais, mas em meio a tudo isso existem sim alternativas que a juventude pode contar, que é a prática do cooperativismo, que é a economia solidária, que é o consumo dos produtos orgânicos em vez dos transgênicos. Então eu acho assim: isso, que é mais uma conscientização ecológica, tem que ter, entendeu? E os meios de comunicação não têm repassado isso e eu concordo plenamente com o que disse Gandhi quando ele diz que a terra é suficiente para todos, mas não para a voracidade dos consumistas. Isso é uma realidade. (Grupo Focal, Ambientalistas).

O consumo é frequentemente uma atividade solitária (BAUMAN, 2008)⁶⁰ e muitas vezes pode cair em certo individualismo; algumas jovens feministas apontam, neste sentido, que o consumismo e o individualismo tendem inclusive a orientar padrões de beleza socialmente compartilhados: “[os/as jovens] adotam uma visão mais individualista, mais egoísta, então eu acredito que isso também é muito difundido pelos meios de comunicação, que tentam impor um determinado padrão de consumo e de beleza (...)”. Também para um Jovem do grupo de Redes, o consumismo e o individualismo se confundem, verificando-se que a aparência se torna o que há de mais importante na sociedade, mas que existe uma geração preocupada com *valores, solidariedade*.

O consumismo pode ser resumido como uma série de valores simbólicos impostos pela sociedade de consumo, de modo que, como enfatiza Maffesoli⁶¹, o sentimento de ser e pertencer para o grupo de pares passa a se relacionar com o *reconhecimento*, este último medido pelos bens de consumo aos quais se tem acesso. Isso pode ser traduzido também nas idéias de uma integrante do grupo de jovens feministas, conforme o seguinte fragmento:

(...) eu acho que a questão do consumo e a forma de se vestir, a forma de a gente se produzir, estão muito relacionados porque, em determinados espaços, você chega e as pessoas já te olham, e se você não tem um *pen drive*, se você não tem um mp3 então você não é da minha classe, não é do meu grupo social, então para mim o consumo é uma das principais questões que estão produzindo a identidade. (Grupo Focal, Jovens Feministas).

Um entrevistado do grupo de redes pondera que a juventude pode ser considerada um produto de mercado, ou seja, ao mesmo tempo em que são consumidores da moda, são objeto de moda:

(...) o mercado de consumo hoje, ele guia a juventude e a juventude agora é a moda. Se vestir como jovem, ser jovem. Além do que o jovem é visto como um produto: (...) o jovem, por ser a “bola da vez” do novo mercado, ele é visado. A moda hoje é: vestir de bacana, fazer o que diz a mídia, vestir aquilo que a mídia diz, usar câmara digital porque agora aquela câmara antiga saiu da moda, ter MP3, MP5... (Grupo Focal, Redes).

Contudo, há espaço para certa pluralidade. Embora o *jovem*, em um sentido bastante genérico, seja considerado um alvo preferencial da moda e do consumo, nem todos aqueles englobados por tal categoria seriam efetivamente seguidores dos padrões ditados pelo mercado e pela publicidade, sendo as escolhas de alguns jovens em termos de trajes e adereços uma questão de gosto pessoal. Determinados entrevistados dizem diferenciar-se da maioria dos jovens por possuir um estilo que seria deles, próprio:

Ela ali de vestido grande, outro ali de bermuda, ele já se veste assim... A gente não consegue seguir uma linha geral que a mídia aponta para a gente vestir hoje e usar, mas a maioria desses jovens não faz isso, eles vivem o que a mídia diz. (Grupo Focal, Redes).

(...) Eu sempre fiz o meu estilo. Nunca copiei nada de ninguém. Eu sou artista plástico, minhas camisas todas sou eu que pinto. (...) nesses ambientes eu mostrei pra eles que não visto a pele, eu visto a alma... Por quê? Porque se eu sair de casa triste a minha

60 Bauman Zygmunt. *Vida para o consumo*. Rio de Janeiro: Zahar editora, 2008.

61 MAFFESOLI, Michel. *L'instant éternel*. Paris: Denoël, 2000.

roupa vai estar uma coisa sem identificação. E se eu estou bem, a minha roupa será colorida. Então eu coloco a minha alma em tudo que eu faço, entendeu? (Grupo Focal, Projovem).

DISCRIMINAÇÃO PELA APARÊNCIA E CONSUMISMO

No entendimento de uma jovem da UBES, a necessidade de consumir causa ansiedade nos jovens, à medida que a sociedade, inclusive a juventude, discrimina aqueles que não têm uma boa aparência: *“existe uma discriminação muito grande entre nós mesmos jovens. Isso é natural, entendeu?”*. Outra entrevistada do Grupo Viração apresenta uma visão mais otimista da juventude, afirmando que são os adultos que dão exemplo para a juventude, não somente dando dinheiro para que consumam como dando exemplo negativo: *“falam que o jovem é consumista, mas não é só o jovem que é consumista, o adulto é tanto quanto ou muito mais, (...) ele está reproduzindo uma atitude que ele sempre viu desde pequeno”*.

ASPECTOS POSITIVOS DA MODA

Apesar das críticas sobre moda e consumismo, para alguns entrevistados a moda e a aparência configuram-se também como uma questão de linguagem, uma forma de as pessoas expressarem suas idéias e sentimentos, refletindo ou externalizando o que *jovens pensam e sentem*. O consumismo, que carrega sentido pejorativo, não corresponderia à única referência a ser levada em conta:

Isso é uma linguagem que é muito fácil. Porque você vê que a forma que o jovem age no dia-a-dia dele... No jeito que ele se veste, no jeito que ele se expressa, no jeito que ele caminha: tudo isso é uma forma. Às vezes você vê uma pessoa e você já tem idéia de como ela seja e do que ela faça. E eu acho que essa forma não seria consumismo porque consumismo lembra futilidade, aquela coisa sem necessidade. O que os jovens procuram dentro da moda, dentro da forma de se vestir, do cabelo, é se expressar. (Grupo Focal, Viração).

Os jovens dos movimentos sociais refletem sobre o consumo e a necessidade de estar bem vestido, diferindo radicalmente das juventudes partidárias. Para os entrevistados da CONTAG, a moda e a aparência passam pelo reconhecimento, pela necessidade de mudar um estereótipo sobre o jovem rural que acompanha os que vivem na cidade. Alguns, por exemplo, quando chegam arrumados a algum lugar na cidade podem vir a escutar frases como as citadas no discurso abaixo:

(...) “Ah...você não é do campo?”. “No campo vocês se vestem assim?”, “Como você diz que é trabalhadora rural, se você está com a unha pintada?”. “Como é que você está limpa, está de batom, está maquiada?”, né? Para os meninos, é a mesma coisa: “Como é que você é agricultor e você pode comprar um tênis como esse?” (Grupo Focal, CONTAG).

Saber andar de salto: parece que isso é simples, mas isso não é simples. Imagina você chegar num espaço na cidade, onde as pessoas começam a te olhar, perguntam o que você faz e se você diz que é agricultor. A pessoa duvida de você pelo fato de você estar limpo ou limpa. (Grupo Focal, CONTAG).

Os integrantes da CONTAG declaram não existir diferenças significativas entre jovens urbanos e rurais quanto ao tema ora tratado, haja vista que hoje a juventude rural está cada vez mais próxima do meio urbano e que ela tem acesso a informações e a padrões estéticos/comportamentais bastante próximos daqueles que influenciam os jovens das cidades. Contudo, ainda assim, são frequentemente discriminados:

Eu acho que o jovem é consumista sim e a juventude rural quer acompanhar também. Na minha localidade, por exemplo, no meu município, praticamente 80% das pessoas têm celular no meio rural. Querem trocar também a toda hora, querem trocar de aparelho celular. A roupa, também querem acompanhar a moda conforme está. Então, não tem mais uma diferença tão grande assim, no meu ponto de vista. (Grupo Focal, CONTAG).

Muito teria ajudado nesse processo a escolarização, fazendo com que ambas as juventudes urbana e rural começassem a dialogar; em contrapartida, esse processo levou a um aumento de gravidez juvenil: *“hoje tem caminhões, ônibus carregando a gente. (...) Então aumentou essa vivência nossa, esse diálogo com a juventude urbana (...)”*. Um jovem da CUT também menciona o estereótipo sobre os jovens do meio rural, comumente considerados “mal vestidos”, por entender que eles têm direito à qualidade de vida: *“(...) Ele [o jovem rural] tem direito a andar bem vestido, a menina tem direito a escovar o seu cabelo, a ser tratada com respeito e viver em sua propriedade rural com dignidade. E da forma como está colocada não dá viver lá”*. (Grupo Focal, CUT).

Já para o grupo de jovens indígenas, a questão da moda e aparência é descrita como relacionada aos valores tradicionais de seu povo, como pintura e artesanato:

(...) nossos valores são mais de resgate, nossa cultura, nosso artesanato. E eu acho que isso é a nossa maior vaidade, essa é a nossa maior moda... nossas pinturas, nossos cantos. (...). Lógico que o jovem indígena não gosta de se vestir mal, gosta de se vestir bem. Mas eu acho que nossa dignidade não está em roupa, não está em gíria, não está em... eu acho que nossa maior dignidade está na nossa cultura. (Grupo Focal, Jovens Indígenas).

Para um representante da CUFA, os jovens, em geral, são vaidosos e, por isso, acabam sendo consumistas: *“(...) porque normalmente o jovem, na sua grande maioria, acaba sendo vaidoso, então você nunca vai querer estar mal num lugar, estar mal vestido, não vai querer ser excluído (...)”*. Justamente esse medo de ser excluído do grupo faz com que procurem uma certa identidade de grupo até na hora de escolher uma roupa: *“O grande medo do jovem é ser excluído entre eles mesmos, então está sempre querendo estar em alta. Então – querendo ou não – acaba sendo sim consumista!”*. Especificamente com relação à moda e aparência, ele entende que cada grupo tem seu estilo, a exemplo do Hip-Hop, o qual corresponde a uma cultura que também determina uma linha de qualidades e regras:

(...) O hip-hop já é outro segmento que vem como fio condutor de várias ações sociais, vem fazendo a revolução no Brasil e também tem seu próprio estilo, então... as culturas são muito independentes, cada uma dita sua moda, cada uma dita sua regra e isso faz com que as aparências sejam diferentes. Então para se manter numa linha você acaba tendo que consumir para andar bem vestido... Minha opinião é essa. (Grupo Focal, CUFA).

Para outra jovem da CUFA, a necessidade de estar na moda e de consumir não seria uma questão específica da juventude, “*mas da sociedade como um todo do ser humano, do indivíduo (...) não é uma coisa que ele construiu, foi imposta a ele*”. Segundo a jovem, o consumismo é fruto da necessidade de aceitação e de inclusão na sociedade atual, um meio “*de se sentir inserido, e a moda é o meio mais fácil: é só comprar. [Os jovens] não se definem como consumistas porque essa palavra traz uma carga negativa, significa que você é gastador, pela necessidade de estar em evidência.*” (Grupo Focal, CUFA).

A noção de *consumismo*, contudo, deveria também ser problematizada, já que, como afirmou um integrante da CUFA, o simples fato de uma pessoa querer ter um tênis, por exemplo, não a caracteriza como consumista e pode se relacionar com as formas juvenis de inventar e reinventar a moda. Muitos produtos são básicos e todos deveriam ter o direito de almejá-los, de adquirir determinados bens ou objetos tidos como inacessíveis para algumas classes:

(...) Por que o jovem de favela não pode ter um tênis bom? Por que o jovem de favela não pode ter internet, não pode sonhar em ter uma casa? (...) Eu, por exemplo, sou de comunidade pobre e quero ter carro, quero ter casa, quero viajar pelo Brasil... Acho que se sentir no direito de ter já inclui a pessoa. (Grupo Focal, CUFA).

Um jovem do Grupo de Comunidades de Terreiro, por sua vez, declarou que a questão da aparência para negros e negras seria ainda mais dramática. A juventude negra, que já é tantas vezes discriminada pela cor da pele e outros traços fenotípicos, pode encontrar na forma de se vestir uma saída contra o preconceito racial, uma estratégia de defesa a ser acionada a fim de se evitarem prejuízos potenciais. O discurso desses jovens afirma também que, por medo de serem discriminados, muitos querem estar sempre arrumados:

(...) a gente tem que procurar estar em cima, estar bonito. Se você chegar aqui na Conferência com uma roupa rasgada, eu acho que você não passa, não vai nem encostar ninguém junto. (...) se você estiver sujo, todo mundo vai discriminar, olhar você com outros olhos. (Grupo Focal, Jovens de Comunidades de Terreiro).

Outra integrante desse mesmo grupo focal declarou, em contraposição ao anteriormente exposto, que o grande problema seria, de fato, a cor da pele e o racismo, afastando-se do argumento de que a forma de se vestir seria um problema de grande dimensão: “*se vem uma pessoa de cor mais clara, tudo bem, mas se vem uma pessoa negra ou então descendente de alguma cultura negra rasgada aí já vai barrar. Eu acho que isso é mais pela cor da pele, é o racismo e não a aparência.*” Respondendo a esta intervenção, uma jovem do grupo fala que o mais importante seria o jovem tentar se afirmar de outras formas: “*(...) conversando, construindo políticas. Eu penso que a beleza, a aparência, esse consumismo, ele não influencia muito, pelo menos na minha vida, eu sei me pôr nos lugares, eu não preciso estar de blazer para me mostrar*”.

Os integrantes do Projovem, ao debaterem a questão do preconceito relacionado ao vestuário e ao comportamento, descreveram quais traços os diferenciariam dos jovens brancos de classe média, comentando não somente sobre a maneira de se vestir, mas também sobre a ginga, a forma de andar:

(...) estudo em Niterói numa área de classe média (...) Se eu for para Icarai com essa bermuda, de camisa e de tênis, eu fico com vergonha de andar. Então eu fico com

vergonha. (...) porque as pessoas ficam olhando com desdém, com mau olhar... por eu ser negro e estar vestido da maneira ali incorreta... a maneira correta é você andar menos com coisa de bermuda, camisinha bonitinha, cabelinho cortadinho... aí andou correto. Eu moro em favela, em favela você não gosta de andar fugido, balançando o ombro (...) é a ginga... com aquela sandalhinha que custa 60 reais. Um menino já de classe baixa. Ele anda de Nike, Adidas, Puma, bonezinho da adidas assim abaixadinho... isso faz com que a pessoa tenha uma visão de mau olhar para aquela pessoa e isso faz com que aquela pessoa seja mal vista.. (Grupo Focal, Projovem).

Para alguns interlocutores do Projovem, moda e aparência estariam relacionadas ao “estilo”: “(...) a aparência, acho que tem mais a ver com estilo, com estilo rock’n’roll, outros curtem hip-hop, outros samba, outro curtem soul”. Estariam vinculadas também às características pessoais e ao estado de espírito da pessoa ao se vestir ou se adornar, com a preocupação sobre o que causaria uma percepção positiva ou negativa no outro e no espaço social a ser frequentado:

(...) o jovem procura botar a melhor aparência que tiver: “vou botar aquela roupa que vai me dar uma aparência boa... assim, se eu andar na rua a mulher vai olhar pra mim, alguém vai me elogiar”. O jovem procura sempre andar se vestindo bem... para poder estar bem, porque quando o jovem se veste mal... Exemplo: o Rio de Janeiro. Se você parar ali na Candelária, pô você vê os meninos de rua ali, como é que eles andam? Descalços, todos sujos, usando droga, sem camisa, roupa toda suja e você pensa assim aquela aparência ali é uma aparência suja. Então a aparência cria muito na mente da pessoa. Se você usar uma roupa limpa, você vai ter uma capacidade de desenvolvimento mental bem melhor e bem maior. Se você andar sujo, não estou ligando para nada, não estou ligando para o meu corpo nem para nada, a sua mente não tem aquela estrutura de evoluir, coisa de pensar mais além... (Grupo Focal, Projovem).

Nem sempre seria possível identificar – como afirma outro participante do Projovem – a condição social de uma pessoa a partir da vestimenta. Ademais, seria possível notar que a sociedade tende a perceber a aparência de maneira eminentemente externa, física, sem olhar para o interior da pessoa: “a sociedade procura ver mais a sua aparência física, externa. Porque procurar sua aparência interna fica difícil (...)”.

Como conclusão dos diferentes discursos que apareceram sobre o tema, tivemos diferentes opiniões entre o que é consumismo, o que é consumo, o próprio jovem como consumista ou as diferentes formas de ser e estar das juventudes, procurando uma certa identidade através de sua forma de vestir e de aparecer para o outro.

ENTRE A FALTA DE PERSPECTIVAS, A RESPONSABILIDADE E O COMPROMISSO

Nas falas dos jovens entrevistados nos grupos focais, podem ser percebidas referências frequentes a algumas das demais características elencadas como juvenis no questionário, especialmente a tensão entre a falta de perspectivas (20,4% de respostas) – e subsequente insegurança pessoal e social (22,3%) – e a consciência social (25,7%), muitas vezes demonstrada de maneiras diferentes daquelas consideradas pelas gerações anteriores como “legítimas”. Na percepção de vários dos jovens da UNE, por exemplo, a juventude de hoje está muito angustiada, preocupada em como

se inserir na sociedade e no mercado de trabalho, tendo dificuldade de se organizar e de canalizar suas energias de maneira objetiva, por causa do individualismo exacerbado, pensamento que vem ao encontro da opinião de um representante da Força Sindical:

(...) o jovem é individualista, realmente é, só que a gente perdeu aquela unidade que existia na década de 80, quando a juventude saía, mostrava a cara, realmente ia em busca de seus ideais. Hoje em dia não, o jovem está acomodado, não só o jovem como a sociedade em geral está muito acomodada, é aquela coisa, hoje em dia... (Grupo Focal, Força Sindical).

Ao mesmo tempo, são muito frequentes falas que demonstram a preocupação das juventudes com as relações de solidariedade e com o comunitarismo, meios de se combater a insegurança social e pessoal, e com a luta individual diária por um futuro melhor:

O sonho de toda pessoa é ser feliz. E o meu sonho não é diferente, é ser feliz, só que a gente percebe no mundo graus diferentes, então acho que a minha felicidade como pessoa eu posso conseguir alguns graus dessa felicidade sozinho, mas eu acho que não consigo ser feliz num carro legal, numa casa legal (...) se aquele amigo meu que cresceu comigo na infância está ferrado, se as pessoas da minha comunidade estão mal, entendeu? Então assim, resolver o problema eu sei que a gente não vai, acho que a felicidade é um caminho estreito mesmo, é de você procurar fazer o melhor que você pode para ser feliz, e que nesse melhor esteja envolvidas outras pessoas pra você pelo menos dormir com a consciência tranqüila. Para você saber, assim, que tem violência, mas fiz o melhor durante esse dia de hoje para que fosse menor. (Grupo Focal, CUFA).

Quatro anos atrás eu parava assim e pensava: pô, eu não tenho oportunidade de nada, um curso pra correr atrás, não tinha como saber, eu não tinha acesso a informação direta ou indireta. Hoje em dia eu já tenho, já tenho a expectativa maior. Os jovens hoje em dia estão procurando, estão se mostrando, como a cultura, com várias formas e eu como moro numa área de risco (...) eu vejo vários jovens procurando um caminho mais certo, pois o caminho atrás é muito incerto, como a bandidagem, drogas, prostituição. E hoje eu vejo assim, a rapaziada correndo mais atrás de coisas melhores, de cursos, etc. Estão tentando mudar, eu acho que eu vejo os jovens de hoje assim, mais confiantes. (Grupo Focal, Projovem, grifos nossos).

Os jovens enfrentam desafios marcados, sobretudo os relacionados à diversidade, presente em espaços tradicionais de participação social (igrejas, famílias, organizações estudantis, partidos) e em espaços que assumem novas identidades ou que conseguiram seu lugar na contemporaneidade, a exemplo dos movimentos sociais. Em paralelo, alguns apontam a falta de “referência”, de estrutura (familiar, social), assim como de espaços que permitam expressar idéias, vozes e sentimentos sobre o mundo atual. Mas, se tal expressividade apresenta limites, apresenta também conquistas, seja pela liberdade de comunicação – mídia, internet – seja pela escuta dos jovens. Em relação às oportunidades, ainda que apontem que não sejam suficientes, falam sobre a educação, o acesso a cursos de capacitação e formação que, se não garantem o ingresso dos jovens no mercado de trabalho, assumem papel importante na condução de suas ações, principalmente no que diz respeito ao pensar o futuro, permeado por atitudes de contestação e debate com as próprias culturas juvenis.

Eu falo isso porque eu estudo cultura, estudo artes e eu percebo os meus amigos, muito críticos, muito sensitivos, mas muito perdidos também, eles não têm uma referência, eles atiram para todos os lados por causa disso, porque não tiveram uma estrutura familiar boa, porque a família também não teve condições de pelo menos ficar com a criança ali e educar ela, porque ela tem que trabalhar. E é engraçado que são as três coisas mais fundamentais na formação do indivíduo: a família, a educação e o lazer. Outra coisa, se confunde muito lazer com entretenimento [...] isso, hoje em dia lazer é você assistir um filme de violência, isso não é lazer isso é entretenimento... olha só, lazer é você ir numa partida de futebol e participar de uma equipe de torcida, de uma briga...isso não é lazer nem entretenimento, isso é violência. Então tem muita coisa confusa, sabe, o jovem como conquista conquistou a liberdade de expressar, mas ele não sabe o que ele vai expressar, então acho que foi uma perda. (Grupo Focal, CUFA, grifos nossos).

Eu acho que o jovem brasileiro hoje tenta ficar até mais otimista. E eu acredito no otimismo do jovem. E eu não diria que se dá apenas na inclusão digital. A partir do momento que o jovem tem acesso a essa inclusão, acho que o universo se abre mais, se amplia mais, ele descobre mais horizontes, entendeu, e aí os interesses começam a surgir. Eu como jovem pro meu futuro, eu vejo muito promissor. Acredito muito na pessoa que eu sou, por quê? Eu sou uma pessoa, mesmo sendo de origem humilde, eu sempre tive uma boa orientação familiar. Eu sempre vivi num meio intelectual muito interessante que me ajudou essa formação. Então hoje eu penso assim em cumprir uma faculdade, entendeu, eu penso em fazer pós-graduação, mestrado. Isso pra mim é crescimento, é evolução, entendeu? (Grupo Focal, ProJovem).

O descontentamento dos jovens entrevistados para com a sociedade muito tem a ver com um fator preponderante da sociedade contemporânea: a falta de oportunidades, de capacitação e formação das juventudes que, algumas vezes, terminam por se perceber em situações caracterizadas pela concorrência extrema e pela desigualdade social, racial e regional patente. Mesmo assim, a maioria dos jovens entrevistados não aceita a pecha de “conformado” ou “comodista”. Ao contrário, apontam sua luta diária por um lugar não apenas de trabalho, mas de voz e respeito dentro da sociedade.

Eu particularmente penso o seguinte, o jovem embora tenha vivido na inércia durante muito tempo, hoje tem mais oportunidade de abrir a boca e falar, o que é, o que pensa. Mas também porque as portas se abriram pros jovens, entendeu? Tem muito jovem que ainda continua nessa inércia, mas é uma minoria eu acredito. Eu fico muito feliz em ver que as pessoas de hoje têm essa preocupação de levantar um debate; essas conferências todas têm aberto muito a cabeça dos jovens pra essas questões, as necessidades que eles têm, que eu como jovem tenho, no coletivo, todos nós temos. Isso sem falar nos programas, direcionados, nas políticas afirmativas para os jovens, que são muito interessantes. (Grupo Focal, ProJovem).

(...) mas eu não vejo que a juventude de hoje está meio acomodada. Muitas pessoas fazem comparação no sentido de na sua época ralavam “pra caramba”, e hoje [os jovens] estão meio acomodados. O que acontece é essa falta de capacitação mesmo, às vezes falta de atenção ou de vontade do próprio jovem em saber lidar com tudo isso, em saber absorver todas essas informações, em saber distribuir, reproduzir tudo

isso. Mas eu vejo que a grande maioria dos jovens hoje são guerreiros, são pessoas que buscam um ideal. O que falta mesmo é chegar nesse eixo, um eixo central de qualquer principal luta dos jovens. Mas existe também essa diversidade de lutas de causas, devido à grandiosidade dos problemas, já que conforme o mundo foi evoluindo os problemas foram aumentando; e aumentando não só em proporção. Hoje a fome é um grande problema, a falta de moradia, a falta de estrutura, a falta de saneamento básico, então são vários os tópicos que os jovens têm para labutar hoje. Por isso, esses blocos de jovens cada um no seu segmento, já que o problema do Norte é um, o problema do Centro Oeste é outro, do Sudeste totalmente diferente, então essa divisão de lutas. (Grupo Focal, CUFA).

A pluralidade de bandeiras de luta é uma das marcas da juventude e da configuração política atual, cada vez mais preocupada com a pluralidade de realidades e possibilidades que devem ser abarcadas. Não mais um objetivo comum, muitas vezes imposto, mas várias causas pelas quais lutar, buscando um diálogo entre elas.

(...)eu penso também que a gente já teve muitos ganhos como afro-religiosos, e nós conseguimos nos organizar. Esse ano nós conseguimos colocar como lei a data do 18 de Março, em que (está fazendo 100 anos) aconteceu o caso de uma mãe de santo que teve depredado seu terreiro, e a gente colocou uma data que mostra a resistência ao culto à nossa ancestralidade e a gente se organiza e consegue acessar os espaços mesmo governamentais, consegue dialogar com órgãos gestores, que estão promovendo saúde nos terreiros. Estamos conseguindo agregar, colocar os jovens em espaços, em grupos formados, como por exemplo o GLBT, porque no terreiro tem, no terreiro a gente não tem preconceito com nada, a gente agrega todo mundo. Nós conseguimos fazer fórum de juventude de terreiro em Belém, nós conseguimos reunir a melhor idade (...) como o jovem está colocando os mais velhos em evidência, conseguindo algumas leis que amparem as nossas Babas e Ias. (Grupo Focal, Povos de Terreiro, grifos nossos).

Daí juventudes que reconhecem cada vez mais as pluralidades de maneiras de estar no mundo, e que conseguem se organizar e se fazer representar, como demonstra a fala da integrante dos povos de terreiros, cujas bandeiras dialogam entre si, trazendo para o debate não só a diversidade religiosa, como também a sexual, e, o mais interessante, questões que envolvem reivindicações geracionais e etárias: para além das reivindicações para/pelos jovens, as lutas pelos idosos, contra a perspectiva adultocêntrica.

Vale uma pequena digressão, no que concerne aos democráticos de nosso tempo apontados por Santos (2006)⁶², que elenca três grupos de questões a serem respondidas pelo Estado: o aumento da desigualdade social entre rico e pobre versus a igualdade jurídico-política; as imposições econômicas e militares dos países dominantes, cada vez mais drásticas e menos democráticas; e as condições de participação democrática do cidadão guiadas pela garantia da sobrevivência, em que se presume que os sujeitos não estejam ameaçados e, sobretudo, tenham acesso garantido à informação.

62 SANTOS, Boaventura Souza, *O futuro da Democracia*. Lisboa: Ed. Visão, 2006.

É comum, ao abordar-se o tema da juventude engajada politicamente, ter como modelo a juventude dos anos 60, engajada na luta política, por vezes armada, sob o risco da tortura e da morte sumária por parte do Estado brasileiro ditatorial. Quando interpelados sobre a comparação da juventude atual com aquela dos anos 60, vários dos entrevistados ressaltaram não a dicotomia engajamento/ comodismo, mas a diferença dos propósitos das lutas de antes e de agora. A consciência, a responsabilidade e o compromisso social se aliam à insegurança pessoal e social e à falta de perspectivas para conformar o novo caráter questionador, transgressor e ousado das juventudes brasileiras atuais.

Bom, a conquista do jovem atualmente eu vejo que vem muito da conquista dos pais. Funciona muito assim, por geração. Geralmente o que o jovem tem hoje vem de uma guerra que os pais iniciaram, que a geração antes dele iniciou. Esse jovem hoje pode falar, esse jovem hoje pode escrever matéria no jornal, esse jovem pode fazer blog, pode fazer crítica, pode chegar a fazer protesto e isso vem dos pais dele. A geração dos pais dele na ditadura que brigou etc. Então ele realmente ganhou esse direito à voz, acho que essa foi uma grande conquista da juventude, o desafio agora é saber o que fazer com esse direito, saber o que conquistar pras gerações futuras. Porque que a gente vai enfrentar o quê? Novos problemas. a geração de agora não vai pegar problemas que os pais enfrentaram, vamos ter novos problemas e a partir desses novos problemas, as posturas deles vão definir quais as soluções pros problemas de agora. A conquista foi o ganho de voz, o ganho de direito de falar. (Grupo Focal, CUFA, grifos nossos).

Essa comparação sempre me intriga sabe (...) hoje, o jovem é bombardeado por diversas informações, e já foi comprovado que o ser humano, quanto à leitura das imagens, não interpreta, só assimila. Antigamente, parece que você tinha um tempo pra pensar, para refletir sobre aquilo. A juventude da década de 60, da época da ditadura, ela tinha essa rebeldia boa, essa rebeldia de quebrar barreiras, só que depois que essas barreiras foram quebradas surgiram os problemas não porque elas foram quebradas, mas porque a sociedade cresceu, as cidades cresceram, os problemas cresceram. Há falta de estrutura permanente, falta de educação, a fome, as desigualdades sociais cresceram, então agora o jovem é comparado (...) ele não deveria ser comparado, ele deveria ser auxiliado, agora sim, propor novas questões, novas mudanças, ser engajado não politicamente, em partidos, mas como indivíduo, como ele diz, se unir. Na comunidade dele tem um problema então vamos ajudar um ao outro aqui, entendeu, não aquela coisa de sair nas ruas, embora seja necessário ainda, mas não essa necessidade de derrubar um presidente, o que tinha antes, de ir contra a liberdade de expressão. Nossos problemas são outros. (Grupo Focal, Hip-Hop).

A luta, ela é diária, ele não é nas ruas, ela é no trabalho em que se trabalha, você tem que estudar à noite, final de semana. Eu não sei dizer se antigamente o percentual era menor, mas hoje é gigantesco o número de adolescentes grávidas, isso é um problema seriíssimo, pois interrompe o crescimento dela e do parceiro também. E que criança, que educação que essa criança vai receber? Então a rebeldia hoje ela não é aquela que você se manifesta, vai às ruas levantar bandeira, atirar fogo. É aquela que você acorda cedo, vai trabalhar, vai estudar, chega em casa, tem uma casa que é um segundo trabalho para cuidar e no outro dia a mesma coisa. É uma juventude batalhadora sim, só que os obstáculos são outros. (Grupo Focal, CUFA).

As narrativas juvenis são também retrato das condições de mal-estar que envolvem o que é ser jovem na atualidade, relacionadas ao contexto de incertezas, inseguranças e riscos que os jovens enfrentam em todos os espaços de sociabilidade. Ao mesmo tempo, a consciência de uma pluralidade de realidades e a problematização em torno da homogeneização (que tende a invisibilizar os menos poderosos) são fatores importantes na conscientização das juventudes de seus papéis, suas posições e suas condicionalidades.

Bom, ao falar de juventude é complicado dar uma visão geral, porque a visão que eu conheço é a do meu estado, e a de outros estados eu conheço pela tv ou talvez por amigos que moram em outros lugares. O que se percebe da juventude em comum é a necessidade de emancipação social mesmo, de emancipação cultural. Só que a diferença está em como cada uma lida: a de Goiás quer uma coisa, ou tem o costume de estudar pra conseguir, o pessoal de Sinop, de Mato Grosso, tem outra perspectiva, a galera do Norte lá tem outra, baseada na história daquele lugar. As pessoas começam a sonhar até, tem gente no Norte que não sonha muito alto, tem gente no Sul já tem o costume de sonhar em ir pra Europa. A história, a bagagem cultural daquele lugar influi até na forma que os jovens pensam. Eu acho que o jovem tem ânsia, mas se sente perdido em como suprir essa necessidade. Todo mundo vê na TV e quer ter um carro legal, ter uma casa boa, uma namorada legal. Às vezes os padrões que se tem são padrões universais, mas a forma de se atingir as capacidades e a oportunidade são diferentes. O Brasil é muito grande, são vários brasis, em cada estado você vê uma realidade diferente, diversificada essa juventude brasileira. (Grupo Focal, CUFA).

As percepções dos jovens são ajustadas aos diferentes contextos de suas vidas e apresentam formas de pensar, de se colocar no mundo, também diversificadas tanto para os indivíduos como para os grupos a que pertencem. Isso está intrinsecamente ligado à pluralidade de características elencadas como juvenis, sempre (re)significadas por uma juventude que reinventa formas de participação, pertencimento e engajamento social e político.

7.

Problemas do Brasil, problemas para os jovens

Os seguintes problemas foram apontados como os mais graves do Brasil pelos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude – galvanizando mais de 10% de respostas, segundo a ordem: Desigualdades sociais (47,4%), desemprego (44,2%), violência (36,5%), pobreza (36,0%), qualidade da educação (32,5%), corrupção (27,1%), narcotráfico (11,3%) e racismo (10,0%).

Tal escala de prioridades quanto a problemas do Brasil desfaz a idéia de que os jovens necessariamente são autocentrados, pois combinam uma orientação por uma linha individual, questões sofridas como jovens, mas também indica uma preocupação coletivista, com o social, com o estado da nação, haja vista que desigualdades sociais e pobreza foram alternativas amplamente apontadas.

Note-se a distância entre os 6 problemas que concentraram maior número de respostas – desigualdades sociais, desemprego, violência, pobreza, educação e corrupção (mais de 30% das seleções feitas) – dos outros, também ‘elencados’ na Tabela 39, seguinte (11% ou menos), mesclam direitos de identidades, questões também estruturais, de uma ordem mais abrangente, como sistema de classe e imperialismo, e campos que vêm sendo considerados como prioritários para a juventude como a questão do racismo (10%) , o meio ambiente (8,1%), falta de opções culturais (4,9%), falta de opções esportivas (3,1%) e de lazer (1,6%) entre outros.

TABELA 39. Problemas brasileiros considerados mais graves pelos participantes da Conferência Nacional de Juventude - Brasília, 2008.

Problemas	Porcentagem sobre total de respondentes (%)	N
Desigualdades sociais	47,4	879
Desemprego	44,2	820
Violência	36,5	677
Pobreza	36,0	667
Qualidade da Educação	32,5	603
Corrupção	27,0	501
Narcotráfico	11,3	209
Racismo	10,0	185
Qualidade da Saúde	9,2	171
Exploração sexual de crianças e adolescentes	9,1	169
Sistemas de classes sociais	8,1	151
Questão ambiental	8,1	151
Fome	7,8	145
Imperialismo	6,9	127
Falta de opções culturais	4,9	91
Violência contra a mulher	4,8	89
Emprego decente	3,5	64
Exclusão digital	3,1	57
Falta de opções esportivas	2,1	39
Discriminação de deficientes	2,0	37
Falta de opções de lazer	1,6	30
Outros	1,9	35
Total de respondentes	100,0	1854
Total de respostas marcadas		5897

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude- Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude (coord. Castro e Abramovay 2008).

NOTA: Foi perguntado *Assinale os 3 problemas mais graves do Brasil.*

OBS: Nesta pergunta, o respondente marcava 3 opções de resposta

Uma análise holística sobre os problemas do Brasil hoje e sua repercussão nos jovens é apresentada por alguns grupos como o da CUT que se refere à importância de discutir sobre trabalho nas escolas e universidades, indicando a repercussão da perspectiva do CONJUVE que enfatiza os nexos entre educação, qualificação e trabalho decente, em particular para a juventude. (Ver CONJUVE)⁶³

Muitos discursos entrelaçam problemas do Brasil com os problemas que atingem de forma peculiar os jovens, sugerindo um trânsito entre problemas hoje, problemas amanhã, problemas de vários coortes, problemas de todos, de determinada inscrição social. Na percepção dos jovens da CUFA, a juventude brasileira ainda é muito carente de cultura, educação e formação crítica. A CUFA acompanha diariamente as dificuldades e necessidade dos jovens da periferia e ressalta que entre as preocupações dos jovens hoje estão a capacitação profissional, o emprego – em particular o primeiro emprego-, a autonomia e a inserção na sociedade.

No mesmo diapasão, entrelaçam-se vários problemas com a ambiência de desigualdades sociais. Mas, na perspectiva de que alguns certos jovens são mais atingidos que outros, o que é parte de *uma cidadania incompleta*

O jovem hoje está muito ligado à questão da desigualdade, de todas as desigualdades que a gente possa imaginar. O jovem, quando você pega alguns índices como violência, desemprego, que são condicionantes de uma vida não marcada pela dignidade, o jovem é sempre o principal alvo dentro do Brasil. Então para mim, eu vejo o jovem como cidadão que ainda não tem sua cidadania completa, ainda está uma cidadania de segunda categoria, se assim pode se dizer. (Grupo Focal, LGBT).

Interessante indicar a força da linguagem nas expressões de ideias, assim enquanto *desigualdades sociais* concentram mais indicações como problema mais grave, outros do elenco da Tabela 39 mais relacionados a outro léxico político ideológico como o *sistema de classes sociais* foi pouco referido (8,1%). Mas essa é uma referência comum, implícita na indignação expressa por jovens entrevistados, quando se materializa o que se entende por sistema de classes via reflexões sobre desigualdades de várias ordens, como se ilustra a seguir:

Então, na verdade mesmo a gente vive num país demagogo e hipócrita. São dois países, um país que tem uma constituição para quem tem dinheiro e um país que tem uma constituição pra quem não tem dinheiro. A maior lacuna no meu ponto de vista está a onde? Está na questão dos jovens entre os doze aos vinte anos. Por quê? Porque os jovens nessa faixa etária de idade principalmente dentro da periferia ele não tem recurso nenhum para se manter, aliás, não tem nem investimento de trabalho no nosso país para o jovem.

O jovem, por mais que ele queira trabalhar, ele não tem como trabalhar porque não existe projeto de política pública de trabalho para o jovem. Mas, existe um mercado que abraça esse jovem, que é o tráfico de drogas. E eu falo isso por legitimidade, por ter passado por dentro desse mercado.

Os jovens têm os seus anseios de andar bem vestido, de se alimentar legal, de comprar a sua cultura, comprar o seu lazer, só que o jovem da periferia não. (Grupo Focal, Hip-Hop).

63 NOVAES, Regina; CARA, Daniel; SILVA, Danilo Moreira; PAPA, Fernanda de Carvalho (orgs). *Política Nacional de Juventude: diretrizes e perspectivas*. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude, Fundação Friedrich Ebert, 2006.

Retomando a tese da violência como a negação da dignidade humana apresentada na perspectiva de alguns teóricos contemporâneos (Brant, 1989; Caldeira, 1991)⁶⁴ torna-se praticamente impossível dissociar violências, vulnerabilidades e exclusão social uma vez que, não raro, situações de violência estão intimamente relacionadas às desigualdades.

VIOLÊNCIAS

Poucos temas têm merecido tanta atenção hoje, como o da violência. Para muitos autores, um dos signos da contemporaneidade é a insegurança, a impotência, o medo de que os mais diversos tipos de violência nos atinjam, quer como membro de uma coletividade, quer no plano da vida privada, desestabilizando individualidades. (ver entre outros, BOUDON, 1993 e BOURDIEU, 1997)⁶⁵.

No imaginário social contemporâneo, a violência se destaca, o que entre os jovens é também comum. Nos grupos esse tema apareceu sem estímulo por parte da pesquisa e foi amplamente discutido, sendo a relação entre juventude e violência uma constante construção.

Outra questão fundamental do estudo da violência é sua abrangência. A violência atinge a todas as classes sociais, gêneros e gerações. Perpassam diferenças geográficas, étnicas, políticas, e instala-se em todas as localidades e situações violentas, sendo experimentadas de modo muito diferente pelas pessoas. Mas pode também ter contornos e singularidades não somente porque alguns tipos de violências são mais recorrentes a indivíduos de determinada inscrição identitária, mas porque são constitutivos de relações que se constroem socialmente pelo seu exercício, sendo construtos de processos sociais de classe, gênero, geração e raça, por exemplo. Assim, a exploração e o desemprego são construtos de classe, que vitimizam alguns; a violência doméstica não por acaso é contra mulheres e crianças; e as discriminações raciais, contra negros e indígenas e a homofobia, contra os homossexuais.

Em muitos discursos dos jovens, há ênfase de que é preciso olhar cenários, situações, oportunidades, ou a falta delas, pobreza e processos sociais. É quando violência se infiltra em outras dimensões vividas. É quando a referência é o Estado, a sociedade, um lugar de moradia estigmatizado, como a favela, ou as escolas e as famílias. O discurso dos jovens do Hip-Hop inclusive chamam atenção, como já registrado, para as castrações da criatividade impostas pelas injustiças das desigualdades de oportunidades, do sistema de classe e raça, quando o Hip-Hop se apresenta como alternativa, mas a única alternativa possível, e se lança ao debate também sobre a reprodução da violência pela convivência imposta *com psicopatas, matadores e criminosos*, pela 'guetoização' social das favelas

De fato, muitos jovens destacam que a violência é produto de vários problemas sociais do Brasil e que no caso dos jovens estes são singularmente afetados pela falta de políticas públicas que contribuem para tal estado:

A gente tem uma diversidade de juventude e um grande problema social, que são faltas de políticas, um problema social no Brasil, uma falsa democracia social e eu acredito que os maiores vitimizados com essa falta de políticas somos nós jovens, com a falta de acesso à educação, à cultura e aí o que sobra pra gente é a violência, a discriminação e aí nós temos infelizmente uma mídia que nos constrói individualista e não no sentido de querer construir uma sociedade mais justa e igualitária a todos. (Grupo Focal, LGBT).

64 BRANT, V. C. (1989), *São Paulo: trabalhar e viver*. São Paulo, Brasiliense. CALDEIRA, T. P. *Direitos Humanos ou Privilégios de bandidos?* Novos Estudos CEBRAP. São Paulo. 1991.

65 BOUDON, R.; BARRICAUD, F. *Violência*. In: BOUDON, Raymond; BARRICAUD, François. *Dicionário crítico de sociologia*. São Paulo: Ed. Ática, 1993. BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Editora Vozes: Petrópolis, 1997.

Para alguns jovens da CONTAG, a falta de escola, o desemprego, a falta de perspectiva de crescimento pessoal, profissional faria com que os jovens fossem os mais atingidos pela violência, e que, no caso dos jovens do campo, muitas vezes o problema é agravado pelo uso de álcool.

Houve protestos por não se ter destacado violência como tema de alta importância durante a 1ª Conferência e que violência tenha sido trabalhada dentro do GT Segurança Pública e não em um GT denominado Violência e Juventude. Documentos do CONJUVE vêm-se referindo à Segurança Pública⁶⁶ mas tal enquadramento nem sempre é aceito pela maioria dos entrevistados que interpretam como se a juventude fosse tratada pelo Estado como um problema de segurança pública. Segundo um jovem do PT (...) *se a gente for analisar o que tem de verdade pra juventude enquanto política é só segurança pública e, segurança pública no Brasil se resume à cadeia ou genocídio.*

Uma das questões discutidas por vários grupos foi a morte prematura, assassinatos, das juventudes principalmente aqueles ligados ao tráfico de drogas:

(...) o tráfico está tomando conta da juventude, porque você busca trabalho, é cada vez mais difícil, é mal remunerado aí vê crianças, jovens que vão ali e fazem o papel de avião, de entregar a maconha e dali a cinco anos esse jovem está fora, não é mais do mercado de trabalho, da sociedade, ele está morto, ele está morrendo. (Grupo Focal, Força Sindical).

Um jovem Terena relaciona os problemas da violência em algumas aldeias indígenas à presença do narcotráfico.

Há um tempo atrás, a gente já ficava abismado quando falava em questão de drogas. Puxa, um traficante. Mas tem caso de aldeias em que a droga está rolando solta, tudo isso gera violência. Então a minha preocupação é a questão da violência no Brasil, em geral. (Grupo Focal, Jovens Indígenas).

Segundo um jovem evangélico, uma de suas maiores preocupações é o alto índice de jovens envolvidos no crime organizado que não são alcançados pelas políticas públicas.

Já jovens da Pastoral da Juventude sugerem que mais do que políticas há que se discutir que tipos de políticas, uma vez que os jovens estariam desacreditados de políticas o que os torna reféns da violência e do tráfico de drogas.

Uma jovem feminista lembra da relação entre violência e poder para as mulheres jovens faveladas, o que também remete à relação entre classe e gênero: (...) *muitas vezes a violência para ela é a um instrumento de poder, de ter alguma visibilidade social, meninas que portam armas, que namoram o cara do tráfico, o chefe da boca para ter alguma respeitabilidade no contexto que vivem.*

A violência doméstica é tema enfatizado pelas jovens feministas, arguindo inclusive que ainda que a Lei Maria da Penha tenha sido uma conquista, sua implementação se vê dificultada por culturas institucionais. Assim em um caso se refere à lentidão da justiça, principalmente quando as vítimas são mulheres pobres e faveladas: (...) *elas têm dificuldade em denunciarem seus agressores, pela lentidão da justiça (Lei Maria da Penha) e da especificidade das mulheres no tocante à violência.* Em outro caso se ilustra com o silenciamento de uma violência por falta de diálogo no nível da família:

É, o meu receio é sempre esse, então tipo, falar sobre a liberdade, direitos sexuais reprodutivos, orientação sexual, mas dentro da minha casa eu não tenho um diálogo aberto com a minha mãe e o meu pai, sou sempre reprimida e eu falo não, mas a gente tem direito, legalização do aborto e tal. *E minha mãe fala, tá, é bonito lá, mas aqui dentro eu não quero*

66 O documento do Conselho Nacional da Juventude refere-se à segurança pública e ao combate à violência

Então esse é meu medo, o meu receio, até mesmo a realidade que não acompanha. Eu tenho Maria da Penha, tenho isso, tenho aquilo, mas eu já fui agredida pelo meu namorado e não fiz nada e aí é bem complicado. (Grupo Focal. Jovens Feministas).

Vários tipos de preconceitos são destacados entre violências sofridas, ressaltando o não reconhecimento de direitos e humanidade de grupos diversos e de forma combinada apontando implicitamente a necessidade tanto de políticas de redistribuição, enfoque de classe e de reconhecimento, enfoque identitário (Matos, 2006, Fraser e Honnett 2003 e Castro 2008)⁶⁷:

Eu como jovem já passei por diversos tipos de problemas e preconceitos, não preconceito racial, preconceito moral mesmo. Pelo fato de eu morar numa localidade onde é favela... ser discriminado por morar na favela e o fato de eu ser negro. Então isso mexeu muito com a minha pessoa. Muitas das vezes tem falta de oportunidade, falta de atenção. (Entrevista de Grupo, ProJovem).

Na mesma perspectiva, um jovem da CUFA se refere ao episódio do assassinato da menina Isabela, a repercussão na mídia, e o silenciamento sobre tantas tragédias que envolvem jovens e crianças pobres e negras: *Uma criança que é jogada de um prédio, na classe média ganhou uma outra proporção, a menina era bonitinha tal, a gente fica sentido, mas será que a criança negra não era tão bonitinha? Será que aquela criança não é tão feliz quanto era uma criança de classe média?*

Por muitos caminhos se faz a tradução da relação entre classe e raça, ou entre a necessidade de combinar enfoques de redistribuição e de reconhecimento. Por exemplo, um jovem do movimento negro lembra do problema do racismo institucional e violência física contra negros, refletindo sobre temas como genocídio, crime organizado, especulação imobiliária e da necessidade de enfrentamento.

Hoje chega-se ao cúmulo, eu vou te fazer um relato triste, em São Paulo eu dou graças a Deus de existir o PCC, por conta do PCC se diminuiu o índice de violência, de matança desenfreada, porque hoje pra você matar você tem que pedir permissão, é triste!

E aí vem me dizer que é Estado paralelo, não eu não sou cretino, não é Estado paralelo, é manutenção da posição do Estado e das elites brasileiras, porque se quiser eliminar elimina. No Rio de Janeiro há um exemplo disso, querem se eliminar por conta da Copa e está se fazendo o que se pode e pior, no Rio de Janeiro, há especulação imobiliária, o movimento negro vem fazendo essa denúncia. Por quê? As favelas no Rio de Janeiro são os melhores pontos pra morar no Rio de Janeiro, são os melhores lugares de cartões-postais (...) (Grupo de Discussão, Movimento Negro).

Vários jovens do movimento negro lembram do problema do racismo institucional e a violência física contra negros, refletindo sobre temas como genocídio, crime organizado, especulação imobiliária e da necessidade de enfrentamento por representação própria e políticas que ressaltem processos históricos como o racismo:

67 MATTOS, Patrícia. *A Sociologia Política do Reconhecimento: As contribuições de Charles Taylor, Axel Honneth e Nancy Fraser*. São Paulo: Annblume, 2006.

FRASER, Nancy and HONNETH, Axel. *Redistribution or recognition? A Political Philosophical Exchange*. Londres: Verso, 2003.

CASTRO, Mary Garcia *Migrações Internacionais e Direitos Humanos e o Aporte do Reconhecimento* - In: REMU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana - ano XVI, n 31, p 7-36, 2008.

Aqui também se mantém a lógica de disputa e principalmente a lógica do racismo se favorecendo, é isso que está posto na nossa sociedade, é isso que nós chamamos de racismo institucional, é isso que nós estamos não só denunciando, mas lutando, construindo! Somos nós que vamos ser protagonistas, deputados, vereadores, presidente e diretores dos partidos políticos, somos nós que vamos falar no Congresso Nacional custe o que custar, mesmo que venham eles com suas políticas de retaliações, que é visível. O processo de genocídio está se dando, matar já estão nos matando, nos aleijar, já estão nos aleijando, nos violentar, já nos violentam todos os dias (...) Há políticas que são boas, mas o problema é que não há uma leitura histórica do racismo na construção e formatação delas(...) (Grupo de Discussão, Movimento Negro).

Amplia-se o conceito de violência, considerando-se como tal, varias ações e relações antes naturalizadas, não consideradas como violências, como as cunhadas em discriminações por raça, gênero e opção sexual e preconceitos contra diversos grupos, como os jovens no campo e de grupos religiosos não hegemônicos.

Um jovem do Hip-Hop relaciona a origem do movimento ao problema do racismo, sua denúncia. Aponta problemas condicionados ao embranquecimento do movimento e cooptação do mercado e toca em polêmica sobre cultura e classe, a apropriação de linguagens da cultura negra por outras classes, domesticando potencialidades críticas, no caso de estilos como o pagode e o Hip-Hop:

Quando o movimento Hip-Hop surgiu no Brasil a maior parte dos jovens eram negros. Com o tempo, a gente ultrapassou na discussão, mas de uma forma ou de outra, às vezes, a gente está avançado e a gente tem que voltar, mas nós não conseguimos reparar os prejuízos sozinhos, porque tem alguma coisa que está enraizada que é a questão racial. (...) rolou o processo do embranquecimento do movimento Hip-Hop, sabe por quê? Porque para a sociedade e para a própria polícia é mais fácil aceitar um branco maloqueiro do que um negro, o negro parece que ofende a sociedade. Embranquecimento no sentido de que os negros não se vêem mais mesmo no Hip-Hop.

A elite brasileira é branca, então, automaticamente vira uma questão racial. A mesma coisa, quando a polícia ataca um negro, ela ataca na questão social também, por quê? Porque ele vai atacar o negro, porque quando ele quer atacar o pobre ele sabe que o pobre é o negro. Agora no caso é como eu digo, nós somos aliados na favela (...) a burguesia sabe que o Hip-Hop é mais forte às vezes do que nós próprios do Hip-Hop, tanto que eles sempre vão atacar. Eles têm que se articular, as grandes empresas de discos, eles colocam hoje pra tocar e isso aconteceu com o pagode, o pagode não teve só o embranquecimento de cor mas teve de classe. Hoje um pagode aí tu vê que o samba sempre foi raiz, mas o pagode hoje é universitário. (Grupo Focal, Hip-Hop).

Alguns jovens das comunidades de terreiro debateram o problema da violência e racismo, enfatizando o preconceito contra as religiões de matriz afro:

No Rio Grande do Sul, inclusive teve um caso de afronte dos cristãos no terreiro de batuque que uma igreja inteira invadiu um terreiro com cruz, com sal, fazendo cantos e fazendo tudo o que eles fazem e a dona da casa se sentiu mal e teve que parar no hospital porque eles invadiram a casa, botaram o pé da porta e invadiram. (Grupo Focal, Povos de Terreiro).

De fato um tipo de violência simbólica⁶⁸ é sinalizado pelos jovens de povos de terreiro, quando a intolerância, o preconceito e o racismo se misturam:

(...) essas pessoas que têm esse tipo de preconceito são racistas também, porque sabem que a maioria do povo do candomblé é negro, tanto assim que se você olhar os nossos ancestrais, o nosso passado, veio da escravidão. Eles são muito racistas, não são só preconceituosos, são racistas também. (Grupo Focal, Povos de Terreiro).

Não conseguem aceitar que nós adoramos os negros, que os nossos Deuses são negros. Racismo também é intolerância. Tem que ser branco do olho azul. Tem esse diferencial, nós somos negros, nossos orixás são negros e são muito adorados e amados por quem professa. (Grupo Focal, Povos de Terreiro).

Também pontuam positivamente, a contribuição dos Povos de Terreiro para perspectivas de vida, como a relação com a natureza e maleabilidade em termos de relações sociais, respeito à diversidade, o aprender com ela: *os terreiros são espaços abertos para todo mundo, a gente não tem intolerância com ninguém*. E informam sobre o sentido gregário, de solidariedade grupal:

Os terreiros conseguiram não só distribuir a cesta para o povo de terreiro, agora ela é distribuída para toda a comunidade do entorno e nessas áreas de periferia moram evangélicos e eles vem com a cabeça baixa receber e a gente fala: *Que Oxalá te dê muita saúde, lhe proteja, receba, reze pela gente para que a gente tenha mais*, e é muito engraçado que eles saem com a cabeça baixa porque eles entram no terreiro totalmente desconfiados, mas eles necessitam e é muito bom para a gente estar mostrando para essas pessoas que a gente não está ali para brigar com religião, a gente está ali para ajudar uns aos outros, porque está todo mundo no mesmo espaço, lá todo mundo é igual, ninguém é desigual e é muito legal poder estar contribuindo também com os evangélicos, poder estar mostrando para eles que a gente não está ali para brigar. (Grupo Focal, Povos de Terreiro).

A violência no campo e o preconceito contra jovens na área rural são temas trazidos em particular pelos trabalhadores rurais que se preocupam com a entrada das drogas lícitas e ilícitas, falta de emprego e a questão da terra.

Os jovens Quilombolas também mencionam o problema da discriminação dos jovens do campo, tidos como *inferiores*, quando buscam afirmar sua singularidade e contribuição, como uma perspectiva mais voltada para o meio ambiente e o respeito à terra e aos mais velhos:

O que faz o diferencial da juventude urbana com a juventude do campo é a questão do respeito, aos mais velhos, ao que há de mais sagrado para gente que é e a nossa relação com a terra, com os nossos territórios, isso é muito forte e faz com que a gente aprenda a respeitar, mas os espaços onde vive o meio ambiente e essa idéia de construir isso é fundamental. (Grupo Focal, Quilombolas).

68 Para Bourdieu (1989) os “sistemas simbólicos” se estruturam por relações de poder. Portanto, as violências simbólicas operam por símbolos de poder legitimados, que dão força sem que necessariamente se tenha que empregar a força para conseguir a dominação - no caso da escola, o poder da autoridade, do conhecimento - e fazem parte de um projeto de classe.

Oportunidades e vulnerabilizações da juventude rural, por questões estruturais são enfatizadas. Mas identificam particularidades dos trabalhadores rurais jovens, como a questão do emprego no campo, ressaltando o lugar da propriedade da terra como reivindicação de todos trabalhadores no campo, mas que para os jovens adquire também o sentido de processo de construção de forma própria de ser autônomo:

A juventude [no campo] necessita de oportunidades de emprego, educação, lazer. Eu vejo uma carência de uma diversidade de coisas para a juventude. Lá não tem uma quadra, lá não tem uma escola construída, lá não tem uma saúde boa. Quando chega nos hospitais, os jovens em qualquer condição são mal atendidos.

A questão do emprego é diferenciado do emprego da cidade. O emprego para nós da juventude rural é ter terra, é ter água, é ter habitação. Nós tendo isso, temos uma renda e essa renda é o nosso emprego. Então é diferente de ter carteira assinada. É... se nós criamos a produção da terra também o emprego é para nós (...) quando o jovem passa a ser assalariado, passamos a ter um patrão. Ter um patrão do campo é diferente de ter um patrão da cidade. (Grupo Focal, CONTAG).

Violências várias são também ressaltadas por jovens indígenas, destacando peculiaridades ou violências sofridas também por cada povo e em regiões diferentes. Para muitos índios do Nordeste, por exemplo, *o alcoolismo, as drogas, as DSTs e a ociosidade assim como a disputa pela terra, a transferência de aldeias e a violação e a perda da cultura* são apontados como alguns dos problemas mais graves.

Um dos meus maiores medos é que o meu povo chegue a perder a sua cultura, porque já está demais defasada. E a gente tenta de todas as formas defender aquilo que nos restou, enquanto povo. Porque os nossos traços físicos já foram embora, por isso que a gente sofre tanto preconceito. E o que nos resta é só nossa cultura. Então, é nisso que a gente tenta trabalhar com os nossos jovens. Só que não está acontecendo porque eles estão inseridos num processo de alcoolismo (...) (Grupo Focal, Jovens Indígenas).

Uma jovem indígena do Mato Grosso (onde estão 40 etnias diferentes), assim como jovens do Pará apontam a proximidade das aldeias com a cidade um fator importante para aumento de problemas: *Os jovens hoje só querem saber de balada, ir para cidade, saber de festa. E isso vem trazendo para nossa comunidade muitas doenças que os índios antigamente não tinham, os brancos começam a trazer doenças, drogas e álcool para as nossas aldeias.*

Um jovem indígena Potiguara (Ceará) descreve a perda do território como um problema mais geral dos indígenas, descrevendo alguns casos:

Dentro da comunidade Raposa Serra do Sol (Roraima) existe um povo que vive lá toda sua vida, todo seu tempo. É a vida do povo. É o território daquele povo. Território é muito mais do que terra que se planta. Território é a terra onde se vive, onde se nasce, onde se faz educação, onde se faz cidadania, com a especificidade de ser indígena. (...). E eu acho que Raposa Serra do Sol não tem que ser uma guerra dos Macuxi não, tem que ser uma guerra de todos os povos indígenas do país, eu acho que tem que ser uma guerra de todos os povos.(...). Território é a vida do povo, é a vida da comunidade. (Grupo Focal, Jovens Indígenas).

Para uma jovem com deficiência, o preconceito dos não deficientes é visto como um grave problema, posto que foi discriminada por namorar uma pessoa que não tinha deficiência, além de entender que se os espaços fossem adaptados ela poderia levar a vida como qualquer outro jovem.

A minha deficiência não tem nenhum problema pra mim. O fato de eu namorar, sair, alguma coisa desse tipo. O problema está mais com quem se relaciona comigo que não tem deficiência nenhuma. Eu, por exemplo, namorei o ano passado, um menino que era andante. Então meus amigos ficavam com preconceito porque eu tava namorando um menino sem ser deficiente. (...) Eu posso sair, eu posso ir pra uma boate, eu sou uma adolescente. A acessibilidade também [é um problema], eu estudo numa escola regular, e muitas vezes não é adaptada. Aí ficam com dificuldade de adaptar, botar uma rampa. Quando botam, botam uma rampa que não serve. No banheiro, adaptam, mas muito ruim para a gente entrar e tal. (Grupo Focal, Jovens com Deficiências).

Os jovens ciganos se consideram mais discriminados que negros e índios, reportam que são acusados de serem sujos, ladrões, “macumbeiros”, de bruxos, de animais e subumanos: *Diç que faz muita coisa errada, diç que é ladrão, que rouba criança, diç que não toma banho, diç que é isso que, é porco, é muito bem, bastante discriminado mesmo, diç que é todo é para sociedade o cigano é como se fosse um animal, um subumano.*

O preconceito contra o povo cigano, segundo jovens ciganos provoca auto violências, contra si, contra sua coletividade, pois leva muitos a esconderem sua identidade étnica.

A minha mãe por exemplo, ela trabalha em Goiânia e tem eu e o meu irmão, a gente vai visitar ela, e ninguém sabe que nós somos ciganos. Eu já sofri preconceito. Na minha cara falarem de cigano e eu não poder reagir, poder defender. Se a gente chegar e falar *eu sou cigano*, a minha mãe perde o emprego, perde tudo por causa disso. (Grupo Focal, Jovens Ciganos).

Falam dos problemas que enfrentam no comércio, para conseguir trabalho, dificuldades em abrir conta no banco, na escola, da violência e perseguição policial: *Somos muito perseguidos, se a gente passar em um carro na rua, os policiais pensam que a gente é marginal, tratando sempre muito mal, muitas vezes chama, cigano é lixo.* Contam vários casos de discriminações sofridas, como a que segue, que afetou relações afetivas:

Nós temos trinta anos de residência nessa cidade, a mãe dela antes de casar já foi amiga do meu pai, da minha avó, da nossa família toda. Ela não me conhecia porque eu morava com a minha mãe, aí eu mudei pra casa do meu pai. Muita gente não me conhecia, não sabia que eu era cigano, nada, e eu comecei a namorar com a filha dela, aí a partir do momento que ela descobriu isso, foi esse transtorno todo chegou a ir à casa do meu pai ameaçar, falar um monte de coisa. (Grupo Focal, Jovens Ciganos).

Muitas violências se nutrem de estigmas, de estereótipos, como o que associa cigano a roubo de criança, o que é desconstruído nos discursos de jovens ciganos, sugerindo a importância da educação sobre a diversidade cultural para enfrentar tais construções:

Existem vários livros que caluniam o povo cigano, retratando o cigano como ladrão de criança. E por que dizem isso? Há séculos atrás, todas as mulheres tinham que casar castas, não podiam ter nenhum tipo de relação, e usavam aqueles vestidos. Mas tinham as que ficavam grávidas. Escondiam essa gravidez através dos grandes vestidos. Tinham as crianças e jogavam nos rios.

Os ciganos nômades que sempre viveram do comércio acampavam próximo da cidade, porque não podiam entrar na cidade, em razão desse preconceito. Quando viam que essas crianças eram jogadas na água, salvavam essas crianças para que não morressem afogadas, e criavam essas crianças.

Aí viam que essas crianças não tinham feições ou características semelhante às dos pais ciganos, e diziam que haviam então roubado essas crianças. (Grupo Focal, Jovens Ciganos).

Os jovens do Grupo LGBT destacam histórias e refletem sobre processos que envolvem múltiplos tipos de violências e em várias instituições, como na família, na escola, nas relações com a polícia, na forma como são retratados pela mídia e na internet, entre outros espaços.

Quando o jovem GLBT assume a sua homossexualidade, a sua orientação, aí começa o preconceito, porque quando você está ali neutro, quando você está ali anônimo a sociedade te respeita, a sociedade tem por você todos os princípios básicos que teria com qualquer ser humano, mas quando você resolve se assumir e levantar a bandeira como um jovem LGBT, aí sim começa o preconceito. (Grupo Focal, LGBT).

Um jovem do grupo LGBT ressalta o peso do entrelace de discriminações, citando que negros e LGBT são alvo de preconceito e violência, sobretudo os travestis, e que isso repercute na formação escolar, levando muitos a abandonarem a escola, ficando refém das drogas e prostituição:

(...) Ser negro quando se é LGBT o peso é maior ainda, quando você assume para sociedade que você é gay, que você é lésbica, que você é bi você já é muito mais discriminado, e muitos não conseguem terminar a escola. Porque todo mundo escuta piadinhas aqui e acolá, as travestis dentro de estabelecimentos de ensino são extremamente vitimizadas (...) e resta para a gente, a violência, para as travestis a prostituição. (Grupo Focal, LGBT).

O contrato heterossexual como norma legitimada na nossa sociedade e por diversas religiões condicionaria uma cultura homofóbica, assim ainda que muitos, como se analisa em outras partes, destaquem algumas instituições como agências básicas de violências, de reprodução dessas, contra pessoas LGBT, também se denuncia que movimentos sociais e organizações político-partidárias podem contribuir para tal violência.

Eu vejo que nós temos um problema mesmo de formação cultural. Você tem uma norma oficial que você tem que ser heterossexual e isso, os negros, as pessoas que se organizam nos movimentos negros, as pessoas que organizam em partidos, as pessoas que se organizam em instituições elas são frutos dessa família homofóbica, elas são frutos dessa escola homofóbica. Tem ainda o peso da religião, de que é pecado, de que você vai para o inferno, de que você é uma aberração e que tem cura. (Grupo Focal, LGBT).

Violências de gênero são referidas também por jovens LGBT, em particular as jovens lésbicas, como também por jovens do movimento feminista, que também enfatizam a problemática do acúmulo de discriminações, como no caso das jovens negras e lésbicas. Jovens feministas se

referem a experiências de vida, contando casos de assédios e da objetificação do corpo feminino jovem: *eu vejo muito isso dentro das jovens com quem a gente trabalha, do uso do corpo quando se é bonitinha, a gostosinha para conquistar algo*. Também se referem a desrespeitos e desqualificações contra jovens mulheres inclusive nas relações entre jovens, tanto no campo afetivo como entre companheiros, camaradas e irmãos de causas, *às vezes por piadinhas, na base da brincadeira, mas ofende*.

Um jovem LGBT também fala do *assédio moral, da discriminação, das ofensas, o quanto isso ofende o ego, o íntegro, a alma*.

Mais uma vez a subliminar ou explícita chamada do nó entre problemas do Brasil e problemas para os jovens e para as jovens, como o *laissez faire* que dá livre trânsito a uma cultura de desrespeito à alteridade, uma cultura de violência, de não reconhecimento dos direitos de perfileções singulares quanto a modos de ser e de estar que não se pautem por opressões e explorações do/da outro/outra:

A sociedade tem que entender e ela tem que aceitar o espaço de cada ser humano. Eu não consigo de jeito nenhum conviver com uma mulher. Eu sou apaixonado pelos traços masculinos, lábios, braços, pernas. Tudo isso faz parte da minha alma, do meu ego, do meu ser. Então não é alguém da sociedade ‘normal’ que vai chegar e vai me dar um tipo de pessoa para eu ser, se eu me sinto por dentro mulher, se eu sinto a necessidade de me relacionar com homem, de me completar com homem. Então ninguém, nem nada, nenhum político, nem uma organização pode chegar e limitar a gente ou limitar qualquer cidadão que não conheça as suas necessidades. Era isso que eu gostaria de expor para vocês. (Grupo Focal, LGBT).

As agências estimuladoras e reprodutoras de violências, por inércia ou ação ativa mais discutidas, muitas vezes de forma espontânea pelos jovens, são a polícia, a escola e a família, ainda que não as únicas. Por exemplo, o Estado, por ausência de políticas públicas, por casos de corrupção (um dos problemas do Brasil mais destacados pelos participantes – 27%, ver Tabela 39) é citado em vários discursos, assim como religiões, por legitimarem preconceitos. A seguir mais se detém em instituições públicas, como a polícia e a escola, e em outro capítulo são apresentados relatos sobre a família.

Quando perguntados sobre instituições em que mais e menos confiam, os participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude indicam a polícia como uma das que menos confiam (35%) (Ver tabela 25, capítulo 2) e somente 1,7% tem a polícia como uma das instituições em que mais confia. (Ver tabela 24, capítulo 2). De fato, entre os tipos de violência institucional discutidos, a polícia é referência comum entre os jovens, e muitos são os depoimentos que decolam de experiências de vitimização, como por exemplo, a violência policial contra o público dos Racionais em seus shows, o que, segundo um jovem do Movimento Negro, seria uma espécie de represália contra o posicionamento de um grupo musical que defende interesses contrários aos da burguesia.

Vários jovens, não por acaso de determinados grupos, como do Movimento Negro, do Hip-Hop, da CUFA, e Beneficiários do Pro Jovem – jovens negros, pobres, vivendo em favelas e bairros periféricos de diferentes localidades do Brasil – entendem que a violência, a incivilidade dos policiais e até mesmo com comportamentos próprios da bandidagem, é um dos principais problemas da juventude da periferia, relatando alguns casos:

governo que entra nas comunidades geralmente é só a polícia então sem dúvida nenhuma é a repressão policial o maior problema enfrentado Um grande problema é que o

único órgão do pelos jovens de classe baixa no Brasil. Tivemos um caso específico com um instrutor da CUFA que estava indo dar aula de break, trabalho voluntário, foi abordado às 16 horas da tarde sem documento de identidade, foi preso, espancado, ficou um mês com hematomas pelo corpo todo. Então sem dúvida é a repressão policial o maior problema enfrentado pelos jovens e o que eles mais têm medo. (Grupo Focal, CUFA).

Às vezes a polícia representa uma ameaça maior do que os bandidos. Por que como o bandido é preso a gente até tem uma negociação. Eu como já fui assaltado três vezes, eu pedi pra ele, companheiro leve isso e isso, mas não leve isso, isso e isso e ele me atendeu. Entende? E eu trabalhando no período de carnaval em Salvador e o que que acontece, um policial me abordou e eu não tava fazendo nada eu simplesmente estava indo com o material pro meu trabalho, trabalhava numa banca, vendia lanche, e ele me abordou e por que eu sou homossexual e sou negro.

Então acho que isso deve ter chamado a atenção dele e então ele me encostou na parede e eu virei a atração de uma avenida praticamente. Então assim ele não justificava o motivo de eu estar ali e eu passei aproximadamente uma hora e meia lá parado.

A polícia não está preparada pra essa situação e hoje eu como jovem, e eu falo por mim, o meu maior medo não é dos bandidos o meu maior medo é da polícia. É que com o bandido, não que o bandido seja uma coisa positiva, mas com o bandido em algum momento há uma negociação já com a polícia não. (Entrevista de Grupo, Beneficiários do Projovem).

(...)Eles não chegam pra você e falam boa noite. Eles falam o que que foi que você tá olhando. Entendeu? Te encosta na parede e tal. É pra te abordar, o serviço deles é revistar e tal, vai lá eles chegam e dão um chute nas pernas, entre as pernas, te xinga, te dão motivo todinho pra você xingar eles e ser preso, pra você ser assaltado. Eles te assaltam na noite, já perdi mais de cinquenta reais pra polícia na rua sendo abordado. Então assim, é tantas coisas assim que a gente tem até medo de sair de casa, como eu falei de não voltar por essas coisas... por atuação da polícia. (Entrevista de Grupo, Beneficiários do Projovem).

Eu sou um exemplo de jovem que já sofreu diversas vezes violência policial. Diversas, não foi só uma vez não... foi mais de trinta violências policiais. Eu tenho marcas... essa aqui eles me queimaram... me queimaram... essa aqui só, fui espancado, tapa na cara, amarraram meu pescoço soco na cara, fuzil na cara, bateram com aquelas tábua de andaime, aquelas madeiras de andaime que você pisa pra andar, só nesse ombro aqui, só nesse ombro. Hoje em dia eu tenho sequelas nesse ombro (...). Aqui só, marca na testa, por causa de uma madeirada na minha testa. (Entrevista de Grupo, Beneficiários do Projovem).

Eu me sinto mais protegido perto de um... acho que nem vou usar a palavra bandido... perto de um traficante que perto da polícia. Porque fica mais fácil o policial pega você e levar 'pruma' área da facção rival e dizer pra facção rival: peguei um vagabundo da área tal, quer comprar? Quanto pela cabeça dele? (Entrevista de Grupo, Beneficiários do Projovem).

MEDOS

Medos e desencantos são violações de uma cidadania ativa, relacionam-se a violências reais e imaginadas e também desencadeiam violências, como a de tolher ações, realizações positivas da adrenalina jovem. Há medos que paralisam a indignação frente a violências sofridas e outros que impulsionam reações.

O medo é um sentimento conhecido por todos os seres humanos, diante de qualquer tipo de ameaça, sendo as mesmas reais ou imaginárias, diante da falta de confiança nas instituições quanto à segurança, proteção, às situações de vulnerabilidade, à falta de certeza sobre o presente e o futuro entre outros. Os medos são muito variados e dependem não somente da época em que se vive, mas da situação de classe, gênero, raça, opção sexual, situação quanto a ser ou não deficiente e faixa etária. Mas há alguns medos que são compartilhados por todos/todas, diante de um sentimento de impotência de um perigo de vida e de dor.

Os depoimentos mostram que há muitas possibilidades de se ter medo e se analisa como esse medo é variado e vivido como real, concreto, principalmente no que tange os jovens. Muitas vezes o medo é expressão de violência sofrida e muito mais de violências imaginadas, mas que se constrói por expectativas de frustrações, enraizando-se em materialidades que fazem parte de cenários, contextos sociais, possibilidades próximas.

No Grupo Focal com UJS foram retratados diferentes medos como: a falta de perspectivas; o medo do futuro, como descreve um jovem: *A desesperança mesmo, muita [gente quer] de entrar na escola, sair, conseguir passar no vestibular, depois num conseguir emprego, acho que é um grande medo sim.* Assim passar de jovem a adulto é um temor, com novas responsabilidades correspondentes como: (...) *voce vai ter uma responsabilidade que é do fato de se sustentar, trabalhar e de garantir principalmente o sustento para sua família, medo que o pessoal tem é de não conseguir fazer isso de maneira plena.*

Tanto rapazes como moças da Força Sindical dizem que hoje quanto mais o jovem se qualifica, menos ele tem emprego causando uma grande frustração: *então eu acho que a frustração do jovem quando ele termina também o nível superior e de não ter emprego eu acho que é a maior frustração e do medo.*

Além da preocupação por um trabalho decente os jovens da UBES temem não entrar para uma Universidade Pública: hoje é um medo do jovem sair do ensino médio e não ir para universidade pública, continua dependendo da família e cai em situações incontroláveis tal como: *ser avião, vai ser fogueteiro lá na comunidade, na periferia dele.*

Viver em uma favela, a insegurança do cotidiano faz com que o medo, para alguns jovens entrevistados, seja concreto: (...) *meu maior medo (...) alguém ter assassinado meus filhos minha esposa é esse, perder minha família. (...) O meu medo é deixar meus filhos abandonados.*

Quanto ao medo, os jovens da CONTAG entrevistados consideram desigualdades sociais, as questões ambientais, como a destruição da Amazônia:

Eu tenho medo das desigualdades que o Brasil tem hoje e principalmente da questão hoje do meio ambiente que não só o Brasil como o mundo vive. Aí eu fico me preocupando. 'Eu, enquanto jovem, como é que vai ser a geração depois de mim?' a poluição e a gravidez precoce razões para terem medo.

Um outro medo que a juventude tem muito, e eu acho que a gente não poderia deixar de citar, é a questão que hoje no campo, é muito por exemplo, a questão da gravidez precoce. E aí eu fico muito preocupada até onde isso vai se dar. Porque quando uma coisa é mal feita traz uma série de conseqüências e aí se nós temos uma grande elevação de gravidez precoce no campo e aí entra com treze, quatorze, até onze anos. Isso é um absurdo no sentido assim, de preparação dessas pessoas. Quais são os tipos de famílias que a gente vai ter daqui a dez anos? (CONTAG-M).

Outro medo apontado por muitos dos jovens, principalmente do Pro Jovem, é o medo da polícia já que faz uma identificação do jovem de uma forma totalmente errada. O jovem é visto como “marginal” em função de seu modo de vestir:

(...) É da polícia porque eu acho que a polícia hoje em dia não está bem estruturada. Tipo assim porque se vê aquele grupo de jovens com boné na cabeça, brinco, bermudão... ah, é marginal. Não sabe que ele tá passando uma cultura e tal. Tá mantendo alguma coisa, tá fazendo alguma coisa até pela comunidade e pensa que a pessoa é drogada, que a pessoa é bandido, isso e aquilo, sacou? Pelas vestes, até voltando a questão... aí a polícia e também o medo é esse... você sair e não voltar, você sair com a saúde em dia e nem por causa da bandidagem e sim por causa da polícia. (Grupo Focal, Beneficiários do Projovem).

Uma jovem feminista expressa o medo de não corresponder a expectativas quando a modelagem do ser militante, considerando seu lugar de classe, frisando a importância de compreender sentidos de comportamentos de outros, outras, de outras classes, inclusive no plano de símbolos e codificações de violências. Suas reflexões também sugerem a importância de mais compreender a maleabilidade do conceito de violência e de medo e os porquês de envolvimento em situações de violência para diferentes classes sociais:

Do ponto de vista militante o meu maior medo é ser incoerente. Por exemplo, essa história da questão da violência, é óbvio que eu parto do meu território de ser uma pessoa de classe média, sou advogada, tenho uma posição social que me cobra por isso. É diferente de uma menina que está lá na favela, por exemplo, em que muitas vezes a violência para ela é um instrumento de poder. Um instrumento para ter alguma visibilidade social. Por exemplo, meninas que portam armas, meninas que namoram o cara do tráfico, o chefe da boca pra ter alguma respeitabilidade no contexto em que vivem. Isso tem que ser mais trabalhado. Enquanto feminista o meu medo é de ser incoerente, porque eu trabalho com atendimento de mulheres, eu tenho que ter uma responsabilidade. (Grupo Focal, Jovens Feministas).

Jovens feministas também destacam o medo das mulheres jovens quanto ao circular, viver a noite, divertir-se e até poder frequentar uma escola noturna, por conta de ambiências de violências, a possibilidade de ser uma vítima a mais:

Trabalho em atendimento de mulheres vítima de violência e eu tento aplicar no concreto a lei Maria da Penha.. Mas enquanto medo mesmo do que tá colocado, meninas é, às vezes nem fazem essa questão da relação com a roupa não, mas entretanto não saem a noite sozinha não, têm medo de saírem da escola noturna. Por quê? Pelo contexto violento, entendeu? Percebem a fragilidade de corpo natural que a gente tem, da nossa estrutura biológica, percebem que a qualquer momento a gente poder ser forçada a ter uma relação sexual que a gente não planejou e não queria, isso é concreto e isso está para qualquer mulher que saia na rua e saiba do contexto violento que tem por aí. (Grupo Focal, Jovens Feministas).

Ser jovem pobre para alguns já seria um estado perigoso que potencializaria medos, o não ser aceito, não ser entendido e o ter que enfrentar dificuldades várias durante o processo de

crescimento, ou seja, sofrendo medos por possíveis problemas no hoje e no amanhã: *Passar pela juventude é muito complicado. Você se forma, você se deforma.* Jovens da CUFA sugerem que se os medos fazem de fato parte do viver, os tempos não estão para jovens, o que seria uma contradição considerando os discursos de que a juventude é o amanhã e a ânsia por prolongar a juventude na nossa sociedade.

A juventude ela tem medo de não ser aceita, a começar dentro de casa. Hoje ter filhos é um problema para muitas famílias, o percentual de filhos diminuiu de cinco para dois no máximo. Então os pais já vêem os filhos como uma dificuldade, ter filho é um problema porque é necessário trabalhar mais.

Na escola [o jovem] tem medo de não ser aceito porque que ele usa todas aquelas coisas, aquelas expressões todas aquelas gírias, todos aqueles movimentos corporais. Tem problemas para ser aceito na comunidade porque virou uma bagunça, virou um tornado, uma moenda.

No mercado, o capitalismo fez surgir na sociedade um sentimento muito grande de disputa e isso repercutiu no jovem que está começando.

Então ele tem medo de não ser aceito em casa, na escola, aí ele cresce, não vai ser aceito no mercado de trabalho. (Grupo Focal, CUFA).

O maior medo da juventude é passar pela juventude, é viver essa juventude. O que vai se tornar, o que vai ser futuramente. Passar pela juventude é muito complicado. Você se forma, você se deforma. São medos diferentes (...) mas todos têm medo de crescer, medo de viver. (...) é normal, problemas pessoais, você com você mesmo, você com a família, problemas de você com a sociedade, você com o emprego, você com a polícia, enfim, e medo de ter medo...sei lá, a gente tem muito medo de muita coisa. A gente tem medo de ter medo porque nem sempre a gente tem resposta para tudo, medo de não ter resposta, enfim, são uma série de coisas, acho que medo de ter medo é um dos maiores. (Grupo Focal, CUFA).

O medo de não ser incorporado no mercado de trabalho, realizar-se enquanto sujeitos, potencializar a criatividade, mesmo que tenham um diploma e estejam preparados. O lado positivo é que esse medo pode levar a juventude a ter identidade com a política, organizando problemas individualizados de forma coletiva.

Se como bem colocou um jovem da CUFA, o medo de ter medo é preocupante, pela possível paralisia e revoltas canalizadas para violências, nem por isso tal estado de coisas não deixa de ser enfrentando por perspectivas de uma cidadania ativa.

De acordo com Bauman (2000: 15) sua proposta da necessidade de resgatar a política, em que o público e o privado se conjuguem, estaria apoiada na idéia de que “a liberdade ideal só pode ser produto do trabalho coletivo (só pode ser assegurada e garantida coletivamente)”⁶⁹ Tal perspectiva é encontrada, entre outros, em jovens da UJS:

69 BAUMAN, Zygmunt *Em Busca da Política*. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 2000.

Você estudar e chegar no mercado de trabalho que não te cabe(...) Por que o mercado de trabalho ele não apenas depende da sua preparação depende de um conjunto de fatores, então é algo que vai além(...), o problema passa a ser coletivo e acho que, inclusive é por conta desse medo que a juventude se identifica com o movimento político, pra tentar resolver esses problemas que serão os futuros. (Grupo Focal, UJS).

Se o conceito de violência se expande também se banaliza, assim como a convivência com medos, o que há que cuidar, cultivando indignações e discutindo necessidade de saídas, como parece ser o caso de tantos jovens entrevistados de mais diferentes bandeiras.

Mais do que violência haveria uma cultura da violência, que se materializaria pelos símbolos mais diversos, conforme a ambivalência do imaginário social sobre o tema, mas a dor e as repercussões são concretas. Tal imaginário tende, insiste-se à banalização, que se traduz muitas vezes em convivência social com violências. Segundo um dos depoimentos: *A violência hoje em dia é mais intensa e banalizada que no passado, hoje parece que é menos velado, a polícia andando de AR15 na rua do Rio, é coisa do cotidiano, mais banal. As crianças passam na rua, para ir para escola e vêem um corpo estendido no chão com lona por cima e aquilo se torna natural.*

Não por acaso os jovens sugerem que há que discutir problemas do Brasil e em que medidas esses são problemas para os jovens, ao tempo que também sugerem, implicitamente que focalizar problemas para os jovens seja um caminho para contornar muitos dos problemas do Brasil.

8.

Sobre a conferência, sobre o processo

Os participantes, de acordo com a Tabela 40, seguinte, indicaram em sua maioria que a organização da Conferência foi boa (41,8%) e excelente (24,6%), sendo, entretanto significativo os que responderam que regular (22,3%) e 6,8% insatisfatório.

TABELA 40. Satisfação dos participantes da Conferência Nacional de Juventude sobre o processo de organização da Conferência Nacional de Juventude - Brasília, 2008.

Satisfação	Porcentagem sobre total de respondentes (%)	N
Boa	41,8	775
Excelente	24,6	456
Regular	22,3	413
Insatisfatório	6,8	126
Em branco	4,5	84
Total de respondentes	100,0	1854

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008)

NOTA: Foi perguntado: *Qual a sua opinião sobre o processo de organização da Conferência Nacional ?*

Muitos jovens nos grupos destacaram a importância da 1ª Conferência Nacional da Juventude para a Secretaria e Conselhos. Segundo jovens da CONTAG, Gestores Estaduais, da CUFA, do LGBT e da UJS, a mobilização em torno da Conferência ajudou na construção de conselhos estaduais da juventude. Ponderam que ainda são poucos os municípios que possuem Secretaria Municipal de Juventude, porém, provavelmente essa situação irá melhorar a partir da 1ª Conferência:

Na Conferência Nacional de Juventude, uma das propostas era primeiro montar o Conselho Estadual da Juventude que não existia, e foi o que foi ocorrendo. (Grupo Focal, UJS).

No Rio Grande do Norte nós não temos Conselho de Juventude ainda,mas depois da Conferência nos Estados, há outras possibilidades de estar construindo e efetivar, de fato, o Conselho de Juventude no Estado do Rio Grande do Norte. (Grupo Focal, CONTAG).

Para grande parte dos participantes, a organização da 1ª Conferência Nacional da Juventude representou um grande avanço para o debate sobre juventudes, sendo o próprio ineditismo da iniciativa considerado algo positivo e promissor. A declaração de um jovem da UNE é emblemática de varias: *nunca tivemos esse tipo de aparato, de abertura, pra poder trazer tanta informação, tanto acúmulo, tanta experiência, (...) tem uma juventude de um país continental sendo discutida.*

Considera-se que a Conferência e o processo de sua organização por todo o Brasil, mais que um evento teria um efeito de multiplicação, fortalecendo mecanismos de participação, tendo portanto função também pedagógica:

Um espaço como esse, o jovem tendo voz e vez para chegar aqui e falar qual é o seu problema, o que está rolando lá na base, e levar o que se discutiu aqui. (...) chegar nesses locais para estar falando o que se passa com ele, o que ele necessita, de que forma o governo pode estar fazendo para dar acesso aos espaços para ele. (Grupo Focal, Povos de Terreiro).

Aqui em Brasília, a gente viveu essa experiência da questão da educação muito de perto. Porque uma das coisas que a gente colocou, para preparação da Conferência é que a mini-conferência teria de ser realizada dentro das escolas e dentro das escolas, quando a gente chegou com essa proposta de políticas públicas pra juventude eles falaram, que é isso? Que bicho é esse? Sabe? Quando a gente foi explicando, no decorrer do assunto, o jovem foi se envolvendo, foram se interessando e foram questionando por que está chegando só agora? Entendeu? Quando a gente chegou nas escolas, as professoras diziam: ‘gente, por favor, volta mais, o jovem precisa disso, vem, vem, entendeu? Então o jovem ele tem esse desejo de conhecimento. (Grupo Focal, Pastoral da Juventude).

No meu estado de Pernambuco a gente fez o “dialogando” que foi mais ou menos uma conferência, só que para dentro do estado e bem antes da conferência, para dar um subsídio pro plano estadual de juventude. Então a gente passou nas 12 micro regiões do estado, por 2500 jovens de 160 municípios do estado, com gestor dialogando com os órgãos, no mesmo espaço. Eram dois dias de grupos de trabalho, então era abertura rápida, passava para o grupo de trabalho, para o pessoal das etapas. Modelo baseado na constituição de conhecimento, grupo de trabalho que realmente funciona, assim, escuta, apenas em caráter propositivo. E aí dentro desse processo a gente conseguiu dialogar com mais de 900 entidades de juventude. Eu acho que os grandes méritos que a gente teve no nosso estado, foi esse mapeamento, para gente estar fortalecendo as teias, estar fortalecendo as redes, divulgando esses números, fazendo com que as pessoas se comuniquem, vendo com que os problemas com que eles sofrem na mata sua é igual a quem sofre no sertão do Moxotó, enfim, as pessoas conseguindo se encontrar nisso é um grande ganho, que a gente vai estar fortalecendo lá no estado. (Grupo Focal, Gestores Estaduais).

Alguns enfatizam que não se trataria de educar outros em temas de políticas públicas, mas se auto educar, participar:

Eu achei interessante, eu comecei a participar da conferência e achei interessante o que foi debatido ali, porque até então eu não me preocupava com essa questão de juventude e nos problemas que acontecem com a juventude. Aí me bateu uma coisa de tentar fazer alguma coisa pra que esse mundo fosse mudado (...) então aí eu comecei a abrir a mente e tentar fazer alguma coisa e não ficar mais como antes de braços cruzados, esperando alguma coisa acontecer, mas fazer mudar não só no nosso estado [Amazonas], mas no Brasil como um todo, né. (Grupo Focal, JSB).

Isso aqui é um processo de educação, nós ainda estamos aprendendo. É um processo de construção, é um início, Muita gente agora já sabe o que é política pública e tal e eu acho que a gente tem que continuar; é novo e tem que continuar. (Grupo Focal, Evangélicos).

Em alguns depoimentos notou-se o orgulho de que se estaria fazendo historia com a Conferência:

Essa conferência nacional de juventude é um passo maravilhoso. Eu acho que é um belo marco na história do país. E você vê essa diversidade cultural. É maravilhoso. Eu acho que é um momento muito feliz, da participação juvenil no cenário nacional. Fico muito feliz. (Grupo Focal, Indígenas).

Também se registra em muitas falas a importância de canais de diálogo entre juventude organizada e o governo, destacando-se que um sentido básico da Conferência é estimular outros foros de debate e comunicação e não só com o governo, apresentando-se juventudes varias para a sociedade:

Essa juventude toda aqui reunida tentando solucionar problemas, cobrar do governo os seus direito. É a primeira conferência nacional de juventude e já foi um grande avanço e com certeza as outras serão melhores e com certeza outros jovens virão, porque tem muitos jovens que não puderam vir. Eu espero que não paremos por aqui pra continuar levantando essas bandeiras de luta para realmente solucionar os problemas dessa juventude. (Grupo Focal, JSB).

É a primeira, nas próximas eu acho que a tendência é ir melhorando e a juventude tomar o espaço que é dela realmente. (Grupo Focal, Ambientalistas).

O que essa juventude, quem é? As pessoas estão muito curiosas pra saber o que é a juventude, o que a juventude pensa Então a Conferência foi muito importante. (...) A juventude apareceu e não apareceu só como problema. Eu acho que o que cresceu também o conceito de juventude, que a juventude conseguiu bastante falar assim – não existe uma só juventude, existe juventudes. Então cresceu muito essa questão da juventude favelada, que está arrebatando a boca do balão, está descendo o morro e ocupando os espaços, então eu acho que essa juventude teve um grande crescimento de ocupação de espaço, apesar de ainda ocupar os índices negativos, ainda é essa juventude que mais sofre, a juventude vulnerável, mas eu acho que essa juventude organizada, vulnerável cresceu muito e apareceu aqui acho que foi um ponto bacana. (Grupo Focal, Gestores Municipais).

Um jovem ambientalista pondera que de fato a Conferência é um marco histórico, possivelmente terá repercussões em diferentes partes do Brasil, contribuindo inclusive para uma atuação critica, mas que há que recorrer também a outras estratégias de mobilização, como as de rua:

Olha, eu queria parabenizar a organização, vejo que esse governo oferecendo essa conferência avançou, essa questão de secretaria de juventude eu nunca tinha ouvido falar, mas que na prática da juventude que eu vejo na minha região lá tão desarticulada,

falta mais incentivo nesse sentido porque as opções dentro da educação, a formação do cidadão crítico consciente ainda é precária, não vejo dentro de uma escola onde o cargo de diretor de escola é por indicação política como um processo que incentiva o jovem a criticar a própria estrutura educacional. Então já vem de um momento, de um movimento onde alguns jovens vão romper um pensamento no sentido de contrapor a um sistema que está institucionalizado. Então vejo que é interessante toda essa questão, secretaria de juventude, a conferência que a gente está participando, mas que a juventude ainda precisa de mais no sentido de voltar ao movimento de rua, essas articulações que com certeza teve muito mais representação no passado do que agora. Acredito que é um processo que nós estamos vivendo, nós estamos retomando uma história que foi rompida, mas que com esses exemplos de movimentos que estão colocados, esse projetos, essa política pública de juventude que está sendo discutida aqui como um marco histórico. Acredito que isso vai refletir em todas as cidades e em todos os estados. (Grupo Focal, Ambientalista).

Para os jovens representantes de determinados segmentos sociais, como ciganos, indígenas, quilombolas, jovens oriundos de favelas e que vivem no meio rural, a participação na Conferência significou um importante avanço para sua organização política enquanto grupo, bem como para a uma maior visibilidade de suas demandas específicas e realidades particulares, por se considerarem segmentos tradicionalmente excluídos dos debates e consultas públicas norteadoras das políticas públicas do Estado brasileiro.

Eu particularmente eu entendo que já existe um avanço na juventude, já está participando desses momentos políticos já está propondo e nessa conferência que teve varias propostas boas teve algumas ainda que precisa melhorar. Eu percebo a diferença maior ainda da juventude rura que antes. pouco estava num espaço como esse. Hoje a juventude do campo já encara de frente qualquer pessoa qualquer ação. (Grupo Focal, Quilombolas).

Essa Conferência nacional ajuda a gente que está tentando buscar a igualdade, assim para todos nós, para acabar com os preconceitos. (Grupo Focal, CIGANOS).

O que foi feito em Pernambuco foi muito bom, a gente conseguiu trazer 26 tribos indígenas na Conferência Estadual, quilombolas. Quando é que essa reunião ia chegar lá? Então foi muito positivo esse processo de Conferência que desencadeou a discussão em comunidades tradicionais que nunca foram atendidas, nunca foram ouvidas, então eu acho que isso foi um processo muito positivo. (Grupo Focal, Gestores Municipais).

Sem dúvida, a ampla participação de jovens representantes dos mais diferentes segmentos sociais foi considerado um dos pontos altos da Conferência, condição essencial para que esses diferentes grupos tivessem a oportunidade de se conhecer, interagir, trocar experiências, saber das dificuldades dos outros.

Então assim, no momento em que nós podermos sentar e resolver as diferenças, esse é o papel do Governo Federal, propiciar isso, ajudar a construir um encontro nacional, para que a gente também converse com todos os outros movimentos, os

outros segmentos para todo mundo crescer junto, por que eu não quero só ver a “nação formando aí e tendo um projeto político. Eu quero que todas as frentes tenham. (Grupo Focal, Hip-Hop).

Então é aí que entra a Conferência, a questão de estudar as juventudes. Eu acho que isso é o ponto principal. A partir do momento em que se reconhece que tem diversas juventudes, que não há um lado e nem outro, já é um baita início de conversa. (Grupo Focal, PMDB).

Quando a gente está no CONJUVE percebe que quando a gente vai discutir trabalho a gente também vai ter que discutir meio ambiente e eu acho que esse processo aqui é um processo educativo. Eu acho que quando a gente sai daqui, um defendendo a bandeira do outro e não apenas defendendo a minha bandeira, compreendendo, é um avanço. Eu acho que a gente vai amadurecer nesse processo. (Grupo Focal, Evangélicos).

Considerando que o pessoal é político e o político colabora para o avanço no pessoal, na auto-estima e coragem de ser o que se quer, um jovem LGBT reflete sobre sentidos da Conferência em sua vida:

Eu falando não só pelas travestis e nem pela classe GLBT, LBT também, pela questão seguinte, que a sociedade em geral tem que ser educada, por isso que nós estamos hoje aqui, por isso que nossa classe está hoje aqui se juntando para discutir políticas públicas para a juventude, porque nós temos eixos voltados à nossa classe e assim como as outras bandeiras também tem suas classes voltadas para isso, eu pelo menos não sabia os meus direitos, eu tinha medo por isso que até hoje eu nunca coloquei seió, porque tinha medo de ser tratado mal na minha repartição pública onde eu trabalho, tinha medo de ser tratado mal pela minha família, pelo meu vizinho só me vestia de mulher à noite e depois de uma conferência dessa nacional, vou fazer o que muito bem entendo da minha vida porque eu conheci pessoas maravilhosas aqui, idéias diferentes e não vou só brigar por eles, agora eu vou reassumir a minha vida. (Grupo de Discussão, LGBT).

A Conferência teria possibilitado debates entre pessoas do mesmo movimento, de entidades com posições diferenciadas e entre organizações possibilitando marcar posições e construir frente comuns de luta quanto a bandeiras:

A gente precisa aprender também a fazer os acordos, porque se não eles vêm e pautam (...) mas tem que sentar, dialogar e falar, vamos botar a questão do racismo aí, vamos nos reunir, vamos sentar e vocês vão ter que me ouvir, eu vou ouvir (...) Porque nós também estamos num processo que é novo para nós, e ao mesmo tempo que a gente está aprendendo a gente tem que repassar esse conhecimento (...) eu tenho que estar recebendo e repassando, recebendo e repassando, e estar atento a todas essas coisas. (Grupo de Discussão, Movimento Negro).

O processo envolvendo diversos tipos de Conferências por todo o Brasil para se chegar já preparado e tendo discutido a vários níveis diferentes temas foi ressaltado por vários jovens, considerando-se inovadora o amplo uso da internet nesse processo.

Tem uma coisa que eu acho interessante na Conferência que me parece um marco também, que foi a própria metodologia, obviamente tem uma parte da metodologia que a gente sempre faz as críticas porque são muitas propostas e o esforço de síntese e sempre um esforço complicado porque exclui, acaba excluindo, né? Mas eu acho que metodologia de pensar a Conferência foi muito inovadora e tentou responder essa diversidade de como o jovem se organiza. Então essa coisa da Conferência livre foi muito legal. (Grupo Focal, Redes).

Há também depoimentos se não de crítica, de mais cautela para avaliar a Conferência, considerando que haveria que discutir repercussões, já que parte de um processo em decolagem:

Hoje é a 1ª Conferência, teve a de 2004, mas a de 2004 foi o início, foi o ponta-pé inicial; a 1ª Conferência que está discutindo política é essa, então está muito cedo pra avaliar qualquer coisa assim, acho que até nos municípios é tudo muito novo; as coordenadorias, eu acho que têm mais, tem três anos, quatro anos no máximo, tem algumas que têm um pouco mais de história, mas mesmo assim é difícil avaliar, porque é uma coisa muito nova, está tudo sendo construído. (Grupo Focal, Gestores Municipais).

Já para um jovem gestor municipal, a Conferência, apesar de representar uma grande conquista, nem todos os municípios e regiões do país estiveram envolvidos.

Houve o debate no país todo com a juventude, acho que isso está sendo bem interessante, as novas conquistas do jovem. Quanto aos desafios, é atingir toda essa juventude, porque a gente sabe que não são todos os municípios que estão representados, não são todas as regiões do Brasil, tem muito ainda a desejar esse desafio de atender a todos os jovens. A gente tem na nossa região um grande número de município e a gente sabe que não está atingindo, as Conferências não atingiram a todos; falta um pouco da participação do poder público local, do município, em estar desenvolvendo políticas pública de juventude. Eu acho que é onde o desafio dessa Conferência, desse continuidade a estar buscando esses novos jovens pra se incluir com essas políticas públicas. (Grupo Focal, Gestores Municipais).

Apesar do clima de otimismo que cercou a organização da conferência, uma série de críticas foram feitas a diferentes dimensões relacionadas diretamente ou indiretamente à Conferência e sua possível repercussão.

Para muitos jovens, a 1ª Conferência Nacional da Juventude, enquanto instrumento de participação política e de fortalecimento institucional do tema, em termos efetivos, acabou ficando comprometida por uma série de fatores, dentre os quais destacam a falta de informação, interesse e de esclarecimento por parte da juventude sobre como e porque participar, bem como sobre qual é o seu papel e o que a organização de uma conferência pode significar na vida dos jovens, sobretudo, na sua interrelação com as políticas públicas de governo e o Estado:

[A Conferência] é um momento histórico da juventude moderna, das suas manifestações, das suas idéias, das suas culturas, das suas diversidades. Mas ainda eu tenho uma queixa, eu acho que o jovem ainda, ele ainda não entendeu qual é a importância desse espaço de discussão de políticas públicas, ele ainda está muito no oba-oba, no deixa vida me levar e quando chega a parte de discussão ele realmente ainda não está amadurecido e por isso ainda continua aquele estigma que o jovem só quer baderna. Infelizmente. (Grupo Focal, Pastoral da Juventude).

Em todas as conferências que eu participei, grande parte dos jovens que estavam na Conferências não sabiam qual papel que a Conferência tinha e o papel que ele poderia desenvolver na Conferência; não sabia o que era política pública e tantos outros temas que ali estavam sendo tratados. Então isso também é um problema que a juventude brasileira tem, eles têm um certo poder, mas que eles não sabem usar e que eles desconhecem. (Grupo Focal, Evangélicos).

A conferência é uma conquista, enfim, mas a gente trabalha diretamente com jovens lá da Baixada lá no Rio da Zona Oeste e a gente vê que falta informação para os jovens, não é que elas não queiram participar desse espaço, mas falta informação de como participar, enfim... (Grupo Focal, Jovens Feministas).

Um jovem do PMDB critica a equação estar na Conferência com participação: *a gente não pode tapar o sol com a peneira porque tem gente que está aqui e não sabe nem o que é conferência. Está aqui talvez figurando, talvez massa de manobra, enfim, não tem aquela participação efetiva.*

Já um jovem gestor municipal ressaltou o engessamento do poder público como uma barreira para que se efetive propostas a partir da Conferência.

Hoje nós estamos aqui na Conferência, decidindo a vida daqui para frente de todos os jovens do Brasil, isso é importante para caramba, nós encontramos essa dificuldade em trazer esse jovem pra debater, ele precisa debater a vida dele, o futuro dele, o presente dele. E aí você encontra essa dificuldade, aí você junta essa dificuldade com esse engessamento do poder público, que você não imaginava que tinha esse engessamento quando você era sociedade civil, quando você estava no movimento social, você não imaginava, você não imaginava que funcionava desse jeito e, você acaba se melindrando em algumas coisas. Você não consegue fazer muita das coisas que você queria fazer quando você era do movimento social, você encontra dificuldade em colocar em prática essas coisas.

Na interpretação de um jovem da UJS, a não efetividade da conferência enquanto instrumento político de participação e de consolidação de uma agenda de políticas públicas voltadas para à juventude, estaria mais relacionada à necessidade de uma maior institucionalização do tema por parte do Estado: *É uma Conferência grande, não podendo desprezar, mas é ainda inicial, então a nossa avaliação sobre essas estruturas ainda do estado do município é que se está em fase inicial, mas a gente vai precisar ter um momento agora pra avaliar mesmo a efetividade.*

Jovens gestores municipais também destacaram a importância de um marco legal o fortalecimento dessas ações, para que essas políticas sejam “de e com”, e não apenas “para” jovens.

A Conferência é importante, mas que tipo de política? Acho que o grande desafio é extinguir, exterminar o ‘para’, esse é o grande desafio que a gente tem é essa questão do ‘para’. Eu acho que existe sim formas do jovem ser consultado, mas não precisa ser uma consulta também não se pode esperar tudo do jovem também, às vezes o jovem está frágil demais também para opinar. Você tem que através de estudo, de pesquisa, você tem várias formas de fazer com que o “de e o com” seja efetivado, eu acho esse é o grande desafio da gestão, de escutar e até certo momento saber o que escutar e como fazer. Porque a tendência também quando se amplia a participação, você tem que saber lidar com isso, com essas informações e a juventude além de ser nova, geralmente os

gestores são novos e isso é muita novidade, até aonde eu tenho que escutar? Então isso é um processo de amadurecimento (...). Então eu acho que essa Conferência é um marco legal, acho que da mesma forma que a Secretaria passou a existir, agora vem a Conferência, acho que o próximo passo é o Mapa, um plano nacional e o estatuto é um outro marco, então acho que com o tempo é que a gente vai saber como esse 'de e com' funciona porque o 'para' não funciona. (Grupo Focal, Gestores Municipais).

Um jovem do PMDB também tece um comentário crítico à ambiência cultural e anímica da juventude, considerando que sem confiança será difícil ter o necessário engajamento de jovens para que propostas da Conferência deslanchem:

Eu acho que a juventude brasileira, ela foi uma juventude que foi roubada por muitos anos no passado. E é evidente que no governo atual tentou de forma tímida realizar algumas conferências na perspectiva de tentar construir um quadro novo para a juventude, mas todo mundo está sabendo que a juventude está sem perspectiva. (Grupo Focal, PMDB).

Uma das principais críticas à Conferência levantadas por jovens representantes de comunidades tradicionais, minorias étnicas, raciais religiosas seria a falta de oportunidade de fala e de espaço, e como decorrência, a invisibilização de suas demandas e especificidades. Como nos ilustra a fala de um representante das juventudes de terreiro:

Eu acho muito pouco ainda, agora problemas muitos, muitos mesmo que precisamos resolver bastante. Aqui na Conferência a gente não teve muita oportunidade de vez e fala ainda, a gente não teve oportunidade de expor os nossos problemas e espero que a gente tenha uma boa oportunidade de falar, porque falaram pela gente, a gente está tendo agora oportunidade de falar. Nós não contamos os nossos problemas, nós fomos falados. (Grupo Focal, Povos de Terreiro).

A cobertura do evento por parte da mídia também foi alvo de reflexão crítica de alguns participantes:

É a primeira conferência nacional, do Brasil, mas a mídia não está nem aí. Quanto mais agora que o Lula não veio. Mas se rola alguma coisa, um manifesto de alguma coisa, se alguém quebra ou faz uma baderna aqui na frente, se alguém gritar que é contrário a administração do governo Lula. Então é que a mídia viria. É um absurdo, uma conferência livre que pô, abarcou todos os Estados do Brasil, a diversidade, e dá as costas para isso! (Grupo Focal, ProJovem).

Nossa bandeira é de uma comunicação livre e democrática, abrangente, ampla e com cara de jovens. Nós estamos aqui, e a grande imprensa? Nada. Em cada reportagem, eu tento às vezes trazer as minhas reflexões a respeito dessa liberdade de comunicação. Mas a gente viu que tem poucos representantes de comunicação dentro do GT e a gente não tem como falar com o delegado, então a gente não tem poder de voto. Então o que a gente pode fazer é tentar sensibilizar pelo produto da comunicação que a gente está fazendo. (Grupo Focal, Imprensa Viração).

Também foram tecidas críticas à organização da Conferência como um todo. Para um jovem do PSDB, o problema é que a metodologia da conferência foi muito verticalizada:

Não adianta, uma política verticalizada de cima para baixo, artificial, impondo como as coisas tem que ser, inclusive foi uma das coisas que aconteceu nas Conferências estaduais que já vieram regras do governo federal de cima para baixo e isso nos entristeceu e tirou um pouco da legitimidade dessas Conferências, então isso não adianta com os jovens, jovem já é de natureza meio rebelde, então deixar que as coisas aconteçam da sua forma é melhor do que você impor formas de trabalho para o jovem. (Grupo Focal, PSDB).

Já para um jovem da Pastoral esse problema da verticalização seria um problema mais geral que a juventude enfrenta:

É, muitas vezes quando a gente é chamado em alguns espaços pra falar de juventude: as coisas normalmente vêm de cima pra baixo. Não são construídas pela juventude, junto com a juventude. Muitas coisas vêm de pessoas que têm boa vontade, não vou dizer que as pessoas estão de má vontade, mas alguns políticos, algumas lideranças, acabam propondo algumas coisas para juventude sem uma fundamentação da base, da realidade do jovem. Porque às vezes se pensa em políticas públicas para juventude nos municípios, nos Governos estaduais, mas a gente nota que a participação, a juventude nunca é convidada pra sentar junto e expor suas idéias. Uma experiência foram as próprias conferências, a própria Conferência nas etapas regionais, onde teve, nos municípios estaduais, a juventude assim, parece que ficam com medo que a juventude vai lá realmente e diga aquilo que necessita, aquilo que a juventude espera da sociedade brasileira e suas propostas. E quando chama a juventude, a gente vê que participa, tem todo seu estilo assim, diferente, a gente está aqui vendo várias tribos, vários jeitos de ser. (Grupo Focal, Pastoral).

Para vários jovens, um dos principais problemas observado na realização da Conferência, processo de formação, seria a cooptação dos jovens e de suas bandeiras por parte dos partidos políticos.

A juventude do Brasil ainda é muito carente de cultura, de educação e por mais que ela tente ela ainda cai em alguns enganões. Por exemplo, nesta Conferência nós observamos muito a presença dos partidos e o objetivo não era esse, eram os movimentos sociais. Então devido à falha, à falta de educação mesmo, e formação crítica, a juventude se perde. (Grupo Focal, CUFA).

O lamentável é que a Conferência Nacional se perdeu, porque o objetivo ali foi muito partidário e eu acho que perdeu uma oportunidade imensa dos jovens, que eram de vários segmentos, enfim, negros, homossexuais, enfim, de perguntar aos Estados o que os jovens sentem, as dificuldades, as demandas reais nacionais, sabe? E ali aconteceu o que? Ah, porque você é do PSDB, porque você é do PSTU, porque você é do PT e não houve uma conversa mesmo de juventude nacional e eu acho que perdeu muito e é uma crítica que eu faço assim, porque isso me preocupou também, porque se o jovem vem aqui, discutir uma política nacional de juventude e ninguém para para escutar o que o outro jovem está falando? Isso é meio preocupante. É isso que eu quis colocar. (Grupo Focal, PSDB).

Eu sou filiado ao PT, mas eu vejo algumas ações que eu discordo completamente assim sabe, a exemplo desta Conferência e... Se você está numa Conferência que você tem que defender, por exemplo, a cultura vai propor algo para cultura, vai propor algo para educação, vai propor algo para comunicação. Mas aí tem que levantar a bandeira a partir do partido, tem que precisa de um partido, mas acho que isso é tentar me induzir porque eu chamo isso de indução você tentando induzir outras pessoas a dizer esse partido aqui é bom a esse partido aqui é ruim, acho que você tem que ter um momento político, um momento específico pra tratar de política partidária e que pode ser no seu próprio grupo cultural na sua comunidade, mas não trazer as discussões para a Conferência. Em (...) mesmo que isso ia gerando em pancadaria e partido se discute sim, mas ela tem que ser uma discussão construtiva e não uma discussão destrutiva da forma como está existindo. (Grupo Focal, Quilombolas).

Eu percebo muito que os partidos políticos utilizam também a juventude como massa de manobra. Nós percebemos isso muito forte na Conferência Estadual lá no (...) a gente discutiu somente no primeiro dia as propostas durante umas duas horas e meia talvez, e não se conseguiu chegar a propostas boas. Porque a discussão foi muito pouca porque a juventude que estava lá representava partidos políticos e não sabiam o que estavam fazendo lá. (Grupo Focal, CONTAG).

Não são só as conferências estaduais, eu acho que tiveram vários problemas em vários estados; a nossa avaliação que houve em alguns estados, o excesso de partidarização em alguns, em outros houve um boicote ao movimento social, não por uma demanda, principalmente da relação governo federal e estado, governo estadual. Essa disputa que existe em alguns estados gerou consequências para a juventude, principalmente do movimento social, mas para um processo que é novo, apesar de já ter tido uma conferência lá atrás de juventude, é um processo extremamente rico, todo mundo contribuiu “pra caramba”, acho que a gente teve espaço pra várias, a gente teve oportunidade, por exemplo, de colocar o cara do PT para discutir com o cara do PSDB; um cara da CUT para discutir com um cara da Força Sindical, e se respeitarem, principalmente. (Grupo Focal, CUT).

Entretanto, na interpretação de um jovem filiado ao PT, não são os partidos, mas as ONGs as principais responsáveis pelo falso protagonismo e cooptação dos jovens.

Então, é esse discurso do falso protagonismo. Eu vou pegar meia dúzia de jovens e vou dizer: você, você e você vão lá para Brasília, para Conferência Nacional da Juventude. – Não, porque vocês têm que ser protagonistas – Mas protagonista de quê? O cara chega aqui, ele não fala do bairro da onde ele é, ele não fala do que levou ele a entrar na ONG –,mas ele está ali dizendo: eu sou da ONG tal, que faz isso, que faz aquilo e, é uma panfletagem só; não tem referência no que ele fala. É diferente dos jovens que, hoje estão militando no partido. eles dizem: eu sou jovem filiado ao PT, que me organizei a partir do movimento de mulheres; ou, sou jovem filiado ao PT, que me organizo a partir do MST; eu jovem filiado ao PT, que me organizo a partir da CECUP, do movimento sem-terra, do movimento negro. (Grupo Focal, PT).

Para um jovem do Pró-Jovem, a conferência contou com pouca participação da sociedade em geral, porque a organização não estimulou que isso acontecesse: *Foi muito privado... tinha e deveria de ser uma coisa aberta, desde o dia de domingo, tinha de ser uma coisa aberta.*

Grande parte dos jovens que participaram da realização dos grupos focais alegaram que uma de suas principais preocupações, no tocante à Conferência, é o não acolhimento e efetivação das bandeiras, demandas e propostas elaboradas no decorrer da Conferência.

Se nós fizermos esta conferência, gastar o dinheiro público que estamos gastando e não efetivarmos nada ali na frente, não valeu de nada ter feito a conferência. (Grupo Focal, PMDB).

Apesar das críticas, muitos jovens declararam ter grandes expectativas com relação à Conferência seu estímulo a um processo de fortalecimento dos jovens na política pública e social:

A expectativa para essa nossa Conferência é que nós consigamos sim construir políticas públicas com agendas permanentes para um trabalho em processo de juventude que seja específico pra juventude com protagonismo, para que essa juventude se fortaleça. (Grupo Focal, Pastoral).

Então minha expectativa é que a partir da Conferência Nacional esse público possa começar a se envolver nesse processo e possa se criar, fomentar iniciativas. O cara da periferia, da comunidade que é da igreja pentecostal, negro, excluído e tal, de repente não é atingido por política pública alguma, que se possa fomentar, porque a política pública na sua formatação, ao ser pensada, ela deve considerar esse público que segundo as pesquisas é o mais mobilizado, a maior parte da juventude que se mobiliza que se organiza é a juventude cristã. (Grupo Focal, Evangélicos).

Para vários participantes dos grupos, para que a Conferência se irradie há que ter mobilização dos jovens. Não aceitam a idéia de que os jovens não seriam muito participativos ou interessados em política. Consideram que isso não corresponde à realidade dos fatos, já que a juventude sempre esteve ativamente presente nas lutas e bandeiras históricas do país, além de terem comparecido e participado, mesmo com dificuldades, de todas as etapas da conferência:

A maior prova de que a juventude participa quando ela é chamada, quando ela é provocada é que estamos aqui hoje. Construímos... Nós conseguimos construir a maior Conferência das Conferências do país, então dizer que a juventude não participa da vida política é engano, eu acho que a Conferência Nacional da Juventude está demonstrando isso a muito gente que se enganou achar que a juventude não participaria. A juventude participa ativamente. (Grupo Focal, Força Sindical).

No entanto, eu vejo que a juventude participa sim, eu acho que a juventude participa tanto que hoje a gente tem uma Conferência de Políticas Públicas, porque justamente é uma demanda que a juventude quer. A gente exigiu, a gente quer falar o que a gente quer. Se a gente não participasse, a gente não estaria chegando a uma conjuntura em que houvesse a necessidade de se ter uma Conferência específica de juventude. A gente não estaria dentro da Conferência tratando dessas questões, mas há a necessidade porque a gente precisa de dizer o que é que a gente quer. (Grupo Focal, CONTAG).

Você tem que contribuir de alguma forma para ser agente transformador da sociedade. E achar que a Conferência Nacional de Juventude não é uma forma de participação é um equívoco, porque nós somos privilegiados de estar participando de um fórum que

pode construir metas para a juventude. E nós enquanto militantes de um movimento juvenil, estamos tendo uma oportunidade de levantar a nossa bandeira, seja ela em qual partido for, em qual força que for, para construir uma juventude mais consciente que é para juventude deixar de ser o futuro do Brasil para ser o presente; que essa é a grande questão que a gente tem que colocar para a juventude hoje – todo mundo se sentir como agente transformador do presente e mesmo se for para ser militante de um partido político ou de uma ONG de meio ambiente, mas que são organizações válidas para a mudança do Brasil e, assim, construir a revolução. (Grupo Focal, UBES).

Eu acho que a gente veio participar, a gente veio buscar, não viemos aqui para passear e brincar, a gente veio para buscar algumas coisas que sonhamos, mas claro, eu acho que faltam muitas coisas, acho que faltaram muitas coisas, mas eu acho que também é um passo para gente buscar essas coisas que ficaram faltando, saber que a gente existe, que estamos aqui e que queremos o nosso espaço também. Claro que a gente não conseguiu buscar todos os objetivos que a gente queria, mas a gente vai continuar lutando, vai continuar sempre estando juntos e lutando junto para a gente chegar aonde a gente quer. (Grupo Focal, Terreiros).

Para uma jovem evangélica, um dos problemas da Conferência como um todo é que ela não conseguiu atingir os jovens que não estão mobilizados, alegando que os participantes da etapa nacional foram apenas àqueles jovens politizados que marcaram presença nas Conferências Livres.

Então, apesar de que, essa galera que está na Conferência agora, que eu acho que não retrata bem o que é a juventude do Brasil, porque quem está aqui na conferência participou desde o início das conferências livres, então já é uma galera que está atenta para essas coisas. Está atenta para essa questão de cidadania, de direito (...) Mas tem um mundo de gente lá fora que não está ligado, que nem sabe o que está acontecendo aqui. Não soube o que aconteceu em sua cidade, quanto mais o que está acontecendo aqui. (Grupo Focal, Evangélicos).

O processo de eleição dos delegados em todas as etapas da Conferência foi alvo de reflexões e comentários mais gerais, e, na maior parte dos casos, a questão foi pensada a partir de experiências pessoais e localizadas, e não de forma geral sobre o “mecanismo” e sua efetividade. Além disso, ao que tudo indica, apenas aqueles que tinham críticas ou que ficaram desapontados com alguma parte do processo é que se dispuseram a falar, na maior parte das vezes.

Algumas jovens do grupo de Jovens Feministas referem-se a questões de gênero como a linguagem usada no processo da Conferência.

No meu crachá está “convidado”. O dela também. O de vocês eu estou vendo que está “pesquisador” e um “a” do lado. Agora no caso da nossa mediadora e nossa relatora não tinha, estava “mediador” e “relator”, então assim, já que eles vão flexionar que flexionem todos os crachás. Parece besteira parece tão mínimo, mas tudo são coisas tão mínimas que vão juntando e se tornam uma coisa tão grande quanto essa questão de gênero que está aí que a gente percebe. Se a gente quer chamar a atenção para as mulheres, para as reivindicações das mulheres, a gente tem que começar a chamar a atenção pra nossa existência, pra própria língua também. (Grupo Focal, Feministas).

Já para alguns jovens ligados ao Movimento Negro, o racismo foi o principal problema que tiveram que enfrentar no processo de eleições dos delegados:

Eles tacham a gente de preconceituoso, hoje somos nós; eu moro num Estado, que eu acho que é o mais racista do Brasil. Eu fui o único negro a sair como delegado entre 40 delegados. Mas, depois de chorar bastante, depois de fazer muita briga, a gente debateu num grupo de diversidades, num grupo de diversidade onde havia três negros também na parte estadual, e teve uma discussão onde a gente tinha que escolher três. (Grupo Focal, Movimento Negro).

Um representante da juventude LGBT também alega ter sido alvo de preconceito quando do processo de eleição de delegados, na sua cidade.

A instituição que a gente está é uma instituição suprapartidária, nós não temos como inimigos os partidos políticos, quem quiser pertencer, pode perfeitamente pertencer e há toda uma discussão dentro da juventude hoje do esgotamento da representatividade dos partidos políticos e quando a gente foi para o 1º Congresso que foi a 1ª Conferência Metropolitana lá em (...) a gente teve uma forte rejeição por parte dos partidos políticos que não aceitavam jamais que o LGBT tivesse 3 vagas para a conferência estadual. Hoje nós chegamos aqui com 5 e foi um processo de muita briga, de muita luta, de correr atrás de visibilidade, de discussão mesmo, foi um babado como a gente costuma dizer em nossa gíria. Só porque determinados partidos têm sim, um núcleo LGBT lá dentro e não vamos negar que é interessante, será que me representa eu como pessoa? (Grupo Focal, LGBT).

Jovens ligados a comunidades tradicionais, minorias raciais, étnicas e religiosas foram, na maior parte dos casos, automaticamente eleitos como delegados a partir das consultas nacionais. Como atestam jovens representantes dos Povos de Terreiro: *Foi através da consulta, nós fomos chamados para a consulta nacional dos povos das comunidades tradicionais e automaticamente nós éramos delegados.*

Houve também debates críticos sobre os Grupos de Trabalho (GT) em várias etapas da Conferência, inclusive divergências sobre a forma melhor de organizar os GTs entre membros do mesmo movimento, como no movimento negro.

Para uma jovem do movimento negro havia de fato a necessidade dos jovens negros terem um GT específico e que isso nada teria a ver com fragmentação, mas antes como aproveitar a oportunidade de jovens negros de diferentes realidades se encontrarem para debater problemas específicos. Além disso, como o número de propostas é reduzido, não haveria como diferentes grupos entrarem em acordo em um GT sobre diversidade, apesar de considerar a temática negra como transversal, portanto, passível de discussão no interior de diferentes GTs.

A pressão foi para gente ter o GT. Não é fragmentar, rachar pra dividir, pra poder ganhar. A questão é o seguinte, é porque aqui você vai poder ter os pretos das diversas regiões do país, nós vamos ter as diversas realidades desde o preto que mora no alto do morro, do que mora no meio da caçimba, do que come o cacto. Então nós vamos ter toda essa diversidade, é um espaço que é difícil, que é caro. Quando é que a juventude negra tem dinheiro para pagar pra se encontrar? (Grupo de Discussão, Movimento Negro).

Veja como existem diversas visões, não existe só uma verdade, eu me preocupo muito com isso no movimento social, que às vezes a gente se arroga com uma prerrogativa de estar com a verdade e não, eu estou expondo um ponto de vista, eu falo de um lugar, eu falo de determinado lugar, eu não falo de todos lugares. Eu não posso falar em nome do Hip-Hop, porque eu não faço Hip-Hop, mas posso falar enquanto jovem que fez luta dentro da universidade para aprovar as cotas, por exemplo. Desse lugar, por exemplo, eu me sinto à vontade pra falar, à vontade de uma ocupação de cinco dias, à vontade nesses aspectos. Então assim, na (...), por exemplo, saiu uma moção de repúdio na Conferência Estadual porque o grupo era de diversidade, não era um grupo separado de negros e negras, de LGBT, de deficientes; saiu uma moção de repúdio lá, eu lembro muito bem que eu estive aqui em Brasília em 2004 e o GT era também de diversidade e abrigava toda diversidade, teve moção de repúdio também. Para alguns é ruim colocar tudo no mesmo saco, porque vamos dizer aqui, a gente se tivesse um GT de diversidade, vai abrigar cinco seis movimentos diferentes, só saíam quatro propostas. E aí? Como é que a gente ia poder dizer? Eu poderia dizer, a demanda da juventude LGBTT é mais legítima do que a de deficiente, entendeu? Eu acho que é importante ter, porque nas quatro prioridades lá, vão ter as quatro demandas da juventude negra, porém, em cada um dos 23 temas, isso a juventude rural fez na reunião do Conselho, não estava contemplada a juventude rural e foi lá e disse não, eu acho que tem que ter um GT de juventude rural aí, porque a gente não está sendo levado em consideração. Eles poderiam dizer, não a gente não demanda isso, é em cidade e territórios ou em comunidade tradicional, mas eles disseram não, já tem o GT específico da juventude rural para gente poder demandar as nossas questões, o que não impede... eu acho que é uma questão de estratégia de cada movimento, da gente invadir todos os outros e pautar nossas questões. (Grupo de Discussão, Movimento Negro).

Já para um jovem e uma jovem também do Movimento Negro, organizar a juventude negra em um GT específico não favorece o diálogo entre os diferentes.

Por que o nosso grupo é de negros? O problema é bem maior do que a gente se reunir como negros e negras. A gente tem problema na educação, a gente tem problema na segurança, a gente tem problema na saúde, então se a gente ficar ali dentro de um GT (...). só que eles achavam que a gente ia debater entre nós, só entre nós. Vamos fazer um grupo só de negros e negras e eles debatem os problemas deles lá e ninguém precisa ficar também sabendo do problema deles, sem criar polêmica, sem nada e fica por isso mesmo. Só que não! A gente sabe aqui, somos bastante entendidos que a gente vai estar em todos os espaços, disputando esses espaços de discussão, entendeu? até para que outros jovens entendam que quando se fala em juventude no Brasil, se querem reparar e acabar com todo esse massacre, que o maior massacre de jovens no Brasil é de negros, e quando fala de políticas públicas para a juventude, a maior discussão seria em relação à juventude negra. Eu acho que quem deveria vir discutir com nós, nesse grupo, seriam os jovens brancos de outras classes que deveriam vir para o grupo de jovens negros discutir. A gente não vai discutir entre nós o que a gente já sabe, eles que deveriam vir aqui discutir conosco, mas como a gente sabe que eles não vão vir, porque uns não querem saber (...) nós só somos humanos na favela(...). então deu para se notar essa rasteira, entendeu? quando eu cheguei ali que vi “Grupo jovem negros e negras”. Eu não debati isso nem no Município nem no Estado. Debati diversidade, e aí

o bicho pegou, entendeu? E aí o bicho pega, porque o garoto gay disse que não tem preconceito, a outra menina disse que há machismo mas não há preconceito de raça, entendeu? agora, então eles criaram um grupo para que os jovens negros ficassem ali entre eles e não houvesse polêmica; entre eles, eles iam entrar num consenso, não é? (Grupo de Discussão, Movimento Negro).

Para dois jovens do Hip-Hop, apesar dos problemas e dificuldades, a juventude negra saiu vitoriosa, conseguindo aprovar propostas e eleger delegados:

Hoje a nação Hip-Hop, deu essa respirada e ela tem essa possibilidade de fazer vários candidatos a vereador, até na questão do quê? Da gente poder encaminhar nossas propostas, de mostrar que hoje o Hip-Hop sim, ele tem um outro caráter. A partir desta Conferência, o que vão pensar do Hip-Hop? Vários movimentos e vários partidos sempre usaram o Hip-Hop, pelo poder de aglutinação, mas, hoje eles vão olhar e falar: ‘ meu, hoje a gente não vai mais usar o Hip-Hop, a gente vai correr com o Hip-Hop. Por quê? Porque hoje aqui, ainda mais na Conferência, hoje a gente tendo a primeira proposta do movimento negro e a nona proposta da Conferência do Hip-Hop, as duas propostas entraram entre as dez propostas. Vai perguntar para organização aqui da Conferência como que é a dificuldade e qual que é o nível da organização e da aglutinação para que se possa ter entrado nessas dez propostas. (Grupo Focal, Hip-Hop).

A juventude ligada ao campo também enfrentou dilemas parecidos aos da juventude negra, como a necessidade de pressionarem a organização para a construção de um GT específico em que pudessem debater problemas particulares aos jovens do campo. Mesmo assim, segundo uma jovem da CONTAG bandeiras importantes como a Reforma Agrária para a juventude rural acabaram ficando de fora das resoluções.

Houve vários avanços na conquista de políticas públicas para juventude rural. As conferências estaduais, elas foram diferenciadas, a gente diferenciou [elas] e quando chegamos na Nacional, não tinha o nosso tema específico, o campo. E aí, por quê? Se nós temos uma ação expressiva nos Estado, mobilizadora, conferências livres, conferências nos municípios e por que não ter o nosso tema na Nacional? Outra coisa também que se viu, foi não ter um tema também para reforma agrária, a nossa bandeira na reforma agrária é ampla. (Grupo Focal, CONTAG).

Segundo uma jovem da juventude de Terreiro, o GT sobre Comunidade e Povos Tradicionais aglutinou grupos de realidades muito diferentes, o que dificultou a construção de propostas em comum. E como os representantes de cada comunidade tradicional eram poucos, não foi possível que cada um construísse um GT próprio.

O problema é muito específico o problema dos indígenas, o problema das comunidades de terreiros, o problema dos Ciganos, são questões específicas, não dá para colocar todo mundo junto porque não é a mesma realidade e aí colocaram junto, parece que assim, vamos colocar em comunidade tradicional e cada um tem a sua especificidade não dá para falar da intolerância que eu sofro. (Grupo Focal, Povos de Terreiro).

Para os jovens ciganos, o problema teria sido ainda mais crítico. Ressaltaram ainda que os indígenas tenham o apoio da FUNAI e os ciganos apenas uma pontinha dentro da SEPIR.

A falta de organização desta Conferência foi absoluta, nós fomos prejudicados, não só nós mas também os Caiçaras, Mestiços e Caboclos, porque existem comunidades que não estão representadas, a nossa representação já é pífia, já é ínfima, já é pequena, e mesmo assim foi inviabilizada. Ah, houve uma consulta que foi muito produtiva, houve a divisão de grupos, grupos que também não são muito grandes, porque é onde todo mundo fala, ninguém escuta, então um grupo bem representado, bem feito para cada comunidade era grupo de tamanho médio, um para cada comunidade, e onde debatiam as idéias e chegava-se a três a quatro propostas, aí depois lotava-se, isso sim, aí chega a Conferência, e aí também foram tirados os delegados, chega-se à Conferência, e aquelas propostas que foram aprovadas, discutidas por todos, não foram aproveitadas pra essa Conferência. Falo da consulta ocorrida em março. Chega aqui, então discute-se novamente mas com todos juntos, aí não adianta nada. Os índios tem a FUNAI. Nós temos uma pontinha dentro da SEPIR, um pingo d'água dentro do oceano. (Grupo Focal, Ciganos).

Segundo um jovem da Juventude de Terreiro, suas propostas do relatório da Consulta Nacional não foram contempladas no Caderno de Resoluções da Conferência. E para outros Jovens do Terreiro, o preconceito e a especificidades das comunidades tradicionais, sobretudo, da juventude de terreiro, dificultam a visibilidade de suas questões nas plenárias gerais: *Teve a consulta, nós colocamos a nossa proposta saiu aqui no ficharia que deram à gente e no fichário não veio nenhuma proposta da gente contemplando*

Segundo uma jovem e um jovem do PSDB, o GT Segurança Pública foi prejudicado pela forma como foi nominado, o que acabou despertando pouco interesse pelo assunto, que teria sido mais interessante chamá-lo de GT Violência. E, no entender da jovem do PSDB, se houvesse menos mesas temáticas, as propostas teriam sido mais eficientes.

Eu também participei do Grupo de Segurança e eu acho assim que até os nomes foram um pouco dúbios porque segurança é um tema que todo mundo fala que é violência, talvez até o nome se fosse de outra forma poderia chamar mais atenção, porque violência todo mundo sofre, seja negro, homossexual, amarelo, enfim, de todas as etnias. E o grupo de educação poderia assim, talvez, implementar alguns outros grupos também, ter menos mesas temáticas para poder se compor e fazer propostas mais eficientes no âmbito nacional de juventude. (Grupo Focal, PSDB).

Para um Jovem do Pró-Jovem, o tema violência foi de fato pouco debatido na Conferência, além de considerar que os temas deveriam ter sido trabalhados em conjunto, ao invés de ficar cada um no seu nicho.

Eu tenho visitado alguns GTs. Eles focam muito a questão da educação, a cultura, só que eles esquecem da questão da violência, eles esquecem da questão da homofobia, eles esquecem de questões preciosíssimas, não digo que seja só isso.. a diversidade, eles discutem, mas até efetivar as propostas, na hora de levar e aprovar as propostas eles dizem que não é prioridade. Prioridade pra eles na verdade é educação, só que assim todo o meio que nós conhecemos já foca a educação como base. Tem que trabalhar a

educação ao lado de segurança pública, trabalhar ao lado dessa questão da diversidade cultural, a diversidade religiosa, são coisas realmente importantes, mas às quais eles não dão muita atenção. Eu acho que o jovem nesta Conferência ainda está muito no discurso, no grito, um discurso temático (...) não estão pensando no jovem para frente, no jovem brasileiro, no coletivo. (Grupo Focal, ProJovem).

Para uma jovem da CONTAG, os participantes da conferência ficaram muitos restritos à suas bandeiras específicas, apesar de considerar ser esse um problema que será resolvido com o passar do tempo:

Eu tenho a visão otimista e até porque eu acho o seguinte, eu acredito que daqui a dez anos a gente vai estar caminhando nessa direção para a juventude em geral, de grupos, partidos, religiões e que defendam suas diversas bandeiras específicas por se estar de olho no problema da sociedade em geral que está, de uma certa forma, mais unida quando se trata de uma Conferência dessa. Porque as conferências estaduais foram símbolo de que hoje na sociedade, os movimentos, os partidos defendem mais a si mesmos do que a proposta que a sociedade precisa. Eu acredito que daqui a dez anos a juventude vai conseguir ter uma visão mais abrangente do que o campo precisa, do que a sociedade precisa e do que de fato a juventude precisa em geral. Porque não adianta defender “a” ou “b” se aí a gente não vai construir uma proposta de desenvolvimento sustentável no Brasil. (Grupo Focal, CONTAG).

Mas para um jovem da UNE e um jovem da CUT, apesar da diversidade da juventude, a Conferência revelou que existem sim bandeiras em comum.

Eu penso que de fato é isso, a juventude tem diversas facetas, diversos segmentos juvenis, juventude é um segmento da sociedade. Mas eu acredito também que dá sim pra se ter linhas gerais, que existe uma juventude nesse país. Apesar das especificidades nós podemos tirar conceitos, podemos tirar políticas públicas, que atinjam toda a juventude, por isso eu acredito nesse conceito de juventude. E eu acho que essa Conferência mostra um pouco disso. A gente estava olhando as propostas que foram mais votadas, e são propostas de todos os diferentes segmentos que estão aqui, estudantes, trabalhador, trabalhadores rurais, mulheres, negros, LGBT, todos esses grupos têm muitas propostas em comum, todos eles votam. Que demonstram isso então demonstram que existem sim elementos que unificam a juventude. (Grupo Focal, UNE).

Então isso é um processo muito grande, muito bom, porque a gente está descobrindo o seguinte, que a gente fica brigando por causa das bandeiras, que eu sou vermelho, você é amarelo, eu sou azul, você é branco, eu sou preto, e descobrimos que em um ponto a juventude ou seja 90% da gente entende a mesma coisa. (Grupo Focal, CUT).



9.

Percepções sobre o Conselho Nacional de Juventude e a Secretaria Nacional de Juventude

Neste capítulo, apresenta-se a percepção dos participantes na 1ª Conferência Nacional de Políticas de Juventude sobre a Secretaria Nacional e o Conselho Nacional de Juventude, recorrendo-se à pesquisa quantitativa e à qualitativa. Note-se que, em algumas falas citam-se Conselhos e Secretarias municipais e estaduais. Posto isso, é importante não se perder de vista que os depoentes possuem níveis diferenciados de informação e experiência junto aos Conselhos e às Secretarias da Juventude. Além disso, algumas falas tratam da Secretaria e outras do Conselho de maneira geral, sem grandes diferenciações sobre o papel de uma e de outra.

Tanto o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) quanto a Secretaria Nacional de Juventude datam do início de 2005, como fruto da Política Nacional por meio do Decreto 5490/2005, assinado pelo Presidente Lula. São, portanto agências recentes, mas legitimadas por amplo público jovem considerando a mobilização para a preparação da 1ª Conferência, em todo o Brasil e a assistência a ela.

No nível de grandes números não há diferença significativa entre delegados e não delegados quanto ao grau de conhecimento sobre o CONJUVE e a Secretaria – cerca de 80% dos participantes afirmam conhecer a Secretaria e cerca de 70% o CONJUVE.

Ainda que sejam altas as proporções dos que dizem conhecer o CONJUVE e a Secretaria Nacional, considerando que a 1ª Conferência foi basicamente de ativistas no campo de políticas de juventude, são também significativos os dados sobre o não conhecimento em relação a esses organismos. Aliás, o número de delegados que não conhecem a Secretaria (21,0%) chega a ser maior do que o número de não delegados que não conhecem a Secretaria (15,9%), tendência que não acontece quando o foco é conhecimento sobre o CONJUVE, mas também é significativa a proporção de participantes que não conhecem essa instância que conta com representação do governo e da sociedade civil e basicamente de jovens no campo de políticas de juventude. Isso demonstra que mesmo que se selecionem delegados a partir de sua atuação política no campo da juventude, cerca de 20% deles ainda não conhecem a Secretaria e o Conselho, o que caracteriza uma lacuna a ser mais trabalhada. (Ver tabelas 41 e 42, abaixo).

TABELA 41. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude, segundo o tipo de participação, em relação ao seu conhecimento sobre o Conselho Nacional de Juventude.

Conhecimento sobre o Conselho Nacional de Juventude	Tipo de Participação		
	Delegado	Não delegado	Total
Sim	79,2%	72,3%	77,2%
Não	20,8%	27,7%	22,8%
Total	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008).

NOTA: Foi perguntado *Você conhece as seguintes instituições no campo da juventude?: Conselho Nacional de Juventude*

TABELA 42. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude, segundo o tipo de participação, em relação ao seu conhecimento sobre a Secretaria Nacional de Juventude.

Conhecimento sobre a Secretaria Nacional de Juventude	Tipo de Participação		
	Delegado	Não delegado	Total
Sim	84,1%	79,0%	82,6%
Não	15,9%	21,0%	17,4%
Total	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Conselho Nacional de Juventude e Secretaria Nacional de Juventude-Pesquisa Políticas de Juventude, Bandeiras e Participação: Perfil, Percepções e Recomendações dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. (coord. Castro e Abramovay 2008).

NOTA: Foi perguntado *Você conhece as seguintes instituições no campo da juventude: Secretaria Nacional de Juventude*

Os grupos entrevistados na pesquisa qualitativa tendem a expressar opiniões convergentes e expectativas positivas em relação ao CONJUVE e à Secretaria e consideram que no nível de estado e município as experiências de se contar com maquinarias semelhantes ainda é recente.

Assim jovens da ONG Viração, Gestores Municipais e da UJS entendem que as Secretarias e Conselhos da Juventude são experiências muito novas no Brasil, influenciadas pela inovação em nível nacional, e positivas, por representarem uma maior visibilidade da temática da juventude por parte do poder público e por influenciarem para a elaboração de políticas públicas de juventude, e que os jovens participem de tais experiências:

Eu acho que é uma experiência nova, que vem dando certo, com todas as críticas e tudo mais, agora eu acho que é um avanço inclusive nesse aspecto de ter um olhar sobre a juventude. (Grupo Focal, UJS).

(...) a Secretaria Nacional de Juventude influenciou demais as políticas públicas de juventude do país inteiro e, eu acho que o Conselho também foi um passo importante para políticas de juventude. (Grupo Focal, Gestores Municipais I).

Especificamente sobre o CONJUVE, alguns jovens do PSDB, do grupo de Evangélicos, do de Gestores Municipais e de Ambientalistas afirmam ser uma experiência democrática e positiva, significando um avanço para os movimentos sociais jovens, mas que há muito ainda que crescer e amadurecer, mas sem atitudes imediatistas :

A gente só precisa lembrar que o CONJUVE foi fundado agora, por isso a gente tem que ter paciência, sem imediatismos; claro que a gente quer respostas rápidas, mas uma coisa quando se constrói com profundidade demanda tempo, demanda uma história (...) o CONJUVE sinaliza um amadurecimento dos movimentos jovens, nas juventudes, nas igrejas, nos movimentos sociais. (Grupo Focal, Evangélicos).

Segundo alguns participantes da Conferência, como os integrantes de grupo de Gestores Municipais, há que se acordar sobre o conceito de juventude, para que as Secretarias e Conselhos trabalhem de forma mais uniforme:

Bom, se a gente está aí com um conceito de juventude dos 15 aos 29 anos, e vai trabalhar em cima disso, tem que adaptar tanto a Secretaria Nacional de Juventude, quanto os próprios Conselhos não só o nacional mas os estaduais, e também os municipais dentro do critério do que é ser jovem hoje. (Grupo Focal, Gestores Municipais II).

Esses dois organismos de juventude, o CONJUVE e a Secretaria Nacional como os congêneres em outros níveis administrativos recebem críticas dos Gestores Municipais que consideram que seria tímida a perspectiva de gênero e há poucas mulheres ocupando cargos nessas entidades:

Eu quero fazer uma reivindicação para maiores espaços e cotas para as mulheres dentro dos organismos de juventude. (...) Nós mulheres, não sei qual é a questão, mas temos uma dificuldade maior mesmo para exercer papéis dentro dos organismos de juventude. (Grupo Focal, Gestores Municipais).

Note-se que se discute mais o sistema de organismos de políticas de juventude, ou a falta desse que propriamente um ou outro organismo, em muitas falas. Na percepção de jovens do PSDB assim como entre Ambientalistas, as atribuições dos organismos de juventude são fragmentadas e indefinidas, portanto, seria necessária a consolidação de um sistema nacional mais bem integrado. Também se considera que as funções dos organismos de juventude precisam ser mais bem definidas para que as diversas instâncias não interfiram e engessem o processo: Segundo jovens do PSDB (...) *talvez devesse ter um órgão federal, um órgão estadual e um órgão municipal, para facilitar isso tudo, se não você tem órgãos extremamente especializados em um local e no outro não, e aí vem a segmentação estrutural hierárquica.*

Uma reivindicação sobre o Conselho e a Secretaria parte de jovens entrevistados nos grupos da CUT, Evangélicos, Ambientalistas, Gestores Estaduais e Gestores Municipais II. Para eles, o CONJUVE e/ou a Secretaria deveriam ter um poder de barganha e de decisão maior sobre políticas públicas de juventude, funcionando a Secretaria como instância deliberativa e paritária, podendo ganhar até mesmo o status de Ministério. Inclusive se ilustra com a modelação do PROJovem e outras políticas importantes para os jovens que não teriam contado com maior intervenção na elaboração e acompanhamento por parte do CONJUVE.

Agora sobre a Secretária Nacional da Juventude e o CONJUVE, eu sugiro que se transforme em um Ministério de Juventude. (Grupo Focal, Evangélicos).

(...) Com o Projovem, por exemplo, foi uma comissão de trabalho e emprego, não foi o Conselho de Juventude que aprovou; o Juventude Cidadã é a mesma coisa, o PLANSEC, o PLANTEC, tudo foi uma comissão de trabalho e emprego. Por que não o Conselho da Juventude? Por que esse Conselho não pode ser deliberativo? Deveria ser. (Grupo Focal, Gestores Municipais I).

Não somente há reticências ao lugar do CONJUVE e da Secretaria no âmbito dos demais organismos que atuam no nível do executivo, reivindicando-se maior poder de decisão. Há atores como os do Movimento Negro que criticam também o sistema de representações no nível do CONJUVE, alegando que pessoas ligadas a fundações relacionadas a empresas se destacariam no Conselho, articulando posições e encontros sobre políticas de juventude:

No Conselho de Juventude, qual é a maior bancada hoje? É o movimento de juventude estudantil? Não é. É o partido de esquerda? Não é. É a juventude negra? Não é. São grupos de instituições e fundações empresariais que dominam o Conselho como: Ayrton Senna, Ação educativa, ONGs, eles fizeram encontros, sabe onde foi? Lá em Porto de Saúpe, onde tem o metro quadrado mais caro do Brasil, entendeu? (Grupo Focal, Movimento Negro).

Outro ponto crítico levantado por alguns jovens, diz respeito à importância de se contar com mais ampla representação em nível de vários pontos no Governo. Assim, para jovens Ambientalistas, Evangélicos e Gestores Municipais, o ideal seria a participação dos jovens em diferentes Conselhos de Governo, posto que os temas de juventude são transversais:

Tem uma proposta que saiu da Conferência, de ter um jovem em cada Conselho, no Conselho de Saúde, Educação, Esportes, de mulheres etc, porque o tema da juventude é transversal, então não tem porque ele não participar dos demais Conselhos. (Grupo Focal, Gestores Municipais).

Mas, enfatiza-se a importância do CONJUVE e da Secretaria para a formação dos jovens e sua legitimação social como atores do desenvolvimento. Por exemplo, jovens dos grupos de Evangélicos, do Movimento Negro e da CONTAG destacam que os jovens estão participando ativamente do processo de debates sobre políticas públicas via tais agências e as Conferências de políticas de juventude, o que se considera importante para a construção do processo histórico de participação juvenil, como afirma um entrevistado do Movimento Negro: *Nós jovens estamos dentro dos Conselhos, das Conferências, não só essa de 2008, então isso é importante, a gente está saindo de um único segmento para moldar várias bandeiras de luta.*

Mas tal posição não tem consenso. Por exemplo, para os jovens da CONTAG, dos grupos de Povos do Terreiro e Povos Indígenas, os jovens ainda estão pouco envolvidos com os trabalhos da Secretaria Nacional de Juventude e do CONJUVE, faltando um maior diálogo desses organismos com as bases e segundo um jovem da CONTAG:(...) *O Conselho precisa estar debatendo mais com a juventude, indo para as bases, porque quando se debate na base se tem mais proposta e mais como desenvolver os projetos da juventude.*

Em alinhamento similar, Gestores Municipais ressaltam que a participação dos jovens no CONJUVE e em Conselhos municipais e estaduais é limitada, pois consideram que só tem espaço para participação quem pertencer a movimentos sociais de grande projeção:

No Conselho só participam movimentos, digamos legítimos, grandes, que já são reconhecidos pela trajetória de anos de caminhada. E às vezes um movimento ali nascente, embrionário, da ponta da base, não está presente nos Conselhos. Isso eu falo até dos próprios municípios também, então é uma grande brecha que há. (Grupo Focal, Gestores Municipais).

Segundo alguns Gestores Municipais, jovens do PSDB, da ONG Viração, da Força Sindical e da CONTAG, os Conselhos de jovens, como o CONJUVE e em alguns estados, embora podendo ser considerados espaços de diálogo entre representantes de diferentes movimentos sociais, estariam muito atrelados aos partidos políticos e ao Governo:

O Conselho é uma forma democrática de o jovem discutir políticas públicas voltadas para o jovem, agora, será que é mesmo? que o jovem que está fazendo isso? Uma coisa é o jovem que está lá e levanta a mão, a outra é quando ele está influenciado. O Conselho Estadual que teve em São Paulo eu me surpreendi, 50% dos jovens eram de um partido político, os outros eram de outros partidos também. Eles têm a mesma idéia, eu não critico a idéia deles não, mas será que essa idéia é deles mesmo ou será que eles foram influenciados para ter essa idéia? (Grupo Focal, Força Sindical).

Eu acho que tinha que se informar melhor como são feitas as eleições [no CONJUVE].

A nossa instituição tentou. O nosso diretor foi convidado a participar das eleições. Só que a verdade é que as pessoas por terem ligações partidárias e por terem ligação com as Redes, sabe? Eu te indico, você me indica, a gente vota..... (Grupo Focal, Viração).

Mas em relação ao CONJUVE vários jovens elogiaram o fato de ele ser formado por um processo eletivo e não indicativo. Para jovens da CUFA, o processo de eleição no CONJUVE permite que diferentes segmentos sejam representados, além de afirmar que se consegue facilmente informações sobre o CONJUVE na internet:

A gente vem acompanhando aí a nomeação dos membros do CONJUVE, a forma é democrática “pra caramba”, as principais organizações dos jovens têm representatividade lá, a CUFA já participou desde o seu início até pouco tempo (...) e vejo ele também democrático quanto às informações, vejo bastante coisa sobre o CONJUVE na internet. (Grupo Focal, CUFA).

Já jovens do PSDB, da ONG Viração, do grupo LGBT e da CUFA relatam que para ampliação da participação da juventude quer no CONJUVE, quer nos Conselhos e Secretarias no nível estadual e municipal seria necessário uma melhor divulgação da existência dessas Secretarias e Conselhos, inclusive dos seus processos eleitorais:

(...) mas a maioria dos jovens no país não sabe que existe um Conselho Nacional, que pode existir um Conselho Municipal e uma Secretaria Nacional, então tem que se trabalhar a questão da informação. Informar os jovens que existem esses mecanismos. (Grupo Focal, PSDB).

Para integrantes do PMDB, Evangélicos e da Força Sindical, a participação do jovem nos Conselhos e Secretarias é algo ainda vazio e sem um poder concreto, além de haver muitas *peessoas antigas nas direções desses Conselhos e Secretarias*:

Esses jovens que estão dentro da Secretaria Estadual de Juventude e das Coordenadorias Estaduais e Municipais não exercem papéis concretos de poder, é só um papel meramente para compor. Oh! Tem uma Secretaria de Juventude! Mas não tem nada, é uma coisa vazia. Então é uma utopia. A gente vive em função de um sonho e não acorda. (Grupo Focal, PMDB).

(...) então você tem um Conselho aqui, um Conselho acolá, uma participação aqui, uma participação acolá, e novamente a gente não tem uma participação efetiva da juventude nas definições, nas decisões de nosso país. (Grupo Focal, Evangélicos).

A falta de verba do CONJUVE e dos Conselhos Municipais de Juventude são pontos enfatizados por jovens dos grupos LGBT, Força Sindical, com Deficiência, PMDB, Gestores Municipais II, Gestores Estaduais, CONTAG e PSDB. Para um filiado à CONTAG, *o ideal seria que fosse uma secretaria que tivesse aporte financeiro para poder desenvolver de fato vários programas*. Já um membro do PSDB considera *que além da falta de estrutura, conseqüentemente verba a gente esbarra na falta de apoio*.

Em linhas gerais, os jovens entrevistados apresentam uma perspectiva positiva sobre a criação dos Conselhos e Secretarias de Juventude, em especial do CONJUVE e da Secretaria Nacional, considerando que vêm contribuindo para um avanço político das temáticas de juventude e para as políticas públicas para essa população.

Contudo, também se faz críticas em particular a tipos de representação de juventudes, por exemplo, os ciganos que consideram estarem sem representação no CONJUVE. Fala-se da necessidade da ampliação de vagas dentro no CONJUVE e em conselhos em outros níveis político-administrativos, da inclusão de novos temas, da maior acessibilidade de alguns segmentos juvenis e da necessidade de maior poder, o que se mensura inclusive por dispor de maior dotação orçamentária, para os organismos que no nível do Estado lidam com o tema de políticas de juventudes.

10.

Recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas de Juventude segundo temas

Foi perguntado aos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas de Juventude, no questionário, *qual o recado que eles gostariam de registrar para contribuir para uma Política Nacional de Juventude*. Os temas apresentados abaixo resumem as diversas opiniões. Em geral as recomendações mais recorrentes estavam relacionadas com os seguintes tópicos: a educação; a participação política dos jovens e suas necessidades; ter o jovem como futuro do Brasil e também como presente; valorização e mais espaço para a juventude; uma forma mais ética de fazer política; a necessidade de uma maior institucionalização das PPJs; olhar com mais atenção a juventude no campo; o papel do CONJUVE; democratização da mídia; segurança; diversidade; a questão dos jovens com deficiência; cultura e esporte. Já em anexo apresentam-se as Resoluções aprovadas em Assembleia no final da Conferência. Portanto, o que segue são posições individualizadas, enquanto o que se apresenta em anexo é produto de discussões em Grupos de Trabalho e resultado de uma eleição, tendo o caráter coletivo.

Considerada a quantidade de respostas – pergunta aberta – procedeu-se à uma classificação de alguns depoimentos emblemáticos de muitos outros mostrados a seguir:

Conferência

- Promoção de outros eventos como este para se discutir a melhor forma de incluir todos os jovens brasileiros na agenda social.
- *Que as sugestões levantadas durante as Conferências Municipais e Estaduais se tornem de fato leis e/ou programas que atendam a juventude brasileira.*
- Na próxima conferência não ter bandeira partidária.
- *Que as propostas discutidas e aprovadas sejam realmente colocadas em prática.*

Participação

- *Construir a sociedade junto com a juventude, pois se o presente é de luta o futuro nos pertence.*
- *Ver que o jovem é o presente e deixar de pensar nele como futuro.*
- *Inclusão de jovens à candidatura municipal através de leis partidárias e movimentos informativos: não adianta só gritar contra, temos que ter o poder para tentar mudar; investir no jovem é acreditar no futuro.*
- *Política de incentivo à participação em movimentos estudantis.*
- *Abrir as portas para os jovens sem vinculação partidária, de ONGs ou entidades de classe, que a participação também tenha como critério a curiosidade voluntária.*
- *Fazer uma política de base participativa, não só de fachada.*
- *O meu recado é de que as autoridades maiores dêem mais espaços para os nossos jovens.*
- *Que os jovens sejam valorizados e suas idéias sejam implementadas.*
- *Que os jovens se interessem em políticas, pois elas podem garantir o nosso futuro.*
- *Sociabilizar e incentivar os jovens a participarem ativamente na sociedade. Ensinar a cuidar do que é de todos nós.*

Políticas de Juventude

- *Que o governo federal insista um pouco mais com os governos municipais e estaduais quanto à criação da Secretaria Municipal e Estadual de Juventude*
- *Podemos construir Políticas Públicas viáveis para Juventude e que os governos coloquem realmente em prática, não fique só no papel, e que o poder vá para as mãos de todos, não só para minoria já que a maioria está cada vez mais sendo massacrada.*
- *Preocupar-se com a Juventude do Campo.*
- *Que todas as energias para consolidar as PPJ's [políticas públicas de juventude], tenham a capacidade de reverter os péssimos indicadores juvenis e em elevação da qualidade de vida da juventude do país.*
- *Que as PPJ's devem ser transversais a todos os ministérios, mas também ter estruturas e programas especiais.*
- *É imprescindível oferecer PPJ's de acordo com as necessidades e especificidades de cada região brasileira para construir a equidade das Juventudes.*
- *Vontade política e investimento público (pela consolidação do sistema nacional de juventude-PEC/ Estatuto/ Planos. Fundo de Juventude./ Órgãos das Juventudes) e privado (pela lei de isenção fiscal para responsabilidade social e ambiental empresarial) para a capacitação de jovens protagonistas, bem como em estrutura física e equipamentos para implantação de agendas 21 locais em todo o país.*
- *Os membros do CONJUVE devem ser eleitos em Conferência.*
- *Criação do Plano Nacional.*
- *Os espaços como o CONJUVE e as conferências precisam ganhar elegibilidade como deliberar e não apenas ser espaço para a consulta.*
- *Que consigamos criar um Conselho Nacional de Comunidades e Povos tradicionais, nos moldes do CONJUVE, para que todas as ações do governo que tangem essas comunidades possam ser aprovados, elaborados e acompanhados por eles.*
- *Que os programas de juventude sejam discutidos com o CONJUVE e não só apresentado, pois se o CONJUVE não puder dar sua opinião e não fizer alterações se necessário, para que debatê-los no Conselho.*
- *Reconhecimento real do CONJUVE da secretária de Juventude, dando status de ministério e orçamento.*
- *Que se criem políticas públicas de Juventude mais eficazes para qualificar o jovem para o mercado de trabalho lembrando as diferenças étnicas e culturais.*
- *Disponibilizar mais recursos para instituições civis, que já têm iniciativas no auxílio à formação de jovens e adolescentes.*
- *É extremamente necessário, para nós jovens, que se derrube o projeto de redução da maioridade penal.*
- *Maior participação de lugares isolados dos estados, onde articulações políticas do interior fecham as portas para jovens .*
- *Para sempre consultarem as ONGs e as organizações, antes de tomar as decisões em relação aos jovens.*
- *Desenvolver realmente as PPJ, não ficar apenas no papel e desburocratizar algumas a exemplo do PRONAF – Jovem.*
- *Definir uma matriz de desenvolvimento focada na agricultura familiar. Mais políticas para o meio rural para manter o jovem de família agricultora no campo com trabalho digno e qualidade de vida.*
- *Fazer política para/ com/ de juventude é importante.*
- *Que essa política leve em conta a diversidade da juventude como um todo, principalmente dos (as) jovens negros (as) e as jovens mães.*
- *Criação de Conselhos Municipais, regionais que funcionem para juventude.*
- *Criar a Ouvidoria da juventude municipal, regional e nacional.*
- *Ampliação dos programas de esporte e lazer, principalmente o Segundo Tempo.*
- *Procurar dar mais apoio aos órgãos que exercitam políticas públicas para juventudes, ou seja, descentralizar mais as ações do governo federal.*

- *Que dentre as políticas públicas para a juventude, em especial ao combate às drogas, a prevenção tenha um papel fundamental sem deixar a abordagem em resgatar o jovem em conflito com a lei.*
- *Que o governo ouça o jovem que não participa de nenhum movimento social. Este é um desafio.*
- *Ampliar o orçamento e a execução dos programas que atendam à juventude.*
- *Democratizar a participação da juventude nesta Conferência Nacional da Juventude. Luta nacional pelo passe livre nos transportes.*
- *Obrigar todos os municípios a elaborarem políticas de juventude (ações+programas+projetos).*
- *A priorização e a desburocratização das políticas voltadas para juventude rural e negra.*
- *Salientar o papel do jovem, depois da conferência: criar fórum de acompanhamento e exigência dessas políticas públicas.*
- *Que se crie um ministério só para juventude e que todos os governos estaduais criem sua secretaria de juventude e os governos municipais também.*
- *Ampliar os orçamentos, democratizar e massificar o Projovem e os demais programas de juventude.*
- *Que se olhe para os estados do Nordeste.*
- *Liberar as drogas, pois assim cai o preço e fica igual à cerveja.*
- *Acho o Projovem um bom começo como ação emergencial em relação aos jovens, porém outros segmentos juvenis também reivindicam políticas de juventude e poucas oportunidades são garantidas.*
- *Fazer valer o estatuto da criança e adolescente e as políticas que realmente funcionem e que cumpram os direitos dos jovens e crianças.*

Ética na Política

- *Que se possa trabalhar em prol do movimento estudantil, dando apoio à formação das Umes, e, por favor, parem com a corrupção; "Pois acredito nas políticas e quero ensinar isso aos meus filhos"*
- *Para alcançarmos o bem/melhora do coletivo, devemos reestruturar os sistemas educacionais e culturais, resgatando a ética e a moral e os governantes devem abrir esse espaço para construirmos um Brasil melhor (em médio e longo prazo).*
- *Mais recursos e vergonha na cara.*
- *Fazer dos jovens, seres politizados e não políticos. É preciso, antes de tudo, dar exemplos de ética, honestidade e respeito pelas pessoas.*

Família

- *Criação de projetos onde a família esteja caminhando juntamente com o jovem.*
- *Maiores investimentos na família*

Educação

- *Melhoria na situação das escolas com investimentos nos professores.*
- *Que se amplie e melhore a qualidade do ensino em nosso país.*
- *Segurança nas escolas da periferia do país.*
- *Maior facilidade no ingresso dos jovens nas universidades.*
- *O ensino superior deve ser gratuito ou mais barato e com mais qualidade.*
- *Mais escolas técnicas no Brasil.*
- *Maior incentivo e qualidade para a educação e trabalho para os jovens brasileiros principalmente para os indígenas e negros que são os excluídos.*
- *Educação de verdade e não remendo. Fiscalizar o dinheiro que vai para educação nos estados, pois os recursos só servem.*
- *Eu sou do tamanho do meu sonho. O jovem que sonha quer alcançar esse sonho e quais são eles? O direito a uma boa educação, pois a educação é o caminho para todos os outros segmentos. Sem investimento na educação, o resultado é a criminalidade, para os gestores públicos se beneficiarem e reconhecer a educação.*

- *Temos que transformar a universidade pública em escola para os pobres, quem tem condições de cursinhos preparatórios de vestibular, pode pagar uma universidade particular.*
- *Aumentar o PIB para educação.*

Comunicação e Mídia

- *Que a comunicação seja uma ferramenta mais utilizada no processo de articulação e mobilização dos jovens.*
- *Fim da ditadura da mídia.*
- *Acesso à internet.*

Diversidade

- *Que os governos passem a enxergar a juventude como um segmento da sociedade, sujeita de direitos e passe a ser entendida e valorizada em sua diversidade*
- *Política para a juventude deve ser feita junto com a Juventude e garantindo o fim da homofobia, do racismo e do sexismo.*
- *Efetivação de PPJ's para LGBT.*
- *Queremos políticas públicas voltadas para jovens que não têm perspectiva de vida. Melhoria para os gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transsexuais na segurança, educação e direitos humanos.*
- *Não quero mais, nem menos direitos que um heterossexual, quero o mesmo e leis que garantam isso.*
- *Quese incluam os indígenas nas políticas para jovens.*
- *Dê mais atenção às comunidades indígenas.*
- *Luta pelas cotas para negros e indígenas.*
- *Políticas específicas, com ações para a população negra.*
- *Reparações já!*
- *A juventude negra luta por direito à vida devido ao processo de genocídio sistemático da população negra brasileira. Logo, são prioritárias suas reivindicações e único caminho para conseguirmos mudar radicalmente as estruturas sociais do Brasil. Nós lutamos pela vida!*
- *Apoderar as mulheres para avançar no crescimento do Brasil.*
- *Mais discussão sobre gênero e PPJs.*

Trabalho

- *Gerar emprego e renda.*
- *Emprego decente.*
- *O governo deve investir mais nos cursos de profissionalização.*
- *É fundamental que o governo invista em qualificação profissional aos jovens e crie condições para que o mercado absorva o sempre crescente exército de reserva.*
- *Políticas para juventude brasileira devem combinar geração de renda e educação.*

Meio Ambiente

- *Atenção para os problemas ambientais e às pessoas mais carentes.*
- *Que se considere a temática ambiental de forma mais incisiva e transversal perante as outras temáticas.*
- *Nenhuma bandeira social será levantada se o planeta terra for destruído.*

Segurança

- *Que se possam ampliar oportunidades para os jovens ex-infratores.*
- *Acabar com a polícia militar, que está matando (dizimando) os jovens afrodescendentes das periferias do país.*

- *Menos abuso dos policiais.*
- *Criação de critérios de fiscalização para o trabalho da polícia nos estados, de forma a inibir as ações abusivas e racistas contra a juventude.*
- *Que acabe essa monopolização da mídia e esse extermínio da juventude negra.*
- *Criar política de segurança para a juventude negra.*
- *Combater ativamente a homofobia institucional.*

Saúde

- *Campanhas contra drogas, AIDS e afins.*
- *A cura da AIDS, pois a cada minuto morre um jovem doente de AIDS.*
- *A necessidade de ampliar e fortalecer as ações voltadas para a promoção, proteção, atenção e recuperação da saúde dos jovens.*
- *Discriminização do aborto e descriminalização da maconha.*
- *Liberdade de direitos sexuais e reprodutivos, ter direito sobre o próprio corpo e a legalização do aborto.*

Deficiência

- *Fazer algum evento que divulgue os direitos, esporte e lazer das pessoas com deficiência.*
- *Mais atenção aos portadores de necessidades especiais, ouvindo-os e atendendo às suas exigências.*

Cultura

- *A cultura não é só arte, e sim uma manifestação intelectual. Criar mecanismos para esta pois, assim o resto vem com efeito dominó.*
- *Que se preocupassem mais com a cultura nas comunidades carentes.*
- *Investir na cultura é uma das poucas saídas para o resgate da juventude humanizada.*

Esporte

- *Criação de centros esportivos para jovens.*

Recomendações Gerais

- *Que a Conferência tenha raça e classe como eixos.*
- *Se o governo se preocupasse em primeiro lugar com o bem-estar do povo, haveria, conseqüentemente maior número de trabalhadores, que teriam sua função valorizada, e com isso, melhores condições de vida.*
- *A juventude e o país precisam de transformações estruturais. Combater o desemprego estrutural, o latifúndio, a mercantilização da educação e o monopólio das comunicações.*

Alguns grupos focais discutiram também recomendações e reforçaram as mensagens expressas nos questionários, qualificando e aprofundando as questões como se ilustra a seguir:

A FETRAF se refere à necessidade de obter-se mais investimentos a fim de que surgissem *novas oportunidades para a juventude*. Outro entrevistado da FETRAF afirma que é necessário políticas continuadas e permanentes e que: *PRONAF jovem só, 'primeira terra' do jeito que está não está funcionando, não tem jeito, é um programinha de capacitação aqui e outro ali, também não resolve.*

Os entrevistados do ProJovem analisam a necessidade do poder público: *ver o jovem como um instrumento e fazer com que esse país cresça mesmo; afirmam, também, que o futuro está na juventude.* Pedem um retorno concreto das várias demandas que apareceram durante a Conferência.

Os jovens da Pastoral reforçam a idéia do cumprimento daquilo que foi decidido na Conferência, pedem devolução do trabalho de pesquisa e enviam um recado para todos os jovens da Conferência: *(...) que os jovens nunca desistam de seus sonhos porque nós somos do tamanho dos nossos sonhos.*

A Conferência, para os entrevistados da UNE, já é vitoriosa, (...) são 400 mil participantes e todo esse esforço, toda essa mobilização que aconteceu aqui (...) deverá ser concretizada. O maior anseio mesmo é que isso se torne realidade e não fique só na discussão e no debate.

A UBES tem como objetivo lutar pelos jovens por um Brasil melhor: *O recado que eu quero dar para o Governo Federal é que a juventude hoje é uma juventude consciente do seu papel. A juventude quer participar, quer dar a sua contribuição e é isso que estamos fazendo nesta Conferência.* As PPJ's deveriam ser em todas as áreas para que se tenha um projeto de país: *trabalho, esporte, educação ou lazer, cultura, políticas de transporte, política de primeiro emprego e, principalmente, em educação básica, porque primeiramente, a gente tem que pensar em colocar todo mundo na escola. (...)*

A reivindicação de que as propostas se tornem realidade é repetida em todos os discursos, é uma demanda da maioria dos que participam na Conferência, explicitada em cada uma das falas. Os Jovens de Povos de Terreiro pedem que se *transformem em regulamentação, em lei* [as propostas] e que os políticos colaborem: *que eles possam fazer força para que aconteça para dar um ponto para nós jovens.* Ponderam sobre as suas especificidades e pedem que os jovens, em geral, obtenham mais informações sobre o candomblé: *No candomblé nós não cultuamos o diabo, nós cultuamos Exu e o que significa o Exu: é o mensageiro entre o céu e a terra. Nos não cultuamos a peste lá, nós cultuamos Oxum. Oxum é o que? É a natureza, a Densa das Águas, é doçura, amor.*

Os LGBT referem-se às várias discriminações e terminam a entrevista com a seguinte frase: Todos conclamam: *Não, não, não à discriminação! Abaixo do silicone também tem um coração!*

A ONG Viração pede iniciativas como a Conferência continuada e que: *as propostas que foram levantadas aqui, realmente sejam avaliadas no sentido de quais vão favorecer a sociedade e não de quais são politicamente corretas por serem aceitáveis.*

Os entrevistados do grupo Hip-Hop valorizam a sua cultura e recomendam que as escolas poderiam incluir a música e a dança no seu currículo a fim de: (...) *dar oportunidade por menor que seja, por menos idade que tenham, ele tem criticidade e é isso que a gente precisa fomentar entre nossas crianças e o nosso público alvo. Citam a importância da política de cotas e da necessidade de: transformar as universidades privadas em universidades públicas.*

O grupo de ciganos quer mudar a imagem que existe sobre eles: (...) *Queremos uma ajuda do governo, pra acabar com essa imagem feia sobre cigano (...).*

A JSB pretende *levar as discussões para o país inteiro, e que se comece a olhar de modo especial para as políticas públicas de juventude.*

A seguir as propostas aprovadas como prioritárias na Assembléia Geral ao final da Conferência:

Anexo

Resoluções da Conferência Nacional de Juventude

Relação dos Temas	propostas com maior pontuação do tema
Ensino Superior	1. Defendemos que a ampliação do investimento em educação seja fator imprescindível para construirmos uma educação de qualidade para todos e todas e que consiga contribuir para o desenvolvimento do país. Para tanto, defendemos o investimento de 10% do PIB em educação para atingir esse percentual. Reivindicamos o fim da desvinculação das receitas da união (DRU) e a derrubada dos vetos ao PNE (plano nacional de educação). Reivindicamos que 14% dos recursos destinados às universidades federais sejam destinados exclusivamente à assistência estudantil por meio da criação de uma rubrica específica. Defendemos também a ampliação dos recursos em assistência estudantil para estudantes do PROUNI e para estudantes de baixa renda de universidades privadas. Garantir a transparência e a democracia na aplicação dos recursos.
	2. Garantir acesso e permanência dos estudantes excluídos priorizando as cotas, os programas que garantem a inclusão dos jovens ao ensino superior, o aperfeiçoamento do PROUNI, a expansão e a interiorização das universidades públicas (municipais, estaduais e federais), considerando a realidade regional, visando às demandas das comunidades do campo e tradicionais, com ampliação e oferta de cursos noturnos diversificados, bem como a implementação de política de assistência estudantil (bolsa permanência, transporte e moradia estudantil) e a valorização dos profissionais de educação.
	3. Democracia nas universidades: com eleições paritárias para reitoria, com o fim da lista triplíce, eleições universais para demais unidades acadêmicas e cargos eletivos, composição paritária dos conselhos e espaços decisórios das instituições, e garantia de organização do movimento estudantil com livre trânsito dos diretores das entidades no âmbito público e privado.
Educação Profissional e Tecnológica	1. Garantir a ampliação dos investimentos, fortalecimento e acesso ao ensino profissional e tecnológico, priorizando a descentralização (interiorização), atendendo às demandas regionais socioeconômicas e culturais com parceiras entre os entes da federação e a sociedade civil.
	2. Inserir a educação profissional no currículo da educação básica, preparando o jovem aos desafios do mundo do trabalho, atendendo às potencialidades regionais e às realidades econômicas e sociais.
	3. Garantir a integração do ensino profissional ao ensino regular e incentivar entre outros, o cumprimento da lei do aprendiz e do estágio para capacitar o aluno para o mundo do trabalho, baseado nos conceitos da politecnicia.

Relação dos Temas	propostas com maior pontuação do tema
Educação Básica - Ensino Médio	<p>1. Ampliar os recursos destinados a educação pública para no mínimo de 10% do pib, incluindo a não retirada do imposto sobre o salário educação na reforma tributária, fazendo a aplicação direta na formação continuada e infra-estrutura das instituições escolares, assistência estudantil e valorização dos profissionais da educação, incluindo a obrigatoriedade da equipe multidisciplinar (psicólogo, assistente social, psicopedagogo) tendo um piso salarial que atenda às necessidades dos professores, dando aos mesmos condições de priorizar a qualidade de ensino, tendo como prioridade impedir o surgimento de novos estabelecimentos de ensino privado e eliminar progressivamente o ensino privado no país.</p> <p>2. garantir a reserva de vagas, por curso e turno, de 50% nas universidades públicas e escolas técnicas para os/as alunos/as oriundos de escola pública com garantia de uma política de passe estudantil com o objetivo de chegar ao passe livre para todos os estudantes.</p> <p>3. Implantar a rede nacional(nas três esferas da federação) do ensino médio, que garanta o acesso à população do campo, ribeirinhos e comunidades tradicionais. incluindo as disciplinas de filosofia e ciências sociais (antropologia, sociologia e ciências políticas), como disciplinas obrigatórias em toda a duração do ensino médio. construindo materiais didáticos levando em consideração os aspectos regionais e diversidades culturais(indígenas, negros(as), quilombolas, comunidades tradicionais, livre orientação sexual, igualdade de gênero e necessidades especiais).</p>
Educação Básica - Elevação da Escolaridade	<p>1. Destinar parte da verba da educação no ensino básico para o modelo integral e pedagógico do cieps (centros integrados de educação pública).</p> <p>2. Que se garanta para todos os níveis e modalidades de ensino a merenda escolar, transporte escolar e o passe livre para a juventude e estudantes.</p> <p>3. Ampliar os recursos vinculados ao pib para a educação pública, gratuita e de qualidade (10% do pib), acabando com a dru</p>
Trabalho	<p>1. Reduzir a jornada de trabalho de 44 para 40 horas semanais sem redução de salários, conforme campanha nacional unificada promovida pelaas centrais sindicais.</p> <p>2. Crédito para a juventude e construção de um marco legal que viabilize o cooperativismo, a economia solidária e o empreendedorismo da juventude do campo e da cidade, desburocratizando o acesso ao crédito, formação e ao mercado consumidor.</p> <p>3. Ampliar os programas governamentais, voltados ao primeiro emprego, garantindo a co-gestão da sociedade civil e reformular as leis do estágio e do aprendiz, visando garantir os direitos trabalhistas e convenções coletivas, para os jovens da cidade e do campo, respeitando as realidades regionais.</p>

Relação dos Temas	propostas com maior pontuação do tema
Cultura	<p>1. Criação, em todos os municípios, de espaços culturais públicos, descentralizados, com gestão compartilhada e financiamento direto do estado, que atendam às especificidades dos jovens e que tenham programação permanente e de qualidade. os espaços, sejam eles construções novas, desapropriações de imóveis desocupados ou organizações da sociedade civil já estabelecidas, devem ter condições de abrigar as mais diversas manifestações artísticas e culturais, possibilitando o aprendizado, a fruição e a apresentação da produção cultural da juventude. reconhecer e incentivar o hip hop como manifestação cultural e artística.</p>
	<p>2. Estabelecimento de políticas públicas culturais permanentes direcionadas à juventude, tendo ética, estética e economia como pilares, em gestão compartilhada com a sociedade civil, a exemplo dos pontos de cultura, que possibilitem o acesso a recursos de maneira desburocratizada, levando em consideração a diversidade cultural de cada região e o diálogo intergeracional. criação de um mecanismo específico de apoio e incentivo financeiro aos jovens (bolsas) para formação e capacitação como artistas, animadores e agentes culturais multiplicadores.</p>
	<p>3. Estabelecimento de cotas de exibição e programação de 50% para a produção cultural brasileira, sendo 15% produção independente e 20% produção regional em todos os meios de comunicação (tv aberta e paga, rádios e cinemas). valorização dos artistas locais garantindo a preferência nas apresentações e prioridade no pagamento. entender os cineclubes como espaços privilegiados de democratização do áudio visual.</p>
Sexualidade e Saúde	<p>1. Garantir a efetivação dos direitos a saúde integral da população jovem, que contemple as suas necessidades e suas diversidades de etnia, de orientação sexual, de gênero e dos diversos modelos de família, atendendo as populações vulneráveis, promovendo a educação em saúde, com destaque nas mulheres, juventude negra, glbt, jovens com deficiência, moradores de comunidades populares, jovens em situação de rua, jovens cumprindo medidas sócio educativas e jovens que vivem com hiv/aids; garantir e ampliar a participação da juventude e a sua diversidade nos processos de gestão participativa e nos espaços de formulação e controle social (conselhos e conferências), incluindo os específicos de saúde indígena nas políticas públicas de saúde; garantir mais investimento na saúde pública (regulamentação da emenda constitucional nº29), tendo em vista o fortalecimento do sus e a ampliação do acesso dos jovens nas temáticas prioritárias para a implementação de políticas públicas da saúde para a juventude destacando-se: a) drogas lícitas e ilícitas; b) sexualidade e direitos sexuais e direitos reprodutivos (gravidez na adolescência, planejamento familiar e reprodutivo, descriminalização do aborto, segurança alimentar, violência doméstica, abuso e exploração sexual). c) a inclusão da população jovem como prioridade no pacto pela vida.</p>
	<p>2. Ampliação e/ou implementação de projetos e programas a exemplo do projeto saúde e prevenção nas escolas - spe, que desenvolvam metodologias educativas e participativas sobre sexualidade, gênero, gravidez na adolescência, diversidade sexual, prevenção das dst/aids, promoção da saúde de jovens vivendo ou não com hiv/aids, direitos sexuais, direitos reprodutivos, vulnerabilidades e demais temas relativos a saúde e aos direitos humanos, garantindo a disponibilização gratuita de insumos de prevenção, bem como a efetiva formação e participação de profissionais de saúde, de educação e de jovens multiplicadores em zonas urbanas, rurais, indígenas, quilombolas e utilizando espaços como escolas, psf, ub, comunidades, unidades e projetos de medidas sócio-educativas, bem como de mais espaços e instituições que trabalham com adolescentes e jovens, respeitando às escolhas individuais e as especificidades locais.</p>
	<p>3. Instituir ações de planejamento familiar e reprodutivo que contemplem os diferentes modelos de família e garantam autonomia de jovens de ambos os sexos e diferentes orientações sexuais a preservação da vida das mulheres e de seus filhos e suas filhas, intensificando as ações preventivas, realizando disponibilização de preservativos e garantindo o acesso facilitado, sem burocracia, aos métodos contraceptivos, incluindo a anticoncepção de emergência, e acesso a materiais educativos, incluindo a criação e circulação de programas televisivos e campanhas direcionadas aos jovens atendendo a todas as suas especificidades, para orientação e acesso à informação sobre dst's, hiv/aids de forma continuada e não pontual, construídas com e para jovens.</p>

Relação dos Temas	propostas com maior pontuação do tema
Meio Ambiente	<p>1. Criar uma política nacional de juventude e meio ambiente que inclua o “programa nacional de juventude e meio ambiente”, institucionalizado em ppa (plano plurianual), com a participação dos jovens nos processos de construção, execução, avaliação e decisão, bem como da agenda 21 da juventude que fortaleça os movimentos juvenis no enfrentamento da grave crise ambiental global e planetária, com a construção de sociedades sustentáveis.</p> <p>2. Qualificar a juventude nas áreas ambientais, utilizando recursos como do fat (fundo de amparo ao trabalhador), entre outros, para atuarem em projetos de educação ambiental, unidades de conservação, ecoturismo, recuperação das áreas degradadas dentre outras.</p> <p>3. Criação e ampliação de assentos para juventude assegurados com direito a voto em todos os conselhos, comitês e órgãos de fiscalização, deliberação e gestão nas áreas socioambiental e de desenvolvimento, nas esferas municipais, estaduais e federal.</p>
Política e Participação	<p>1. Criar o sistema nacional de juventude, composto por órgãos de juventude (secretarias/coordenadorias e outros) nas três esferas do governo, com dotação orçamentária específica; conselhos de juventude eleitos democraticamente, com caráter deliberativo, com a garantia de recursos financeiros, físicos e humanos; fundos nacional, estaduais e municipais de juventude, com acompanhamento e controle social, ficando condicionado o repasse de verbas federais de programas de projetos de juventude à adesão dos estados e municípios a esse sistema.</p> <p>2. Garantir uma ampla reforma política que, além do financiamento público de campanha, assegure a participação massiva da juventude nos partidos políticos, com garantia de cota mínima de 15% para jovens de 18 a 29 anos nas coligações, com respeito ao recorte étnico-racial e garantindo a paridade de gênero; mudança na faixa-etária da elegibilidade garantindo como idade mínima de 18 anos para vereador, prefeito, deputados estaduais, distritais e federais e 27 anos para senador, governador e presidente da república.</p> <p>3. Incentivar e implementar nas escolas e universidades mecanismos e disciplinas (discutidas com o conjuve e o mec) relacionadas à participação política, que estimulem o debate e a troca de informações sobre temas referentes ao governo, movimentos sociais, história, conjuntura política e econômica, cidadania e políticas públicas, exercitando e desenvolvendo assim o senso-crítico, sobretudo, sobre a realidade local.</p>
Tempo Livre e Lazer	<p>1. Criação de centros públicos e gratuitos de tempo livre e lazer, a partir da construção ou reutilização de espaços públicos, seguindo critérios de descentralização dos municípios polos, dotados de infra-estrutura de esporte, lazer, cultura e acesso aos meios tecnológicos de forma inclusiva, garantindo o desenvolvimento local tanto nos centros urbanos, rurais, como nas regiões de vulnerabilidade.</p> <p>2. Garantir 1% do orçamento nacional para o esporte e lazer</p> <p>3. Democratizar e ampliar a construção e organização do tempo livre da juventude e sua comunidade, como política de estado, fortalecendo: i) as políticas públicas para e pelo tempo livre em escolas públicas, universidades, centros públicos, espaços comunitários; ii) a gestão compartilhada entre poder público e sociedade civil organizada e iii) a rede de pesquisa diagnóstica e avaliativa de espaços públicos e acessibilidade, que seja capaz de gerar indicadores que orientem as ações dos gestores.</p>

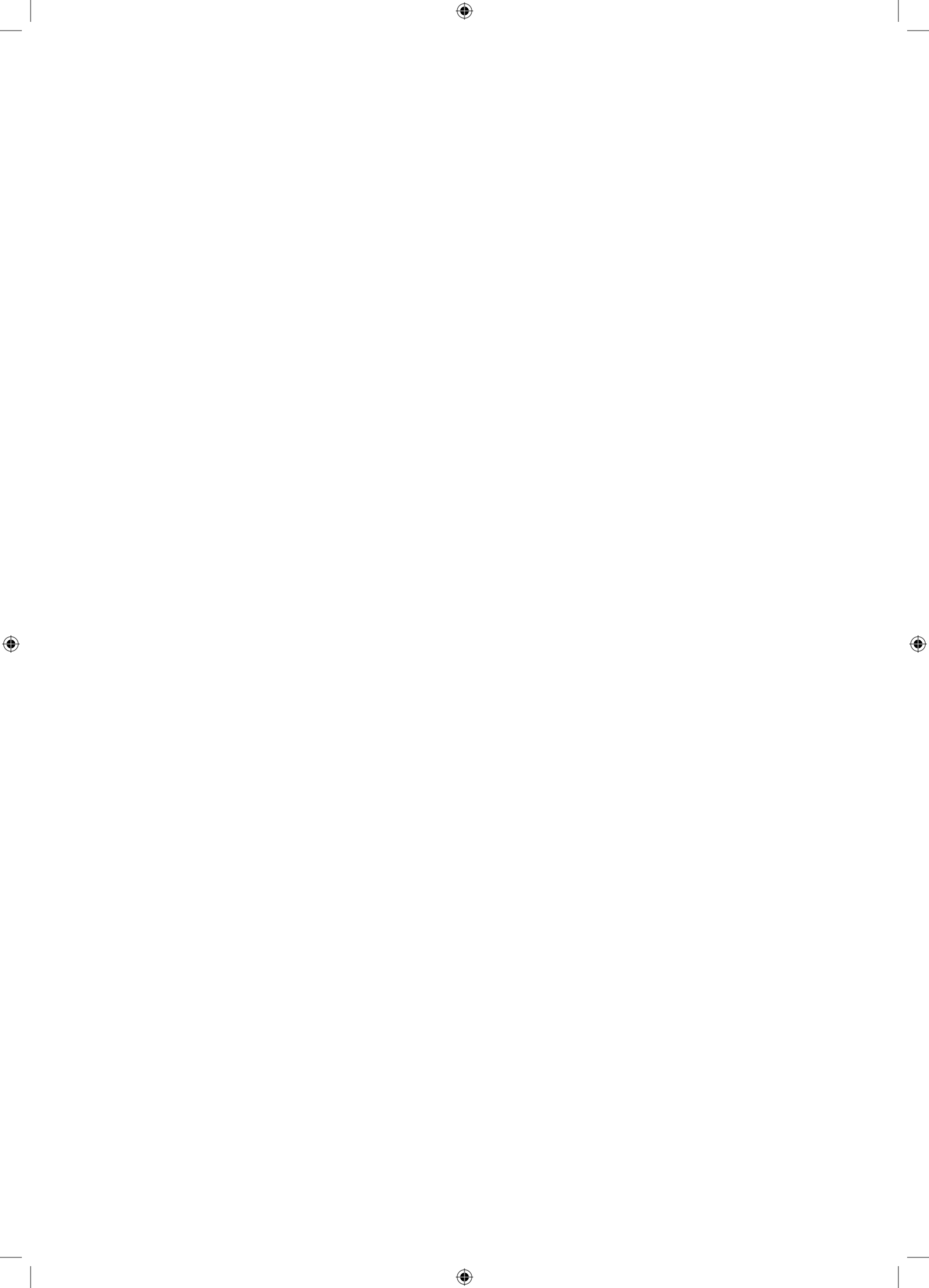
Relação dos Temas	propostas com maior pontuação do tema
Esporte	1. Ampliar e qualificar os programas e projetos de esporte, em todas as esferas públicas, enquanto políticas de estado, tais como os programas esporte e lazer da cidade, bolsa atleta e segundo tempo com núcleos nas escolas, universidades e comunidades, democratizando o acesso ao esporte e ao lazer a jovens, articulados com outros programas existentes.
	2. Criação de centros públicos e gratuitos de juventude, a partir da construção ou reutilização de espaços públicos, priorizando a descentralização dos municípios pólos, dotados de infra-estrutura de esporte (praças da juventude, quadras poli-esportivas, clubes aquáticos), lazer, cultura (locais para apresentação, sala de cinema e biblioteca) e acesso aos meios tecnológicos, respeitando a realidade local.
	3. Vinculação de, no mínimo, 1% do orçamento para o esporte, na união nos estados e municípios.
Segurança	1. Contra a redução da maioria penal, pela aplicação efetiva do estatuto da criança e do adolescente - eca.
	2. Assegurar, no âmbito das políticas públicas de segurança, prioridade às ações de prevenção, promoção da cidadania e controle social, reforçando a prática do policiamento comunitário, priorizando áreas com altas taxas de violência, promovendo a melhoria da infra-estrutura local, adequadas condições de trabalho policial, remuneração digna e a formação nas áreas de direitos humanos e mediação de conflitos, conforme as diretrizes apontadas pelo pronasci.
	3. Garantir a implementação do sinase na aplicação e execução das medidas sócioeducativas, priorizando a municipalização das medidas em meio aberto, enfatizando o caráter sócioeducativo das medidas de privação de liberdade, assegurando acesso a educação, lazer, formação profissional, do lazer, formação profissional, mercado de trabalho e ao acompanhamento por profissionais qualificados, reafirmando a posição contrária ao rebaixamento da idade penal.
Drogas	1. Garantir a criação, expansão e fortalecimento de centros permanentes especializados em tratamento para dependentes químicos e pessoas vivendo com hiv/aids, voltados ao atendimento de crianças, adolescentes e jovens de forma gratuita com qualidade, incluindo atividades lúdicas sendo essas atividades orientadas por jovens qualificados e capacitados.
	2. Reconhecer a extensão fronteiriça do brasil, propondo maior controle no que se refere à entrada de drogas, armas e outros produtos ilegais garantindo aos profissionais de segurança, capacitação e equipamentos adequados para controle das fronteiras.
	3. Garantir acolhimento, assistência e acompanhamento psicológico, familiar e social do jovem em conflito com a lei, usuário de substâncias psicoativas, incentivando a reinserção social e orientação vocacional, visando o desenvolvimento da auto estima e da reintegração do jovem de forma digna.
Comunicação e Inclusão Digital	1. Ampliar as concessões para rádios comunitárias garantindo a democratização e a desburocratização da comunicação, com prazo máximo de 02 (dois) anos para legalização e criar de um órgão próprio de fiscalização.
	2. Ampliar oportunidades de capacitação e qualificação de professores e jovens para a produção de projetos de comunicação e de inclusão digital, com inclusão dos jovens da periferia e de suas respectivas comunidades escolares, visando a produção, exibição e distribuição por esses jovens. esses espaços serão administrados pelos jovens e os produtos audiovisuais e outros (jornal) deverão ser exibidos nos principais canais de tv e na comunidade onde foi produzido.
	3. Pela manutenção do primeiro substitutivo do dep. jorge bittar ao pl 29/2007, garantido no mínimo percentual de 10% para a produção independente em todos os canais.

Relação dos Temas	propostas com maior pontuação do tema
Cidades	<p>1. Transporte/ mobilidade. Garantir a acessibilidade e mobilidade às cidades das diferentes juventudes em todos os municípios brasileiros, por meio:</p> <ul style="list-style-type: none"> - da efetivação do passe livre para a juventude e estudantes, dando aos municípios a prerrogativa de definir qual o perfil, de acordo com as diferentes realidades, consultados os conselhos de juventude; - da garantia de recursos para essa finalidade no fundo nacional de juventude a ser criado; - de uma política de incentivo, de âmbito nacional, à criação e manutenção de empresas públicas de transporte coletivo; - da adaptação do espaço público das cidades às necessidades dos jovens portadores de deficiência física e do incentivo à utilização de meios de transporte alternativos e não poluentes (como bicicletas, através da implantação de ciclovias).
	<p>2. Reforma urbana. Garantir o direito do jovem à cidade, em conformidade com o estatuto da cidade, por meio:</p> <ul style="list-style-type: none"> - de uma política de habitação de interesse social que proporcione financiamento de moradias para famílias formadas por jovens; - do cumprimento da função social da propriedade, da reversão para moradia de interesse social dos imóveis utilizados para fins ilícitos e da simplificação dos processos de regularização fundiária nas terras públicas e privadas, com cotas para jovens; - da formulação dos planos municipais e estaduais de saneamento ambiental, de forma participativa que contemplem os anseios e necessidades da juventude e os processos de coleta seletiva por meio de cooperativas e associações de catadores de materiais recicláveis; - da garantia de espaços de interação social e equipamentos de esporte, lazer e cultura, aproveitando o espaço escolar nos fins de semana (institucionalização do programa escola aberta).
	<p>3. Regionalização das políticas públicas. Implementar as políticas públicas de juventude:</p> <ul style="list-style-type: none"> - de acordo com os dados do índice de desenvolvimento juvenil (idj) da unesco para cada região e/ou estado, para que as mesmas sejam aplicadas de acordo com as demandas, priorizando as carências e especificidades de cada localidade. - de forma a garantir políticas de educação e trabalho que possibilitem ao jovem a opção pela permanência nas cidades do interior.
Família	<p>1. Criar e implementar políticas públicas que atendam as necessidades da juventude, sejam elas: econômicas, sociais, psicológicas, esportivas, culturais, ambientais, com objetivo de aproximar o jovem da família por meio de um centro específico para a juventude. fomentar a existência destes espaços de referência da juventude e a capacitação de agentes que trabalhem neste local.</p>
	<p>2. Oferecer cursos de geração de renda para pais desempregados, proporcionando oportunidades e empregabilidade que garantam melhor qualidade de vida para a sua família eliminando a possibilidade do trabalho infantil.</p>
	<p>3. Garantir a efetivação do eca, sinase, plano nacional de convivência familiar e comunitária, através da articulação de ações entre o sistema de garantia de direitos. (poder público, conselho tutelar, cmdca, sociedade civil).</p>

Relação dos Temas	propostas com maior pontuação do tema
Povos e Comunidades Tradicionais	1. Assegurar os direitos dos povos e comunidades tradicionais (quilombolas, indígenas, ciganos, comunidades de terreiros, pescadores artesanais, caiçaras, faxinalenses, pomeranos, pantaneiros, quebradeiras de coco babaçu, caboclos, mestiços, agroextrativistas, seringueiros, fundos de pasto, dentre outros que buscam ser reconhecidos), em especial da juventude, preservando suas culturas, línguas e costumes, combatendo todas as práticas exploratórias e discriminatórias quanto a seus territórios, integrantes, saberes, práticas culturais e religiosas tradicionais.
	2. Pesquisar, reconhecer e inserir a história das comunidades e povos tradicionais (os reconhecidos e os que buscam reconhecimento) no sistema educacional oficial brasileiro, produzindo materiais didáticos, informativos e de audiovisual com fomento de recursos da capes, cnpq e secretaria nacional de juventude. através da participação de representações das comunidades tradicionais na construção da matriz curricular da educação que inclua todo material didático e formação dos professores.
	3. Garantir o acesso e permanência de povos e comunidades tradicionais, em especial da juventude, nas instituições de ensino superior, por meio de programas de financiamento que garantam residência, alimentação, material didático e bolsas de estudo.
Jovens Negros e Negras	1. Reconhecimento e aplicação, pelo poder público, transformando em políticas públicas de juventude as resoluções do 1º encontro nacional de juventude negra (enjun), priorizando as mesmas como diretrizes étnico/raciais de/para/com as juventudes.
	2. Responsabilizar o estado e implementar políticas específicas de extinção do genocídio cotidiano da juventude negra que se dá pelas políticas de segurança pública, ação das polícias (execução sumária dos jovens negros/as e tortura), do sistema prisional e a ineficácia das medidas sócio-educativas que violam os direitos humanos; e de saúde, que penaliza especialmente a jovem mulher negra.
	3. Aprovação <u>imediata</u> do estatuto da igualdade racial, com a criação de um fundo governamental para o financiamento de suas políticas.
Cidadania GLBT	1. Incentivar e garantir a senasp/mj a incluir em todas as esferas dos cursos de formação dos operadores/as de segurança pública e privada em nível nacional, estadual e municipal no atendimento e abordagem e no aprendizado ao respeito à livre orientação afetivo-sexual e de identidade de gênero com ampliação do decradi - delegacia de crimes raciais e intolerância.
	2. Criação e revisão curricular e institucional do espaço escolar para garantir o reconhecimento das especificidades das/dos jovens glbt, de forma permanente garantindo nas escolas e universidades o reconhecimento e a valorização da livre orientação afetivo-sexual e de identidade de gênero, tais como: formação de professores em direitos humanos e nos cursos de extensão e pesquisa.
	3. Campanhas e propagandas com personagens adolescentes e glbt sobre dst/aids, criação de material específico de sexo seguro para as lésbicas e capacitação contínua de profissionais de saúde para a humanização do atendimento e tratamento ao público glbt respeitando suas especificidades.

Relação dos Temas	propostas com maior pontuação do tema
<p align="center">Jovens Mulheres</p>	<p>1. Implementar políticas públicas de promoção dos direitos sexuais e direitos reprodutivos das jovens mulheres, garantindo mecanismos que evitem mortes maternas, aplicando a lei de planejamento familiar, garantindo o acesso a métodos contraceptivos e a legalização do aborto.</p>
	<p>2. Implementar políticas públicas que promovam a democratização do acesso a uma educação laica, não sexista, não racista, não lesbofóbica/homofóbica/transfóbica, não heteronormativa, democrática e anti-capitalista, fortalecendo o cumprimento dessas temáticas nas grades curriculares e a valorização das diversidades nos ensinamentos infantil, fundamental, médio e universitário. para tanto: formar/capacitar/sensibilizar professoras/professores, comunidade escolar e jovens multiplicadoras/multiplicadores, revisar os materiais didáticos e para-didáticos, expandir os cursos noturnos, garantir creches em todos os turnos, ampliar os programas de alfabetização para mulheres jovens e incluir sexualidades, como disciplina nas grades curriculares.</p>
	<p>3. Enfrentar todas as práticas de violência contra as jovens mulheres: violência de gênero, moral, sexual, física, racial, patrimonial, doméstica, de orientação sexual e psicológica, monitorando a implementação da lei maria da penha e da notificação compulsória, garantindo a destinação de verbas para seu funcionamento, com ênfase para criação dos juizados especializados, acionando e executando os mecanismos de coibição e penalização da exploração sexual, do tráfico para a mercantilização do corpo das mulheres, garantindo também direitos humanos às jovens em situação de prisão.</p>
<p align="center">Jovens Portadores de Deficiência</p>	<p>1. Ratificação imediata da convenção sobre os direitos da pessoa com deficiência da onu como emenda constitucional.</p>
	<p>2. Utilizar a comunicação para promover a inclusão, democratizar informações sobre os direitos e as especificidades de jovens com deficiência, desmistificando estigmas, garantindo o direito de expressão e maior participação de jovens com deficiência na mídia visando o combate à discriminação.</p>
	<p>3. Garantir a implementação e fiscalização de leis nacionais e decretos federais que tratam da inclusão e acessibilidade de jovens com deficiência, combatendo a segregação e a discriminação, buscando a equidade na diversidade, com direito à participação e formação de jovens com deficiência como líderes e agentes políticos.</p>
<p align="center">Fortalecimento Institucional da Política Nacional de Juventude</p>	<p>1. Aprovação pelo congresso nacional do marco legal da juventude: regime de urgência da pec n.º 138-b/2003, plano nacional de juventude e estatuto dos direitos da juventude pl 27/2007.</p>
	<p>2. Criar o sistema nacional de políticas públicas de juventude que confira status de ministério à secretaria nacional de juventude, exigindo que a adesão de estados e municípios seja condicionada à existência de órgão gestor específico e respectivo conselho de juventude. a partir de dezembro de 2009, os recursos do fundo nacional de juventude, do projovem e demais programas de juventude, apenas continuarão a ser repassados aos estados e municípios que aderirem ao sistema.</p>
	<p>3. Aprovar a pec da juventude, o plano nacional de juventude e o estatuto da juventude e criar o fundo nacional de juventude e órgãos da juventude, com orçamento próprio, em todos os municípios e estados.</p>

Relação dos Temas	propostas com maior pontuação do tema
Juventude do Campo	1. Garantir o acesso à terra ao jovem e à jovem rural, na faixa etária de 16 a 32 anos, independente do estado civil, por meio da reforma agrária, priorizando este segmento nas metas do programa de reforma agrária do governo federal, atendendo a sua diversidade de identidades sociais, e, em especial aos remanescentes de trabalho escravo. é fundamental a revisão dos índices de produtividade e o estabelecimento do limite da propriedade para 35 módulos fiscais.
	2. Garantia de políticas públicas integradas que promovam a geração de trabalho e renda para o jovem e a jovem do campo, com participação da juventude na sua elaboração e gestão. assegurando o acesso a terra, à capacitação e ao desenvolvimento de tecnologia sustentável apropriada à agricultura familiar e camponesa voltada para a mudança de matriz tecnológica. transformar o pronaf jovem em uma linha de crédito para produção agrícola e não agrícola.
	3. Efetivar a educação do e no campo, pública, gratuita e de qualidade. implementando as diretrizes operacionais da educação do campo, garantindo infraestrutura e mudança curricular que contemple a diversidade regional, atendendo todos os níveis (básico, profissionalizante e superior), em especial investindo no fim do analfabetismo no meio rural. Que o estado assuma os custos dos centros familiares de formação por alternância e outras iniciativas de educação do campo, da sociedade civil sem fins lucrativo voltadas para juventude da agricultura familiar e camponesa.
Outros Temas	1. Fim da obrigatoriedade do serviço militar, e criação de programas alternativos de serviços sociais não obrigatórios.



Lista de Tabelas

TABELA 1. Participação em grupos segundo sexo, faixa etária e classe (em %).	34
TABELA 2. Distribuição dos jovens segundo declaração de participação em associação, Brasil, 2004.....	38
TABELA A-1. Principal Bandeira de luta segundo os participantes da Conferência Nacional de Juventude - Brasília, 2008.....	40
TABELA A-2. Percentual de participantes da Conferência Nacional da Juventude com determinado tipo de participação que concordam com as afirmativas abaixo referentes aos jovens de hoje - Brasília, 2008.	41
TABELA A-3. Percentual de participantes da Conferência Nacional da Juventude de determinada faixa etária que concordam com as afirmativas abaixo referentes aos jovens de hoje - Brasília, 2008.	42
TABELA 3. Região de procedência dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude - Brasília, 2008.	43
TABELA 4. Estado de procedência dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude - Brasília, 2008.....	44
TABELA 5. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude, segundo a idade / participantes, Brasília, 2008.	45
TABELA 5.1. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude, segundo a idade / sexo, Brasília, 2008.....	45
TABELA 6. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo o sexo - Brasília, 2008	45
TABELA 7. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo a orientação sexual - Brasília, 2008.	46
TABELA 7.1. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo a orientação sexual - Outras formas de auto-classificação - Brasília, 2008.	46
TABELA 8. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo autoidentificação quanto à “raça” - Brasília, 2008.	47

TABELA 9. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo situação quanto a trabalho e estudo - Brasília, 2008.	48
TABELA 9.1. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo situação quanto a trabalho e estudo / sexo - Brasília, 2008.	48
TABELA 10. Distribuição dos participantes (delegados e não delegados) da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo escolaridade atual - Brasília, 2008.	49
TABELA 11. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo salário ou rendimento estimado - Brasília, 2008.	49
TABELA 12. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo rendimento familiar - Brasília, 2008.	49
TABELA 13. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo classe social (autoclassificação) - Brasília, 2008.	50
TABELA 14. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo religião - Brasília, 2008.	50
TABELA 15. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo arranjo familiar - Brasília, 2008.	51
TABELA 16. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo tipo de deficiência - Brasília, 2008.	51
TABELA 17. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo forma de participação - Brasília, 2008.	52
TABELA 17.1. Outras formas de participação na 1ª Conferência Nacional da Juventude - Brasília, 2008.	53
TABELA 18. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo principal função que desempenha na instituição pela qual atuam no campo da juventude - Brasília, 2008.	54
TABELA 19. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo ter ou não cargo de chefia - Brasília, 2008.	54
TABELA 20. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo tipos de organização em que participa - Brasília, 2008.	55
TABELA 20.1. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo Movimento Estudantil de que participa - Brasília, 2008.	55
TABELA 20.2. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo Partido Político de que participa - Brasília, 2008.	56
TABELA 20.3. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo Instituição Religiosa que participa - Brasília, 2008.	57

TABELA 20.4. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo Movimento Sociais de que participa - Brasília, 2008.	57
TABELA 20.5. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo tipo de Sindicato de que participa - Brasília, 2008.	58
TABELA 21. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo tempo de participação no campo da juventude - Brasília, 2008.	58
TABELA 22. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo Campo(s) da Juventude em que participa - Brasília, 2008.	59
TABELA 22.1. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude segundo Outros Campo(s) da Juventude em que participa - Brasília, 2008. ...	60
TABELA 22.2. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo Forma de participação no Campo da Juventude - Brasília, 2008.	60
TABELA 23. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo beneficiário de algum programa do governo para jovens - Brasília, 2008.	61
TABELA 24. Instituições e entidades em que os participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude mais confiam - Brasília, 2008.	62
TABELA 25. Instituições e entidades em que os participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude menos confiam - Brasília, 2008.	62
TABELA 26. Percepção dos participantes da Conferência Nacional de Juventude sobre os jovens - Brasília, 2008.	64
TABELA 26.1. Percepção dos participantes da Conferência Nacional de Juventude sobre os jovens, segundo o sexo - Brasília, 2008.	65
TABELA 27. Distribuição dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude de acordo com o tipo de participação, segundo função, Brasília, 2008.	67
TABELA 28. Distribuição dos Participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas de Juventude de acordo com o tipo de participação e segundo o tipo de organização de que participa, Brasília, 2008.	68
TABELA 29. Percepção dos participantes da Conferência Nacional de Juventude sobre a Política de cotas por raça (para estudantes negros e indígenas) nas universidades - Brasília, 2008.	161
TABELA 30. Percepção dos participantes da Conferência Nacional de Juventude sobre a Legalização do uso de drogas - Brasília, 2008.	171
TABELA 31. Percepção dos participantes da Conferência Nacional de Juventude sobre a Legalização do aborto - Brasília, 2008.	179

TABELA 32. Percepção dos participantes da Conferência Nacional de Juventude sobre a Legalização do casamento de pessoas do mesmo sexo - Brasília, 2008.....	186
TABELA 33. Percepção dos participantes da Conferência Nacional de Juventude em relação à diminuição da idade penal para 16 anos - Brasília, 2008.	193
TABELA 34. Percepção dos participantes da Conferência Nacional de Juventude em relação à diminuição da idade penal para 16 anos, por idade - Brasília, 2008.	194
TABELA 35. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo a utilização ou não da internet - Brasília, 2008.	210
TABELA 36. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo finalidade de uso da internet - Brasília, 2008.	210
TABELA 37. Distribuição dos participantes da Conferência Nacional de Juventude segundo meios de uso da internet - Brasília, 2008.	211
TABELA 38. Percepção dos participantes da Conferência Nacional de Juventude sobre as características dos jovens - Brasília, 2008.	217
TABELA 38.1. Percepção dos participantes da Conferência Nacional de Juventude sobre as características dos jovens - Brasília, 2008.	218
TABELA 39. Problemas brasileiros considerados mais graves pelos participantes da Conferência Nacional de Juventude - Brasília, 2008.	235
TABELA 40. Satisfação dos participantes da Conferência Nacional de Juventude sobre o processo de organização da Conferência Nacional de Juventude - Brasília, 2008.....	251
TABELA 41. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude, segundo o tipo de participação, em relação ao seu conhecimento sobre o Conselho Nacional de Juventude.	269
TABELA 42. Distribuição dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Juventude, segundo o tipo de participação, em relação ao seu conhecimento sobre a Secretaria Nacional de Juventude.....	270

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Miriam e CASTRO, Mary Garcia (coords.), ALVES DE SOUZA, Allan Nuno, SOUZA LIMA, Fabiano e PINHEIRO, Leonardo (2006). *Juventude, Juventudes: o que une e o que separa*. Brasília: UNESCO, 2006.

ABRAMOVAY, Miriam, CASTRO, Mary Garcia, LIMA, Fabiano, PINHEIRO, Leonardo e RODRIGUEZ, Ernesto. *Políticas públicas de/para/com juventudes*. Brasília: UNESCO, 2004.

ARENDT, Hannah. Trad. Reinaldo Guarany. *O que é política? Fragmentos das obras póstumas de Úrsula Ludz*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BANCO MUNDIAL, *Relatório de desenvolvimento mundial 2007: o desenvolvimento e a próxima geração*. Washington: Banco Mundial, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Em Busca da Política*. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2008.

BOUDON, R.; BARRICAUD, F. Violência. In: BOUDON, Raymond; BARRICAUD, François. *Dicionário crítico de sociologia*. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

BOURDIEU, P. (coord). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa, Difel, 1989.

BRANCO, Pedro Paulo Martoni; ABRAMO, Helena Wendel (orgs.) *Retratos da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: 1ª ed. Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2005.

BRANDÃO, Elaine Reis. *Gravidez na Adolescência nas Camadas Médias: um Olhar Alternativo. Culturas jovens: novos mapas do afeto*. In: MENDES DE ALMEIDA, Maria Isabel e EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas Jovens*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

BRANT, V. C. (1989), *São Paulo: trabalhar e viver*. São Paulo, Brasiliense.

BRENNER, Ana Karina; CARRANO, Paulo. *Formas e conteúdos da participação de jovens na vida pública*. Rio de Janeiro: Observatório Jovem do Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: http://www.uff.br/obsjovem/mambo/index.php?option=com_content&task=view&id=541&Itemid=23. Acessado em: 12 de outubro de 2008.

BUSSON, Shayana. *Participação Política da Juventude e Cyber-espaço*. Rede de Informação Tecnológica Latino-americana. 2008. Disponível em: http://www.ritla.net/index.php?option=com_content&task=view&id=1473&Itemid=326. Acessado em: 27 de outubro de 2008.

CALDEIRA, T. P. *Direitos Humanos ou Privilégios de bandidos?* Novos Estudos CEBRAP. São Paulo. 1991.

CANCLINI, Nestor (org.). *Culturas en globalización: América Latina – Europa – Estados Unidos: libre comercio e integración.* Caracas (Venezuela): Editorial Nueva Sociedad, Seminario de Estudios de la Cultura (CNCA), Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 1996.

CARRANO, Paulo. *Juventude e participação no Brasil – interdições e possibilidades.* Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas. São Paulo: IBASE, 2006. Disponível em: <http://www.juventudesulamericanas.org.br/index.php/downloads>. Acessado em: 08 de setembro de 2008

CARRANO, Paulo. *Juventude e Participação Social no Brasil – evidências de um diálogo nacional com jovens de regiões metropolitanas.* São Paulo: IBASE/POLIS, 2005.

CASTELLS, Manuel. *Communication, Power and Counter-Power in the Network Society.* In International Journal of Communication 1 (2007), 238-266.

CASTELLS, Manuel. *Internet, libertad y sociedad: una perspectiva analítica.* En: Revista Tareas Nro. 121: La sociedad de la información. CELA, Centro de Estudios Latinoamericanos “Justo Arosemena”, Panamá. Septiembre-Diciembre 2005. pp. 5-34.

CASTRO, Mary Garcia. *Migrações Internacionais e Direitos Humanos e o Aporte do Reconhecimento –* In: REMU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana – ano XVI, n 31, p 7-36, 2008.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; LEON, Alessandro de. *Juventude: tempo presente ou tempo futuro?* Dilemas em propostas de políticas de juventudes. São Paulo: GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas, 2007.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena. *Juventudes e Sexualidade.* Brasília: UNESCO, 2004.

CECCHETTO, Fátima e MONTEIRO, Simone. *Discriminação, cor e intervenção social entre jovens na cidade do Rio de Janeiro,* (RJ, Brasil): a perspectiva masculina. Rev. Estud. Fem., jan./abr. 2006, vol.14, n.1, p.199-218. ISSN 0104-026X.

CHAGAS, Marcos. *Congressistas consideram inoportuno debate sobre legalização do uso de drogas.* Agência Brasil: 1 de Março de 2007. Disponível em: <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/03/01/materia.2007-03-01.8620410126/view>. Acessado em 20/10/2008.

CONJUVE; SNJ. *Caderno de Resoluções da 1ª Conferência Nacional de Juventudes.* 2008.

CORREIA, Jadson Dias. *União civil entre pessoas do mesmo sexo.* (Projeto de Lei 1151/95). Jus Navigandi, Teresina, ano 1, n. 10, abr. 1997. Disponível em: <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=554> . Acesso em: 20/10/2008.

COSTA, Antonio Carlos Gomes. *Protagonismo juvenil. Adolescência, educação e participação democrática.* Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

DALLARI, Dalmo de Abreu. *O que é Participação Política.* São Paulo: 8ª ed. Ed. Brasiliense, 1983.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. *Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo*. Rio de Janeiro: Observatório Jovem. Disponível em: www.uff.br/obsjovem/mambo/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=34. Acessado em: 12 de outubro de 2008.

FRANCO, Cláudia. *A possibilidade jurídica do aborto*. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, 48, 31/12/2007 [Internet]. Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=2730. Acesso em 03/12/2008.

FRASER, Nancy and HONNETH, Axel. *Redistribution or recognition? A Political Philosophical Exchange*. Londres: Verso, 2003.

FREITAS, Maria Virgínia de (org). *Juventude e adolescências no Brasil: referências conceituais*. Caderno Juventude e Adolescência no Brasil. 2005. Disponível em: <http://www.juventudesulamericanas.org.br/index.php/downloads>. Acessado em: 08 de setembro de 2008.

GOMES, Wilson. *Comunicação e Democracia de Massa: problemas e perspectivas. Internet e participação política em sociedades democráticas*. São Paulo: Editora: Paulus, 2004.

GOULART, Gabriela; FRANCISCO, Severino. *Adolescente e jovens no Brasil – participação social e política*. Brasília: UNICEF, FUNDAÇÃO ITAÚ, INSTITUTO AYRTON SENNA, 2007.

HERSCHMANN, Micael. (org.). *Abalando os anos 90 – Funk e Hip-hop*. Globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

HOPENHAYN, Martín. *El estigma de las drogas ilícitas: una lectura desde la cultura*. Montevideo: Universidad de la República – Fundación Rockefeller, 1999.

IBASE/POLIS. *Pesquisa de Opinião: Juventude Brasileira e Democracia, Participação e Esferas de Políticas Públicas*. Rio de Janeiro: IBASE/POLIS, 2005.

JORGE, Éder. *Redução da maioria penal*. Jus Navigandi, Teresina, ano 7, n. 60, nov. 2002. Disponível em: <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=3374>. Acesso em: 25 nov. 2008. Acesso em 20/10/2008.

MAFFESOLI, Michel. *L'instant éternel*. Paris: Denoël, 2000.

MATTOS, Patrícia. *A Sociologia Política do Reconhecimento: As contribuições de Charles Taylor, Axel Honneth e Nancy Fraser*. São Paulo: Annblume, 2006.

MENDES DE ALMEIDA, Maria Isabel e EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas Jovens*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

NOVAES, Regina. *A Juventude de Hoje: (Re) Invenções da Participação Social*. Resumo da Conferência do 75º Aniversário da Fundação W.K.KELLOG. São Paulo: 2005. Disponível em: http://www.wkkf.org/DesktopModules/WKF_DmaItem/ViewDoc.aspx?LanguageID=2&CID=145&ListID=28&ItemID=1450049&fld=PDFFile. Acessado em setembro de 2008.

NOVAES, Regina; CARA, Daniel; SILVA, Danilo MOREIRA; PAPA, Fernanda de Carvalho (orgs.). *Política Nacional de Juventude: diretrizes e perspectivas*. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude, Fundação Friedrich Ebert, 2006.

ORTEGA, Rosário, MORA-MERCHÁN, Joaquin, JÄGER, Thomas (Eds). *Actuando contra El Bullying y La Violência Escolar: El Papel de los médios de comunicaci3n, las autoridades locales y de internet*. Verlag Empirische Padagogik: Landau, 2007. Disponível em http://www.bullying-in-school.info/uploads/media/E-Book_Spanish_01.pdf . Acessado em: setembro de 2008.

Pesquisa. *Perfil da Juventude Brasileira*, Instituto Cidadania e Perseu Abramo, 2005.

PINHO, Osmundo; SANSONE, Lívio. *Raça, novas perspectivas antropol3gicas*. Salvador: ABA; EDUFBA, 2008.

POERNER, Arthur José. *O poder jovem. Hist3ria da participa3o polítca dos estudantes brasileiros*. Rio de Janeiro: 2º edi3o revisada e ilustrada e ampliada. Civiliza3o Brasileira, 1979. (Cole3o Retratos do Brasil, volume 68).

PONTE DE SOUSA, Janice Tirelli. *Reinven3es da Utopia. A Militância Polítca de jovens nos anos 90*. S3o Paulo: FAPESP, Hacker Ed, 1999.

PRADO, Marco Aur3lio; MACHADO, Frederico. *Preconceito contra homossexualidades*. Cole3o preconceitos. S3o Paulo: Cortez Editora, 2008.

SANTOS, Boaventura Souza. *O futuro da Democracia*. Lisboa: Ed. Vis3o, 2006.

SARTI, Cynthia. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Ed. Autores Associados, 1996.

SINGLY, Fran3ois de. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro, FGV, 2007.

SOUZA, Regina de Magalh3es. *O Discurso do Protagonismo Juvenil*. S3o Paulo: Ed Paulus, 2008.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo Cezar Rodrigues. *Juventude e polítcas púbricas no Brasil*. Governo do Estado de Fortaleza, 2003. Disponível em: http://www.juventude.fortaleza.ce.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=30&Itemid=44. Acessado em: 22 de setembro de 2008.

VAZ, José Carlos. *Uso da Internet pelos governos e promo3o da cidadania*. Revista UNICSUL, dez 2003, v. 8, n. 10, p54-65. ISSN 1414-1892.

WERTHEIN, Jorge. *Educa3o e inclus3o na sociedade do conhecimento*. In CEBELA – Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, Disponível em: <http://www.cebela.org.br/CbartigosDet.asp?artigo=88>. Acessado em Novembro de 2008.